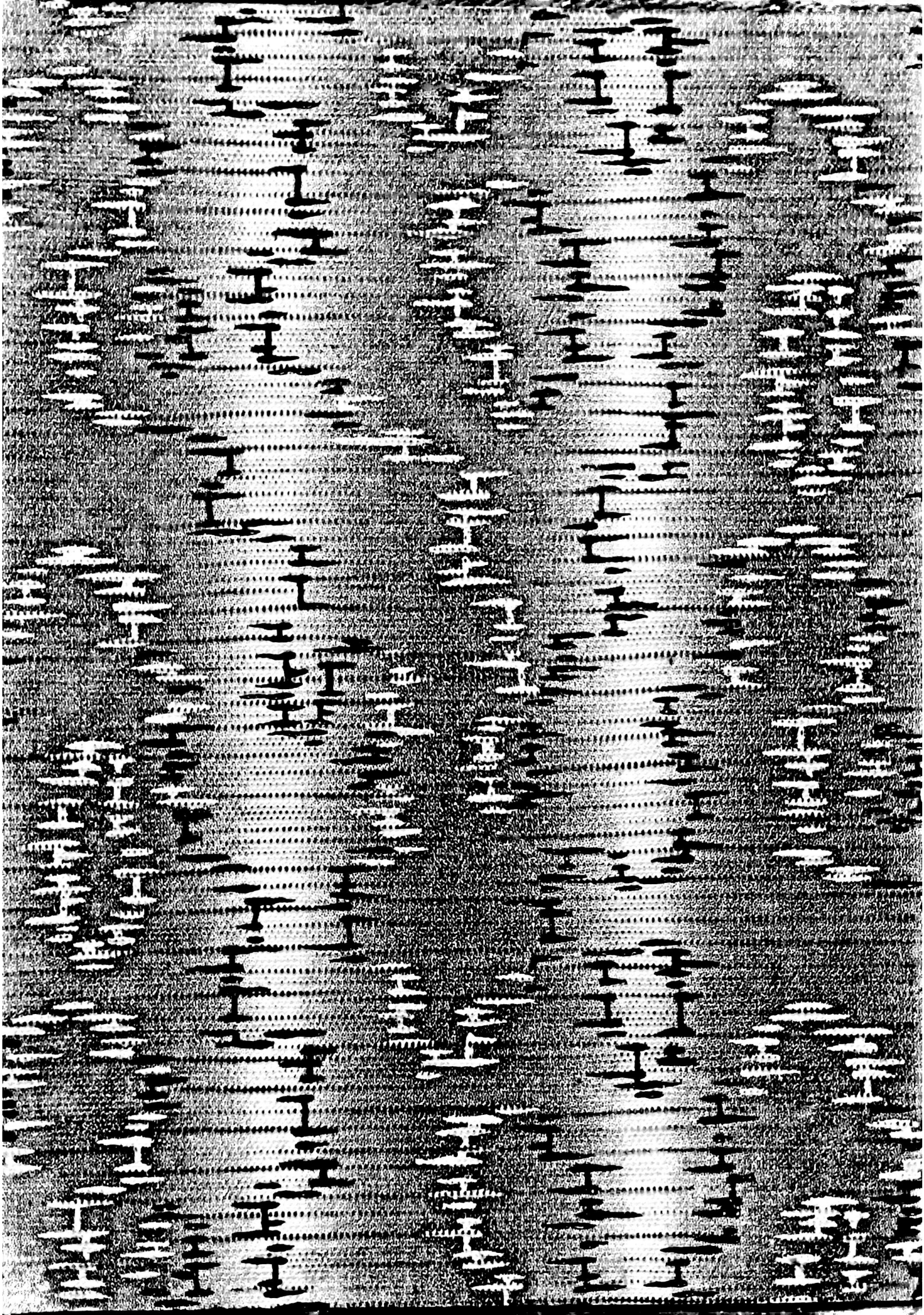
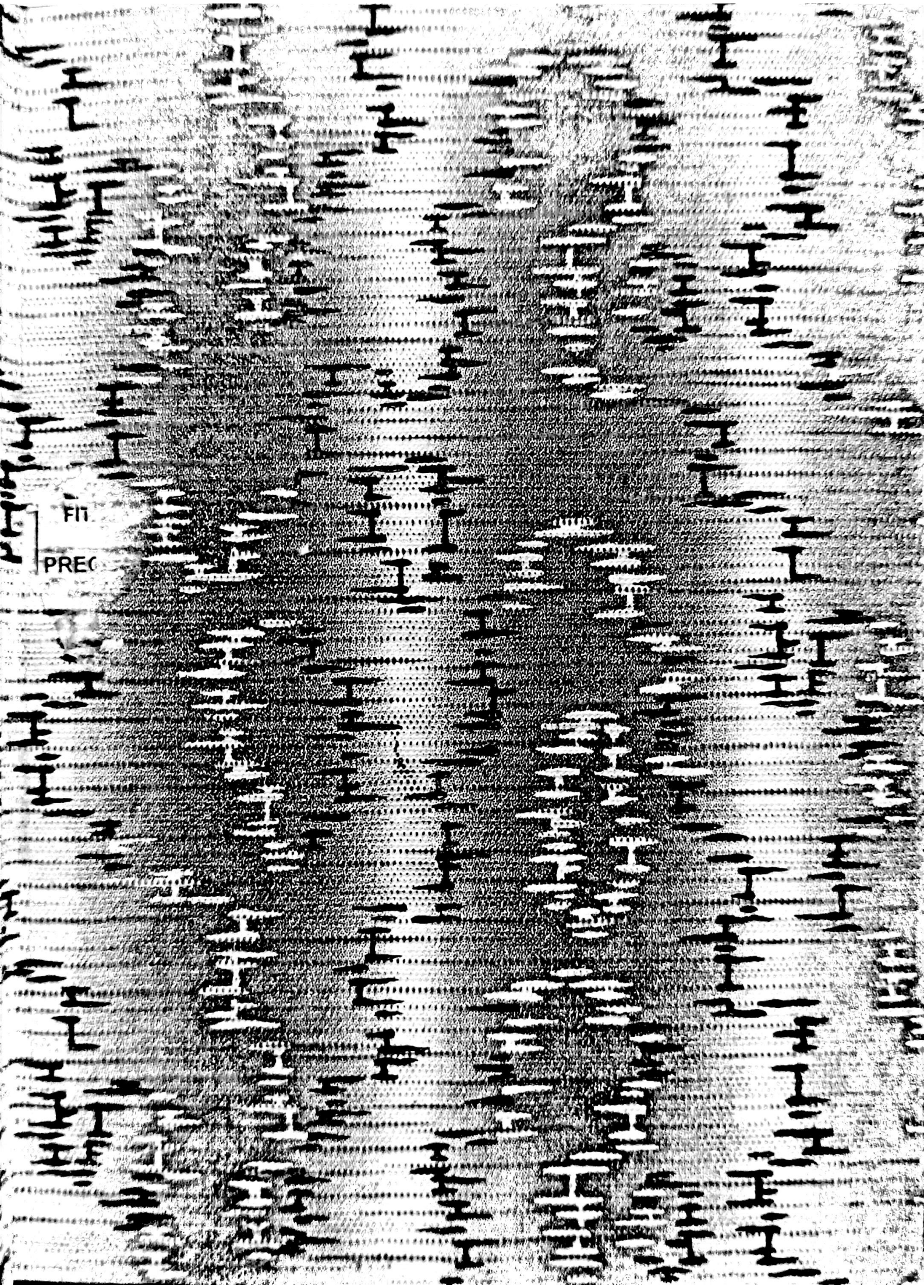
Witold Kowerski

ISRAEL

SEM MASCARA




FIT
PREC

Israel sem Mascara

Compilação feita por

Wiłold Kowerski

Israel sem Mascara

Arios, cerrae fileiras!

1933

Calvino Filho, editor
Rua Senador Dantas, 45 - Rio

DEDICO ESTE TRABALHO

ao presado amigo, Snr. Coronel Manuel dos Passos Maia, aos demais bons amigos e a todos meus ex-discipulos disseminados pelo Brazil.

AO LEITOR

O livro que apresento ao publico, não é trabalho meu independente. Com excepção de alguns capitulos que são de minha lavra, o que nele se contem é uma tradução, quasi verbal, de um livro que appareceu em 1932, na Polonia e, ahi, em menos de um anno, já teve duas edições. O titulo do livro em questão é: "O occaso de Israel" (em polonez: "Zmierzch Izraela"). Seu auctor, sr. Henryk Rolicki (leia-se Rolitski) escreveu-o para o publico polonez e, por conseguinte fez questão de frisar especialmente os prejuizos que Israel causou á Polonia, sua collaboração activa com os inimigos do paiz que o hospedou ha seculos, tanto nas partilhas da Polonia, como, depois, durante a sua escravidão, mais que secular, sob o jugo da Austria, da Prussia e da Russia.

Visto que, para se comprehender perfeitamente esse trabalho clandestino dos filhos de Abrahão e dos seus auxiliares arios, é indispensavel um conhecimento aprofundado da historia poloneza, achei conveniente omittir esses capitulos que dizem respeito só á Polonia, aliás muito in-

teressantes, que cansariam, entretanto, o leitor brazileiro. Em compensação, inclui um capitulo escripto por outro auctor sobre a acção dos judeus na America do Norte, accrescentei mais alguns capitulos baseados em observações e estudos proprios, emfim, na traducção do livro "O occaso de Israel", permitti-me algumas ligeiras modificações e accrescimos que julguei convenientes.

No capitulo 1.º (O mundo depois da guerra), aproveitei muitos pensamentos, até phrases inteiras, do livro "O mundo de após guerra e a Polonia", tambem publicado em Varsovia e cuja terceira edição, estará breve esgotada. O auctor da obra em questão, o sr. Romão Dmowski, ex-presidente da delegação poloneza ao congresso da paz em Paris, um dos mais eminentes pensadores da actualidade, é o homem que mais contribuiu para o resurgimento da sua patria, depois da guerra mundial e antes da mesma, assim pela sua actividade politica, como pelas obras publicadas.

Chamo a especial attenção do leitor sobre o caso que, tanto a historia e as observações sobre o judaismo, como as sobre as sociedades secretas são baseadas, quasi exclusivamente, sobre obras escriptas por judeus ou por membros das mesmas sociedades secretas. Caso alguma coisa não lhes agradar no presente livro — devem queixar-se da indiscreção dos proprios companheiros, commentadores e historiadores.

Ha algumas semanas apénas, appareceu em traducção portugueza uma série de artigos publicados (em 1919 e

1920) no jornal norte-americano Dearborn Independent pertencente ao sr. Henry Ford. Esta traducção, sob o titulo geral de "O judeu internacional" foi editada pela Livraria do Globo em Porto Alegre. Visto me ter cahido o livro acima só ha poucos dias nas mãos, fiquei com receio que, talvez, o meu trabalho se tivesse tornado inutil. Pela ligeira inspecção, entretanto, do "O judeu internacional", cheguei á convicção que "Israel sem mascara" poderá ser muito bem aproveitado por todos os que quizerem aprofundar a questão judaica e que, para bem a comprehenderem, devem lêr ambos os livros.

Escrevi o livro usando orthographia latina. Como antigo lente de grego e latim, sempre continuarei firme na minha convicção que o portuguez é uma lingua derivada do latim e não do hebraico, facto este de que tem todas as razões de se vangloriar. Em consequencia, nunca mais me habituarei a escrever: "fato, ino, salmo, quimica, etc.", em vez de "facto, hymno, psalmo, chimica etc." Sou de opinião que a nova orthographia não passa de uma nova invencionice de certis crypto-arios que, cumprindo as ordens dos "superiores desconhecidos", pretendem d'esta maneira afrouxar os laços de tradição que unem os povos latinos a Roma. Ahi, tambem, tem sua fonte os novos programmas de ensino que eliminaram o grego das escolas e reduziram o ensino do latim a uma farsa, assim como, nas faculdades juridicas, removeram o estudo do direito romano para um logar de segunda ordem. O resultado de similhantes medidas não se fez esperar muito: a decadencia da verdadeira instrucção e a fabricação, em séries, como se

fabricam machinas de costura ou automoveis, de "doutos" semilettrados e semianalphabetos que, constituem um material flexivel e commodo nas mãos dos dirigentes invisiveis e, para a patria, um verdadeiro lastro inutil e oneroso.

Alguns amigos houveram por bem de me prevenir que não devia expôr o meu nome a uma vingança eventual da parte de pessoas que não gostarão do "Israel sem mascara". A minha resposta é a seguinte: 1.º, tenho aversão ao anonymato e aos segredos não justificados; 2.º, nunca tive medo de ninguem; 3.º, feliz ou infelizmente, não disponho de uma fortuna de um Henry Ford a quem se possa arruinar por greves de operarios, concurrencia commercial ou processos judiciaes. Não possúo nada que me possa ser tirado, excepto alguns livros e moveis mais que modestos. Quanto á vida — estou no fim dos meus dias e nada mais da vida espero. Tambem, com os tempos que correm, a vida não apresenta nenhum encanto mais e traz só aborrecimentos, cada vez maiores e mais variados. Duvido muito que possa ainda alcançar outros tempos melhores e mais interessantes. Desejo-o, de todo o coração, aos nossos substitutos, á geração que está, actualmente, na flôr da edade e a que, principalmente, este livro dedico.

Maio de 1933.

WITOLD DE BIALYNIA KOWERSKI.

INTRODUCÇÃO

A questão judaica, tão pouco conhecida e discutida no Brazil que, até esta data, (Setembro de 1933), encontrei um unico artigo do sr. Assis Chateaubriand, dando informações exactas sobre o movimento libertador que faz estremecer quasi todo o mundo contra o jugo de Israel — não é apenas uma questão local de alguns paizes onde existem maiores agrupamentos judaicos. Com o progresso continuo dos meios de communicação e com a facilidade com que, hoje, se transmittem as idéas, questões locaes, aliás, quasi mais não existem. Todo mal que assola um paiz, repercute, immediatamente, nos outros.

Visto que os judeus, como immigrantes, são uns dos mais novos hospedes do Brazil, a população em geral pouco os conhece. Segundo o dictado latino: **clara pacta veros faciunt amicos;** em traducção livre, podemos dizer o mesmo: "precisamos conhecer-nos para ficarmos verdadeiros amigos". Afim de poder o Brazil conhecer seus novos hospedes e poder aprecial-os devidamente, embóra não tivesse sido convidado para tal, resolvi, por intermedio d'este livro, servir-lhes de "introductor diplomatico". Ambas as partes interessadas poderão só lucrar com isto.

A questão judaica não é um caso novo. O antisemitismo, segundo affirma Ernesto Rénan, que, tambem, era judeu, é tão antigo como o proprio judaismo. Isto prova que o "povo eleito" não possúe amigos entre os demais

povos. Os proprios judeus, em todas suas manifestações publicas, sempre se apresentam a si, como povo infeliz, que sempre esteve sujeito a "soffrimentos sobrehumanos", etc..

Admittindo mesmo que essas queixas sejam justificadas, será que somos nós, isto é, os demais povos, que temos culpa dos taes "soffrimentos sobrehumanos" de Israel ? Será que os judeus nada fizeram para serem desprezados, odiados e perseguidos ?

Desde os tempos dos pharaós, dos chaldeus, dos assyrios, persas e quantos mais povos da antiguidade, os judeus e, só os judeus, foram victimas de perseguições especiaes. O velho historiador romano, Tacito, chama-os de **"despectissima gens"**, o grande orador e patriota romano, Cicero, tem nojo d'elles. Nos tempos medievaes, a Inglaterra expulsa-os do paiz, desde o anno de 1290; o mesmo faz a França, a Espanha e o Portugal; são corridos da Italia e da Allemanha; a Russia prohibe-lhes o ingresso e, até á guerra mundial, não lhes concede direitos politicos, delimitando-lhes uma zona de habitação.

Será possivel que todo o mundo, principalmente o mundo civilisado, isto é, os povos arios tenham uma aversão innata contra essa gente nomade que não quer possuir patria e teima em sêr cidadão do mundo? Porque não existe esta aversão contra os ciganos, por exemplo, que, tambem, são nomades e vivem entre povos arios?

Por toda parte onde os judeus appareceram pela primeira vez, foram recebidos de braços abertos. Assim foi o primeiro encontro de Israel com os antigos gregos, com a mesma benevolencia receberam-nos os romanos, depois a Espanha e os demais paizes europeus. Ao fim de algum tempo de convivencia cordeal, sempre o idyllio terminava com rixas, depois com perseguições e, afinal, com massacres.

Nos tempos mais modernos, no começo da reformação na Allemanha a que serviram de apostolos Reuchlin, Melanchton e Luthero, os judeus foram muito bem tratados pelos reformadores e, frequentemente, consultados.

Não decorreram nem dez annos, que as relações tão amistosas foram rompidas e o mesmo Luthero eis o que escreve no seu estylo lapidar:

"E' preciso pôr fogo por baixo das suas (judaicas — n. do auct.) synagogas e escolas; quem puder, junte pixe o enxofre. Quem puder juntar fogo do inferno, faz muito bem. O que o fogo não queimar, é necessario cobrir bem com terra para não apparecer mais nenhuma pedra, nenhum pedaço de carvão. Da mesma forma, é necessario quebrar e destruir suas casas e fechal-os, elles proprios, num galpão ou num chiqueiro, para aprenderem que não são donos do nosso paiz. E' preciso tirar-lhes a protecção official (das Geleit) e prohibir-lhes as estradas publicas, pois nada têm elles de procurar pelas aldeias. E' necessario prohibir-lhes toda usura e confiscar-lhes todos os bens, joias, ouro e prata, visto que tudo que possuem, roubaram a nós, por meio de sua usura scelerada, sendo que não sabem viver de outro modo... Enriquecem com o nosso suor e o nosso duro trabalho. Estamos ficando cada vez mais pobres, devido á sua exploração. Chupam-nos, como sanguesugas, deitam-se sobre os nossos peitos, como um pesadelo, esses canalhas e pançudos vadios; enchem a garganta e devoram, passam bem em nossa casa; em compensação, blasphemam ao nosso Senhor Jesus, ás egrejas, aos principes, ameaçam a nós todos, desejam-nos a morte e toda qualidade de calamidades".

Conforme se vê, o grito de Hitler: "Juda verrecke!" (Juda desappareça), não é uma invenção de hoje. O sr. Martin Luther, sem duvida, não frequentou a côrte de Versailles, não era um "petit maître" e não escolhia expressões melifluas para as suas proclamações; façamos. pois, um pulo de tres seculos na historia e ouçamos a opinião sobre Israel de um homem celebre, tambem allemão, que não era nem politico nem reformador, mas famoso artista, musico apénas, o famoso compositor do cyclo dos Nibelungos, Ricardo Wagner:

"Desejavamos muito aos judeus um estado hierosolymitano; sómos obrigado, entretanto, a lastimar a fineza

demasiada do sr. Rothschild, que, ao envez de ficar rei dos judeus, tornou-se judeu dos reis. De um modo completamente imperceptivel, este credor dos reis transformou-se num rei dos credores. Por conseguinte, a exigencia deste rei de uma emancipação dos judeus, devemos reconhecel-a como sendo muito ingenua, visto que sómos nós que deveriamos luctar pela nossa emancipação dos judeus. Porquanto, no actual estado das coisas, o judeu já é mais do que emancipado : está dominando e ha de dominar, emquanto o dinheiro fôr synonimo do poder... Não é necessario constatar a judaisação da arte contemporanea — isto simplesmente, atira-se á nossa vista. O judeu falla a lingua da nação entre a qual vive, mas falla sempre como um extrangeiro. A nossa civilisação européa e a nossa arte — são, para os judeus, coisas extranhas. Estas coisas extranhas, o judeu póde só imital-as, como macaco... O judeu instruido é extranho á sociedade que não comprehende... Nos tempos em que Goethe e Schiller produziam as suas obras, não ouviamos ainda fallar num judeu que fizesse versos; hoje, entretanto, quando a producção artistica tornou-se uma mentira, confessou esta mentira, com escárneo, um judeu talentoso e poetico (trata-se de Henrique Heine — n. do auct.)".

As observações de Wagner sobre a judaisação da arte são mais actuaes hoje do que o foram nos tempos do grande musico. Hoje, não é só a arte que está judaisada : judaisadas são a propria sciencia, a politica, a diplomacia e, até, a moral em todo o mundo que tem pretensões á maior civilisação e á maior cultura — no mundo ario.

A questão judaica de que trata este livro, é de uma importancia tão grande e é tão actual que toda pessôa que se interessa por mais alguma coisa que o pão quotidiano para o corpo, e o cinema ou cabaret para a alma, deve conhecel-a, visto que o judaismo, por intermedio de sociedades secretas por elle fundadas entre os arios, penetrou em todos os terrenos da nossa vida.

O judaismo não gosta de apparecer á luz do dia; prefere agir por substitutos, ad hoc adestrados, que trabalham

a favor de Israel entre os arios obedecendo cegamente ás ordens dos chefes invisiveis. Em vista d'isso, o presente livro procura tirar a mascara não só a Israel, como tambem aos seus substitutos e auxiliares. Entre estes, existem muitos homens honestos que se deixaram alliciar para membros de certas sociedades "philanthropicas" secretas; uns por companheirismo, outros por curiosidade, ainda outros por vaidade, emfim, a maioria — pelas promessas de auxilio e protecção na carreira. Entre todos elles, nem um por dez mil será de facto iniciado nos verdadeiros propositos e mysterios da sociedade, bem como na essencia da sua philonthropia. Continuará sendo pião nas mãos dos seus prepostos os quaes, por sua vez, não passam de piães nas mãos dos "superiores desconhecidos".

Homens que conservaram a sua moral e uma rectidão de caracter innatas e conseguiram chegar a um certo grau de iniciação que lhes desvendou uma parte dos mysterios da "philanthropia" secreta, recuaram indignados e, como Adrien Leroux, ex 33°, publicaram muitos segredos do judaismo mascarado.

Com o desmoronamento da antiga organização economica mundial a que estamos assistindo actualmente e cuja organização, conforme os leitores verão nos capitulos d'este livro, tambem é producto do judaismo — a estrella, tanto de Israel, como a dos seus companheiros arios, estão perdendo o brilho com que, até ha poucos annos, estavam resplandescendo. Entre a jovem geração |européa |que, d'aqui quatro ou cinco annos, substituirá a geração actual no leme das sociedades, estão renascendo os verdadeiros ideaes de antanho; o materialismo e o internacionalismo estão se extinguindo. O socialismo que os "philanthropos" procuram implantar no Brasil, como idéa moderna e actual, no velho continente está morrendo de morte natural, por falta de vitaminas. Procuram prolongar-lhe a vida os velhos "companheiros", fieis á bandeira vermelha, mas são distanciados ou pelos communistas que, no seu raciocinio, são mais consequentes, ou pelos jovens que nada mais querem saber do farrapo rubro.

A philanthropia occulta, corrida da Italia e da Allemanha officialmente, procura desquitar-se na infeliz Espanha marcando a sua passagem por incendio, bombas e anarchia. Não demorará a hora em que poucos serão os paizes onde poderá encontrar um porto seguro.

Oxalá que este livro, producto de longas observações, muitos estudos e muitas noites de insomnia, possa servir de alguma luz aos errantes que, inconscientemente, continuam puxando o carro de Israel e, inconscientemente, estão levando a patria á ruina.

I

O MUNDO DEPOIS DA GUERRA

Os investigadores da crosta terrestre descobriram, já faz muitos annos, que na historia d'essa crosta houve momentos de grandes revoluções, transformando completamente o aspecto do mundo. Seguem-se-lhes novas formações geologicas, surgem rochas differentes, bem como novos typos de plantas e de animaes. Esses momentos, na lingua dos geologos, chamam-se cataclysmos e foi este nome que se emprestou para a designação de grandes revoluções nos annaes da humanidade.

Aos homens da nossa geração foi reservado o papel de testemunhas e de participes de um d'esses cataclysmos na historia das nações. A guerra de 1914-1918 não foi uma refrega commum entre potencias, depois da qual a vida volta ás suas normas, mais ou menos antigas — digo, mais ou menos, pois que nunca o faz totalmente — e a continuidade da sua evolução não fica interrompida. A guerra abalou os fundamentos da vida interna das nações e das relações internacionaes; é d'ella que começa uma transformação completa na organização do mundo inteiro.

Os homens de hoje, nascidos e educados antes da guerra, n'um mundo que, em parte, já desmoronou e continúa desmoronando de uma maneira vertiginosa, sempre ainda estão pensando por categorias antigas e perse-

guindo as formas que lhes fogem de vista. A nova realidade, entretanto, passa por cima de suas cabeças e prepara-lhes desencantos, cada vez novos, cada vez mais dolorosos. Esta realidade está organizando, com uma exigua participação do consciente pensamento humano, um novo mundo, uma vida nova, com novos typos de homens, com novas relações entre forças — um mundo terrivel para uns, trazendo destinos mais prosperos para outros.

N'este mundo que ainda se acha **in statu nascendi**, ninguem ainda é capaz de orientar-se. Quando muito, póde-se fazer esforços para comprehendel-o.

Infelizmente, até os esforços são poucos os que apparecem.

Ha uns quarenta annos, certo professor viennense disse uma grande verdade : que o maior perigo da nossa civilisação e que lhe preparava catastrophes desconhecidas, era o facto de um progresso technico vertiginoso, não acompanhado de perto pelo progresso moral e politico.

A guerra mundial demonstrou que, n'essa opinião, aliás tão justa, algo ainda faltava. O perigo do celere progresso technico é tambem augmentado pelo facto de não ser elle acompanhado de perto pelo progresso intellectual. Pelo contrario, nos ultimos tempos em que a technica obteve triumphos inauditos, quando as suas conquistas começaram a transformar até a vida quotidiana do individuo, os homens iam-se tornando cada vez mais superficiaes; uma apparição cada vez mais rara tornavam-se os espiritos eminentes que encaravam claramente a realidade, capazes de perceber nitidamente o conjuncto das questões, em que era seu dever encontrar a linha de conducta. O mundo encheu-se de individuos semi-intellectuaes, inaproveitaveis para a sociedade, em uma palavra, individuos superfluos, que estão constituindo um onus para a collectividade. Individuos em que estejam reunidas á instrucção, a uma verdadeira instrucção, — rectidão, força de caracter, energia, logica, moral e perseverança, quasi não existem mais.

"Quanto mais engenhosa ficava a machina, tanto mais estulto ficava o homem." (1).

E' verdade que a este facto contribuiram, em grande parte, as organizações secretas que se apoderaram não só da maioria dos governos, como tambem da instrucção publica, da litteratura, da imprensa, da arte e de todas as manifestações do genio humano. A essas organizações, não lhes convinham espiritos fortes e independentes, que não se sujeitariam a ordens superiores, muitas vezes incomprehensiveis, muitas vezes, até, revoltantes e contrarias á moral. Convinham-lhes mais mediocridades obedientes que trabalhassem sem raciocinio proprio, para um fim só por ellas conhecido. D'ahi resultava que, frequentemente, grandes talentos e grandes espiritos morriam em abandono e em esquecimento, ao passo que individuos, apénas mediocres ou menos de que mediocres, chegavam a occupar posições de responsabilidade; talentos, tambem mediocres apénas, obtinham o apoio do reclame internacional, para se tornarem conhecidos no mundo inteiro.

Como illustração d'esta verdade, é sufficiente citarmos um exemplo: quando o escriptor polonez Ladislau Reymont, que não gozava de protecção das organizações internacionaes, recebeu, ha alguns annos atraz, o premio Nobel de litteratura, a grande maioria do mundo civilisado ficou estupefacta, pois nunca ouvira fallar nas obras primas do laureado, ao passo que os escriptos mais que mediocres do bolchevista Maximo Gorky são traduzidos em quasi todas as linguaes e o auctor d'essas mediocridades passa por um escriptor de grande talento. Em todas as linguas são, aliás, traduzidas as edificantes produções do judeu Pitigrilli, de Decobra, etc.

Exemplos d'esta qualidade poderiamos citar ás duzias e não só na litteratura. Ha-os, principalmente, na politica.

---

(1) ROMÃO DMOWSKI: *O mundo de após guerra e a Polonia*; 2.ª edição, pag. 9.

Nada mais que a guerra mundial, veiu provar a verdade da nossa affirmação : as circumstancias de sua explosão, o modo por que foi dirigida, assim sob o ponto de vista militar como politico, a forma de sua terminação, a paz concluida e os commentarios a tudo isso publicados depois pelos principaes actores do drama — tudo isso diz a favor da grandeza, da potencia extraordinaria dos meios de que dispunha na lucta e que foram fornecidos pela technica e pela organização aproveitando essa technica; tambem diz a favor da riqueza das nações, mas, ao mesmo tempo, depõe contra o valor intellectual e moral dos homens a quem foi confiado o aproveitamento d'esses meios. A guerra foi, tal uma machina colossal, posta em movimento, sem se saber por quem, por que razão e com que fim; ninguem soube dirigil-a nem fazel-a parar, de modo que funccionou durante mais de quatro annos, destruindo vidas humanas e fructos do trabalho e do genio humanos, até que parou, por falta de combustivel e de lubrificantes.

Com respeito á propria guerra, poder-se-ia dizer que o futuro historiador, por mais genial que fôr, sem ter accesso aos archivos secretos das organizações internacionaes clandestinas, nunca conseguirá desenredar os planos, frequentemente suicidas, e o procedimento da nossa época.

Porque, antes da guerra, se fomentou na França e na Inglaterra uma intensa politica pacifista, ao passo que a Allemanha augmentava o seu poder militar a um nivel nunca antes visto ? Porque, no começo da guerra, se fizeram muitas coisas, como si fossem de proposito para prolongal-a ? Porque, no Occidente, se evitava um appello ao patriotismo do exercito ? Porque se tratou com tolerancia a propaganda aberta contra a continuação da guerra, até uma victoria decisiva ? Porque, em vez de uma victoria decisiva, se terminou a guerra por uma revolução ? Porque se emprestou ao Congresso da Paz um caracter de tribunal-julgador dos culpados ? Porque, no dia seguinte ao da assignatura da paz, se iniciou um trabalho, por parte dos vencedores, para serem annulladas algumas clausulas

do tratado ? Porque não foram estabelecidas, desde logo, as fronteiras dos paizes orientaes na Europa, deixando-os sangrar mais dois annos ? Porque, em vez de dar um golpe decisivo ao bolchevismo, foram retirados os contingentes alliados da Russia, no momento mesmo em que os Soviets já estavam exhaustos ? Porque se tolerou uma greve geral em quasi todos os portos da Europa Occidental, prohibindo o embarque de armas e munições para a Polonia, na occasião em que esta, sósinha, defendia a civilisação contra as hordas bolchevistas ? Porque não se attendia aos conselhos de Foch e entregou-se uma quasi dictadura da Europa a um individuo teimoso e quasi ignorante da especie de Lloyd George ?...

De taes "porques" poder-se-ia compôr uma lista comprida. Infelizmente, todos os dias apparecem novos "porques" e, ou ficam sem resposta, ou a resposta é tão confusa que nada esclarece. A sorte dos politicos que, provavelmente, na maioria dos casos, elles mesmos não sabem porque lhes mandaram proceder d'este ou d'aquelle modo, é que o povo em geral, disciplinado pelas organizações clandestinas, cada vez menos pergunta.

Depois da guerra, a mediocridade e a impotencia dos espiritos manifestou-se com maior evidencia ainda deante da catastrophe economica que assolou a Europa e, depois, o mundo inteiro. Era ella attribuida, em seu total, á destruição das riquezas nacionaes pela guerra, esquecendo-se que, já antes da guerra, appareceu uma série de factos ameaçadores para a economia geral. Não se tomou em consideração o facto de que uma organização economica de caracter anarchico havia de, mais cedo ou mais tarde, acabar por uma catastrophe. A emancipação economica dos paizes do ultramar que, até essa época, consumiam a maior parte das producções européa e americana, não podia permittir que esses continentes continuassem sua producção anarchica, destinada á exportação. As Indias, a China e, principalmente, o Japão fundaram industrias proprias, que não só fornecem sufficientemente seu proprio interior, como, até, já estão eliminando aos poucos

as mercadorias européas e americanas dos demais mercados asiaticos e australianos, penetrando mesmo na Africa, na America e na Europa (sedas japonezas são vendidas em Lyon, centro da industria franceza de sedas). Os paizes em que, antigamente, se trocavam contas de vidro por ouro ou marfim, estão ficando muito escassos.

Desde os tempos mais remotos, as nações consideravam como principal fonte de riqueza o commercio com povos longinquos, menos civilisados, economicamente mais pobres, mais fracos ou possuindo idéas differentes sobre o valor comparativo dos objectos do intercambio. Ás riquezas do velho mundo e da America deram inicio ás operações em que, a troco de contas de vidro, se recebia ouro. E' verdade que diminuia o numero de homens que dava valor a bugigangas e que pretendendo auferir lucros, era preciso exportar productos cada vez melhores e empatar um capital cada vez maior; não obstante, o commercio de além mar sempre ainda ficou muito mais lucrativo que o do interior. Os enormes lucros d'esse commercio foram a base de riqueza das nações mais civilisadas; á riqueza seguia-se o augmento das necessidades, das exigencias que, dispondo de meios para satisfazel-as, originaram o desenvolvimento colossal do commercio mutuo entre as proprias nações exportadoras.

Ao comparar as quotas de intercambio mutuo das nações industriaes com as do intercambio entre as mesmas e os paizes do ultra mar, verificamos que são as primeiras que se impõem. Resulta d'ellas que a industria dos paizes exportadores, sem se mencionar o mercado interior de cada um d'elles, trabalhava muito mais para as necessidades dos mesmos paizes industriaes do que para os mercados dos outros continentes. D'ahi, generalisou-se, desde os tempos de antes da guerra, a opinião de que a fonte da magnifica evolução d'esses paizes era o seu bem estar originando novas necessidades, cuja satisfacção provocava o crescente desenvolvimento da industria. Os extremos representantes d'essa opinião não tomavam em consideração que o bem estar nascera da

exploração dos outros continentes e que, á medida que a exploração se tornava cada vez mais difficil, o bem estar não podia manter-se mais no mesmo nivel.

Nunca, talvez, na historia da humanidade a orientação economica das nações decahira tanto, chegara a tamanhos absurdos, como o foi hoje, após a guerra, na propria época de progresso inaudito da technica.

A opinião acima mencionada, do bem estar que alimenta a industria, espalhando-se geralmente, conforme se deduz da abundante litteratura economica moderna, levou algumas nações, com referencia á sua politica economica, a verdadeiros disparates que se podem explicar só pelo facto de que, em vista da decadencia intellectual geral, certas mentiras convencionaes destinadas á exportação, são recebidas sem critica no interior e adquirem a posição de verdades inabalaveis. São muitas d'essas mentiras que conseguiram fazer carreiras. Quem é que tem interesse em propagar taes mentiras — a questão é outra; os capitulos seguintes d'este livro lançarão um raio de luz sobre esta questão.

Para não fazer affirmações sem podel-as provar, citaremos um exemplo de mentira convencional que fez carreira e que custou caro a quem a tomou por um axioma.

Logo após a terminação da guerra, demonstrou-se aos inglezes (tempos do celebre scientista Lloyd George), pela estatistica, que o primeiro logar na importação dos productos britannicos occupava a Allemanha e convenceram-se de que a Allemanha constituia o melhor mercado para a Inglaterra. D'ahi a conclusão logica que a principal causa de decadencia da industria ingleza era o empobrecimento da Allemanha, em consequencia da guerra e, depois, as condições da paz que lhe foi imposta. Si a Inglaterra, portanto, queria a salvar a sua industria, tinha de fazer todos os esforços para restituir á Allemanha seu bem estar de antes da guerra, isto é, restituir-lhe a sua antiga posição politica e economica no mundo. Nada se disse, entretanto, sobre o facto que o crescente bem estar da Allemanha provinha principalmente da cir-

cumstancia de que, antes da guerra, tendo começado a sua carreira economica com 5.000.000.000 de francos ouro provenientes da contribuição imposta á França em 1871, graças ao desenvolvimento das suas industrias, das suas linhas de navegação e do seu commercio, a Allemanha tornou-se a mais perigosa concurrente da Inglaterra nos mercados mundiaes, começando a eliminal-a, assim d'esses mercados, como, até, das proprias colonias britannicas. A Allemanha tornou-se, sem duvida, a melhor cliente da industria ingleza, pagava-lhe, porém, os seus productos com dinheiro ganho á custa d'ella.

Foi esta theoria, com a respectiva omissão naturalmente, que sr. Lloyd George e, atraz d'elle, toda a Inglaterra acreditou e a adoptou com o programma oriundo da mesma. D'ahi provem o abandono da França, logo após a guerra, d'ahi os emprestimos colossaes fornecidos á Allemanha, d'ahi o procedimento mais que duvidoso dos commissarios inglezes nomeados para fiscalizarem o plebiscito na Prussia Oriental, d'ahi a opposição de Lloyd George á entrega da Alta Silesia á Polonia sem plebiscito, d'ahi a invenção da "cidade livre" de Gdansk (Danzig) impedindo á Polonia a uma sahida livre para o mar, d'ahi o veto inglez, quanto ao desembarcar das tropas polonezas vindas da França no porto de Gdansk, d'ahi a patente protecção que o mesmo Lloyd George manifestava aos maximalistas, por occasião da guerra polono-russa, d'ahi, emfim, mais dois annos de anarchia e de sangue na Europa, bem como uma chuva de ouro inglez que fertilisou a Allemanha, permittindo-lhe não sómente reconstruir a sua industria, augmental-a consideravelmente, como ainda construir milhares de kilometros de estradas estrategicas e poderosissimas fortificações. Visto que os Estados Unidos da America do Norte adoptaram a mesma politica, quanto á Allemanha, empregando n'esse paiz um numero verdadeiramente astronomico de dollares, a Allemanha poude, por sua vez, manifestar a sua gratidão ás raças parentes, fornecendo vastos creditos ao governo bolchevista, em cujo paiz fundou

todas as industrias, inclusive a de gazes asphyxiantes, canhões de grosso calibre, aeroplanos de bombardeio etc., industrias essas que, devido ás clausulas da paz e á fiscalisação alliada, não poude estabelecer no proprio paiz.

E' verdade que quem pensava pelo sr. Lloyd George era seu secretario, um judeu, e que o primeiro homem da America do Norte era, n'aquella época, outro judeu, o senador Borah, "irmão" da loja "Bnai Brith".

Taes provas de decadencia do pensamento economico, assim na Europa, como na America, existem muitas. Continúa acompanhando esta decadencia um constante progresso da technica e da organização apoiada na technica.

Como já se disse : quanto mais engenhosa a machina, tanto mais estulto o homem. Estulto e immoral.

Em todas as crises economicas, sejam ellas artificialmente provocadas, ou sejam naturaes, sempre existe alguem que tem todo interesse em prolongal-as, visto que taes crises se tornam para esse alguem uma verdadeira época de colheita, uma safra.

As vezes, nem é o immediato lucro material que esse alguem tem em vista, procurando prolongar a crise. Durante uma crise prolongada, luctando continuamente contra toda especie de difficuldades e aborrecimentos, os homens em geral tornam-se mais nervosos, exasperados e dispostos a commetter actos mais irreflectidos, que nunca seriam capazes de commetter n'uma época normal. Perdem o juizo e tornam-se mais maneaveis, deixam-se levar pelos conselhos mais loucos e immoraes. As organizações secretas, cujos planos ninguem conhece, sempre precisam de homens n'estas condições.

A prolongada guerra mundial, tão impotente pela sua technica, tão aperfeiçoada nos seus instrumentos mortiferos, aniquillou não só milhões de vidas, como tambem fez uma devastação terrivel nas almas humanas.

Em primeiro logar, a guerra esgotou em grande escala a energia nervosa dos que n'ella participaram e dos que soffreram seus effeitos. A esta, por assim dizer,

destruição physica dos homens, é preciso accrescentar a não menos mortifera influencia da guerra sobre os instinctos e as idéas moraes.

As longas guerras sempre traziam, como resultado, effeitos destructores no terreno moral. Depois das guerras napoleonicas, a França, durante muitos annos, soffreu a praga do banditismo. A suspensão por tempo prolongado dos factores que ensinam ao homem conviver com os outros dentro de estaveis normas juridicas e ethicas, estimar a vida humana e a propriedade alheia, a honra e a independencia alheias, conter seus instinctos mais brutaes e primitivos, trabalhar honestamente, em uma palavra, que o tornam um homem civilisado — é capaz de destruir nas almas, mórmente nas formadas superficialmente, sob o ponto de vista moral, todas as qualidades, para a formação das quaes contribuira o trabalho de uma série de gerações.

Comtudo, assim no terreno moral, como no terreno economico, é certo que a decadencia acima constatada só em parte é um effeito da guerra. Os symptomas d'esta decadencia appareciam mui nitidamente, desde algumas gerações. O que mais resaltava, era a devassidão que reflectia e, talvez, ainda ultrapassava a realidade na litteratura, assim como o extraordinario desenvolvimento do roubo, sob todas as formas, desde as mais brutaes, até as mais refinadas, quasi elegantes.

Sobre esta decadencia ethica tambem influiam as novas formas de vida economica, arrancando os homens em massa de dentro do seu ambiente tradicional, assim como o crescimento rapido das cidades acompanhado do desapparecimento de sua antiga organização, como o condensamento da população, como a crescente riqueza, assim como, emfim, a destruição consciente do espirito religioso. Esta era feita em nome da sciencia, de uma sciencia esquisita, aliás, que sentia menos tolerancia para a religião, do que para preconceitos estupidos e superstições barbaras.

Um dos prejuizos mais fataes que soffreu a nossa civilisação é a falta geral, entre as gerações de após guerra, de uma fé em grandes problemas, de um amor a grandes idéas, de disposição para grandes esforços e para sacrificio em geral, mórmente quando se trata de questões impessoaes. Os fanaticos nobres extinguiram-se, ou estão a estinguir-se os ultimos. Este estado moral que está preparando á nossa civilisação um triste futuro, agradece-o o mundo não só á guerra mundial, como, antes de mais nada, á educação do periodo de antes da guerra, com seu crescente materialismo, á educação por paes religiosamente indifferentes ou francamente atheus.

Para este estado de coisas contribuiram grandemente aquelles em cujo interesse estava a ruina da antiga civilisação aria, baseada nas tradições romanas e no christianismo. Emquanto permaneciam firmes as tradições de Roma, a união da familia e a verdadeira religião, não era possivel pôrem-se em pratica planos satanicos tendo por fim a dominação do mundo, por uma insignificante parcella da humanidade, embora unida solidariamente, dispondo de enormes meios materiaes, perfeitamente disciplinada e educada, desde a infancia, por uma escola multisecular de astucia e de duplicidade.

O corpo são resiste com facilidade a bacterias e microbios morbidos, ao passo que o corpo enfraquecido entrega-se a um incommodo insignificante qualquer. N'uma sociedade sã e fiel ás tradições legadas por seus antepassados, não pegariam as vaccinas do socialismo, communismo e internacionalismo. Tornou-se necessario destruir em primeiro logar a moral, ridicularisar as tradições, para, depois, procederem-se ás experiencias de subversão da ordem estabelecida.

Foi d'este papel que se encarregou o judaismo mundial e as sociedades secretas por elle organizadas e chefiadas.

Na época de transformações profundas que se seguem de uma maneira vertiginosa e de que soffre, actualmente, o mundo da nossa civilisação, a questão judaica

não evitou o destino geral dos problemas vitaes d'esta civilisação. Tambem ella entrou n'um periodo de grave crise que tem de levar a grandes modificações na posição dos judeus e no papel que estão desempenhando.

Esta crise apparece n'um momento de maior força e de maior prestigio do judaismo, quando, depois da guerra mundial, Israel obteve uma série de triumphos, como nunca talvez os obtivera em toda sua longa historia.

No presente livro, o leitor encontrará uma descripção fundamentada do povo eleito : a sua historia, a sua actividade, a sua idéologia, a acção dos seus substitutos entre os arios, emfim, conhecel-o-á sem mascara.

II

A HISTORIA NA VIDA DO JUDAISMO

A unica chave que serve para a comprehensão do judaismo é o conhecimento da sua historia. A religião judaica é uma religião historica e politica. Do ponto de vista da actualidade, para qualquer um de nós, o judaismo tem de constituir um enigma indecifravel, algo de anatural, algo de simplesmente phantastico. A' luz da historia é que se esclarecem as trevas do mysterio.

"As raizes de toda a religião judaica estão enterradas na historia do povo judeu. A sua origem é um facto historico: é a emigração do Egypto. Em todos seus momentos criticos, encontramos acontecimentos historicos. D'estes que a religião está haurindo a sua força, nas profundezas do caracter nacional judaico está o seu mysterio. A forma da sua evolução, é a politica" (1).

Como ? a politica ? que tem de vêr a politica com as crenças religiosas ?

A resposta a estas questões nol-a fornece o citado philosopho judaico:

"As idéas ethico-politicas constituiam a espinha dorsal do judaismo. Moysés e, depois d'elle, todos os

---

(1) H. KOHN: *Die politische Idee des Judentums*, pag. 20.

grandes chefes do povo judaico, cuja actividade evoluia apparentemente só em terreno religioso, não cuidavam da religião, mas, sim, do Reino Divino. Entretanto, n'esta concepção mesmo a politica é uma religião, é uma actividade enthusiastica, dirigida directamente para o Absoluto, para Deus, é a unica realidade da vida contendo em si todas as demais. Portanto, não é mais uma actividade entre outras, uma plataforma de consciencia entre outras, mas é a relação do homem, da vontade humana, de um modo abrangendo toda a vida, ás exigencias que lhe dicta o absoluto. Em outro sentido, é politica a regularisação das relações humanas e da vida quotidiana de todo individuo por si de tal modo, que sejam, no fim d'este periodo, orientadas para o fim almejado. Esta orientação chamaram-na os judeus de Justiça" (2).

Expliquemos as idéas acima em lingua menos philosophica. Eis que os legisladores religiosos dos judeus não cuidavam da religião como tal, mas da fundação definitiva para o seu Jehovah de um reino divino n'esta terra. Portanto, foi um fim politico e a religião por elles pregada tornou-se uma religião politica. Ao revestir o seu fim politico com facto religioso, conseguiram a arregimentação de um povo inteiro e das gerações posteriores em uma só tropa de luctadores politicos. Um outro fim foi a regulamentação de toda a legislação de tal forma, que todo acto de cada individuo pudesse ser destinado ao fim politico almejado e, d'este modo, tornar-se um acto politico. O principal meio de actuação dos dirigentes de Israel foi a creação, para as massas populares, de uma ethica especial: justo, portanto, procedendo de accordo com a ethica judaica, é só aquelle judeu cujos actos em geral almejam o unico fim politico que é a fundação do reino de Jehovah, ainda n'este mundo.

---

(2) H. KOHN: *Die politische Idee des Judentums*, paginas 20 e 21.

Deve nos interessar vivamente tal Jehovah, esse deus de Israel, que pretende reinar sobre o mundo, pois chegamos á conclusão que não é um Deus universal, Deus de todos, mas, sim, uma typica divindade de tribu, a divindade exclusiva de Israel.

O livro de Izaias diz o seguinte aos israelitas : "E' o que diz o Senhor : o labor dos egypcios, o commercio ethiope e o de Sabaim, todos os homens importantes a ti chegarão e serão teus; irão atraz de ti algemados, deante de ti se abaixarão e a ti resarão; só em ti está Deus e não ha Deus fóra de ti". (XLV — 14).

Tambem em outro logar : "As tuas portas se conservarão constantemente abertas; nem de dia nem de noite se fecharão para que te seja trazida a potencia das nações e que os reis te sejam trazidos. Porquanto a nação e o reino que não te servir, perecerá. E chegarão a ti cumprimentando-te os filhos d'aquelles que te apoquentaram. E beberás o leite das nações e serás alimentado com o seio dos reis." (LXI — 5).

Conforme vemos, aquelle reino de Jehovah não é, de modo algum, ideado de uma forma celeste; é um reino muito d'este mundo que garante aos executadores d'esse culto politico-religioso, aos participes da alliança com Jehovah, vantagens indubitaveis, sob a forma de poder sobre outras nações.

Eis o sentido da alliança, eis o interesse que as duas partes contractantes encontraram n'essa alliança : "Vendi-vos a minha doutrina e estou vendido junto com ella" (Midras Theruma — 34). Eis o real mysterio da religião politica para cuja realisação Israel trabalha com todas as forças atravez dos seculos.

Os meios de acção são sujeitos a modificações; falhando uns, lança-se mão de outros e a mysteriosidade do fim almejado justifica sufficientemente o occultamento dos meios para os quaes o unico criterio ethico é a justiça, isto é, o seu valor pratico para poder conseguir o fim. D'ahi provem a opinião secular e geral que os judeus são adeptos da maxima: o fim sanctifica os meios.

Os dirigentes de Israel impõem a modificação dos methodos ás suas massas populares de um modo violento, revolucionario. Taes revoluções dentro de Israel não trazem, todavia, desprezo ao passado, pois são, apenas, revelações no terreno dos meios a serem adoptados. Refugados hoje, poderão no futuro readquirir novamente o seu valor.

As revoluções dentro de Israel não ferem os dogmas que consistem na alliança com Jehovah e no exito final. Estes dogmas que são o fundamento da immutabilidade historica de Israel.

III

OS TEMPOS LEGENDARIOS DE ISRAEL

Os tempos legendarios, prehistoricos de Israel, estamos os relatando, de accordo com os factos e os commentarios fornecidos pelos historiadores judaicos modernos, pois, n'esta obra, nos interessa esse periodo do judaismo unicamente do ponto de vista dos proprios judeus. Os escriptores catholicos apresentam esses tempos antigos do povo judaico sob uma luz completamente differente.

O documento historico mais antigo, não judaico, no qual se falla em israelitas, é o obelisco de um rei dos moabitas, descoberto em 1868, que relata a libertação d'esse povo do julgo israelita. Refere-se á época da divisão do reino judaico, já depois de Salomão. As pedras assyrias em que são descriptas as guerras do rei Salmanassar com os israelitas, datam do seculo IX antes de Christo.

Por falta de dados historicos satisfactorios, nada podemos affirmar de positivo sobre a permanencia dos judeus no Egypto e sobre as causas de sua emigração do reino dos pharaós. Os tempos posteriores nenhuma base nos fornece para affirmarmos que, no Egypto, permanecera a tradição de um sentimento hostil contra os israelitas. Até, pelo contrario, o Egypto, desde as primeiras

guerras com a Assyria, torna-se um terreno de immigração judaica e um alliado militar do estado judaico.

Seja como fôr, ao julgar pelos factos historicos fornecidos pelos proprios judeus e baseando-se nas suas fontes, concluimos que foi do antigo Egypto que os judeus importaram o governo sacerdotal, a mysteriosidade do culto, a magia, as sociedades secretas e, até, taes innovações como o culto do touro (bezerro) e a prohibição do comer carne do porco.

Os sacerdotes em Israel, como os no Egypto, constituiam uma casta fechada de iniciados. Recrutavam-se elles exclusivamente da estirpe de Aarão (Aronidas); seus auxiliares eram os Levitas.

Assim como no Egypto, a religião era um mysterio perante o povo. Os livros sagrados eram conhecidos só pelos iniciados. "Os livros das leis e das doutrinas, attribuidas a Moysés" — diz o principal historiador judaico — "eram commentados, até aquella época (cerca do anno 800 ante Christo — n. do aut.), unicamente nas rodas dos Aronidas e dos Levitas. Até o proprio decalogo não estava enraizado nos corações do povo; as pedras em que estava gravado, descansavam na Arca da Alliança, como um monumento antiquissimo e sagrado. Na propria Arca via o povo antes um talismão. Foi só o sacerdote magno, Ioiada, que, ao que parece, popularisou entre o povo a essencia do Testamento e, n'essa occasião provavelmente, leu do rôlo contendo os livros de Moysés os capitulos adequados á situação d'aquella época" (1).

Em face da ignorancia das leis de Moysés, em face do facto que "até o proprio decalogo não estava enraizado nos corações do povo", o povo israelita podia, com toda facilidade, adorar diversos idolos de que os livros sagrados nos fornecem varias provas. O culto das divindades fenicias Baal e da deusa Istar (Astarte), o culto

---

(1) Prof. dr. H. GRÆETZ: *A historia dos iudeus*, vol. I, pag. 122.

das estrellas importado da Babylonia e, o mais frequente, o culto do touro (bezerro de ouro) egypcio, eram communs e muito populares em Israel, até a época do captiveiro babylonico. O rei Jeroboam nos apresenta o culto do touro como sendo uma religião antiquissima dos israelitas. Mandou representar Jehovah na imagem de um bezerro novo. "A maioria do povo não se escandalisou nem um pouco com essa reforma que lhe pareceu, de facto, como reapparecimento de um culto antiquissimo" (2.

O culto de Jehovah no templo, executavam-no só os sacerdotes. O povo não tinha accesso ás ceremonias mysteriosas. Essas ceremonias não eram primitivamente ligadas a nenhum logar estrictamente definido. O primeiro templo em Silo, nem a barraca posterior no monte Moria, não gozavam do privilegio de exclusividade; foi só o Deuteronomio (621 a.Chr.) que outorgara ao templo de Salomão em Jerusalem o direito de exclusividade. Desde então, os sacrificios pódem sêr feitos só n'esse templo e, só ahi, Jehovah os recebe. Esse templo torna-se o unico existente e, depois da sua destruição, o unico templo admissivel para Israel.

Em torno do culto mysterioso, floresciam a magia e a bruxaria. O rei David achando-se n'uma situação difficil, visita certa ventriloca que, clandestinamente, exercia a bruxaria. Salomão era tido como possuindo poder sobre espiritos mysteriosos e demonios que, ao seu signal, se reuniam ou se dispersavam. Depois de encontrada a nova lei revelada, o chamado Deuteronomio, o rei Josias se dirige á... prophetiza Hulda, esposa de um dignitario da côrte, Shalum, e esta lhe garante a authenticidade do livro bem como das indicações e das prophecias n'elle contidas.

A predisposição para a magia reina entre os judeus até a presente época. Acompanha-a a predisposição para

---

(2) Prof. dr. H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. I, pag. 99.

as profissões baseadas sobre sciencias occultas. Os magos da antiguidade são substituidos por astrologos, alchimicos e medicos na edade media, por sociologos, religiologos, theoricos de economia politica em tempos mais recentes e por occultistas, theosophos e espiritas na actualidade.

Um papel que não encontramos alhures, desempenham entre o povo judaico varões chamados prophetas.

"No estado israelita existia um olho que possuia a capacidade de penetrar por entre trevas artificiaes e por entre consciencias que, em altos brados, apontava os erros ao peccador, nem que este fosse rei. O prophetismo foi esse olho perscrutador e implacavel, essa consciencia vigilante" (3).

Os prophetas eram, pois, uma instituição mandataria que, de accordo com as idéas actuaes, era um poder extra-legal. Appareciam de fóra, em nome de Deus e, como apoio ás suas exigencias, dispunham apenas da propria força ou, quando muito, da força dos seus adeptos. Seguidamente apparecem n'esse papel homens cujos nomes não nos legaram os livros. Certo "propheta desconhecido" prevenira a Salomão que este, continuando a tolerar a idolatria, arriscava a perda do throno. Ieroboam no Egypto, após a morte de Salomão, resolve voltar á patria para executar as suas pretensões ambiciosas, approvadas por "certo propheta".

"A maioria dos prophetas surgia das trevas e volvia ás trevas, sem deixar um vestigio da sua personalidade" (4).

Mercê á popularisação do prophetismo, no periodo das primeiras guerras com a Assyria, Jerusalem era um verdadeiro viveiro de "falsos prophetas". Esses pseudo-prophetas procedem, apparentemente, da mesma maneira que os legitimos : allegam revelações e fornecem conse-

---

(3) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. I, pag. 62.

(4) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. I, pag. 62.

lhos aos poderosos. Depois da morte de Iosias, pregam o culto de divindades pagãs e encontram apoio entre a casta sacerdotal, isto é, entre os Aronidas. Jeremias é perseguido pelo odio dos falsos prophetas, devido ás suas prophecias que annunciavam a destruição de Jerusalem.

Durante a evolução posterior do judaismo, após a destruição de Jerusalem por Tito, os prophetas são substituidos por "messias" e os falsos prophetas por "falsos messias" que, tambem, são chamados de "pios charlatães".

Os prophetas encarregavam-se muitas vezes de missões politicas: assim p. ex. Jeremias, em contrario aos seus predecessores, não pregava a um circulo reduzido de eruditos, mas ao povo em geral.. Elle pertence "politicamente ao partido babylonio" (5). Jeremias affirma que o poder dos babylonios sobre Israel é uma decisão de Deus. Certo Shemaia Nachhami, em carta, accusa-o de trahição, visto que Jeremias aconselha os exilados, levados antes pelos assyrios, a fixarem residencia na Babylonia. Posteriormente, durante o cerco de Jerusalem por Nabukhadnezar, dirige-se ás massas com as seguintes palavras: "Quem permanecer na cidade, perecerá pelo gladio, pela fome e pela peste, mas quem se passar para os chaldeus, salvará a vida, porquanto a cidade cahirá irremediavelmente e ficará presa das chammas".

Com effeito, depois da conquista e da destruição de Jerusalem, Nabukhadnezar concebe a idéa de nomear a Jeremias conselheiro, junto a Guedalia, governador do recem creado estado feudal de Judéa. Os prisioneiros judaicos o amaldiçoavam. "Ai de mim, oh mãe, que me pariste a mim, homem dos odios e das rixas do mundo. Nem emprestei nem pedi emprestado, entretanto todos me estão amaldiçoando."

O que fazer? acceitar a proposta de Nabukhadnezar? Foi então que appareceu a Jeremias um sonho prophetico

---

(5) Dr. MAJER BALABAN: *A historia e a literatura judaicas*, vol. I, pag. 55.

que lhe ordenou permanecer no paiz ao lado de Guedalia.

Depois, dirige-se ao Egypto, onde aconselha os numerosos fugitivos judaicos permanecerem no logar e não voltarem ao seu paiz.

O unico consolo que sahira da bocca de Jeremias, foi a prophecia que, decorridos setenta annos, os judeus voltariam da Babylonia e reconstruiriam o templo. Esta prophecia se realisou, assim como as anteriores que diziam respeito á destruição de Jerusalem. Eis que Cyro, rei dos persas, após têr conquistado a Babylonia, permittiu aos judeus voltassem para a sua patria.

"Acaso foi o impulso de um capricho momentaneo? Talvez tivesse sido, de facto, algum judeu circumciso, conforme constou nos tempos posteriores, que revelara ao victorioso rei persa a predicção de um propheta judaico sobre a vinda de Cyro, sobre suas victorias e que o vencedor permittiria ao povo exilado voltar á sua terra natal" (6).

Assim foi que, até depois da morte de Jeremias, as suas prophecias, conforme suppõe o sr. Graetz, foram aproveitadas politicamente.

A actividade dos sacerdotes evolúe no fundamento de sociedades secretas. Após a destruição do templo em Silo, apparecem em Jerusalem os Levitas e formam uma especie de irmandade. A eleição de Saúl para rei, effectúa-se de uma maneira tão secreta, que os philisteus não conseguem conhecel-a. A uncção de David para rei é celebrada numa roda muito reduzida e é guardada em segredo. Seu reinado é seguidamente inquietado por conspirações contra a sua pessôa; tambem seu filho, Adonias, forja intrigas contra o pae: convida seus partidarios a um banquete,

---

(6) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 25.

junto á nascente de Roguel, durante o qual os iniciados gritavam: "Viva o rei Adonias!"

Os prophetas, tambem, se apoiavam em sociedades secretas: o propheta Elias organisa uma irmandade que sustentava a "lareira sagrada da antiga doutrina" e, de accordo com as necessidades, "lavrava o seu protesto publico ou particular contra as iniquidades". Depois da morte de Elias, quem chefia a "escola de prophetas", é Eliseu. Depois, é o propheta Iesaias quem continúa a mesma actividade "com o fim de se cercar por um grupo de homens movidos pelas mesmas idéas."

Os adeptos de Iesaias são chamados de "meigos" ou de "soffredores no paiz". Essas sociedades duram mais que seu organisador e constitúem um apoio para os prophetas que enfrentam os reis e os sacerdotes. Os discipulos de Iesaias adoptam posteriormente o nome de "homens de Hiskias", visto que este rei lhes dispensava a sua protecção. Depois, surge uma organisação mais vasta, os "discipulos de Deus" ou os "Anavitas" que a si proprios chamavam de "communa dos que andam por via recta". Foi um braço forte na lucta dos prophetas com a autoridade official que, então, adorava divindades extrangeiras...

Na época do contacto dos judeus com a Assyria e com a Babylonia, apparece uma nova associação secreta, a "Associação dos pios" (chassidim). São elles que, após a morte do rei Manassés, assassinaram a Ammon. O seu verdadeiro papel desempenharam-no os "pios", só depois do regresso do captiveiro babylonio.

Entretanto, alguns dos prophetas são cercados por uma rêde. Iesaias percebe que o estado judaico não se póde medir com a Assyria e "queria levantar a sua voz poderosa contra isso, mas não lhe o foi permittido. Os chefes do governo (quem foram? — n. do aut.) fecharam a bocca ao propheta; abafaram a liberdade da palavra receiando que o rei e o povo não percebessem a duplicidade dos conselheiros e os perigos que estes, com seu procedimento, podiam arrastar sobre o paiz. Iesaias via claramente que a esperança depositada no auxilio do Egypto,

tornar-se-ia illusoria e que a poderosa Assyria esmagaria a minuscula Judéa; porém, mandaram-no ficar calado" (7).

Portanto, Iesaias ficava n'um estado de dependencia, estado esse occulto ao rei e ao povo, perante uns "chefes do governo". E' logico que os taes chefes — era a direcção de uma organisação secreta de que fazia parte o proprio propheta. Esteve em opposição, combatia as concepções politicas da organisação dentro d'ella, comtudo, exteriormente, "mandaram-no ficar calado".

Em taes condições, no meio de agrupamentos secretos, sob uma direcção occulta, evoluia Israel, ainda antes do captiveiro babylonio. Ao clarão d'esta luz que podemos comprehender o sentido real da phrase enygmatica do propheta Zacharias: "Deus instituiu um pastor para o povo e deu-lhe duas varas das quaes uma chama-se graça e a outra — organisação". Eis aquelle propheta-pastor que contem seu povo em ordem pela graça, isto é, pela força das revelações de que possúe o dom e pela organisação, isto é, pelas sociedades secretas.

Entre os associados, portanto os iniciados, e o povo em geral, apparecia uma divisa, cada vez mais distincta e maior. Favorecia esta circumstancia o facto que, durante o periodo ante-babylonio, appareceu na Judéa a escripta popular, ao lado de outra escripta, antiga, accessivel somente a poucos eleitos, como na China. A plebe sabia as verdades, só quando o queriam os "chefes".

Já foi mencionado o occultamento da lei de Moysés perante o povo e a publicação parcial de seus preceitos pelo sacerdote magno, Ioiada. Muito depois, no anno 621 antes de Christo, o sacerdote magno, Hilkias, encontra no templo o Deuteronomio, isto é, uma duplicata do livro das leis que apresenta ao rei Iosias. Só esse livro que garantia ao templo de Jerusalem o privilegio de exclusividade. O sacerdote magno ameaça com pragas, caso o rei e o povo

---

(7) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. I, pag. 170.

não acceitarem o livro e não se corrigirem, obedecendo á sua voz. O rei, conforme já sabemos, consultou a prophetiza Hulda; portanto, o poder tinham-no nas mãos "chefes do governo" que desconhecemos. Quando os prophetas tinham accesso a essas rodas dirigentes, formavam n'ellas a opposição. Preparavam modificações, até revoluções, luctando contra aquelles que, ás vezes, lhes "mandavam ficar calados". Em sua actividade, sahiam para fóra e dirigiam-se directamente aos reis ou, até, como Jeremias, ao povo. Em guisa de auxilio, recorriam ás "escolas de prophetas" e ás "irmandades."

Só conhecendo essas circumstancias que podemos comprehender o apparecimento de "falsos prophetas". Com quanta facilidade podia alguem, em presença do rei ou do povo, apresentar-se como propheta, como pessôa iniciada nas rodas dirigentes e exigir a execução dos seus propositos! Tanto o rei, como o povo, habituados ao facto que eram governados por uns invisiveis, podiam, sem objecção alguma, obedecer á ordem autoritaria de qualquer charlatão.

N'um ambiente de mysterios, qualquer um póde alcançar o poder e, de facto, o alcançava varias vezes, apezar do desespero dos verdadeiros prophetas.

Essa relação entre os dirigentes occultos e o poder official, perdurou entre os judeus por todos os tempos. A dupla destruição de Jerusalem intensificou, mais ainda, essa solidariedade secreta.

IV

AS REFORMAS DE EZDRAS E NEHEMIAS

Em Babylonia, os judeus encontraram condições de vida soffriveis; tambem, não foram elles os primeiros que, ali, se estabeleceram, pois, nos ultimos sessenta annos anteriores, foram os assyrios que já tinham localisado n'aquella região muitos milhares de seus patricios. A queda do estado assyrio e a tomada de Ninive em 606 a. Chr. pelos babylonios e pelos medas, foram, no começo, acolhidos pelos judeus com grande jubilo; foram os acontecimentos posteriores que acabaram com a destruição de Jerusalem por Nabukhadnezar da Babylonia (586 a. Chr.) e que transformaram os judeus em inimigos declarados da Babylonia. Cem mil judeus foram arrastados por Nabukhadnezar para Babylonia, outros milhares de emigrantes tomaram espontaneamente o rumo do Egypto.

A attitude dos exilados babylonios foi mais de que transigente e pacifica: abraçam em massas a religião chaldéa; uma parte o faz sem hesitações, os restantes o fazem apénas exteriormente. Entre os adoradores de idolos chaldeus, não faltam membros da casta sacerdotal, Aronidas e Levitas.

A adhesão simulada a religiões pagãs, já teve os seus precedentes em Israel: durante o reinado da rainha Izabel em Samaria, capital do estado israelita, a casa real pregava o culto de Baal e exercia pressão sobre o povo, de

forma que uma parte do povo "adorava a Baal abertamente e a Jehovah secretamente" (1).

Tambem no estado de Judéa, na sua capital, Jerusalem, nos tempos do rei Manassés, são os Aronidas que, embóra com pouca vontade, estão exercendo as funcções de sacerdotes do culto pagão. Assim aconteceu que o paganismo encontrou entre Israel no exilio, um campo fertil e preparado.

O vencedor tratou os exilados com brandura: concedeu aos judeus a permissão de morarem juntos e de conservarem sua antiga organisação, até, admittiu-os á côrte onde exerciam altos cargos. Os judeus, pois, procediam com todas as precauções para não se manifestarem abertamente contra o estado e contra a casa real, porém continuavam trabalhando clandestinamente. Outra vez, estão em actividade agrupamentos secretos (os "Zeladores do Verbo Divino", os "Pesquisadores de Deus", os "Soffredores"). Estes agrupamentos constituiam o nucleo do povo e estavam sendo perseguidos pelos babylonios, ao passo que as massas populares que se assemelharam apparentemente, gozavam de suas liberdades. Foi entre esses agrupamentos secretos que se recrutavam os pouco numerosos que, nos tempos de Cyro, voltaram a Jerusalem.

Esse nucleo de Israel no exilio é animado com a idéa de regresso á patria e de reconstrucção do templo. D'esses nucleos secretos é que surgem idéas reformadoras que deviam, brevemente, impregnar em Israel uma marca **sui generis** que o differenciava de todos os demais povos. Já no exilio, são reformados os methodos de ensino ministrado aos adeptos e fica estabelecido um novo plano de organisação para o culto e para o sacerdocio. Dedicam-se grandes esforços á educação da mocidade, para submettel-a ao novo modo de pensar. O trabalho subterraneo está fervendo.

---

(1) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. I, pag. 105.

A conquista da Babylonia por Cyro da Persia (539 a. Chr.), offerece aos judeus a faculdade de regresso á Palestina. No momento de entrada do novo vencedor dentro dos muros da Babylonia, todo o povo judaico, como si fosse sob o effeito de uma vara magica, repudia os idolos pagãos e volta a Jehovah. Comtudo, são poucos os que consentem em volver á patria: ha muito tempo que fixaram residencia em Babylonia e nenhuma razão de queixa podem apresentar. Varios d'entre elles são descendentes de emigrantes espontaneos que chegaram á Babylonia seculos atraz. A emigração judaica pára nos tempos de maior florescencia do reino judaico, Israel orgulhava-se com prophetas que pregavam sua doutrina dentro dos muros de Ninive e de Babylonia.

O regresso á Palestina abrange, pois, um numero restricto de voluntarios: os demais, financiam a empreza. A colonisação da antiga patria encontra extranhas difficuldades: é obrigada a proceder á expropriação da população local e tem de tomar todas as precauções possiveis para que os colonos não se confundam n'uma raça só com os autochtonos. Recorrem a Cyro que baixa um decreto ordenando que todas as tribus locaes cedam o seu logar aos iraelitas.

São apénas quarenta mil os judeus que regressam á Palestina. Cyro noméa governador a Zerubabel, um judeu. E, então, fica bem patente que os judeus, mesmo nos tempos idos, constituiam apénas a camada superior da população, pois em toda parte os colonisadores esbarram contra o odio popular; chegaram novamente desempenhando o papel de senhores; tiram violentamente as terras aos antigos proprietarios e empurram a população local para a posição de seus servos. Reconstróem o templo de Salomão, com o auxilio de importante subvenção do thesouro persa.

O regresso á Palestina revorça vivamente as condições em que, actualmente, está se effectuando a colonisação da Terra Santa. A declaração de Cyro que foi promulgada a cerca de 2.500 annos e a declaração contemporanea de

lord Balfour; o governador persa Zerubabel, e o governador inglez, "sir" Herbert Samuel (judeu); a attitude n'aquella época da população local e a attitude actual dos arabes; o financiamento da colonisação por Babylonia e o financiamento por Nova York, até, ataques a mão armada contra os novos colonos n'aquella época e os ataques dos arabes de hoje... Quem dirá que a historia não se repete?

Os samaritanos desesperados bradam ás armas, tomam á força Jerusalem, destróem a cidade recem reconstruida e é só a intervenção da côrte persa que consegue salvar os colonos da oppressão em que se achavam.

Com respeito á população autochtona, é adoptada a politica de exterminio. Já o Deuteronomio ensinava: "O que fôr carniça, não deveis comel-o; ao adventicio que estiver entre os teus muros, offereça para que coma ou vende-lhe, porque tu és o povo sagrado do teu Deus e Senhor". (Deut. XXIII — 19).

O povo "sagrado" isola-se dos extranhos e nem admitte á sua convivencia os que querem adorar a Jehovah. Quando os samaritanos pedem serem incluidos na communhão judaica, recebem uma recusa aspera: não ha logar para elles entre os adeptos do Testamento. Nega-se-lhes até o direito de participarem na reconstrucção do templo.

A divisa é de "isolação do Testamento". O maior cuidado dos dirigentes de Israel consiste em prender o judaismo em moldes de organisação tão poderosos, que nenhum extranho possa penetrar dentro. Eis o real sentido das reformas de Ezdras e de Nehemias. Os methodos d'esses dirigentes impregnaram ao judaismo o seu caracter para muitos seculos e Israel de hoje é um producto de sua obra.

Ao saber as difficuldades internas e externas que encontraram os colonos judaicos na Palestina, chega de Babylonia Ezdras (Ezra) acompanhado de alguns milhares de voluntarios "unidos a elle pela communhão do pensamento". Ezdras é descendente de sacerdotes magnos: um

dos seu ascendentes, o sacerdote magno Hilkias, foi o que, em tempos idos, encontrara no templo o codigo deuteronomico. Ezdras deseja "a realisação do Testamento "e resolve "buscar o Testamento do esconderijo". Já na Babylonia, os que não pretendiam regressar á patria, isolaram-se por meio de um muro espiritual, dos demais habitantes. Contrahiam matrimonios, exclusivamente entre elles e esforçavam-se de conservar um cunho differente ao dos outros. Ezdras foi, entre elles, "mestre do Testamento" e foi com o auxilio de seus adeptos que levara a cabo sua expedição á Palestina. Era a segunda onda colonisadora que ia salvar as conquistas ameaçadas da primeira.

Sua primeira deliberação na Palestina, foi a de prohibir terminantemente os matrimonios mixtos entre judeus e a população local. Aos olhos de Ezdras, constituiam estes um crime, porquanto os israelitas deviam constituir "a semente sagrada".

"Juremos" — verberava — "que abandonaremos as mulheres extrangeiras e que separaremos da communhão os filhos que nasceram d'ellas!" E foi posta em execução a exigencia de Ezdras: os judeus fanatisados expulsaram as suas mulheres extrangeiras, junto com seus filhos, e escolheram novas esposas dentro da propria raça. Em guisa de resposta, a essa crueldade barbara, veiu a tomada e a destruição de Jerusalem pelos samaritanos, facto esse que já foi mencionado. Foi então, depois da derrota dos colonos judaicos, que uma nova individualidade occorre ao auxilio de Ezdras: é Nehemias, alto dignatario da côrte do rei Artaxerxes e influente conselheiro do monarcha. Consegue do rei uma especie de licença e, munido de plenos poderes da parte de Artaxerxes, apparece na Palestina. Foi já na côrte régia que "aprofundara occultamente a arte de governar, aprendera dirigir os homens pela força da vontade e a subjugar as conjuncturas". No começo, demóra-se em Jerusalem, sem se trahir que é portador de uma plenipotencia régia, e estuda a situação. Sómente

no momento opportuno descobre o seu incognito: procede a uma severa selecção entre a communidade judaica e, em consequencia, exclúe 642 familias que não conseguiram provar a sua pura descendencia israelita e tira-lhes o direito de cidadania. Tres familias dentre os Aronidas que não puderam encontrar as suas genealogias, são privadas dos privilegios da casta sacerdotal.

As disposições de Nehemias encontraram uma violenta opposição na grande massa popular. Apénas voltara á côrte real, foi obrigado a pedir outra licença e plenipotencias para salvar a sua obra. Na sua segunda apparição na Palestina, desde já lançou mão de medidas radicaes: depôz do cargo o sacerdote magno, Eliashybe, condemnou ao desterro os Aronidas e outros judeus desobedientes. Regeitou definitivamente os samaritanos que obrigou a se congregarem n'uma seita á parte cujos adeptos edificaram um templo de concurrencia no monte Garizim, onde, durante alguns seculos, se dedicavam ao culto de Jehovah, independentemente dos dirigenets do judaismo. Perseguiu-os o odio de Israel, até que, finalmente, no segundo seculo antes de Christo, João Hyckan, principe da estirpe dos Machabeus, apodera-se da capital da Samaria, Sichem, e destróe o templo do monte Garizim.

Toda a obra de reconstrucção da "Nova Jerusalem" está se effectuando mediante vasto apoio fornecido pelas sociedades secretas. O pivot das reformas de Ezdras e de Nehemias formam os "pios" (chassidim). São elles que, por occasião do perigo que correram as primeiras reformas de Nehemias, o chamam com urgencia da côrte regia á Palestina.

Em nova Jerusalem, não ha mais prophetas. Desde a época de fixação das reformas de Nehemias, substituem-nos os "doutos" ou os "conhecedores da Lei" (Solferim).

"Um estimulo invisivel que, entretanto, penetrava ao fundo, foi o resultado da sua actividade, de forma que gravara nos descendentes dos patriarchas uma marca tão nitida que esta tornou-se quasi seu caracteristico innato:

a propensão ás pesquizas, o esforço do espirito — para descobrir em cada coisa, em cada palavra, um sentido occulto" (2).

"Levantar uma cerca em torno do Testamento" — esta foi a divisa, isto é, isolar hermeticamente o Testamento dos extranhos e continuar a sua construcção interior de forma hierarchica, dividil-a por escalas de iniciação. Instituir, a par dos poderes leigo e espiritual (governador ou principe e o sacerdote magno), um terceiro poder sobreposto aquelles e occulto, sob a forma de "doutos em Testamento" e de uma direcção invisivel. Em momentos opportunos, vinha a revelação das partes secundarias d'esse poder perante o povo.

Assim, como resultado das reformas de Nehemias, apparece o "Supremo Conselho" composto de 71 membros. A maioria d'essa assembléa é composta de "doutos". D'essa instituição provem, depois, o "Synhedrion", como symbolo da unidade interior do judaismo.

N'esse estado de solidificação encontra os israelitas a invasão de Alexandre Macedonio. A derrota da Persia, tão benevolente para com os judeus, nada os commove e permitte-lhes preparar uma recepção enthusiastica ao novo vencedor. O sacerdote magno faz uma promessa solemne ao triumphador que todo menino israelita nascido no anno da sua entrada em Jerusalem, receberá o nomo de Alexandre. O monarcha, commovido, poupa os judeus e dirige a sua ira contra os samaritanos.

"Visto que não poude deixar de saber serem inimigos dos judeus, manifestou a sua sympathia a estes, para frizar o seu desprezo para com aquelles" (3).

Portanto, o primeiro contacto official entre o judaismo e o hellenismo, foi amigavel. O conquistador da Asia, o

---

(2) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 60.

(3) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 73.

vencedor do reino persa, nenhum odio nutriu contra os pupillos do estado derrotado e Dario, perseguido por Alexandre, podia reflectir durante sua triste fuga, sobre o problema, porque a gratidão dos judeus pela "declaração de Cyro não sobreviveu, nem uma hora, á magnificencia da casa real persa. Não sabia, o coitado, que seu antecessor, aquelle magnifico Cyro, não era aos olhos dos judeus um monarcha bondoso, mas, apénas, um desprezivel "instrumento de Jehovah".

V

SOB O PODER DO EGYPTO E DA SYRIA

Após o desmembramento do imperio de Alexandre Magno em tres estados independentes: a Macedonia, o Egypto e a Syria, os judeus na Palestina passaram sob o poder do Egypto. E' um periodo em que, pela primeira vez, o hellenismo encontra-se com o judaismo em todas as manifestações da vida. Esse encontro é descripto de uma maneira pittoresca e magistral na obra do Prof. Thadeu Zielinski: "O hellenismo e o judaismo".

Na côrte dos Ptolomeus em Alexandria, os judeus são muito bem vistos, são conselheiros intimos dos reis, não são preteridos na distribuição das dignidades da côrte e dos demais favores. O periodo do poder egypcio (323 — 201 a. Chr.), accentúa-se por uma hellenisação, mais ou menos superficial, da Palestina e, até, da propria Jerusalem. Quem dicta agora o tom á vida espiritual do judaismo, são as influencias invisiveis dos agrupamentos organisados na emigração. A bem dizer, desde a morte de Nehemias, os estimulos para o sustento de Erec Israel (lar nacional) vêm da Babylonia; é a conhecida tendencia do "isolamento". O segundo importante agrupamento judaico forma-se em Alexandria. Este representa a tendencia hellenistica, portanto a tendencia de uma assemelhação, mais ou menos apparente, á civilisação grega.

Jerusalem é o ponto, onde estão em lucta as duas tendencias.

O hellenismo percebe-se de longe, o judaismo está minando por baixo. O hellenismo traz comsigo a equiparação politica com a população macedonia do estado egypcio; em Alexandria, os Ptolomeus equiparam em direitos a população judaica á população dominante. D'ali, os judeus se dispersam pelas outras cidades do Egypto e chegam a constituir maioria nas cidades costeiras da Cyrenaica (actual Tripolitania).

No estado syrio, sob cujo poder cahiu a Babylonia, os judeus tambem conseguem a totalidade de direitos civis; da Babylonia, elles se dispersam pelas cidades fundadas pela dynastia dos Seleucidas e, entre outros, dão inicio a um grande agrupamento judaico em Antiochia.

Entre os judeus reina o bem estar. O commercio não constitúe para elles uma novidade. Já o rei Salomão adquirira as suas riquezas por meio do commercio, tendo conseguido a posição de intermediario no commercio de cavallos entre o Egypto que os creava e os estados asiaticos. No estado israelita (o chamado das dez gerações), os ricos viviam da usura, principalmente da usura de cereaes. "Nos annos da fome, abriam os seus celleiros, vendiam viveres — a que applicavam medidas falsas e pesos falsos — e, quando os pobres não podiam reembolsar o emprestimo, tiravam-lhes os filhos" (1).

Então, no mundo hellenico, essas aptidões encontraram um vasto campo de acção. No Egypto e, depois, na Syria, os judeus arrendavam a arrecadação dos impostos e esfolavam a população. Como personagem caracteristico, apparece um sobrinho do sacerdote magno, Onias, chamado José. Consegue de um modo engenhoso a amisade do rei egypcio, Energuetes, e distancía os demais candidatos ao arrendamento dos impostos, offerecendo um preço

(1) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. I, pag. 133.

duplo. O rei exige-lhe uma garantia a que o astuto judeu responde com arrogancia que dispõe de dois optimos garantes: o rei e a rainha. Essa resposta agradou ao rei que entrega a José a arrecadação das rendas de todas as cidades e de duas provincias: a Cyrenaica e a Phenicia.

Os impostos estavam sendo arrecadados por José com a maxima severidade. Em Gaza e em Scytopolis cuja população grega teve a ousadia de se lhe oppôr e dirigir-lhe palavras offensivas, mandou decapitar os principaes e os mais ricos cidadãos" (2).

D'esta maneira, adquirira riquezas incalculaveis. "José tirou de todo o Egypto as carnes e deixou-lhe só os ossos" — era, então, o dictado popular.

Dos productos d'esses saques cahiu sobre a Judéa uma chuva de ouro. Para os cargos de auxiliares, escolhia José exclusivamente judeus. Das provincias ficaram só os ossos, mas com essas riquezas o povo israelita nadava em ouro. Póde-se affirmar textualmente que sua prosperidade financeira, agradecia-a, a Palestina, a José que explorava implacavelmente os gregos em favor dos seus patricios.

Em compensação, quando nas guerras entre o Estado syrio e o Egypto, a balança começou a inclinar-se para o lado dos Seleucidas, os filhos do mesmo José, esqueceram-se da gratidão para com a casa dos Ptolomeus á qual toda a Judéa devia as suas riquezas, e organisaram um partido favoravel aos Seleucidas. Logo depois, em 202 A. Chr. a Judéa passou ao dominio syrio e, cerca de 200 A. C., o proprio rei Antiocho occupou Jerusalem, sendo cumprimentado pelo Supremo Conselho.

Antiocho outorgou aos judeus varios direitos civis e politicos. Na Asia Menor, protegeu a colonisação judaica e é dos seus tempos que datam as grandes agglomerações de judeus em Epheso, Sardes e Pergamo.

---

(2) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 81.

A hellenisação, isto é, a assimillação dos judeus fazia grandes progressos.

Para a lucta contra a hellenisação, aprestaram-se na Palestina as mesmas sociedades secretas. A "sociedade dos pios" (Chassidim) renovou sua actividade: perseguia os hellenistas (assimiladores) dizendo-os "violadores da Lei e trahidores da Alliança". Dispunha da maioria na direcção da communidade de Jerusalem e aproveitava todas as occasiões para vociferar contra os hellenistas. Com horror viam os "Chassidim" numerosos judeus apparecerem nús nos jogos entre os gregos e, afim de apagarem os vestigios de sua origem, submetterem seu corpo a uma operação delicada e dolorida.

O enriquecimento dos judeus, devido aos saques de José e o desprezivel exclusivismo dos "Chassidim" contribuiram indubitavelmente para a origem do antisemitismo entre os gregos. Quando os judeus assimiladores conseguiram, com o apoio de Antiocho, o Magnifico, elevar á dignidade de sacerdote magno a Onias Menelau que não pertencia á casta dos Aronidas, o facto causou escandalo entre os "pios". Accusaram o novo sacerdote deante do rei, como saqueador do templo. Essa accusação foi confirmada em Antiochia pelo sacerdote precedente, o "pio" Onias III.

Subitamente, Onias III cahe morto por ordem do logar-tenente regio, Andronico. Como causador d'essa morte, os "pios" accusam, novamente, o sacerdote magno que não pertencia ao grupo d'elles. Em Jerusalem, a plebe ataca os gregophilos e lyncha-os a pedradas e a pauladas. Antiocho convida os dois partidos a comparecerem perante elle em Tyro e, depois de ouvil-os condemna á morte tres representantes dos "pios", como calumniadores.

Entrementes, surge a guerra entre a Syria e o Egypto. Antiocho toma de assalto Alexandria e move as suas tropas para o interior do paiz. Os "pios" acompanhavam as peripecias da guerra com ansiedade; a côrte egypcia lhes era francamente favoravel e sua victoria lhes podia restituir o leme da náu patria. De repente, espalha-se por

Jerusalem a noticia da morte de Antiocho no campo de batalha. Sem a minima hesitação, os "pios", sob o commando do sacerdote magno, recentemente por elles nomeado, Jazão, investem contra a cidade e apoderam-se d'ella.

No emtanto, a noticia da derrota e morte de Antiocho resultou ser falsa. Antiocho, na volta do Egypto, invade Jerusalem e não poupa nem o templo.

E' nesse momento que se espalha entre os gregos o boato de têr elle encontrado no interior do templo um grego algemado que lhe relatou terem os judeus o costume de sangrarem todos os annos um grego e de lhe comerem as entranhas. Foi esta a origem e o prototypo das lendas medievaes sobre o assassinato ritual.

O antisemitismo entre os gregos já estava, então, plenamente desenvolvido. Em Alexandria, como reacção contra o grande agrupamento judaico, appareceu toda uma litteratura antijudaica. Certo Manethos, tendo lido o livro do Exodo, escreveu uma paraphrase d'esse livro e attribuiu aos israelitas a ascendencia dos egypcios leprosos que estavam isolados nas minas de pedras, por ordem do Pharaó. Esta affirmação foi favoravelmente commentada, tambem em épocas posteriores.

Os successos de Antiocho no Egypto foram inesperadamente postos em cheque pelos romanos. Sob a ameaça de intervenção do Senado romano, Antiocho teve de se humilhar e retirar do Egypto. Essa humilhação do rei repercutiu com jubilo entre os "pios". "Talvez tivessem declarado muito alto que seu Deus que abaixa os soberbos, lhe tinha preparado essa humilhação" (3). Talvez tivessem exprimido de viva voz o seu jubilo? Fosse, como fosse, um dos commandantes militares de Antiocho, Appolonio, fez á frente da sua soldadesca, num sabbado, uma verdadeira chacina em Jerusalem.

Começou, por ordem do rei, a perseguição aos judeus. Antiocho prohibira até a circumcisão, o festejar dos sab-

(3) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 107.

bados e a abstenção da carne de porco. Mandou divulgar por todo o reino que a religião de Moysés pregava o odio contra todos os povos estranhos e que seu culto era prohibido.

A prohibição produziu effeito nas cidades da Phenicia e da Syria, onde os judeus, de uma maneira já experimentada, "abaixaram as cabeças, levaram a deuses gregos offertas simuladas, occultaram a execução das prescripções do Testamento e até renegaram sua religião" (4).

Na Palestina, os "pios" organisaram uma guerrilha contra as tropas syrias; esses grupos armados foram exterminados pelo ferro.

Entretanto, os "pios" não esmoreciam e continuavam a sua actividade. A' frente do movimento apparece Matatias, da estirpe dos Machabeus ou Hasmoneus, e inicia uma guerra irregular: ataca de emboscada destacamentos syrios e — onde isso é possivel — assignala violentamente nos meninos judaicos o symbolo da Alliança.

Entre os judeus, uma mão invisivel espalhava n'essa época dois livros de caracter messianico: o livro de Esther e o de Daniel. O livro de Daniel sahiu das rodas dos "Chassidim" e prohetisava a queda do reino syrio bem como a transferencia do poder para a "nação dos santos" á qual prestariam homenagem todos os reis do mundo. Esse seria o "reino dos santos" (judeus). Coisa digna de nota: foi o mesmo livro de Daniel que, no seculo XVI, tornou-se fonte de inspiração para os movimentos communistas e revolucionarios.

A insurreição dos Machabeus crescia cada vez mais, favorecida pela contaminação do reino syrio e pelas invasões de visinhos nas possessões de Antiocho. Os Machabeus apoderaram-se, gradativamente, de todo o paiz e, afinal, conseguiram tomar Jerusalem. Na mesma época

---

(4) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 109.

morreu Antiocho, o Magnifico, "em circumstancias estranhas" (5).

Por muitos annos ainda, prolongou-se a guerra contra as tropas syrias, porém, terminou pela victoria dos Machabeus. Todavia, estes cuidavam demasiadamente do poder leigo e indignaram contra si os "pios". Essa desintelligencia foi a causa do fracasso final da insurreição e da segunda conquista da Palestina pelos monarchas syrios.

No anno 159 A. C., os chefes do partido militar (Machabeus) aproveitaram a situação que lhes era favoravel e renovaram o levante. Graças ás intrigas em torno do throno syrio de que participaram tambem os romanos, os revolucionarios conseguiram apoderar-se de Jerusalem, d'essa vez, definitivamente. Alguns annos depois, (141 A. C.), cahiu tambem a fortaleza dos hellenophilos, Akra. Desde então, consolida-se o governo dos Machabeus: Simão, o Hasmoneu, foi investido do cargo de sacerdote magno hereditario e de chefe da nação (nassi). Esta segunda dignidade perdurou em Jerusalem durante seculos e encontramol-a, até nos tempos modernos, apezar de perda da independencia politica.

Na estirpe dos Hasmoneus, o poder leigo foi unido ao espiritual. Além d'estes dois poderes, existia, comtudo, um terceiro, collocado acima dos dois precedentes.

Ainda na época do levante dos Machabeus, exerce a sua actividade o nosso já conhecido "Supremo Conselho" composto de "doutos". E' uma emanação exterior da sociedade dos "pios" ou, por outra, dos seus dirigentes. Já n'aquelle tempo, o conselho adopta o nome de "Synhedrion". Dentro do Synhedrion, luctam entre si dois partidos, ambos orthodoxos: os Saduceus e os Phariseus. Essa lucta sobreviveu ao periodo governamental dos principes Hasmoneus.

Os Saduceus eram adeptos fervorosos do Testamento, porém eram de parecer que deviam sêr tomadas em con-

---

(5) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 128.

sideração as necessidades politicas. Os Phariseus, pertencendo aos "pios", consideravam o Testamento a unica escola pela qual se devia pautar a actividade politica. Além d'estes, um outro grupo, a ala mais radical dos "pios", afastou-se completamente da vida politica e fundou a organisação dos Essenios.

"Os primeiros nucleos (communistas — n. do aut.) surgiram no Oriente, então mais adeantado economicamente, mórmente entre os judeus, entre os quaes encontramos, já cerca do anno 100 A. C., uma associação communista secreta, a associação dos Essenios" (6).

Foi, portanto, a primeira cellula do movimento communista e, o que não se deve perder de vista, organisada por judeus, os mais fervorosos entre os "pios" (Chassidim).

O governo dos principes Hasmoneus — foi a renascença economica do judaismo após o periodo syrio; começou a expansão para o exterior. Na Palestina, continúa o estado de "isolamento"; em compensação, fóra das suas divisas, o judaismo exerce uma tal irradiação, que surgem numerosos grupos de proselytos gregos do judaismo.

Alexandria torna-se o principal nucleo judaico no estrangeiro. Ao que consta, o numero de judeus no Egypto n'aquella época, montava a um milhão de cabeças. Entre os cinco quarteirões de Alexandria, dois estavam occupados por israelitas. Localisados no delta do Nilo, dedicavam-se ao commercio de além mar; negociavam principalmente com cereaes e penetravam até Roma, onde crescia cada vez mais a colonia de commerciantes e banqueiros judaicos.

Os reis do Egypto concederam aos judeus a equiparação politica e uma vasta autonomia. Chefe dos judeus, era o etnarcha munido de poder administrativo e judicial. E' o primeiro exemplo de poder judicial autonomo conce-

---

(6) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo na antiguidade e na edade média*, pag. 32.

dido aos judeus nos paizes de dispersão (diaspora) — que se tornou, depois, na edade media, privilegio essencial.

O etnarcha accumulava tambem a administração do quarteirão arabe e tinha tambem o nome de "arabarcha".

Nos arredores de Memphis, sobre as ruinas de um templo egypcio, os judeus edificaram um templo proprio que era subvencionado pelo thesouro real. Esse templo não fazia concurrencia ao de Jerusalem, pois a este se reconhecia a primasia incontestavel. Nem assim, porém, os judeus da Palestina deixaram de olhar o templo em Memphis com máus olhos, visto a sua existencia offender a lei deuteronomica.

As colonias judaicas no Egypto contribuiam generosamente para augmentar os thesouros do templo em Jerusalem. O Supremo Conselho na Palestina onerou todo judeu, tanto local, como emigrado, com uma contribuição annual a favor d'aquelle thesouro. Em todos os paizes da diaspora foram estabelecidos pontos centraes, para onde deviam sêr dirigidas as contribuições. Só da Asia Menor vinham annualmente 200 libras de ouro, quantidade, para aquella época, enorme.

N'essa contribuição em favor do templo, foi que os romanos basearam depois seu imposto **per capita** sobre os judeus a favor do templo de Jupiter (**fiscus judaicus**).

Na época dos Hasmoneus, floresce na Palestina o estudo do Testamento. Mercê dos Phariseus, desenvolve-se a lei tradicional, não incluida no livro Thora, e trasladada verbalmente, chamada Halakha. Essa Halakha foi a antecessora do Talmud actual. Ao lado d'essa lei, fazem-se prelecções sobre a Agada; esta é uma doutrina de caracter messianico-politico e é n'ella que se descobre a origem da Kabala judaica.

Tudo parecia augurar a victoria final do Testamento, quando, subitamente, "uma fera com dentes de ferro, garras de cobre e coração de pedra, que muito devia devorar e pizando quanto sobrasse sob as patas malfazejas"; ameaçou a Palestina.

Nas divisas da Judéa... appareceu Roma.

VI

ROMA E A DESTRUIÇÃO DE JERUSALEM

Da mesma maneira, como anteriormente o hellenismo, tambem Roma trata os judeus, no começo, com toda amisade. Já foi mencionado acima que a ordem do Senado Romano obrigou Antiocho, o Magnifico, a retirar suas tropas do Egypto. Depois, o Estado dos Machabeus gozou da protecção do Senado Romano. Simão Machabeu expediu uma embaixada a Roma pedindo um pacto de alliança, conseguindo uma declaração do Senado em que os judeus são chamados de alliados (140 A. C.). Sete annos depois, Hyrkan Machabeu novamente manda embaixadores a Roma e consegue um poderoso auxilio contra a Syria (133 A. C.).

A pedido dos proprios judeus, os romanos pela primeira vez se intromettem nos negocios interiores da Judéa. No anno 65 A. C., dois commandantes militares de Pompeu, Scaurus e Gabinus, são subornados por Aristobulo Hasmoneu para intervirem na contenda que este teve, por questões de poder, com seu irmão, Hyrkan. Scaurus recebe dois milhões e Gabinus um milhão e meio, segundo a informação que nos forneceu o antigo historiador judaico, José Flavio. Brevemente, ambos os irmãos dirigem-se directamente a Pompeu em pessôa, offerecendo-lhe presentes e pedindo que decidisse a pendencia.

Subito, sem razão plausivel, Aristobulo muda de opinião e ataca as tropas romanas que, momentaneamente, estacionavam na Judéa. Resultado d'essa manobra traiçoeira, foi o prolongado sitio de Jerusalem e sua tomada pelas tropas de Pompeu. O vencedor procede com brandura e nem toca nos thesouros do templo (61 A. C.).

Comquanto a Judéa tivesse conservado a sua independencia politica, dahi por deante permanece numa certa dependencia de Roma, já como provincia autonoma romana, sob a administração de governadores judaicos ou procuradores romanos, já como Estado quasi independente, sob o governo de reis da dynastia herodiana.

Roma, desde a primeira hora, foi paralysada no seu proceder para com os judeus, pela influencia d'estes por detraz dos bastidores. Já foi mencionada acima a grande onda de emigração espontanea dos judeus que se espalharam pelo mundo. Dois agrupamentos especialmente, Alexandria e Roma, alcançam, n'essa época, influencia preponderante.

A colonia judaica em Roma surgiu ainda ao tempo em que os romanos não conheciam os judeus da Palestina. Só a tomada de Jerusalem por Pompeu e a apresentação em Roma dos prisioneiros judaicos que abrilhantavam o triumpho, deu ao agrupamento israelita na capital do mundo, uma direcção conveniente. Desde então, sua força e sua importancia augmentam e, brevemente, o celebre Cicero, em sua brilhante oração "pro Flacco", é obrigado a dizer o seguinte, em defeza de Flacco, accusado de como governador da Syria, têr-se apropriado de dinheiro proveniente das subscripções judaicas:

"Surge, afinal, esta gloriosa accusação: o ouro dos judeus. Sem duvida, é por este motivo que a questão é defendida bem ao pé da Escada Aureliana e é por causa d'esta principal accusação que tu, o' Lelio (O accusador — n. do aut.), procuraste este lugar e esta multidão (auditorio judaico — n. do aut.). Tu bem sabes quão grande é o seu numero, com que solidariedade são unidos entre elles, quanto são poderosos pelas suas sociedades! Vou

fazer a defeza á meia voz, para sêr ouvido só pelos juizes, porquanto não faltam pessôas que possam açular esses homens contra mim| e contra todos os melhores cidadãos, tarefa esta que nenhuma vontade tenho de lhes facilitar. Vendo que, todos os annos, o ouro era exportado por conta dos judeus, da Italia e de todas as provincias para Jerusalem (contribuição para o templo — n. do aut.), Flacco baixou um decreto prohibindo essa exportação da Asia. Quem de vós, juizes, não aprovará este decreto? Muitas vezes antes e durante o meu consulado principalmente, o Senado prohibia exportar o ouro, devido a razões muito sérias. A opposição a um preconceito barbaro, foi da parte de Flacco uma prova de energia e o menosprezo para com esta multidão de judeus, seguidamente tão turbulentos em nossos comicios, no interesse da republica, é signal de grande força de animo. As contas d'esse ouro foram prestadas e o ouro está nos cofres do Thesouro. Não sómos accusados de roubo, mas o que se pretende, é provocar odios..."

E' sobre a communa judaica de Roma que se apoia Cezar na sua lucta pela dictadura, visto que está endividado e depende dos banqueiros. Portanto é fiel amigo de Israel durante toda sua vida. Desfechando o primeiro golpe mortal á republica romana, conquista nas azas do judaismo, o seu logar na historia, logar este que, aliás, não corresponde á propaganda exagerada, que lhe foi feita.

Logo que o exercito de Pompeu, sob o commando de Cressus, foi desbaratado na guerra contra os parthas (persas), rebentou uma revolução na Judéa, terminada pela derrota das tropas judaicas. No mesmo tempo, Cezar em Roma restitúe a liberdade a Aristobulo Hasmoneu, ao mesmo que, trahiçoeiramente, atacara as tropas romanas. Não é de admirar que, na sua lucta com Pompeu, Cezar seja apoiado por todo o judaismo e que o Senado, por sua ordem, reconheça os judeus como amigos e alliados do povo romano. Os judeus alexandrinos recebem de Cezar a confirmação de todas as suas liberdades politicas e de sua propria jurisdicção, sob o governo do arabarcha. Os ju-

deus da Asia Menor conseguem direitos politicos e, mais, o privilegio de liberdade de reuniões, privilegio este negado aos demais habitantes do paiz. A todos os judeus fóra da Palestina, um decreto especial de Cezar concede o direito de exportação do ouro para Jerusalem. Os judeus em Roma, conseguem d'elle o direito de associação e reuniões, comquanto o dictador tirasse esse direito a todos os romanos natos. Não é de extranhar que "depois da morte do dictador, os judeus romanos não pudessem consolar-se em seu pezar, visto a tal ponto, que, durante noites seguidas, choraram ao pé da sepultura de Cesar (1).

Depois, foi Octavio que se tornou amigo dos judeus, ao passo que seu adversario, Antonio, era considerado inimigo d'elles.

Antonio, ao governar o Oriente, leva ao throno da Judéa a Herodes, representante da orientação hellenoalexandrina entre os judeus. Os "pios" declaram-se em opposição, de forma que Herodes resolve conquistar Jerusalem á mão armada, conquistando-a aos seus patricios.

A circumstancia de haver, com a aprovação dos judeus hellenistas, rebentado um conflicto armado em Jerusalem, é significativa: a unica explicação seria a hypothese dos partidos helleno-judaicos receiaram um conflicto armado com Roma a que consideravam loucura e para cuja provocação trabalhavam os "Chassidim". Propagavam, pois, a meia assemelhação e a tactica de accordos, nutrindo a esperança de poder minar Roma por dentro, ao passo que os "pios", representados pelos Phariseus, no seu odio fanatico contra todos que não eram judeus, desejavam continuar em "isolar o Testamento" e votavam por uma actividade conspiratorio-revolucionaria. Esse conflicto por causa da tactica, no seio do judaismo, torna-se tão agudo que uma parte obriga a outra pela força

(1) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. II, pag. 221.

a acceitar sua orientação e Herodes apodera-se de Jerusalem á mão armada.

A victoria de Octaviano sobre Antonio, alcançada com o apoio do judaismo, traz aos judeus novas liberdades e privilegios em Alexandria, em Roma e na Asia Menor. Herodes, antes da queda de Antonio, passa-se, naturalmente, com armas e bagagens para o lado do mais forte e consegue de Octaviano a confirmação do seu reino. Passa á memoria o seu governo, devido á magnifica reconstrucção do templo em Jerusalem.

O odio dos Phariseus contra a tactica dos hellenistas chegou a tal grau que, após a morte de Herodes, enviaram a Octaviano uma deputação para lhe pedir que tirasse á Judéa a sua independencia e a incorporasse á Syria, em caracter de provincia romana, conservando apénas a sua autonomia. Cincoenta dos mais importantes varões da Judéa compunham essa deputação e toda a colonia judaica de Roma apoiou suas exigencias. Apezar d'isso, Octaviano não cedeu e conservou a independencia da Judéa. Seria, porventura, o amor pelos judeus que tanto se enraizou no coração de Octaviano que, contra a vontade d'elles, quiz tornal-os felizes pela conservação de seu estado independente? Ou seria, talvez, o receio de satisfazer aquelles que pleiteavam a incorporação da Judéa ao imperio romano e, ao mesmo tempo, occultamente, protegiam e fomentavam conspirações e revoltas?

Entretanto, alguns annos depois, os Phariseus conseguiram realisar seus intentos e a Judéa tornou-se provincia romana (anno 6 dep. de Chr.).

A historia, pois, que Roma tivesse tirado aos judeus sua independencia, não passa de uma lenda. Foi o proprio representante de Roma quem defendeu contra elles, durante alguns annos, a independencia da Judéa e a abolição d'essa independencia foi uma concessão feita aos Phariseus.

Com o afastamento da dynastia herodiana, os Phariseus ficaram em condições mais favoraveis para seu trabalho subterraneo. O procurador romano residente em Je-

rusalem, nem que tivesse as melhores intenções com respeito aos judeus, feria as vistas da população pela sua propria presença. Comquanto a autonomia espiritual e juridica de Israel fosse geralmente respeitada, si bem que os judeus nunca tivessem servido no exercito romano, não poude deixar de acontecer que, cá ou acolá, não houvesse casos de offensa aos sentimentos nacionaes da população, da parte dos romanos.

O partido herodiano comprehendia perfeitamente a seriedade da situação creada pelos Phariseus e procurava sanal-a. O resultado dos seus esforços foi a elevação ao throno de Jerusalem de Agrippa, em cujas veias corria o sangue dos Hasmoneus (Machabeus) e dos Herodianos. D'este modo, effectuou-se uma especie de compromisso entre os hellenistas e a parte moderada dos "pios" (anno 37 após Christo).

Já dissemos no capitulo precedente que, na politica dos judeus na Palestina, entrechocavam-se os impulsos de dois centros emigratorios: de Alexandria e de Babylonia. Alexandria representava a corrente hellenista (de assemelhação apparente) e sua tactica era a de submissão pacifica á Roma. Os dirigentes do agrupamento alexandrino esperavam, provavelmente, que conseguiriam assenhorear-se da alma do imperio romano penetrando por dentro, mediante influencias politicas e economicas, bem como pela influencia da propria cultura judaica sobre a civilisação grego-romana. Suas esperanças, n'esse sentido, foram coroadas de exitos reaes. Cezar e Octaviano foram presos nas suas rêdes, assim como os successores de Cezar, os imperadores romanos, de forma que exerciam uma influencia directa sobre os governos. Si bem que ás vezes, erravam o alvo, porém, em pouco tempo, conseguiam recuperar os prejuizos.

Assim, por exemplo, Tiberio, o successor de Octaviano, baniu os judeus de Roma, por causa de velhacadas escandalosas (o processo de Fulvia no anno 19 após Christo), entretanto, graças á intervenção de certa princeza judaica que tinha vindo a Roma, revogou brevemente esse decreto.

Nos tempos de Caligula, Agrippa, ao receber o throno de Jerusalem, já poude gabar-se de têr sido adoptado pela familia imperial. Quando, depois, Caligula no seu despotismo furioso pizava com os pés a dignidade humana de seus subditos, nunca conseguiu sacudir dos hombros a influencia judaica. "O rei da Judéa exercia sobre Caligula uma influencia tão poderosa que os romanos o consideravam, ao lado de Antiocho de Commagena, como preceptor do imperador na tyrannia" (2).

N'esse interim, "Agrippa, sem deixar de sorrir suavemente a Roma, preparava a Judéa para esta poder, em occasião opportuna, medir as forças com o poder dos Cezares" (3).

Ao prestigio de Agrippa é que agradece a corôa o successor de Caligula, o imperador Claudio. O arabarcha alexandrino, Alexandre, levava o fraco imperador para onde queria. Amante do seu successor, o famoso Nero, era uma proselyta judaica, Poppea Sabina, que conseguiu, depois, tornar-se sua esposa legal. Até o destruidor de Jerusalem, Tito, tinha como amante, Berenice, princeza judaica da familia herodiana.

A actividade dos hellenistas na vida publica de Roma, não se restringia á influencia sobre a casa imperial. Exerciam, tambem, uma vasta acção de propaganda entre as élites romana e grega e entre as massas populares. Em caracter de banqueiros e de commerciantes, participavam da vida economica e muitos romanos poderosissimos tinham de consideral-os, visto que eram seus devedores.

Já n'aquella época, em caracter de medicos, penetravam na vida domestica e conseguiam saber tudo de quanto precisavam. Afim de apagarem a differença externa entre si e as pessôas pertencentes á civilisação grega, escreviam em grego e affirmavam não serem inimigos d'essa civilisação. Em torno d'elles reuniam-se rodas de adeptos gre-

(2) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. III, pag. 90.

(3) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. III, pag. 97.

gos e romanos do Testamento que lhes era ministrado sob capa grega. Os adeptos intelligentes eram attrahidos por meio da litteratura, os simplorios — pela beneficencia (os chamados "indigentes"). Em torno dos agrupamentos judaicos na emigração, organisavam-se centros de proselytos, chamados de "tementes a Deus". Não eram obrigados a cumprirem os preceitos do Testamento, não adheriam directamente á Alliança, mas seguiam os seus dirigentes judaicos em qualquer eventualidade.

Desenvolveu-se uma philosophia especial, a philosophia judéo-grega cujo principal representante foi Philo de Alexandria. Este judeu deu inicio ao systema syncretico na philosophia. O syncretismo consiste em que de diversos systemas philosophicos, tão abundantes na sciencia grega, escolhe-se varios componentes, sem se importar com o facto de um d'elles desmentir o outro. Na escolha dos componentes, não decide a vontade de dizer a verdade, mas, unicamente, o fim que se tem em vista. Escolhe-se aquillo que é mais conveniente, que com mais facilidade conduz o leitor inexperiente ao ponto a que o autor o deseja levar.

E', pois, uma philosophia baseada na consciente mystificação do leitor, a mesma que, alguns seculos depois, justificava Maimon Maimonides fallando sobre a contradicção cuja origem está no caso em que o autor não póde ou não quer dizer a verdade. As falsificações directas tampouco eram desprezadas: a litteratura d'aquella época está cheia de escriptos falsificados por judeus. Quando os chamados "livros sybillinos", contendo celebres prophecias, pereceram no incendio do Capitolio (82 ant. Chr.), os judeus alexandrinos os falsificam immediatamente e entregam aos romanos, como copia authentica. Essas prophecias inflúem, por diversas vezes, sobre a politica de Roma. No anno 56 p. Chr., foram ellas que decidiram da politica desfavoravel para com o Egypto (4). Foi por sua sugges-

(4) G. FERRARO: *A grandeza e a queda de Roma*, vol. II, pag. 53.

tão que Julio Cezar, em 44 a. Chr., pretende proclamar-se rei, porquanto, de accordo com os augurios falsificados, os parthros (persas) poderão sêr vencidos só por um rei (5). Comtudo, esses livros sybillinos contêm, tambem, uma significação occulta para os iniciados: predizem a queda do imperio romano, occultando Roma, como espirito máu, sob o nome de Romulo (6).

Uma propaganda tão bem desenvolvida, baseada sobre influencia real dos agrupamentos judaicos, podia prometter aos judeus hellenistas verdadeiros successos. Não admira, pois, que, em defeza de sua tactica, não hesitassem em occupar Jerusalem militarmente, tendo Herodes como commandante.

Seus adversarios, os partidarios da tactica revolucionaria e militar, tambem não se deixaram por vencidos e espreitavam a primeira opportunidade para conseguir uma desforra.

Depois da conquista de Jerusalem por Herodes, o Synhedrion fica brevemente maiorisado pelos judeus babylonios (persas) e constitúe uma poderosa arma na lucta contra os adversarios. A' frente do Synhedrion põe-se o babylonio, Hillel, representante da corrente moderada do partido revolucionario, o pae espiritual do Talmud. Immediato de Hillel na presidencia do Synhedrion, fica o Essenio (communista ideal), Menahem.

A corrente da politica activa e radical é representada no Synhedrion por Shamnai que, pouco depois, substitúe a Menahem no seu posto.

Desde então, ferve uma disputa no seio do judaismo "pio" (não hellenico) entre os partidarios de actividade mais radical (os Shamnsistas) e os de tactica mais moderada (os Hillelistas). Ora estes, ora aquelles, conseguem a maioria.

---

(5) G. FERRARO: *A grandeza e a queda de Roma*, vol. II, pag. 293.

(6) SALOMON REINACLE: *Orpheus*, pag. 272.

Os descendentes de Hillel occupam a presidencia do Synhedrion durante os quatro seculos seguintes, até a queda do imperio romano.

O partido antihellenico procurava a sua força nas sociedades secretas, em primeiro logar nos "Chassidistas" (pios), nos Asidenios e outros cuja capa exterior estava representada pelos Phariseus.

Na época de Herodes, a ala radical dos "pios" organisa-se em uniões de "zelotas" ou ardentes; na sua frente colloca-se Judas o Gallileu. São organisações de lucta armada contra os romanos, por meio de guerrilhas, que, exteriormente, arvoram a bandeira republicana (contra a dynastia herodiana). Os zelotas que são os proprios iniciadores de revoluções armadas na Judéa; são elles que procuram evitar pela violencia a realisação do recenseamento geral da população, decretado pelo governo romano. Estão cultivando relações mais estreitas com os judeus babylonicos que, sob a protecção do governo partho (persa), podem instigar impunemente as acções hostis contra Roma, mórmente que esta continúa n'um estado de guerra sem fim com os parthos.

A effervescencia subterranea cresce. Conforme sóe acontecer aos agrupamentos secretos e radicaes, separa-se dos zelotas uma ala mais radical ainda, os "sicarios". Estes dedicam-se simplesmente ao banditismo e espalham pelo paiz a anarchia, posto que seu verdadeiro escopo seja a provocação de um movimento revolucionario.

Os judeus, com relação aos gregos e aos romanos, são a parte aggressora: atacam sorrateiramente, á socapa, como os sicarios, ou ahi onde se sentem em maioria. Os sicarios, gradativamente, impõem a direcção á tactica dos zelotas. Começam pelo desbaratamento dos samaritanos.

Os revolucionarios não restringem sua actividade só á Palestina. Em Cezaréa, no tempo de Nero, atiram-se subitamente contra a população grega, porém são rechassados; em Alexandria, foram menos bem succedidos, porquanto, reagindo a um ataque dos judeus contra a população não judia, o governador imperial, Tiberio Alexan-

dre, deu ordem ás legiões romanas de invadirem e arrazarem os quarteirões judaicos, onde a soldadesca chacinou os habitantes.

Os zelotas propagam "sonhos messianicos", portanto a esperança que os judeus hão de se apoderar do mundo. Certo Teudas de Alexandria apresenta-se como messias e, n'este caracter, pretende chefiar Israel n'uma lucta armada e victoriosa. Maximas messianicas proclama agora até o hellenista Philo, o conhecido philosopho syncretista. Ahi se encontra a prova que, no periodo immediatamente anterior á sublevação, até os hellenistas (assemelhadores) pendem para a orientação radical. Pois não é o historiador judaico, José Flavio, que, posteriormente, faz parte do governo revolucionario da Palestina!

Afinal, os diversos "messias" e "prophetas" multiplicam-se a tal ponto, que o governador romano, Felix, é obrigado a fazer batidas formaes para se vêr livre d'elles. Em resultado, a sublevação judaica (66 post. Chr.) é inspirada por esperanças messianicas, portanto, pela tendencia de dominação do mundo pelos judeus.

Olhando para a imagem acima, podemos, porventura, extranhar que o anti-semitismo entre os elementos não judaicos do imperio estivesse crescendo e fortalecendo de um dia para outro? Será algo de incomprehensivel que o celebre historiador romano, Tacito, tivesse definido os judeus com a denominação geral d'essa época de "despectissima gens" (gente mais despeita)?

Assim é que Ernesto Rénan (judeu), na sua "Historia de Israel", escreve com toda a razão: "O antisemitismo não é uma invenção dos nossos tempos e jamais foi mais violento do que no ultimo seculo antes da nossa éra... Em Alexandria, em Antiochia, na Asia Menor, na Cyrenaica, em Damasco, a lucta entre judeus e não judeus era verdadeiramente chronica. Começou a época de odios religiosos e é impossivel negar-se que essas manifestações de odio sempre foram provocadas pelos judeus".

Logo que Nero, pois, sob a pressão da opinião publica, finalmente retirou aos judeus os direitos politicos, a ex-

plosão do levante na Judéa tornou-se uma fagulha levianamente arremessada sobre um barril com polvora. Tambem o commandante das legiões romanas, Tito, embóra inspirado por sua amante, a princeza judaica Berenice, que não o abandonava nem por um momento durante toda a campanha, teve de ceder ao animo dos seus soldados e á razão de estado romana.

O commandante romano manda, a pedido de Berenice, poupar o templo. Comtudo, não póde detêr os soldados por occasião do assalto victorioso; uma tocha accesa arremessada por um desconhecido, cahe dentro do templo e as tropas triumphadoras, apezar da intervenção pessoal de Tito, provocam um incendio. Jerusalem é transformada n'um montão de ruinas.

Foi este o resultado das "tendencias messianicas". Desde então, todo Israel jurou a Roma seu odio inextinguivel: a Roma de todos os tempos e sob qualquer imagem.

Este odio e a séde de vingança tornaram-se, desde então, para Israel, os componentes reaes da sua religião politica.

VII

AS SUBLEVAÇÕES. O SYNHEDRION. O TALMUD DE PALESTINA.

A tomada de Jerusalem e a queima do templo foram factores de uma maior dispersão de Israel, por todas as regiões do imperio romano. Em primeiro logar, os prisioneiros tomados pelos romanos — cerca de um milhão de cabeças — os que não foram condemnados á morte por terem participado na sedição, foram vendidos como escravos para diversas provincias romanas. Atraz d'elles, arrastava-se uma onda de emigração espontanea, como nos tempos de Nabukhadnezar, para, em dispersão, achar melhores condições de vida que as na Palestina.

Roma não despojou os judeus dos direitos politicos, facto este, devido ao qual lhes possibilitou uma plena existencia em todo o territorio do imperio. Posto que os cidadãos judaicos de Roma deviam têr olhado com horror o ingresso triumphal de Tito e a construcção do arco de triumpho que está ornando Roma até os nossos dias, todavia em nada se viram ameaçados, quanto á propria existencia e quanto á sua influencia politica, de modo que, até as rodas de proselytos judaicos, estão continuando a sua existencia.

"O maior numero de adeptos encontrava a religião judaica na capital do mundo, em Roma, apezar dos pre-

conceitos e da antipathia que os romanos em geral nutriam contra os judeus e apezar do misero exterior dos empobrecidos libertos judaicos que ganhavam a vida explicando sonhos aos romanos supersticiosos ou, simplesmente, extendiam a mão pedindo esmola" (1).

Os judeus que, desde o começo do imperio romano, formaram os primeiros agrupamentos em Alexandria e em Roma, agora estabelecem-se em todas as cidades costeiras do Mediterraneo, alcançam a Gallia e a Espanha. Os grupamentos em Carthago e em Marselha que era chamada de "cidade judia", conseguem alcançar uma grande importancia.

Essa livre dispersão de Israel pelas cidades do imperio, a conservação dos seus direitos civis, sua vasta participação nas administrações municipaes, a protecção dos imperadores, a exploração financeira da população, afinal o trabalho subterraneo com que minava os alicerces do estado — potenciavam o desenvolvimento do antisemitismo.

Como resultado de pressão da opinião publica, fica instituido, pela primeira vez nos annaes da historia, logo após a destruição de Jerusalem, um imposto especial **per capita** concernente sómente os judeus **(fiscus judaicus)** que, depois, foi imitado pela organisação fiscal da Europa medieval. Esse imposto, duas drachmas por anno e por cabeça, foi baseado na antiga contribuição estabelecida pelo Synhedrion e a renda proveniente d'esse imposto, devia sêr destinada á conservação do templo de Jupiter no Capitolio.

A opinião grego-romana reconheceu os judeus como sendo inimigos do genero humano **(hostes generis humani)**.

"Em Alexandria era commum a crença em fazerem os judeus um juramento que nunca serão benevolos para com os extranhos"" (2).

---

(1) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. IV, pag. 114.

(2) CONDE H. COUDENHOVE KARLEGI: *Das Wensen des Antisemitismus*, pag. 114.

Os soldados que tinham invadido o templo de Jerusalem, espalhavam as noticias mais desencontradas sobre o culto que, ali, era exercido.

"De accordo com o que relatavam os inimigos que se apoderaram do templo, encontraram no logar mais sagrado (sanctissimum) a imagem de duas pessoas humanas, unidas pelo acto sexual, e polluiram essa santidade pela interpretação brutal da sua significação interna, porquanto essa imagem tinha por fim, sob uma figura crassa e sensual, expressar o symbolo da união entre Deus e a nação judaica" (3).

O judaismo se oppunha á onda do antisemitismo graças, antes de mais nada, á conservação da sua solidariedade. O Synhedrion pereceu sob as ruinas da capital, todavia, mercê a um astuto estratagema, salvou-se a sua cabeça, o rabbi Iochanan Ben-Zakkai.

De accordo com a lenda, mandou que o carregassem para fóra de Jerusalem sitiada, dentro de um caixão de defunto e foi ter com Tito a quem apresentou-se, como partidario da paz com Roma. Tendo conseguido, não sem o auxilio de Berenice, agradar ao commandante romano, obteve d'elle a permissão de fundar uma escola em Iamnia.

"Esse desejo do mestre judaico não despertou nenhum escrupulo no espirito de Tito e nem lhe passou pela mente que, graças a esse acto, na apparencia tão insignificante, o fraco judaismo sobreviveria milhares de annos ao latinismo talhado em bronze e cheio de vida" (4).

Iochanan, sem perder tempo, sob capa de uma escola, organiza em Iamnia um novo Synhedrion.

Brevemente, apparece na chefia do Synhedrion seu presidente legal, descendente de Hillel, Gamaliel, em carater de patriarcha (nassi).

---

(3) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. I, pag. 154.

(4) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. IV, pag. 14.

D'esta maneira, o Synhedrion cahe sob a influencia dos Hillelistas, isto é, dos partidarios de uma orientação mais amistosa com respeito a Roma. Os dirigentes judaicos dedicam todos os seus esforços ao estreitamento da união do judaismo, lançando mão do anathema, como de um instrumento muito efficaz.

Todas as questões essenciaes na vida do judaismo eram submettidas á decisão do Synhedrion. As conferencias se realisavam de portas fechadas. Um dia que era debatida a questão si o judeu devia evitar a damnificação dos bens pertencentes a um visinho pagão, da mesma forma com si pertencessem a um seu correligionario, o patriarcha soube que os debates estavam sendo vigiados por um espião e "o patriarcha viu-se obrigado a promulgar uma prescripção especial dizendo que a lei humana pune da mesma forma o prejuizo causado a um pagão, como a um pagão, como a um correligionario" (5).

Em opposição á maioria do Synhedrion, uma orientação extremista com respeito a Roma propagavam os Shamnaitas, continuando apoiar-se nas sociedades secretas e revolucionarias. A união dos zelotas, depois da quéda de Jerusalem, organiza luctas subsequentes na Palestina e, depois, transfere a sua actividade para o Egypto e para a Cyrenaica. Por sua vez, em torno do Synhedrion, surge uma irmandade secreta que toma todas as precauções contra a penetração de elementos indesejaveis.

"Essa irmandade tinha, ao que parece, tambem fins politicos; os seus membros chamavam-se "companheiros" (chaberim). Quem desejava fazer parte da irmandade, tinha de jurar publicamente, na presença de tres membros activos, a obediencia ás regras da mesma. O membro que transgredisse essas regras, era excluido; eram tambem excluidos aquelles que de qualquer forma ser-

---

(5) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 42.

viam os interesses das auctoridades romanas, em caracter de fiscaes ou de cobradores de impostos" (6).

Quem patrocina a actividade revolucionaria, é um dos chefes do Synhedrion, o rabbi Ariba ben-Ioseph. Ao messianismo objectivo dos Hillelistas que removem a dominação do mundo para um futuro longinquo, antepõe a fé que o apparecimento do Messias e as victorias de Israel devem ser esperadas n'um futuro proximo.

E' o messianismo que, após a destruição de Jerusalem, sustenta o animo de todo o judaismo na Palestina e na dispersão.

"Da sua existencia nacional, o judaismo conservava, cada vez mais, só sua saudade nacional, o ardente desejo de tornar a ser uma nação e, visto que os desejos não têm limites, creou-se uma prophecia que os judeus seriam uma nação que dominará o mundo, uma nação que será chefiada por um Messias omnipotente" (7).

A expressão do messianismo assim comprehendido foi a razão do facto que uma sedição judaica rebentou não na Palestina, mas no Egypto, na Cyrenaica e na ilha de Chypre.

E' um traço muito caracteristico que os judeus ousaram dar desafogo a seu odio e organizar chacinas n'aquelles agrupamentos onde sentiam a sua superioridade physica sobre os autochtonos. Só na Cyrenaica, os judeus degolaram cerca de 220 mil pessoas; verdadeiras multidões foram por elles condemnadas á dilaceração por féras nas arenas. Da Cyrenaica atacaram o Egypto e conseguiram apoderar-se do paiz; a parte não judaica de Alexandria foi nivelada com o chão. Na ilha de Chypre, arrazaram Salamina, capital da ilha e massacraram cerca de 250 mil gregos, sendo que os prisioneiros foram esfolados vivos.

---

(6) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 27.

(7) KARL KAUTSKY: *A raça e o judaismo*, pag. 59.

Só depois de demorados preparativos, as tropas do imperador Trajano conseguiram dominar esse motim judaico (116 post Chr.). O successor de Trajano, Hadriano, procurou abrandar os judeus e seguiu uma politica philosemita; como recompensa do seu pacifismo, prepararam-lhe os judeus uma nova sedição, d'essa vez na Palestina.

Na frente d'essa nova sublevação (132 post Chr.), collocou-se o zelota Bar-Kochba, proclamado Messias pelo já nosso conhecido, o grande synhedrionista, rabbi ben-Akiba, que vaticinava a breve realisação do reino messianico. Foi sob seu patrocinio que começou a luta.

O historiador Dion Cassius calcula o numero dos judeus revoltados em 580.000. Os amotinados, tendo organizado anteriormente todo o movimento, até o minimo detalhe em grande segredo, atacaram as tropas romanas na Judéa, na época em que o imperador Hadriano, em signal da sua alliança com os judeus, concedeu-lhes a permissão de reconstruirem Jerusalem e mandou cunhar moedas representando a elle, imperador, ao lado de uma mulher, a Judéa, deante um altar em que sacrificavam conjunctamente, ao passo que creanças entregavam á imperatriz ramos de palmeira, como symbolo de paz.

Entretanto, foi justamente n'esses ramos symbolicos que estava occulto o dolo : eis que o ramo de palmeira, desde a época dos levantes dos Machabeus, era considerado em Israel symbolo do messianismo militante. E — coisa caracteristica — no seculo XVII reapparece o mesmo ramo, como symbolo de uma sociedade secreta que combate contra Roma... catholica !

Foram necessarios para Roma tres longos annos para dar cabo ao levantamento judaico, porém, logo depois, começaram por ordem de Hadriano repressões systematicas.

O governador da Judéa, Timeus Rufus, tinha tão bem aprofundado a organização de Israel que conhecia perfeitamente o seu ponto vulneravel. Foi auxiliado n'essa tarefa por Eliza ben-Abuia, membro do Synhedrion, que lhe

confiou a lista nominal dos membros d'essa organização superior.

O braço de Roma alcançou a todos os membros do Synhedrion, isto é, os que conheciam todos os segredos e mysterios. Parecia, portanto, que a doutrina de Israel estivesse morta. O rabbi ben-Akiba foi condemnado á morte pelo governador e "os contemporaneos choravam que, com elle, foram quebrados os braços do testamento e enterradas as fontes da sapiencia" (8).

O ultimo dos synhedristas, Iuda ben-Baba, conseguiu transmittir uma parte dos mysterios a sete discipulos de ben-Akiba e, d'esta forma, salvar os segredos de Israel para além das perseguições romanas, posto que, por falta de tempo, a iniciação não poude ser completa. Por isto mesmo, um dos iniciados, rabbi Meir, procurou Eliza ben-Abuia, o synhedrista que denunciara aos romanos os nomes dos membros do poder superior. E acontece que esse judeu chamado pelos seus patricios de "acher" (trahidor), não denuncía os novos iniciados, até fornece instrucções ao rabbi Meir.

Os sete iniciados organizam em Usha um novo Synhedrion cujo chefe é eleito o rabban Gamaliel, filho do patriarcha anterior, portanto, novamente um descendente de Hillel.

Entretanto, a imperfeita iniciação dos novos synhedristas ameaçou o judaismo de uma scissão : na Babylonia, fóra do poder romano, em Nahar-Pakod, apparece outro Synhedrion. Só depois de grandes esforços do patriarcha Gamaliel, foi dissolvido o Synhedrion babylonio, garantindo ao judaismo uma direcção uniforme.

Depois da morte de Gamaliel, succedeu-lhe no patriarchado seu filho, Iuda; foi este que conseguiu, afinal, arvorar o patriarchado em centro do judaismo de todo o

---

(8) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. IV, pag. 88.

mundo. Foi nos seus tempos que o Synhedrion, já em numero completo de 70 membros, mudou-se de Usha para Bet-Sheraim e, depois, para Sepforis.

Os dois novos levantes judaicos, nos tempos de Antonino Pio (161 post Chr.) e de Severo (201 post Chr.), não provocaram actos mais energicos de repressão contra o Synhedrion, apezar de terem sido apoiados pelos inimigos hereditarios de Roma, os parthos, sob cujo poder se achava a Babylonia.

Gamaliel, o filho mais velho de Iuda, succede-lhe na dignidade patriarchal, ao passo que o filho mais novo, Simão é revestido da dignidade de "chacam" no Synhedrion.

No governo do imperador Gallus, explode uma nova revolução judaica com propositos messianicos (352 post Chr.), que fica apagada em rios de sangue.

Ainda no imperio bysantino, estouram movimentos armados de caracter revolucionario e messianico. No começo do seculo VII, os judeus organizam um massacre da população não judia de Antiochia, ainda d'essa vez, com o apoio dos persas. Auxiliados pelas guerrilhas judaicas, os persas tomam de assalto Jerusalem (614), assassinam os christãos em toda a Palestina e destróem todas as egrejas. O imperador Heraclio, só depois de ter rechassado os persas, abafa essa revolta a mão armada.

O Synhedrion durou em Sepforis e, depois, em Tyberiade, até o anno 425 após Christo. Desde essa data, em vista da fixação em Bysancio de um governo christão, as superiores auctoridades judaicas evitam a luz do dia e mudam-se para a Babylonia.

A época das luctas de Israel contra o imperio romano, salientou-se na vida do judaismo pelo apparecimento do Talmud, chamado de Talmud palestino. Ainda durante a independencia da Judéa, a escola pharisaica difficultava o accesso aos livros sagrados restringindo-o por varias perseguições de ordem da chamada "pureza levita". Tantas ceremonias eram indispensaveis para evitar a impureza após o contacto com os livros sagrados que, até os

proprios Aronidas preferiam desistir de sua leitura para não comprometterem a sua "pureza".

Conforme já dissemos acima, os Phariseus dedicaram muitos esforços á ampliação da "halacha", isto é, da lei tradicional existente além da Thora.

A compilação e o agrupamento essencial das "halaches", bem como a justificação de seu poder obrigatorio — eis a "Mishna"; a explicação da Mishna encontra-se, por sua vez, na "Guemara".

São considerados auctores da Mishna palestina os rabbi's ben-Akiba, Meir e Iuda. Comtudo, não se deve suppôr que qualquer um d'elles tivesse escripto a sua obra; era prohibido o gravar por escripto a doutrina tradicional, portanto tambem as halachas e a Mishna, que foi seu producto, porquanto deviam ficar como propriedade exclusiva dos "doutos no Testamento".

Só tempos depois, a Mishna foi transcripta, em duas redacções differentes, na Palestina e na Babylonia, porém n'uma algaravia hebreo-araméa, com accrescimo de expressões gregas e latinas. Entretanto, o ensino continuou em viva voz, sem auxilio de livros.

Independentemente da Mishna, appareciam as "Agadas" ou instrucções politicas servidas sob a figura de narrações. Dos exercicios em Agadas, provem a Kabala (cabala).

"Ao passo que as "halachas" eram ensinadas publicamente em todas as escolas, a mystica era considerada coisa intima e secreta, portanto o mestre transmittia-a ao ouvido do seu discipulo predilecto. Emfim, a Cabala era tida por uma sciencia para a qual era indispensavel uma predisposição de animo especial, accessivel unicamente aos eleitos entre o povo" (9).

A origem de Cabala é attribuida ao rabbi ben-Akiba, patrono do levante judaico. Data dos seus tempos, tam-

---

(9) DR. MAJER BALABAN: *A historia e a litteratura judaicas*, vol. I, pag. 243.

bem, um escripto anonymo, "Hagada na Pesach", relatando uma reunião de rabbinos n'uma noite vesperal e o seu colloquio sobre o exodo dos Israelitas do Egypto. O thema, ao que parece, servia de capa á realidade politica d'aquella época.

"Os modernos historiadores judaicos consideram aquella reunião em Bnei-Brak, em casa de Akiba, como tendo sido a primeira conferencia revolucionaria, ante a explosão do levante nos tempos de Hadriano, assim tambem explicam todos os discursos e calculos contidos na Hagada, e que nos estão parecendo bastante enygmaticos, até ingenuos".

Pela cabala interessa-se tambem o rabbi Simão ben-Iochai a quem, com ou sem razão, é attribuida a auctoria do livro "Zohar", de caracter cabalistico-politico-messianico. Do livro "Zohar" provem e n'esse livro está haurindo a sua inspiração, até os nossos dias, a organização dos "pios" (chassidim). Os chassidistas polonezes commemoram festivamente, ainda hoje, o anniversario da morte de Simão ben-Iochai.

VIII

OS JUDEUS E A DESORGANIZAÇÃO DO IMPERIO ROMANO

No capítulo precedente foi descripto o desenvolvimento interno do judaismo, na época do imperio romano, após a destruição de Jerusalem. Foi demonstrado que o principal cuidado dos dirigentes judaicos, foi a solidificação da occulta solidariedade de Israel e o salvamento dos alicerces da sua organização, atravez as tempestades historicas. O seu odio contra o imperio romano os levou ao ponto de, muito rapidamente, tomarem seus desejos por realidades e organizarem explosões sangrentas que eram obrigados a pagar muito caro e durante muito tempo. Todavia, esse preço sangrento não lhes inspirava mêdo a ponto de desistirem das suas tentativas.

"Os acontecimentos no mundo romano a tal ponto preoccupava os animos dos reitores judaicos que, até durante o somno, não os deixavam em paz" (1).

A progressiva putrefacção do imperio romano, tinha de incitar os judeus para um adeantamento activo d'esse processo historico.

---

(1) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. IV, pag. 141.

Foram cegados pelo odio fanatico e não perceberam que demolindo o edificio do imperio, iam ser facilmente soterrados por seus escombros.

Para collaborar efficazmente na ruina do imperio, os judeus, a par da sua acção de solidificação e de isolamento de Israel, bem como da acção directamente conspiradora e revolucionaria, tiveram de tratar da outra, consistente na penetração na vida intima romana e no apagamento de differenças visiveis entre si de um lado e os gregos e romanos do outro, afim de apressar a quéda do inimigo, estimulando a sua decomposição.

Essa missão é executada pelos judeus hellenistas e por varios outros que se introduzem na côrte dos cezares e influenciam sobre a politica, judaizam a litteratura, desmoralizam os costumes, paralyzam a vida economica e financeira, incitam o descontentamento das massas populares, emfim, não raras vezes, servem de mola na organização de demonstrações e arruaças.

Logo após a destruição de Jerusalem, personifica essa politica o conhecido historiador judaico, José Flavio.

Durante o levante judaico nos tempos de Nero, aportou a Jerusalem vindo de Roma e, por ordem da junta revolucionaria, como Phariseu que era, assumiu o governo da Galiléa. Depois da conquista da Galiléa por Vespasiano, convence a este que nunca deixara de ser partidario dos romanos e consegue regressar a Roma. Ali, desempenha um papel importante na côrte imperial. O judeu Epafrodito, ex-secretario e intimo de Nero, que agrupava em seu torno os proselytos judaicos, já durante a estada anterior de José Flavio em Roma o cobria com a sua protecção; agora, esmagada a revolta, continúa em protegel-o. José Flavio escreve em Roma obras : "Das antiguidades judaicas", "Contra Apio", esta dirigida contra o conhecido chefe do movimento antisemita em Alexandria, emfim, a historia da insurreição judaica.

"Os seus ocios involuntarios no palacio dos cezares

flavianos, dedicou-os José á propaganda a favor do judaismo" (2).

José Flavio, pacifista, hospede imperial em Roma, protector dos prisioneiros judaicos na capital do mundo, sabia occultar com successo o seu segundo semblante : o de phariseu e de messianista convencido que os judeus hão de dominar o mundo.

Até que, afinal, ultrapassou os limites da prudencia. Conseguiu captar para o judaismo um parente dos imperadores Tito e Domiciano, certo Flavius Clemens. A um dos filhos d'esse Clemens, o imperador Domiciano concedeu o titulo de cezar promettendo-lhe que herdaria o thronoo imperial (3).

"A noticia que um parente do imperador, sobrinho do destructor do templo, sympathisava com a religião judaica, chegou até a Palestina e despertou as mais dôces esperanças nas rodas dos mestres do Testamento" (4).

Ao receber essa noticia, o proprio patriarcha Gamaliel, acompanhado de alguns dos dirigentes do Synhedrion, emprehendeu uma viagem a Roma.

O patriarcha e os seus companheiros queriam provavelmente apressar a inthronisação do filho de Clemens, porquanto não foi sem a sua participação que se organisou, então, uma conspiração contra o imperador.

"O absolutismo e o autoritarismo de Domiciano provocaram, brevemente, a organisação da opposição antidynastica que se compunha de varios elementos : da aristocracia senatorial que não perdoara ao imperador de ter pendido para o exclusivismo; dos philosophos que encontraram na sua vida privada material sufficiente para a critica; finalmente, dos judeus, muito numerosos em

---

(2) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 63.

(3) Vide ST. DEDIO: *Os judeus na côrte dos imperadores romanos.*

(4) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 64.

Roma, que não perdoaram á dynastia flaviana seu papel na guerra judaica" (5).

Temos, pois, deante de nós, uma conjuração historicamente comprovada, pretendendo revestir de purpura imperial um filho de Flavius Clemens, proselyto judaico. A essa conjuração de que faz parte o "pacifista" José Flavio, o judaismo attribúe tamanha importancia que o chefe do Synhedrion, o edoso patriarcha Gamaliel, não hesita em transpôr todo o Mediterraneo para, pessoalmente, dirigil-a.

Inesperadamente, todos os calculos mallograram, visto que Domiciano conseguiu descobrir tudo e condemnou á morte a Flavius Clemens e aos mais eminentes entre seus companheiros. Entre outros, perdeu a vida Epafrodito, esse protector de José e — ao que parece — o proprio José O patriarcha, de certo bem escondido por traz dos cabeças da conspiração, não chamou para a sua pessôa a attenção do imperador, entretanto as suas esperanças se desvaneceram por completo.

O successor de Domiciano, Nerva, iniciou, novamente, uma orientação philosemita : abrandou a arrecadação do imposto judaico (fiscus judaicus) e prohibiu as denuncias contra os que se recusavam a pagal-o. Para commemorar esse facto, mandou cunhar uma medalha com a imagem de uma palmeira que, para elle, era symbolo da paz e, para os judeus — segundo já sabemos — symbolo messianico da Judéa militante.

Depois do esmagamento dos motins judaicos na Cyrenaica, no Egypto e na ilha de Chypre, no governo de Trajano, o imperador Hadriano inicía uma politica favoravel aos judeus, concede-lhes a permissão para reconstruirem Jerusalem e, novamente, manda cunhar moedas com imagens de palmeiras; em compensação, é obrigado a abafar, durante annos consecutivos, a revolução em Pa-

---

(5) LÉON HOMO: *L'empire romain*, pag. 58.

lestina, que se servira do symbolo da palmeira, porém na sua significação real.

De qualquer modo, a lição não foi perdida, porque, desde então, a influencia dos judeus na côrte imperial desapparece para o periodo de varias dezenas de annos e revive, outra vez, só na época da crise catastrophal do imperio que preenche quasi todo o terceiro seculo apos Christo.

E' o seculo em que a desorganização do imperio alcançara seus alicerces. Em menos de cem annos, reinara cerca de vinte imperadores, sem se tomar em conta dezenas de usurpadores que se apoderavam do governo em diversas partes do imperio, de forma que, algumas vezes, houve seis, até nove imperadores ao mesmo tempo. Todas as fronteiras do imperio foram transpostas por hordas de barbaros, as provincias mais ricas foram devastadas. Essas calamidades foram acompanhadas por uma crise economica e financeira nunca vista e por uma completa corrupção dos costumes. Parecia que o imperio havia de ruir inevitavelmente, que não teria forças para se oppôr á migração dos povos.

Os judeus olhavam para a catastrophe com jubilo e viam nas hordas barbaras que devastavam o imperio, a realisação das predicções de seus prophetas.

"Nos Godos, n'essa primeira onda dos povos que se derramaram pelo imperio romano como uma enchente aniquiladora, esperavam encontrar os judeus a Gog do paiz de Magog prenunciado pelo propheta" (6).

Desde o inicio d'esse periodo, observamos em Israel uma actividade febril. Recompensando o auxilio que lhe foi prestado na lucta com Pescennius Niger, o imperador Septimus Severus restitúe aos judeus todos os privilegios que tinham perdido após o motim de Bar-Kochba. A resposta a esse philosemitismo é — conforme já se tornára

---

(6) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 168.

uma regra — uma revolução judaica a mão armada, organizada de accordo com o mais encarniçado inimigo de Roma, o rei partho Vologuez. O imperador, movendo ao mesmo tempo a guerra contra os parthos, é obrigado a dividir suas forças, para apagar o incendio judaico (201 post Christo).

Por occasião da maior anarchia militar, n'uma enchente de dictaduras militares usurpadoras, os judeus conseguem, até, apoderar-se indirectamente do leme do imperio romano.

"Após a morte do austero Severus, o imperio romano revestiu-se, durante quasi um quarto de seculo, de um caracter, póde-se dizer, syrio, muito proximo ao judaico. Dominavam Roma astutas mulheres syrias : Julia Domma (recte Martha), esposa de Severus e mãe do imperador Caracalla (211-217), sua irmã Julia Meza e duas filhas de Meza : Julia Soemia e Julia Mammea. Eram oriundas da cidade syria de Emeza, onde existia uma importante communa judaica. Existiam, tambem, em Emeza importantes proselytos... Essas syrias imperando ao mundo romano, sendo, por assim dizer, aparentadas com os judeus, partilhavam com elles o desprezo para com o altaneiro romanismo" (7).

Depois de ter sido assassinado Caracalla, foi imposto pela legião syria, para imperador, Eliagabal (Heliogabal), filho de Julia Soemia (218 p. Chr.)

"As proezas loucas de Eliagabal não eram destituidas de certa tendencia : a de depravar a alma romana" (8).

O successor de Heliogabal foi Alexander Severus, filho de Julia Mammea. Este concedeu aos judeus vastos privilegios e uma jurisdicção criminal autonoma. Mandou collocar na capella do palacio imperial uma estatua de

---

(7) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 114.

(8) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 114.

Abrahão e pretendia edificar em Roma um templo consagrado a Jehovah.

Esse periodo de governo dos dois imperadores semijudaicos derrubou sobre Roma toda qualidade de calamidades; segue-se-lhe a mais negra anarchia, deslocam-se todas as connexões do edificio do estado. Desde a morte de Alexander Severus, começa um prolongado periodo de disturbios militares (235-268). Os barbaros invadem as fronteiras por todos os lados, no interior, a população é assolada por uma catastrophe economica e financeira, sendo que o governo central passa continua e illegalmente de uma mão para outra. E sem duvida alguma, teria sôado a hora final do Estado romano, não fôsse a energia dos imperadores, ou, de facto, de usurpadores da dynastia illyrica; não pertenciam a uma familia só, mas eram ligados pela origem illyrica (dalmatina). Eram militares profissionaes e foi o exercito que os elevou ao throno. O merito d'elles consistia na salvação do imperio para mais dois seculos, n'um momento em que a situação parecia desesperada.

O que mais se destacou entre esses imperadores, Diocleciano, cujo palacio podemos admirar, até hoje, em Split, yugo-slavo (Spalato), dedicou os seus maiores cuidados á solidificação do Estado. Seus antecessores já tinham conseguido varrer dos barbaros as provincias; Diocleciano tomou sobre os hombros um encargo mais difficil : o de dar ao Estado a unificação de outróra.

Para os judeus, o imperador mostrou-se muito benevolo, "tanto mais benevolo, quanto mais odiova os christãos" (9).

O successor de Diocleciano, Constantino, foi o primeiro imperador que, antes da morte, abraçou o christianismo. No anno 313, baixou um decreto de tolerancia concernente aos christãos, mas abrangendo, tambem, os ju-

---

(9) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 114.

deus. Com o successor de Constantino, Juliano, o Apostata, os judeus readquiriram o seu prestigio na côrte, ao ponto de ter resolvido o imperador reconstruir o templo de Jerusalem, por proprio sumpto, e nomeou para intendente da reconstrucção o judeu Alipio de Antiochia. Os judeus, encorajados pela situação, soltaram as redeas aos seus sentimentos e reduziram ás cinzas na Judéa e nas provincias asiaticas, um grande numero de egrejas christãs.

A morte de Juliano pôz fim ás esperanças de Israel. Segue-se a época do christianismo em Constantinopla e em Roma. Não obstante, está reinando a tolerancia em relação aos judeus. Theodosio o Grande (379-395) confirma, n'um edicto especial, os direitos judaicos.

Nos tempos de Theodosio, consumma-se definitivamente a divisão do imperio romano em Imperio Romano Occidental, com a capital em Roma, e o Imperio Romano Oriental, com a capital em Constantinopla (Bysantium).

O primeiro imperador oriental, Arcadio (395-408), era conhecido pela sua benevolencia para com os judeus; seu omnipotente cortezão era Rufino, subornado pelos judeus.

"Rufino era avido e os judeus já tiveram tempo de conhecer o poder maravilhoso do ouro que amollece os corações de pedra" (10).

Não é sinão durante a evolução posterior do imperio oriental (bysantino), que a attitude dos judeus para com o christianismo lhes barra o caminho para a côrte imperial.

A codificação do direito romano pelo imperador Justiniano (527-565), já introduz no artigo 45 restricções contra os judeus, como seja a prohibição de servirem de testemunhas em processos movidos contra christãos, porquanto "os judeus não têm honra nem fé, vivem na tor-

---

(10) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 171.

peza da alma, assim como todos os seus haveres são sordidos".

Esta é a definição final dos judeus pelo direito romano. Em vista d'isto, será de admirar-se que este direito é objecto de odio secular de Israel ?

"Eis a maior differença entre o direito romano e o judaico : aquelle protege e mantem o que existe, revestindo-o da majestade de ordem legal; este conhece, desde a sua origem, a esperança de uma nova ordem de coisas" (11).

E', portanto, uma relação entre a evolução e a revolução, o odio dos incendiarios contra a ordem legal e é esta a ordem protegida pela lei, que Israel se propunha aniquilar, em nome de Jehovah-dominador.

O prestigio de que dispunham junto ao governo, não exgottou o trabalho roedor dos judeus. Não é preciso perder de vista que, como cidadãos romanos, participavam da autonomia das cidades do imperio e que a autonomia, mórmente nos primeiros seculos do imperio, era muito vasta. Não é sinão depois, que a participação da autonomia torna-se onerosa, visto que os imperadores impõem aos membros da administração municipal a responsabilidade financeira pessoal de sua actividade publica. Desde esse decreto, (seculo III, p. Chr.), os judeus abandonam espontaneamente seus cargos nas administrações municipaes, deixando essa honra aos romanos e gregos.

No terreno das finanças, os judeus, conforme já o sabemos, encarregavam-se, com muito bôa vontade, do arrendamento de impostos e contribuições. E' uma coisa digna de nota que dois levantes judaicos (nos reinados de Hadriano e de Antonino), coincidem, quanto á época, com as deliberações dos imperadores abolindo o arrendamento dos impostos.

---

(11) H. KOHN: *Die politische Idee des Judentums*, pag. 52.

No terreno da emissão de dinheiro, tinham os judeus um excellente campo de acção no periodo da devaluação do mesmo que durou desde o seculo III p. Chr., durante a anarchia militar e as invasões dos barbaros.

O dinheiro cunhado na casa da moeda em Roma e nas das cidades provinciaes, torna-se cada vez inferior em qualidade e, finalmente, perde o seu valor, o que dá margem a vasta especulação.

Salvou-se para a posteridade um interessante documento proveniente dos primeiros annos do seculo III, um decreto da administração municipal de Mylassa, pequena cidade sita na costa meridional da Asia Menor. Eis um fragmento d'esse decreto :

"O bem da cidade corre um grande risco, devido á degeneração e á acção criminosa de um reduzido numero de individuos que estão adquirindo e escondendo o dinheiro, ao ponto que a moeda meuda desappareceu da cidade. Quem e em tempo algum estabeleceu-se n'um paiz ou n'uma cidade cujos habitantes encontram difficuldade quando se querem fornecer de objectos indispensaveis á vida ? Eis que nós nos encontramos n'esta situação precaria, devido á falta de dinheiro meudo. Pela mesma razão, fica atrazada a arrecadação dos impostos para os nossos governantes, além de que são prejudicados os interesses do commando superior do exercito. Toda a cidade clama pedindo para ser afastado este mal".

Seguem-se resoluções e penalidades impostas aos culpados. O mais interessante é, comtudo, o additamento ao decreto votado pelo senado da cidade, accrescentado pelo proprio povo reunido n'um comicio :

"Si o dinheiro meudo é escondido, não temos de que viver e a cidade está perdida. Alguns criminosos estão causando uma confusão e guardando o dinheiro. Não se póde mais supportar isto" (12).

---

(12) LÉON HOMO: *L'empire romain*, pag. 343.

Na casa da moeda em Roma, no tempo do imperador Aureliano (270-275), são postos á luz do dia abusos inauditos : fica provado que o director da casa da moeda, Felicissimus (não será um Immergluck moderno ?), de commum accordo com os trabalhadores, falsificava o dinheiro, diminuindo em dez por cento o conteúdo do ouro.

O imperador Aureliano determina o fechamento da casa da moeda, mas, em resposta, estoura em Roma um motim armado dos moedeiros, sob o commando do mesmo Felicissimus. O imperador é obrigado a mandar tomar a casa da moeda de assalto.

O assambarcamento assumiu proporções incriveis no imperio; a prova disso está em numerosos decretos, principalmente no decreto de Diocleciano, do anno 301, em que é estabelecida uma tarifa de preços maximos bem como severas penalidades para os assambarcadores.

Esses decretos patenteam que a população estava ameaçada de fome, uma vez que os commerciantes guardavam os generos de primeira necessidade. Nas cidades arrebentavam arruaças que era preciso dispersar a mão armada. Em Antiochia, o maior agrupamento judaico nas provincias asiaticas, cerca do anno 350, cahe victima de semelhante arruaça o proprio governador imperial.

Seria impossivel hoje, sem aprofundados estudos especiaes, reproduzir minuciosamente a participação dos judeus na decomposição da civilisação e da vida economica no imperio, entretanto, o que já foi acima citado não póde deixar a menor duvida sobre essa participação que foi muito activa.

Tambem o senador romano, Rutilius Namatianus, que escrevia no seculo V p. Chr., devia ter tido algumas razões quando, depois da tomada de Roma pelas hordas de Alarico, attribuiu a quéda do imperio aos judeus dispersos por toda sua extensão. (13).

Não resta menor duvida que o senador Rutilius, na

---

(13) Vide SALOMON REINACH: *Orpheus*, pag. 224.

sua amargura, classificou o papel desempenhado pelos judeus com exagero, porquanto não seria difficil enumerar muitos outros factores que, todos juntos, prepararam a catastrophe do imperio. Nem por isso é menos certo que os judeus não deixaram escapar nenhuma opportunidade para apressar essa catastrophe e que os berros das hordas barbaras que devastavam as provincias romanas eram, para elles, a mais suave musica.

A consciencia d'esse papel, com relação á civilisação grego-romana, a tradição historica de Israel a conservou Partilha-á com os seus leitores judaicos, no jornal "Haint", redigido em giria dos judeus orientaes, o chefe dos sionistas polonezes, o rabbino Thon, no artigo intitulado "Para a historia da politica judaica".

"Seria insano o julgar que só em nossos dias nasceu a politica judaica e que os nossos antepassados não tivessem tido idéa sobre esta arte tão difficil. Não se sabe, então, que já nos tempos dos nossos doutos que dirigiam a politica judaica contra a horrenda Roma, um dos methodos de lucta era a manifestação popular e a instigação reciproca das diversas forças politicas dentro do paiz ? Incitando o monarcha contra o povo, a egreja contra o monarcha e vice-versa. Foi um systema de acção politica extraordinariamente intrincado e do qual, hoje em dia, até não podemos ter uma idéa bem clara". (14).

Roma enfraquecida na sua organização e no seu animo, cedeu ao impeto dos barbaros, entretanto... perdurou sob outra imagem e dura até os nossos dias. Foi o christianismo que sustentou e levou para a historia a sua civilisação e todo seu real producto intellectual. E, junto com esse producto dos seculos antigos, levou o odio da parte dos judeus. O odio contra a doutrina de Christo foi ainda sobrecarregado pelo odio contra Roma e estes dois odios juntos acabaram por envenenar a alma do judeu medieval.

---

(14) "HAINT" do dia 24 de Outubro de 1930.

IX

O CHRISTIANISMO E OS JUDEUS

O quadro representando a actividade dos judeus no Estado romano, não seria completo se omittirmos a sua attitude para com o christianismo recem-apparecido que se alastrava pelo mundo, de um modo muito rapido. Os autores judaicos dos tempos antigos procuram fazer crêr que não são os judeus que odeiam o christianismo, mas, pelo contrario, foram os christãos que os tratavam com má vontade injustificada, oneram-nos com a culpa da crucificação de Christo, com innumeras calumnias com respeito ao assassinato ritual, a desacatos a templos christãos, ao envenenamento dos poços, imputaram-lhes terem convidado os tartaros, etc.

Convem estudar esta questão de mais perto, á medida que nol-o permittem os materiaes accessiveis e as fontes historicas.

E' um facto indiscutivel que as primeiras perseguições do christianismo na Judéa, têm origem nas rodas judaicas. Basta mencionar a morte de martyr de S. Estevão, apedrejado de accordo com os costumes judaicos e, depois, a morte de S. Jacob, condemnado á morte pelo Synhedrion, no anno 62 da nossa éra.

A primeira perseguição dos christãos pelos romanos teve logar nos tempos de Nero, por instigação da sua mu-

lher, a proselyta judaica, Poppea Sabina, na época em que os judeus ainda eram bem vistos pelo imperador.

Já foi mencionado acima que, n'esse tempo, o Synhedrion de Iamnio lançara o anathema sobre os christãos, proclamando-os impuros.

Durante o levante judaico, nos tempos de Trajano, na Cyrenaica, no Egypto e na ilha de Chypre, na occasião em que os judeus massacraram meio milhão de gregos e de romanos, cahiram victimas das suas sevicias tambem as communas christãs. Com uma crueldade selvagem tratou os christão na Palestina o chefe da insurreição, o "messias" Bar-Kochba.

"Só os christãos de origem judaica, moradores da Judéa, tratou Bar-Kochba com crueldade, visto que contra elles nutriam os seus patricios uma animosidade talvez maior que contra os proprios romanos" (1).

Convem perguntar, quaes foram as razões que inspiraram aos judeus esse odio contra os christãos que, por sua vez, usavam de uma attitude cheia de respeito para com elles e, até, para com a sua doutrina.

Israel d'aquella época respirava um odio politico contra o Estado romano e, n'essa data, utilisava-se de duas armas differentes. Antes de mais nada, procurava encerrar e isolar completamente o seu povo nos circulos das sociedades secretas que, por sua vez, viviam com a esperança revolucionaria de que havia de apparecer o messias, chefe terrestre e levaria os judeus á victoria que terminaria com o seu dominio sobre os demais povos. Independentemente d'essa acção, os dirigentes do judaismo faziam esforços para conseguir penetrar ao fundo da alma grego-romana, utilisando-se para isso de uma propaganda haurida em falsificados, como tambem de congregação em seu redor do proletariado não judaico, dos assim chamados "indigentes" (ebionim). Póde-se com-

(1) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV pag. 43.

prehender com facilidade que esse proletariado alimentado com a esperança de revolução messianica que ia ser, ao mesmo tempo, uma revolução social, estava tão fanatisado pelas idéas insufladas pelo messianismo, como o sóe ser actualmente o proletariado alimentado por maximas de revolução communista.

N'esse entretanto, os apostolos da doutrina de Christo dirigiam-se, em primeiro logar, tambem a esses indigentes e, entre elles, desde o primeiro seculo do christianismo, encontramos uma verdadeira multidão que abandona as fileiras do judaismo a favor da nova doutrina.

O christianismo tambem predicava o messianismo, mas quão differente do messianismo de Israel ! Christo, como Messias, tambem annunciava o reino de Deus, mas um reino que não era d'este mundo; um reino não só de Israel, mas um reino de que participariam todos os que o mereceriam, sem distincção de origem.

Procuremos, agora, comprehender a situação dos dirigentes do Synhedrion: apparece um novo movimento espiritual, uma nova religião que lhe tira os proselytos e enthusiasma as massas do proletariado não judaico, em que baseavam as suas esperanças de revolução no estado romano. Além d'isso, a nova religião annuncia a essas massas um reino que não é d'este mundo, um paraizo que não é terrestre, portanto está pacificando e apagando entre essas massas o enthusiasmo revolucionario em referencia á realidade terrestre e arranca das mãos dos dirigentes do Synhedrion a sua arma ameaçadora. Logo, é necessario aniquilar essa doutrina, emquanto ainda é tempo.

Entretanto, as forças judaicas mostram-se insufficientes... onde poder-se-á encontrar alliados? O melhor será procural-os no campo inimigo, na propria Roma imperial e pagã. Os christãos não querem curvar-se perante os idolos pagãos nem perante os imperadores, ao passo que os judeus sempre são dispostos a ostentar todas as apparencias, conforme já o fizeram tantas vezes anteriormente. E' necessario, pois, aproveitar-se, o mais breve possivel,

d'essa intransigencia dos christãos e fazer vel-a aos romanos. A perseguição dos christãos no tempo de Nero, a constancia heroica dos martyres convenceram os romanos que as prevenções dos judeus não estavam destituidas de base. Agora, é preciso ainda confirmar Roma na convicção que o christianismo é uma seita judaica, porém a mais radical, a mais revolucionaria e a mais perigosa. Com effeito, olhae, oh romanos! na reunião do Synhedrion, o rabbi Ismael ensina que "para salvar a vida, é licito transgredir todos os preceitos do judaismo, evidentemente só na apparencia e cedendo á força" (2).

Comtudo, o Synhedrion prescreve evitar-se o paganismo. Assim é que "commovem até as lagrimas esses pequenos ardis e pias evasivas de que os judeus lançavam mão para evitar a morte e não sobrecarregar a consciencia (3).

N'este entretanto, os christãos preferem morrer do que prestar uma homenagem mentirosa ao imperador e ás divindades pagãs.

Os romanos deram credito aos judeus e as primeiras perseguições dos christãos pelos imperadores romanos tiveram por fim o exterminio da seita judaica mais revolucionaria. Depois da conhecida conspiração judaica contra Dominiciano, cahiram victima da ira imperial, tambem os christãos.

Foi o odio dos judeus contra os christãos, manifestado durante o levante de Bar-Kochba, na Judéa, que, em parte, abriu os olhos dos romanos sobre a mystificação judaica. Após a suppressão do levante, o imperador Hadriano recebe das mãos dos chefes da Egreja, Quadratus e Aristides em Athenas, seus escriptos apologeticos que provavam não sêr em absoluto o christianismo uma seita judaica. Hadriano deixou-se convencer e mandou suspender

---

(2) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV pag. 84.

3) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV pag. 84.

a perseguição dos christãos, facto este de que se aproveitaram tambem os judeus, de accordo com os preceitos estabelecidos pelo Synhedrion.

"Logo que os christãos acharam graça nos olhos do imperador, tambem os judeus adheriam a elles afim de conservarem ao menos um boccado da sua religião, uma vez que o culto do Testamento lhes foi prohibido" (4).

Desde então, cessaram as perseguições dos christãos para um longo periodo de tempo e reviveram só na segunda metade do seculo III.

Na época da terrivel crise do imperio, durante a continua anarchia militar, o imperador Decio, no anno 250, inicia o exterminio systematico dos christãos que dura, quasi sem interrupção, até o imperador Constantino.

Quaes são os incitantes d'essas crueis disposições?

O imperio romano está oscillando. Ameaçado de todos os lados pelas invasões dos barbaros, desorganizado interiormente pela anarchia militar, passando por uma arruinadora crise economico-financeira — está na beira do abysmo. De mais a mais, não se percebe uma base de civilisação e de moral em que se possa reconstruir o edificio. O governo dos imperadores semi-judaicos, Heliogabal e Alexander Severus, desmoralisou os costumes e espalhou por todo o imperio a influencia destructora do Oriente.

Os mais energicos imperadores da segunda metade do seculo III e, entre elles, o grande Diocleciano, querendo salvar Roma da anarchia, tencionavam amparar a vida do imperio por uma base commum idéo-religiosa. Até então, o imperio era orientado pelo syncretismo religioso, isto é, pela tolerancia absoluta e pelo reconhecimento de todos os deuses adorados pelos povos do imperio. Essa anarchia religiosa ameaçava Roma de um desmembramento definitivo.

---

(4) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 91.

O imperador Valeriano proclama o sol como unico deus do imperio romano e, no anno 257, baixa um edicto exterminador contra os christãos. O procedimento do imperador não deixa de sêr coherente: uma vez que deseja restituir a Roma a unidade religiosa e decide a favor de deus-sol, o christianismo, então, já organisado e poderoso, ameaçava, pela sua propria existencia, a idéa de unidade religiosa em que o imperador via, com razão, um penhor de renascença para o imperio. Entretanto, não se póde resistir á pergunta, porque decidiu elle e os seus successores a favor de deus-sol e não do christianismo, como de religião do estado, o que fez só o imperador Constantino, mais de meio seculo mais tarde.

Talvez seja esclarecida um pouco esta questão, pelo facto que os escriptores christãos contemporaneos, Origenes e Tertuliano, queixam-se amargamente nos seus escriptos os judeus calumniarem o christianismo perante os pagãos.

No tempo de Diocleciano, o rabbi Abbahu emprega "todos os recursos da sua eloquencia agadica para atacar a religião christã" (5).

E' a esta luz que podemos comprehender o acto de Constantino que tendo resolvido declarar-se do lado do christianismo, retirou aos judeus alguns privilegios, como o de poderem declinar de si o exercicio dos cargos para os quaes fôrem nomeados nas administrações autonomicas municipaes.

Julião o Apostata (361-363) torna a collocar-se ao lado dos judeus e persegue os christãos. Promette aos judeus reconstruir-lhes o templo por conta propria e concede-lhes plena liberdade para incendiarem as egrejas christãs nos paizes asiaticos. Foi elle o derradeiro perseguidor romano do christianismo que, desde então, desempenha o papel de religião do estado.

---

(5) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 145.

Não obstante este facto, os judeus no imperio bysantino approveitam-se de todas as opportunidades para soltar as redias ao seu odio contra os christãos. Logo que, por occasião da guerra com o imperio, o commandante persa, Sharbarza, entrou na Judéa, os judeus formaram bandos armados ao lado do invasor, entraram juntos com elle em Jerusalem (614), massacraram ali noventa mil christãos e, depois, reduziram á cinzas as egrejas em todas as cidades de que conseguiram apoderar-se (6).

Na sua ansia de aniquilar o christianismo, — lançaram mão de seu systema já experimentado — a par da sua acção directa e a par do açulamento dos romanos e dos gregos contra os christãos, não deixaram de applicar a sua arma predilecta que consistia em tentarem uma acção decomponente no seio do proprio christianismo. Esta acção lhes era facilitada pela attitude da Egreja que desejava fazer os judeus adherirem á doutrina de Christo.

Desde os tempos de Bar-Kochba, quando os judeus assassinavam os christãos na Palestina, encontravam-se entre estes trahidores que "ficaram firmes do lado dos seus patricios e denunciavam aos juizes judaicos os trahidores da propria seita" (7). Depois do suffocamento da rebellião, quando o imperador Hadriano prohibiu até a circumcisão e concedeu liberdade de culto aos christãos, novamente — conforme já mencionamos — um grande numero de judeus abraçou apparentemente o christianismo. Depois, esse processo de baptismo simulado, no começo da edade media, tomou um caracter geral nos estados que surgiram dos escombros do imperio romano occidental, onde, todas as vezes que subia ao throno um rei catholico, todos os judeus se baptisavam e, logo que a este succedia um rei ariano, todos os judeus voltavam nova-

---

(6) Vide CONDE COUDENHOVE-KAERGI: *Antisemitismus*, pagina 158.

(7) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 158.

mente ao juidaismo. Esta comedia era por muitas vezes repetida.

Comtudo, já nos primeiros seculos depois de Christo, houve indubitavelmente, certo numero de confessores simulados judaicos que, penetraram dentro do christianismo e, entre elles houve sem duvida, tambem individuos que ali penetraram com fins decomponentes, assim como varios José Flavios se introduziam nas côrtes imperiaes romanas.

Ha muitos indicios demonstrando que as seitas e as heresias dentro do christianismo primitivo tiveram a sua origem entre esses intruzos. Os historiadores da Egreja, munidos de sciencia linguistica e historica, provavelmente poderão, no futuro, nos fornecer muitos esclarecimentos a este respeito. A nós, nada nos resta sinão nos basearmos nas modestas informações de que dispômos.

Esforçar-nos-emos de demonstrar a influencia judaica sobre a origem de duas, talvez mais importantes seitas, isto é, das seitas gnosticas e das arianas. As nossas observações não poderão, naturalmente, fornecer uma imagem definitiva dos factos e, necessariamente, serão restringidas a detalhes que nos parecem, á primeira vista, mais importantes.

A sophistica gnostica baseava-se, no seu methodo, no methodo judaico allegorico, applicado pelos judeus de Alexandria que, por sua vez, provinha da escola de Philo Judeu, esse philosopho syncretista de que já tratamos nos capitulos precedentes. Os escriptores gnosticos utilisavam-se, muitas vezes, nos seus escriptos, da lingua hebraica.

"Os auctores d'essa litteratura, raras vezes appareciam sob seu proprio nome; as elocubrações da sua phantasia attribuiam, geralmente, a antigos historiadores judaicos" (8).

---

(8) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 40.

Assim foi que "não podiam sêr indifferentes para com o judaismo taes escriptores evangelicos, feitos, em parte, por judeus e para judeus" (9). Contacto com o gnosticismo teve, até, o celebre synhedrista, rabbi ben-Akiba, o chefe espiritual dos levantes judaicos.

Quanto ao arianismo, a sua these principal foi a negação a Christo de consubstancialidade com o Pae e reconhecia-lhe apénas a semilhança (homousios e homolusios); essa controversia era chamada de lucta por uma lettra só. A these ariana era a annullação da idéa de Trindade e uma volta na direcção do monotheismo, concebido judaisticamente e que se horrorisava ante o reconhecimento de divindade a Christo e, maxime, concordava com a attribuição de papel de propheta ou de messias, isto é, de um homem promulgando a vontade de Deus. Essas tentativas de fazer o christianismo resignar da divindade de Christo, tiveram logar ainda antes do apparecimento do arianismo.

Na "Historia Ecclesiastica" de Eusebio, no Livro V, capitulo 28, encontramos o seguinte: Theodotus Coriarius (curtidor) foi o primeiro pae e inventor da heresia negando á Christo a divindade e affirmando que Christo era um homem commum (nudum hominem), devido a que foi excluido da Egreja pelo papa Victor... Houve, tambem, certo homem, chamado Natalius, que foi levado á tal comprehensão erronea por Asclepiodoto e um outro, Theodoto, chamado Argentarius (banqueiro)" (10).

Não é difficil adivinhar, de que origem era o christão que, n'aquella época, podia se dedicar á profissão bancaria.

A mesma doutrina é, depois, pregada pelos adopcianos, predecessores immediatos dos arianos. E' coisa digna de nota que os adopcianos revivem, outra vez, já como

---

(9) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 40.

(10) IGNACY RADLINSKI: *Jehova;* pag. 25.

seita organizada, no seculo VIII na Espanha, portanto, na época da maior judaisação da peninsula iberica (11).

O proprio Ario, sacerdote de Alexandria, causador da scisão na Egreja, era oriundo da Cyrenaica, logo, de um paiz cuja população judaica estava n'uma superioridade numerica esmagadora. Epiphanio, escriptor schismatico do seculo XVII, assim descreve Ario: "Ario teve todas as qualidades de uma serpente perigosa e o exterior tão insinuante que, mercê a seu semblante, induzia com facilidade em erro os simplorios e os credulos".

A scissão provocada pelo arianismo abalou a Egreja profundamente, não menos que a reformação, um millenio mais tarde. Durante seculos inteiros travavam-se luctas armadas pela religião, nas quaes os arianos invadiam egrejas, arrancando quadros e imagens. N'esse iconoclasmo transparece, novamente, a visivel influencia do judaismo que prohibe — conforme é notorio — a representação plastica de Jehovah e de homens. Foi por isto, que os estandartes com as imagens dos imperadores romanos, constituiam uma offensa ás crenças religiosas judaicas e que as gentis cohortes romanas, afim de não irritar com essas imagens a população judaica, geralmente procuravam não entrar dentro da Judéa.

Foi ao arianismo que coube um triste papel politico no desmoronamento do imperio romano. Eis que Roma de Constantino, na procura de salvação da unidade religiosa, resolve amparar-se no christianismo. O christianismo que ia augmentar as forças do estado na lucta desesperada contra as invasões dos barbaros, contra a chamada migração dos povos, foi então mesmo que umas desconhecidas forças tenebrosas rasgaram a unidade do christianismo.

O imperador Constantino percebia perfeitamente a importancia d'esse perigo quando tomou parte, pessoal-

---

(11) Vide Prof. T. ZIELINSKI: *O hellenismo e o judaismo*, vol. I, pag. 121.

mente, no Concilio de Nicéa que devia decidir a disputa (anno 325). Dirigiu, até, uma carta a ambas as partes em que escrevia: "Restitui-me os dias calmos e as noites livres de agitação... Emquanto o povo de Deus permanecer desunido por uma lucta inutil e perniciosa, eu não poderei ficar socegado".

O concilio condemnou a doutrina de Ario, mas este não se entregou e organisou uma heresia poderosa. O proprio Constantino oscillava para os dois lados e, apezar de têr protegido no começo os christãos orthodoxos, nos derradeiros annos da sua vida, passou para o lado dos arianos.

Entre os seus successores, uns conservavam-se fieis á Egreja, outros eram arianos. Os povos barbaros, principalmente os que se estabeleciam nos territorios do imperio, como os Godos, os Vandalos, adheriam ao arianismo.

O imperador Theodosio o Grande collocou-se ao lado da Egreja, mas nem elle conseguiu extinguir o arianismo.

"Podia-se esperar que o triumpho do christianismo resultaria em estabilisação da unidade moral e religiosa do imperio. A origem e o successo extraordinario que teve a heresia ariana, fizeram desapparecer essa esperança" (12).

O christianismo e o imperio romano, ambos odeados pelos judeus, receberam, de uma só vez, um golpe poderoso. Tambem, em qualquer parte que fôrmos observar o dominio dos arianos, sempre os encontraremos como amigos incondicionaes dos judeus.

O arianismo perdurou até o seculo VI depois de Christo.

---

(12) LÉON HOMO: *L'empire romain*, pag. 129.

X

BABYLONIA E O TALMUD BABYLONICO

A desorganisação do imperio romano que durou alguns seculos e a que os judeus tanto contribuiram, repercutiu de uma forma catastrophal n'elles mesmo. A disseminação dos judeus já tinha alcançado a totalidade dos territorios do imperio, de maneira que as invasões das hordas barbaras os punha, tambem, em perigo. A crise economica e a confusão na situação interior cortaram, tambem aos judeus, os meios de existencia e causaram a proletarisação de numerosas massas judaicas. Emfim, os povos nomades, simples e barbaros, não apreciavam com uma bonhomia civilisada as artimanhas judaicas, como o faziam, muitas vezes, os romanos e os gregos.

Para a sua felicidade, o judaismo conservou um oasis que não fôra tangido pelos abalos historicos, onde poude occultar-se e ficar esperando que a tempestade passasse. Esse oasis foi o reino dos parthos ou, para dizer melhor, uma parte d'esse reino, a Babylonia, territorio comprehendido entre os rios Tigre e Euphrates.

Os judeus, conforme sabemos, estabeleceram-se n'essas paragens desde o seculo VIII antes do nascimento de Christo. Depois da conquista da Palestina por Nabukhadnezar, uma multidão de judeus foi levada para a Babylo-

nia e a maioria ali permaneceu definitivamente, sem se apressar em regressar á patria. Esses judeus, desde então, sempre exerciam grande preponderancia sobre os judeus palestinos, no sentido hostil com respeito ás civilisações grega e romana. Foi ali que appareceu a orientação de isolamento do Testamento.

Na época do imperio romano, Babylonia possuia uma incontestavel maioria judaica, ao ponto de sêr chamada "pais de Israel". Era dos judeus babylonios que partia sempre a incitação para guerras perennes entre os parthos e os romanos. Capital da Babylonia era Nahardéa chamada de Jerusalem babylonia; além d'esta cidade, duas ainda, Pumbadita e Sura, tornaram-se importantes na vida do judaismo.

No reino dos parthos, os judeus formaram uma organisação de estado dentro do estado. Gozavam de uma autonomia completa na cuja chefia estava collocado um exilarcha (principe no exilio). A lista dos successivos exilarchas continúa, quasi sem interrupção, até o seculo XI depois de Christo.

"Babylonia tornou-se virtualmente um estado judaico cuja constituição era a Mishna e cujos representantes eram o principe no exilio e os dirigentes das reuniões doutrinarias" (1).

Quanto era maior o chaos que assolava o imperio romano, tanto mais esplendida era a florescencia das doutrinas judaisticas na Babylonia. A direcção politica do judaismo mundial permanecia, por emquanto, na Judéa onde funccionava o Synhedrion, porém, depois do insuccesso do levante de Bar-Kochba, Babylonia já faz esforços para assumir a chefia. Por essa vez, o Synhedrion concurrente estabelecido na Babylonia, fica dissolvido, devido ás explicações dos synhedristas palestinos, entretanto os proprios acontecimentos dentro do imperio romano,

(1) H. GRAETZ: loc. cit. vol. IV, pag. 135.

cada vez mais favorecem a deslocação da vida espiritual do judaismo, para a Babylonia.

Durante o periodo da anarchia militar no seculo III após Christo, os doutos judaicos e, atraz d'elles, numerosos emigrados procuram o reino dos parthos, porquanto "si a existencia do judaismo dependesse unicamente do destino da terra natal, n'este caso, de accordo com as previsões humanas, esperava-o, nas condições de então, o desapparecimento inevitavel da superficie da terra" (2). Assim foi que "prevendo que o tronco da nação não conseguiria salvar-se sob o sceptro dos opressores romanos, tornou-se indispensavel a conservação, na Babylonia, dos remanentes dos exilados" (3). São, pois, fundadas duas "escolas de doutrina" judaistica, academias talmudicas, em Sura e em Pumbadita. Na sua frente são collocados "gaón's" que, depois do exilarcha, são os maiores dignitarios em Israel. E' n'essas escolas que apparece o Talmud babylonio que, na edade media, substitúe o palestino e torna-se a espinha dorsal do judaismo disperso. O ponto final no Talmud babylonio foi posto cerca do anno 500 depois de Christo.

Comtudo, não se deve julgar que o Talmud tivesse sido escripto n'essa época. Era, então, prohibido o gravar por escripto a Mishna e seus commentarios (Guemara); era uma doutrina secreta, no sentido exacto da palavra, que era transmittida, só verbalmente, pelos iniciados.

"A fixação da tradição verbal por escripta, como materialisação de elementos espirituaes, sempre foi considerada peccado" (4).

"Restava, pois, a Israel, de accordo com o ponto de vista de então, unicamente o ensino verbal, como traço

---

(2) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 119.

(3) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 120.

(4) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 181.

caracteristico. Esta idéa revestida de um manto poetico, repete-se seguidamente: "Moysés tencionava, tambem, gravar por escripta a Mishna, a doutrina verbal. Entretanto, prevendo que os povos apoderar-se-ão da Thora em traducção grega e affirmariam: "Sómos Israel, sómos filhos de Deus", emquanto a nação judaica diz: "Nós somos filhos de Deus" — Jehova deu um signal especial: "Quem possúe o meu mysterio, é meu filho". E este mysterio é a Mishna e o ensino verbal do Testamento" (5).

A mesma coisa em bom vernaculo significa: os livros sagrados correm o risco de apparecerem no exterior e tornarem-se accessiveis a outros povos que poderiam allegar direitos a Jehovah e a seu reino terrestre. E' necessario, pois, guardar só para Israel os seus mysterios, esta chave da sua alliança com Jehovah. Em consequencia... o Talmud — um mysterio.

O judaismo babylonio fortemente organizado, tornava-se independente da Palestina. Já no fim do seculo III, o rabbi Huna faz valer a divisa: "Consideramo-nos na Babylonia, como na Terra Santa".

No anno 425 desapparece o Synhedrion na Judéa e Babylonia torna-se o centro espiritual do judaismo mundial. E' verdade que faltam indicações precisas sobre o funccionamento do Synhedrion na Babylonia, entretanto, n'essa mesma época, o rabbi Ashi de Nahardéa recebe o titulo de rabban o que significa "nosso mestre", titulo este que competia ao presidente de tribunal do Synhedrion.

A Babylonia permanece, desde então, durante alguns seculos, o centro director do judaismo, até que as ondas do mahometanismo o arrastam atraz de si para a Espanha.

Roma ficou desmembrada como imperio, porém o christianismo levou-a, como seu symbolo, para os annaes posteriores da humanidade, ao passo que o judaismo —

---

(5) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 181.

em grande parte causador da catastrophe — foi obrigado a transferir os mysterios da sua alliança com Jehovah, para o interior da Asia.

Porquanto "foram necessarios oito seculos de successos continuos e de disciplina, para construir este immenso edificio que não póde sêr destruido sem, ao mesmo tempo, arrastar aquelles que lhe roerem os alicerces" (6).

(6) TACITUS: *Historiae*, IV 74.

XI

O NASCIMENTO DO ISLÃO

A queda do imperio romano empurrou os centros espirituaes do judaismo das margens do Mediterraneo para o longinquo Oriente asiatico. No imperio bysantino, bem como nos estados oriundos do antigo Imperio Romano Occidental, os judeus foram despojados da participação na vida politica e, frequentemente, preferiam baptisar-se em massas, para, em occasião opportuna, voltar ao Testamento.

A enorme quantidade de judeus espalhados nos tempos romanos, até a Gallia Spetentrional e a Germania, vivia quasi isolada dos agrupamentos directores de Israel na Babylonia. Nada, pois, de extranhar que o judaismo estivesse disposto a aproveitar toda occasião que se lhe apresentava para reconstruir o seu prestigio nos paizes do Mediterraneo e n'aquella parte da Europa a que tinha chegado o christianismo.

Nas condições então existentes, o caminho parecia sêr cortado. Nas ondas das invasões persas podia-se alcançar, quando muito, Jerusalem e as costas da Asia Menor e, isso mesmo, para um curto espaço de tempo. O agrupamento babylonio estava demasiadamente distante, penetrou demais no fundo da Asia, para poder accionar efficazmente sobre os destinos dos judeus na Europa e

na Africa Spetentrional e, ainda menos, podia oppôr-se ao christianismo execrado.

A opportunidade appareceu, afinal, e o juídaismo soube approveital-a com verdadeira arte. De terreno para a grande experiencia historica, serviu a peninsula arabica.

As relações dos judeus com os arabes vinham de longe, para o que basta mencionar o poder judaico sobre estes no Egypto. A propria peninsula arabica já estava povoada por judeus, de modo que os membros da união secreta dos zelotas que, após a destruição de Jerusalem por Tito, se refugiaram na Arabia, ahi encontraram numerosos grupos de correligionarios.

Os judeus d'ali, não raras vezes foram chefes de tribus arabes, dedicavam-se, por intermedio dos judeus persas, ao commercio com a Persia e ao banditismo.

Em vista de sua superioridade cultural, exerciam grande preponderancia sobre a vida e as crenças dos arabes; o principal centro de que o judaismo irradiava sobre a população da peninsula, tornou-se Iathribu (Medina). "Os judeus insistiam muito em que os arabes os considerassem e reconhecessem como nação aparentada" (1). Convenceram-nos, pois, que eram descendentes de antepassados communs. "Os arabes, por sua vez, satisfeitos por vêrem d'esse modo alargados os estreitos quadros de suas recordações historicas, ao terem a gloria de poder contar entre os seus ascendentes os patriarchas judaicos, acceitaram sob fé de palavra esses argumentos" (2).

Graças a meios acima, os judeus conseguiram obtêr toda a liberdade na peninsula bem como um numero consideravel de proselytos do judaismo, entre os quaes não faltavam até cheik's. "Um acontecimento, porém, marcando época foi a conversão ao judaismo do poderoso rei Yemen" (3).

---

(1) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 221.

(2) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 222.

(3) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 222.

A noticia d'esses successos do judaismo chegou, indubitavelmente, aos ouvidos da corporação directorial na Babylonia, visto que as relações commerciaes entre os dois paizes estavam bastante animadas. Sem duvida, não foi sem a annuição da Babylonia que os judeus arabes resolveram aproveitar-se da dynastia judaica na sua lucta contra Bysancio christão. O successor do rei proselyto (Abu Kariba) Zorah Dhu-Novas (520-530) judaisou-se ao ponto que adoptou no thorono o nome judaico de Iusuf (José) e, em vista d'isso, prestava-se perfeitamente para uma acção aggressora, a favor dos ardentes desejos judaicos. Começou por um massacre dos commerciantes christãos e continuou por massacres de christãos em geral, onde só os poude alcançar. Em defeza dos christãos ergueu-se o rei ethiope, Elesbaa, christão fervoroso, e fez passar suas tropas atravez do Mar Vermelho, com o auxilio da frota bysantina. Seu exercito victorioso poz fim ao estado judaico na Arabia. Como resultado d'essa politica judaica de aventuras, vieram massacres de judeus effectuados pela propria população arabe que se vingava dos causadores da invasão do paiz.

Não foi sinão no fim do seculo VI que os judeus conseguiram refazer-se dos golpes que soffreram; principalmente em Iathribu (Medina) chegaram a recuperar o prestigio antigo.

O judaismo conseguiu não só captar a seu favor algumas tribus arabes e enchertar-lhes algumas instituições indispensaveis, como tambem despertar entre os filhos do deserto o fundador de uma nova religião cuja acção abrangeu vastos circulos na historia universal e, até os nossos dias, transparece nos seus effeitos. Mahomet, "o propheta de Mecca e Iathribu, comquanto não tivesse sahido do seio do judaismo, mas, seja como fôr, foi seu alumno. Foi do judaismo que hauriu os estimulos para crear uma nova religião na base do estatismo que, sob o nome de Islão (Islam), repercutiu reciprocamente com muita força sobre

a formação da historia judaica e sobre a evolução do judaismo" (4).

Mestre de Mahomet foi, segundo a tradição, Varaba Ibn Naufal de Mecca que tinha adherido ao judaismo.

"Os primeiros estudos de Mahomet... tinham um colorido essencialmente judaico" (5).

Por algum tempo, Mahomet teve até um secretario judaico que substituia o propheta na arte de escrever que este não possuia. Tendo encontrado opposição em Mecca, Mahomet foge para o centro de judaismo arabico, Iathribu (Medina), no anno 622. Por esta data começa a contagem da nova éra no calendario mahometano.

Em pouco tempo, Mahomet sacudiu a independencia immediata dos judeus e, até, virou contra elles. Publica uma Sura (edicto) contra elles, a chamada Sura da Vacca, em que os accusa de terem rompido a alliança com Jehovah. Desde então, determina que os fieis, ao fazerem suas preces, voltem os semblantes na direcção de Mecca e não, como foi antes, na de Jerusalem. Obrigou os judeus mais obstinados a abandonarem o paiz.

De nada serviram as tentativas dos judeus para se desembaraçarem do propheta revoltado, por meio de veneno e de outro ardil qualquer. Nem surtiu effeito a incitação de algumas tribus arabes a uma expedição contra Medina. Em resultado, os arabes retrahiram-se dos judeus e Mahomet organizou um massacre entre elles.

A unica coisa que os judeus conseguiram, foi, de accordo com o seu systema, o fornecimento a Mahomet de tres concubinas consecutivas, naturalmente judias: Richana, Safia e Zainaba. A ultima commetteu um attentado contra o propheta: Mahomet provou um pedaço de coxa de camello, preparado e envenenado por ella, mas,

---

(4) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 227.

(5) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 228.

logo, o cuspiu fóra. Apezar d'isto, nunca, até a sua morte, recuperou a perfeita saude.

Foi provavelmente a já nossa conhecida união secreta dos zelotas que dirigiu os primeiros passos do islão, porquanto depois do massacre dos judeus ordenado por Mahomet, um dos mais proeminentes entre elles feito prisioneiro, Zabir Ibn-Bata, quando condemnado á decapitação, "offereceu o pescoço com uma coragem, digna de Zelota" (6).

Assim foi que Mahomet desvencilhou-se da tutela dos judeus e armou milhares de homens com o espirito fanatico da nova religião.

A empreza judaica, apezar de não se têr tornado aquillo que pretendiam os seus organizadores, trouxe a Israel, em seu resultado, lucros immensos.

A intenção dos dirigentes do judaismo foi, sem duvida, explorar o terreno da Arabia, preparado a seculos com antecedencia, para alliciarem numerosos grupos de proselytos que, com espada na mão, se atirassem contra os paizes christãos servindo de vanguarda ao judaismo.

E' certo que mallograra completamente a primeira e a essencial parte do programma; o islão conservou a sua independencia organizadora dos dirigentes hebreus, comtudo ficou embebido da exclusividade judaica com respeito aos extranhos e do odio contra o christianismo. Estes dois factores foram sufficientes para que as hordas do islão se arremessassem contra os paizes christãos e que deixassem aos judeus a colheita dos fructos das suas victorias. Desde então, o destino dos judeus, apezar de multiplas rixas com os confessores de Allah, foi durante varios seculos estreitamente ligado ao destino d'estes. Mercê ao islão, os judeus lograram fazer desapparecer os effeitos dos desastres que foram o resultado da destruição leviana do imperio romano e, outra vez, invadir a Europa.

---

(6) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 235.

Os judeus, dispersos por toda parte, facilitavam, pela trahição, as manobras das tropas mussulmanas. Brevemente, devido á trahição, cahiram nas mãos dos arabes Cezaréa (na Palestina) e Jerusalem (636). Com o consentimento dos judeus, tambem a Babylonia passou sob o dominio dos califas arabes; não é isto de extranhar, porquanto a direcção geral não devia ficar separada do terreno de tão importantes acontecimentos.

Pouco depois, cahe em poder dos arabes o Egypto e, logo, toda a Africa Septentrional.

"As relações entre os judeus e os mussulmanos arranjaram-se, em muitos paizes, da melhor forma possivel bem como em nenhum paiz mahometano foram conhecidas systematicas perseguições religiosas ou conversões forçadas. Desde o segundo califa, Ali, os judeus persas desempenharam um papel importante; cerca de 90 mil judeus prestaram homenagem a esse monarcha e, com esse acto, decidiram a seu favor a disputa pela successão ao propheta" (7).

Sentindo-se tão bem sob o dominio dos califas, os judeus da Africa Septentrional já tinham opportunidade de olhar com cobiça para a costa européa do Mediterraneo onde o christianismo ganhava, cada vez mais, terreno, ao passo que os numerosos agrupamentos judaicos eram, geralmente, desprovidos de prestigio politico. Suas vistas eram especialmente attrahidas pela Espanha dos Visigodos, separada das terras africanas dos califas por um estreito apertado apénas.

Os reis dos visigodos espanhoes oscillavam seguidamente entre o catholicismo e o arianismo. "Os judeus viviam socegadamente sob o sceptro dos reis arianos, gozando de plena liberdade civil e politica e, até, desempenhando diversos cargos publicos" (8).

---

(7) Dr. MAJER BALABAN: *A historia e a litteratura judaicas*, vol. II, pag. 22.

(8) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. IV, pag. 213.

O rei catholico Sisebut baixou em 612 uma ordem que mandava os judeus se retirarem do paiz, porém fez uma excepção para os que adherirem ao christianismo. Uma grande parte de judeus baptisou-se ás pressas, outra parte emigrou para a França e para a Africa. Entretanto, já o successor de Sisibut, Svintila, chamado pelos judeus de "pae da patria", (621-631) concedeu aos emigrados a licença para regressarem; aproveitaram a occasião os baptisados para, em massa, voltarem ao judaismo.

Comtudo, brevemente foi applicado com respeito aos judeus que abandonaram o catholicismo, o rigor que, tanto a elles como aos seus descendentes, foi prohibido servirem de testimunhas nos tribunaes, "porquanto quem não ficou fiel a Deus, não merece fé entre os homens".

Durante o reinado dos monarchas subsequentes, a desconfiança contra os judeus crescia cada vez mais, de forma que, novamente, começaram a baptisar-se em massas. No tempo do rei Hindasvind (642-652), os judeus passaram-se, mais uma vez, em massas para o judaismo. E assim foi que essa procissão dos filhos de Israel do judaismo ao catholicismo e vice-versa, estava intimamente ligada á constellação politica, como si, desde então, quizessem fazer vencer a divisa do seculo XVI e que inventaram os principes allemães: "cuius regio, eius religio".

Essa simulada adhesão ao catholicismo, despertara a attenção dos reis e dos concelhos; foram postas em pratica diversas disposições para proteger a Egreja contra judeus secretos ou, como eram chamados n'aquella época, "christãos judaisantes". As restricções dos direitos judaicos n'essa época eram justificadas pela desconfiança para com o procedimento de Israel.

Entrementes chegara o momento em que os judeus ficaram livres de usarem mascaras.

"Entraram em accordo com os seus felizes irmãos africanos tencionando, provavelmente com o auxilio dos mahometanos que continuavam progredindo e dos des-

contentes magnatas locaes, derribar o estado dos visigodos (694)" (9).

O conluio foi, d'essa vez, descoberto e os culpados soffreram a pena merecida.

Entretanto, poucos annos depois (710), "os judeus que, em diversas épocas emigraram da Espanha e os seus infelizes correligionarios na peninsula, alliaram-se ao conquistador mussulmano, Tarik, que passou da Africa para a Andaluzia suas tropas, ardentes de desejo de luctar" (10).

A batalha em Xeres de la Frontera (711) decidiu dos destinos do christianismo na peninsula iberica. Depois d'essa victoria, "os arabes victoriosos invadiram o interior do paiz, auxiliados em toda parte pelos judeus" (11).

As portas da capital do paiz, Toledo, foram traiçoeiramente abertas ao inimigo pelos judeus (712) que fizeram um massacre entre os christãos. A onda mussulmana derramou-se por toda a peninsula e invadiu a França. Ali, foram ainda os judeus que entregaram aos arabes a cidade de Tolosa (Toulouse). Emfim, a derrota dos arabes em Tours et Poitiers salvou o christianismo.

A solidificação do dominio arabe na Espanha facilitou ao judaismo a sua fixação definitiva ás portas do christianismo execrado. Segue-se para os judeus um periodo de verdadeira florescencia, da sua preponderancia intellectual e politica. Está amadurecendo o estado das coisas em que a direcção mundial do judaismo póde resolver a sua transferencia da Babylonia para a Espanha.

Até então, a Babylonia ainda tinha a primazia e os judeus dispersos por todo o mundo, viam no principe em

---

(9) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 16.

(10) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 16.

(11) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 17.

exilio, logo que chegava a elles a noticia obscura sobre sua existencia, o successor do sceptro de David" (12).

Entretanto, o islão no Oriente, mais unido sob o ponto de vista estadoal, era muito menos tolerante para com os judeus que o islão occidental, fraccionado em pequenos califados. De mais a mais, ameaçaram inesperadamente os judeus as primeiras cruzadas que podiam isolar a Babylonia dos demais paizes da diaspora.

"Já no anno de 1096, chegaram á Palestina noticias sobre a approximação dos cruzados e sobre seu cruel procedimento para com judeus" (13).

Finalmente, ha mais um factor: eis que, devido a controversias internas no seio do judaismo babylonio, com respeito á introdução do Talmud, resulta uma perigosa secessão: surge a seita dos Caraitas (ou Karaimos) que rejeitam o Talmud e reconhecem só a Santa Escriptura. O creador d'essa seita, Aman ben-David, era entre os judeus babylonios um personagem de grande prestigio. Encontrara, pois, um grande numero de adeptos e, brevemente, a communa caraita elegeu-o principe em exilio. Desde então, explodiu uma lucta entre os caraitas (os que lêm os livros sagrados) e os talmudistas, chamados, tambem, de rabbinistas.

Os caraitas augmentaram em quantidade e chegaram até a Espanha; durante alguns seculos, ameaçaram a unidade judaica. Existem, até os nossos dias, communnas caraitas na Russia (em Moscow e na Criméa) bem como na Polonia (Halicz, Troki, Luck).

Em vista d'essa situação na Babylonia, "nas condições politicas e culturaes da época, não havia outro paiz a não sêr a Espanha ou, melhor, a Andaluzia mahometana

---

(12) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. V, pag. 12.

(13) Dr. MAJER BALABAN: *A historia e a litteratura judaicas*, vol. II, pag. 49.

(mouresca) que fosse mais conveniente para um centro espiritual do judaismo em geral e mais digno de assumir a posição directriz (14).

D'este modo, "a Espanha judaica poude levantar a lucta contra a Babylonia, arrancar-lhe o sceptro e, quasi durante meio millennio, conservar a hegemonia sobre todo o judaismo" (15).

(14) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 79.

(15) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 80.

XII

A EDADE AUREA DO JUDAISMO NA ESPANHA

A transferencia das auctoridades dirigentes de Israel para a Espanha, tem logar no seculo X após Christo. E' logico que o Supremo Conselho (Synhedrion) permanece secreto, como na Babylonia, entretanto factos evidentes permittem precisar com bastante verosimilhança o momento em que se realisa essa transferencia do Oriente para o Occidente.

Eis que cerca da metade do seculo X, a escola de Pumbadita, até então a mais importante academia talmudica, manda em viagem a Moysés ben-Hanoch que, após numerosas peripecias, vendido com escravo alcança Cordoba, o principal centro judaico na Espanha mauritana. Esse escravo, desconhecido de todos, resgatado da escravidão pelos seus patricios, torna-se immediatamente rabbino d'essa magnifica communa, recebe ricos presentes e um luxuoso carro á sua disposição. Sob sua direcção é fundada e floresce em Cordoba uma escola talmudica que irradia a sua doutrina sobre toda a peninsula. "Graças a Moysés, tornou-se Cordoba a segunda Sura (1) an-

---

(1) A mais antiga escola talmudica na Babylonia

daluz" (2). "Teria sido difficil encontrar um momento mais opportuno para a construcção na Espanha de um abrigo seguro para o Talmud de que aquelle em que appareceu o rabbi Moysés" (3).

Com effeito, n'aquella época os judeus gozavam de uma felicidade incrivel. "Podia-se dizer que a Andaluzia era um estado judaico" (4). Os judeus enriqueciam sem medida e constituiam, ali, a classe superior; nas mãos d'elles estava todo o commercio bem como numerosas propriedades urbanas e ruraes. "Os judeus andaluzes vestiam trajes de seda, usavam preciosos turbantes e locomoviam-se em sumptuosos carros. Enfeitados com bellos penachos, montavam ginetes fogosos, adoptaram os costumes dos cavalleiros e aquella "grandeza" que tanto os distinguia dos judeus dos demais paizes. E' verdade que alguns d'elles agradeciam suas riquezas ao trafico de homens; comprando escravos dos paizes slavos, vendiam-nos ao califa que d'elles organizou a sua guarda de corpo" (5).

Nas côrtes dos califas, os judeus alcançavam as mais altas dignidades e, por diversas vezes, governavam directamente a náu do Estado. Abu Iusuf Chasdai ben-Izaac ibn-Shaprut (915-970), além das funcções diplomaticas, exercia o cargo de uma especie de ministro do commercio e do thesouro na côrte do califa Abdul Rahman III. Samuel ibn-Nagdilae era "katib" (chanceller) na côrte do rei berbesco em Granada (933-1055) e, ao mesmo tempo, rabbino. Depois delle, recebeu o cargo de visir seu filho, Abu Hussain Iusuf, que "protegia os seus correligionarios para empregos estadoaes com demasiada sem-cereminia, ao passo que tratava com arrogancia os seus inferiores. Este

---

(2) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 91.

(3) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 90.

(4) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 107.

(5) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 91.

procedimento valeu-lhe, tanto a elle proprio, como aos judeus em geral o odio dos berberes que constituiam a maioria da população em Granada" (6). Com o rei, sabia ser humilde, em vista de que "poude conservar a sua posição unicamente mercê a espiões que lhe relatavam qualquer palavra do rei" (7). Finalmente, "as tropas de um dos principes visinhos, Almotassen de Almeria, invadiram a Granada e fizeram correr o boato que seu principe agia de commum accordo com o ministro Iusuf que pretendia submetter o paiz a Almotassen e com este fim o tinha chamado" (8). As tropas berberescas, enraivecidas com a noticia da trahição, fizeram um massacre entre os judeus em Granada e assassinaram o visir.

"Não ha, pois, de admirar-se que os judeus espanhoes constituiam o objecto de adoração para os seus irmãos nos paizes europeus mais atrazados em cultura e que na França, na Allemanha e na Italia, passavam por sêres superiores. As communas no extrangeiro, reconheciam á Espanha judaica a mesma primasia que cabia, antes, á Judéa e á Babylonia. Cordoba, Lucena e Granada substituiram Tiberiade, Pumbadita e Sura" (9).

Fios invisiveis ligavam o judaismo em todo o mundo. Elles dispunham de um correio secreto funccionando perfeitamente que servia as suas necessidades organizadoras, politicas e commerciaes. "A compacta solidariedade dos judeus facilitava-lhes a troca de correspondencia a um grau inaccessivel n'aquella época ao mais poderoso Estado" (10).

---

(6) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 119.

(7) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 120.

(8) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 121.

(9) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 96.

(10) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 84.

O poder do judaismo no mundo mussulmano, apoiado pela dispersão por todos os paizes da Europa christã, despertava, novamente, esperanças messianicas de dominação do mundo. O já nosso conhecido Iusuf Chasdai, ministro do commercio e do thesouro na côrte de Abdul Rahman III, soube que algures, em redor do Mar Caspio, existia um poderoso Estado judaico. Era o Estado dos Khazaros, povo estabelecido no rio Wolga, cujos reis trabalhados por emissarios judéo-bysantinos adheriram ao judaismo, ainda no seculo VII, arrastando comsigo para a nova religião os magnatas do reino. O dignitario mauritano escreve, pois, uma carta confidencial ao rei dos Khazaros, com o seguinte trecho final :

"Em separado, rogo ao meu Senhor que se digne dizer-me, si não existe no Seu paiz alguma tradição sobre uma solução mysteriosa que estamos aguardando a tantos annos, errando de um captiveiro para outro, de um paiz extrangeiro para outro ?... O nosso espirito reanimou-se e a nossa coragem fica despertada, porquanto encontramos um ponto de apoio no Seu Estado. Praza a Deus que esta noticia se torne uma fonte de nova força e queira Deus que a nossa gloria augmente. Louvado seja o Eterno, Deus de Israel, que não deixou perecer o Salvador e não deixou extinguir-se a luz da dominação judaica entre os povos do mundo" (11).

N'esse interim, começaram a reunir-se nuvens no firmamento judaico. Desde o seculo XI, iniciam os insuccessos de Israel, tanto no mando mahometano, como no christão. De um lado é o fanatismo dos adeptos do propheta que mortifica o povo eleito, ao passo que, na Europa, as relações amistosas dos judeus com os mahometanos, na época das cruzadas, resultam em perseguições, até em massacres. E' lhes muito mais facil arranjar-se com os mahometanos : executando a exigencia dos ca-

(11) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 86.

lifas, os judeus abraçam simuladamente o islão que, afóra uma declaração formal que se crê em Allah e em seu propheta, não impõe aos judeus outras quaesquer manifestações da fé. Essa adhesão apparente ao islão torna-se tão geral que, até, o grande Moysés Maimuni, chamado pelos judeus de segundo Moysés, é um mulssumano simulado.

Na França, na Allemanha e na Inglaterra apparecem accusações contra judeus que se dedicam á usura, que commettem assassinatos rituaes, que desacatam á Hostia, que envenenam poços e rios e, na plataforma de diversos processos movidos por similhantes accusações, augmentam entre a população os sentimentos hostis contra o judaismo.

A situação torna-se mais inflammada pelo processo dos Albigenses de que trataremos mais tarde, bem como pela attribuição aos judeus de terem provocado a invasão dos tartaros.

Esta ultima accusação teve sérios caracteristicos de verosimilidade. Ainda no seculo XII, tribus de tartaros do Caucaso tiveram contacto intimo com os judeus que tentaram conseguir proselytos entre os seus chefes. Posteriormente, entre os invasores tartaros que inundaram a Polonia e ameaçaram a Allemanha, foram observados guerreiros judaicos. Tambem os judeus locaes mostraram-se favoraveis aos tartaros.

"Correu o boato que os judeus, allegando venda de viveres envenenados, forneciam aos mongóes diversas armas, em barricas pregadas" (12).

Poucos annos depois, na côrte do successor de Djinguis Khan, Argun (1284-1291), o judeu Saad Addaul ("a escora do Estado"), desempenhava um papel decisivo.

Sob a saraivada de tantas suspeitas e accusações, a situação dos judeus nos paizes christãos, tornava-se cada

---

(12) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 76.

vez mais delicada. De mais a mais, em combinação com as cruzadas, multidões de cavalleiros christãos dirigiam-se á Espanha, para d'ella expulsar os invasores mussulmanos. A' medida dos successos da cavallaria, os mahometanos são obrigados a se concentrarem, sempre recuando, para a parte meridional da peninsula. Afinal, no anno de 1212, a batalha de Navas de Tolosa quebrou definitivamente o poder do islão na Espanha. A ultima trincheira mussulmana, Granada, cahiu em 1432, portanto no mesmo anno em que foi decretada a expulsão dos judeus da Espanha.

"A expulsão dos judeus da Espanha, é o resultado da tomada de Granada" (13).

Entretanto, antes d'esse desenlace fatal, os judeus souberam arranjar-se menos mal nos crescentes reinos christãos da peninsula e, em consequencia, durante muito tempo não lhes diziam respeito as restricções concernentes aos judeus nos demais paizes europeus.

Como conhecedores da lingua arabica, eram aproveitados em caracter de diplomata pelos monarchas christãos. O poder dos seus correligionarios no mundo mahometano, impunha ás côrtes christãs da Aragonia e da Castelha a necessidade de não menosprezar as suas exigencias. Assim foi que, por exemplo, o assassinio de um judeu era sujeito ás mesmas penalidades que o de um cavalleiro ou de um padre.

"O exemplo das côrtes mussulmanas produziu effeito tambem nos Estados christãos, onde, tambem, os judeus eram convidados a altos postos governamentaes" (14).

Especialmente, o cargo de thesoureiro era quasi sempre occupado por judeus e, depois, por judeus baptisados, chamados na Espanha de "marranos".

---

(13) Dr. MAJER BALABAN: *A historia e a litteratura judaicas*, vol. II, pag. 188.

(14) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. V, pag. 122.

A decadencia gradual dos Estados mahometanos na peninsula, transfere a capital espiritual do judaismo de Cordoba para Toledo, séde da côrte castelhana. A relação numerica dos judeus á população em geral, não foi inferior em porcentagem de que o é, actualmente, na Polonia.

Um privilegio importante na Espanha christã, tornou-se, para os judeus, uma jurisdicção criminal autonoma, de modo que os judeus podiam "ferir decretos de morte contra os trahidores e os delatores (malsim) entre seus correligionarios que tencionassem attrahir uma calamidade sobre todos ou causar a perdição de um individuo" (15).

Assim aconteceu que, quando "uma vez certo trahidor resolveu denunciar seus correligionarios, o rabbino que lhe infligiu uma pena exemplar : ordenou que fosse apedrejado no dia da absolução, á hora do crepusculo" (16).

Cercados pelos preceitos do Talmud e seguros pela sua propria jurisdicção criminal, os judeus espanhoes podiam defender seu prestigio na peninsula, mesmo na na época em que o poder do islão diminuia cada vez mais. Os dignitarios judaicos nas côrtes "serviam geralmente de escudo protector contra a avidez e a grosseria da nobreza inferior, contra o fanatismo e a inveja da plebe, contra a mordacidade do clero, emfim, contra todos esses mul tiplos perigos que ameaçavam os judeus de toda parte" (17).

Devido ás condições acima descriptas, Toledo vangloriava-se entre os judeus do nome de "Jerusalem espanhola".

Nem por isso, o perigo que vinha dos paizes christãos septentrionaes que, cada vez mais, comprehendiam o

---

(15) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. V, pag. 126.

(16) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. V, pag. 148.

(17) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. V, pag. 146.

papel desempenhado pelos judeus, deixava de approximar-se a passos de gigante. Os hebreus sentiam-se cada vez mais ameaçados pelas tendencias da época christã que, depois, foi chamada por elles de "trevas da edade media".

Em vista da approximação do inimigo, era mistér providenciar sobre um reagrupamento. Serve de expressão ao novo agrupamento das fileiras, de um lado, a actividade litteraria de Moysés Maimuni (Maimonides), de outro, a actividade dos cabalistas que lhes eram contemporaneos.

XIII

MOYSÉS MAIMUNI. OS CABALISTAS. O LIVRO "ZOHAR"

O Talmud emprestou aos agrupamentos judaicos medievaes na Europa christã, bem como aos sob o dominio mulssumano, um caracter especial. Os multiplos e minuciosissimos preceitos religiosos, mórmente os que dizem respeito á pureza levita, difficultaram ás massas judaicas o contacto com a população entre a qual viviam. A isolação do Testamento iniciada pelas reformas de Ezdras e de Nehemias e continuada pelos phariseus, foi ampliada pelos talmudistas babylonios aos extremos limites. De mais a mais, o espirito de odio com que é impregnado o Talmud, deu em resultado com que as massas judaicas, na sua cega teimosia, frequentemente até contra os proprios interesses materiaes, trahiam ante a população christã os seus verdadeiros sentimentos que nutriam contra ella.

Foi o Talmud que, em consequencia, isolou os judeus, privou-os da immediata influencia nos Estados christãos em geral e creou o effectivo "ghetto" judaico, seculos antes que este foi constituido legalmente.

A civilisação christã, separada dos judeus, livre de tão magnifico fermento de decomposição, poude seguir seu proprio caminho e voltou-se contra o judaismo que apoiava

o islão na Espanha e na Terra Santa. O avanço dos cruzados na Palestina, no Egypto e na peninsula iberica começa a constituir para os judeus um sério perigo. E' impossivel fazel-o parar, logo que não se possúe nas sociedades christãs prestigio interior sufficiente, logo que não se dispõe d'esse factor que foi, nos tempos idos, o judaismo hellenistico.

O reatamento de similhante contacto entre o judaismo e a civilisação christã, foi o escopo da philosophia de Moysés Maimuni, conhecido na Europa como Maimonides.

Maimuni tornou-se, por assim dizer, pae espiritual da reformação, do racionalismo e, finalmente, do judaismo liberal do seculo XIX. "Elle desempenhou, com respeito ao judaismo, o papel de quasi salvador" (1).

Nasceu em Cordoba, no anno de 1135; seus antepassados foram, durante oito gerações, doutos em Talmud e membros do collegio rabbinico. Tendo transferido a residencia, em companhia do seu pae, para Fez, na Africa Septentrional, adheriu simuladamente ao islão, porém, ao mesmo tempo, já escrevia seus commentarios á Misha.

"Sempre executar apparentemente os preceitos de uma religião extranha e, comtudo, no seu intimo, amar a sua propria — a isto póde sêr acto só um caracter forte" (2).

A primeira obra do jovem philosopho foi uma apologia d'aquelles que, apparentemente, adherem a outra religião.

Tendo emigrado com a familia para o Egypto, dedicou-se á profissão de medico. Foi no Egypto que terminou seus commentarios á Mishna, em lingua arabica.

"E emprehendeu, nem mais nem menos, de que demonstrar o judaismo, todo o judaismo biblico e talmudico,

---

(1) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. V, pag. 212.

(2) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 6.

em tal luz que os adeptos de outras religiões, até os philosophos, pudessem se convencer da sua veracidade" (3).

Com a edade de quarenta annos, Maimuni já era tido como auctoridade rabbinica decisiva. Em 1180, terminou sua segunda grande obra : "Mishna-Thora" que é uma especie de codificação do Talmud.

Entretanto, a obra mais importante de Maimuni é o seu "Guia dos errantes" ("Moreh Nebuchim"), escripto em 1190. Esta obra elle baseou-a na philosophia de Aristoteles, virada ás avessas. N'essa forma, chegou o "Guia" brevemente á Europa christã, em traducção latina, e contribuiu para o falseamento das opiniões sobre o real sentido da doutrina d'esse philosopho, ainda desconhecido no seu original grego. O "Guia dos Errantes" tinha por fim a demonstração que o judaismo biblico e talmudico póde concordar com a razão e póde sêr justificado razoavelmente, emfim, que as opiniões do philosopho grego especialmente, tão apreciado na Europa christã, levam directamente ao judaismo. "O philosopho pagão ficou, graças a Maimonides, quasi canonisado" (4).

Seguindo a Salomon Maimon, escriptor judaico do seculo XVIII, citaremos alguns excerptos do "Guia dos Errantes" concebido em forma de cartas dirigidas pelo rabbi ben-Iehuda ao rabbi Iussuf:

"Reconheci que és digno de te serem confiados os mysterios dos escriptos propheticos, isto é, as explicações razoaveis das coisas que permanecem mysteriosas para os que não possuem a chave d'ellas". (5)

"As verdades apparecerão n'esta obra para, immediatamente, se occultarem outra vez" (6).

---

(3) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 5.

(4) Dr. MAJER BALABAN: loc. cit., vol. II, pag. 125.

(5) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. II, pag. 11.

(6) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. II, pag. 14.

"O escriptor deve usar expressões com varios sentidos, com o fim de sêr explicado pelo homem commum, de accordo com a sua intelligencia commum, sendo que o douto o deve interpretar de um modo mais sabio" (7).

Tal é a obra que, de accordo com as affirmações do auctor, é baseada na philosophia de Aristoteles. A logica aristotelica, este instrumento do pensar, creado com o fim de procurar a verdade, sómente a verdade, á luz projectada pelo philosopho judaico, adquire um colorido de — relevae-me a palavra — velhacaria.

Eis que, segundo Maimuni, o auctor mais douto póde e tem o direito de escrever contradicções, porquanto :

"Quando se trata de verdades importantes que nem se póde nem se deve explicar claramente, logo que se possa apresental-as ao leitor em parte, n'este caso o escriptor é auctorisado a utilisar-se de uma contradicção apparente. Entretanto, um escriptor habil saberá fazel-o de tal modo que o leitor commum nem perceberá a contradicção" (8).

Foi sob esta forma, que Aristoteles foi apresentado pela philosophia judéo-arabica á Europa christã, intromettendo-se de uma maneira destructiva na disputa dos realistas com os nominalistas que, justamente, dizia respeito á interpretação da philosophia antiga e que, nas suas consequencias, abalou os alicerces da theologia catholica.

"Para os pensadores d'aquella época, a sua philosophia da religião tornara-se, com effeito, um "Guia dos Errantes" (9).

No primeiro instante, explodiu, no seu do judaismo talmudico, uma lucta contra Maimuni, tal qual, na anti-

---

(7) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. II, pag. 16.

(8) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. II, pag. 19.

(9) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 14.

guidade, entre os phariseus contra os hellenistas; varios rabbinos excommungaram-se mutuamente. Com o correr dos annos, porém, a grandeza de Maimuni foi geralmente reconhecida entre os judeus e foi sob a sua influencia que romperam as algemas da organização talmudica, cedendo logar á philosophia da religião e a conscientes emprehendimentos judaicos, entre certa parte de judaismo mais traquejado.

Porquanto — e que prodigio ! — esse philosopho racionalista, refazendo a seu modo Aristoteles n'uma interpretação cheia de contradicções apparentes, esse representante exemplar da seriedade do "estylo rabbinico", foi, simultaneamente, messianista judaico !

Em Mishna-Thora "a philosophia, a ethica, os ritos e, por assim dizer, o lado sentimental do judaismo, tendo sua expressão na esperança do salvamento messianico, — tudo está contemplado n'este livro" (10).

A pseudo-scientifica philosophia da religião, mãe da religião natural propagada posteriormente entre os christãos, não se oppunha, de modo algum á dominação de Israel sobre os demais povos, assumpto de que tratara, no seculo X, Iusuf Chasdai, na sua carta ao rei dos Khazaros.

Do outro lado, parallelamente á actividade de Maimuni, foram os cabalistas que começaram a popularisar devaneios messianicos.

O reanimador da Cabala entre os judeus é, n'essa época, Moysés Nachmani (Bonastruc de Porta, 1195-1270).

"Considerava a sciencia occulta como o santissimo do judaismo ao qual o pensamento leigo não podia ter accesso" (11).

---

(10) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 24.

(11) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 14.

Porquanto "do embaraço que lhe causaram os escandalosos fragmentos da Agada, salvou-o uma nova sciencia occulta que se introduzira, n'aquelles tempos mesmo, surrateiramente, sob a mascara de Cabala, vetustissima tradição divina. Devido a esta theosophia mystica o que, á primeira vista e no sentido textual, parece sacrilegio ou, pelo menos, insano e infantil, adquiriu, para elle, um sentido profundo e cheio de mysterios" (12).

Seguindo o exemplo da Nachmani, outros tambem começaram a cultivar a Cabala. Comtudo, ella ficou um segredo restringido a um diminuto circulo de iniciados. Foi já o discipulo de Nachmani, Salomon ben-Abram ben-Adret de Barcelona, que continuando o cultivo da Cabala exigiu "que o seu ensino se effectuasse ezotericamente (para eleitos) e não publicamente" (13). D'este modo, até os judeus em geral que se dedicavam a estudos, foram excluidos da faculdade de poder aproveitar essa sciencia occulta.

"O iniciado na Cabala considerava-a como sendo uma revelação da sabedoria divina cujas cortinas nenhum profano podia abrir impunemente" (14).

O livro cabalistico secreto, mais prenhe em consequencias, foi o livro Zohar attribuido a Moysés ben-Shem Tob de Leão (1250-1305), comquanto elle proprio, bem como a judaistica moderna o attribuam ao celebre synhedrista dos tempos romanos, Simão ben-Iochal.

"Todos os peccadores e malfeitores da Biblia são, segundo o livro Zohar, filhos do elemento mau "kelifot" : a serpente, Caim, Ezau, Pharaó, posteriormente o estado de Ezau, Roma, assim como o poder leigo e es-

---

(12) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 48.

(13) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 49.

(14) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 92.

piritual da edade media apoiado em violencia e illegalidade, ao passo que Israel e os pios pertencem ao mundo da luz" (15).

O Zohar vaticinava a breve vinda do reino messianico.

O culto cabalistico encontra, logo, no seio do judaismo uma multidão de "falsos messias" e de "falsos prophetas". A historia de Israel os chamou de "falsos", visto que os tempos posteriores demonstraram que as suas prophecias messianicas falharam em toda linha.

A cabalistica judaica, intimamente ligada ao messianismo judaicamente comprehendido, era em grande parte uma caixa forte da secreta tradição politica. A sua essencia era constituida por segredos e mysterios de cuja decifração nem se podia sonhar, sem sêr iniciado. Era uma sciencia feita essencialmente para eleitos; os christãos foram, ás vezes, iniciados na Cabala, por meio de uma chave falsa, para fins concretos de politica judaica, conforme o veremos adeante.

Iniciado na Cabala no seculo XVIII o já citado Salomon Maimon, assim se exprime sobre ella:

"Não houve trecho na Santa Escriptura ou no Talmud cujo sentido occulto eu não soubesse decifrar com a maxima habilidade, segundo os methodos da Cabala" (16).

Posteriormente, Maimon fez parte da associação dos "pios" (chassidium) na Polonia e assim resumiu sua opinião sobre o livro cabalistico Zohar em que se apoiam os chassidistas:

"Este livro, conforme foi dito acima, contem a interpretação da Santa Escriptura, de accordo com os principios da Cabala ou, para dizer melhor, contem esses principios em forma de interpretação da Santa Escri-

---

(15) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 110.

(16) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 117.

ptura e, simultaneamente, d'esta os deduz. Possúe, pois, como o deus Ianus, um semblante duplo e deve ser elucidado de dois diversos pontos de vista".

"De um lado elle constitue um systema no genero dos que tratam largamente os escriptos cabalisticos. Fornece, pois, um vasto campo á imaginação que póde voar á vontade e, finalmente, não chega a uma concepção mais clara da coisa que, antes, estava obscura. Algumas verdades moraes e physicas estão, alli, explicadas figuradamente, porém, e estas, afinal, desapparecem no labirynto de considerações hyperphysicas. Este genero da Cabala é a occupação predilecta dos escriptores cabalisticos e constitúe o pequeno mysterio da sociedade mencionada (i. é dos chassidistas — n. do aut.)" (17).

"Entretanto, de um outro ponto de vista, encontramos, ali, um sentido politico, conhecido só e unicamente aos dirigentes da associação secreta. Comtudo, tanto elles, como as suas acções, permanecem sempre occultos; apparecem á luz só os dirigentes de somenos importancia. Estes não podem trahir os segredos politicos, visto que elles proprios não os conhecem. Aquelles nunca os trahirão, porquanto isto contrariaria os seus interesses. Segredos insignificantes sómente (simplesmente litterarios) são confiados ao povo e recommendados como objectos de maxima importancia. Os grandes (politicos) segredos não são objectos de ensino, mas, uma vez que se comprehendem por si mesmo, são postos em execução" (18).

Eil-o, interpretado com as palavras de um autor judaico, o sentido real da Cabala judaica e das organizações secretas n'ella baseadas.

D'ali, o resumo muito simples : para os iniciados inferiores, "o pequeno mysterio" ou seja o entontec-

---

(17) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. I, pag. 79.
(18) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. I, pags. 131 e 132.

mento com phantasias, devido ás quaes o que d'antes era obscuro, não se torna mais claro de modo algum; para os verdadeiros dirigentes, "o grande mysterio" ou sejam os segredos politicos. Entontecidos por phantasias, os iniciados inferiores tornam-se um docil instrumento nas mãos dos detentores de segredos politicos.

O que são essas phantasias para os inferiores e quaes os segredos politicos para os superiores ?

"A Cabala poude gabar-se de têr permittido penetrar mais fundo de que a philosophia da religião de Maimuni, nos mysterios do judaismo e de têr demonstrado a sua união com o mundo superior e com a futura organização dos coisas" (19).

Esses mysterios do judaismo são, pois, uma "união com o mundo superior" e a "futura organização das coisas". A primeira — é, justamente, aquelle "pequeno mysterio", é a philosophia da Cabala, são as phantasias, devido ás quaes o que no inicio era obscuro, nem um pouco mais claro fica; a segunda, essa "futura organização das coisas" — é o mesmo "fim mysterioso" sobre o qual escreveu Iusuf Chasdai ao rei dos Khazaros, é, justamente, a resposta á questão, de que modo Deus de Israel não deixará "extinguir-se o raio da dominação judaica entre os povos do mundo".

Este é o maior mysterio da Cabala de que escreve Graetz que "infiltrou-se nas rodas judaicas um novo livro que collocava a Cabala, ainda desconhecida cem annos atraz, ao lado da Biblia e do Talmud e, até, acima d'elles (19).

A execução das condições da alliança com Jehovah, a saber, a dominação do mundo pelos judeus e os methodos levando a este fim eis o grande mysterio da Cabala,

---

(19) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 62.

(20) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 62.

isto é, da vetustissima tradição divina, eis o "santo dos santos" d'esse mais importante livro de Israel, collocado acima da Thora e do Talmud. Eis o mais occulto sentido da religião judaica, d'essa religião politica, para a qual todo o apparato dogmatico e ritual não é nada mais sinão um instrumento que transforma as massas entontecidas em doceis multidões de confessores e um biombo que encobre esse mysterioso, esse politico "santo dos santos".

XIV

OS MOVIMENTOS SECTARIOS E REVOLUCIONARIOS NA EDADE MEDIA

O judaismo, commodamente aninhado dentro do islão, desempenhava, com relação á Europa christã, o papel de intermediario não só diplomatico e commercial, como tambem de intermediario intellectual. Devido ao conhecimento das linguas, os judeus familiarisaram, em primeiro logar os arabes, com as obras scientificas gregas e syrias da antiguidade traduzindo-as para a lingua arabica de modo tão textual que, p. ex., as obras de Aristoteles chegaram aos arabes, depois de varias peripecias (traduzidas do grego para o syrio e do syrio para o arabico), em forma truncada a tal ponto, que tornaram possivel ao philosopho arabe Ibn Rusht (Averrhoes), o assentamento nas mesmas das suas tendencias pantheistas. A sua theoria, sob o nome de averroismo, grassava na Europa christã abalando os alicerces da theologia catholica, sendo que o principio por elle propagado da discordancia entre a sciencia e a religião, a chamada theoria da dupla verdade, ameaçava directamente os fundamentos da philosophia da Egreja.

Foram ainda os judeus arabicos que familiarisaram os catholicos com Aristoteles, conhecido, até então, só em fragmentos. A traducção do philosopho grego do

arabico para o latim, intensificou a disputa entre os realistas e os nominalistas que dividia a philosophia scholastica em dois campos oppostos.

Essa traducção que mutilava as opiniões de Aristoteles sobre a questão, si as idéas geraes têm uma existencia real (universalia sunt realia) ou si são apénas denominações linguisticas (universalia sunt nomina), sobreveiu em auxilio dos nominalistas cujas deducções haveriam de levar, na sua ultima conclusão, á negação da existencia da Santa Trindade.

A philosophia de Maimuni, baseada n'um Aristoteles tão deformado e gozando da auctoridade do mundo antigo para o sustento de theses do judaismo, inflamou mais ainda o perigo. No começo do seculo XIII, o "Guia dos Errantes" foi traduzido para o latim. Em consequencia, a Egreja começa a agir com energia, cada vez maior, contra os nominalistas, entretanto, contando com a autoridade do philosopho grego, deseja verificar si os textos das suas obras citadas pelos judeus, são, de facto, autenticos.

São Thomas de Aquino (1226-1274), o maior dos philosophos scholasticos, consegue obtêr de Bysancio textos gregos de Aristoteles e, baseando-se n'elles, escreve, por ordem do papa, suas obras dando o resumo dos pensamentos do philosopho grego.

Os judeus arabicos, principalmente por intermedio dos judeus do Sul da França, inundavam a Europa, tambem com a litteratura propria.

"Os judeus espanhóes e os do Sul da França eram, agora, os unicos sacerdotes da sciencia superior" (1).

"Que proveito tiravam do facto que, como os mercados forneciam de mercadorias, assim os mercados de livros forneciam de fructos do seu espirito ?" (2)

---

(1) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 35.

(2) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 68.

Alguns judeus arabicos exerciam, por meio de suas obras, uma séria influencia sobre alguns philosophos scholasticos. Salomon ben-Iehuda Ibn-Gobirol, o precursor do neoplatonismo dos primeiros tempos da renascencia e adorador de Philo de Alexandria, influenciou a Duns Scot Erigenes que — embóra permanecesse no terreno catholico — moveu uma acção decisiva contra as affirmações de São Thomas de Aquino. As obras de Ibn-Gebirol foram traduzidas para o latim no seculo XIII por um padre e por um judeu neophito.

Moysés Maimuni (Maimonides) constróe com o seu "Guia dos Errantes" alicerces para o conflicto entre a sciencia e a fé, tão pernicioso para a Egreja.

"A philosophia scholastica que annunciara á Europa christã a aurora da vida espiritual, pediu emprestados os seus raios aos fogos accesos por Ibn-Gebirol e por Maimuni. Até aquillo que os philosophos christãos da religião, tiraram do mundo grego de idéas e dos pensadores arabicos, tornou-se-lhes accessivel por intermedio de traductores e commentadores judaicos" (3).

Tambem poetas judaicos, principalmente na Italia, exerciam influencia sobre a vida intellectual da Europa, como Immanuel ben-Salomo Romi que tinha relações intimas com Dante e a quem os judeus chamam de "Henrique Heine da edade media".

A situação economica dos judeus era muito favoravel; possuiam quasi o monopolio da corretagem commercial entre os paizes mussulmanos e a Europa. Negociavam com tudo que lhes cahia nas mãos, inclusive com escravos dos paizes slavos; para esse commercio de mercadoria viva, existiam numerosas agencias judaicas em Praga, na Allemanha, na França Meridional e na Espanha.

"Os escravos adquiridos nos paizes slavos, os judeus germanicos transportavam-nos para Verdun sobre o

---

(3) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VI, pag. 109.

Saona, depois para Lyon; d'ahi, a mercadoria viva ia para o principal mercado que constituia a Espanha arabica. A Egreja que, desde os tempos mais remotos, combatia o trafico de escravos, quando estes eram christãos, dirigiu sua vista com especial attenção sobre o centro principal d'esse trafico, sobre a Bohemia... Foi Santo Alberto (Woiciech) que desenvolvera uma acção energica com o fim de sanar essa situação, porém com pouco resultado. "O maldito ouro (infelix aurum) dos traficantes teve tamanho poder que o santo varão foi obrigado a abandonar a sua diocese" (4).

Ao facto acima, agradece a Polonia seu primeiro bispo.

Além do trafico de escravos, os judeus enriqueciam com a usura pecuniaria. No terreno do credito, estavam fóra de concurrencia, visto que a Egreja prohibia aos christãos emprestarem a juros. Tanto o commercio, como o trafico de escravatura, estavam geralmente unidos á profissão de usurario. Em caracter de capitalistas e de commerciantes, os judeus faziam depender de si varias profissões urbanas, principalmente a tecelagem em que a classe dos tecelões era um material vivo com o qual se operou, com fins revolucionarios, durante todo o ultimo periodo da edade media.

Nas cidades, os hebreus procuravam monopolizar os immoveis : cerca do anno de 1250, a metade de Paris pertencia a judeus; em Londres, possuiam casas que tinham o aspecto de palacios regios.

Para a pobre população christã da Europa medieval, os ricos constituiam uma grande força attractiva. Com effeito, em Londres existia uma communa de proselytos bastante numerosa; todavia, não era uma excepção, porque tambem na França "o judaismo agradou a tal

---

(4) Dr. IGNACY SCHPPER: *Estudos sobre as condições economicas dos judeus na Polonia, durante a edade média*, pag. 24 e 25.

ponto a alguns christãos illustrados, que festejavam os sabbados e dedicavam-se ao trabalho aos domingos (5). Acontecia que, até padres, adheriam ao judaismo. Na Allemanha, "é muito difficil decidir-se sobre a questão, até que ponto a vida tão ricamente desenvolvida na Germania medieval tinha colorido judaico, nos casos em que se antepunham ás normas legaes" (6).

Na Italia, "os interesses da bolsa removeram os da Egreja para um plano secundario" (7). Mais ainda, na parte christã da Espanha onde a situação chegou a um ponto em que o papa Gregorio VII viu-se obrigado a intervir junto ao rei castelhano Affonso em seguintes palavras : "Advirtimos-te para que não permittas os judeus continuarem a reinar e dirigir os christãos".

Quem poderá admirar-se que, em taes condições, "a poderosa christandade receiava a influencia judaica sobre a população christã, devido á convivencia demasiadamente intima" (8). Os factos justificaram, brevemente, a procedencia d'esse receio.

O schsima oriental separara, no seculo XI, a egreja bysantina da união com Roma; seria difficil encontrar, ali, influencia judaica, tanto mais que a discordia entre a autoridade leiga e a espiritual explica sufficientemente essa questão.

A discussão sobre a investidura na Europa Occidental e varias contendas dos monarchas com o papado, tambem são comprehensiveis si tomarmos em consideração a forte, então, influencia bysantina nas côrtes européas, principalmente nas côrtes allemãs. Seria difficil determinar, sem pesquizas historicas especiaes, si

---

(5) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. V, pag. 47.

(6) VOM JUDENTUM: *Ein Sammelbuch*, pag. 107.

(7) H. GRÆTZ: loc. cit., vol. VII, pag. 70.

(8) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 51.

os judeus, a quem essas brechas abertas na organização ecclesiastica eram, naturalmente, favoraveis, auxiliaram em fazel-as, nem que isso fosse feito occultamente. O facto é que a anarchia na organização da Egreja, mórmente a permanencia forçada dos papas em Avignon (1305-1376), finalmente a separação da organização ecclesiastica (o chamado schisma occidental, 1378-1416), rebaixaram a autoridade dos poderes ecclesiasticos e enfraqueceram a frente christã de uma forma que aos judeus o momento podia parecer propicio para um attentado contra a Europa catholica.

Durante as luctas pela investidura, "o papa lançava mão da arma mais poderosa de que dispunha contra o imperador germanico : excommungava-o. Porém as cidades riam-se dos anathemas. "N'esses tempos — narra o chronista d'aquelles dias — o clero vivia n'um grande desprezo entre os legios e os judeus eram mais apreciados que o clero" (9).

As condições economicas nas cidades, onde os trabalhadores constituiam uma multidão de proletarios descontentes e facilmente maneaveis em organizações de classe, a miseria que existia nas aldeias — facilitavam o fermento revolucionario que se dirigia contra a Egreja, como representante da ordem legal. Para a destruição da Egreja, porém, era ainda muito cedo.

"Não a destruição, mas, sim, a conquista da Egreja, a dominação por seu intermedio da sociedade e a sua organização de accordo com os proprios interesses — tal foi a tarefa das classes revolucionarias no fim da edade media" (10). E as "classes revolucionarias", naturalmente, como sempre, eram chefiadas por judeus. De accordo com as condições da edade media, os movimentos revolucionarios adquiriam o caracter de seitas re-

---

(9) KARL KAUSTKY: *A historia do communismo*, pag. 196.

(10) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 140.

ligioso-incendiarias e, todas ellas, buscavam a sua inspiração no Velho Testamento.

"Logo que o povo chegou ao estado de poder, por si proprio, travar conhecimento com a Biblia... encontrou no Velho Testamento não ensinamentos de humildade e de mortificações, mas, sim, o odio contra os ricaços" (11).

E' logico que os judeus faziam todo o possivel para espalhar entre os homens descontentes com a ordem legal e social, o Velho Testamento e os escriptos dos "scientistas" judaicos.

"Toda vez que algum partido no seio do christianismo tinha assumido uma attitude hostil contra a Egreja existente, sempre adquiria um colorido biblico, por assim dizer, judaico" (12). O primeiro quem appareceu com uma doutrina, mais ou menos chegada ao arianismo, foi Abelardo, cujas affirmações foram condemnadas pela Egreja. Discipulo de Abelardo foi Arnoldo de Brescia que appareceu em Roma com filippicas contra o papa e o clero. O seu inspirador foi, ao que parece Abrahão ben-Meir Ibn-Ezra de Toledo, douto em Testamento, que ao mesmo tempo chegara em Roma e pregara suas doutrinas. Arnoldo de Brescia provocou em Roma uma revolução republicana e expulsou o papa. Essa republica cahiu, após curta duração (1145), e o papa poude voltar á sua capital.

Um movimento religioso-revolucionario em grande escala rebenta, no fim do seculo XII, na França Meridional : é a seita dos Valdenses ou Albigenses. A França Meridional não estava ainda, n'aquella época, unida ao reino da França e constituia estados de varios pequenos principes entre os quaes os condes de Tolosa eram os mais importantes. Confinando com a Espanha, Tolosa,

---

(11) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 154.

(12) H. GRÆTZ: *A historia dos judeus*, vol. VII, pag. 30.

desde alguns seculos estava submettida á mais esforçada actividade da alma judaica. Os judeus na França Meridional gozavam de grande prestigio entre a população e eram, até, admittidos a postos publicos, como na visinha Espanha. Possuiam ali, tambem, diversas escolas talmudicas.

A doutrina dos Albigenses chegara do Oriente, como a da seita dos Manicheus, oriundos dos primeiros seculos do christianismo e fundados por Manes de Alexandria que, segundo todos os dados, era de origem judaica. Atravez da Bulgaria e da Italia, essa doutrina penetrava na França Meridional onde alastrara-se por muito tempo e chegara a têr dois bispados : em Tolosa e em Albi (d'ali o nome de Albigenses).

Essa seita tinha um colorido communista; os "perfeitos" viviam por conta da sociedade; por diversas vezes, os Albigenses applicavam, entre si, a communhão das mulheres.

"Os homens e as mulheres perambulavam juntos pregando sermões e as almas pias escandalisavam-se com o facto que, n'essas condições, o celibato não era identico com a castidade vitalicia" (13).

Da França Meridional, os propagandistas dos Albigenses espalharam-se por toda a Europa : pela França Septentrional, pela Lombardia, pela Allemanha e, até, pela Bohemia. Todas as communas hereticas ficam, entre si, n'uma união continua por intermedio de emissarios secretos. A seita gozava de franca protecção dos principes da França Meridional, especialmente da dos condes de Tolosa.

"A mesma independencia de animo dos provençaes que escarneava do clero, fustigava as iniquidades da curia romana e deu ao mundo a seita dos Albigenses, abriu o seu coração ao judaismo e aos seus adeptos. Entre os

---

(13) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 164

livres pensadores provençaes que, em verdade, foram estigmatisados pela Egreja orthodoxa catholica com o nome de herejes, não faltavam taes que, secretamente ou em voz alta, reconheciam sêr o Testamento judaico superior ao christão" (14).

Quem protegia os Albigenses, protegia, ipso facto, os judeus. O visconde Rogerio de Beziers, amigo dos Albigenses, tinha logar-tenentes judaicos Moysés de Cavarite e Nathan. O conde Raymundo VI de Tolosa admittia judeus aos cargos de estado e protegia os Albigenses. Não é extranho, porquanto "os Albigenses, marcados com o estigma de heresia, que com a maior energia atacavam o papado, ganharam em parte o espirito de opposição pela convivencia com os judeus ou pela leitura de livros judaicos. Encontrava-se entre elles uma seita affirmando, sem ambiguidade, que a lei judaica era melhor que a christã" (15).

Os Albigenses tornaram-se tão assanhados e tão perigosos para a ordem social que o papa Innocencio III decretou contra elles uma cruzada (1208) que, sob o commando de Simão de Montfort, os combateu durante mais de dez annos. O conselho em Tolosa tomada de assalto (1229), estabeleceu tribunaes inquisitoriaes contra membros de sociedades secretas. O papel mais importante n'esses tribunaes coube aos Dominicanos. A inquisição virou-se, tambem, contra os judeus, como inspiradores e organizadores da heresia.

"Brevemente, esses anjos da morte em habitos monasticos estenderam suas garras, tambem para os filhos de Jacob, como causadores da heresia dos Albigenses" (16).

---

(14) H. GRÆTZ: vol. V,, pag. 192.

(15) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 34.

(16) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 42.

Na metade do seculo XIII, rebentou na Italia Septentrional um movimento religioso-revolucionario dos "irmãos apostolicos" e ameaçou o papado, quasi diirectamente. Essa seita diffundia a sua doutrina pregando, no começo, em reuniões nocturnas. Era uma seita muito chegada aos Albigenses, com os quaes sustentava relações secretas; prohibia a propriedade individual e o casamento.

"Aos irmãos que iam no mundo pregar penitencia, assistia o direito de levarem comsigo uma irmã, em similhança aos apostolos, porém não como esposa, mas como auxiliar. Suas amigas que os acompanhavam, elles chamavam-nas de irmãs em Christo e negavam terminantemente que convivessem com ellas em união matrimonial ou immoral, comquanto dormissem com ellas em uma só cama" (17).

Cerca do anno de 1300, collocou-se á frente da seita certo Dolcino, filho de um padre e de sua amante; escolheu como "irmã" a Margarida di Trenk, freira a quem raptou de um claustro, e começou a sua actividade na Lombardia pregando a proxima chegada de um messias de estirpe real (de David), e recorrendo aos prophetas judaicos. Brevemente, organisou, nos Alpes Piemontezes, um motim de camponezes. Reuniu em seu torno massas armadas, compostas de homens e mulheres, iniciou a destrucção e o saque geral dos conventos, das villas e das aldeias. O motim foi abafado só em 1307.

Não foi só n'esses motins abafados em sangue que terminaram os ataques secretamente organizados contra a Egreja e a sociedade catholicas.

Menos de um seculo após a derrota dos Albigenses, desenrolava-se na França Septentrional, sob o poder do rei, a causa da ordem dos Templarios. No celebre processo, essa ordem militar que, em vez de combater os mussulmanos, dedicava-se ao commercio e á agiotagem, foi con-

---

(17) MOSHEIM: *Ketzergeschichte*, pag. 244.

demnada por celebração de ritos secretos, idolatria e praticas degradantes e dissolvida (1312). Seu grão mestre, Jacob de Molay, queimado n'uma fogueira, tornou-se, depois, uma imagem symbolica nos ritos maçonicos.

Coisa interessante que o processo dos Templarios, foi, immediatamente, antecedido da expulsão dos judeus da França. (1306).

Entretanto, os sobreviventes dos Albigenses exterminados na França Meridional, emigraram para os Paizes Baixos, como seita dos Beghardos. Essa seita espalhou-se com uma incrivel rapidez pela França, pela Allemanha e pela Inglaterra. De aldeia em aldeia, de cidade em cidade, circulavam secretamente agitadores predizendo que estava perto o fim do estado das coisas existentes e que vinha chegando o novo messias. A seita desenvolvia-se de uma maneira conspiradora, sob diversas denominações. Na Flandria, com o nome de Beghardos, provocou um motim armado em 1358; na França, minava a sociedade com o nome de "irmãos e irmãs de espirito livre"; na Inglaterra, como Lollhardos, na Italia, como "irmãos apostolicos", finalmente, na Bohemia (Tchequia), appareceu como Hussitas.

Os "irmãos e irmãs de espirito livre" francezes, foram a mais radical de todas essas seitas: pregavam a communhão dos haveres e a communhão das mulheres. Um dos seus chefes mais importantes foi David de Dinant (cidade na Belgica actual), sem duvida alguma, judeu. Pelos tecelões flamengos, essa seita foi transportada para a Inglaterra, onde, já antes, desenvolvia sua actividadc João Wycleff. Eis que escreve sobre este, Voltaire: "O que os Valdenses (Albigenses ou "pobres de Lyon — n. do aut.) ensinavam secretamente, elle o ensinou em publico e — com pouca differença — a sua doutrina é a dos protestantes que appareceram mais de um seculo depois d'elle". Depois, gabava-se de sêr discipulo de Wycleff — João Huss.

Os Beghardos appareceram na Inglaterra como Lollhardos e provocaram, em 1381, um sangrento motim

de camponezes; os amotinados chegaram a tomar Londres onde assassinaram o arcebispo.

Entretanto, a explosão mais perigosa para a Egreja e para a ordem social, foi a que incendiou a Tchequia.

"A edade heroica, similhante á da grande revolução franceza cujo começo foi em 1793, teve o seu inicio, para os esforços communistas, na Tchequia, simultaneamente com as guerras hussitas" (18).

Depois da morte de João Hus na fogueira, as organizações dos Beghardos na Bohemia, desde então chamadas de Hussitas, dividiram-se em varios agrupamentos dos quaes o mais radical foi o dos Taboritas, uma seita francamente communista. Esta fundou uma cidade, n'um outeiro, na margem do rio Lujnitça que denominou, em linguagem do Velho Testamento, Tabor. Os habitantes de Tabor eram, na sua maioria, tecelões. Os Taboritas apregoavam que Deus mesmo (Jehovah do Velho Testamento — n. do aut.) reinará sobre os homens e que ao povo (a Israel do Velho Testamento — n. do aut.) deve-se entregar o poder na terra. Exigiam a destruição das egrejas, a abolição do poder monarchico, dos impostos e das contribuições e, quasi quatro seculos antes da revolução franceza, esgrimavam com a divisa de egualdade. Aboliram, tambem, entre elles a propriedade particular e estabeleceram a communhão de mulheres proclamando a extincção da familia.

A fracção mais radical, enchertada por emissarios da seita franceza dos "irmãos e irmãs de espirito livre", revivesceu a seita dos Adamitas que já existira, antes, na Asia no seculo II após Christo. Estes, sem differença de sexo, reuniam-se nús.

"Viviam na communhão das mulheres, porém, sem a permissão do seu chefe, Adão, eram prohibidos de se approximarem de uma mulher. Entretanto, logo que al-

---

(18) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 216.

guem açoitado pelo desejo fervia de amor por alguma mulher, pegava-a pela mão e dirigia-se ao chefe a quem dizia: "A minha alma incendiou-se de amor por ella" a que lhe respondia o chefe: "Vae, crescei, multiplicae-vos e enchei a terra" (19).

O estado de nudez consideravam-no os Adamitas, como sendo estado de innocencia paradisiaca e ás relações amorosas como sendo uma especie de extase religioso. Involuntariamente, vem á memoria a narração sobre a imagem encontrada por soldados romanos no templo de Jerusalem e que devia personificar a alliança entre Jehovah e Israel.

Successores dos Taboritas são os "irmãos tcheques" e os "irmãos moravianos". Foi bispo dos irmãos tcheques uma autoridade na pedagogia, de maldita memoria na historia da Polonia, o celebre Komensky.

O hussitismo inscreveu-se com lettras de sangue na historia da Europa, mórmente na da Bohemia. No anno de 1420, o papa Martin V proclamou uma cruzada contra esses herejes que deu inicio ás longas guerras hussitas.

"Os Hussitas consideravam o catholicismo uma religião pagã e, a si proprios, israelitas designados a moverem uma guerra santa contra os philisteus, moabitas e ammonitas" (20). Armas e dinheiro forneciam-lhes os judeus.

"Da parte catholica, os judeus foram accusados de fornecerem secretamente armas e dinheiiro aos Hussitas" (21).

"Os herejes hussitas dispunham de bôas armas e de

---

(19) AENEAS SYLVIUS: *De ortu et historia Bohemorum. Opera omnia,* pag. 109.

(20) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 30.

(21) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 31.

coragem e os judeus constituiam a necessaria fonte de dinheiro" (22).

As guerras hussitas anteciparam na Europa o periodo das guerras religiosas e a seita dos Beghardos organizando, sob varios nomes, a revolução social, novamente appareceu no palco, sob a forma de movimentos revolucionarios, na época da chamada reformação.

Desde o anno de 1454, por occasião do congresso dos "irmãos techeques", nas montanhas perto de Reichenau, ficou estabelecido que as questões de organização social eram mais importantes que as religiosas e este principio foi, desde então, a estrella directriz das acções d'essa seita.

Já foi apontado acima, quanto ameaçavam a Egreja e a organização social, as seitas religioso-revolucionarias, quanto elemento judaico continham as suas divisas e até que ponto os judeus intervinham activamente na sua origem, na sua organização e nas suas manifestações armadas. O judaismo não desmentiu as suas tradições dos primeiros tempos do christianismo, de procurar rebentar a organização ecclesiastica por dentro. Facilitava-lhe a tarefa a completa indifferença com que, em caso de necessidade, Israel abraçava, simuladamente, o catholicismo.

No tempo das cruzadas, uma grande quantidade de judeus, de medo dos cruzados, passou-se para o catholicismo, de modo que, depois, puderam entrar na collectividade christã, abrindo caminho ás heresias e aos movimentos revolucionarios. Entretanto, quando a Egreja, em defeza da civilisação, viu-se obrigada a recorrer ao auxilio da cavallaria, foram os proprios judeus que mais vociferavam contra o "reaccionismo" d'aquelles que, apénas, defendiam a propria existencia. E, comtudo, contemporaneamente, porém entre elles mesmos, os judeus applicavam as mais severas medidas, até as mais crueis, contra os seus sectarios, os Caraitas, comquanto estes não

(22) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 46.

ameaçavam a orgnização de Israel por dentro, nem sua ordem social e ficavam muito contentes quando se lhes permittia adorar em paz a Jehovah e deixar de crêr no Talmud. Até na Espanha christã, os judeus perseguiam os Caraitas.

"Um dos favoritos judaicos de Affonso, Iussuf Ibn-Alfa radj-Alkabri, conseguiu obtêr do rei, amigo dos judeus, uma autorisação para perseguir dentro do reino os sectarios Caraitas e expulsou-os da maioria das cidades castelhanas, deixando-lhes uma unica cidade para habitção. Iussuf Alkabri, na perseguição dos Caraitas, não teria recuado deante do derramamento de sangue, si não fosse a circumstancia que, desde a destrucção do templo, foi prohibida a pena de morte, excepção feita para os denunciadores" (23).

"Comquanto seja louvavel não impôr ao espirito peias de autoridades e não adorar exageradamente a tradição, todavia, a concessão a qualquer individuo do direito de construcção e de destrucção, de accordo com o resultado das proprias pesquizas — não vem ao caso, si são acertadas ou imaginarias — tem de repercutir de uma maneira perniciosa na prosperidade de uma collectividade religiosa" (24).

De que modo será possivel conciliar a citação acima com a divisa judaica de "liberdade de consciencia"? De um modo muito simples: a citação se refere aos... Caraitas e a "liberdade de consciencia" — aos christãos.

Em face de tamanhas ameaças para o mundo christão, é natural que, quando depois do movimento dos Albigenses, rebentou o movimento dos "irmãos apostolicos" nas montanhas do Piemonte, comquanto "o motim tivesse tido apparentemente um caracter puramente local, o papado comprehendeu a sua importancia interna-

---

(23) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 129.

(24) H. GRÆTZ: vol. V, pag. 32.

cional muito melhor que os camponezes do valle do Sesia" (25).

A inquisição contra os herejes teve a sua profunda justificação, da mesma forma como a tem, actualmente, a perseguição feita ás conspirações communistas e anarchistas. E' logico que causara dôr aos judeus, visto que era dirigida, em primeiro logar, contra os proselytos, contra a vanguarda judaica, e não raras vezes, alcançava a Israel proprio.

A situação da Espanha no correr do seculo XV, desmascarou, definitivamente, o verdadeiro semblante e as intenções do judaismo. Foi, pois, ali mesmo, que á inquisição foi confiada a missão mais importante.

A santa inquisição, especialmente a inquisção hespanhola, tornou-se, em projecção historica do judaismo, o satanaz da historia e, só pela razão que alcançara os judeus e aniquilara seus propositos tão prestes a se realizarem. Não foram os methodos, mas, sim, a justificação moral da inquisição, que lhe foi imputada como crime. Porquanto os methodos da inquisição em nada differiam dos que estavam adoptados na edade media em todas as causas penaes; quanto á sua justificação moral e essencial, o leitor a encontrou, embóra por alto, no capitulo acima. Completal-a-emos com uma illustração das condições em que, no seculo XV, se encontrava a Espanha onde o judaismo possuia sua direcção mundial e sua base. Fallaremos sobre os marranos.

---

(25) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 181.

XV

OS MARRANOS. A INQUISIÇÃO. A EXPULSÃO DOS JUDEUS DA HESPANHA.

A situação dos judeus na Espanha era essencialmente mais favoravel aos mesmos que nos outros paizes europeus. Comquanto, a par da lenta repressão do islão da peninsula iberica, estivesse diminuindo o prestigio judaico com o qual se pudesse impôr aos monarchas da Espanha christã, os judeus, sempre ainda, continuavam a sêr bem vistos nas côrtes e a occupar altos postos. No periodo da cruzada contra os Albigenses na França Meridional, Affonso VIII, rei da Castelha (1166-1214), protegia manifestamente os judeus e, na côrte, sua amante, a judia Rachel, causava indignação geral. As coisas chegaram ao ponto de se têr organizado uma conjuração de que cahiu victima a formosa judia, assassinada na presença do rei e, com ella, diversos judeus que se achavam na occasião no palacio regio. A derrota dos Albigenses e a divulgação das estreitas relações que tiveram com os judeus espanhoes, abalaram um pouco a posição d'estes na peninsula. Entretanto, quando na França Meridional começaram a funccionar os tribunaes da inquisição, quando na França e na Allemanha estavam sendo queimados em fogueiras o Talmud e as obras de Moysés Maimuni,

quando da Inglaterra os judeus foram, até, expulsos (1290) devido á falsificação de dinheiro, afinal, quando foram definitivamente expulsos da França — na Espanha sua preponderancia era demasiada para que se pudesse pensar em tão arriscada experiencia. Porquanto, até que os mouros occupavam a parte meridional da peninsula, os judeus sempre poderiam lançar mão de chantage, impondo-se nas côrtes espanholas com o prestigio dos seus irmãos mauritanos.

São os Dominicanos que iniciam a lucta contra os judeus na Espanha, porquanto foram elles que tocaram de mais perto a questão dos Albigenses e comprehendiam melhor de que todos, por que caminhos andaram as intrigas judaicas para a organização e o desenvolvimento da seita. Alguns neofitos que tinham se convertido do judaismo para o christianismo, facilitaram aos Dominicanos a orientação nas tendencias antichristãs do judaismo.

A offensiva contra Israel espanhol começou pela organização de algumas controversias publicas a que foram convidados judeus doutos. Os resultados d'essas controversias, sem se tomar em consideração o facto de que modo os judeus conseguiam escapar das accusações que lhes foram feitas, tiveram um grande effeito moral: o de têr mostrado que os judeus, até a pouco omnipotentes, foram collocados em estado de accusação por alguem mais forte do que elles e que eram obrigados a se defender.

A primeira controversia d'este genero teve logar no reino da Aragonia, na presença do rei, no anno de 1263, em Barcelona onde era accusador do Talmud um judeu baptisado, Pablo Christiani, e defensor, o celebre cabalista, Nachmani. Depois, as disputas foram transferidas para cidades provinciaes e, em resultado, o papa Clemente IV ordenou a confiscação de exemplares do Talmud na Espanha.

O apparato scientifico de que se utilisavam os Do-

minicanos nas controversias com os judeus, era baseado no estudo de textos hebraicos.

Depois, apparecem traducções de textos hebraicos para a lingua latina, comprehensivel para todos os homens instruidos em geral. E' logico que essas traducções contribuiram muito para revelarem perante vastas rodas os perigos com que os judeus ameaçavam a população christã.

Um sentimento antijudaico apodera-se, aos poucos, da população christã da penisula e, de quando em vez, encontra sua expressão na legislação. Apparecem formuladas com coragem crescente imputações de usura e de expoliação, tanto mais justificaveis que os judeus quasi monopolisam nas côrtes espanholas o cargo de thesoureiro e, constantemente, são os unicos arrendatarios dos impostos e dos direitos aduaneiros. A crescente animosidade desabafa, até, em massacres locaes, como no districto de Estella na Aragonia, em 1328, ou na Castelha, no reinado de Affonso XI, onde a população sitiou em Valladolid o thesoureiro do rei, Iussuf ben-Efraim Beneviste Halevy, até que o rei, com o auxilio de suas tropas, soccorreu seu favorito e incendiou uma parte da cidade.

As côrtes (assembléas estadoaes) começaram a exigir dos reis que cessassem de confiar aos judeus o cargo de thesoureiro e o arrendamento dos impostos, comtudo, por emquanto, sem resultado.

Percebendo a crescente animosidade, os judeus procuram providencias para obstar-lhe. A sua posição junto aos reis é ainda bastante firme para poderem paralysar os esforços das côrtes e qualquer acção directa do estado contra elles, todavia não podem evitar disturbios e massacres locaes nem a acção esclarecedora promovida pelos Dominicanos. As revelações communicadas aos christãos pelos proprios judeus, movidos, ás vezes, pelo fervor de neofitos, mais frequentemente por estimulos menos nobres oriundos da concupiscencia ou da vontade de se cobrirem — são as mais perigosas para o judaismo. Por

consequencia, é a essas revelações que é necessario obstar por qualquer preço.

Já sabemos que a lei judaica, depois da destruição do templo de Jerusalem, excluira, em signal de lucto, a applicação da pena de morte e conservou-a só com relação a denunciadores de raça judaica. Para se poderem prevenir contra os que, desnudando os mysterios do judaismo, ameaçarem a sua existencia, os doutos em Testamento conservaram para taes trahidores a pena capital. Toda a difficuldade consistia em poder executal-a, visto que a lei dos estados christãos não a admittia. Entretanto, para que serviria a jurisdicção autonoma, isto é, a autonomia judicial judaica? No periodo de aperto em que se acharam os judeus, após a causa dos Albigenses, o privilegio em questão perderam-no quasi em todos os estados. Agora, procuram rehavel-o no territorio da Aragonia, pois na Castelha, apezar das reclamações das côrtes, conservaram-no, até essa época.

"Foram constrangidos a tomar as necessarias medidas para obterem do rei a restituição da jurisdicção criminal o que lhes permittiria castigar os delatores e trahidores entre os proprios judeus" (1).

A benevolencia do rei castelhano Dom Pedro (1350-1369), encorajou os judeus a tal ponto que, combattendo o prestigio da rainha Branca que lhes era antipathica, chegaram a provocar uma guerra civil na Castelha.

Como resultado d'essas intrigas, rebentou um motim em Toledo que resultou em massacre de judeus e, com bastante difficuldade, foi abafado pelo exercito do rei. Na côrte de Pedro gozava de um poder discrecionario o thesoureiro, Samuel ben-Meir Allavi, que não devia têr tido razões de queixa do seu cargo, visto que, quando o rei mandou inopinadamente prendel-o e confiscar os seus bens, encontraram em seu poder 170.000 dobrões de

(1) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 168.

ouro (dobrão = 24$000 fortes), 4.000 marcos de prata, 125 arcas cheias de riquissimos estofos tecidos com ouro e prata, 80.000 escravos bem como mais de 60.000 dobrões de ouro sob a guarda de seus parentes. O dignitario judaico morreu na prisão.

Breve depois, a rainha Branca que não morria de amores pelos judeus e que estes suspeitavam de sêr causadora do desastre de Samuel, morreu envenenada.

"Narrava-se, por exemplo, que, por ordem do rei Pedro, certo judeu administrou veneno á rainha Branca, porque esta teimava em sêrem todos os judeus expulsos do reino" (2).

Afim de vingar este crime, o irmão de Pedro, Dom Henrique de Trastamare, com o auxilio do rei da França e approveitando-se da excommungação papal que tinha ferido a Pedro, occupou Castelha pelas armas, depois de prolongados combates. Os judeus, em toda parte, prestavam auxilio a Dom Pedro e, até formaram destacamentos armados em defeza do rei judéophilo, entretanto nada conseguiram.

As côrtes em Burgos entregaram ao novo rei Henrique uma petição em que encontramos o seguinte:

"Visto que os judeus, como favoritos e funccionarios do rei deposto, são culpados de terem provocado a guerra civil, o novo rei que decrete uma lei prohibindo aos judeus exercerem qualquer cargo publico, até de medico de corpo do rei e da rainha. Tambem, que afaste os judeus do arrendamento de impostos".

Pedro fugindo do paiz, em companhia de judeus "quando se viu forçado a pedir auxilio ao rei mussulmano de Granada, pediu-lhe com insistencia que poupasse os judeus" (3).

---

(2) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 179.

(3) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 181.

Henrique teve de tomar Toledo de assalto, após um prolongado cerco, visto que os judeus defenderam incarniçadamente sua Jerusalem espanhola.

"A maior communa judaica na Castelha, Toledo, "a corôa de Israel" na edade media, por assim dizer, Jerusalem espanhola, não contava após o sitio tantas centenas, quantos milhares continha d'antes" (4).

Henrique II não conseguio ainda quebrar o poder dos judeus na Castelha, entretanto, cedendo ás insistencias das côrtes, obrigou os judeus a vestirem um traje especial e prohibiu-lhes usarem nomes christãos. Foram renovadas as controversias theologicas com os judeus e, n'essa atmosphera, multiplicaram-se, outra vez, accusações contra judeus oriundas das proprias rodas judaicas. Exterminava-as, sem dó e piedade, a jurisdicção autonoma de Israel.

"Assim foi que os rabbinos que, com a participação de alguns assessores, julgavam, tambem, as causas criminaes, tratavam com severidade os delatores e os trahidores punindo-os com a morte" (5).

No reinado do successor de Henrique II, Dom João I, o judeu Iussuf Pichon de Sevilha, principal collector dos impostos, detido na prisão por abusos, denunciou diversos dos seus correligionarios e recuperou a liberdade. O tribunal rabbinico condemnou Pichon á morte, sem têr, siquer, o ouvido, como delator (1379).

"Alguns judeus que tinham entrada na côrte, conseguiram obtêr do jovem rei a permissão de executar um individuo perigoso dentre seus correligionarios, sem lhe declinarem o seu nome. Ao que parece, convenceram, por meio de ouro, os intimos do rei a quem estes extorquiram a assignatura. Munidos do documento assignado pelo rei e da sentença do collegio rabbinico, os adversarios de

---

(4) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 181.

(5) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 190.

Pichon dirigiram-se ao official da policia, Fernão Martin, pedindo-lhe auxilio na execução do seu proposito. As altas horas da madrugada, alguns judeus entraram na casa de Pichon em Burgos e acordaram-no inventando um pretexto qualquer. Mal appareceu Pichon na porta, os judeus designados para a execução prenderam-no, sem trocar uma palavra com o condemnado e degollaram-no" (6).

Esse escandaloso abuso da confiança real desencadeou uma tempestade contra os judeus. Os executores da sentença e o juiz-rabbino pagaram o crime com os proprios pescoços, depois de que o rei cassou aos judeus a autonomia juridica em causas criminaes. N'essa atmosphera, depois de um crime perpetrado á vista de todos, considerando que "o abuso não fôra obra de individuos baixos, mas sim, dos principaes representantes do judaismo, seus superiores e rabbinos" (7), o rei não poude continuar em se oppôr ás exigencias das côrtes e vedou aos judeus, entre outros direitos, o accesso ao cargo de thesoureiro.

Os judeus sentem-se cada vez mais apertados e, entre o povo, a irritação geral contra elles está se manifestando com uma força cada vez maior. Em 1391, teve logar um grande massacre em Sevilha, com incendio das synagogas e, logo depois, a onda de disturbios espalhou-se por toda a Espanha. Os judeus, apavorados com a attitude do povo em geral, resolveram, segundo o systema já experimentado, pôr uma mascara e começaram a baptisar-se em massas. Mais do que a metade dos judeus espanhoes abraçaram, simuladamente, o christianismo. Esses christãos simulados que, occultamente, continuavam a cultivar o judaismo, receberam, posteriormente, a alcunha de "marranos" ("damnados").

---

(6) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 191.

(7) H. GRÆTZ: vol. VI, pag. 193.

"No espaço de vinte annos, dezenas de milhares de judeus receberam o baptismo; communas inteiras passaram para a Egreja, as synagogas transformaram-se em templos catholicos, o logar dos rodaes (rodal = especie de altar judaico) foi occupado por altares, a estrella de David foi substituida pela cruz. Os rabbinos, em mui breve tempo, tornaram-se padres, os mais talentosos occuparam cadeiras episcopaes, os mais ricos apoderaram-se dos baculos de grão-mestres nas Ordens cavalleirescas de Alcantara e de Calatrava; mulheres judaicas ou suas filhas tornaram-se priorezas de conventos, tambem entre as dignidades leigas, os marranos occuparam os primeiros logares. Os ricos aparentavam-se com a aristocracia de sangue e douravam, com o seu ouro, os escudos desbotados da nobreza empobrecida. Tendo conseguido sahir, uma vez, do ghetto (ghetto = quarteirão judaico n'uma cidade), os marranos construiram palacios e povoaram os mais bellos quarteirões das cidades" (8).

Mudaram de vestuario e tudo ia ficar de accordo com a situação antiga. Devido á insistencia dos marranos, os judeus recuperaram a jurisdicção criminal (1432). Todavia, breve verificou-se que os marranos faziam apénas uma comedia, porquanto, de facto, continuavam, occultamente, a observação dos preceitos do Testamento escarnecendo o culto catholico. Já em 1451, o rei dirigiu-se ao papa com similhante accusação. Tambem a população conheceu breve o dolo e recomeçaram os excessos, d'essa vez contra os marranos, assim como os houve contra os judeus. Em 1449, rebentam disturbios e correrias na propria capital, em Toledo; em 1453, o chanceller do rei, o marrano Alvaro de Luna, é condemnado á morte pelo crime de observação occulta dos preceitos do Testamento.

Uma verdadeira catastrophe para os judeus e marranos, foi a união da Castelha com a Aragonia n'um reino

---

(8) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 220.

só, devido ao casamento de Dom Fernando da Aragonia com Izabel de Castelha, conhecida na historia como Izabel a Catholica (1474). Os marranos já foram, por assim dizer, desmascarados; a questão tornou-se mais inflammada ainda pela publicação, por um marrano, de um escripto "em que estigmatisou o catholicismo com o seu culto idolatra" (9).

O rei e a rainha nomearam uma commissão de syndicancia e, de accordo com a proposta d'esta, instituiram um tribunal inquisitorial (1480), composto de ecclesiasticos e de leigos, principalmente para o districto de Sevilha.

Em resposta, os marranos organizaram uma conjuração na qual entraram, tambem, os marranos que estavam investidos do poder policial na cidade, entretanto essa conjuração foi trahida.

Desde então, começaram as prisões dos marranos e sua perseguição, devida á observação occulta dos preceitos do Testamento e á sacrilega acceitação dos santos sacramentos. A inquisição foi extendida aos demais paizes espanhoes e descobria christãos simulados, até entre os ecclesiasticos.

Em 1485, foi installado o tribunal inquisitivo na capital, em Toledo, e os marranos foram chamados ao arrependimento; nenhum d'elles compareceu.

"Pelo contrario, os marranos forjaram uma conspiração: combinaram de, durante uma procissão, investir contra os inquisidores, assassinal-os junto com os seus companheiros, nobres e cavalleiros e, segundo a exagerada noticia posterior, massacrar toda a população christã de Toledo" (10).

Essa conspiração, tambem, foi trahida perante as autoridades e teve, como consequencia, numerosas prisões entre os marranos.

---

(9) H. GRÆTZ; vol. VII, pag. 95.

(10) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 93.

Na Aragonia, "os recem baptisados que occupavam altos cargos e posições de destaque, trabalharam com ardor para excitar a antipathia contra a nova instituição. Em Ternel e em Valencia, explodiram, por occasião da installação do tribunal inquisitivo, violentos motins (1485) apagados a custo, não sem derramamento de sangue" (11).

Ainda na Aragonia, organizou-se um conluio marrano-judaico cujos membros assassinaram trahiçoeiramente o grande inquisidor, Arbues (15. IX. 1485).

"A noticia do attentado contra o grande inquisidor, produziu em Saragossa uma impressão muito contraria á que era esperada. Os legitimos christãos reuniram-se de toda parte gritando com vozes terriveis: para a fogueira com os marranos que assassinaram o inquisidor!" (12).

Trezentos marranos foram condemnados á pena ultima, pela participação no conluio.

Relações secretas e continuas uniam os marranos aos judeus. Foi por isso que a voz geral exigia a separação dos marranos e dos judeus. A inquisição não custou a convencer-se brevemente que todo o judaismo espanhol estava apoiando os marranos, que, absolutamente, não os repellia como renegados, mas, pelo contrario, lhes facilitava a occultação, aos olhos dos christãos, da sua attitude real para com a fé e o culto catholicos.

"Na escuridão dos quarteirões judaicos, continuava o ensino da religião, nos subterraneos das suas casas, curvados sobre livros hebraicos, estudavam com ardor "conegos e bispos judaicos" escutando com ansiedade si não chegavam os esbirros de Torquemada" (13).

A inquisição, embóra instituida contra os marranos, repercutia, tambem, indirectamente nos judeus.

---

(11) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 93.

(12) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 95.

(13) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 227.

"A união entre os judeus e os marranos era demasiadamente estreita para que o golpe desfechado contra estes não repercutisse dolorosamente n'aquelles. Estavam unidos por laços de mais intima amizade, por uma convivencia fraternal. Com respeito aos seus infelizes irmãos que, com repugnancia, usavam a mascara do christianismo, os judeus tinham uma compaixão cordeal e esforçavam-se para conserval-os em contacto com a sociedade judaica. Ensinavam aos marranos nascidos no christianismo os ritos judaicos, congregavam-se occultamente com elles para fazer preces, forneciam-lhes livros religiosos, communicavam-lhes as datas de jejuns e de importantes dias santificados, abasteciam-nos de pão especial para Paschoa e, durante o anno inteiro, de carne preparada de accordo com os preceitos da religião judaica bem como circumcisavam os recem nascidos do sexo masculino... A separação entre os judeus e os marranos executada em todo o paiz com grande rigor, não conseguiu afrouxar os laços de amizade que os uniam, não deixaram de se communicar, apénas que o faziam com maior segredo e maior cautela" (14).

Comquanto existisse a inquisição e apezar das relações notorias entre marranos e judeus, estes sempre ainda conseguiram conservar seu prestigio na côrte real. Dom Abrahão Senior exercia as funcções de administrador das rendas estadoaes, Dom Izaac Abarbanel, individualidade de destaque entre o judaismo mundial d'essa época, descendente da estirpe real de David, ex-thesoureiro do rei portuguez Affonso V, tornou-se thesoureiro do rei Fernando na Espanha (1484). O hebreu soube conjugar seu cargo com o cultivo da Cabala e com o commentar dos escriptos propheticos, visto que "a par do conhecimento de linguas, possuia, tambem, o do mundo e uma opinião acertada sobre a situação e as complicações politicas" (15). Tanto os mar-

(14) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 98.

(15) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 103.

ranos, como os judeus, protegidos por tamanho prestigio, sempre encontravam sahidas para escaparem ás garras da inquisição; assim foi que os inquisidores exigiram do rei a expulsão dos judeus, como sendo causadores reaes do grande sacrilegio marrano.

Cedendo a essas exigencias, apezar dos esforços desesperados de influentes judeus, Fernando e Izabel, breve após a tomada de Granada e a definitiva expulsão dos mouros da peninsula, promulgaram o memoravel edicto ordenando aos judeus abandonarem a Espanha bem como as provincias da Sicilia e da Sardenha, dentro de quatro mezes, sob a ameaça de pena capital (31. III. 1492). No ultimo instante, o thesoureiro Abarbanel procurou desviar o golpe offerecendo ao rei immensas sommas em dinheiro, porém a rainha permaneceu inabalavel.

O edicto ordenava aos judeus liquidarem todos os seus haveres moveis e immoveis no prazo de quatro mezes, até fim de Julho de 1492. Mais de 300.000 judeus (5 % da população em geral) deixaram o paiz abandonando os marranos á mercê da inquisição. Estes, constituindo não menos que a metade dos judeus espanhoes, permaneceram no paiz; muitos entre elles conservaram as tradições judaicas, fornecendo nos seculos XVIII e XIX o maior contingente ás seitas maçonicas, até se terem manifestado sem ambiguidade durante a ultima revolução espanhola.

Os marranos auxiliavam os judeus que emigraram da Espanha moral e materialmente. E, depois ainda, "perseguiam com uma crueldade implacavel aquelles que commetteram actos deshumanos contra os emigrantes e, virando o feitiço contra o feiticeiro, entregavam-nos nas mãos da inquisição" (16).

Por meio de falsas denuncias, os marranos vingavam-se d'aquelles que contribuiram para a expulsão dos judeus do paiz que, durante alguns seculos, foi a séde da

(16) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 113.

sua mafia directriz e hospedou cerca de 10 % de população judaica. D'essa vez, não deu resultado o truque de "pôr a mascara", pois, no primeiro instante, parecia que a apparente adhesão ao catholicismo afastaria o antagonismo entre a população autochtona e os judeus. Eis o que escreve sobre o caso um historiador protestante:

"Desde que, então, os judeus bem situados abraçavam em massa o christianismo, tornou-se para elles accessivel a classe fidalga e toda a hierarchia, sem preconceitos e com a maxima bôa vontade. Parecia, com effeito, que, devido a esses marranos, a esphera de actividade para o elemento semitico na Espanha tornar-se-ia ainda mais ampla" (17).

Entretanto, foi o proprio marranismo que constituira a ultima gotta que fez transbordar o calice de paciencia. Como causadores d'esse crime de velhacaria, os judeus foram forçados a abandonar um paiz que, desde seculos, consideram sua propriedade.

Permaneceram ainda na peninsula, só no reino de Portugal, porém para curto espaço de tempo.

---

(17) EBERHARD GOTHEIN: *Ignacius von Loyola und die Gegenreformation*, pag. 33.

XVI

AS TENTATIVAS DE SALVAMENTO. A SANTA INQUISIÇÃO EM PORTUGAL.

Os judeus corridos da Espanha, dispersaram-se pelo mundo. Cerca de quinze mil encontraram abrigo no visinho reino de Navarra, entretanto, com receio da ingerencia espanhola, abraçaram brevemente o christianismo em massa. Uma grande parte de judeus foi para a Italia e para a Africa. O reino de Napoles, especialmente, foi agraciado com a affluencia de multidões judaicas. Em muitas cidades italianas, como por exemplo, em Genova, abraçaram o christianismo para poder conseguir o direito de permanencia. Os mais felizes foram os que se dirigiram para a Turquia: o sultão Baiazet II recebeu-os de braços abertos e, em breve, milhares de judeus espanhoes estabeleceram-se no territorio do estado ottomano, assim que "emquanto passou uma geração humana, conquistaram a hegemonia sobre os judeus turcos e transformaram a Turquia n'uma quasi Espanha Oriental" (1).

Surge um grande agrupamento de judaismo espanhol em Salonica; esse agrupamento desempenhou um papel de

---

(1) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 118.

grande importancia na vida do imperio ottomano e, ainda no seculo XX, tornou-se famoso como centro onde foi concebida a revolução dos jovens turcos, organizada por circulos maçonicos. "Salonica tornara-se, simplesmente, uma cidade judaica, dentro da qual habitavam mais judeus de que não judeus" (2).

Os judeus espanhoes dominaram, em pouco tempo, a Turquia sob ponto de vista economico e sob o de civilisação, visto que encontraram o terreno preparado pela alliança secular entre o judaismo e o islão. Em resultado, "passaram para as suas mãos não sómente o commercio atacadista e varegista, maritimo e terrestre, mas, tambem, as profissões manuaes e as artes. Especialmente, os marranos foragidos da Espanha e de Portugal manufacturavam para os bellicosos turcos novas armas defensivas e armas de fogo, fabricavam polvora e grandes peças de artilharia, assim como ensinavam aos turcos utilisarem-se d'ellas. D'este modo, a christandade perseguidora forneceu, por assim dizer, espontaneamente aos seus inimigos encarniçados, aos turcos, armas que lhes permittiram inflingir uma derrota atraz de outra e uma humilhação atraz de outra" (3).

Todavia, o judaismo não quiz acostumar-se á idéa que a sentença contra elles pronunciada na Espanha os despojasse para sempre do seu principal territorio que occuparam durante seculos. A reformação que já começava e já collocava suas minas subterraneas, despertava n'elles a esperança que abalaria os fundamentos da Egreja e enterraria sob seus escombros a inquisição espanhola. Assim foi que cerca de cem mil judeus procuraram, após sua expulsão da Espanha, um abrigo no pequeno Portugal para, dado o signal, poderem regressar aos seus antigos lares.

---

(2) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 146.

(3) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 144.

A situação dos judeus em Portugal era, até então, quasi tão prospera como a foi, antes, na Espanha: conseguiram accumular riquezas e, como antes na Espanha, monopolisaram alguns cargos do estado. Os reis convidavam-nos para thesoureiros, entregavam-lhes o arrendamento dos impostos e dos direitos aduaneiros. Desde os disturbios antijudaicos na Aragonia e na Castelha, Portugal servia de refugio para os que fugiam do vulcão espanhol.

Da mesma forma aconteceu então, quando uma multidão de cem mil judeus transpunha as fronteiras de Portugal, o rei Dom João II pretendia conceder-lhes o direito de se estabelecerem no paiz, porém a isso se oppuzeram os proprios judeus portuguezes. Foi um facto — elles mesmo! e não sem razões, pois vejamos: de um lado tratava-se, sem duvida, de não resignar para o futuro da Espanha e obrigar as massas judaicas de se conservarem, momentaneamente, perto da fronteira, em caracter de hospedes portuguezes; de outro lado, um tamanho affluxo de judeus poderia provocar, no pequeno estado, sentimentos antisemitas. Fosse como fosse, a bôa vontade do rei tão hospitaleiro foi desprezada, visto que "essa concessão parecia aos proprios judeus portuguezes muito arriscada, porquanto, d'essa maneria, a quantidade de judeus augmentaria em patente disproporção ao territorio do pequeno paiz, os emigrantes, na sua maioria empobrecidos, tornar-se-iam um onus para as communas portuguezas e, afinal, o rei que, assim mesmo, já não era grande amigo dos homens em geral e, em particular, inimigo dos judeus, podia com o tempo nutrir um odio violento contra todos os judeus portuguezas" (4).

D'este modo, os judeus espanhoes conseguiram obtêr a licença para uma permanencia em Portugal, durante um breve lapso de tempo.

Tambem em outros paizes, os judeus procederam de similhante maneira, com relação aos exilados espanhoes.

---

(4) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 118.

"Os judeus romanos receiando o augmento de sua communa pelos emigrados espanhoes, offereceram ao papa Alexandre VI uma avultada somma de dinheiro para que não deixasse aquelles infelizes entrarem na cidade, porém o papa censurou os seniores da communa" (5).

Por toda a Europa, os emigrados judaicos alastraram uma especie de peste que grassava entre elles, de modo que em parte alguma, com excepção da Turquia, foram acolhidos com benevolencia. Tambem para o Portugal, arrastaram a tal peste, de forma que o rei marcou um prazo, para os provisoriamente amparados abandonarem o paiz; entretanto só uma parte cumpriu a ordem. Os que ficaram, foram, ao que consta, feitos escravos e distribuidos de presente entre os fidalgos. Não se deve olvidar que, antes, o rei João esteve disposto a recebel-os todos, em caracter de emigrados definitivos, portanto os exilados espanhoes agradeciam o seu triste destino sómente aos seus correligionarios portuguezes.

São esses factos que nos fazem comprehender com facilidade a attitude actual dos financeiros judéo-americanos com referencia á prohibição de emigração para os Estados Unidos, prohibição esta que visa principalmente os judeus europeus.

Depois da morte de João II, subiu ao throno Manuel (1459) e contrahiu nupcias com Izabel, filha de Fernando e Izabel da Espanha. Devido a esse casamento, o rei tornou-se mais favoravel ás exigencias da côrte espanhola que via um perigo para a Espanha na permanencia de judeus espanhoes na fronteira.

"Seguindo o conselho de um infame neophito judaico, Levy ben-Shem Toba, que, ao que parece, recebeu ao baptismo o nome de Antonio, autor de um escripto mordaz contra o judaismo, o rei ordenou o fechamento de todas

---

(5) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 231.

as synagogas e escolas bem como prohibiu os judeus se reunirem aos sabbados para preces communs" (6).

As repressões de Manuel tiveram o effeito de muitos judeus se baptisarem afim de poderem ficar em Portugal. Muitos dos judeus portuguezes tambem se apressaram em abraçar o christianismo.

"Alguns entre esses neophitos involuntarios celebrisaram-se, com o tempo, como autoridades rabbinicas, por exemplo, Levy ben-Chabib que foi, posteriormente, rabbino em Jerusalem" (7).

Foi d'esta maneira que surgiu em Portugal a questão marrana, não menos perigosa para a Egreja e para a população christã de que o foi, antes, na Espanha.

"Os marranos portuguezes podiam têr gozado uma existencia soffrivel si não a envenenasse o odio do povo... A antipathia dos antigos christãos augmentou ainda quando aos neophitos foi concedido o direito de exercerem todas as profissões, de arrendarem as decimas ecclesiasticas, de assumirem cargos do estado e, até, quando lhes foi franqueado o accesso ás dignidades da Egreja e abertas as portas dos conventos" (8).

De mais a mais, durante o periodo das más colheitas e da fome, "a opinião publica accusava os judeus baptisados de exercerem a usura de cereaes, agiotagem nos artigos de primeira necessidade e de exportarem o grão para o extrangeiro" (9). E, como d'antes na Espanha, assim começaram em Portugal os massacres de marranos, principalmente em Lisboa onde tomaram parte activa no massacre marinheiros francezes, hollandezes e allemães.

---

(6) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 126

(7) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 128.

(8) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 211.

(9) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 211.

O successor de Manuel, Dom João III, mandou espiar a vida dos marranos; foi auxiliado n'essa tarefa pelo neophito Henrique Nunes, chamado de Fé Firme. Tendo-se convencido que os marranos observavam os preceitos judaicos, o rei expediu a Nunes em embaixada ao papa pedindo sêr instituida a inquisição.

"Entretanto, os marranos tiveram vento de que se urdia; dois d'entre elles seguiram apressadamente o espião para castigar a trahição com a morte. Foram dois frades franciscanos ou, talvez, leigos vestindo habitos de monges para não serem conhecidos, Diogo Vaz e André Dias. Alcançaram a Nunes quasi na fronteira, perto de Badajoz, e, tendo-o degollado, encontraram junto ao seu corpo as cartas que tratavam da inquisição. Os vingadores ou, conforme os chamavam os christãos orthodoxos, os assassinos, foram brevemente descobertos, submettidos á tortura para denunciarem seus inspiradores e, finalmente, condemnados á forca" (10).

Parecia que o destino dos marranos e dos judeus em Portugal estivesse definitivamente sellado quando, inesperadamente, conseguiram afastar a catastrophe, devido a um ardil politico que poucos pares encontrou na historia.

"Do Oriente longinquo aportou um varão cujo passado se perde nas trevas e sobre o qual não sabemos, si era um impostor ou um sonhador que tudo arriscava n'uma cartada, si pretendia desempenhar um papel politico ou messianico ou si, afinal, era um simples aventureiro" (11).

O tal varão chamava-se David Reubeni. Chegou primeiro a Roma e pediu uma audiencia immediata ao cardeal Giulio (1524) allegando sêr irmão do rei de um immenso estado judaico no Oriente, dispondo de 300 mil valentes guerreiros (o estado das dez tribus extraviadas). Após essa audiencia, entregou ao papa Clemente VII cartas de

---

(10) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 214.

(11) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 215.

capitães e emissarios portuguezes que, segundo sua narrativa, encontrara no Oriente e que confirmavam a sua identidade. Reubeni encarregava-se, com as tropas de seu irmão e de commum accordo com as tropas christãs, expulsar os turcos da Palestina. Em Portugal, foi confirmada a autenticidade das cartas, tão perfeitamente foram falsificadas, e o impostor tornou-se pessôa grata na côrte papal.

Os judeus mais acreditados presenteavam-no com dinheiro e sustentavam sua autoridade, como por exemplo, Samuel Abarbanel, filho de um dos chefes do judaismo, Izaac Abarbanel que, até a expulsão dos judeus, foi thesoureiro do rei Fernando da Espanha.

Reubeni seguiu, depois, a convite especial do rei, para Portugal com o fim de combinar um plano de fornecimento pelo governo portuguez de armas e canhões aos estados judaicos na Arabia e na Nubia.

"Foi mesmo o apparecimento de David Reubeni em Portugal que provocara uma mudança favoravel na attitude para com os marranos e que induzira o rei João III a desistir da perseguição projectada. Tentando executar uma empreza tão importante, carecia de apoio de capitaes e de conselhos dos marranos. E, uma vez que desejava firmar uma alliança com um rei e com um estado judaico, não lhe convinha opprimir semi-judeus no seu proprio paiz.

David Reubeni appareceu em Roma e em Lisboa com uma riquissima comitiva; o dinheiro lhe foi fornecido por judeus e Samuel Abarbanel, cabeça do judaismo e usando o titulo de "nassi" (principe, patriarcha), apoiou-o com o seu prestigio. A lenda sobre as dez tribus extraviadas era conhecida entre os christãos.

Não se deve perder de vista que, na mesma época, a violenta propaganda do protestantismo ameaçava a Egreja. Do outro lado, a Turquia, tendo-se apoderado da penin-

(12) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 217.

sula balcanica, ameaçava a christandade européa e eis que, repentinamente, apparece um auxilio inesperado de trezentos mil alliados guerreiros judaicos! Como poder-se-ia desconfiar

Mas com que contaram os judeus? Pois, mais cedo ou mais tarde o ardil havia de sêr descoberto; a ameaça suspensa sobre o judaismo portuguez podia sêr, maxime, adeada. Entretanto, foi justamente este o escopo dos judeus: ganhar tempo.

Não olvidemos que esse ardil fantastico foi posto em execução no anno de 1524, portanto no momento historico em que na Allemanha, na Suissa e na França começava a campanha victoriosa da reformação de Luthero de Calvino e de Zwingli, na occasião em que na Allemanha rebentaram novamente motins communistas com colorido judaico e, um anno depois, ia explodir a terrivel sublevação dos camponezes (1525).

Pois a Egreja romana estava minada por uma enfiada de organizações secretas de caracter reformador e revolucionario, ao passo que Izaac Aberbanel, chefe do judaismo vinte annos atraz, "apezar de não sêr adepto muito fervoroso da Cabala, propalava com intenção pia esse sonho messianico e predisse que a aurora da época messianica havia de clarear, sem falta, no anno de 5263 desde a creação do mundo (1503) e sua realisação se effectuaria em quatro annos-semanas (4 vezes 7 annos) após, depois da queda de Roma" (13).

Com esse messianismo alimentavam-se os marranos espanhoes e portuguezes e, até, conquistáram a posição principal na tendencia judaica de dominação do mundo.

"Foi que David Reubeni se apresentasse como mensageiro messianico ou não foi, de qualquer modo os judeus o consideravam como tal e contavam os dias que os se-

---

(13) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 207.

paravam do momento em que lhes mostraria a nova Jerusalem n'uma aureola luzidia" (14).

Influido por elle, um dos marranos, o notario do rei, Pires, submetteu-se á circumcisão e tendo-se dedicado á Cabala, sob o nome de Molcho, foi a Salonica onde, depois, foi mestre de José Caro de quem se fallará n'este livro em logar apropriado.

O saque e a devastação de Roma em 1527 pelos lansquenetes lutheranos, potencializou as esperanças messianicas e augmentou a verosimilhança das prophecias de Izaac Abarbanel. Encorajados, os marranos portuguezes atacaram o territorio espanhol e, ao longo da fronteira, libertaram a mão armada os marranos espanhoes das prisões da inquisição.

As homenagens prestadas a David pelos marranos e a contemporisação da promettida empreza armada contra os turcos, despertaram, afinal, no espirito do rei desconfianças, quanto á pessôa do irmão do supposto rei judaico, ao ponto que, inesperadamente, mandou-lhe abandonar Portugal e dirigiu-se ao papa pedindo o estabelecimento da inquisição. Comtudo, conseguiu a annuição do papa só em 1531, no mesmo anno que Abarbanel designara para a realisação do reino messianico.

Reubeni foi de Portugal para a Italia onde, junto com Pires (Molcho) que tinha chegado de Salonica, tentava ainda mystificar o papa. Depois de installada a inquisição em Portugal, dirigiram-se ambos ao imperador allemão e rei da Espanha, Carlos V (1532) e pediram-lhe "que permittisse aos marranos armar-se e, em conjuncto com as demais tribus israelitas, combatter os turcos" (15).

O imperador, porém, mandou ambos para a prisão. Molcho, como marrano-renegado, foi, ao que parece, quei-

(14) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 217.

(15) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 227.

mado na fogueira; quanto a David Reubeni, terminou os seus dias na prisão. Tal foi o epilogo do ardil fantastico urdido pelos chefes de Israel.

A inquisição portugueza foi, brevemente, abolida pelo papa Clemente VII e os processos dos marranos portuguezes deviam, desde então, correr perante o tribunal papal. O papa Paulo III restabeleceu a inquisição nos dominios portuguezes no anno de 1536.

Para a instituição definitiva da inquisição em Portugal, contribuiram os proprios marranos por têr pregado nas ruas de Lisboa cartazes sacrilegos. O rei estabeleceu um premio pela prisão do autor.

"Afim de desviar de si qualquer suspeita, os marranos mandaram pregar, nos mesmos logares, cartazes com os seguintes dizeres: "Eu, autor, não sou nem espanhol nem portuguez, mas inglez e nem que augmenteis o premio para vinte mil, nunca sabereis o meu nome". Apezar d'isso, o autor foi, finalmente, encontrado na pessôa de certo marrano, chamado Manuel da Costa" (16).

Desde então, toda a peninsula iberica foi submettida á inquisição. Os judeus tiveram de acostumar-se com a idéa que sómente um resto insignificante da sua raça poderia ali permanecer, sob a mascara de christianismo.

Os judeus espanhoes não conseguiram esquentar o logar em Portugal e dispersaram-se pelo mundo. Superando os seus correligionarios em intelligencia, astucia e arrogancia, assumiram por toda parte onde chegaram, a chefia das communas israelitas. São geralmente chamados de judeus sefardinos, em distincção aos judeus allemães chamados de ashkenazianos. Até os nossos dias, conservaram nos territorios do ex-imperio ottomano sua propria giria que é uma lingua espanhola arrevezada.

A secreta directoria de Israel foi expulsa de um paiz onde teve sua séde durante alguns seculos e nas melhores

---

(16) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 234.

condições que se pudesse imaginar. No começo, segundo se póde suppôr, muda-se para a Italia, para o reino de Napoles onde tem a sua residencia Samuel Abarbanel e, depois, refugia-se, por algum tempo, para a Turquia.

Na Europa, apezar da reformação, domina momentaneamente uma attitude antijudaica. O ghetto judaico creado, de facto, pelos proprios judeus, em consequencia aos preceitos do Talmud, recebe a sancção judicial da parte dos poderes leigos. Foi primeira a republica veneziana que sanccionou juridicamente o ghetto no anno de 1516. As narrações sobre um ghetto medieval, como sobre um martyrio dos judeus, não passam, pois, de uma lenda historica.

Os judeus emigram com muito bôa vontade dos paizes occidentaes para a Polonia onde são acolhidos com hospitalidade.

"Além da Italia e da Turquia, a Polonia servia n'aquella época de refugio para as victimas de perseguições e repressões, principalmente allemãs" (17). Porquanto "si um judeu que tinha adherido ao christianismo ou um christão nato mesmo, queria professar abertamente o judaismo, podia fazel-o tão bem na Polonia como na Turquia" (18).

Os olhos da directoria mundial do judaismo dirigiram-se, desde então, para a Polonia.

---

(17) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 156.

(18) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 156.

XVII

A INFLUENCIA JUDAICA SOBRE O MOVIMENTO HUMANISTA

A inquisição dirigida contra os marranos na Espanha e, depois, em Portugal, a expulsão dos judeus da Espanha, estes processos tão tragicos para Israel, têm logar n'um momento em que, sob o edificio da Egreja Catholica, foi collocada uma mina que, com toda a probabilidade, devia fazel-a voar pelos ares. As predicções de Abarbanel designando o advento do periodo messianico para Israel, para o anno 1531, predicções estas que outros cabalistas, baseados em novos calculos gematricos (1), transferiam para o anno 1540, podiam ter seu fundamento nas esperanças que despertava nos espiritos judaicos o movimento chamado de reformação religiosa. De accordo com as crenças cabalisticas, o messias devia apparecer depois da destruição de Roma e após o reapparecimento das dez tribus de Israel extraviadas. E' logico que David Reubeni, que apparecera n'esse momento, dizendo-se representante de um immenso Estado judaico no Oriente,

---

(1) GEMATRIA = *arte cabalistica de soluções baseadas no valor numerico das letras.*

poude passar por um messias aos olhos dos judeus e dos marranos.

E' uma coisa digna de attenção que o começo dos movimentos reformadores tem logar na occasião em que o estado de confusão na Egreja catholica já está terminado. O movimento de Wycleff e o hussitismo que rebentaram no periodo de maior anarchia da Egreja manifestando-se no schisma occidental e no reinado contemporaneo de dois ou tres papas, não abalou os fundamentos da organização ecclesiastica, ao passo que o apparecimento de Luthero e de Zwingli, n'uma época em que a Egreja já recuperava seu valor moral e organizador, resultou n'uma scissão completa no mundo christão.

"Si o movimento reformador fosse, de facto, resultado de indignação moral contra a podridão do papado, como nol-o querem persuadir os historiadores ideologicos do protestantismo, n'este caso, o movimento de Wycleff que rebentara durante o proprio schisma, devia ter-se desenvolvido mais de todos, visto que foi então que o papado tinha mais decahido em relação á moral" (2).

Entretanto, o ataque geral contra Roma e sua autoridade moral foi organizado e effectuado com exito, mais do que cem annos depois, justamente quando na Espanha occorreram factos que collocaram o judaismo n'uma situação tragica. O crescente movimento reformador rebaixava a autoridade do catholicismo e do christianismo em geral e, ipso facto, desacreditava moralmente a inquisição, portanto favorecia immensamente os judeus. Será difficil suppôr que foram elles que, tambem, contribuiram para o exito da empreza ? Verifiquemos os factos.

Desde o seculo XIII, está se desenvolvendo na Italia a corrente humanistica reatando ideologicamente a cul-

---

(2) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 215.

tura moderna á herança do mundo antigo. A quéda de Constantinopla em 1453 e a fuga dos scientistas bysantinos para a Italia estimula essa corrente, devido ao descobrimento de manuscriptos antigos. O humanismo torna-se um movimento propagador do individualismo, portanto indispondo o individuo com respeito a quaesquer vinculos de disciplina social ou religiosa.

Centros do humanismo são as academias ou associações de homens que se interessam pela antiguidade. Não devem ser confundidas com as universidades d'aquella época, embora estas, tambem, tivessem cahido, aos poucos, sob a influencia do humanismo.

Essas academias, fundadas geralmente por particulares, não tinham caracter official; simplesmente, os adoradores da antiguidade reuniam-se para assembléas ou palestras e conversavam, frequentemente, sobre assumptos que, então, estavam prohibidos de serem discutidos em publico.

Assim foi que a famosa academia platonica em Florença interessava-se, vivamente, por Platão e pretendia adaptar as opiniões do philosopho grego aos dogmas do christianismo. Secundaram-lhe outras academias, como a romana e a veneziana. A academia romana nunca realisava reuniões officiaes com programma definido, mas sempre sob o pretexto de uma festividade ou de um banquete, ao passo que as outras academias italianas tambem se occultavam para evitarem a responsabilidade, por causa de suas opiniões livre-pensadoras. D'este modo, essas organizações adquiriram o caracter de uniões secretas, emquanto seus membros adoptavam pseudonymos latinos ou gregos.

Numerosos marranos foragidos da inquisição espanhola, tinham accesso á vida intellectual na Italia e, desde a sua expulsão da Espanha, tambem os judeus. Elles estream sob nomes e sobrenomes italianos transformados do hebreu de tal maneira "que são necessarios profundos

estudos para se descobrir n'um dado nome italiano, a sua origem hebraica" (3).

Os judeus exercem na Italia uma influencia poderosa sobre a percepção da civilisação classica. Gemistos Phleton, a alma da academia florentina, (morreu em 1450), foi discipulo judaico. "Seu mestre foi certo sabio judeu, Elissaios, de quem herdou provavelmente os elementos orientaes, de forma que tornara-se seu escopo a instauração da religião e da cultura antigas e devia servir de instrumento para isso, a philosophia de Platão bem como a lucta contra o aristotelismo e o scholasticismo" (4).

Não é de admirar-se que academias que combatiam a philosophia catholica, haurindo a sua doutrina no judaismo, tivessem de se esconder com a sua actividade.

O movimento humanistico levou á um ponto agudo o conflicto entre a sciencia e a fé. Affirmando que os progressos da sciencia feriam a dogmatologia catholica, o humanismo enfraqueceu a autoridade da Egreja, e esforçou-se para remover a religião para um terreno extraracional, logo, para despojal-a do esteio de que lhe servia a philosophia scholastica medieval. Aos poucos, galgava o terreno de livre pensamento em materia de religião, fornecendo os fundamentos racionaes á reformação e, depois, nos seculos XVII e XVIII, ao racionalismo e á chamada religião natural das lojas maçonicas.

E' interessante que esses centros de doutos, individualistas e intellectuaes eram, ao mesmo tempo, circulos onde se cultivava a astrologia e, até, a magia.

Astrologos eram, na maior parte, judeus que trouxeram da Asia esta sciencia occulta. Nas côrtes dos monarchas, principes e magnatas, nas rodas de doutos, os astrologos desempenhavam um papel importante e as de-

---

(3) Dr. MAJER BALABAN: l c. vol. II, pag. 258.

(4) BOHDAN KIESZOWSKI: *Giovanni Pico della Mirandola*, pagina 19.

cisões de maxima gravidade dependiam, frequentemente, dos seus horoscopios.

"E' certo que razões politicas influiam mais sobre os horoscopios dos astrologos de que a observação do movimento dos astros" (5).

E assim, como depois nas lojas maçonicas do seculo XVIII, tambem, ali, o culto da razão e da sciencia anda de mãos dadas com a crença em superstições, bruxaria e ceremonias magicas.

"Já no seculo XV, foi publicada pela imprensa, em traducção latina, um livro sobre os mysterios do Egypto, Obra de Iamblich ou Abammon, projectando um pouco de luz sobre essas questões. Até a academia platonica em Florença, não soube precaver-se contra similhantes crendices neoplatonicas da Roma decadente" (6).

A par do estudo das sciencias classicas, avoluma-se o das linguas orientaes, especialmente o da lingua hebraica. Esta que, naturalmente, é ensinada por judeus, introduz os doutos humanistas no mundo judaico e contamina-os com o espirito judaico. "Brevemente, nas cidades mais importantes, alguns eruditos possuiam esta lingua perfeitamente e, outros, procuravam conhecel-a, de modo que no anno de 1488 em Bolonia e, no de 1514, em Roma, foram instituidas cathedras de lingua hebraica, até que, afinal, começou-se a sobrepôr o hebreu ao grego" (7).

E' desta maneira que os judeus penetram nas universidades d'esses tempos e, além d'isso, fundam, por conta propria, escolas especiaes de lingua hebraica para

---

(5) JACOB BURCKHARDT: *A cultura da Renascença*, vol. II, pag. 204.

(6) JACOB BURCKHARDT: *A cultura da Renascença*, vol. II, pag. 304.

(7) JACOB BURCKHARDT: *A cultura da Renascença*, vol. II, pag. 248.

os christãos. Assim, p. ex., o judeu Salomon Argello faz, no anno de 1470, um legado de cem ducados por anno, para a fundação de uma escola de lingua hebraica. (8).

Já conhecemos as propriedades d'esta lingua e as propriedades dos livros judaisticos transformando-os n'uma verdadeira sciencia occulta. Era do mestre judeu que dependia o systema de iniciação do adepto christão, bem como a directriz d'essa iniciação. Ahi, tambem, como nas sentenças dos astrologos, as razões politicas, provavelmente, desempenhavam o papel decisivo. Assim foi que a iniciação no judaismo preparara a expansão da reformação. A Cabala que abrangia cada vez maior numero de adeptos entre os judeus, constituia um instrumento excellente para uma iniciação falsificada. Portanto, torna-se moderna a iniciação de christãos instruidos nos mysterios da Cabala, por mestres judaicos. A patifaria vae tão longe que, durante algum tempo, até os papas se illudem que, por meio da Cabala, se poderia converter os judeus ao christianismo.

Devido a essa mystificação, durante o periodo de destruição do Talmud, os cabalistas tiveram campo livre para a sua actividade e promulgavam entre os seus intimos o advento do messias e a dominação de Israel sobre o mundo.

No fim do seculo XV, a expulsão dos judeus da Espanha estimula a sua actividade. E' na Italia que se estabelece o "leader" do judaismo, ex-thesoureiro de Fernando da Espanha, Izaac Abarbanel e seus eminentes filhos; foi em roda d'elles que se reuniam na Italia Meridional os eruditos christãos. Em Padua, leccionava na universidade a philosophia judéo-arabe, Elias del Medigo (Elias Cretensis), provavelmente identico com Ichuda Abarbanel, chamado "Leo Hebracus".

---

(8) Vide J. BURCKHARDT: *A cultura da Renascença*, vol. I, pag. 325.

Ao grupo de seus discipulos pertencia um dos pioneiros da reformação, Pico della Mirandola. Esse Elias del Medigo iniciou seu discipulo nos mysterios da philosophia judéo-arabe e na Cabala. Mirandola entrou n'um conflicto aberto com a Egreja, porém, quando no fim de seus dias desejava voltar do caminho que tomara, foi, segundo todos os indicios, envenenado.

"Entretanto, devido a methodos especiaes, á utilisação de escriptos cabalisticos e neoplatonicos e á tendencia de coordenar com a doutrina christã as sciencias que, essencialmente, não estão em harmonia com ella, emfim, devido ao esforço de uma explicação racional dos dogmas e de sua interpretação genetica, é elle concomitantemente, o precursor da scholastica que se desenvolve no seculo XVI e dos systemas theologicos da reformação" (9).

Pico della Mirandola iniciou nos arcanos da Cabala a Reuchlin, o vulto principal da reformação da Allemanha.

---

(9) BOHDAN KIESZKOWSKI: *Pico della Mirandola*, pag. 68.

XVIII

O EXORDIO DA REFORMAÇÃO

O inicio da reformação na Allemanha desenvolve-se no terreno da questão da relação do Talmud ao christianismo. Os Dominicanos allemães, devido ás accusações feitas contra o Talmud pelo neophito Pfefferkorn, procuraram conseguir do imperador Maximiliano uma ordem de confisco de exemplares do Talmud. Após longas demandas, o imperador nomeou uma commissão especial que verificasse si, de facto, o Talmud estava impregnado de odio contra o christianismo. Devido a esforços judaicos, fizeram parte d'essa commissão, ao lado de Pfefferkorn e de um representante dos Dominicanos, o arcebispo de Moguncia, favoravel aos hebreus, tambem Victor von Karben e, finalmente, João Reuchlin. Johann (João) Reuchlin (1455-1522), conforme já foi mencionado, foi iniciado na Cabala por Pico della Mirandola, portanto, indirectamente, por Elias del Medigo, mestre de Pico. Por occasião de sua permanencia em Florença, foi tambem attrahido para as uniões secretas dos humanistas italianos e usava o pseudonymo de "Capnio". Foi só na Allemanha que o judeu Jacob Loans, medico de corpo do imperador Frederico III, o introduziu nos segredos das lingua e da litteratura hebraicas. Reuchlin continuou, de-

pois, esses estudos em Roma, sob a direcção de um outro judeu, Obadias Sforno.

Depois de eliminado Pfefferkron da commissão, Reuchlin, na discussão sobre o Talmud, poude passar por perito, visto que nenhum dos demais membros da commissão possuia a lingua hebraica. N'esse caracter, emittiu seu parecer favoravel aos judeus.

"O parecer de Reuchlin foi, para elle, uma cartada feliz; embóra o caracterise o pedantismo e o estylo pesado dos textos juridicos d'aquella época, todavia não se lhe póde negar habilidade" (1).

Reuchlin propôz, simultaneamente, que em todas as universidades allemãs fossem estabelecidas duas cathedras : da lingua hebraica e da rabbinica. Atacado por causa d'essa proposta por Pfefferkorn n'um escripto publico, Reuchlin publicou uma resposta sob o titulo de "O espelho ocular", em que atacou os Dominicanos e tomou a defeza do Talmud.

"Especialmente dolorida para Reuchlin foi a imputação de ter publicado a apologia do Talmud por dinheiro" (2). A suspeita foi, sem duvida, justificavel pelo ardor com que os judeus popularisavam esse livro, mas "poder-se-á, por ventura, censural-os pelo facto de terem procurado diffundir o livro de Reuchlin ?" (3).

"Reuchlin adeantou-se tão longe na sua obra que, em consequencia, foi chamado a explicações perante um tribunal ecclesiastico especial (1513). A isso reagiram os estudantes moguncianos com um tumulto e o arcebispo de Moguncia, Uriel von Gemmingen, favoravel aos judeus, mandou adear a sentença, o que constituiu um triumpho para Reuchlin e uma derrota para os Dominicanos.

---

(1) H. GRÆTZ: vol. VII pag. 172.

(2) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 177.

(3) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 177.

"Si é que diziam a verdade os Dominicanos que, devido a esse facto, os rabbinos de toda a Allemanha se reuniram para um synodo em Vormacia (Worms) e que entreviram na derrota que tinham soffrido os Dominicanos enfurecidos no combate contra Reuchlin, a quéda do Estado romano (papal) — seria necessario confessar que tiveram uma clarividencia prophetica" (4).

Comtudo, receando que a sentença adeada podia ter consequencias funestas, Reuchlin dirigiu-se ao judeu Bonet de Lates, medico de corpo do papa Leão X, pedindo que inspirasse o papa a favor d'elle.

"Si essa carta tivesse cahido nas mãos dos Dominicanos, teriam podido provar cabalmente a benevolencia de Reuchlin. Ali, o terreno já esteva preparado e a sen- muitos detalhes que silenciara nas controversias publicas" (5).

O papa Leão X não se orientou bem na questão e recommendou a um outro fôro ecclesiastico estudar o caso de Reuchlin. Ali, o terreno já esteve preparado e a sentença resultou a favor de Reuchlin (1514).

Os Dominicanos appellaram para o papa e, então, começou na Allemanha um movimento extraordinario em defeza de Reuchlin. Appareceram á luz do dia numerosas uniões secretas de humanistas que, até então, trabalhavam nos subterraneos. "Organizou-se uma Ordem formal de humanistas, o partido dos Reuchlinistas, cujos membros se auxiliavam mutua e secretamente e defendiam a causa de Reuchlin. Foi uma verdadeira associação, cujos socios recrutavam novos adeptos para Reuchlin" (6). E, naturalmente, "os Reuchlinistas tornavam-se, inconscien-

---

(4) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 182.

(5) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 183.

(6) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 185.

temente, amigos dos judeus e procuravam argumentos em defeza d'estes" (7).

A causa de Reuchlin transferida para Roma, foram os judeus que tomaram-na sob sua protecção. "Os notaveis judaicos em Roma cuidavam da causa de Reuchlin, porém, assim como os judeus allemães, mantinham-se cautelosamente na sombra afim de, com uma franca manifestação, não lhe emprestarem o caracter de uma questão exclusivamente judaica, o que só a podia comprometter" (8).

Entretanto, a faculdade theologica de Paris considerada, então, como maior autoridade, reconheceu ser a defeza do Talmud uma heresia e a sentença do tribunal ecclesiastico em Roma ia sendo protelada, devido a varias intrigas. N'esse interim, Reuchlin ou, talvez, alguem d'entre seus intimos, publica anonymamente "Cartas de obscurantes", um pasquim satyrico sobre a Egreja e o clero. A influencia agitadora da publicação foi muito grande na Allemanha e "verificava-se realmente que a disputa, insignificante no inicio sobre a queima do Talmud, adquirira uma importancia mundial" (9).

Apavorado que, d'essa vez, a sentença o poderia perder, Reuchlin offerece-se ao papa, prompto para provar a harmonia que existe entre a Cabala e a doutrina da Egreja, em consequencia de que os judeus converter-se-ão ao christianismo. Os judeus lhe forneceram para esse fim "escriptos insensatos do cabalista José Gicatilha da Castelha, a pouco traduzidos para o latim pelo neophito Paulo Riccio... Desejando paz e sossego, mandou uma Cabala pintada de verniz christão, em caracter de sua defensora na côrte papal" (10).

---

(7) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 186.

(8) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 187.

(9) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 185.

(10) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 195.

Depois da morte do imperador Maximiliano, as uniões dos humanistas contribuiram para a eleição de Carlos V para o thrôno imperial; durante o congresso eleitoral, os principes eleitores não deixaram de declarar-se a favor de Reuchlin.

Estava preparado o terreno para a reformação, por meio da disputa sobre o Talmud.

"Não foi sinão devido ao conflicto por causa do Talmud que uma tão importante reformação encontrára ambiente favoravel, sem o qual nem podia apparecer nem avolumar-se" (11).

A mystificação cabalistica convenceu o papa e fel-o inclinar-se pela tolerancia para com a Cabala e o Talmud. Reuchlin foi absolvido, visto que mediante essa falsa Cabala, fornecida pelos judeus, provou a harmonia das sciencias cabalisticas, portanto tambem das talmudicas, com o christianismo.

Devido á disputa sobre o Talmud e o interesse geral pela Cabala surgem, como antes na Italia, tambem na Allemanha, depois na França e na Polonia, cathedras de lingua hebraica.

"A mocidade e varões maduros agrupavam-se em torno de judeus para d'elles aprenderem a lingua hebraica. D'ali, nasceu uma convivencia intima entre os mestres judaicos e os discipulos christãos o que, naturalmente escandalisava os orthodoxos fanaticos de ambos os lados; graças a essa convivencia, muitos preconceitos foram eliminados" (12).

Luthero a muito tempo fazia parte das uniões humanisticas, pois "entrou na roda dos humanistas, na época dos seus estudos em Erfurto" (1501) (13). Serviu

---

(11) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 196.

(12) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 201.

(13) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 269.

de instrumento em mãos de outros, era, antes, agitador de que creador de uma ideologia. Comquanto se tivesse tornado, formalmente, chefe da heresia, devido á publicação das theses e á consequente excommungação papal, assim mesmo, o papel de Reuchlin e, depois, de Melanchton, foi muito mais importante. "Não tendo verdadeira iniciativa propria, Luthero estava sendo empurrado para frente por amigos e inimigos, até o rompimento com o papado" (14).

"Com o fim de poder traduzir a Biblia para a lingua allemã, foi obrigado á aprender um pouco de hebraico e á procurar luzes entre os judeus" (15). Com o apoio dos principes allemães, Luthero organizou na Allemanha tamanho apparato agitador que Voltaire caracterisa do seguinte modo : "Luthero, com a grosseria de um estylo barbaro, triumphava na sua terra sobre a urbanidade romana".

A investidura de Luthero e a scissão na Egreja, foram recebidas com jubilo pelos judeus. "Muitos judeus fervorosos previam no motim dos lutheranos contra o papado, a ruina do christianismo em geral e o triumpho do judaismo. Tres doutos judeus visitaram Luthero, afim de ganhal-o para a religião judaica" (16).

Algum tempo depois, Luthero mudou de frente e começou a atacar os judeus. A seu exemplo, os outros protestantes, principalmente os da confissão de Augsburgo, tratavam os judeus com repulsa. Difficil seria affirmar, até que ponto é razoavel a opinião que "os adeptos da nova egreja fingiam odio contra os judeus para desviar de si a suspeita que pretendiam minar o christianismo e substituil-o pelo judaismo" (17).

---

(14) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 271.

(15) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 202.

(16) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 199.

(17) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 250.

Fosse como fosse, resta o facto que a reformação de Luthero destacou, especialmente o Velho Testamento e introduziu essa doutrina na vida quotidiana de seus adeptos. Mais longe ainda foram outros reformadores, como Zwingli e, seu successor, Calvino. Na mesma direcção, foram, de um modo radical, os chefes de outras seitas na mesma época, dos quaes trataremos abaixo.

Devido ao apparecimento contemporaneo de tantas seitas, a Egreja catholica estremeceu nos alicerces da sua organisação, sendo que "na Allemanha rebentou, n'esse tempo, uma tempestade que tinha seu fóco n'um circulo judaico reservado, em vista de que toda a christandade virou na direcção dos judeus, em grau maior de que estes o teriam desejado. Um recem-nascido que fez época, um recem-nascido de importancia universal na historia, um recem-nascido que ia transformar a Europa, viu a luz do dia, por assim dizer, n'um presepio judaico" (18).

E' assim que julga a obra da reformação, o principal historiador judaico. O acerto d'este julgamento apparecerá com mais nitidez quando apreciarmos os movimentos sectario-revolucionarios, contemporaneos a Luthero.

---

(18) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 157.

XIX

AS EXPLOSÕES REVOLUCIONARIAS

As uniões secretas dos Valdenses (Albigenses) ou Beghardos, depois das guerras hussitas, voltaram para os subterraneos e perduraram, até o periodo da reformação.

"A Allemanha, ao menos a Allemanha Meridional, estava, então, coberta de uma verdadeira rêde de uniões secretas, mais ou menos revolucionarias, que se communicavam continuamente" (1). Essas organizações sectario-revolucionarias realisavam, até, congressos secretos e correspondiam-se continuamente, sem se importarem com os limites interestadoaes, e eram dirigidas por uma mão invisivel.

O chronicão medieval de Frittheim, sob o anno 1501, assim descreve uma d'essas seitas: "Reunem-se em covas ou grutas occultas, á noite, como umas bestas e entregam-se a uma devassidão mais abjecta. Essa raça infame cresce e multiplica-se, de um dia para outro, de uma maneira maravilhosa" (2).

---

(1) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 316.

(2) L. KELLER: *Die Reformation*, pag. 304.

Quando Luthero queimou a bulla excommungadora do papa e compareceu, impunemente, na dieta de Vormacia (Worma) sob a protecção dos principes da Confederação (1521), os grupos revolucionarios secretos crearam coragem para uma franca actividade.

Na Saxonia Meridional rebentou um levante anti-ecclesiastico e na cidade mineira de Zwickau manifestou-se um movimento revolucionario, conhecido como movimento dos "sonhadores de Zwickau". A communa dos "sonhadores" adaptou dos judeus os "sonhos messianicos" e aguardava o advento do reino millenario (éra messianica), antecipado de uma violenta revolução. Era chefe dos "sonhadores", o tecelão Nicolau Storch.

Os "sonhadores" estavam em contacto intimo com um amigo de Luthero, Felippe Schwarzerd, parente de Reuchlin, que, depois, celebrisou-se como chefe da reformação de Augsburgo, sob seu pseudonymo grego, adoptado na organização, de Melanchton e que, até hoje, é intitulado nas rodas protestantes de "praeceptor Germaniae" (mestre da Allemanha).

Tambem discipulo dos "sonhadores de Zwickau" foi Thomas Muenzer que tinha estreitas relações com Luthero e Melanchton. Era um homem de origem incerta, talvez um judeu neophito, que exercia em Zwickau, em caracter de padre, o officio de parocho, desde o anno de 1520, isto é, no tempo em que Luthero foi ferido pela excommungação papal. Como pregador sacro junto á egreja de Santa Catharina que era a egreja da classe dos tecelões (sempre os tecelões!), entrou em relações intimas com estes e começou por ataques violentos contra o clero. Brevemente, rebentaram em Zwickau tumultos organizados por tecelões o que custou a Muenzer uma condemnação a exilio. Dirigiu-se a Praga onde tencionou continuar a sua actividade, mas, outra vez, foi expulso da cidade. Viajou, então, a Alstaett, cidade mineira na Saxonia, e contrahiu matrimonio, a exemplo de Luthero, com uma freira foragida do convento (1523).

Foi elle o primeiro dos reformadores que eliminou o latim do culto religioso e começou a recitar do pulpito trechos do Velho Testamento. Começou, tambem em Alstaett, uma actividade publicista e agitadora. Tinha uma predilecção especial para o livro de Daniel, o mesmo que, antanho, as uniões dos "pios" (Chassidim) diffundiam na Palestina com fins revolucionarios, antes do levante dos Machabeus.

Seguindo o exemplo de Israel, Muenzer investia com energia contra as imagens nas egrejas e o povo, incitado por elle, destruiu a capella em Mellerbach, logar de romarias; afinal, levou a população a um motim aberto contra o eleitor da Saxonia, Frederico (1524). D'esse motim, apezar de tudo, Muenzer escapou impune, visto que o eleitor cortejava os revolucionarios.

"Pois ainda no seculo proximo passado, alguns principes legaes cortejavam a revolução, uma vez que seus interesses dynasticos os empurravam para a politica revolucionaria. D'este modo procediam, principalmente, os Hohenzollern, até o anno de 1866" (3).

Em Alstaett, Muenzer organizava sociedades secretas revolucionarias, com o fim de levar á explosão de um enorme levante de camponezes. Subitamente, desappareceu, para resurgir em Milhusa (Mühlhausen).

Luthero e Melanchton, amedrontados com os preparativos de Muenzer, romperam com elle e tentaram contrapôr-se á sua actividade, porém Muenzer dispunha em Milhusa de um terreno previamente preparado pelas uniões secretas. Muenzer fez um desvio pelo Tyrol Meridional para se entender com os dirigentes das uniões secretas dos anabaptistas; reunia na mão d'elle todos os fios da grande conspiração. De Milhusa que estava proxima á fronteira suissa, tinha tambem contacto continuo com os chefes anabaptistas.

---

(3) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 303.

Em Zurich, actuava o reformador Zwingli e, como na Allemanha, assim tambem na Suissa, a reformação possuia a sua ala esquerda representada pelas uniões secretas dos Valdenses que, n'esse terreno, adoptaram o nome de anabaptistas.

Essas uniões, analogas ás allemãs, tinham caracter sectario-revolucionario e, até, communista sendo que a tolerancia lhes garantia, no periodo do humanismo uma especie moderna de communismo de salão, entre as camadas instruidas.

A doutrina dos anabaptistas foi haurida do espirito judaico e, artificialmente transplantada para o terreno das crenças christãs. Adoptaram dos judeus, em primeiro logar, assim como os "sonhadores de Zwickau", os sonhos messianicos.

"Bemaventurados os que morreram em Christo, porquanto resurgirão de dentre os mortos e, junto com Christo, reinarão na terra durante mil annos. Alguns julgam que reinarão eternamente e pensam que o reino de Christo se realisará n'esta terra, segundo dizem verbalmente os prophetas, conforme Lactancio o entendia e conforme os judeus o comprehendem ainda hoje" — escreve sobre elles Sebastião Franck, no seu chronicão editado em 1531.

Uma parte dos anabaptistas praticava libertinagens sexuaes, seguindo o exemplo dos Adamitas, bem como dos "irmãos e irmãs de espirito livre", dos quaes se tratou anteriormente. João Henrique Bullinger, um dos pronci-paes escriptores da reformação de confissão helvetica (reformada) no seculo XVI, assim os descreve:

"Alguns d'esses irmãos livres, diabolicamente devassos, convenceram mulheres levianas affirmando-lhes que não poderão sêr salvas si não abandonarem seu pudor feminino. Para isso, abusavam sacrilegamente do verbo divino: "si alguem não abandonar e não perder tudo a que tiver amor, não poderá sêr redimido". Além d'isso, é necessario sofffrer qualquer humilhação e deshonra. Pois não foi Christo quem disse que os cobradores de

impostos e as meretrizes terão, no ceu, a primasia deante os justos, portanto as mulheres devem tornar-se meretrizes e abandonar a sua honra, em recompensa de que occuparão no ceu um logar superior ás mulheres honradas" (4).

A mesma relação ritual e mystica com respeito á libertinagem encontramos, ainda mais tarde, no seculo XVIII, nas chamadas lojas adoptivas (femininas) da maçonaria, nas orgias das seitas satanistas do seculo XIX e, no seculo XX, nos ritos da seita mariavita, na Polonia.

As uniões secretas dos anabaptistas e seu adherente, Thomas Muenzer, organizaram na Allemanha, em 1525, o estouro do grande motim dos camponezes.

"Não podemos duvidar que, para fóra do motim, existia uma conspiração largamente ramificada que o tinha organizado e que decidira a sua explosão" (5).

Os insurrectos apoderaram-se de Milhusa, em Março de 1525, e organizaram na cidade um concelho communista, como no seculo XV, em Tabor. O proletariado urbano e a população rural tomavam parte commum no movimento, nos ataques ás egrejas, aos mosteiros e aos castellos.

Os judeus allemães manifestaram seu apoio ao levante dos camponezes, com bastante franqueza; "os magnatas e os fidalgos accusavam-nos que elles auxiliavam com dinheiro e instigavam os camponezes e os cidadãos insurrectos" (6).

O judeu Roselin Loans de Rosheim foi ao campo dos amotinados e combinou com elles um accordo pelo theôr do qual conseguiu "uma garantia que não causariam nenhum prejuizo aos judeus" (7).

---

(4) Citado por K. KAUTSKY: *A historia do communismo.*

(5) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 321.

(6) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 250.

(7) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 251.

A diviisa do motim era, de accordo com as instrucções de Muenzer: não conceder perdão. Eis um fragmento d'essas instrucções fornecidas aos "irmãos":

"Toda a Allemanha, França e Italia estão convulsionadas. O Senhor quer começar a lucta e está proximo o fim dos malfeitores. Em Fulda, foram destruidas, na semana immediata após a Paschoa, quatro egrejas monasticas. Os camponezes de Klettgau, de Hegau e da Floresta Negra insurgiram-se em numero de 30.000 e suas cohortes estão sempre augmentando. Receio, apénas, que essa gente obscura não entre em convenções falsas, porquanto inda não conhece as injustiças a que foi sujeita. Onde tiver entre vós só tres confiados em Deus(procurando só Seu nome e Sua gloria, não deveis temer nem centenas de milhares. Então, avante, sempre avante! Não tende compaixão, nem que Ezau vos dê boas palavras; não prestae attenção ás lagrimas dos impios! Elles vos pedirão com tanta gentileza e implorarão como creanças, mas não tende piedade para com elles, conforme Deus o ordenou, por intermedio de Moysés V. 7. E a nós Elle nol-o ordena. Excitae as aldeias e as cidades, principalmente os mineiros e outros bons rapazes. Não podemos mais ficar dormindo!" (8).

O abafamento do motim custou a Allemanha mais de 150.000 victimas humanas, comquanto uma grande parte dos insurrectos, principalmente os mineiros, de accordo com os receios de Muenzer, se tivesse deixado mitigar, por meio de convenções. Os restantes insurrectos, com Muenzer na frente, retiraram-se para os arredores de Frankenhausen onde cederam ás tropas dos principes da Confederação. Muenzer mesmo, occultou-se na cidade, envolveu a cabeça para não sêr reconhecido e acamou-se n'uma casa alheia fingindo-se doente. Apezar

---

(8) Citado por ZIMMERMANN: *Der Bauernkrieg*, vovl. II, pagina 297.

d'isso, foi reconhecido, preso e executado. Antes da execução, foi submettido á tortura e prestou vasto depoimento.

Após a derrota dos camponezes amotinados, as uniões secretas dos anabaptistas continuaram a desenvolver na Allemanha uma intensa actividade revolucionaria. Um dos seus dirigentes, Hans Hut, predizia o advento do reino millenario (messianico) para o anno de 1528. Não nos esqueçamos que o chefe do judaismo, Abarbanel, tinha feito o calculo que o messias e o reino de Israel viriam no anno de 1531.

Essas esperanças não estavam sem base. O movimento revolucionario, momentaneamente abafado, ameaçava uma nova explosão. A reformação tinha abrangido quasi toda a Allemanha e o imperador Carlos V vacillava. A Suissa estava innundada pela reformação de Zwingli e a mesma irradiava de Genebra para a França. Os paizes scandinavos separavam-se de Roma: durante a dieta em Westeras, Gustavo I Wasa, rei da Suecia, confiscou todos os bens ecclesiasticos; o rei da Dinamarca, Frederico I, adheriu ao protestantismo (1526). A Ordem Teutonica tambem pendeu para o lado dos inimigos da Egreja e o grão-mestre da Ordem, Alberto (Albrecht), margrave de Brandeburgo, recebeu do rei da Polonia, Sigismundo I (Zygmunt), as propriedades da Ordem (1525) a titulo da vassalagem feudal (a actual Prussia Oriental, tambem chamada de Prussia Ducal, que nunca antes tinha pertencido á Allemanha). Finalmente, na Italia, o terreno estava minado pelos humanistas e appareceram herejes, como Socino (1525) cujos continuadores foram os antitrinitarios polonezes.

De mais a mais, aproveitando a desintelligencia entre Carlos V e o papa, as tropas mercenarias do imperador occuparam Roma e a soldadesca desenfreada, composta de mercenarios protestantes, effectuou um saque barbaro na cidade eterna. "Foi apénas uma sorte para Carlos V, como rei catholico (da Espanha — n. do aut.) e impe-

rador, que o papa e os cardeaes não foram assassinados pelo exercito" (9).

Como si as calamidades não tivessem sido sufficientes, a christandade foi ameaçada por uma violenta invasão turca: no anno de 1529, o sultão Suleiman occupou a Hungria e fez avançar suas tropas até Vienna.

"O que não conseguiram acabar os camponezes, deviam agora effectuar os turcos. Hans Hut (anabaptista — n. do aut.) bem como muitos entre os seus companheiros, contavam com a esperada chegada dos turcos. Estes deviam destruir a Confederação, segundo dizia Hut. N'esse interim, os companheiros deviam ficar escondidos pelas florestas e apparecer quando os turcos fizerem o serviço, para acabar a obra" (10).

Suleiman soffreu uma derrota perto de Vienna e "breve depois, (1530) os judeus da Allemanha foram suspeitos de terem prestado serviço de espiões a favor dos turcos atacantes" (11).

As esperanças de Abarbanel que, desde o anno de 1531, começaria a éra messianica, foram transferidas pelos cabalistas, na base de novos calculos, para o anno de 1540.

Strasburgo tornou-se, d'essa vez, centro do anabaptismo e, no papel de propheta, Hans Hut foi substituido por Melchior Hofmann proclamando que Strasburgo se transformaria, brevemente, em Jerusalem celeste e que isso aconteceria, logo no anno de 1533. Hofmann dirigiu-se, depois, a Hollanda onde ampliava a organização revolucionaria. A Hollanda estava, n'aquella época, unida á corôa espanhola, de forma que a reformação, ali, não poude achar accesso; em compensação, as uniões secretas dos anabaptistas multiplicavam-se ás occultas. A sua

---

(9) J. BURCKHARDT: *A cultura da Renascença*, vol. I, pagina 140.

(10) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 377.

(11) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 252.

principal communa estabeleceu-se em Amsterdam. Como chefe dos sectarios na Hollanda, destacou-se João de Leyde. Entre os anabaptistas neerlandezes, foi proclamado que "o Senhor condemnou Strasburgo por sua infidelidade e, no seu logar, predestinou Monaster (Muenster) para nova Jerusalem".

Realmente, o centro do anabaptismo mudou-se para Monaster e os "irmãos" para ali affluiam de todas as partes, até da Hollanda. A' frente dos elementos revolucionarios na cidade, estavam Rothmann (nome bastante eloquente = homem vermelho) e Knipperdollinck. Aquelle tinha trabalhado antes com Zwingli e, só depois, procurou uma posição entre os anabaptistas; pregava sermões em Monaster e fazia propaganda por meio da imprensa, pois em sua casa funccionava uma typographia que multiplicava as proclamações subversivas.

Rothmann fazia, occultamente, propaganda communista. A sogra de Kniperdollinck, chamada Brandstein (outro nome significativo = pedra incendiaria), "mulher muito rica, estava tão inspirada pelo espirito de Deus que devolveu aos seus devedores os documentos por elles assignados, conjunctamente com os juros recebidos" (12).

Não é uma magnanimidade estupenda e um magnifico meio de propaganda? Uma interpretação tão favoravel aos devedores da theoria communista da parte de uma judia, sogra de um dos chefes do movimento (aos christãos era, então, prohibido o emprestar a juros), tinha que atrahir forçosamente partidarios para os revoltosos. "Não se póde admirar que os irmãos reconheciam em toda parte têr sido Strasburgo condemnada por Deus e que a verdadeira nova Sion surgiria em Monaster" (13).

---

(12) H. VON KESSENBROCK: *Geschichte der Wiedertäufer*, vol. I, pag. 455.

(13) KARL KAUTSKY: *A histori ado communismo*, pag. 429.

Assustado com a effervescencia dos animos, o bispo de Moguncia introduziu dentro da cidade tropas pela porta judaica. Em resposta, rebentou um motim armado e os amotinados apoderaram-se da cidade. A capital de Westphalia ia tornar-se a Nova Jerusalem (1534).

Em Monaster, "o communismo apparece como poder independente, dominante, revolucionario, pela primeira vez na historia" (14). Vejamos que aspecto tinha o tal poder independente.

A cidade vivia sob um terror continuo. O bispo queixava-se que "em paiz nenhum, até entre os turcos e pagãos, nunca se ouviu fallar em tão inaudita, tão deshumana crueldade" (15).

Como governo da cidade, constituiu-se um conselho de doze seniores, symbolisando os doze anciões das doze tribus de Israel (um "soviet" de commissarios).

"Visto que os anabaptistas não possuiam instrucção classica, mas, a exemplo de todos os sectarios communistas, procuravam sua base litteraria no Velho Testamento, não chamaram os membros d'essa junta nem de senadores, nem de directores, mas de seniores das doze tribus de Israel" (16).

Commandante da guarnição militar era João Mathys e, depois, João de Leyde, chamado na cidade de "rei em Israel" seu lugar-tenente era Kripperdollinck, o mesmo cuja sogra tanto se distinguira pela sua liberdade. O rei em Israel" bem como seu logar-tenente executavam com as proprias mãos as sentenças de morte. Essa missão honorifica dos dictadores militares que relembra quadros horripilantes da Russia sovieticas, teve uma apreciação pouco

---

(14) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 432.

(15) Vide JANSEN: *Geschichte des deutschen Volkes*, vol. III, pag. 300.

(16) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 441.

vulgar da parte de um nosso contemporaneo historiador judaico de communismo.

"Si os chefes do movimento monasteriano encarregavam-se, elles proprios, das obrigações de carrasco, manifestavam, por isso mesmo, um acto de humilhação propria sem exemplo, um acto que demonstra não crueldade, mas, sim, a consciencia de egualdade" (17).

Dentro da cidade, entre os governantes, reinava luxo: banquetes, jogos e danças, prestitos festivos e espectaculos theatraes em que estavam sendo representadas peças agitadoras, similhantes ao repertorio actual dos palcos sovieticos de segunda ordem. As festas populares, sob a chefia do "rei em Israel", recordavam as invenções dos "bezbojnik's" (atheus) russos.

"Divertiam-se muito para matar o tempo. Assim, por exemplo, o rei mandou o populacho conferenciar na cathedral. Então, todo o populacho reuniu-se na cathedral, homens e mulheres, excepção feita dos que tinham que guarnecer os muros, para apreciar a grande alegria e o milagre que devia se realisar na cathedral. Então, o rei mandou montar um palco protegido por todos os lados por cortinas, no presbiterio da cathedral, onde está o altar mór e, ali, representaram uma peça sobre o ricaço e o Lazaro, ao pé do palco estavam tres musicos com pifaros e tocavam uma peça em tres vozes. Depois, o ricaço tornava a fallar e os musicos tornavam a tocar. Essa peça prolongou-se até o fim. Então, houve grande gargalhada na cathedral, acharam n'isso muita graça" — assim descreve, no seu estylo modesto, os acontecimentos na sua cidade natal, um marceneiro de Monaster, Gresbeck, contemporaneo aos acontecimentos. Para os habitantes dos arredores da "porta judaica" (Judenthor), sem duvida alguma, o ingresso na cathedral sempre estava franco.

Nas rodas reservadas, os divertimentos não differiam

---

(17) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 439.

muito dos hodiernos em Moscow. Um dos contemporaneos, Kessenbrock, nos deixou o seguinte quadro:

"Por aquelle tempo, o propheta, João Mathys, homem muito devasso, reunia anabaptistas de ambos os sexos, secretamente, em casa de Knipperdollinck, seu logar-tenente. Quando a sociedade já estava reunida, o propheta punha-se em pé, no meio da casa, deante de um castiçal de cobre, preso ao soalho em que ardiam velas, ensinava a multidão que o rodeava, tambem em pé, e atiçava o fogo que tremeluzia nos corações de muitos, em uma grande chamma. Depois interpretava o primeiro capitulo do primeiro livro de Moysés e, logo que chegava ás palavras: "crescei e multiplicae-vos e enchei a terra", apagavam-se as velas. Que coisas repugnantes então se faziam, póde-se imaginar pelo facto que, certa vez, foi encontrado o propheta deitado de uma maneira indecente sobre o collo de certa rapariga".

O conselho dos doze seniores publicou um edicto especial, em vigor do qual "as mulheres que ficavam sem chefe masculino, receberam, agora, a ordem que se mudassem para uma casa que possuisse um homem, não como escravas nem como empregadas, mas em caracter de companheiras da esposa" (18).

Eis a perfeita socialisação sovietica das mulheres, em conjuncto com a instituição mussulmana de harem; e, para justificação d'esse acto de violencia, o conselho referia-se á polygamia dos judeus descripta no Velho Testamento.

Tal foi o aspecto da Nova Jerusalem onde os anabaptistas — conforme diz Voltaire — "desejaram no começo reconstituir a theocracia judaica e serem governados por proprio Deus, mas um aprendiz de alfaiate, de nome João de Leyde, affirmou que Deus lhe tinha apparecido nomeando-o rei; assim disse e fez com que lhe dessem fé".

E esse rei em Israel, carrasco espontaneo nas exe-

---

(18) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo*, pag. 458.

cuções, "servia de exemplo aos demais e possuia um harem numeroso" (19).

A guerra da Confederação contra Monaster communista, faz lembrar a guerra da França contra a Communa parisiense. Da Hollanda sahiam multidões armadas em auxilio aos anabaptistas. Foram necessarias as forças reunidas dos principes da Confederação para organizarem o sitio da cidade. Entretanto, na rectaguarda das tropas sitiantes, rebentavam motins armados, entre os quaes o mais ameaçador foi o de Amsterdam, dominado finalmente pelos proprios cidadãos ordeiros. Monaster foi tomada só no fim de Junho de 1535, depois de dezeseis mezes de sitio, durante os quaes continuaram as loucuras da communa.

Desde então, os anabaptistas novamente desappareceram por baixo da terra. No congresso de Bockholt, rompe entre elles uma scissão (1536). Uma parte d'elles, sob a chefia de David Jorris e, depois, de Mennon Simons, obedece á orientação pacifico-chiliasta (messianica) e recebe a denominação de mennonitas; a parte mais bellicosa apparece, brevemente, na Inglaterra, como **spiritus movens** da revolução de Cromwell.

O golpe desfechado contra a Egreja catholica pela seitas reformadoras, abalou, conforme vimos, não só o poder da Egreja, como tambem os alicerces da civilisação christã e o edificio da organização social. A reformação tornou-se, no proprio sentido da palavra, uma revolução.

A multiplicidade das seitas reformadoras e a variedade de seus credos provam que os seus organizadores ou, para dizer melhor, os seus dirigentes, não se preoccupavam com a victoria de quaesquer crenças, mas, unicamente, tinham em vista o arrasamento do modo de pensar estabilisado e a guerra contra o dogmatismo.

Sebastião Franck, no seu chronicão, assim escreve sobre os anabaptistas: "Comquanto todas as seitas estejam

---

(19) SALOMON REINACH: *Orpheus*, pag 353.

scindidas no seu interior, todavia os anabaptistas particularmente são entre elles tão discordes e desharmonizados que sobre sua doutrina nada posso relatar de certo e decisivo".

A todos os sectarios caracterisava uma tolerancia suprema com respeito a convicções alheias, ao passo que os unia sómente a organização de odio commum contra a Egreja romana.

Durante a dieta em Augsburgo, no anno de 1555, foi estabelecido na Allemanha o principio: **cuius regio eius religio.** Desde então, dependia do monarcha que religião iam confessar os seus subditos; d'esse modo, a reformação que batalhava ostentando a divisa de liberdade de consciencia, acabou pela mais horrenda violação das consciencias humanas.

A Egreja catholica, depois da clade, levantou-se mercê á solidificação moral. Especialmente a fundação da Ordem dos Jesuitas por Santo Ignacio de Loyola (1540) e a actividade do papa Paulo IV (1555-1559), bem como os resultados do concilio tridentino (1548-1563), capacitaram a Egreja para a chamada contra-reformação que lhe ganhou terreno na França, na Allemanha Meridional e na Polonia.

Na Espanha, em Portugal e na Italia readquiriu a sua autoridade a inquisição desacreditada, antes da reformação, pelas uniões dos humanistas.

"A inquisição estava muito desacretidada na aurora do seculo XVI. Foi uma das razões dos relativos successos da reformação. Si os reformadores se tivessem encontrado deante os omnipotentes inquisidores do seculo XIII, teriam seguido o mesmo destino que o tiveram os Albigenses" (20).

E' um caso muitissimo interessante que o attentado contra a Egreja catholica foi acompanhado, contempora-

---

(20) SALOMON REINCH: *Orpheus*, pag 337.

neamente, por um similhante, embóra falhado, contra o scisma na Russia. No reinado de Ivan (João) III Vassilievitch (filho de Basilio), entre os annos 1464 e 1474, appareceu em Moscow um judeu lithuano que se baptisara, adoptara o nome de Theodoro e começou a iniciar os sacerdotes schismaticos na Cabala. Para auxilial-o, vieram mais dois judeus da Lithuania: Shmul Skariawy e Moysés Rapush. Dois dos sacerdotes schismaticos iniciados na Cabala "demonstraram tamanho ardor pela nova doutrina que quizeram submetter-se á circumcisão, mas os proprios judeus não o consentiram dizendo que si a suspeita recahisse sobre elles, essa circumstancia serviria de prova contra elles; que, pelo contrario, deviam observar os preceitos do judaismo occultamente, continuando ainda passar por christãos e observando exteriormente uma piedade rigorosa" (21).

A seita judaisante espalhou-se pela egreja schismatica. Os sectarios, nas suas reuniões secretas, desacatavam objectos do culto religioso, "iconas" (imagens sacras) e cruzes e commettiam actos sacrilegos. Ambos os primeiros iniciados, Alexis e Denis, conseguiram penetrar na mais intima roda do grão duque Ivan III que os levou de Novgorod para Moscow e nomeou-os arcebispos. Os dois arcebispos incumbiram-se do apostolado da seita judaisante entre o clero e a comitiva do grão duque. Conseguiram alliciar na conjuração até Helena, nóra de Ivan III e mãe do herdeiro do throno, bem como muitas pessoas de destaque. Apoiado em tão poderosos protectores, Alexis chegou a sêr metropolita schismatico; os judeus, causadores d'esse attentado inaudito, evaporaram-se da Russia."

Foi só em 1487, depois de treze annos de existencia, que a seita judaisante foi casualmente descoberta; o metropolita Alexis, todavia, foi obrigado a abandonar a sua

---

(21) A. NIETCHVOLODOV: *L'empereur Nicolas II et les juifs*, pag. 181.

cathedra só em 1503. Em 1504, o concilio condemnou a seita e os sectarios desappareceram por baixo da terra. Nos tempos de Ivan o Terrivel, appareceram novamente e, em 1553, foram sujeitos a repressões. Desde então, a seita emigrou para a Lithuania e, sob a chefia de Theodoro Kossoi, expandiu-se entre os schismaticos a tal ponto que o monge schismatico, Zenobio Olensky, n'uma obra dirigida contra ella, escreve o seguinte: "Satanaz corrompeu o Oriente por intermedio de Bahmet (Mahomet), o Occidente por intermedio de Martin Luther e, a Lithuania, por intermedio de Kossoi" (22).

Assim aconteceu que "uma coincidencia feliz inutilisou a victoria final da seita judaisante cujos effeitos seriam, verdadeiramente, incalculaveis" (23).

---

(22) Citação de NIETCHVOLODOV: *L'empereur Nicolas II et les juifs*, pag. 184.

(23) A. NIETCHVOLODOV: *L'empereur Nicolas II et les juifs*, pag. 186.

XX

A CONTRA-REFORMAÇÃO. OS JUDEUS NA TURQUIA. AMSTERDAM.

O triumpho do judaismo alcançado pelo abalamento da unidade ecclesiastica não equilibrava, todava, os effeitos da catastrophe que tinha soffrido na Espanha e em Portugal. Com effeito, não poude soffrer um golpe mais doloroso que a expulsão de uma terra que, a seculos, considerava sêr a terra da promissão.

A Espanha foi para o judaismo um centro do qual irradiava sua influencia por toda a Europa christã. As grandes repressões de que, frequentemente, eram victimas na Allemanha, na França e na Inglaterra, podiam paralysar ou ao menos enfraquecel-as o poderoso judaismo espanhol; e, agora, onde iam encontrar os hebreus um porto seguro para as suas influencias na Europa ?

A Allemanha lutherana, embóra sujeita, por meio da reformação, á influencia espiritual do judaismo, brevemente, em vista da participação activa dos judeus no levante dos camponezes e nos movimentos communistas, tratava com hostilidade a população judaica e, Luthero mesmo, iniciou uma campanha pela imprensa contra os judeus allemães. Na Inglaterra, desde o anno de 1290 a permanencia aos judeus estava prohibida; da França, foram ex-

pulsos no seculo XIV. Restava-lhes a Italia, entretanto perigosa, em vista de sêr a séde do papado por elles atacado.

Uma grande parte dos judeus expulsos da Espanha, bem como marranos foragidos, foram parar na Italia, principalmente no reino de Napoles; estabeleceu-se, ali, em primeiro logar, a familia dos Abarbanel que chefiava o judaismo.

Comtudo, brevemente, mercê á solidificação da Egreja catholica, começou a contra-reformação. Dois foram os vultos, especialmente poderosos, que reergueram a Egreja da decahida: Giovanni Pietro Caraffa, o posterior papa Paulo IV, e Ignacio de Loyola, o fundador da Ordem de Jesus.

"O papado murchado de que, então, julgou-se que ruiria entre risos e chocarrices dos adversarios e a respeito do qual, até os amigos, encolhiam os hombros, foi levantado por esses dois homens a um poder talvez ainda maior de que no governo de Innocencio III e dos seus successores, porquanto assentou-se não na escora oscillante de devaneios da fé, mas em fortes alicerces de uma convicção inabalavel e de uma consequencia intransigente" (1)..

Devido ao augmento da autoridade ecclesiastica, tambem cresceu a autoridade moral da inquisição contra os marranos; uma vez, pois, que os judeus auxiliavam os christãos simulados em enganarem os poderes ecclesiasticos e a opinião catholica, começaram a feril-os as repressões, mesmo nos territorios dos estados italianos, especialmente na republica veneziana, no reino napolitano e no estado papal. Em resultado, perderam na Italia a faculdade de acção livre e, finalmente, no anno de 1540, foram prohibidos permanecerem no reino de Napoles.

---

(1) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 264.

Em consequencia d'isso, na primeira metade do seculo XVI, os judeus não podem mais considerar a Italia, como sua base e são obrigados a transferirem seus centros organizadores para a Turquia, para onde emigraram, antes, multidões de judeus e marranos espanhoes.

Esses adventicios, tanto na Turquia, como em qualquer outra parte onde conseguiram penetrar, graças á sua posição nas organizações judaicas, pegaram nas suas mãos as redeas da vida de Israel.

"No seculo XVI, encontramos esses exilados quasi exclusivamente como representantes dos acontecimentos historicos; são elles que fornecem rabbinos, escriptores, philosophos e preceptores. Em todos os paizes, exceptas a Allemanha e a Polonia para onde nunca chegaram em grupos maiores, apoderam-se da batuta os judeus sephardinos" (2).

Tambem na Turquia, os judeus sephardinos impõem o seu prestigio e os judeus ali estabelecidos a tempos, submettem-se, immediatamente, ao commando dos recem chegados.

"Ahi, como na palestina onde seu grande numero e seu bemestar lhes davam mais animo, podiam sonhar sobre a conquista de certa autonomia, sobre o estabelecimento de uma união religioso-nacional e sobre a realisação dos sonhos messianicos" (3).

Apoiados no poder conquistador da Turquia, podiam sonhar sobre a dominação do mundo. O enleio pela sua influencia nos sultãos autocratas, parecia sêr garantia sufficiente que a dominação de Israel sobre os demais povos possa tornar-se uma realidade. Essa esperança, junta ao convulsionamento da Europa pela reformação e a insustavel investida turca, poude insufflar a Abarbanel a predicção do periodo messianico para o anno 1531 e,

---

(2) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 264.

(3) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 135.

depois, a outros cabalistas, para o de 1540. Entretanto, essas esperanças não se realisam e, continuamente, são adeadas por novos vaticinadores cabalisticos.

Segundo o ensinamento de Moysés Maimuni, a éra messianica deverá sêr precedida da constituição de um Synhedrion por todos conhecido. As massas judaicas aterrorisadas com a catastrophe espanhola, era necessario serem encorajadas e capacitadas para o combate pela dominação. Com este fim, Jacob Berab declara-se, em Safed na Palestina, presidente do Synhedrion e coopta vinte e tantos adeptos, em caracter de membros da directoria (1538). Desde então, a regencia de Israel está patente no imperio ottomano.

Depois da morte de Berab (1541), assome a presidencia Iossef (José) Caro, tambem judeu espanhol (1488-1575), discipulo do cabalista, já nosso conhecido, Salomão Molch. Foi autor da obra "Beit Ioseif" da qual elle proprio publica um resumo, sob o titulo de "Shulchan Aruch" (mesa coberta). E' uma especie de codigo talmudico que está vigorando, até os nossos dias, entre os judeus.

"Esse codigo foi mais adoptado na Polonia onde existia grande autonomia dos kahal's (kahal ou kehillah = especie de directoria districtal judaica — n. do auct.) e a jurisdicção civil para os judeus estava em mãos judaicas. Shulchan Aruch tornou-se, ahi, por assim dizer, um codigo obrigatorio" (4).

Na metade do seculo XVI, um grupo de pessoas oriundas das principaes familias judaicas da Espanha, consegue um prestigio politico decisivo na côrte sultanica. Cerca do anno de 1553, apparece em Constantinopla uma marrana espanhola foragida de Portugal, Gracia Mendes, mulher de um banqueiro. Depois da morte do marido pertencente á estirpe dos "nassi" (patriarchas), effectuava na Europa vultuosos negocios bancarios em-

(4) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 20.

prestando dinheiro a reis e principes. Tendo fugido de Portugal, devido á inquisição, estabeleceu-se entre marranos em Antuerpia, depois em Veneza e em Ferrara, até que conseguiu alcançar Constantinopla onde reverteu francamente ao judaismo. Breve depois, chegou á capital turca o sobrinho e genro d'ella, João Miques, que, tambem, voltou ao judaismo e nomeou-se José Nassi (patriarcha).

"Entretanto, não foi sósinho que chegou á capital turca, mas com uma grande comitiva de quinhentos judeus espanhoes, portuguezes e italianos. Apresentou-se, logo, ali, como um principe" (5).

Gracia Mendes e José Nassi, durante muitos annos, exercem uma influencia poderosa sobre a politica do sultão Suleiman. Em resposta ás repressões de Paulo IV decretadas contra os marranos em Roma, exige o sultão (1556) inspirado por esses dois judeus, a libertação dos marranos que foram da Turquia á Roma com fins commerciaes; e o papa satisfaz essa exigencia. Nassi e sua sogra não conseguiram defender deante dos tribunaes ecclesiasticos os marranos romanos, portanto juraram vingança ao papa organizando na Turquia e na Italia uma boicotagem economica do estado papal e de seu porto em Ancona.

"Os mais interessados n'essa questão, os judeus de Pesaro e os antigos marranos no imperio turco, não mediam, naturalmente, esforços para sêr votada uma resolução commum com que se lançasse anathema sobre o porto papal" (6).

Entretanto, uma parte de judeus se oppoz com energia a esse projecto, devido aos proprios interesses commerciaes, de forma que o rabbinado em Safed recusou-se a lançar o anathema.

---

(5) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 276.

(6) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 277.

Após a morte de Paulo IV, rebentaram em Roma tumultos entre a plebe (1559).

"O povo... despedaçou o escudo e a estatua do papa e arrastou a cabeça do monumento pelas ruas. Entre risos e escarneos apreciavam os romanos certo judeu enfiar na cabeça da estatua um barrete judaico, tão severamente recommendado pelo papa" (7).

Não conseguiram vingar-se de Paulo em vida, ao menos, depois de morto, desacataram sua estatua.

José Nassi soube ganhar a benevolencia do sultão, porquanto organizara, por meio de judeus e marranos, uma verdadeira rêde de espionagem na Europa e colhia noticias para o sultão. Tinha planos politicos que iam longe, pois "pretendia iniciar a dança guerreira com a Espanha e expedir aos mahometanos das costas africanas um auxilio contra os accendedores de fogueiras" (8).

O prestigio de Nassi crescia e, "rangendo os dentes percebiam os monarchas christãos, hostis aos judeus, que seus planos estavam sendo atravessados, cá e acolá, por mãos judaicas e que seus embaraços interiores augmentavam cada vez mais" (9).

O sultão presenteou a Nassi com uma extensão de terras na Palestina, com o fim de sêr reconstruida Tiberiade (antiga séde do Synhedrion), com a condição que, ali, só judeus poderiam habitar. Além d'isso, nomeou-o "principe da ilha de Naxos", deu-lhe essa ilha de presente e mais doze ilhas Cyclades.

Nos planos de Nassi estava ainda o apoderar-se da ilha de Chypre onde, nos tempos romanos, os judeus degollaram 250 mil gregos. "Sonhava na corôa de Chypre que o sultão lhe tinha promettido. Póde sêr que trans-

---

(7) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 283.

(8) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 288.

(9) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 278.

formaria a ilha da deusa da belleza n'um estado judaico" (10).

Não se deve perder de vista que Chypre pertencia, n'essa época, á republica veneziana que tinha estabelecido um ghetto obrigatorio para os judeus.

Essa dependencia de Chypre não constituia obstaculo para Nassi. "Ao saber a noticia que o arsenal de Veneza, devido á uma explosão de polvora, voára pelos ares (que extranha coincidencia! — n. do auct.), ordenou o sultão, a conselho de Nassi, sua frota seguir para um immediato ataque a essa ilha" (11).

D'essa maneira começara a guerra que fôra uma das mais ameaçadoras para a christandade, entre as que fez com a Turquia. A ilha de Chypre foi conquistada pelos turcos, toda a guarnição e uma parte dos habitantes foram passados a fio de espada. Felizmente, o papa Pio V conseguiu levar a fim uma coalição de estados christãos, em defeza da cruz. Na grande pugna naval de Lepanto (1571), as frotas alliadas christãs derrotaram a armada turca, porém Chypre ficou em poder da Turquia. Depois da batalha, o senado veneziano resolveu desterrar de Veneza os judeus, como coparticipadores da conspiração de Nassi.

José Nassi auxiliou, tambem, os herejes hollandezes na sua lucta contra a Espanha catholica.

"N'essa oppressão, os insurrectos neerlandezes dirigiram-se a José de Naxos... o principe Guilherme de Orange, a alma heroica da insurreição, mandou um proprio a José pedindo que inclinasse o sultão para uma declaração de guerra á Espanha o que resultaria em retirada das tropas espanholas de Flandres" (12).

---

(10) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 297.

(11) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 291.

(12) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 292.

Outro judeu que dirigia, em muitos casos, a politica ottomana, foi Salomão ben-Nathan Askenazy, judeu veneziano, ex-medico de corpo do rei da Polonia, Sigismundo Augusto. Tendo abandonado a côrte regia, foi á Turquia onde se collocou ao lado do grão vizir Socolli.

Depois da derrota em Lepanto (hoje Navpaktos), Askenazy tomou nas suas mãos a mediação pacifica entre a Turquia e a republica veneziana. Quando, em 1572, morreu Sigismundo Augusto, o judeu veneto-turco atirou na balança, durante a eleição do novo rei da Polonia, com o poder da influencia turca a favor de Henrique de Valois e decidiu a sua eleição. Assim, "a decisão da eleição poloneza estava nas mãos de um judeu que se mantinha no segundo plano" (13).

Muitos annos depois da fuga de Henrique da Polonia, Askenazy escreve-lhe o seguinte, já como ao rei Henrique III da França : "Fui eu que mais contribui para que Vossa Majestade pudesse obter a corôa da Polonia" (14).

Breve após a eleição poloneza, Askenazy apparece em Veneza, em caracter de embaixador turco, e conclúe a paz em nome da Turquia.

D'esse modo, "os gabinetes christãos nem desconfiavam que o correr dos acontecimentos que os obrigava a assumirem tal ou qual attitude, estava dirigido por mão judaica" (15).

A Turquia tornou-se, por muito tempo, uma base para os judeus, na sua lucta contra a Europa christã. Logo que reconheceram não lhes ser mais necessaria, ou, até, embaraçosa, começaram a destruir seu poder, com meios já experimentados.

---

(13) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 294.

(14) Citado por MAJER BALABAN: vol. III, pag. 15.

(15) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 293.

Temos deante nós um opusculo, escripto depois da guerra mundial por Merlan Zade Rifaat-bey, dignitario da côrte do ex-sultão Abdul Hamid, em duas linguas: turca e franceza. Foi editado em Constanza, em 1923, e o autor deu-lhe um titulo significativo: "L'empire ottoman et les sionistes. Les juifs qui ont ruiné la Turquie".

Por este livro, ficamos inteirados não só das machinações judaicas no periodo da revolução jovem-turca, na época da guerra mundial e sob o governo de Kemal-pacha, como tambem de certos fragmentos do passado longinquo.

"Não póde haver duvida que os que investigam os acontecimentos durante o reinado dos sultãos Azis e Murad e procuram aprofundar os enygmas e as razões de duas destronisações consecutivas de ambos estes sultãos, sabem perfeitamente que n'esses acontecimentos, tambem ha mão judaica: que Nessim Zedler, Michon e Haronazzi, mercê á intervenção da sultana mãe, Bezmi Alem, e da dona Eliza chamada de "belleza viennense", as quaes conseguiram alliciar para seus propositos — desempenharam um papel diabolico" (16).

Nos seculos XVI e XVII, os judeus ainda precisavam da Turquia e, segundo o vimos, exploravam-na sem a minima ceremonia a seu favor. Isso facilitava-lhes, indirectamente, a influencia sobre a politica dos Estados christãos e — coisa inestimavel — a liberdade de desenvolvimento interno.

A par de agrupamentos francos, crescem na Turquia as uniões secretas dos cabalistas, especialmente na Palestina.

"Nos ultimos seis lustros do seculo XVI, a Cabala conquista na Palestina um poder exclusivo, procede a evocações de espiritos e a exorcismos e, d'ali, espalha-se por toda a Turquia, Polonia, Allemanha e Italia" (17).

---

(16) MERLAN ZADE RIFAAT BEY: *L'empire ottoman et les sionistes*, pag. 5.

(17) H. GRÆTZ: *volL VII*, pag. 301.

"Safed, séde do Synhedrion, torna-se centro dos cabalistas. Os mais iniciados fundam uma especie de irmandade nomeada symbolicamente "Sukat Shalom" (barraca da paz), com o fim de cultivarem praticas cabalisticas e trocarem idéas mutuas" (18).

N'essa união secreta baseou-se Izaac Luria, o creador da Cabala pratica.

Izaac Luria (1534-1572), "attribuia a si proprio a alma de messias da estirpe de José, bem como uma missão messianica" (19).

Luria inspira-se no livro cabalistico Zohar e é n'elle que inicia os seus adeptos. Em distincção aos cabalistas de até então, que estreitavam a roda de pessoas iniciadas, alarga muito as organizações dos discipulos da Cabala. A missão messianica não é, naturalmente, coisa nova em Israel, nem a vaticinação da éra messianica. "Entretanto, existem meios para a acceleração d'esse processo e são justamente elles que constituem invenção original de Luria" (20).

Izaac Luria predisse o inicio da éra messianica para o anno de 1568. Devia servir de meio para o adeantamento d'esse periodo, sua Cabala pratica. A applicação da mesma ia motivar, depois de Luria, messias da estirpe de José (Meshiach ben Iossef), o advento do proprio messias (Meshiach ben David).

A essencia da Cabala pratica foi a divulgação das praticas cabalisticas, para além dos circulos restringidos dos, até então, iniciados, doutos em Testamento. Luria interpretava o livro "Zohar" a um numeroso auditorio. "Aconteceu, pela primeira vez, que alguem ousasse explicar publicamente a sciencia occulta" (21).

---

(18) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 22.

(19) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 305.

(20) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 304.

(21) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 24.

Em vista d'isso, Luria viu-se obrigado a dividir seus discipulos em dois graus : os iniciados e os noviços. A sua these era que "todo o povo judaico tem o dever de melhorar o mundo no ceu (Olam Hatikun) e apressar o advento de Messias (esse Meshiach ben David — nota do auct.)" (22).

Tal foi a cabala pratica de Luria que convocava todo o povo israelista para um serviço activo a favor de sua religião politica. As massas judaicas, seguras, até então, pelos dirigentes de mão ferrea, por meio de preceitos do Talmud, iam, desde esse momento, apressar activamente a realisação do escopo final da alliança com Jehovah, por intermedio de praticas cabalisticas. Segundo o livro "Zohar", só pelas acções de todos os israelitas Jehovah adquiriria sua existencia completa, Jehovah ia tornar-se Elohim (23). Baseada no "Zohar", a Cabala pratica chamava todo o povo á actividade, democratisava, por assim dizer, os deveres politicos impostos pela religião de Israel.

"Onde a Cabala se enraizou mais fundo, foi na Polonia; numerosos eruditos do seculo XVII já se inclinavam para ella, mas ella penetrou dentro do povo em geral no seculo XVIII e, no seu tronco, floresceram dois ramos novos: o frankismo e o chassidismo" (24).

O livre desenvolvimento do judaismo na Turquia e a dominação pelo mesmo da politica turca não podiam satisfazer os judeus, logo que se tratava de propositos messianicos. A obra da reformação fornecia-lhes a faculdade de experimentarem uma nova invasão da Europa Occidental.

Aproveitando a separação da Hollanda do reino da Espanha, separação esta que tanto apoiara José Nassi, os marranos portuguezes encontram um excellente abrigo

---

(22) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 28.

(23) Vide: VON JUDENTUM, HUGO BERGMAN, pag. 33.

(24) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 30.

em Amsterdam (1593), onde ninguem lhes põe embargos em voltarem ao seio do judaismo. Graças ás grandes fortunas dos judeus portugueses, a Hollanda arranca o commercio do além mar das mãos dos portuguezes e torna-se um paiz rico.

O rei catholico da Espanha, Felippe II, "viu ainda em vida que duas nações que mais odeava e mais cruelmente perseguia, os hollandezes e os judeus, apertaram-se mutuamente, por assim dizer, as mãos, para a destruição da obra d'elle" (25).

Amsterdam tornou-se uma nova Jerusalem para os judeus. Foi ali que desenvolvia a sua actividade Abrahão Zacuto Luzitano, intimo conselheiro do palatino Frederico que, com o seu "reino de inverno", principiara a guerra dos trinta annos. Foi ali que exercia uma poderosa influencia sobre os acontecimentos europeus, Manassé ben-Israel (1604-1657), um dos autores da revolução de Cromwell na Inglaterra. Foi ali que viva, escrevia e reunia em roda de si eruditos christãos, o philosopho judaico, Baruch Spinoza.

---

(25) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 29.

XXI

A POLONIA, ABRIGO PARA O JUDAISMO

Desde o periodo inicial da inquisição espanhola, os judeus, antes de terem sido forçados a abandonar a base espanhola, interessaram-se pela Polonia, como por um terreno que lhes poderia, no futuro, substituir a Espanha. A Polonia pertecendo aos Estados inspirados pela civilisação christã occidental, podia, tomada em consideração a proverbial hospitalidade slava, servir de terreno favoravel á colonisação judaica. O judaismo, tão competente em intrigas politicas, podia, n'um paiz menos impregnado de civilisação catholica de que a Europa Occidental, conquistar com facilidade uma posição dirigente e ficar seguro contra surprezas desagradaveis. Assim foi que a escolha do Estado polonez para o futuro lar do judaismo, já foi feita no seculo XV.

A prova d'isto está no facto que os judeus exilados da Allemanha, da Bohemia e da Hungria, abrigam-se na Polonia e, ali, fixam sua residencia definitiva, embóra, frequentemente, tenham caminho livre para voltarem a esses paizes. Nos tempos de Casimiro, o Grande, o numero d'elles na Polonia é inferior a dez mil, sendo que a maioria immigrara só após a grande invasão dos tartaros e ás consequentes perseguições na Allemanha. Durante o reinado dos monarchas antecedentes, da dynastia dos

Piast's, quasi os unicos judeus que se conheciam, eram os commerciantes de mercadoria viva, os traficantes de escravos. A essas nobres tradições se referem aquelles judeus que reclamam para si o direito de serem considerados autochtonos na Polonia allegando que seus antepassados immigraram para ali ha oito seculos.

Comquanto seja uma verdade que, desde o seculo XIII, os judeus passam bem na Polonia, que emprestam dinheiro aos reis, arrendam direitos aduaneiros e minas de sal, recebem privilegios regios ou ducaes, como o de Boleslau de Kalisz, de 1241, confirmado por Casimiro, o Grande, em 1334, comtudo, si a sua situação era melhor do que no Occidente, consistia apénas no facto de não serem incommodados em parte alguma do reino. Entretanto, já nos seculos XIV e XV, a grande affluencia de judeus allemães provocou, nas cidades polonezas, movimentos anti-semiticos e massacres locaes que estouravam sob a divisa de libertação das garras dos usurarios. Foi assim que aconteceu em Poznan, nos annos de 1367, 1399, 1447, 1464 e 1477, em Cracovia, nos annos de 1407, 1423, 1463, 1494 e 1500, em Lwow, no anno de 1498, em Bochnia, no anno de 1445. No seculo XVI, sob a incitação da cidade de Lwow, organiza-se uma Liga das Cidades. A municipalidade de Lwow dando a iniciativa para a fundação da Liga, escreve o seguinte, em sua carta latina dirigida ao conselho municipal de Poznan, no anno de 1521 : "Sabemos que VV.SS., tambem, não são menos opprimidos pelos judeus. Em vista d'isto, pedimos VV. SS. se dignem informar-nos si não poderiam, conjunctamente com nós, contraporem-se a taes liberdades judaicas e apresentarem as mesmas queixas deante Sua Majestade Real. Nutrimos a esperança que nosso commum accordo contra os judeus resultará em que percam suas liberdades. D'este modo, serviremos bem os nossos concidadãos e a Republica" (1).

---

(1) Citação de IGNACY SCHIPPER: *Estatutos* etc. pag. 350.

No periodo das guerras hussiticas, os judeus, novamente, affluem á Polonia e, no tempos dos primeiros Iaguellões, o seu numero sóbe a mais de vinte mil cabeças.

A primeira intriga politica distincta, urdida pelos judeus na Polonia, é a tentativa de falsificação de um privilegio que allegavam ter lhes sido concedido por Casimiro, o Grande, e que, entre outros, ia lhes conceder o direito de adquirirem immoveis nas cidades e nas aldeias. Ladislau Iaguello recusa-se em confirmar aos judeus o tal privilegio; o mesmo faz Ladislau o Varnense. Emfim, só Casimiro Iaguellão, insufflado por Callimaco, confirma, em 1453, o privilegio falsificado.

"A maioria dos investigadores historicos affirma que, em 1367, Casimiro nunca assignara privilegio algum e, só no seculo XV, os proprios judeus redigiram um novo, vasto privilegio e apresentaram-no a Casimiro Iaguellão, allegando que fôra concedido por Casimiro, o Grande" (2).

Não foi sinão depois de um tumulto da nobreza e da intervenção do cardeal Olesnicki, que o rei revogou os privilegios concedidos aos judeus.

Uma mudança na attitude dos polonezes com respeito aos judeus, provoca os humanistas.

"Contra esse trabalho anti-judaico, levantam-se os homens do humanismo que aqui vieram, tambem, do Occidente, e transplantaram para a Polonia a cultura da renascença. Desde a metade do seculo XV, são importadas para Cracovia, a par de pasquins anti-judaicos, obras de doutos judeus espanhoes e italianos, em traducções latinas, que são lidas e commentadas com grande interesse. Especialmente são procuradas as obras medicas de Maimonides (Tractatum contra venenosum morbum) e

(2) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 338.

de Abrahão Ibn Ezra bem como trabalhos astronomicos e philosophicos de judeus eruditos d'essa época" (3).

Amigo decidido dos judeus é o italiano Felippe Buonacorsi, conhecido — segundo o costume das uniões secretas humanisticas — sob seu pseudonymo da organização de Callimaco. O irmão do rei, o cardeal Frederico, queixa-se que "o rei não percebe aquillo que se faz em volta d'elle e obedece só aos conselhos de Callimaco" (4). Realmente, Casimiro Iaguellão ouve com curiosidade as conversações de Callimaco com judeus eruditos e confia-lhe a educação de seus filhos. Em relação a Roma, o rei procede com menosprezo: sympatisa com os hussitas tcheques e não quer obedecer ao papa, até nos casos de nomeação de bispos.

"O seguinte facto serve de prova perfeita, a que ponto se menosprezava entre nós, n'aquella época, a autoridade de Roma: em 1460, o rei Casimiro Iaguellão investiu Gruszczynski (leia "Gruchtchinski") da mitra episcopal de Cracovia que o papa já tinha predestinado a Sieninski. Esse facto occasionou uma violenta disputa sobre a superioridade do poder regio sobre a jurisdicção papal. O rei prohibiu a publicação do "breve" bem como da excommungação lançada contra elle mesmo, appellou para o futuro concilho e condemnou Sieninski ao exilio. O decano, o parocho e alguns conegos que se obstinaram ao lado do papa, foram, a ordem do rei, corridos da cidade. Casimiro aboliu os tribunaes ecclesiasticos e, quando alguns padres ousaram reabril-os contra a prohibição do rei, tambem foram exilados" (5).

---

(3) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 350.

(4) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 362.

(5) Conde VALERIANO KRASINSKI: *Historical sketch of the rise, progress and decline of the Reformation in Poland*, vol. I, pag. 35.

João Alberto, successor de Casimiro, cede á influencia do cardeal Frederico e delibera a expulsão dos judeus de Cracovia para o bairro de Kasimir (1495), devido á accusação de terem incendiado a cidade, "apezar de ter Felippe Callimaco Buonacorsi se declarado a favor dos judeus". No anno de 1483, em caracter de grão duque lithuano, expulsou os judeus da Lithuania, porém, os de mais destaque adheriram simuladamente ao christianismo e, um d'elles, Abrahão Ezofowicz, foi nomeado por Sigismundo I para o cargo de thesoureiro da Lithuania e, até, nobilitado e agraciado com as armas de Leliwa. Já em 1503, Alexandre Iaguellão concede aos judeus o direito de voltarem aos paizes lithuanos.

Uma época de ouro começa para os judeus polonezes, com a subida ao throno de Sigismundo I, o Velho, alumno de Felippe Callimaco Buonacorsi.

Já soubemos que a Polonia servira, a muitos annos, de refugio aos judeus perseguidos. "Os banidos da Allemanha, da Austria e da Hungria encontravam nas margens do Vistula um acolhimento benevolo" (7). Quanto á hospitalidade, a Polonia podia competir só com a Turquia; o augmento do seu prestigio politico, na época dos primeiros Iaguellões, era para os judeus uma circumstancia favoravel. "Como por felicidade, surgem pelo fim da edade media, no Oriente da Europa, dois Estados que fornecem amparo e protecção aos peregrinos sem domicilio : a Turquia e a Polonia" (8).

O numero de judeus cresce na Polonia, devido a uma emigração continua do Occidente; os judeus allemães importam para a Polonia sua linguagem estragada, o chamado "jargão" (giria, algaravia, baseada n'um allemão viciado).

---

(6) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 351.

(7) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 71.

(8) Dr. MAJER BALABAN: vol. II, pag. 186.

"As communas judaicas teriam seguido ainda mais para o Oriente, não fosse a politica dos tçares moscovitas que, nos limites do seu Estado, oppuzeram uma barreira a essa colonisação" (9).

No tempo de Sigismundo I, o judaismo forma uma poderosa organização. "Essa organização oppõe-se ás tendencias centralisadoras de Sigismundo I, não reconhece a autoridade dos exactores nomeados pelo rei e conquista uma vasta autonomia administrativa, juridica e escolar" (10).

No reinado de Stefan Batory, constitúe-se um congresso autonomo das quatro provincias (Polonia Maior, Polonia Menor, Ruthenia e Lithuania), que continúa a sua actividade quasi até a primeira partilha da Polonia (1580-1764).

Em vista de tão boas condições, as sciencias judaistas florescem na Polonia. Apparecem grandes talmudistas, como antanho na Espanha. Os dirigentes do judaismo polonez estão em intimo contacto com os judeus sephardinos domiciliados na Turquia, de modo que as obras ali escriptas penetram rapidamente na Polonia. O "Schulchan Aruch", de José Caro, é, immediatamente, commentado e ampliado por Moysés Isserles (1533-1572). Tambem o livro cabalistico "Zohar" é popularisado na Polonia bem como a Cabala pratica de Luria, divulgada entre os judeus polonezes por Izaias Horovitz.

Por intermedio de judeus turcos, o judaismo exerce uma influencia desejavel para a sua posição na Polonia. As relações politicas com Stambul (Constantinopla), approximam Sigismundo Augusto ao já nosso conhecido José Nassi, que recebe do rei uma especie de gorgeta,

---

(9) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 4.

(10) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 146.

em forma de monopolio quinquenal para a importação dos vinhos malvasia e moscatel para a Polonia (11). "Sigismundo Augusto, rei da Polonia, que esperava da Porta um alto obsequio, dava a José o titulo de serenissimo principe e — o que é mais importante — promettia conceder no seu paiz privilegios vantajosos aos judeus, afim de fazel-o adherir aos seus planos" (12).

O ultimo dos Iaguellões tentava, até, proteger os interesses judaicos em outros Estados, pois quando "pertractava com o grão duque ou tçar russo, Ivan IV, o Terrivel, sobre o prolongamento da paz, pretendia incluir a clausula reservando aos judeus lithuanos de terem na Russia os seus negocios commerciaes, como d'antes. Ivan rejeitou cathegoricamente essa clausula, porquanto não desejava vêr judeus no paiz d'elle. "Não queremos vêr esta gente que nos trouxeram o veneno para o corpo e para a alma : vendiam entre nós hervas mortiferas e blasphemavam contra o nosso Senhor e Redemptor". O caso é que, uns setenta annos antes, apparecera na Russia, sob o patronato do judeu Zacharias, uma seita judaica á qual adheriram muitos popes (sacerdotes schismaticos) e o proprio metropolita, Zosima. Essa seita judaisante sustentara-se até o começo do seculo XVI, entretanto seus adeptos, quando descobertos, eram severamente punidos. D'ahi resultou que os judeus não eram absolutamente tolerados na Russia" (13). Sôbre a seita dos judaisantes russos já fallamos pormenorisadamente mais acima. A protecção extemporanea do ultimo dos Laguellões não poude, naturalmente, fazer Ivan o Terrivel mudar de opinião com respeito aos judeus.

A morte do seu protector, o rei da Polonia, "os judeus choraram em toda a Polonia e a communa judaica de Ka-

---

(11) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 167.

(12) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 161.

(13) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 4.

simir annotou a data do seu fallecimento, como um acontecimento muito triste" (14).

Não é de extranhar poder ter parecido aos judeus em todo o mundo, na época dos dois ultimos Iaguellões "que abria-se para o judaismo uma nova perspectiva, como lar seguro e cheio de sossego, a saber, a Polonia onde os habitantes judaicos sentiam-se como em propria casa" (15).

Pelo fim do seculo XVI, os judeus polonezes tomam em suas mãos a direcção da vida religiosa e collectiva do judaismo; durante algum tempo ainda, partilha a primasia com os judeus sephardinos da Turquia, porém "a fama das academias polono-talmudicas repercute, n'esse tempo, por entre todo o judaismo europeu. Quem pretendia adquirir sciencia fundamental, ia á Polonia. O diploma de uma escola judéo-polona era considerado melhor recommendação e quem não o conquistou, não podia pretender á egualdade com um possuidor do mesmo" (16).

A posição dos judeus na Polonia foi ainda fortalecida pela reformação religiosa que, durante o reinado dos ultimos Iaguellões, avançou a passos de gigante. A reformação paralysava a influencia de Roma, desfavoravel aos judeus, e, devido ás rixas religiosas e disputas entre as numerosas seitas, enfraquecia a unidade espiritual do Estado. A teimosia e a intolerancia dos sectarios rebaixava a autoridade de toda e qualquer religião.

"Ella afrouxou todos os nós de união e de concordia, já então enfraquecidos, diffundindo a anarchia que, em breve, ia tornar-se synonimo da Republica. Augmentava a soberbia dos magnatas de quem dependia não só a fé, mas a propria vida dos servos. Despertaram as paixões entre os combatentes que desperdiçavam suas forças, destinadas á defeza da patria, para rixas e tumultos. O reitor

---

(14) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 292.

(15) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 310.

(16) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 5.

(da universidade de Cracovia, fundada em 1382 — n. do aut.) de então, Jacob Górski, queixa-se que tinham desapparecido todas as garantias de sossego, que os homens turbulentos faziam o que queriam e que tudo lhes era licito. Essa liberdade, logo que transgredia os limites da lei, era, naturalmente, perniciosa e atiçava a perigosa chamma da anarchia. Tinha, comtudo, tambem seus bons predicados, emquanto abria uma brecha na religião dominante e atirava-se de assalto ao forte inexpunavel dos dogmas" (17).

E' logico que tão "bons predicados" de liberdade religiosa, enxertados na vida poloneza pela reformação, fizeram d'esta a pupilla do judaismo polonez. Com que podia-se preparar melhor o paiz para o papel dignificante de lar espiritual do judaismo ? Convem observar mais de perto esta questão.

(17) Dr. HENRIQUE BIEGELEISEN: *A historia da litteratura poloneza*, vol. III, pag. 227.

XXII

A REFORMAÇÃO NA POLONIA

A tolerancia, a sympathia mesmo para o hussitismo abriram o caminho para a reformação na Polonia. O contacto intellectual com o movimento dos irmãos tcheques era, no seculo XV, muito intenso. Muitos estudantes polonezes frequentaram a academia em Goldberg (na Silesia), sustentada pelos "irmãos".

Durante o periodo das manifestações de Luthero, os irmãos tcheques enviaram-lhe uma delegação chefiada por Jorge Israel, que foi muito bem recebida pelo caudilho da reformação. Entraram, tambem, em contacto com Erazmo de Rotterdam e, por intermedio d'este, com os movimentos de Zwingli e de Calvino.

Desde o momento em que a Bohemia passou sob o poder dos Habsburgos (1526), foram iniciadas repressões contra os irmãos tcheques. No anno de 1548, cerca de mil irmãos passaram a fronteira poloneza e estabeleceram-se em Torun, sob a chefia de Mathias de Sion, preposto do templo. Começaram a propaganda, com o apoio de alguns magnatas polonezes. Em pouco tempo, fundaram um templo em Poznan, sob a direcção de Jorge Israel, do mesmo que chefiara a delegação enviada a Luthero.

O movimento lutherano introduziam-no na Polonia allemães e diffundiam-no principalmente entre os cidadãos

da propria raça; estoura, em primeiro logar, em Gdansk (Danzig), no anno de 1525, e obriga Sigismundo I a cercar a cidade com tropas. Entre a população poloneza, a egreja de Augsburgo não encontrou terreno apropriado.

Em compensação, foi o calvinismo que invadiu a Polonia com uma onda larga e "a reformação de Calvino mais radical, diffundida na Polonia, afastava para a sombra a doutrina de Luthero" (1). Centro dos calvinistas tornou-se a cidade de Pinczów (leia Pintchuv), onde funccionava uma typographia "reformada", sob a direcção de Daniel de Lenczyca. Ali, foi traduzida a Biblia do original hebraico.

O rei Sigismundo I mantinha-se em expectativa com respeito á reformação e, pela sua attitude, sanccionava sua origem e seus progressos. A chegada da rainha Bona (1519), franqueou completamente a côrte real da Polonia ás uniões secretas humanisticas e aos judeus. Um dos medicos da côrte era o judeu Moysés Fischel, a sua mãe, Chwalka, e sua filha, Esther, pertenciam á comitiva da rainha Bona. (2).

"Agradava aos judeus a protecção do excellente financeiro que era o insuficientemente apreciado, até os ultimos tempos, Sigismundo o Velho. Tendo tomado posse de um thesouro totalmente arruinado que lhe tinha deixado Alexandre, sabia o novo monarcha, quanta importancia tinha para as finanças do Estado o fomento das tendencias economicas dos judeus" (3).

Na côrte real apparecem banqueiros: Lazaro de Brandenburgo, Abrahão da Bohemia e Frantchek, judeus de Cracovia. A pessôa da rainha é rodeada de medicos judaicos trazidos da Italia, entre elles, o medico de corpo,

---

(1) Dr. H. BIEGELEISEN: *A historia da litteratura poloneza*, vol. III, pag. 178.

(2) Vide Dr. IGNACY SCHIPPER: *Estudos* etc., pag. 210.

(3) Dr. IGNACY SCHIPPER: *Estudos* etc., pag. 203.

Samuel bar-Meshulam. "Os medicos judaicos que chegaram da Italia com a rainha Bona (Sforza), esposa de Sigismundo I (1508-1548), trouxeram, a par da sciencia medica, tambem outras sciencias leigas para as quaes affluiram jovens, avidos do saber" (4).

Confessor de Bona era certo Lismanini, um dos vultos mais suspeitos da reformação na Polonia. Nada, pois, de admirar que "o procedimento de Bona para com os protestantes era muito instavel. Ella dirigia-se não só pelas razões de conveniencia, mas, egualmente, pelos caprichos apaixonados de mulher devassa, porquanto é impossivel suppôr que os sentimentos religiosos pudessem ter alguma influencia sobre a alma de um ente tal, como Bona, que sempre manifestava um desprezo total com respeito a quaesquer principios da moral" (5).

Os iniciados na maçonaria affirmam que foi Bona que transplantara para a Polonia as uniões secretas das quaes, depois, nasceu a união dos pedreiros livres.

"Foi já no reinado de Sigismundo I que Brancacio, cortezão da rainha Bona, introduzira, ao que dizem, a maçonaria na côrte real e o filho de Bona, Sigismundo II Augusto (1548-1572) cujo reinado é chamado de edade aurea da litteratura poloneza e que, no anno de 1562, proclamou um edicto de tolerancia estabelecendo a liberdade de confissão e cassando ás sentenças dos tribunaes ecclesiasticos o direito de executivo estadoal — consta que, tambem, pertencia á união de pedreiros livres" (6).

E' natural que não se deve tomar a citação acima ao pé da lettra, mas tomando em consideração o facto que a origem da maçonaria é muito posterior e que esta nasceu d'aquellas uniões secretas dos humanistas e reformadores,

---

(4) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 4.

(5) Conde VALERIANO KRASINSKI: *Historical sketch* etc., vol. I, pag. 89.

(6) M. S. GOLDBAUM: *Rudimente einer Geschichte*, pag. 4.

ás quaes, ao que dizem, pertenciam muitas pessôas da côrte de Sigismundo I e, depois, o seu filho e successor, Sigismundo Augusto.

Cerca do anno de 1540, organiza-se, em Cracovia, uma sociedade secreta para a divulgação das doutrinas evangelicas.

"A sociedade consistia dos mais afamados scientistas d'aquella época que, unidos por nós de amizade mutua, organizaram essa união, na apparencia puramente catholica, e tendente só ao entabulamento de reformas que, em nada, offenderiam a orthodoxia. Chefiava a união um italiano, Francisco Lismanini, provincial da Ordem dos Franciscanos, capellão e confessor da rainha Bona; faziam parte da união como membros: André Trzeicieski (Tchecieski), conhecido erudito e linguista, Bernardo Wojewódka (Voievudka), livreiro e conselheiro municipal, ambos discipulos de Erazmo de Rotterdam, André Frycz Modrzéwski (Fritch Modjevski), discipulo de Melanchton, Jacob Przyluski (Pshiluski), famoso jurisprudente, Adão Drzewiecki (Djeviéski), conego do cabido cracoviense, André Zebrzydowski (Zebjidóvski), posteriormente bispo de Cracovia e alumno predilecto de Erazmo, Jacob Uchanski (Ukhánski), referendario da corôa, depois arcebispo de Gniézno, e muitas outras pessôas conhecidas por seus talentos, sua sabedoria e pela posição que occupavam na sociedade. Lismanini possuia uma rica bibliotheca de obras anticatholicas e continuava recebendo todas as edições d'este genero. Nas reuniões da sociedade, interpretava diversas theses theologicas e os dogmas catholicos romanos que não podiam sêr apoiados pela Santa Escriptura, eram ousadamente contestados n'essas reuniões" (7).

Um dos membros da união, André Zebrzydowski, conseguiu obtêr, mercê á influencia da rainha Bona, a cathedra episcopal de Cracovia e, durante todo o tempo, re-

---

(7) Conde VALERIANO KRASINSKI: *Historical sketch* etc. vol. I, pag. 90.

presentava a comedia de inhabil defensor da Egreja contra os ataques da reformação. Outro membro da união, Jacob Uchanski, nomeado bispo de Chelm e, depois, primaz do reino, "protegia com ardor os protestantes e era amigo intimo de Frycz Modrzewski... Quando o papa oppoz-se á sua nomeação para a cathedra de Cuiavia classificando-o de hereje, elle, amaldiçoando o papa e excommungando-o, não só conseguiu mantêr-se na cathedra, como ainda subiu á mais alta cathedra archiepiscopal de Gniézno" (8).

O proprio chefe da união, Lismanini, foi, em 1553, por ordem do rei Sigismundo Augusto, á Italia e á Suissa afim de investigar os progressos da reformação e, aconselhado por Calvino, adheriu abertamente á confissão "reformada"; emfim, contrahiu matrimonio compromettendo com isto, definitivamente, sua penitente, a rainha Bona, e, até certo ponto, o jovem rei. Para a Polonia, nunca mais voltou.

N'essa condições, quando o centro organizador da reformação encontrou-se immediatamente ao pé dos dois ultimos Iaguellões, é facil comprehender, porque Sigismundo o Velho foi o primeiro na Europa que reconheceu officialmente a reformação acceitando, em 1525, na praça do mercado em Cracovia, a homenagem publica de Alberto de Brandenburgo, grão mestre da Ordem de Santa Maria (chamados popularmente de Cruciferos) e doando-o com os bens ecclesiasticos da mesma Ordem, em caracter de feudo leigo eterno (a actual Prussia Oriental). Esse acto que os historiadores polonezes, sem excepção alguma, reconhecem como imperdoavel erro politico, visto que facilitou as posteriores partilhas da Polonia, Foi resultado das inspirações dos reformadores e um desafio lançado a Roma. Coisa caracteristica que, contemporaneamente, um irmão do judeu baptisado, Abrahão Ezofowicz, nomeado thesoureiro da Lithuania, Miguel Ezofowicz, obteve a nobilitação.

---

(8) Dr. H. BIEGELEISEN: vol. VIII, pag. 154.

"A sua nobilitação foi effectuada, por Sigismundo, na praça do mercado cracoviense, durante a solemnidade de prestamento de homenagem por Alberto, principe da Prussia. E' a unica nobilitação de um judeu não baptisado nos annaes da Polonia" (9).

As forças da reformação cresceram ainda mais no tempo de Sigismundo Augusto que — segundo é licito suppôr — era membro activo da união fundada por Lismanini. Secretario regio era, tambem membro d'essa união, André Frycz Modrzewski, conhecido batalhador a favor de uma egreja "nacional". Sigismundo Augusto, ainda quando herdeiro da corôa, propagava a reformação."

"As primeiras andorinhas da reformação abriram vôo para a Lithuania, do palacio de Sigismundo Augusto. Da sua riquissima bibliotheca em Vilno, circulavam no paiz obras de Melanchton, Bucer e de outros, e seus predicadores, João Kozminczyk e Lourenço Discordia, pregavam abertamente ao povo as doutrinas de Luthero e de Calvino. O principe Nicolau Radziwill, chamado de Preto, aparentado com o rei pela rainha Barbara, diffundiu a confissão helvetica por todos os seus immensos territorios e pelos que pertenciam ao rei" (10).

Homens de confiança do rei a quem encarrega de missões politicas e diplomaticas, são, exclusivamente, partidarios da reformação: André Frycz Modrzewski, João Laski, Lismanini. Para as dignidades do reino protege, principalmente, calvinistas. O grande renovador da organização da Egreja catholica, o papa Paulo IV, envia ao rei, em 1556, uma mensagem que tomamos a liberdade de

---

(9) Dr. MAJER BALABAN: vol. III. pag. 154.

(10) Dr. H. BIEGELEISEN: vol. III, pag. 182.

citar, porquanto ella illustra melhor a situação d'aquella época e o papel do rei de que nós o poderiamos fazer.

"Si devo crêr nos boatos que chegam aos meus ouvidos, sou obrigado a duvidar, embóra com profunda dôr, da Tua salvação e da do Teu reino; porquanto estás protegendo herejes, frequentas suas reuniões, ouves suas conversações, communicas-te com elles e convida-os á Tua mesa. Recebes d'elles cartas que respondes, permittes que suas obras a Ti dedicadas sejam lidas e divulgadas, não prohibes aos herejes effectuarem congressos, reuniões e predicas. Si é, então, que, em vez de Te lhes oppores, apoia-os, porventura não sustentas, Tu mesmo, os revoltados e os adversarios da Egreja catholica e não és defensor d'elles? Será necessaria uma prova mais convincente de que a que, contra o Teu juramento e contra as leis do Teu paiz, entregas aos infieis as primeiras dignidades do estado? Devéras, és Tu que sustentas, alimentas e diffundes a heresia enchendo de favores os herejes. Sem esperares a confirmação da Séde Apostolica, nomeaste bispo de Cuiavia ao bispo de Chelm (Jacob Uchanski de quem já fallamos — n. do auct.), apezar de estar este contaminado por mais abjectos erros. Ao defensor e chefe dos herejes, ao woiewoda (palatino) de Vilno, confiaste as primeiras dignidades do reino: é elle chanceller da Lithuania, woiewoda de Vilno, o mais intimo amigo do rei e póde sêr considerado co-regente e segundo monarcha do paiz. Aboliste os tribunaes ecclesiasticos e deixaste o Seym (dieta) decretar que cada cidadão do Teu reino tenha taes predicadores e taes ritos, quaes lhe agradarem. João Laski e Vergueiro entraram na Polonia por Tua ordem. Aos habitantes de Elblong e de Gdansk permittiste abolir a confissão catholica romana... Entretanto, si minhas advertencias, devidas a tamanhos crimes e depravações, forem desprezadas, vêr-me-ei obrigado a lançar mão de outros, poderosos meios que a Séde Apostolica nunca applicou em vão, contra amotinados renitentes. Deus é testemunha que nada desprezei para Te fazer voltar do caminho do mal; porém si minhas cartas, minhas advertencias e meus rogos

ficarem sem effeito, lançarei mão dos meios mais severos" (11).

Para o Concilio Tridentino, o Seym (dieta) elegeu, em 1552, dois bispos conhecidos pela sua sympathia á reformação: João Drohojowski (Drohoiovski), e o já nosso conhecido Jacob Uchanski e, entre os leigos, o castellão de Lwów (Lvuv), Stanislau Teczynski (Tãtchinski), sendo que secretario da embaixada ia sêr o proprio André Frycz Modrzewski. E' logico que tal embaixada não tomou parte no concilio.

A multiplicidade das seitas que a minavam, enfraquecia a propria reformação. Assim é que transparecem continuamente tendencias para reunil-as n'uma frente commum contra Roma e essas tendencias são apoiadas pelo rei mesmo. No anno de 1555, é concluida uma união entre os calvinistas e os irmãos tcheques; é uma especie de alliança que, em principio, deixa a cada uma das seitas sua organização differente. O Seym em Piotrków, em 1555, decreta uma lei que permitte a cada fidalgo celebrar para si e para seus servos tal culto qual lhe agradar. Foi uma lei que ia muito além do principio estabelecido na Allemanha, na paz de Augsburgo, tambem em 1555: **cuius regio, eius religio.**

A reformação já está tão segura das suas forças que, no Seym (dieta) de Piotrków em 1559, apparece uma moção para que os bispos catholicos sejam excluidos do senado, visto que depõem um juramento de fidelidade ao papa. Comtudo, essa moção não foi acceita.

No fim do reinado de Sigismundo Augusto, consegue-se a união de tres confissões protestantes, pelo accordo de Sandomir (1570). Unem-se os lutheranos com os calvinistas e os irmãos tcheques, conservando a liberdade dos ritos de cada confissão bem como certa autonomia de organização. Como principio do accordo é considerada a

---

(11) Citado pelo conde V. KRASINSKI: *Historical sketch* etc., vol. I, pag. 79.

uniformidade da crença e a cessação de toda actividade tendo por fim o alliciamento de adeptos de uma d'essas confissões pela outra.

Para a reformação, principalmente para a confissão helvetica (calvinista), pendiam os magnatas polonezes e lithuanos. No fim do reinado de Sigismundo Augusto, os adeptos da reformação dispunham de uma maioria decisiva entre os senadores leigos. Em 1569, tinha 58 senadores evangelicos, 53 catholicos, 2 schismaticos e 15 bispos catholicos.

Os reformadores começam a tornar-se agressivos e não são raros escandalos publicos por elles provocados. Em geral, esses escandalos passam impunes. Em 1565, certo Erazmo Otwinowski, calvinista, durante uma procissão nas ruas de Lublin, arranca ao padre o ciborio com hostias e pisa-o com os pés. Accusado perante o juizo do Seym, é absolvido, mercê á defeza de outro calvinista, Nicolau Rey, deputado por Cracovia.

"Rey defendeu a Otwinowski baseado no facto que, na Polonia, similhante delicto não estava previsto pela lei e que devia-se apénas obrigar o culpado a restituir ao padre o valor do ciborio estragado e o da farinha utilisada para a confecção das hostias" (12).

Valentim de tal, vigario em Mechonów, "commettia tamanhos delictos, como a queima do Sanctissimo Sacramento e o enchimento do ciborio com lama. N'esses tempos, taes casos passavam impunes" (13).

No tempo de Sigismundo III, o pastor calvinista de Vilno, certo Franco da Italia, no dia de Corpus Chriti, "sahiu de casa e encontrou-se com a solemne procissão em cuja frente ia o bispo levando a Hostia, em companhia do rei e da familia real. Esse aspecto excitou o fervor de

---

(12 Conde V. KRASINSKI: *Historical sketch* etc., vol. I, pagina 202.

(13) Dr. H. BIEGELEISEN: vol. III, pag. 202.

Franco contra a ceremonia que considerava sêr idolatria; subiu, pois, sobre os degraus do altar preparado para o bispo e começou a fazer ao povo imputações de idolatria affirmando que o sacramento que este adorava, não passava de pão" (14). Entretanto, os tempos já eram differentes e o blasphemador foi executado.

Os judeus interessavam-se immensamente pelos progressos da reformaão na Polonia. Sabiam que pela repartição do paiz em diversos campos religiosos, mutuamente hostis, tornariam impossivel qualquer opposição effectiva contra seus planos de estabelecerem na Polonia uma nova terra promissa. O progresso da reformação, especialmente do calvinismo favoravelmente disposto para com os judeus, baseado com firmeza no Velho Testamento e hostil contra Roma, era lhes muito util. Foi por isso, que sustentavam relações animadas com os dirigentes do movimento. "Com muita boa vontade entravam em controversias com os chefes e adeptos das seitas e, si não o faziam para os converterem ao judaismo, ao menos faziam-no para lhes demonstrarem o seu conhecimento da Biblia" (15).

Muitos marranos chegados da Italia no tempo dos ultimos Iaguellões, cooperam na reformação: o logar de destaque pertence a Francisco Stancar, primeiro professor de lingua hebraica na universidade cracoviense.

"Nicolau Olesnicki, senhor de Pinczów (Pintchuv),... seguindo os conselhos de Stancar, expulsou os monges do claustro da sua cidade, lançou fóra as imagens da egreja e inaugurou na mesma um culto evangelico publico, segundo os principios e o rito da egreja helvetica" (16). Foi este o primeiro acto do calvinismo belligerante.

---

(14) Conde V. KRASINSKI: loc. cit., vol. I, pag. 202.

(15) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 15.

(16) Conde V. KRASINSKI: vol. I, pag. 109.

Stancar foi, depois, a Königsberg e, em seguida, á Hungria e á Transilvania, com o fim de propaganda da reformação, depois de que voltou á Polonia. Proclamava a divisa que "caso o rei se oppuzesse á reformação, o povo tinha o direito de estabelecel-a sem a sua participação" (17).

Contra Stancar investia energicamente nos seus escriptos Stanislau Orzechowski (Ojekhovski): "Orzechowski imputava a Stancar que este minava a fé e a ordem politica estabelecida, que incitava a mocidade a favor de um modernismo perigoso, que desrespeitava as autoridades legaes, que irritava as classes inferiores contra as superiores, que bajulava a plebe provocando-a a se apoderar dos bens ecclesiasticos, que tencionava estabelecer a communhão dos bens e, por isso mesmo, a abolição da propriedade particular e que pretendia implantar uma egualdade entre todos os habitantes do paiz a tal ponto que não haja mais nem donos nem servos" (18).

Em 1552, Stancar publicou os "Canones da reformação" dedicados a Sigismundo Augusto. Depois, sob sua inspiração e sob sua chefia, emergiu na Polonia, do calvinismo; a seita dos antitrinitarios, em vista de que os calvinistas começaram a atacal-o. Eis a sua resposta, escripta na hora da morte: "Espalhastes pasquins contra mim em linguas latina e poloneza, cheios de mentiras, calumnias, diffamações, chamando-me de monstro, de criminoso, de cão damnado, de judeu circumciso" (19).

Ao lado de Stancar, combattia a existencia da Santa Trindade Jorge Blandrata, medico, discipulo do marrano Servete proveniente da Aragonia e queimado na fogueira em Genebra por Calvino, e amigo do hereje italiano, Socino. Por muito tempo soube mascarar seus propositos

---

(17) Conde V. KRASINSKI: loc. cit., vol. I, pag. 134.

(18) Conde V. KRASINSKI: loc cit., vol. I, pag. 135.

(19) Citado por H. BIEGELEISEN: loc. cit., vol. III, pag. 201.

trabalhando entre os calvinistas como secretario do principe Radziwill.

"Essa simulação de orthodoxia com que Blandrata illudira os evangelicos polonezes, não escapou, comtudo, aos olhos de Calvino que, desconfiando da sua confissão de fé, admoestava energicamente as communas polonezas que não dessem credito ao italiano" (20). Tendo minado a fé na Lithuania, Blandrata foi á Transilvania e appareceu, outra vez, na Polonia, como agente de Stefan Batory, candidato ao throno polonez (21).

Logo que Blandrata seguira para a Transilvania, foi substituido por Gregorio Pauli ensinando que Christo era só homem. Ao mesmo tempo, propagava idéas communistas e proclamava divisas messianicas de reino millenario na terra (22).

Foi aos antitrinitarios que adheriu, finalmente, Lismanini, dirigente da união secreta cracoviense e confessor da rainha Bona.

Entre os lutheranos polonezes, desenvolvia a sua actividade Flacius Illiricus (recte Frankowicz, judeu), professor de lingua hebraica em Wittenberg.

A ala radical dos antitrinitarios que recusava qualquer reverencia a Christo, foi organizada por Davides da Transilvania, amigo de Blandrata. Seu discipulo foi Simão Budny que transplantou essa seita para a Polonia, "Mais erudito que os chefes das demais seitas, sabia o grego e alguma coisa de hebraico que, provavelmente, aprendera com os judeus" (23).

Além dos acima mencionados, combattia a crença na Santa Trindade, Lelio Socino, por occasião de sua visita

---

(20) Conde V. KRASINSKI: vol. I, pag. 219.

(21) Vide V. KRASINSKI: vol. II, pag. 30.

(22) Vide V. KRASINSKI: vol. II, pag. 5.

(23) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 14.

á Polonia em 1551. Seu sobrinho, Fausto Socino, chegou á Polonia em 1579 e foi o primeiro que synthetisou a doutrina dos antitrinitarios n'uma confissão uniforme. Em Raków (Rakuv), séde dos antitrinitarios, publicou uma obra "sobre Jesus Christo, servo", devido á qual, durante a sua estada em Cracovia em 1598, foi aggredido pela população indignada da cidade e mal escapou á morte. A doutrina de Fausto Socino foi compendiada por Valentim Smalcius (proveniente da Saxonia) e por Jeronymo Moskarzewski (Moscajevski) em polonez e editada em forma do conhecido "catecismo cracoviense" dos antitrinitarios (1605). O mesmo Moskarzewski traduziu esse catecismo para o latim e offereceu-o ao rei da Inglaterra, Jacob I. Em 1652, no periodo da revolução de Cromwell, o mesmo catecismo foi traduzido em Amsterdam, séde do judaismo, para a lingua ingleza (24).

Na acção dos antitrinitarios polonezes, tomou parte activa, tambem, o famoso hereje italiano, Ochino (discipulo de Lelio Socino), que veiu á Polonia em 1564 e foi autor do drama blasphematorio "A tragedia da missa".

A doutrina dos antitrinitarios, similhante ao arianismo dos primeiros seculos do christianismo, era baseada n'um monotheismo concebido de modo judaico. Sua estreia teve logar no seio da já nossa conhecida união secreta em Cracovia, dirigida por Lismanini. No inicio, essa doutrina cresce no interior da organização da egreja helvetica (calvinista) e, só em 1562 acaba por uma secessão. Os antitrinitarios polonezes dividem-se, brevemente, em diversas seitas, mais ou menos radicaes: são conhecidos como unitarios, irmãos polonezes, arianos polonezes ou socinianos. Essas seitas espalham-se pela Polonia de uma maneira extraordinaria e recrutam-se principalmente entre a nobreza meuda. Propagavam o principio de "não se oppôr ao mal" (portanto este principio é anterior a

(24) Vide V. KRASINSKI: vol. II, pag. 11.

Tolstoi — n. do aut.), em consequencia de que "um christão deve, antes, abandonar os paizes invadidos pelos tartaros de que matar os invasores em defeza propria" (25).

Os antitrinitarios eram uma seita pronunciadamente judaisante. O chefe dos arianos, Stanislau Farnowski, affirmava que "os mahometanos e, até, os judeus têm uma noção mais sã sobre Deus que os christãos" (26).

A traducção da Biblia feita pelo antitrinitario Valentim Smalcius "tinha por fim a demonstração que Jehovah de Israel é unico Deus e que Jesus Nazareno era homem" (27). Representante da orientação radical entre os antitrinitarios que rejeitava, directamente, a doutrina de Christo e baseava a religião exclusivamente sobre o Velho Testamento, era "Daniel Bielinski, chefe dos judeus não circumcisos, **mixti fori** semi-judeu e semi-christão... A esses judaisantes adheriam, tambem, mulheres, por exemplo, Elisabeth Mielecka, ariana judeisada" (28).

Imputava-se aos irmãos polonezes a devassidão sexual, a polygamia e o carcomer da ordem social. "Sob o influxo da doutrina ariana, o ramo mais atrevido da dissidencia, houve gente que começou a revoltar-se contra a revelação e contra a divinidade de Christo, a negar a terceira pessôa divina, emfim, á Santa Trindade e, de um ponto de vista materialista, a pregar principios do communismo" (29).

A união d'essas seitas com os judeus era tão patente que, quando na época da invasão sueca, começaram as perseguições de arianos por crime de trahição da patria, "contemporaneamente a ira do clero e do povo virou-se

---

(25) Conde V. KRASINSKI: vol. II, pag. 15.

(26) Conde V. KRASINSKI: vol. II, pag. 2.

(27) Dr. H. BIEGELEISEN: vol. III, pag. 186.

(28) Dr. H. BIEGELEISEN: vol. III, pag. 212.

(29) Dr. H. BIEGELEISEN: vol. III, pag. 227.

contra os judeus que, conforme se dizia, aconselhavam os christãos a passarem para a dissidencia" (30).

Os irmãos polonezes cultivavam relações animadas com o extrangeiro. Propagavam sua doutrina especialmente na Allemanha e na Hollanda, assim como estabeleceram um contacto intimo com Amsterdam, séde do judaismo na Europa Occidental. Servia de protector aos irmãos polonezes com quem se mantinha em contacto, o philosopho judaico, Baruch Spinoza (31). A doutrina dos antitrinitarios passou, depois, da Hollanda para a Inglaterra e, d'ali, penetrou na America do Norte, onde, sob a denominação de unitarios, existe até hoje.

"Na Inglaterra, era representada, principalmente, por James Martineau (morreu em 1902), autor de obras que se tornaram classicas sobre a doutrina unitaria que, por sua vez, pelas suas tendencias pantheistas, reata a Spinoza e poderia perfeitamente fundir-se, sem difficuldades dogmaticas, com o judaismo liberal dos nossos dias" (32).

Apezar das rixas entre os antitrinitarios e as demais seitas, os evangelicos polonezes sempre tomam a defeza dos unitarios, para não reforçar o catholicismo. Logo que se trata de Roma, a frente é unica, em consequencia, para os judeus tambem é facil o cultivo de politica propria, mórmente que a extincção da dynastia dos Iaguellões e a livre eleição abrem-lhes um caminho para exercerem influencia sobre a escolha do rei.

Após a morte de Sigismundo Augusto, os dissidentes julgam sêr ainda muito prematura a eleição de um rei protestante, de maneira que apoiam um catholico, porém tal que lhes apresente todas as garantias que não porá obstaculos ao progresso da reformação. Este candidato é Henrique de Valois, irmão de rei da França, Carlos IX.

---

(30) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 159.

(31) Vide LUDWIK CHMAJ: *Spinoza e os irmãos polonezes.*

(32) SALOMON REINACH: *Orpheus*, pag. 408.

O candidato compromette-se perante a delegação dos protestantes polonezes a conservar as liberdades aos dissidentes na Polonia e de concedel-as aos da França. Os huguenotes francezes, com Coligny na frente, julgavam que "logo que a causa dos protestantes vingar na França e na Polonia, estes dois estados, ligados mutuamente por uma alliança politica e religiosa, facilmente derrubariam a dominação de Roma e da casa austriaca" (33).

Entrementes, teve logar em Paris a celebre noite de S. Bartholomeu, o massacre dos huguenotes (1572). Esse facto abalou probabilidades da candidatura franceza e podia augmentar as de um candidto decididamente catholico, o archiduque Ernesto, filho do Imperador Maximiliano II. Então, um judeu, Salomão Askenazy, amigo intimo do grão-vizir Socolli, atira na balança com o peso da influencia turca e faz com que vença a candidatura de Valois contra a de Habsburgo.

Entretanto, já durante a coroação de Henrique, estoura um escandalo. O rei, em vista do facto de têr mudado a orientação da politica franceza depois da noite de S. Bartholomeu, não quer mais jurar as garantias para os dissidentes religiosos. Então, o grande marechal da corôa, woiewoda de Cracovia, Firley, "interrompeu a solemnidade no momento em que ia sêr terminada pela imposição da corôa sobre a cabeça do rei, e declarou que não deixaria terminar a ceremonia, si as condições acima mencionadas não fôrem selladas pelo juramento do rei; depois, junto com Dembinski, grão chanceller, tambem evangelico, approximou-se do rei que se mantinha de joelhos ao pé do altar e extendeu-lhe o rôlo de pergaminho contendo o juramento prestado pelo rei em Paris. Assustado com tamanha ousadia, Henrique levantou-se, os presentes emmudeceram de espanto, mas Firley, inabalavel na sua decisão, pegou na corôa dizendo em voz alta: Si não jurares, não reinarás" (34).

---

(33) Conde VALERIANO KRASINSKI: vol. II, pag. 4.

(34) Conde VALERIANO KRASINSKI: vol. II, pag. 27.

Depois da fuga de Henrique de Valois da Polonia, a eleição de Stefan Batory realisa-se ainda sob a pressão dos protestantes e "provavelmente não sem a participação do agente judaico, Salomão Askenazy" (35).

Comtudo, Stefan Batory engana as esperanças da reformação, porquanto convida á Polonia a Ordem de Jesus. A actividade dos Jesuitas, em algumas dezenas de annos, salvou a Polonia para o catholicismo.

A eleição de Sigismundo III Wasa, embóra realisada contra os Habsburgos catholicos, é, todavia, uma escolha para o throno de um rei que era não ambiguamente catholico. Sob seu reinado, a reformação, recúa cada vez mais. Salva-a um tanto o motim de Zebrydowski (Zebjidovski) organizado pelos dissidentes.

Como symbolo de dominio da reformação n'essa época permanece o facto que, emquanto, antes, as cidades polonezas obtinham privilegios regios prohibindo habitarem n'ellas judeus, os chamados "privilegia de non tolerandis Judaeis", nos seculos XVI e XVII são os bairros judaicos que conseguem privilegios prohibindo os christãos habitarem n'esses bairros, os chamados "privilegia de non tolerandis Christianis".

(35) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 11.

XXIII

A GUERRA DOS TRINTA ANNOS

Em menos de cem annos após os primeiros movimentos de Luthero e de Zwingli, o balanço da reformação apresentava resultados imponentes. A Allemanha Septentrional totalmente dominada; na Meridional, o catholicismo minado, mal salvo de uma derrota completa pelos Jesuitas; A Prussia Ducal (hoje Oriental) e a Livlandia (hoje Lettonia), nas mãos da reformação; toda a peninsula scandinava é seu dominio; a Inglaterra rompe com o papa no reinado de Henrique VIII (1534) e o schisma inglez de vagar, sob a influencia dos calvinistas e dos anabaptistas, organiza a egreja anglicana que, desde o reinado da rainha Elisabeth, torna-se orgão da reformação belligerante: a Suissa é conquistada, toda ella, por Calvino; a Hungria e a Transilvania estão nas mãos dos antiitrinitarios; na Bohemia, um fóco occulto, porém, poderoso, dos irmãos tcheques; na Polonia, a situação da Egreja catholica é ameaçadora; a França é contaminada pelo calvinismo que é divulgado, principalmente, por marranos espanhoes estabelecidos em Lyon, Bordeaux e em toda a França Meridional bem como por descendentes de judeus que simuladamente se baptisaram, no periodo da inquisição contra os Albigenses. Os chamados huguenotes, ou sejam, os calvinistas francezes, sob a chefia de Coligny, urdem planos

de aniquilamento definitivo de Roma, por meio de uma coalição dos estados evangelicos unidos á França e á Polonia e alliados com a Turquia, contra a Espanha, a Austria e os estados catholicos da Italia. De expressão a essas tendencias serve o forcejamento da eleição de Henrique de Valois para o throno polonez. N'esse interim, a noite de São Bartholomeu e a morte de Coligny, por occasião do massacre dos huguenotes, põem termo a esses propositos e resultam em prolongadas guerras religiosas na França que terminam, sob Henrique IV, pelo edicto de Nantes (1598) concedendo aos huguenotes plena equiparação com os catholicos.

Apezar de todas essas calamidades, o campo catholico mantem-se e, em alguns logares, até reconquista o terreno perdido, como na França, na Allemanha Meridional e na Polonia. Na Italia, na Espanha e em Portugal, a contra-reformação barrara o accesso aos agitadores da reforma. E' cada vez mais manifesto que a organização da Egreja catholica se torna mais solida, de modo que, nas rodas dos reformadores, surgem temores que a victoria não será decisiva, que esse "Antichristo" e essa "torre Babel", como chamam nos seus escriptos ao papa e á Egreja, serão capazes de se manterem e de supportarem a tempestade. Não medem, pois, esforços para reunir as hostes e investir de commum accordo. As organizações secretas trabalham sem descanso, os agitadores viajam de um paiz a outro, centenas de escriptos circulam de mãos em mãos; tentam alliciar a egreja oriental contra Roma. Na Polonia, os evangelicos unidos pela alliança de Sandomir, procuram lançar uma rêde sobre o schisma russo e contrapôl-o á união de Brest (1596 (*); de outro lado, a

(*) Por um accordo assignado em Brest, na Polonia, uma grande parte de ruthenos (não russos) que eram adeptos do schisma oriental, voltaram ao seio da Egreja catholica conservando, apénas, alguns ritos e cerimonias differentes, o calendario juliano, a não observação do celibato para os sacerdotes seculares bem como

seita dos judaisantes de que já se fallou acima, trabalha entre os schismaticos. Atravez da Polonia, tenciona-se lançar a rêde sobre Moscow e, d'ahi, resulta a expedição financeada por Mniszech (Mnichekh) de Demetrio o Impostor que foi educado n'um ambiente evangelico por Gabriel Hoyski, protector do arianismo.

Os dirigentes da reformação não se esquecem de tentar, para os seus fins, a conquista da egreja oriental nos territorios do imperio ottomano. E' agente dos reformadores o cretense Lucaris, patriarcha de Alexandria e, depois, patriarcha de Constantinopla, portanto o chefe da egreja oriental.

"Desde aquella época datam as primeiras relações conhecidas entre a egreja anglicana e os bispos orientaes. O primaz de Canterbury, Jorge Abbot (1610-1633), muito inclinado para as idéas calvinistas e puritanas, tornou-se protector do jovem patriarcha. O mesmo fez o hollandez, Hugo Grotius. A Inglaterra e a Hollanda encontraram em Lucaris um agente politico-religioso que puderam contrapôr ao embaixador francez e aos Jesuitas" (1).

Na Allemanha, os principes evangelicos organizam-se e formam, em 1608, a união protestante, sob a chefia de Frederico V, eleitor e palatino do Rheno. N'esse momento, a frente dos reformadores está prompta para uma guerra aggressiva, visto que, até, Henrique IV de Navarra, rei da França, educado no calvinismo e catholico só por apparencia, está disposto para adherir á união. Inesperadamente, Henrique morre (1610) e o plano guerreiro se desvanece, visto que Luiz XIII é catholico. Todavia, os preparativos bellicos contra os catholicos continuam com

---

a antiga lingua slava, em vez da latina, como lingua official do culto. A maioria dos ruthenos domiciliados no Brazil (que, recentemente, inventaram a denominação de "ukrainos"), principalmente no Estado do Paraná, pertencem á religião catholica de rito grego, segundo o accordo de Brest acima mencionado.

(1) M. D'HERBIGNY: *O anglicanismo e a orthodoxia*, pag. 22.

actividade; isto apparece logo do tempo animado com que se procede a reconstrucção das organizações secretas d'aquella época. Em 1615, fica estabelecido o cabido da união dos Rosa-Cruzados em Cassel, para o qual entram diversos principes protestantes, a saber: o conde Mauricio de Hessen-Cassel, Frederico Henrique, o futuro governador (stadhouder) da Hollanda, João Jorge, margrave de Brandenburgo, o landgrave Luiz de Hesse-Darmstadt, o eleitor Frederico, palatino do Rheno, e o principe de Anhalt (2).

Em 1617, no castello de Hornstein perto de Weimar o conde Luiz Anhalt-Koethen organiza uma nova união secreta, sob a denominação de "fruchtbringende Gesellschaft" (sociedade fructifera), chamada, tambem, de Ordem das Palmeiras (3). A denominação da Ordem provinha do seu brazão symbolico que representava um coqueiro. "Para symbolisar suas tendencias, a sociedade chamou-se de fructifera e escolheu para emblema "um coqueiro indio" (4).

A Ordem das Palmeiras foi modelada na "Academia della Crusca" florentina e realisava suas reuniões sob capa de banquetes, como as academias da renascença italiana.

"Os membros cumprimentavam-se, mutuamente, na correspondencia, com os nomes que usavam na sociedade (pseudonymos — n. do aut.)" (5).

Essa sociedade conta, depois, entre os seus membros os principaes autores da reformação belligerante. São seus membros : o chanceller da Suecia, Oxenstierna, o rei da

---

(2) Vide FR. WITTEMANS: *Histoire les Rose-Croix*, pag. 39.

(3) Vide WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer*, pagina 350.

(4) F. W. BARTHOLD: *Geschichte der fruchtbringenden Gesellschaft*, pag. 107.

(5) F. W. BARTHOLD: *Geschichte der fruchtbringenden Gesellschaft*, pag. 110.

Suecia, Carlos Gustavo, usando o pseudonymo de "altivo como girasol altamente trepador", o eleitor Frederico Guilherme da Prussia (o chamado Grande Eleitor), a quem Oxenstierna noméa de "ein sonderbares Licht in Deutschland" (uma extranha luz na Allemanha) (6), etc.

O que nos deve interessar, é o emblema da sociedade : uma palmeira. Pois não é o mesmo emblema da antiguidade, na época dos levantes dos Machabeus e do levante de Bar-Kochba que symbolisava a Judéa belligerante ? E d'esta vez, este symbolo judaico torna-se symbolo de uma sociedade que deve reunir os mais importantes representantes da reformação belligerante.

Um annos após a fundação da Ordem das Palmeiras e tres após o estabelecimento do cabido da Ordem de Rosa-Cruz em Cassel, explode na Bohemia um levante contra os Habsburgos (1618), organizado principalmente pelos irmãos tcheques; os insurrectos, depois do celebre lançamento pela janella dos representantes do imperador, convidam para o throno tcheque o palatino do Rheno, Frederico, chefe da união protestante e chefe dos calvinistas allemães. Contemporaneamente, o principe da Transilvania, Bethlen Gabor, calvinista, occupa a Hungria Septentrional, proclama-se rei da Hungria e, em 1619, sitia com suas tropas Vienna. O rei da Polonia, Sigismundo III, "mandou um corpo de cozacos em auxilio á Austria, com a qual tinha concluido, sem a autorisação do Seym e, portanto, uma illegal alliança. No anno de 1618, mandou, com o mesmo fim, um exercito para a Hungria, com que prejudicou muito os successos de Bethlen Gabor, principe da Transilvania, e excitou a ira do sultão, de que resultou, para a Polonia, uma inutil e perniciosa guerra com a Turquia" (7).

---

(6) Vide LUDWIK KUBALA: *A guerra sueca*, pag. 185.

(7) Conde VALERIANO KRASINSKI: *Historical sketch* etc. vol. II, pag. 143.

As tropas de Bethlen Gabor foram derrotadas pelo exercito polonez nos Carpatos, o que obrigou Bethlen a interromper o cerco de Vienna. Em vista das relações do chefe dos calvinistas hungaros com a Turquia, com a qual tinha uma alliança e com cujo auxilio activo de 80.000 guerreiros turcos tinha conquistado a Transilvania em 1613, o enygma de Cecora (hoje Tusora, na Rumania), está sufficientemente esclarecido. A Polonia ficou immobilisada (*).

Para immobilisar a França de Luiz XIII, prepara-se um levante dos huguenotes que rebenta em 1621. As luctas sangrentas prolongam-se por alguns annos, até a quéda da principal fortaleza dos insurrectos, La Rochelle (1628).

N'esse interim, em 1620, as tropas austro-bavaras reunidas derrotam o exercito de Frederico, palatino do Rheno e rei "hibernal" da Bohemia, bem como o exercito do seu alliado, Bethlen Gabor, na batalha de Monte Brando (Biela Hora). São estes os prodromos de uma guerra que assolara a Allemanha e os paizes limitrophes durante trinta annos e tornara-se para a Allemanha e a Bohemia uma verdadeira catastrophe da civilisação. A iniciativa para essa guerra partira da união protestante e do seu chefe fundador, Frederico, palatino do Rheno, rei "hibernal" tcheque e membro do cabido da Ordem de Rosa-Cruz em Cassel. Amigo e conselheiro d'esse principe foi um famoso judeu hollandez, o cabalista Abrahão Zacuto Lu-

---

(*) No anno de 1620, havendo paz entre a Polonia e a Turquia, o generalissimo do exercito polonez (hetman), STANISLAU ZÓLKIEWSKI (JULQUIEVISKI) recebeu a noticia que destacamentos irregulares de tartaros incommodavam os confins meridionaes da Polonia. Em vista d'isso, reuniu um pequeno corpo de exercito e avançou até Cecora, onde foi traiçoeiramente atacado por tropas regulares turcas que tinham preparado uma emboscada. Seguiu-se um massacre em que perdeu a vida o velho heróe, seu filho e seu genro e de que muito poucos soldados escaparam com vida. ZÓLKIEWSKI era avô materno do futuro rei da Polonia, JOÃO SOBIESKI, salvador da Europa contra o jugo turco, em 1683.

sitano. Desde o anno de 1615 que o palatino dera prova de sua sincera amisade aos judeus, tomando á mão armada a cidade de Vormacia (Worms), cujos habitantes ousaram expulsar os judeus da cidade (8). A alliança do calvinismo com o judaismo manifestou-se claramente.

"O calvinismo possúe um espirito internacional e idéas internacionaes. Recorrendo a meios diplomaticos e leigos para a propaganda de sua fé, acabou pela idéa de intervenção armada. Sendo expressão da voluntariosidade, apoia o animo de organização activa, as tendencias republicanas, o capitalismo, as acções diplomatica e bellica" (9).

No anno de 1630, interveiu na guerra Gustavo Adolf, rei da Suecia, e reforçou a reformação na Allemanha. As tropas suecas invadiram quasi toda a Allemanha.

"Podia-se-quasi affirmar que, n'esse tempo, os judeus eram tratados melhor que os christão. Ao menos em Moguncia, os suecos que acamparam, ali, por mais de quatro annos (desde o fim de 1631, até o começo de 1636), trataram-nos com mais brandura de que os christãos (catholicos — n. do aut.)" (10).

No periodo da guerra dos trinta annos, os judeus de Amsterdam já estão desempenhando um papel de primeira ordem. Na Hollanda, onde se asylaram os anabaptistas, onde estão grassando os socinianos, onde se encontra o centro da agitação calvinista, de onde se lança as rêdes de organização sobre a Inglaterra, o agrupamento judaico vive em contacto intimo com o movimento sectario. Na segunda metade da guerra, é chefe do judaismo em Amsterdam, Manassé ben-Israel, proveniente de Portugal (1604-1657), continuador da obra de Moysés Maimuni, do apolojeta de adhesão simulada a outras religiões e, ao mesmo

---

(8) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 35 e 50.

(9) R. VERMEIL: *Etudes sur la réforme*, pag. 905.

(10) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 51.

tempo, cabalista que "considerava toda palavra do Talmud e o Testamento como apogeu da revelação" (11).

Manassé toma por consorte a bisnetta do famoso Izaac Abarnel e, desde esse momento, gaba-se de pertencer á estirpe de David. Esse hebreu reune ao redor d'elle em Amsterdam eruditos judaicos e christãos. "Fazem parte d'essa roda poetas e historiadores : Barleus e Fossius, o philosopho Hugo Grotius, bem como Rembrandt, que pintou um excellente retrato de Manassé" (12). Assim que temos ali Hugo Grocius, um dos paes espirituaes da "lei da natureza", o protector da ingerencia da reformação na egreja oriental, como discipulo de Manassé ! Outro discipulo d'esse israelita illustre foi o philosopho judaico, Baruch Spinoza.

Poucos são os vestigios distinctos que se possa investigar para seguir a Manassé dentro das cellulas das uniões secretas protestantes, todavia indicaremos um que nos parece bastante expressivo.

Em Gdansk (Danzig), encontra-se, então, a séda da união secreta dos reformadores, "Societas regalis Jezu Christi", na qual é uma das principaes figuras o fidalgo Abrahão von Frankenberg (13). A união aspira ao "reino millenario" e preoccupa-se vivamente com o boato de descobrimento de um immenso povo judaico na Asia (as dez tribus extraviadas), que já está em caminho para a conquista da Palestina, afim de approximar o tal "fim mysterioso".

"E isto era um signal do fim, visto que no começo do reino millenario todos os judeus já deviam habitar a terra santa" (14).

---

(11) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 39.

(12) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 297.

(13) Vide WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer*, pagina 204.

(14) WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer*, pag. 227.

Esse Frankenberg, em certa occasião, disse : "A verdadeira luz sahirá dos judeus; o tempo d'elles está proximo. De um dia para outro, ouviremos sobre elles coisas milagrosas e todas as ilhas hão de alegrar-se com elles" (15). O adorador dos judeus tambem fazia parte da Ordem de Rosa-Cruz (16).

E agora, prestemos attenção :

"Em Amsterdam, está domiciliado um judeu, rabbi Manassé ben-Israel, que, tambem, pesquiza inquieto os mysterios, tem fé no advento do Messias e sabe que Elias (o propheta annunciador do Messias — n. do aut.) está na porta. João Mochinger, de Gdansk, já cahiu em seu poder e, em 1636, já estão em correspondia. Logo que apparece em Gdansk, Frankenberg, ouve fallar n'esse varão milagroso e escreve-lhe. O que lhe escreveu, não sabemos, mas o rabbi Manassé, n'uma carta escripta a Frankenhausen, em 1555, assim o descreve: **inter alios viros nobilitate et doctrina insignes, qui ad manum iam sunt, ex Silesia habemus Abrahamum Frankenberg, ex Borussia Johannem Mochingerum** (entre outros varões insignes pela nobreza e pela sabedoria e que já estão á mão, temos da Silesia a Abrahão Frankenberg, da Prussia a João Mochinger)" (17).

Assim foi que o chefe judaico tinha "á mão" importantes conspiradores da reformação belligerante. O discipulo de Manassé, Baruch Spinoza, tambem era um Rosa-Cruzado.

A principal obra litteraria de Manassé é a publicada em portuguez, no anno de 1645, "Thesouro do Dinim" (thesouro de ritos), uma obra intitulada anygmaticamente, n'uma época em que todo o mundo protestante es-

---

(15) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 66.

(16) Vide PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer*, pag. 367.

(17) WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer*, pag. 348.

tava coberto por uma rêde de organizações secretas que pertenciam a ritos (ceremonias symbolicas) mais variados.

Manassé ben-Israel, continuador de Maimuni, mestre de christãos reformados que tinha "á mão", tambem era messianista judaico, crente na breve dominação de Israel sobre os outros povos.

"Pois elle, tambem, esperava, sinão o reinado millenario dos santos, ao menos, de accordo com a predicção cabalistica, o breve advento da éra messianica. O "Zohar", que elle adorava como livro divino, predisse o advento da éra da graça para o anno de 1648" (18).

Para este fim, devia servir a guerra dos trinta annos e sua sangrenta colheita.

"A sangrenta guerra dos trinta annos que abandonou á sanha dos ferozes lansquenetes a vida e os haveres humanos e que provocou um transtornamento immenso, despertou nos espiritos exaltados a idéa que já estava chegando a éra messianica do reino millenario, predicta no livro de Daniel e no Apocalypse e que as calamidades occasionadas pela guerra eram apénas precursoras da aguardada éra da graça" (19).

E, coisa interessante : o começo da éra da graça predicto pelo livro "Zohar" para o anno de 1648, coincidiu com o fim da guerra dos trinta annos e com a conclusão da paz de Westphalia (1648).

---

(18) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 66.

(19) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 65.

XXIV

A NEUTRALIDADE DA POLONIA. O MOTIM DOS COZACOS

No correr dos seculos XVI e XVII, a Polonia é um paiz onde os conluios da reformação combatente podem prosperar com toda a liberdade. A Allemanha não é, agora, um terreno favoravel para os trabalhos preparadores e organizadores. A prolongada guerra esgottou o paiz a tal ponto que a Allemanha fica, depois da paz, arruinada cultural e economicamente e que é necessario mais de um seculo para que possa renascer. De tanto maior importancia torna-se para as reformadores o terreno da Polonia livre de guerras religiosas, embóra não esteja muito sossegado. Comquanto o catholicismo de Sigismundo III e a actividade dos Jesuitas tivessem obrigado a onda reformadora a um recúo na Polonia, entretanto esses successos foram obtidos por meio de trabalho propagandista e não por meio de violencias. As primeiras tentativas de Sigismundo III de intervir na guerra dos trinta annos, ao lado dos catholicos, foram prejudicadas pelas guerras com a Turquia.

A manutenção da neutralidade pela Polonia servia, tambem, aos judeus, pois, embóra na Allemanha os protestantes e os suecos lhes tivessem demonstrado sympa-

thia e os catholicos, tambem, não os tivessem perseguido, entretanto, uma prolongada guerra enriquecendo a minoria dos judeus allemães, empobrecia as grandes massas judaicas que viviam do trabalho producente da população em geral, sendo que esta estava exhausta, devido ás calamidades bellicas. "Os infortunios da guerra dos trinta annos impelliram numerosos judeus allemães a procurarem asylo na Polonia. Ladislau IV (1632-1648), era muito benevolo para com elles" (1).

Portanto, a conservação de um asylo tranquillo na Polonia para os seus correligionarios estava no interesse dos judeus.

Comtudo, a marcha victoriosa de Gustavo Adolfo na Allemanha reanimou os protestantes polonezes.

"A imprudencia que os protestantes commetteram por essa occasião, prejudicou-os mais que a violencia dos seus adversarios, porquanto fizeram vêr que não convinha menosprezar suas exigencias na época em que a causa evangelica tinha vencido na Allemanha, devido ás armas de Gustavo Adolfo" (2).

Contando com a proxima morte de Sigismundo III, os protestantes polonezes promovem a candidatura de Gustavo Adolfo ao throno da Polonia.

"Os empenhos de Gustavo Adolfo em obter o throno da Polonia goraram completamente, devido á imprudencia do seu plenipotenciario, Jacob Russel, que, tendo recebido uma noticia falsa sobre o fallecimento de Sigismundo III, enviou a diversos magnatas polonezes cartas pedindo apoiassem a candidatura de seu monarcha para o throno da Polonia. Tal exigencia, expressa em vida do rei, offendeu toda a nação. As cartas de Russel foram queimadas

---

(1) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 52.

(2) Conde VALERIANO KRASINSKI: *Historical sketch* etc., vol. II, pag. 147.

em publico pelo carrasco e Gustavo Adolfo puniu com a prisão o plenipotenciario imprudente" (3).

Ladislau IV inclinava-se, tacitamente, para a reformação e pretendeu, até, desposar, em 1638, uma filha de Frederico V, palatino do Rheno, chefe da união protestante (4). Os esforços regios para estabelecer uma paz religiosa na Polonia, tiveram sua expressão na organização de uma controversia publica em Torun (Thorn), chamada "collegium charitativum" (1645), entre todas as seitas evangelicas e os catholicos.

Durante a guerra dos trinta annos, a Polonia obtem a honra de fixar n'ella sua residencia um homem que tem em sua mão os fios de todas as uniões secretas na Europa. Alguns annos após a derrota do Monte Branco, foge da Bohemia (1625) o filho do moleiro Militchka, da villa de Komne, João Amos Komensky (Comenius), pertencente á seita dos irmãos tcheques e estabelece-se em Leszno (Lechno), sob a protecção de um magnata evangelico, Rafael Leszczynski (Lechtchinski). Abandona a Polonia só em 1641, a convite do parlamento inglez, depois vae á Suecia para atar relações com o chanceller Oxenstierna. Em serviço da Suecia, estabelece-se em Elbing, perto de Gdansk, mas visita a Polonia em 1645 para tomar parte no "collegium charitatium", depois de que regressa a Elbing. No anno de 1648, está novamente em Leszno, em caracter de bispo dos irmãos tcheques, porém parte brèvemente para a Transilvania onde está alguns annos na côrte de Sigismundo Rakoczy. Em 1654, está, mais uma vez, em Leszno, de onde foge após a reconquista d'esta cidade pelos polonezes das mãos suecas (1656) e fallece, no anno de 1671... em Amsterdam. Escriptor extraordinariamente fertil, chamado de pae da pedagogia moderna, traz nas

---

(3) Conde VALERIANO KRASINSKI: *Historical sketch* etc., vol. II, pag. 148.

(4) Vide V. KRASINSKI: *Historical sketch* etc. vol. II, pagina 154.

rodas maçonicas o titulo honorifico de pae espiritual da Ordem dos pedreiros livres. Foi membro da Ordem de Rosa-Cruz (5).

Visto que não se trata de qualquer pessôa insignificante, devemos apreciar com mais attenção a sua actividade e chegaremos á descoberta que Comenius ou Komensky encontra-se bem no centro dos acontecimentos.

Em 1628, portanto tres annos após a sua chegada á Polonia, foi admittido, junto com o escossez João Johnston e mais dois sacerdotes dos irmãos tcheques, n'uma d'aquellas academias secretas ou sociedades. Desde então, sustenta relações intimas com a Inglaterra, corresponde-se, durante varios annos, com os membros das sociedades inglezas e, d'ali, recebe em 1641 um convite. A sua viagem á Inglaterra tem fins estrictamente organizadores. Nas rodas dos dirigentes das uniões secretas, vencera a opinião de que a continuação do operar com academias ou sociedades humanisticas tornara-se, por muitas razões, inconveniente (estavam demasiadamente populares e, em parte, foram deconspiradas pelos Jesuitas). A actividade litteraria de Comenius e, especialmente, sua viagem á Inglaterra, são consagradas ao preparo de uma reconstrucção organizadora (6).

Entre os annos de 1630 e 1640, as uniões profissionaes de pedreiros na Inglaterra começaram a transformar-se em lojas de pedreiros livres (7). Desde o anno de 1633, começa uma correspondencia animada entre o Rosa-Cruzado Comenius e os membros das uniões secretas da Inglaterra e, no anno de 1641, aquelle vae á Inglaterra "a convite do parlamento". Depois, encontra-se com Oxenstierna, que já conhecemos como membro da Ordem da Pal-

---

(5) Vide Fr. WITTEMANS: *Historie des Roses-Croix;* pag. 49.

(6) Vide *Allgemeines Handbuch der Freimaurerei;* vol. I, pag. 157 e seguintes.

(7) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 78.

meira. Por deliberação d'este, estabelece-se em Elbing; ali, tem o seu centro uma sociedade secreta, "societas regalis Jezu Christi", de que fazem parte Abrahão von Frankenberg que, então, já se correspondia com Manassé bem-Israel de quem "estava á mão". Os dois irmãos de Rosa-Cruz, Comenius e Frankenberg, tinham provavelmente muita coisa a dizer um ao outro com que se interessasse Manassé ben-Israel da estirpe de David, esperando pela realisação das predicções messianicas do "Zohar". A pedagogia e o enthusiasmo pela reforma da educação escolar foram, provavelmente, apénas um meio para a consecução de fins, antes politicos de que pedagogicos. Na sua correspondencia com um Rosa-Cruzado, conhecido sob o pseudonymo de Andréa, Comenius não teve interesse pela pedagogia.

"N'essas cartas, pouco se fallou em pedagogia, mas muito mais na reformação e na Sociedade de Jesus (Jesuitas — n. do aut.)" (8).

De Elbing, após curta demóra em Leszno, Comenius vae para o sul, para a côrte de Sigismundo Rakoczy, casado com a filha de Frederico V, palatino do Rheno, e apresenta-lhe os seus planos da "secta heroica" tendo por fim o derrubamento da "torre Babel" (do catholicismo) (9).

"Secreto ! — esta era a primeira palavra de Comenius" (10). Não é, pois, de extranhar que Nicolai, na sua obra sobre a Ordem de Rosa-Cruz e sobre a maçonaria (1806) "reduz a origem da maçonaria moderna ás publicações "Physica" de Comenius e "Nova Atlantis" de Bacon, de que resultara que certo numero de pessôas se congregaram e fundaram uma associação chamada de "Casa de Salomão" (11).

---

(8) WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer;* pag. 197.

(9) Vide WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer;* pagina 208.

(10) WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer;* pag. 210.

(11) FR. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*: pag. 76.

Tal foi o luminar das sociedades secretas que hospedou-se durante muitos annos na Polonia, sob a protecção dos Leszczynski, senhores de Leszno, "onde existia uma rica communa judaica" (12).

Comenius sustenta relações animadas com os evangelicos polonezes e com os magnatas catholicos que eram favoraveis á reformação. Está sob a protecção dos Leszczynski, tem relações intimas com Opalinski (13), autor das satyras e commandante das tropas de voluntarios em Uyscie, que passaram para o lado de Carlos Gustavo. Por intermedio dos irmãos tcheques, Opalinski imprime suas "Satyras"... em Amsterdam. (14).

Partidario fervosoro de Comenius é, tambem, Pedro Kochlewski, juiz de Brest e secretario de Christovam Radziwill, pae de Janusz (Ianuch). No tempo em que Comenius estava em Elbing, Kochlewski mandou-lhe seu filho para estudos e como pensionista, vencendo para esse fim diversas difficuldades (15).

Por intermedio de Kochlewski, Comenius recebe de Janusz Radziwill uma proposta para fixar residencia na sua côrte, sendo que o chefe dos evangelicos e, posteriormente trahidor, offerece a Comenius a quarta parte das suas rendas, a titulo de subvenção para estudos (16). O pae espiritual da maçonaria não quiz aproveitar essa proposta, pois preferiu, provavelmente, permanecer ao serviço de Oxenstierna.

---

(12) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 270.

(13) Vide ANTONI DANysz: *Esboços historicos da educação na Polonia;* pag. 275.

(14) Vide ANTONI DANYSZ: loc. cit. pag. 308.

(15) Vide ANTONI DANYSZ: loc. cit. pag. 303.

(16) Vide ANTONI DANYSZ: loc. cit. pag. 304.

Komensky sustentava relações muito intimas com Zbigniew Gorayski, castellão de Chelmno, genro de Raphael Leszczynski e, tambem, protestante fervoroso (17). "Em uma das suas cartas, envia a Gorayski um livro sobre stenographia que, sem duvida, conhecera na Inglaterra" (18).

Stenographia ? Então, até com isto se occupava o grande pedagogo ? Não, não é, todavia tão universal e nunca perde de vista o seu escopo. Com effeito, ouçamos :

"A "stenographia latina" de certo nada tem de commum com a escripta abreviada, porém, foi, sem duvida, a "steganographia" de Trithenius ou, seja, seu commentario aos escriptos magicos" (19).

Armado da chave magica por Comenius, Zbigniew Gorayski está, durante o coloquio charitativo, em Turn, como chefe da delegação reunida dos calvinistas e dos irmãos tcheques (20) e occupa o posto de director dos calvinistas (21), correspondente ao de Frederico V na Allemanha. E' elle quem chama a Egreja catholica, na hora do colloquio, de "egreja de Anti-christo" com que occasiona o rompimento das discussões" (22).

Comenius, mesmo depois da sua retirada a Elbing, continúa protegendo os irmãos tcheques unidos, desde 1555, aos calvinistas.

"Não é, de certo, uma casualidade que o pae da pedagogia moderna, o famoso Komensky, era bispo dos ir-

---

(17) Vide ANTONI DANYSZ: loc. cit. pag. 294.

(18) Vide ANTONI DANYSZ: loc. cit. pag. 299.

(19) WILL. ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer;* pag. 202.

(20) Vide VAL. KRASINSKI: *Historical sketch* etc. vol. II, pag. 177.

(21) Vide LUDWIK KUBALA: *Jerzy Ossolinski;* pag. 171.

(22) Vide LUDWIK KUBALA: *Jerzy Ossolinski;* pag. 171.

mãos tcheques que, por sua vez, eram successores dos Taboritas (portanto, de communistas — nota do autor)" (23).

Durante a permanencia de Comenius em Leszno, teve logar um congresso de 31 synodos, com a sua participação e, até de Elbing, vinha a Leszno para tomar parte nos synodos (24). Participou do colloquio charitativo de 1645, ao lado do seu discipulo, Zbigniew Gorayski.

A Polonia proporciona a Komensky muitas difficuldades e não se deixa arrastar nas fileiras da "secta heroica" que combatia a "torre babel" catholica. O movimento catholico readquire, pouco a pouco, todo o paiz e, até, varios senadores abandonam a fé calvinista. Nas cidades têm logar tumultos dirigidos contra protestantes, especialmente contra os judaisantes irmãos polonezes (arianos). Estes excessos tambem attingem os judeus. Surge uma litteratura anti-judaica, como o "Espelho", de Sebastião Miczynski (Mitchinski) ou as "Revelações verdadeiras sobre os medicos judaicos", de Sebastião Sieszkowski (Siechkovski), etc.

A questão judaica na Polonia entrou n'uma phase mais aguda não só devido á affluencia de judeus allemães no periodo da guerra dos trinta annos, mas, tambem, porque os judeus procediam com intransigencia para com a população christã e provocavam-na com sua attitude arrogante.

"Confiantes nas prophecias do "Zohar" mentiroso, aguardavam, no anno de 1648, o advento do Messias e da éra da salvação em que iam dominar o mundo e, por esta razão, começaram a proceder da maneira mais intransigente e mais ousada de que o faziam ordinariamente" (25).

---

(23) KARL KAUTSKY: *A historia do communismo;* pag. 242.

(24) Vide ANTONI DANYSZ: *Esboços;* pag. 284.

(25) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 56.

Foi por essa arrogancia que a Republica Poloneza pagou com o sangrento motim de Chmielnicki (Khmielnitski), com a perda definitiva de quasi toda a Ukrania, com guerras consecutivas com a Russia, devidas á questão ruthena, e com a perda do seu antigo prestigio no Oriente da Europa.

Os latifundistas no Oriente da Polonia entregaram os cozacos em arrendamento ao judaismo desenfreado. N'uma carta endereçada a Ladislau IV, lida já depois da morte do rei durante a dieta de convocação (1648), Chmielnicki queixa-se da oppressão da parte dos magnatas e escreve o seguinte :

"Pelo que, encorajados, os judeus commettem entre nós taes abusos que, até, sob o jugo turco seria impossivel que christãos soffressem tamanha oppressão" (26).

De que especie foi essa oppressão soffrida da parte dos judeus ?

"Tres familias magnatas colonisavam principalmente a Ukraina e a Ruthenia Menor: os Koniecpolski, os Wisniowiecki e os Potocki (leia : Konietspolski, Winisowietski e Pototski), que arrendavam os pesados impostos com que oneraram os cozacos, aos seus procuradores judaicos. Os cozacos tinham de pagar imposto de cada creança recem-nascida, de cada par recem-casado. Para que esta contribuição não pudesse ser evitada, os arrendatarios judaicos guardavam em casa as chaves das egrejas gregas e, toda vez que o sacerdote queria baptisar uma creança ou fazer um casamento, tinha de pedir as chaves ao arrendatario que não as entregava, sem ser paga a respectiva taxa" (27).

Após a explosão do motim, um dos seus chefes, Kriwonos, em carta dirigida ao principe Domingos Zaslawski,

---

(26) *Miscellanea Adami Mniszech*: *Manuscripto da Biblia Ossol.*, n.° 225, pag. 78.

(27) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 56.

aconselhava "fazer voltarem os judeus até o Vistula, porquanto esta guerra começou por causa dos judeus" (28).

A senha com que Chmielnicki excitava as massas foi: "Os polonezes entregaram-nos na escravidão á maldita semente judaica" (29).

Assim foi que todos os cozacos e a população ruthena, amotinados, investiram, antes de mais nada, contra os judeus e, depois, contra a nobreza que os entregara aos judeus. Cahiram, tambem, victima muitos sacerdotes catholicos, de que se aproveitaram alguns historiadores para forjicarem a imputação que uma propaganda catholica muito violenta tinha sido causa do motim. Comtudo, é licito julgar que é superflua essa hypothese para explicar a investida dos cozacos contra o clero catholico.

"Salvandy, na sua "Histoire de Jean Sobieski" (Paris, 1829, vol. I, pag. 271), escreve que muitos socinianos uniram-se aos cozacos. Quanto a nós, conhecemos só um caso que diz respeito a Gregorio Niemierycz (Niemieritch). Este viajou muito, em companhia de Ruarus e Wiszowaty (Vichovaty) e foi autor do livro polonez: "Preces e Cantos", editado em 1653 e de varias dissertações em latim. Possuidor de grandes propriedades na Ukraina, principalmente na margem esquerda do rio Dniepr, Niemierycz, no paiz dos cozacos, inclinava-se para a egreja oriental e, ao que consta, aconselhava seus correligionarios fazerem o mesmo, esperando conseguir, d'este modo, uma grande preponderancia sobre os adeptos d'esta egreja e aproveitar-se d'ella para levar avante a causa sociniana... Salvandy escreve, tambem, que a nobreza sociniana provocara um levante de camponezes nas immediações de Cracovia e de Poznan" (30).

Conforme já sabemos, os "irmãos" costumavam ter

---

(28) *Miscellanea Adami Mniszech: Manuscripto da Biblia Ossol.*, n.º 225, pag. 99.

(29) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 56.

(30) Vide V. KRASINSKI; *Historical sketch;* vol. II, parte II, pag. 27.

no seu repertorio levantes de camponezes; assim fizeram os "irmãos italianos", assim os "irmãos neerlandezes", assim os "irmãos inglezes", assim os "irmãos tcheques", assim os "irmãos allemães" e, assim, os "irmãos polonezes". Si estes se encontravam entre os cozacos, de certo não os catechisavam no sentido de tratarem com brandura o clero catholico.

O periodo do diluvio começou para a Polonia no mesmo anno em que, no Occidente, terminava a guerra dos trinta annos pela paz de Westphalia (1648). E, immediatamente, Komensky regressa de Elbing a Leszno. Deseja, sem duvida, estar mais perto dos acontecimentos que iam se desenrolar. Após a morte de Ladislau IV, a eleição está aberta; os protestantes polonezes oppõem á candidatura de João Casimiro a de Stefan Rakoczy, principe da Transilvania (31).

Os principes Rakoczy gozam, até hoje, de grande estima em algumas rodas maçonicas. Basta mencionar que o famoso, no seculo XVIII, conde de St. Germain, o possuidor do elixir da vida, intitulava-se de principe Rakoczy, descendente dos principes da Transilvania.

A morte de Stefan Rakoczy entregara, sem litigio, o throno polonez nas mãos de João Casimiro. Depois da eleição, Comenius abandona a Polonia e vae á Transilvania, junto a Sigismundo Rakoczy a quem apresenta os planos da sua "secta heroica" para derrubar o catholicismo. Ali, encontra-se com certo Drabik, sacerdote dos irmãos tcheques, que divulga a Komensky suas prophecias predizendo a catastrophe dos Estados catholicos. Essas prophecias, quanto á Polonia, já são conhecidas no seculo XVI e vaticinam ao paiz a inundação por um diluvio de tropas inimigas, caso não entregue seu throno a um rei protestante.

D'esta vez, Drabik consegue ganhar Comenius para as suas prophecias, das quaes um exemplar envia a Janusz Radziwill, fazendo allusão que o espera a corôa. . .

---

(31) Vide V. KRASINSKI: *Historical sketch;* vol. II, parte I, pag. 186.

XXV

A REVOLUÇÃO DE CROMWELL. MANASSE BEN-ISRAEL. BARUCH SPINOZA.

O ultimo periodo da guerra dos trinta annos cabe n'uma época em que a Inglaterra, sob o reinado de Carlos I Stuart, casado com Maria Henriqueta (Bourbon), catholica fervorosa, torna-se um terreno de luctas encarniçadas. De um lado está o rei apoiado na egreja anglicana official que, antes, representa um schisma ecclesiastico do que uma reforma religiosa; do outro lado, está o campo dos Puritanos apoiados no parlamento. As luctas do rei com o parlamento preenchem todo o reinado de Carlos I.

Em 1641, conforme já sabemos, visita a Inglaterra Comenius convidado pelo parlamento e, um anno depois, explode a guerra civil (1642-1645). Como um dos seus chefes secundarios, emerge das suas ondas Oliver Cromwell. Depois de interrompida a acção bellica (1645), seguem-se prolongadas conferencias entre os puritanos e o rei, terminadas pelo estouro da segunda guerra civil (1648), no mesmo tempo em que, no continente, concluia-se a paz de Westphalia.

Na frente da ala mais radical dos puritanos, dos chamados puritanos independentes, surge Cromwell e derrota

as tropas escossezas que defendiam a causa regia. Desde então, póde-se fallar na Inglaterra, n'uma dictadura revolucionaria; até o parlamento é obrigado, pela força, a reconhecer os factos e, depois, é dispersado. O rei é condemnado á morte e decapitado (1649), como, depois, Luiz XVI na França.

Cromwell impõe obediencia ao paiz inteiro, por meio de massacres e de assassinatos; decreta a expropriação dos catholicos, afoga em rios de sangue a insurreição catholica na Irlanda (1650) e, em 1653, depois dos triumphos sobre a frota hollandeza, recebe o titulo de Lord Protector, mudado depois para o de Alto Lord Protector.

A revolução de Cromwell tinha o caracter de uma dictadura sectario-social; exercia-a Cromwell em nome da ala radical dos puritanos.

A orientação puritana synthetisou-a muito bem e comparou-a com o judaismo George Batault, em sua "Questão judaica", no capitulo intitulado "O judaismo e o puritanismo". A confissão da fé e as divisas dos puritanos foram, com effeito, essencialmente judaicas, ao ponto a que não chegara nenhuma das seitas, até agora descriptas.

Os guerreiros puritanos, como nos tempos remotos os Machabeus, "tinham o gladio na mão e a gloria de Deus na bocca". Cromwell e seus soldados liam a Biblia antes e depois do combate. Entretanto, não era no Novo Testamento que "as cabeças redondas" podiam haurir seu animo guerreiro, mas sómente no Velho... Só os grandes vultos do Velho Testamento que tinham o temor de Deus no coração e o gladio na mão, esses guerreiros nacionaes e religiosos ao mesmo tempo, podiam servir aos puritanos de exemplo : os juizes que libertaram o povo do jugo extrangeiro; Saúl, David, Joab que, em pares, corriam os inimigos do seu paiz; Jehu que pôz fim á dynastia idolatra e criminosa; estas eram as figuras predilectas dos guerreiros puritanos. Em cada linha dos livros de Josué, dos Juizes, de Samuel e dos Reis, descobriam o reflexo da sua propria situação; cada psalmo

parecia ter sido escripto especialmente para elles. Oliver Cromwell representava-se a si proprio na situação do juiz Gedeão que, no começo, demorava-se em seguir a voz de Deus, mas, depois, dispersou corajosamente as hordas de pagãos que o atacavam; ou na situação de Juda Machabeu que transformara um punhado de martyres em guerreiros victoriosos" (1).

O quadro acima já é sufficiente para podermos avaliar a que grau de judaisação levara a reformação na Inglaterra os seus adeptos. O caso é que o movimento puritano foi importado para a Inglaterra, no seculo XVII, pelos anabaptistas, os mesmos que fundaram uma "Nova Jerusalem" em Monaster, sob a chefia de João de Leyde, executor espontaneo das sentenças de morte. Tambem, as sympatias para Israel não foram sómente platonicas. Não percamos de vista que, officialmente, não havia judeus na Inglaterra, pois, ainda em 1290, foram expulsos da ilha. Quando muito, alguns marranos apénas podiam ter se mantido durante varias gerações, porém muito occultos, mais ainda que na Espanha dominada pela inquisição. Os proprios marranos espanhoes estavam prohibidos entrarem no paiz, até a metade do seculo XVI. Subitamente, agora, os christãos mesmos tornam-se, graças á reformação, não só semi-judeus, mas, directamente, judeus não circumcisos.

"Quão grande era a predilecção de alguns officiaes de Cromwell por antigas instituições judaicas, póde testemunhar a circumstancia que propuzeram-lhe, com toda a seriedade, que, para o conselho do Estado, fossem eleitos setenta membros, conforme o numero de synhedristas judaicos. No parlamento tomava assento o general Thomas Harrison, anabaptista, que, junto com seu partido, quiz introduzir na Inglaterra a lei de Moysés" (2).

---

(1) H. GRÆTZ: vol. VII, pag. 67.

(2) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 71.

Quanto ás tendencias messianicas dos puritanos, estas eram absolutamente identicas com o messianismo judaico.

"Cromwell sonhava na reconciliação do Novo Testamento com o Velho, n'uma união intima entre o povo do Deus judaico com a communa do Deus anglo-puritana. Principalmente aquelles soldados de Cromwell que sonhavam na quinta monarchia, isto é, no reino millenario dos santos, designavam ao povo judaico um logar explendido n'esse reino. Nathanael Holmes (Homesius), predicador puritano, desejava directamente, segundo alguns versetos propheticos, tornar-se servo de Israel e servil-o de joelhos" (3).

"Assim foi que os puritanos "baptisavam seus filhos com nomes de patriarchas e guerreiros judaicos. Transformaram o dia santo semanal que a Egreja festeja em commemoração á Ressureição, no sabbath judaico" (4).

D'este modo, o calvinismo que, no terreno inglez, confundiu-se com o anabaptismo, produziu, em resultado, os puritanos sobre os quaes o conhecido poeta allemão, o judeu Henrique Heine, assim se expressa : "Porventura os escossezes protestantes não são hebreus cujos nomes soam biblicamente, cujos cantos religiosos têm um tom semi-jerosolymitano e semi-pharisaico, cuja religião é o judaismo, apénas um judaismo que devora carne de porco ?" (5).

O puritanismo hauria o espirito judaico tanto no calvinismo, como no anabaptismo. Em 1608, appareceu um folheto "Der calvinische Judenspiegel", de que tiramos o seguinte fragmento citado por Sombart :

---

(3) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 68.

(4) MACAULAY: *Historia da Inglaterra;* citação de G. BATAULT pag. 114.

(5) Citação de WERNER SOMBART: *Die Juden* etc.; pag. 293.

"Si deva declarar sob juramento a causa e o motivo pelos quaes me tornei calvinista, sou obrigado a confessar que nada mais me inclinou de que a circumstancia de não se poder achar entre as confissões outra que tão perfeitamente se confundisse com o judaismo e cujas explicações, dizendo respeito á fé e á vida, fossem tão identicas com o mesmo" (6).

Com effeito, uma analyse aprofundada da fé e da ethica calvinista e, especialmente, das puritanas, trazem como resultado — o judaismo.

"Este parentesco e esta identidade são absolutamente indubitaveis e assiste-nos o direito de concluir, como o faz claramente o distincto economista (Sombart), que o puritanismo — é o judaismo" (7).

A propria doutrina calvinista e, depois, a puritana sobre a predestinação não é nada mais do que a doutrina dos phariseus que não ha recompensa, conforme ás acções, que a salvação está só na fé e não nas acções. Em vista da liberdade absoluta em lêr e interpretar a Santa Escriptura, esta fé que salva é algo completamente ficticio. O que, então, é real ? Talvez só o abandono dos mysterios da fé aos doutos na Escriptura, com a clausula que os confessores — pelo preço da salvação — obedecerão aos seus dirigentes da organização. Assim mesmo o comprehendiam os Phariseus affirmando que para a salvação levavam não as acções, mas a fé nas verdades da religião de Israel... accessiveis sómente aos mais eleitos e ciosamente occultos deante aquelles cujo unico dever era a fé... nos mysterios inaccessiveis. D'este modo, a fé volatilisa-se em nada e leva á descrença total ou — como em Israel — torna-se uma fé cega não em dogmas, mas em homens que empunham o leme da sua organização secreta.

Tal foi a doutrina que tomara pé na Inglaterra e,

---

(6) Citação de WERNER SOMBART: *Die Juden* etc.; pag. 294.

(7) G. BATAULT: *A questão judaica;* pag. 116.

com a expansão da raça anglo-saxonia, atravessara, em breve, os mares, invadindo especialmente os Estados Unidos da America do Norte e o Canadá. Ali, no terreno do puritanismo, nasceram outras diversas seitas.

"A invencionice que, em remota antiguidade, os israelitas colonisaram a America, é uma illusão anterior ao mormonismo. Existem ainda na Inglaterra e na America do Norte seitas bastante numerosas que têm a pretensão reconhecerem em anglo-saxonios os descendentes das dez tribus extraviadas de Israel que não tinham voltado para a Judéa da escravidão babylonica... Deus prometteu a Israel que este reinaria sobre os povos; Deus não póde mentir; visto que os anglo-saxonicos são a nação mais poderosa no mundo, logo, os anglo-saxonicos são descendentes de Israel" (8).

Até as relações sexuaes são encaradas pelo puritanismo da mesma maneira que pelo judaismo. Antes de mais nada, governam-se n'ellas pela razão.

"Especialmente, a attitude deante do problema sexual, a racionalisação das relações sexuaes, são no puritanismo e no judaismo identicas, até o minimo detalhe. Em um dos principaes hoteis em Philadelphia, encontrei nos quartos o seguinte aviso impresso : "Os nossos presados hospedes que desejarem tratar negocios com mulheres, são intimados a deixarem as portas abertas, durante a presença de uma senhora nos seus quartos". No Talmud (Kidd. 82-a), o mesmo assumpto tem o theôr seguinte : "Quem tiver negocios com mulheres, não permaneça sósinho com ellas..." (9).

Esta foi a orientação religiosa imposta á Inglaterra pela dictadura de Cromwell e foi em nome d'esta orientação que a Inglaterra e a Irlanda nadaram em sangue. Lecouteulx de Cantelen, em sua obra "Les sectes et so-

---

(8) SALOMON REINACH: *Orpheus;* pag. 403.

(9) WERNER SOMBART: *Die Juden* etc., pag. 292.

ciétés secrètes", affirma que Cromwell era "altamente iniciado nos mysterios da maçonaria" (10). Sob seu governo, começam as tentativas de estabelecer na Inglaterra os judeus expulsos, d'ali, em 1290. Esta acção, de commum accordo com Cromwell, leva a fim Manassé ben-Israel de Amsterdam de cujo papel entre os judeus e nas sociedades secretas da reformação já tivemos occasião de fallar acima.

"Cromwell e Manassé ben-Israel encontraram-se no terreno messianico-sonhador" (11). Porquanto "com o coração a palpitar observava Manassé ben-Israel os acontecimentos que se desenrolavam na ilha britannica e que, em contornos ainda nebulosos, prediziam uma breve glorificação do povo judaico. Essas vozes não annunciariam, porventura, a approximação do estado messianico ? (12).

Não foi o que o "Zohar" predisse o começo da éra messianica para o anno de 1648 ? Faltam ainda só as dez tribus extraviadas.

"Entretanto, egualmente como aos mysticos inglezes, acabrunhava-o a questão, onde estavam as dez tribus extraviadas que o rei assyrio, Salmanassar, tinha levado como escravos ? ... A união de Juda com Israel vaticinada por alguns prophetas com tanta certeza, não se podia realisar, si as dez tribus desapparecessem, sem deixar vestigio" (13).

Por felicidade, acharam-se, pois, um viajador qualquer descobriu, ao que constou, judeus na America do Sul. Manassé escreve, então, sua "Esperança de Israel", em que falla nas dez tribus encontradas e nas esperanças

---

(10) Cit. de NESTA H. WEBSTER: *Secret societies and subversive movements;* 125.

(11) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 75.

(12) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 68.

(13) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 69.

messianicas e recorda que o advento de Messias deve ser precedido pela dispersão de Israel de um ao outro fim do mundo. A America do Sul serve de fim meridional é, de septentrional, servirá a Inglaterra. Envia, pois, sua "Esperança", em traducção latina, a Cromwell (1650), depois de que, após a terminação da guerra anglo-hollandeza, vae á Inglaterra afim de conseguir de Cromwell a franqueação das fronteiras á immigração judaica.

"Eleito, elle mesmo, por Deus que, propriamente dito, não era outro sinão o Jehovah do Velho Testamento, Cromwell podia só nutrir sympathia para o povo eleito que, além de tudo, possuia — o que não era censuravel — talento commercial innegavel e — o que não é sem importancia para um chefe de partido — uma abundancia de dinheiro" (14).

O desimpedimento official da Inglaterra para os judeus, esbarrou contra uma grande opposição entre a maioria da população.

Os partidarios de Cromwell e os republicanos em geral, defendiam os judeus, mas os seus occultos e francos adversarios, os realistas e os papistas, eram, tambem, adversarios dos judeus" (15).

Por emquanto, poude Cromwell garantir a liberdade sómente aos marranos escondidos na Inglaterra, graças a que começaram, geralmente, a voltar ao judaismo.

"Habitando nas margens do Tamisa, elles têm parentes, amigos e espiões por todas as communas judaicas do continente. Além d'isto, ha as colonias, elles estão por toda parte... Por entre estes milhares de vinculos de entendimento, toda a diaspora está aos serviços de Cromwell. Afóra isso, existe o poder do dinheiro" (16).

---

(14) GEORGE BATAULT: *A questão judaica;* pag. 118.

(15) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 76.

(16) L. HENNEBICQ: *Genèse de l'impérialisme anglais;* pagina 119.

Por iniciativa de Cromwell, Thomas Collier escreve uma apologia dos judeus, terminando pelas seguintes palavras: "Estimemos os judeus! Aguardemos o dia glorioso que os tornará cabeça dos povos. Oh! já está proximo o tempo em que cada um se sentirá feliz em poder tocar, ao menos as vestes, de um judeu! D'elles que vem vindo a nossa salvação" (17).

N'essa disposição, "a Inglaterra que a sabia rainha Elisabeth e o heroico protector Cromwell transformaram em primeira potencia da Europa, deixou, outra vez, entrarem os judeus, comquanto ainda não pelo portico, mas pela porta do fundo; comtudo, foi tão commentada essa entrada que parecia-se com verdadeiro triumpho judaico" (18).

Desde o anno de 1657, os judeus estabelecem-se em Londres e, depois, nas demais cidades da Inglaterra. Em 1753, obtiveram, com certas restricções, a cidadania ingleza e os direitos politicos.

A admissão dos judeus na Inglaterra, facilitou-lhes immensamente o continuar da penetração no interior das sociedades christãs, porém franqueou-lhes especialmente o ingresso, em massa, nas organizações secretas, reorganizadas de uma maneira febril, no meio do seculo XVIII. Manassé, fallecido em 1657, foi substituido n'essa tarefa, por seu discipulo, o famoso philosopho, Baruch Spinoza (1632-1677), marrano espanhol de nascimento.

Excommungado por suas theorias pelos rabbinos contemporaneos de toda a Europa, Spinoza collocou os alicerces sob a actividade dos judeus chamados "do terceiro Moysés", Moysés Mendelssohn, e chegou a ser hoje glorificado pelos sionistas, bem como pelos judeus progressistas que o consideram seu pae espiritual e, até, pelos bolchevistas.

---

(17) Citado por H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 77.

(18) Dr. MAJER BALABAN: vol. VIII, pag. 305.

Spinoza, assim como seu mestre Manassé, era, tambem, cabalista e tinha fé nas predicções messianicas do "Zohar".

"Durante dois seculos, Spinoza estava condemnado e consideravam-no, tanto nas rodas judaicas, como nas christãs, hereje; foi só no seculo XIX, que foi comprehendido e que lhe foi offerecido um logar no Pantheão dos maiores pensadores do mundo" (19).

Esse philosopho judaico, collocado no Pantheão, frequentava as organizações da reformação guerreadora. "O ideal da Ordem de Rosa-Cruz... era representado por Benedicto (Baruch — n. do aut.) Spinoza" (20).

N'aquelle tempo, em Amsterdam, como em outra parte, as doutrinas dos anabaptistas e dos anti-trinitarios eram divulgadas por uniões secretas, chamadas sociedades e collegios. Os membros d'esses collegios eram chamados de collegiantes.

Em Amsterdam, "os irmãos polonezes (socinianos) conseguiram, por meio de sua propaganda, dominar aos poucos esses collegios" (21). Então, "o ideal dos Rosa-Cruzados, o judeu Spinoza, não hesitou em entrar em relações com os collegiantes" (22). E agora, "desde o momento em que entre elles e Spinoza nasce uma amisade intima, o philosopho já vae por um caminho independente e dá os ultimos retoques ao seu systema philosophico. D'esse momento, começa a influencia de Spinoza sobre os collegiantes" (23).

E' logico que "Spinoza procede com mais prudencia de que os irmãos polonezes, até com menos sinceri-

---

(19) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 63.

(20) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 59.

(21) LUDWIK CHMAJ: *Spinoza e os irmãos polonezes;* pag. 9.

(22) LUDWIK CHMAJ: loc. cit. pag. 15.

(23) LUDWIK CHMAJ: loc. cit. pag. 18.

dade de que o faz nas suas cartas, nem sempre se pronuncia claramente, muitas vezes contradiz a si proprio (lembramos a "contradicção apparente" de Moysés Maimuni ! — n. do aut.), isto devido á existencia vastamente espalhada d'esses preconceitos theologicos para cujo derribamento escreveu, mesmo, esse tratado (o tratado theologico-politico — n. do aut.)" (24).

Eil-os os methodos, consagrados pela tradição, um amor á verdade digno de um philosopho !

"O sello de Spinoza representa uma rosa, o signal dos Rosa-Cruzados, e usava-o n'uma chave, como symbolo de accesso á verdade occulta. Para não se deixar conhecer, publicou suas obras em Hamburgo, sob o pseudonymo de Henrique Kunrath, um celebre Rosa-Cruzado do seculo XVI. Spinoza, como verdadeiro Rosa-Cruzado, desejava passar despercebido" (25).

Esse philosopho e cabalista chancellava, então, com uma rosa, signal da Ordem de Rosa-Cruz. Arrisquemos uma olhadela na Cabala.

No "Zohar", no livro do brilho, lemos o seguinte:

"O rabbi Hiskias começou uma das suas palestras com a seguinte introducção : "Está escripto : Tal, qual uma rosa entre espinhos, está a minha amada entre as filhas". O que significa a palavra : rosa ? Designa o povo israelita" (26).

Agora, já sabemos tudo.

---

(24) LUDWIK CHMAJ: loc. cit. pag. 21.

(25) FR. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 60.

(26) *Sepher-ha-Zohar*: (traducção franceza, Paris, 1906); vol. I, pag. 5.

XXVI

SABBATAI TSVI, COMO MESSIAS

O anno de 1648 ia ser o começo da éra messianica para Israel. Resumamos os acontecimentos d'esse anno tão prenhe de factos historicos.

O anno de 1648: o tratado de Westphalia terminando a guerra dos trinta annos; o poder da Suecia, com seu chanceller, Oxenstierna (chamado na Suecia de Minerva do rei), membro da Ordem da Palmeira; o enfraquecimento dos Habsburgos catholicos; a explosão do levante dos puritanos na Inglaterra contra Carlos I e as victorias de Cromwell; o motim dos cozacos na Polonia; finalmente, o apparecimento de um messias na Turquia.

"N'esse anno mesmo, Sabbatai apresentou-se á mocidade que o contornava, como salvador messianico" (1).

Sabbatai Tsvi, judeu sephardino (1626-1676), desde sua juventude era cabalista e iniciou sua acção em Smyrna, como continuador de Luria e da sua Cabala pratica. Tendo se declarado em Smyrna o messias esperado, foi, depois, a Constantinopla e a Salonica e, ali, "com grande solemnidade desposou mysticamente a Thora (livro — n. do aut.). Em sentido cabalistico, isto devia

---

(1) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 109.

significar que a Thora, filha do ceu, uniu-se a Messias, filho do ceu, por laços inquebrantaveis, isto é, que elle era Thora incorporada e que elle podia substituil-a" (2).

De Salonica foi a Cairo onde, novamente, entrou nas uniões secretas dos cabalistas e, depois, peregrinou a Jerusalem onde conseguiu arranjar dinheiro do Egypto para o pagamento de uma contribuição imposta, então, á cidade, pelas autoridades turcas.

"Durante o massacre dos judeus na Polonia pelos cozacos de Chmielnicki, uns christãos encontraram uma orphã judaica com seis annos de edade asylaram-na n'um convento... Sob a influencia do ambiente claustral, ella absorvia-se em sonhos fantasticos. Tendo-se desenvolvido n'uma formosa rapariga, começou a meditar sobre a fuga d'entre os muros do convento. Certo dia, encontraram-na judeus que, novamente, povoaram aquella localidade, no cemiterio judaico, vestida só de camisa... Expediram-na para Amsterdam. Ali, ella encontrou seu irmão. Excentrica e mais ainda excitada pela mudança do seu destino, seguidamente repetia que tinha sido predestinada para esposa do Messias. Sob o nome de Sarah, aportou a Livorno e, n'essa cidade, de accordo com as declarações de testemunhas fidedignas, tirava lucro da sua formosura continuando na sua idéa louca que era destinada ao Messias e que não lhe era licito contrahir outro matrimonio, mas que, por emquanto, podia viver livremente. A vida cheia de aventuras d'essa rapariga causou, entre os judeus, certa sensação e a noticia sobre ella chegou, tambem, a Cairo. Sabbatai Tsvi, tendo ouvido d'ella, inventou que, a elle tambem, foi destinada nos sonhos para esposa a rapariga aparentada com elle espiritualmente e mandou trazer Sarah para Cairo" (3).

---

(2) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 110.

(3) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 112.

D'este modo, o messias judaico elevou á dignidade de esposa uma judia poloneza, prostituta. Foi um acto de significação symbolica, chamando a attenção de todos os judeus para a nova terra promissa.

Graças a Sarah, "o fantastico meio de proceder do messias de Smyrna adquiriu um que de colorido romantico-libertino" (4).

Todos os judeus turcos reconheciam, entre manifestações de jubilo, a Sabbatai Tsvi como Messias. Em Smyrna, recebeu uma solemne homenagem da communa de Jerusalem.

"Finalmente, Sabbatai Tsvi publicou na synagoga, ao som de businas, que era o messias esperado (em setembro ou outubro de 1665), e a multidão bradou jubilosa : "Viva o nosso rei, o nosso Messias ! ... A demencia dos smyrnenses não teve limites. Demonstravam-lhe todas as provas de estima e de amor exaltado. Mulheres, raparigas e creanças cahiam em extase e, na lingua do "Zohar", proclamavam Sabbatai Tsvi como verdadeiro salvador. Podia-se julgar terem-se realisado as palavras do propheta que Deus, no fim dos dias, derramará o seu espirito sobre os menores. Todos faziam preparativos para um breve exodo, para o regresso á terra santa" (5).

Visto que Sabbatai distribuia de presente aos judeus provincias e paizes inteiros, o sultão, aborrecido com tanta sem-ceremonia, mandou prender o messias e confiou o inquerito ao seu medico de corpo, o judeu Didon. "Este fez lhe vêr o terrivel castigo que o esperava irremediavelmente, caso não suavisasse a colera do sultão pela adhesão ao mahometanismo" (6).

Seguindo o conselho pratico do seu correligionario, o messias "levado á presença do sultão, atirou ao chão

---

(4) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 113.

(5) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 115.

(6) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 124.

seu barrete judaico em signal de desprezo, o creado entregou-lhe um turbante branco e uma capa verde e, d'este modo, effectuou-se a adhesão á religião mussulmana" (7).

A mulher do messias, Sarah, bem como os mais intimos partidarios de Sabbatai, tambem abraçaram o islão.

"Os collegios rabbinicos no Oriente... ameaçaram re anathema a qualquer que ousasse desfeitear, por palavra ou por acção, algum dos ex-sabbatainos" (8).

Assim, como nos tempos passados, a adhesão ao mahometanismo em nada prejudicara na opinião judaica a Moysés Maimuni, tambem, agora, Sabbatai Tsvi, o mussulmão apparente, não deixou de ser considerado messias.

"Fingia-se óra judeu, óra mussulmano. Si espiões, turcos estavam presentes, os ouvintes judaicos sabiam sempre despistal-os" (9).

Porquanto "pela propria adhesão ao islão, Sabbatai reaffirmou a sua missão. E' um mysterio cabalistico proclamado desde seculos. Assim como o primeiro salvador, Moysés, tinha que permanecer, por algum tempo, na côrte do pharaó, em figura de egypcio apparente, tambem o ultimo salvador foi constrangido a tornar-se turco" (10).

Emfim, os turcos desmascararam essa velhacada e o messias acabou na prisão onde morreu, em 1676. Succederam-lhe grandes multidões de adeptos que, todos, adheriam simuladamente ao islão. Na chefia d'elles, estava um "messias em exercicio" que passava por incorporação de Sabbatai Tsvi. Em primeiro logar, substituiu-o seu filho, Jacob, depois o filho de Jacob, Berachia (1725-1740). Os Sabbataistas eram chamados pelos turcos de "doenmei" (renegados).

---

(7) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 124.

(8) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 125.

(9) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 127.

(10) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 126.

Eis os principios d'essa seita :

"1). Ha um Deus só e Sabbatai Tsvi é seu propheta.
2). Virá o dia em que todos reconhecerão a sua missão.
3). Exteriormente, é preciso occultar a sua fé e passar por mahometano.
4). Deve-se reconhecer o Testamento de Moysés e sustentar a propria jurisdicção.
5). E' severamente prohibido denunciar os mysterios da sua religião perante judeus e mahometanos.
6). São prohibidos : o incesto, a bigamia, o divorcio e o uso de bebidas alcoolicas.
7.) Todo membro deve usar dois nomes, dos quaes um para a vida futura" (11).

O interesse de Sabbatai pela Polonia e dos judeus polonezes por Sabbatai foi mutuo. Já a sua primeira apparição em Smyrna, no anno de 1648, encorajou os judeus, como sendo uma franca confirmação das predicções messianicas do "Zohar" e contribuiu muito para a explosão do motim de Chmielnicki.

"Entre muitos milhares de hospedes de perto e de longe, fizeram, tambem, uma peregrinação a Sabbatai dois talmudistas polonezes, parentes de celebres rabbinos de Lwów, que desejaram haurir a verdade na fonte e saciar-se com o seu aspecto... O enthusiastico cabalista, Nehemias, não receiou uma longa viagem á Turquia; tendo chegado a Costia, immediatamente conseguiu uma audiencia" (12).

Quando o motim de Chmielnicki, á frente do povo exasperado, derramou muito sangue judaico e os judeus

---

(11) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 278.

(12) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 123.

apavorados fugiam para as provincias occidentaes da Polonia e, até, para a Allemanha e para a Hollanda, "chegara a essas communas a noticia que, na Turquia, tinha apparecido um messias que, como um rei, perambulava de uma communa a outra, cercado por discipulos, prophetas e apostolos. O jubilo reinou em Israel" (13).

O Sabbataismo exerceu uma influencia enorme sobre os judeus polonezes, nos seculos XVII e XVIII. Pelo neto de Sabbatai Tsvi, Berachia, que exercia o seu mandato de messias em Salonica, foi consagrado para futuro messias Jacob Leibowitch, conhecido na historia poloneza sob o nome adoptado de Frank.

(13) Dr. MAJER BALABAN: vol. III, pag. 260.

XXVII

AS UNIÕES SECRETAS. OS SYMBOLOS, A HIERARCHIA E O RITUAL DA MAÇONARIA

A lucta contra Roma em que havia tanta influencia do judaismo e tanta immediata acção judaica, era levada avante por meio de organizações secretas de vasta ramificação e de caracter internacional. Desde os seculos XII, XIII e XIV, encontramos esses movimentos sectario-revolucionarios que estão, entre elles, n'um contacto continuo. Temos direito de dizer que, já então — independentemente da direcção uniforme, clara á luz da historia — essas uniões formam um todo, com respeito á organização, dividido territorialmente; isso transparece, entre outros, na denominação commum para todos de "irmãos". Temos, pois, irmãos italianos, francezes, moravianos, tcheques, allemães, polonezes, neerlandezes e inglezes.

São, tambem, irmãos os membros das academias secretas da renascença que cooperam com aquellas organizações (1).

Assim que os anabaptistas, os socinianos, os taboritas e, do outro lado, os membros das academias huma-

---

(1) Vide: *Allgemeines Handbuch der Freimaurerei;* vol. I, pag. 158.

nisticas, como Luthero, Melanchton, Reuchlin, Zwingli, Calvino, eram "irmãos" na organização. E', pois, uma rêde só, amarrada com arte e destinada á mesma pesca.

Essas academias "fraternaes" e sociedades não são outra coisa, sinão as precursoras das lojas maçonicas actuaes (2).

Vemos, pois, que a maçonaria, por meio de reforma da estructura interna, emergiu, directamente, das uniões secretas da reformação guerreante. Lembramos o facto, já anteriormente citado e extrahido da mesma encyclopedia maçonica, que a actividade de Comenius (Komensky) foi ligada, justamente, á essa reforma de estructura, graças a que elle passa por um dos paes espirituaes da maçonaria.

No começo do seculo XVII, tambem encontramos uniões de Rosa-Cruzados. Com toda a probabilidade, é uma organização de ordem superior ás academias, da mesma forma como estas, por sua vez, constitúem um grau superior ás sociedades e aos collegios.

Os Rosa-Cruzados, passando por alto das suas lendas historicas que transferem sua origem para a edade media remota e mencionam um cabalista qualquer, de nome Rosenkreutz (3), provêm de duas obras attribuidas a certo Andréa: "Fama Fraternitatis" e "Confessio Fraternitatis". N'essa "Fama" dos Rosa-Cruzados, "após um convite para a adhesão á união fraternal, segue um credo christão, no sentido da reformação" (4). A "Fama" apparece em latim, no anno de 1614 e, já no de 1615, apparece sua traducção hollandeza, feita por Abrahão de Hoberweschel (5).

---

(2) Vide: *Allgemeines Handbuch* etc. vol. I, pag. 14 e vol.II, pag. 410-411.

(3) Vide: Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 16.

(4) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 16.

(5) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 33.

O emblema dos Rosa-Cruzados é "Crux in Rosa", uma cruz em uma rosa; já sabemos que, segundo o Zohar, a rosa é o symbolo do povo israelita. O emblema dos Rosa-Cruzados reúne, pois, o symbolo do christianismo com o do judaismo e, de uma vez, desmascara, d'este modo, as tendencias d'esta organização: a judaisação do christianismo ou, para dizer melhor, a entrega da christandade, como presa, á Cabala e á idéa messianica de Israel.

Segundo Frisius, na sua obra "Summum Bonum", "existe uma relação entre Rosa-Cruz e a figura do Cantigo dos Cantigos: "eu sou a rosa de Sarão e o lyrio dos campos" (6).

Na actividade dos Rosa-Cruzados reunem-se tres elementos: estudos alchimicos, estudos cabalisticos e a acção reformadora contra Roma.

A alchimia, tão popular no periodo da renascença, baseava-se na convicção que os metaes eram unigeneres, isto é, que se compunham do mesmo elemento e que, em vista d'isto, podia-se obtêr a transformação de um metal em outro, portanto, tambem obtêr ouro. A convicção dos alchimistas era fundada na uniformidade da materia em que, depois, Spinoza baseou seu pantheismo materialista ("Deus sive materia").

"Na sciencia occulta dos Ouro-Cruzados e dos Rosa-Cruzados, a alchimia representou, sem duvida, um papel importante, mas seu nucleo formam as idéas cabalisticas que, quando menos, já na época da renascença, conquistaram um logar de destaque nos mysterios da Europa; constituem o nucleo, até no sentido proprio d'esta palavra, poquanto é difficil alcançal-o, isto é, verificar, até que ponto a "cabalistica" propria á Ordem é identica á Cabala primitiva ou á sua interpretação christã pelos mysticos da renascença. Os Rosa-Cruzados, apezar de enaltecerem expressamente sua piedade christã, desejavam, sem duvi-

---

(6) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 53.

da, fazer desapparecer sua ligação com a Cabala primitiva; o nome de Reuchlin não encontramos em nenhum dos seus escriptos, Marsilio Ficino, Pico della Mirandola e Agrippa de Nettesheim, raramente são mencionados; si não é possivel provar com documentos a dependencia directa dos Rosa-Cruzados d'aquelles, em todo o caso póde-se demonstrar uma dependencia indirecta, porquanto os mysticos que são mais lembrados pela Ordem e que esta considera serem dos seus, glorificam, sem temor, a Reuchlin, como o maior sabio cabalistico" (7).

Os Rosa-Cruzados chamaram, depois, á vida, segundo uma versão, a maçonaria; segundo outra, diffundiram-se n'ella no seculo XVIII a que devem a sua origem os graus rosa-cruzados da maçonaria escosseza.

A fundação da maçonaria tem logar, primeiro na Inglaterra, cerca do anno de 1630. E' uma reconstrucção e uma dilatação das antigas uniões secretas reformadoras (academicas e sociedades) e, sem duvida alguma, tem por fim uma consolidação do movimento philosemita dos puritanos e, em consequencia, o incitamento á revolução de Cromwell. Para este fim, são aproveitadas, como fundamento de organização, as corporações de "pedreiros livres" ou — conforme á nomenclatura de hoje — as uniões profissionaes de constructores abrangendo mestres, operarios e aprendizes. N'aquelle tempo em que, devido á effervescencia reformadora, o movimento constructor foi paralysado em quasi toda a Europa, essas uniões tornaram-se uma capa commoda para os conspiradores encobrindo sua actividade e fornecendo-lhes um refugio deante dos olhos das autoridades espirituaes e leigas. As uniões de pedreiros admittiam com a maxima bôa vontade protectores que dispunham de fundos, bem como os intimos d'estes e, gradativamente, quanto mais ficava paralysada

(7) ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer: Das Freimaurermuseum, Handschrift für B. B. R. R. Meister;* vol. V, pag. 50.

sua actividade profissional, tornavam-se instrumento da conspiração.

"Não seria possivel explicar de outro modo o facto que grande copia de nobreza e de pessoas de destaque entraram, em caracter de membros, nas lojas (uniões) operarias em diversos paizes" (8).

Tambem d'este modo explica-se, porque uma multidão de symbolos extrahidos do ramo de architectura (martello, pá, etc.) penetraram nos rituaes maçonicos.

Entre a origem da maçonaria e a dos Rosa-Cruzados encontramos, desde já, a analogia que, tanto estes como aquelles, ligam o seu apparecimento á origem de uma obra com sentido occulto. E' a "Nova Atlantis" de Bacon, publicada em 1627. Encontramos n'ella os symbolos que, depois, foram usados pela maçonaria, como o sol, a lua, o esquadro, o cubo, a estrella, as columnas de Hercules, a casa de Salomão, etc. "Elle introduziu, tambem, entre os Rosa-Cruzados a antiga symbolica dos numeros, adoptada, em parte, pela maçonaria ingleza" (9).

Elementos cabalisticos trouxe para a maçonaria ingleza, tambem, Roberto Fludd (1574-1637). Sobre o seu systema philosophico, costumava dizer que "era velho como o mundo. Inculcado, milagrosamente, ao primeiro homem, foi transladado, pela tradição, aos patriarchas, a Moysés, a todos os tempos do Velho Testamento, até o momento em que Christo achou conveniente revelal-o outra vez... Fludd exercia uma influencia decisiva sobre um dos principaes organizadores da maçonaria em 1717, o pastor Desaguliers" (10).

Encontramos, pois, em Fludd, como d'antes em outros cabalistas christãos, uma tentativa de deduzir o christia-

---

(8) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 75.

(9) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix;* pag. 77.

(10) GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France;* pag. 20.

nismo da Cabala, uma tentativa de empurrar a Cabala ás communidades christãs. Isto adquiriu, depois, formas expressivas em alguns ritos maçonicos e revelou-se nos movimentos pietistas e mysticos dos seculos XVIII e XIX bem como, finalmente, no movimento theosophico actual.

A maçonaria atou á Cabala da mesma maneira, como o fez, antes, a reformação. A força das tradições reformadoras na maçonaria, demonstra-a o facto citado por Bord:

"Adriano Lemmi, o penultimo Grão Mestre do Grande Oriente da Italia, affirmou, a poucos annos, que "o mais alto dirigente da arte" (maçonica — n. do aut.), de um fim do mundo ao outro, foi Lelio Sozzini (Socino), conhecido na França sob o nome de Socinus. Com effeito, no no dia seguinte ao da sua eleição, em 29 de Setembro de 1893, declarou n'uma carta circular: "Não nos devemos esquecer que a Italia foi o verdadeiro berço da maçonaria e que Sozzini foi o seu verdadeiro pae" (11).

Cerca de cem annos antes da revolução franceza, o mesmo affirmou o padre Le Franc, no seu livro: "Voile levé" (12). E' claro que esta explicação dos rudimentos não deve sêr tomada ao pé da lettra, mas como reatamento idéologico ás doutrinas de Socino, d'esse hereje judaisante que foi discipulo do marrano Miguel Servet (queimado na fogueira em Genebra, por ordem de Calvino).

Em geral, na fabricação da sua tradição historica, a maçonaria demonstrou sêr doada de uma imaginação muito fertil. Os fundadores de cada rito maçonico recem organizado esforçavam-se para impregnar ao seu rito, aos olhos dos adeptos admittidos, uma grande tradição historica. Uns ataram a Salomão, outros aos cruzados e á Ordem dos Templarios, ainda outros aos mysticos Rosa-Cruza-

---

(11) GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France;* pag. 20.

(12) Cita BARRUEL: *Mémoires pour servir à l'histoire du Jacobinisme;* vol. II, pag. 217.

dos da edade media. Os organizadores de ritos exerciam, n'esse caso, com respeito aos seus discipulos, as mais descaradas velhacarias e falsificavam diplomas sem hesitação.

Weishaupt, ao fundar a Ordem dos Illuminados, fabricou-lhe uma tradição que alcançava quasi o começo do mundo e assim escreve a Xavier Zwach: "O nosso maior segredo deve sêr a circumstancia que a Ordem é algo de recem creado. Quanto menos fôrem as pessôas que isto souberem, tanto melhor andarão os nossos negociós. Até esta data, o senhor e Merz sois os unicos que sabeis d'isto não tenho vontade de participal-o a qualquer outra pessôa. Entre a nossa gente em Eichstady, não ha nenhum que não saiba e que não jure pela vida e pela morte que a nossa Ordem é mais velha que Matusalem "(13).

Os inventores de rituaes enganavam, quanto á tradição historica, não só seus adeptos, como tambem as suas autoridades maçonicas officiaes de que é prova o exemplo de um dos mais adeantados mações do seculo XVIII, conhecido sob o pseudonymo de "Eques a Capite Galeato" (14).

Tem razão o escriptor judaico quando diz: "A maçonaria foi complicada e entortada, no seculo XVIII, por charlatanarias e velhacarias de toda qualidade" (15).

Uma das falsidades predilectas da maçonaria foi a affirmação divulgada nos seculos XVIII e XIX e, ainda hoje, na Inglaterra e nos Estados Unidos, que a maçonaria era uma instituição apolitica, com fins humanitarios, tendo em vista, apénas, a beneficencia. E, outra vez, um dos mações mais iniciados do seculo XVIII, Willermoz, desmascara essa mentiira n'uma carta ao "irmão", o padre

---

(13) BARRUEL: *Mémoires* etc. Vol. IV, pag. 15.

(14) Vide BENJAMIM FABRE: *Francisco Eques a Capite Galeato;* pag. 35 e seguintes.

(15) SALOMON REINACH: *Orpheus;* pag. 436.

d'Havré, escripta em 31 de Dezembro de 1785: "A beneficencia, como escopo, embóra muito louvavel, não exige, comtudo, nem mysterios nem discursos e nada explica; portanto, não póde sêr o verdadeiro fim da iniciação maçonica" (16).

Apezar de tudo isso, o philosopho polonez do seculo XIX, Trentowski, terminou com as seguintes palavras a ultima obra da sua vida:

"Os pedreiros livres são, quasi sem excepção, homens honestos e eruditos e, quanto aos seus ceremoniaes, estes têm um encanto infinito, mesmo para um homem altamente instruido, e acabam por prendêl-o estreitamente á aggremiação. Elles são voluntarios ao serviço da humanidade e constituem o maior exercito na terra composto de cerca de quatro milhões de guerreiros destemidos; infelizmente, não dispõem, até os nossos dias, de commandantes idoneos. A união parece-se com a terra virgem americana que conserva para o futuro a sua alta força producente. Vinde, oh, profundamente instruidos de todos os paizes, para o seu interior e tornae-vos seus membros, para ficardes seus dirigentes e seus rebentos espirituaes. Quem possuir aptidões sufficientes e bôa vontade, póde encontrar, ahi, um largo campo pratico para a sua actividade e conquistar uma corôa estrellada do merito" (17).

A multiplicidade dos ritos na maçonaria tem, para Trentowski, seu especial valor. Elle não partilha as queixas dos "irmãos" que não se podem orientar n'este labirynthо e que aspiram a uma unificação.

"Entre os irmãos, frequentemente se ouvem queixas por têr a maçonaria tantos systemas e ritos. Cingir-

---

(16) Citação de GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonneria en France;* pag. 41.

(17) FERDINAND VON TRENTOWSKI: *Die Freimaurerei in ihrem Wessen;* pag. 393.

se-a-ia, com muita vontade, por entre um só systema. Destinar-se-ia um grande premio pela invenção de tal rito que todas as lojas reconhecessem como bom, correspondente aos tempos e acceitavel. Esses irmãos não sabem o que, de facto, querem, porquanto pretendem conseguir uma unificação exterior tão defeituosa, como a pela qual se destaca a egreja catholica" (18).

Visto que "a união não quer nenhuma dogmatica que amarre a uma lettra morta o animo creador e progressista da humanidade, como amarrou a uma rocha do Caucaso a Prometeu que raptara o fogo celeste, e que impossibilite qualquer progresso. Por isto, a união conserva inabalavel só a idéa maçonica, porém deixa a sua interpretação a cada loja e a cada um dos seus alumnos" (19).

Não encontramos nas enunciações do philosopho polonez uma comprehensão aprofundada da essencia da maçonaria, visto que não queremos suspeital-o de má fé. Elle parece synthetisar a maçonaria de uma maneira philosophica e, de facto, fal-o superficialmente; está sob a influencia da sua união e falta-lhe uma perspectiva, qualquer que seja.

O autor do livro francez: "A maçonaria durante a terceira republica" encarou a questão com muito maior acerto:

"Deve-se evitar a convicção, querendo sêr justo, que todo pedreiro livre conheça o total d'esta synthese. Pelo contrario, o numero dos que sabem e desejam tudo isso, é muitissimo restringido. Póde-se, até dizer, sem receio de commetter um erro que — para julgar a maçonaria — é preciso aprecial-a do alto e, para isto, é necessario não sêr pedreiro livre ou não sêl-o mais" (20).

---

(18) FERDINAND VON TRENTOWSKI: loc. cit. pag. 206.

(19) FERDINAND VON TRENTOWSKI: loc. cit. pag. 204.

(20) ADRIEN LEROUX (ex-33.°): *La Franc-Maçonnerie sous la 3-ème république;* vol. I, pag. XXIII.

A symbolica ritual obscurece o horizonte; até Trentowski percebe isto:

"A symbolica é companheira inseparavel e auxiliar do segredo que se encontra tão bem nos antigos mysterios, como na maçonaria. Si a solemne promessa de guardar segredo occulta deante o mundo os propositos da união, os symbolos, por sua vez, occultam estes propositos deante a vista espiritual da propria juventude. Porquanto todo symbolo é um mysterio e, uma vez que possa sêr sujeito a interpretações diversas, representa um mysterio a respeito do qual nunca se póde têr certeza que se o aprofundou" (21).

Os symbolos têm, pois, um significado interno na maçonaria: são como paredes dentro de uma casa. Para mais explicações, consultemos um pedreiro livre, mais iniciado que o philosopho acima citado.

"Coisa typica para as uniões secretas não é tanto o facto que ellas desejam "realisar" algo, como o facto que ellas a algo "se destinam", ao enaltecimento do homem. Para este fim, a doutrina deve permanecer intacta, porém mais essencial ainda é o caminho que conduz a ella: a symbolica, o ritual, a estructura da hierarchia" (22).

Para a educação maçonica, a symbolica, o ritual e a hierarchia são de importancia maior que a ideologia, que a doutrina maçonica. O que é hierarchia? Nada tem ella de commum com a hierarchia militar, publica ou social. E' exclusivamente uma hierarchia de iniciações.

"O ultimo caracteristico especial de uma verdadeira união secreta, egualmente essencial para ella, como o ritual e a doutrina secreta, é a hierarchia. A união a exige não só como uma escala de graus que cada membro sobe — d'este modo desappareceria o nymbo que envolve o

---

(21) FERDINAND VON TRENTOWSKI: loc. cit. pag. 278.

(22) ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer;* vol. V, pag. 139.

"annel interior" — mas exige-a como divisa decisiva entre os admittidos á união e os iniciados, entre os irmãos exotericos e os ezotericos... Em vista de similhante divisa, o mundo exterior fica mais rapidamente informado sobre a existencia da união, mas isto quasi não constitúe perigo e, talvez, o queiram os proprios superiores, logo que não tenham em vista fins prohibidos: o mysterio torna-se ainda maior, quando outros sabem que existe, mas nada sabem sobre sua essencia, sendo que a possibilidade de trahição das ultimas coisas (mysterios — n. do aut.), em vista de tal divisa, é excluida em grau muito maior" (23).

Portanto a hierarchia tem por fim occultar os mais profundos mysterios, á custa de mais facil descoberta da existencia da união mesma. Ao mesmo tempo, a symbolica e o ritual educam os adeptos. Assim nol-o explica um mação "iniciado", depois de um mação "admittido", Trentowski.

Agora prosigamos e indaguemos sobre sua opinião o leader do movimento socialista na Allemanha, no periodo da guerra mundial, o theoretico judaico, Carlos Kautsky.

"Não é o pensamento religioso, mas é o rito religioso que permaneceu como signal fixo e visivel de commundade religiosa; signal que, para os judeus em todos territorios do commercio mundial contemporaneo, creou laço commum, por todos admittido e facilmente reconhecivel, bem como prohibiu a penetração entre elles a todos os intruzos... O rigoroso cumprimento dos preceitos rituaes tornou-se, actualmente, duplamente necessario. Assim, tambem na maçonaria, encontramos um systema de ceremonias complicadas que, muitas vezes, principalmente sobre pessoas intelligentes, causa a impressão de grandes

(23) ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer;* pag. 140.

palhaçadas e que se justifica pelo facto que este systema difficulta o accesso a intruzos imprudentes. Quem se sujeitou fixamente ás exigencias do ritual judaico, com este podiam contar os judeus como com um membro fiel" (24).

Portanto, o ritual judaico prescripto pelo Talmud e o ritual maçonico — têm o mesmo fim: a isolação do Testamento.

---

(24) KARL KAUTSKY: *A raça e o judaismo;* pag. 60.

XXVIII

A CABALA E A INICIAÇÃO MAÇONICA

Os rituaes maçonicos são impregnados de espirito judaico. Os symbolos e os objectos rituaes são extrahidos, em grande parte, do Velho Testamento ou, até, da Cabala. Segundo o rito, a impregnação judaica é maior ou menor, sendo que, em alguns ritos, chega á judaisação completa. Os mysterios philosophicos da maçonaria — são mysterios da Cabala judaica e da magia.

O templo de Salomão, a reconstrucção d'este templo, a escada de Jacob, Jehovah — eis os mais frequentes symbolos dos ritos maçonicos.

Já a "Fama" dos Rosa-Cruzados falla na escada de Jacob (1). Nos ritos escossezes do seculo XVIII procedia-se á "procura do verbo perdido". E' textualmente o mesmo a que se procede entre os cabalistas judaicos. Porquanto é preciso saber que a lingua hebraica não possúe, em principio, vogaes, em vista de que o conhecimento do nome de Deus exige iniciação e era conhecido só pelos summamente iniciados. Quando, depois do levante de Bar-Kochba, os romanos executaram todo o Synhedrion, com o ultimo

---

(1) Vide Fr. WITEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, pag. 91.

Synhedrista, Ben-Akiba, "foram soterradas as fontes da sabedoria" e desappareceu a tradição de pronunciar o nome de Deus. Sabe-se, apénas, que este nome compõe-se de tres consonantes "J. H. V. (Jehovah? Jahve? Jaheva?). Desde então, os judeus procuram o "verbo perdido" e, especialmente, cabalistas esforçam-se em achar a chave d'este mysterio. A maçonaria, tambem n'este caso seguindo o exemplo judaico, procura o "verbo perdido". Na symbolica da maçonaria escosseza, no seculo XVIII, segundo a descripção de Barruel, teve isso o seguinte aspecto:

"O grau (de "eleito") tem duas partes: uma relaciona-se com a vingança de Adonirão que, ali, chama-se Hirão; a segunda, é a procura do verbo ou, para dizer melhor, da santa doutrina que este verbo exprime e que foi perdida" (2). Da mesma forma, o rito de Swedenborg procura o "verbo perdido" (3). Nos graus rosa-cruzados da maçonaria escosseza, fazia-se esforços para, por meio de uma mysteriosa figura magica, chamada pentaculo, tambem reencontrar o verbo perdido (4).

Depois de investigações entre os graus mais altos de iniciação, resultava que esse verbo perdido era "Jehovah" (5). De resto, já aquella "Fama Fraternitatis" pela qual começam a sua genealogia os Rosa-Cruzados, terminava pela exclamação: "sub umbra alarum tuarum, Jehovah!" (sob a sombra de tuas azas, Jehovah!) (6).

Nomes e palavras hebraicas encontramos seguidamente nos emblemas maçonicos, especialmente nos ritos

---

(2) BARRUEL: *Mémoires*, vol. II, pag. 215.

(3) BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 110.

(4) GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie*, pag. 207.

(5) Vide BARRUEL: *Mémoires*, vol. II, pag. 221.

(6) Vide Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, pag. 33.

que cultivam iniciações superiores (7). Alguns entre os ritos para graus superiores na maçonaria, são totalmente embebidos de judaismo. Eis fragmentos do ceremonial de iniciação para o grau de cavalleiro Kadosh:

"Questão: Quem foi o mestre que adquiriu a maior gloria?

Resposta: Ptolomeu Philadelpho, rei do Egypto, principe dos astrologos, que ordenou a setenta irmãos effectuarem a traducção da Santa Escriptura (8).

Questão: De que modo procedeu a Ordem, quando os patriarchas abandonaram os seus deveres?

Resposta: Alguns d'elles, cumprindo com zelo a lei que a si impuzeram, separaram-se e escolheram um Grão Mestre vitalicio...

Questão: Logo que os antigos eram judeus, de que modo poude a Ordem conservar-se entre christãos?

Resposta: Após a destruição do templo hierosolymitano, certo numero d'elles atirou-se nos braços do christianismo" (9)...

Pensamos que chega, por emquanto. Passemos á questão mais importante ainda, á infiltração da Cabala na iniciação essencial maçonica. Já temos demonstrado antes, de que modo os Rosa-Cruzados do seculo XVII procuraram iniciar-se na Cabala. O mesmo se póde dizer sobre as iniciações superiores da maçonaria.

O Grande Architecto ou o Ente Supremo da maçonaria, é Deus concebido de modo monotheistico, como na

---

(7) Vide BENJAMIN FABRE: *Franciscus Eques a Capite Galeato*, pag. 69.

(8) Trata-se da traducção da Escriptura Santa, do hebraico para o grego, effectuada em Alexandria, a cem annos antes de Christo, por judeus, em numero de setenta. Foi a chamada Septuaginta.

(9) Citação feita do archivo de um mação do seculo XVIII, Willermoz, por PAUL VULLIAUD: *Les Rose-Croix Lyonnais au XVIII siècle*, pags. 197 e 198.

doutrina de Israel e, além d'isto, imaginado de modo pantheistico e materialista, como em Spinoza. Esta concepção leva directamente á "religião natural" do seculo chamado de illustrado e que exclúe os dogmas do catholicismo, especialmente o da Trindade. Em alguns ritos maçonicos dos mais judaisantes, conservou-se a fé na trindade, porém concebida cabalisticamente, como emanação do Ente Supremo. Esta trindade da Cabala fornecia aos ritos maçonicos e, tambem, aos judeus cabalistas a faculdade de enganar as autoridades ecclesiasticas e leigas nos estados christãos.

O adepto de Sabbatai Tsvi, Nehemias Chia Chaion, no começo do seculo XVIII em Veneza, "publicou pela imprensa um folheto em que apresenta a trindade como dogma do judaismo, a dizer verdade, não a Trindade christã, mas a sabbatainhana" (10). A mesma falsificação commetteu, depois Frank na Polonia, por occasião das famosas controversias.

Da mesma maneira procedem os confessores maçonicos da Santa Trindade. Swedenborg proclama a fé na Trindade, porém Christo é, elle mesmo, Deus Pae, Deus Filho e Espirito Santo, conforme o caso em que se revela pela creação, pela redempção ou pela Sanctificação.

"A Trindade das pessoas em Deus, na forma na qual proclama Swedenborg, é uma blasphemia que originou muitas outras" (11).

E agora, segundo os Martinistas:

"A demonstração das tres poderosas qualidades proprias ao Creador, fornecem-nos, ao mesmo tempo, a idéa do incomprehensivel mysterio da Trindade: 1) o Pensamento de que é doado o Pae, 2) o Verbo ou o Proposito attribuidos ao Filho, 3) a Acção attribuida ao Espirito. Logo que a Vontade segue ao Pensamento e a Acção é

---

(10) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 161.

(11) BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 99.

resultado do Pensamento e da Vontade, portanto o Verbo descende do Pensamento e a Acção descende do Pensamento e do Verbo" (12).

Eis, outra vez, uma concepção derivativa da trindade extrahida da Cabala. Póde-se dizer em geral, segundo o escriptor catholico, que "os occultistas, os gnosticos, os cabalistas, os martinistas e os rosa-cruzados extendem-se, mutuamente, as mãos. Estudando mais a fundo estes systemas, verificar-se-ia provavelmente que, todos elles, emanam da mesma fonte, da Cabala, e que o judaismo é seu inspirador commum" (13).

E esta advertencia é de uma importancia muito grande, uma vez que esses mações mais iniciados pretendem impingir surrateiramente a Cabala á Egreja e estão semeando confusão, como os theosophos actuaes e os chamados magicos brancos ou christãos que desejam unir a Egreja á iniciação cabalistica. Representante typico d'esta orientação foi, na segunda metade do seculo XIX, Eliphas Lévi cujos livros magicos, até os nossos dias, são muito procurados em algumas rodas.

"Eliphas Lévi (padre Louis Constant), autor de muitas obras occultistas, fallecido em 1875, foi tambem admittido á Ordem dos Rosa-Cruzados; foi por elles censurado pela editação d'essas obras em que publicou muito mais sobre a essencia da doutrina occulta de que era desejavel" (14).

Este, pois, magico indiscreto e "Christão" termina um dos capitulos com a seguinte invocação:

"Digamos agora que o papado ou tem de perecer ou de executar fielmente este programma. Executal-o-a, si

---

(12) Citação de PAUL VULLIAUD: *Les Rose-Croix Lyonnais*, pag. 227.

(13) EMMANUEL BARBIER: *Les infiltrations maçoniques dans l'Église*, pag. 112.

(14) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, pag. 155.

o dogma, immergido novamente na sua fonte, se tornar esclarecido pelo brilho da Cabala. Os judeus, nossos paes, esta nação de trabalhadores e de martyres, eis a casa de Israel que está aguardando a sua hora; os livros occultistas contendo a verdadeira sabedoria, estão aguardando, tambem, a hora dos povos. Israel ha de nos redimir, elle a quem nos crucificamos, como elle cruficara ao nosso Redemptor" (15).

Este magico e Rosa-Cruzado censurado por sua indiscreção, não nos occulta a ligação que existe entre a Cabala, a magia e a maçonaria. Em nome dos iniciados na Cabala e na magia, declara sem ambiguidade: "Consideramos o mysterio da alta maçonaria como sendo nosso proprio" (16). E, d'esta altura, nos faz, n'um outro livro, uma confissão que solta um raio de luz sobre a natureza intima da maçonaria:

"As uniões maçonicas organizaram-se, pois, e herdaram a tradição extraviada pelos judeus e prohibida pelos christãos, porquanto, até a denominação e as propriedades da maçonaria, referem-se á reedificação do templo, a este sonho geral da Cabala. "O reino messianico virá — dizia um dos paes synagogaes — quando o povo fôr libertado, uma vez para sempre, da oppressão dos dominadores do mundo". "Não é verdadeiro israelita — dizia outro mestre — para quem o templo não fôr um edificio que se possa realisar immediatamente, porquanto reedifica-o no seu coração" (17).

Os ceremoniaes de recepção dos adeptos para alguns graus da maçonaria, indicam claramente a Cabala. Eis, abaixo, fragmentos do catecismo de um cavalleiro da Verdadeira Aguia Negra da Prussia, do terceiro grau dos Rosa-Cruzados:

---

(15) ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie*, pag. 406.

(16) ELIPHAS LÉVI: *La clef des Grands Mistères*, pag. 382.

(17) ELIPHAS LÉVI: *La clef des Grands Mistères*, pag. 363.

"Questão: O que é preciso fazer para sêr iniciado na arte cabalistica?

Resposta: E' necessario tornar-se similhante a nosso Hirão que preferiu morrer de que trahir os mysterios que lhes foram confiados.

Questão: De onde hauriu elle esses mysterios?

Resposta: Do rei Salomão que, no seu Pentaculo cabalistico, organizou uma Ordem, denominada por elle Pedreiros e dividida em tres graus. O ultimo grau foi o de mestre...

Questão: Oh, Supremo Grão Mestre, porque os Cavalleiros da Aguia Negra chamam-se Rosa-Cruzados?

Resposta: Presado principe, é que o Grande Philosopho Hermetico contrahiu um matrimonio celeste com seis virgens e nasceu o Messias por elle esperado a quem apresentou ao rei da Inglaterra e este mandou cunhar moedas em cujas faces de um lado era representada a Cruz e, do outro, uma Rosa, bem como o nome abreviado do seu executor a quem o rei nomeou cavalleiro. Desde então, todos os philosophos que se dedicam á Grande Obra e que conhecem a arte cabalistica, são chamados Rosa-Cruzados cujo numero é muito reduzido" (18).

Os altos graus de alguns ritos maçonicos adoptaram, até, sua denominação directamente dos graus judaicos das iniciações cabalisticas.

"Os nomes de Kadosh (santo) e de principe eram conferidos aos grandes iniciados na Cabala e conservaram-se entre os adeptos da maçonaria occultistas e entre os de Rosa-Cruz" (19).

As profundas iniciações maçonicas, embebidas da Cabala, transformaram os homens, aos poucos, torcendo e corrompendo suas almas. Diariamente, gotta por gotta,

---

(18) PAUL VULLIAUD: *Les Rose-Croix Lyonnais*, paginas 192 e 193.

(19) ELIPHAS LÉVI: *La clef des Grands Mistères*, pag. 256.

cahem sobre o cerebro de um ario as invenções da alma e do pensamento judaicos, privando-o da clareza de julgamento, paralysando o instincto são e transformando o herdeiro natural das tradições christãs n'um judeu artificial.

O irmão Salfi, mação italiano, envia ao mação francez altamente iniciado, chamado "Eques a Capite Galeato", sua obra occultista intitulada "Della utilitá della F. Massoneria sotto il rapporto filantropico e morale" em que escreve:

"D'este modo, a maçonaria, concomitantemente cautelosa e aspera, toma o individuo das mãos da ignorancia para eleval-o, imperceptivelmente, a um estado melhor e o conduz, passo por passo, ao conhecimento d'essa verdade e á pratica d'essa virtude que, sem este efficaz methodo pedagogico, elle de facto não comprehenderia e, quem sabe, até receberia com repugnancia" (20).

A iniciação maçonica perenne e gradativa produz o effeito que aquillo que um ario, desde já, não perceberia e que rejeitaria com repulsão, torna-se para elle comprehensivel e acaba por sêr gostoso.

---

(20) BENJAMIN FABRE: *Franciscus Eques a Capite Galeato*, pag. 140.

XXIX

A DIVISÃO DOS RITOS MAÇONICOS

Na maçonaria, podemos distinguir mysterios de duas especies: os mysterios de doutrina de que já fallamos acima e os de organização, portanto os segredos dos ritos e da hierarchia. Estes segredos são bem guardados pelo silencio e, caso se escreva sobre elles, faz-se isto de um modo tão occulto que ninguem que não esteja iniciado os possa comprehender.

No archivo do pedreiro livre que já conhecemos sob o pseudonymo de "Eques a Capite Galeato", encontra-se sua nota manuscripta em que elle confessa francamente "que foi necessario tomar cuidados para não desvendar nenhum segredo dos que constituem a essencia da Arte Regia. Por este motivo, phrazes pronunciadas com a maior clareza que parecem as mais scientificas, quasi nada significam, ao passo que os irmãos instruidos podem encontrar os documentos mais interessantes, toda a idéa do Movimento Primitivo (1), em expressões mais singelas, as mais desprovidas de significado e, especialmente, nos ritos mais incompletos" (2).

---

(1) O rito fundado pelo proprio autor da nota.

(2) BENJAMIN FABRE: *Franciscus Eques a Capite Galeato*, pag. 11.

Tambem o famoso Saint Martin, o chefe dos martinistas, na sua obra, "Dos erros e da verdade", assim se exteriora sobre o estylo do seu livro:

"Comquanto a luz tivesse sido creada para todos os olhos, é coisa mais do que certa que nem todos os olhos são creados para vêl-a em todo o seu esplendor; um numero diminuto dos que são depositarios da verdade por mim proclamada, juraram precaução e discreção por um compromisso dos mais formaes. Tambem eu me permitti guardar muita reserva no presente escripto e, frequentemente, cobrir-me com um veu que não póde descortinar olhos, nem que sejam só um pouco vulgares, mórmente que seguidamente fallo em assumptos essencialmente differentes do que nos de que pareço tratar" (3).

Em consequencia, foi com toda razão que um mação do seculo XVIII, o irmão Thory, escreve: "E' uma coisa certa que talvez haja — si é que são tantos — vinte e cinco mações (dos que conhecem os fins da maçonaria — n. do aut.) entre os duzentos mil que cobrem o solo da França" (4).

A sciencia occulta, os symbolos, os graus de iniciação, os mais variados ritos que, até, se combatem mutuamente, o estylo hieroglyphico dos escriptos, os pseudonymos, emfim, as falsificações commettidas pelos mais iniciados, eis o quadro da maçonaria. E poder-se-ia perguntar, de que maneira tudo isso se ajusta n'um total uniforme e acertado para um alvo commum, si não fossem as influencias em toda parte visiveis do judaismo e si não fosse a existencia de "dirigentes invisiveis". Sobre a existencia d'esses chefes supremos que correspondem ao "conselho dos seniores" de Israel, nos informam, até, os escriptos dos pedreiros livres mais iniciados.

"Os dirigentes occultos do mundo sempre vigiavam

---

(3) BENJAMIN FABRE: loc. cit., pag. 12.

(4) BENJAMIN FABRE: loc. cit., pag. 51.

para poderem restituir á humanidade a sciencia espiritual que aquella, cada vez mais, perdia" (5).

O barão Hund, ao estabelecer na Allemanha o rito chamado "de estricta observancia", accentuava "a obediencia incondicional a qualquer ordem dos Superiores desconhecidos a cuja obediencia os Cavalleiros tinham de se comprometter" (6).

Martinez Paschalis, o mestre de Willermoz e de St. Martin, o verdadeiro creador do rito dos martinistas, escreve ao primeiro dos dois fallando em suas orações magicas e nos preparativos a ellas:

..."afim de estar prompto para a acção e para a oração pela saúde bem como pela calma do espirito e da alma d'esse chefe supremo que é desconhecido tanto pelo senhor como por todos os irmãos Archisacerdotes da Cruz (Réaux-Croix) e sobre o qual devo silenciar, até que elle proprio não se faça conhecer. Não receio nenhum acontecimento desfavoravel para mim particularmente nem, em geral, para nenhum dos nossos irmãos, porém, sim, para toda a Ordem, por isto que a Ordem perderia muito si viesse a perder um chefe d'esta qualidade. Posso lhe fallar n'este assumpto só allegoricamente" (7).

Esses "chefes desconhecidos", tão bem occultos que nem os conhecem os proprios altamente iniciados, escolhem, por adopção, homens que são a expressão e o instrumento dos seus propositos mysteriosos. Estes por elles escolhidos, dirigem do alto — como aquelles — de um esconderijo, os destinos da maçonaria. São elles que cream novos ritos, falsificam as tradições historicas e os diplomas, chamam á vida uniões secretas desconhecidas aos

---

(5) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, pag. 190.

(6) ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer, Das Freimaurermuseum*, vol. V, pag. 26.

(7) Carta de Martinez Paschalis a Willermorz, cit. PAUL VULLIAUD, pag. 72.

ritos anteriores e, d'este modo, tomam conta dos ritos mais antigos por via interior impondo, invisivelmente, a direcção á sua actividade. E' d'este modo que se estabelece na maçonaria uma confusão apparente, uma lucta de uns ritos contra os outros que, ás vezes, explode até para o exterior em suas manifestações publicas. Devido a isto, alguem que não está iniciado e, até os mações pouco iniciados julgam que a maçonaria não constitúe um total uniforme e não dispõe de um só escopo directivo uniforme e consciente, logo que os ritos e suas filiaes podem combatter-se quasi que publicamente. Entretanto, toda essa comedia, tomada a sério pelo vulgo maçonico, faz parte do plano dos "chefes desconhecidos", visto que não só encobre perfeitamente seus planos deante os olhos dos profanos, como tambem, dentro da hierarchia occulta, põe uma mascara a seus propositos e permitte jogar com a plebe iniciada, como com figuras n'um taboleiro de xadrez. Além d'isto, os novos ritos têm uma missão a cumprir (*).

Cerca do anno de 1890, desenvolvia a sua actividade na França certo dr. Escausse, conhecido sob o pseudonymo de Papus, chefe de uma união secreta dos martinistas, "Kohen's (sacerdotes) Eleitos" (8). O tal Papus é conhecido como autor de obras occultistas. Em uma d'ellas, inseriu um capitulo sob o qual apparece a chancella do Cabido da Estrella Polar do Valle de Paris. Ali, podemos lêr o seguinte:

"E' uma coisa natural que toda autoridade maçonica constituida possuindo algumas Lojas ou Cabidos, sempre verá com mau olho o nascimento ou a chegada para o

---

(*) Convem lembrar o escandalo publico que deu a maçonaria, a poucos mezes, no Rio de Janeiro, de certo, devido ás necessidades politicas.

(8) Vide ALBERT LANTOINE: *Le rite écossais ancien et accepté*, pag. 67.

sitio da sua actividade de autoridades novas ou vindas de outra parte. Olvidando subitamente todas as instrucções sobre fraternidade, verdade e tolerança ministradas nas conferencias officiaes, tomarão uma attitude com respeito á nova formação exactamente egual á que assume uma egreja com referencia a outra, nova. Imputação de irregularidade (falta de diplomas — n. do auct), anathema maior ou menor, prohibição de frequentar os recem chegados imposta aos irmãos, afinal, tudo isso de que se accusa os sectarios religiosos. No entretanto, uma investigação imparcial da historia nos demonstra que cada Rito corresponde sempre a uma necessidade politica ou philosophica. Todavia, o que é mais irrisorio em todo esse alarido, é que os que imputam a irregularidade, devem discretamente descer um veu sobre sua propria origem, porquanto a historia nada é cavalheiresca para com os fabricantes de Rituaes e cruelmente assenta no logar apropriado aquelles que lançam anathemas hoje, sendo que, muitas vezes, (si não fôr sempre), elles mesmos eram irregulares, ainda hontem" (9).

Portanto, os ritos agradecem a sua origem a necessidades politicas e philosophicas. Logo que os antigos ritos se mostram — nem que por emquanto — ineptos para o serviço que lhes é destinado, quando é necessario occultar-lhes alguma coisa, emprehender uma acção em grande escala, ir muito mais longe e com maior ousadia que o possam desejar esses antigos, tambem quando é necessario desarmar ou desfazer-se dos desanimados ou dos que ficaram apavorados com a propria acção, n'estes casos, falsifica-se tradições historicas, diplomas, iniciações e crea-se novas formações e novos ritos. Os antigos, domina-se-os por dentro ou, até, abandona-se-os do lado; póde sêr que ainda se os aproveite para um papel mais modesto e menos revolucionario do que aquelle que lhes foi

---

(9) PAPUS: *A. B. C. d'ocultisme*, pags. 313 e 314.

destinado antanho, quando elles mesmos ainda eram creanças, com certificados de nascimento falsificados. Surge uma lucta encarniçada entre as antigas e as novas formações, porém a legalidade organizadora nunca vence. Porque ?

Naturalmente, pela razão muito simples que os recem nascidos agradecem sua concepção a necessidades politicas ou philosophicas e que essa revolta de organização — assim, aliás, como o foi na vida de Israel — é decretada do alto. Creadores de novos ritos são, pela regra, individuos eleitos pelos "superiores desconhecidos".

D'esta forma, existe um verdadeiro chaos de ritos, incomprehensivel para um mação commum. Papus, n'aquelle seu capitulo provido de chancella do Cabido, faz o seguinte agrupamento dos ritos:

"1.° Os ritos de estudo da philosophia elementar e de acção politica directa. Menospreza-se n'este rito nem se comprehende tudo que resulta d'essa acção e abandona-se todo o estudo da pura Sciencia Maçonica. Tem um numero diminuto de graus, as provas physicas e outras foram abandonadas, os rituaes dos altos graus são desconhecidos. A tendencia d'estes ritos é a transformação da maçonaria n'uma sociedade de profanos. O Grande Oriente da França ou o Rito Francez Moderno, alguns Grandes Orientes extrangeiros, são ligados a este systema.

2.° Em separado a estes ritos que transformam o symbolismo tradicional, existem outros, onde a hierarchia e os altos Graus são conservados escrupulosamente. A escala d'esses graus representa, de facto, a historia das tradições secretas na sociedade profana, desde Salomão, até os alchimicos, atravez dos Cruzados, dos Templarios e de todos os perseguidos pelas bullas papaes. Além d'isto, a hierarchia do ensino na Maçonaria Azul, na Maçonaria Vermelha, na Maçonaria Negra e na Maçonaria Branca, dirigente, permitte o desenvolvimento racional da Sciencia Maçonica a cujo estudo se procede nas Lojas, nos Cabidos, nos Areopagos e que é regulada, quanto ao methodo

de ensino, pela Direcção Geral ou pelo Supremo Conselho. Estes ritos pertencem ao systema Escossez que tem de commum com a Escossia só a denominação, mas é geralmente conhecido sob este nome. Entre os ritos ligados a este systema, mencionaremos: o Rito Escossez antigo e acceito de Morin, o reformado por Pike, o Rito Escossez antigo e acceito de Cerneau, o Rito Primitivo e Original da Maçonaria, o Rito Nacional Espanhol, o Rito Antigo e Primitivo dos Pedreiros Livres, o Rito Geral e Mixto. As palavras "antigo" ou "primitivo" significam, em geral, o pertence ao systema escossez, assim como a palavra "moderno" significa o pertence ao systema anterior.

3.° Alguns pedreiros livres ligados ás organizações dos Rosa-Cruzados ou os que se dedicam, de um modo proprio, ao estudo da Sciencia Maçonica, desejaram aprofundar esta sciencia introduzindo graus cabalisticos e mysticos. Este genero de maçonaria sempre foi reservado para a élite (talvez seja a "isra-élite"? — n. do aut.) e, frequentemente, consiste só de altos graus, abandonando a outros ritos os cuidados de prepararem para elle os futuros iniciados. Os mais conhecidos d'esses ritos são os Rito Misraim, em seguida o Rito Memphis, ambos fundados devido a fins especiaes. Estes, muitas vezes, creavam autoridades communs, sob o nome de Memphis-Misraim. Este rito tem 90 e 96 graus. Geralmente, os membros dos Supremos Conselhos no extrangeiro são iniciados nos tres ritos e recebem os graus 33, 90 e 96. O Rito de Swedenborg e o Rito dos Illuminados Christãos (os martinistas — n. do aut.) são ligados a estes ritos especiaes (10).

Portanto, no cume das iniciações maçonicas estão: 1.° a chamada maçonaria egypcia (Memphis e Misraim) á qual deu vida o famoso Cagliostro; 2.° o rito dos Illuminados Christãos attribuido a St. Martin, discipulo de Martinez Paschalis; 3.° o rito de Swedenborg.

---

(10) PAPUS: *A. B. C. d'ocultisme*, pags. 310-312.

XXX

A MAÇONARIA E OS JUDEUS

O periodo dos ultiimos trinta annos antes da revolução franceza é o periodo de mais intensa multiplicação da maçonaria e de formação de novos ritos. Percebe-se que a doutrina occulta obtinha successo, ao passo que "as necessidades politicas e philosophicas" exigiam dos "superiores desconhecidos" grande inventiva e actividade febril.

A maçonaria — como já dissemos — como nova forma de organização, surge na Inglaterra no seculo XVII, antes da revolução de Cromwell. Os tres graus da maçonaria primitiva, os de aprendiz, operario e mestre, constam, segundo Ragon, terem sido introduzidos pelo judeu baptisado, Elias Ashmole, antiquario, astrologo e alchimico (1).

Estevam Morin, o creador do rito escossez antigo e acceito, tambem era muito suspeito de judaismo (2).

---

(1) Vide NESTA WEBSTER: *Secret societies and subversive movements*, pag. 122. Tambem ANDRÉ BARON: *Les sociétés sécrèts, leurs crimes*, pag. 263.

(2) Vide GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France*, pag. 187.

"O rito escossez antigo e acceito, importado da America pelos "irmãos" Hacquet e de Grasse-Tilly, não teve nenhuma prova de sua origem, além de um diploma de authenticidade duvidosa, fornecido, em 1761, ao "irmão" Morin" (3).

Independente d'este rito, existia em Pariz um cabido escossez separado, sob a direcção do judeu Abrahão (4).

A Grande Loja Ingleza, fundada no anno de 1717 em Londres, que reunia sob sua autoridade as lojas inglezas, usa, até hoje, um emblema sobre cuja origem assim escreve a investigadora ingleza das uniões secretas:

"O escriptor judaico, Bernard Lazare, declarou que "os judeus rodearam o berço da maçonaria" (5); si este depoimento se refere ao periodo anterior á fundação da Grande Loja em 1717, sem duvida encontra uma confirmação inabalavel nos factos. Com effeito, no seculo anterior, os emblemas adoptados actualmente pela Grande Loja foram desenhados por um judeu de Amsterdam, Jacob Jehuda Leão Templo, que foi companheiro do amigo de Cromwell, do cabalista Manassé ben-Israel. Para mencionar uma autoridade judaica n'este assumpto, citaremos o sr. Lucien Wolf escrevendo que "Templo tinha uma monomania... com relação a tudo que dizia respeito ao Templo de Salomão e á Barraca do Deserto. Construiu modelos gigantescos d'essas edificações". Elle expol-os em Londres que visitou no anno de 1675 e antes, de modo que não me parece imprudente a conclusão, esses modelos poderem têr fornecido uma fonte de inspiração aquelles pedreiros livres que, quarenta annos mais tarde, formavam o ritual maçonico. De qualquer maneira, os emblemas, até

---

(3) GASTON MARTIN: *Manuel d'histoire de la Franc-Maçonnerie Française*, pag. 141.

(4) BENJAMIN FABRE: *Franciscus Eques a Capite Galeato*, pag. 249.

hoje usados pela Grande Loja da Inglaterra, são, sem duvida alguma, desenhados por um judeu" (6).

Os Rosa-Cruzados do seculo XVIII affirmavam "que obtiveram a sua "sciencia" hebraica e cabalistica de um rabbino hollandez, certo Neameth" (7). Na primeira metade do seculo XVIII, entre os chefes ("imperadores") dos Rosa-Cruzados, os iniciados mencionam "Abrahão de Berna em Hamburgo que, ao que consta, possuia uma collecção de verdadeiros escriptos rosa-cruzados, bem como cartas de membros disseminados, até, algures, na Persia" (8).

Uma figura muito interessante no periodo preparativo á revolução franceza, é um certo doutor Falk. Immediatamente antes do congresso maçonico em Wilhelmsbaden no anno de 1782, um membro de destaque d'esse congresso, "Eques a Capite Galeato", recebeu do seu intimo amigo, o irmão Savalette de Lange, uma grande quantidade de informações escriptas dizendo respeito a mações especialmente distinctos. N'essas notas lemos o seguinte:

"O doutor Falk na Inglaterra:

Este doutor Falk é conhecido por muitos allemães. E' um homem, sob todos os pontos de vista muito extraordinario. Uns acreditam que seja chefe de todos os judeus e ligam tudo que é milagroso e esquisito na sua vida a propositos puramente politicos. Falla-se n'elle de um modo extravagante nas memorias do cavalheiro de Rampsow, como de um Rosa-Cruzado. Teve incidentes com o marechal de Richelieu, grande pesquizador da pedra philosophica. Teve, tambem, um incidente extraordinario com o duque (de Rohan) Guéménée e com o cavalheiro de

---

(6) NESTA WEBSTER: *Secret societies, etc.*, pags. 122 e 123. Tambem GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France*, pag. 212.

(7) PAUL VULLIAUD: *Les Rose-Croix Lyonnais*, pag. 202.

(8) ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer*, pag. 15.

Luxemburgo referente a Luiz XV a quem predisse a morte. Elle é quasi inaccessivel. Em todas as seitas de homens doutos em sciencia occulta, passa por uma figura preposta. O barão Gleichen póde fornecer boas informações sobre elle. O Snr. diligencie para receber novas informações em Frankfurt" (9).

Nas suas notas consecutivas, Savalette de Lange, em todos os casos particulares junto ao nome correspondente, accentúa: elle conhece a Falk ou: discipulo de Falk: ou discipulo do alumno de Falk (10).

De uma fama especial e mysteriosa gozava, tambem, na maçonaria do seculo XVIII, o enygmatico conde de St. Germain, possuidor do elixir da vida e apresentando-se como principe Rakoczy. Quem foi elle realmente ?

O padre Barruel informa-nos que, sob a direcção de Savalette de Lange, existia em Paris, no anno de 1781, um club de Illuminados onde encontravam-se Cagliostro, o conde de St. Germain e os adeptos de Swedenborg (11).

Uns tinham o "conde" por filho de judeu alsaciano, de nome Wolff (12). O ministro de Luiz XV, o duque de Choiseul, considerava-o filho de um judeu portuguez (13). Esta versão é confirmada pelo judeu russo, eminente membro do partido dos "Cadetes" (democratas constitucionaes) de antes da guerra, J. Hessen (14).

St. Germain estudava, junto com o famoso Mesmer, o magnetismo animal (15). Desempenhou um importante

---

(9) BENJAMIN FABRE: *Franciscus Eques a Capite Galeato*, pag. 84.

(10) BENJAMIN FABRE: loc. cit., pags. 88, 90, 98 e 110.

(11) BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 272.

(12) Vide GUSTAVE BORD: *La Fr.-Maçonnerie*, pag. 307, e Fr. BOURNAM: *Histoire de la Franc-Maçonnerie*, pag. 106.

(13) Vide GUSTAVE BORD: loc. cit., pag. 310.

(14) J. HESSEN: *Os judeus na maçonaria*, pag. 20.

(15) Vide Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, pag. 145.

papel politico, como agente do duque de Choiseul, depois, na conclusão da paz entre a Austria e a Confederação Germanica, em 1761, afinal, nos disturbios russos que elevaram ao throno Catharina II (16).

O principe de Hesse, d'este modo escreve sobre elle a Willermoz: Sabeis o que elle costumava dizer: sou o mais antigo entre os pedreiros livres; entretanto, sempre fingia nada saber sobre a maçonaria e as altas iniciações. Comtudo, no ultimo anno, muitas circumstancias confirmaram a minha convicção que se dá justamente o contrario" (17).

Passemos agora a seu amigo, o famoso Mesmer. Conforme é notorio, o mesmerismo em Paris, isto é, a divulgação das sessões de hypnotismo por elle introduzidas, alcançou, antes da revolução, uma tesão muito forte e contribuiu em grande escala para a creação de uma attitude de desarmamento, com respeito á revolução. O creador d'essa mania e seu apostolo scientifico era membro da primeira loja do Rito Primitivo, fundada pelo já nosso bem conhecido pedreiro livre, chamado "Franciscus Eques a Capite Galeato" (18). Tinha relações intimas com St. Martin e com Cagliostro (19). Tendo abandonado a França, estabelece-se em Vienna onde participa na creação do rito dos "irmãos asiaticos" e, até, desempenha o papel de dirigente (20). Que rito foi este ?

O rito dos "irmãos asiaticos" foi fundado em 1782; na sua chefia estava um Synhedrion. As rodas dirigentes eram compostas de judeus e, até os christãos, usavam n'elle pseudonymos judaicos. Um dos chefes da Ordem

---

(16) Vide Fr. WITTEMANS: loc. cit., pags. 146 e 147.

(17) Cita GUSTAVE BORD: loc. cit., pag. 315.

(18) Vide BENJAMIN FABRE: loc. cit., pag. 24.

(19) Vide Fr. WITTEMANS: loc. cit., pag. 147.

(20) Vide ARNOLD MARX: loc. cit., pag. 135.

era o cabalista Marcus Hirschfeld ou Marcus ben-Bina. Occulto protector da Ordem era o principie Ferdinando de Brunswick que era, ao mesmo tempo, protector dos Illuminados de Weishaupt e, depois, inepto commandante dos exercitos alliados que pretendiam abafar a revolução franceza. A Ordem possuia sua filial em Hamburgo, um grande centro do judaismo (21). O rito originou-se do dos Cavalleiros e irmãos de João Evangelista da Asia na Europa". Concorriam para elle judeus das lojas escondidas, chamadas "Lojas de Melchisedech". A base da doutrina dos "irmãos asiaticos" era a sciencia cabalistica dos Rosa-Cruzados unida á symbolica martinista dos numeros. A Ordem espalhou-se por toda a Austria e por outros paizes allemães (22). O seu grau mais alto era "Levita ou Sacerdote segundo a Ordem de Melchisedech" (23).

"Numerosas lojas allemãs pertenciam á Ordem dos Irmãos Asiaticos, com a esperança que, ali, encontrariam mysterios que tão ardorosamente procuravam" (24).

E' uma coisa extraordinariamente caracterista que, nas vesperas da revolução franceza, procede-se a uma mobilisação geral de todas as uniões que cultivam o occultismo. Mesmer, com a sua physica sympathica e seu magnetismo animal, torna-se o estandarte d'esse movimento que deve empurrar uns nos braços da revolução e detêr outros de uma contra-acção. O occultista Eliphas Lévi descreve o mesmerismo do seguinte modo:

"Póde-se magnetisar de duas maneiras. Primeiro: actuando pela vontade sobre a medialidade plastica de outra pessôa cuja vontade e cujos actos tornam-se, em

---

(21) *Allgemeines Handbuch der Freimaurerei*, vol. I, paginas 49-52.

(22) Vide ARNOL MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer*, paginas 133 e 134.

(23) Vide Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, pag. 126.

(24) J. HESSEN: *Os judeus na maçonaria*, pag. 29.

resultado, sujeitos a essa acção. Segundo: actuando por intermedio da vontade de uma pessôa, seja pelo terror, seja pela persuasão, de tal modo que esta segunda vontade mude, de accordo com a nossa, a medialidade plastica e os actos de outra pessôa. Póde-se magnetisar pela radiação, pelo contacto, pelo olhar e pela palavra" (25).

Quanta importancia se attribuia a este processo nas rodas dos iniciados, podemos julgar pelo segundo livro do mesmo autor:

"A grande obra do seculo XVIII não foi a encyclopedia, nem a chaqueadora e mordaz philosophia de Voltaire, nem a metaphysica negativa de Diderot e d'Alembert, nem a odiosa philantropia de Rousseau, mas, sim, a physica sympatica e milagrosa de Mesmer" (26).

A pessôa de Mesmer unia os "Irmãos Asiaticos" aos martinistas francezes. Como chefe e creador do rito dos martinistas é injustamente considerado St. Martin, porquanto este foi só discipulo, aliás modesto, de Martinez Paschalis que grassava na França Meridional, antiga séde de marranos, Albigenses e Huguenotes. Para centro da sua actividade, escolheu a cidade de Bordeaux.

"Em Fevereiro de 1770, Paschalis morava em Bordeaux com certo Carvalho, judeu baptisado, em casa de Poiraud, ao pé da porta de la Monnaie" (27).

Paschalis era judeu sephardino. Já um maçon contemporaneo a elle, o barão de Gleichen, exprime esta hypothese.

"Paschalis era de origem espanhola, provavelmente da raça judaica, visto que seus discipulos recebiam d'elle grande copia de manuscriptos judaicos" (28).

---

(25) ELIPHAS LÉVI: *La clef des Grands Mystères*, paginas 123 e 124.

(26) ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie*, pag. 146.

(27) GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France*, pagina 244.

(28) *Souvenir du baron de Gleichen*, pag. 151.

No seculo XX, o judeu russo, Hessen, estabelece com toda a certeza a origem de Paschalis: "Martinez Paschalis, judeu portuguez de origem, convertido ao christianismo, como os gnosticos dos primeiros seculos (isto é, simuladamente — n. do aut.), desempenhou, em seu tempo, um papel de certa importancia na maçonaria franceza" (29).

Esse judeu, por profissão simples carroceiro, foi o verdadeiro creador da Ordem dos Martinistas ou Illuminados Lionnenses que tanto contribuira para a explosão da revolução franceza.

O mação "de estricta observancia", Joseph le Maistre, costumava dizer dos martinistas: "Julga-se geralmente que esta seita tomou a sua denominação do sr. de St. Martin. E' um erro; os martinistas tomaram seu nome de um certo individuo, Martinez Paschalis" (30).

O grau mais alto dos martinistas eram os Réaux-Croix (Archisacerdotes da Cruz). Ligavam seu rito ás tradições essenias (communistas) e gabavam-se que, tempos atraz, Cromwell fazia parte da sua Ordem (31).

"A famosa exclamação de Luthero: todos os christãos são padres! — Saint Martin, tres seculos depois, respondeu com um grito que repercutia no ceu: todos os homens são reis! — e esta palavra enygmatica que apresentou ao povo francez, era a liberdade, a egualdade, a fraternidade, uma formula que, no seu estylo symbolico, chamava de Santa Trindade e na qual fallava só n'um tom de solemne extase..." (32).

Um rito analogo ao martinismo e que sahiu da Suecia, era o rito de Swedenborg. Swedenborg (recte Sved-

---

(29) J. HESSEN: *Os judeus na maçonaria*, pag. 45.

(30) Cita PAUL VULLIAUD: loc. cit., pag. 145.

(31) Vide GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France*, pag. 226.

(32) LOUIS BLANC: *Histoire de la révolution*, vol. II, pag. 103.

bord, 1688-1772) creou um systema philosophico-mystico, baseado na Cabala, com sua doutrina da Trindade e da emanação. Affirmando têr lhe sido isso dictado pelo Creador, Swedenborg define e explica a Trindade.

"Deus possúe a alma que é o Pae; possúe um corpo divino-humano que é o Filho; possúe uma força que age, aquece e illumina, que é o Espirito Santo" (33).

O seu systema é cheio de anjos, espiritos, masculinos e femininos que se frequentam celestemente, o seu systema lembra muito o de Martinez Paschalis e os mysterios do mesmo. Fascinando os proximos, especialmente pessoas altamente collocadas, o fazedor de milagres lançava mão de meios bastante terrestres. Um d'esses casos cita o padre Barruel. Eis que Swedenborg , com relação á rainha da Suecia, irmã do rei da Prussia, permittiu-se um grosseiro conto de vigario, depois da morte do irmão d'ella. A pedido da rainha, devia perguntar ao espirito do seu irmão, porque este não respondera, antes de morrer, á sua carta. Swedenborg conversou com o espirito e eis o que se segue:

"O Vosso irmão appareceu-me esta noite e mandou-me informar-Vos que não respondera á Vossa carta, porque condemna o Vosso procedimento, visto que a Vossa politica imprudente e Vossa ambição foram causa de derramamento de sangue. Recommendo-Vos em nome d'elle que cesseis o fomento d'estes disturbios dos quaes, mais cedo ou mais tarde, cahirieis victima" (34).

Depois, Swedenborg contou á rainha taes detalhes da carta da mesma ao irmão que ella ficou aterrorisada. Comtudo, brevemente mostrou-se que a carta em questão cahira nas mãos de dois senadores que inscenisaram toda

---

(33) GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France*, pagina 36.

(34) Carta de Rolling na "Monatschrift" de Berlin, Janeiro de 1788, citada por BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 96.

essa milagrosa mystificação afim de despojarem a rainha de prestigio politico. Para taes, prozaicos fins servem os mais profundos mysterios da maçonaria.

Swedenborg proclama uma revolução que varreria os reis e os principes, depois de que sua doutrina dominaria o mundo e surgiria uma "Nova Jerusalem" (35). Já conhecemos de sobra essa "nova Jerusalem" e esse "messianismo", já proclamado pelas uniões secretas da reformação. E', quanto ao espirito essencialmente judaico, como, tambem, é judéo-cabalistica toda a doutrina de Swedenborg. E assim, como Martinez Paschalis, tambem Swedenborg proclamava a revolução e combattia a hierarchia existente.

"O systema de Swedenborg não é nada mais que uma Cabala despojada da sua idéa principal de hierarchia" (36).

O chamado rito de Swedenborg foi fundado só depois da sua morte, na França por um certo marquez de Thomé, no anno de 1783 (37).

N'uma reunião intima com os chamados Illuminados Christãos (martinistas) e com o rito de Swedenborg, desenvolviam a sua actividade os chamados Illuminados Bavaros fundados por Weishaupt.

Quem foi esse Weishaupt ? Quem foi esse homem que collocou a derradeira mina sob o "ancien régime" e o reino dos Bourbons ?

Adão Weishaupt (1748--1830) foi nomeado, em 1772, professor de direito "natural" e canonico na universidade de Ingolstadt, na Baviera. Em 1776, fundou a secreta Ordem dos Illuminados, cuja chefia assumiu sob o pseudonymo de Spartacus. No mesmo anno, entrou

---

(35) Vide BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 109.

(36) Vide NESTA WEBSTER: *Secret societies and subversive movements*, pag. 166.

(37) NESTA WEBSTER: *Secret societies and subversive movements*, pag. 166.

na loja "Zur Behutsamkeit" em Munich, depois de que, como pedreiro livre, fundou uma loja em Bolzano, no Tyrol austriaco (1780). No anno de 1784, o governo bavaro encontrou a pista da organização revolucionaria dos Illuminados e confiscou todo o seu archivo (38).

Onde foi que Weishaupt hauriu a inspiração para a fundação do seu grupo ? Esta questão, até hoje, não está sufficientemente esclarecida. O seu contemporaneo, o padre Barruel, escreve o seguinte nas suas memorias :

"Apresentam-no como discipulo do afamado Cagliostro e de alguns dos seus adeptos que se distinguiram pelo illuminismo nos condados de Avignon e de Lyon. Dizem que, nas suas peregrinações vagabundas, Cagliostro encontrou-se com Weishaupt e iniciou-o nos seus segredos" (39).

A investigadora ingleza das uniões secretas, Nesta Webster, apresenta outra hypothese baseada, entre outros, tambem nas memorias do padre Barruel :

"Barruel e Lecouteulx de Cantelen conseguiram encontrar um fio que não se póde descobrir nas outras fontes. Em 1771, conforme narram, certo commerciante da Iutlandia, de nome Koelmer, voltou á Europa em procura de adeptos de uma doutrina occulta, baseada no manicheismo, que conhecera no Oriente. Em viagem para a França, aportou á ilha de Malta, onde se encontrou com Cagliostro e quasi provocou um motim popular. Por esta razão, foi expulso da ilha pelos Cavalleiros Maltenses e dirigiu-se a Avignon e a Lyon. Ali, juntou um circulo de discipulos entre os Illuminados e, no mesmo anno, viajou para a Allemanha onde conheceu Weishaupt, a quem iniciou em todos os arcanos da sua doutrina occulta. Segundo Barruel, Weishaupt dedicou, então, cinco annos á

---

(38) *Allgemeines Handbuch fuer Freimaurerei*, vol. IV, pagina 531.

(39) BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 6.

reflexão sobre esse systema que foi fundado, sob o nome de Illuminados, em Maio de 1776, sendo que elle mesmo adoptou o pseudonymo "Illuminado" de "Spartacus". Koelmer permanece, até hoje, o mais mysterioso dos homens; á primeira vista, sente-se uma tendencia para admirar-se de como elle não pertenceria aos judeus-cabalistas que desempenhavam o papel de inspiradores d'esses magicos que surgiam á luz do dia ? O nome de Koelmer póde ser, facilmente, uma modificação do conhecido nome judaico, Calmer" (40).

Inspirador das acções de Weishaupt, ao fundar este a Ordem, foi, segundo o sr. L. Fry, Hartwig-Wessely (Hartog Naftali Herz), o mais intimo amigo de Moysés Mendelssohn, chamado pelos judeus de "terceiro Moysés" (41). O judeu Bernard Lazare, tambem confirma "que havia judeus entre os companheiros de Weishaupt" (42).

Os iniciados na Ordem de Weishaupt cobriam-se de maximo mysterio e adoptavam pseudonymos. A Ordem possuia uma série de graus estrictamente conspirados. Os mais altos dirigentes chamavam-se Areopagitas. A Ordem não se utilisava de diplomas falsos.

"Baseavam a sua autenticidade nos conhecimentos (da sciencia maçonica — n. do aut.) e não em diplomas. Esta these usavam, tambem, Schroepfer e Cagliostro na execução das suas vigarices" (43).

A Ordem de Weishaupt lançava mão na sua actividade de methodos dolosos. Os membros eram educados por instrucções especiaes no uso de meios fraudulentos.

---

(40) NESTA WEBSTER: *Secret societies*, etc., pag. 199.

(41) L. FRY: *Achad-ha-Am et le sionisme*, pags. 15 e 16; H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 222.

(42) BERNARD LAZARE: *L'antisémitisme*, pag. 339.

(43) ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer*, pag. 32.

Na instrucção para o grau de Illuminado Dirigente, escrevia Weishaupt-Spartacus sob o Nº 8 : "Caso obtivermos em alguma parte prestigio e poder, é necessario simularmos que não gozamos de confiança alguma, afim de não prevenirmos aquelles que trabalharão contra nós. Ao contrario, ali onde nada podeis conseguir, fingireis o aspecto de um homem que tudo póde. D'este modo acontece que sómos temidos e procurados e isto nos fortalece" (44).

E, outra vez, na mesma instrucção, sob o Nº 22 : "Caso a nossa Ordem não puder organizar-se em algum logar em toda sua construcção e com o desenvolvimento de todos os graus, deve-se substituil-a por outra forma qualquer. Cuidemos do fim; n'elle está a essencia das coisas; o veu é uma coisa indifferente, uma vez que possamos obtêr successo. De qualquer modo, sempre é necessario um veu qualquer, porquanto é no mysterio que repousa a parte principal da nossa força" (45).

Tendo fundado a sua Ordem, Weishaupt iniciou as tentativas para se apoderar da maçonaria allemã por dentro. No archivo dos Illuminados, descoberto pelo governo bavaro, em casa de Zwach (Catão), encontra-se uma carta de Spartaco (Weishaupt) dirigida a Ajax (Massenhausen), em 1777.

"Dar-lhe-ei uma noticia : antes do proximo carnaval, vou a Munich e far-me-ei admittir na maçonaria. Não se assuste com isto; os nossos negocios, apezar d'isto, seguirão o seu caminho; devido a este procedimento, conheceremos uma nova localidade, um novo segredo e tornar-nos-emos mais fortes de que os outros" (46).

Aos poucos, Weishaupt começou a organizar a sua Ordem dentro da maçonaria, tendo-a bem escondido aos

---

(44) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 257.

(45) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 259.

(46) Cit. de BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 66.

olhos das autoridades maçonicas officiaes. Em Março de 1780, escreve sobre este assumpto a Catão (Zwach) :

"Primeiramente, quiz mandar vir de Londres uma constituição para os nossos Irmãos; até hoje, não mudaria de opinião, si pudesse ser garantido pelo Cabido de Munich. Será preciso experimentar; nada lhe posso adeantar de certo sobre isso, emquanto não verificar que feição tomarão os negocios. Talvez me abstenha da reforma; talvez invente, para nós, um novo systema maçonico. Até, é possivel que me decida para a incorporação da maçonaria na nossa Ordem, afim de não crear dois corpos identicos. O tempo resolvel-o-a" (47).

Com o auxilio de Filão (Knigge), angariou Weishaupt para a sua Ordem os mais influentes mações, especialmente dos que pertenciam á Estricta Observancia (48).

O congresso pan-maçonico em Wilhelmsbaden (1782) foi dominado por dentro pelos Illuminados Lyonenses (martinistas) (49). Esse congresso tornou-se um preludio geral á revolução franceza. Um dos delegados para o congresso, o conde de Virieux, de regresso a Paris, tendo sido interpellado, respondeu : "Não vos direi o segredo que trago, porém julgo poder vos informar que tudo isso é mais sério de que pensaes; está se urdindo uma conjuração tão occulta e tão profunda que tornar-se-á muito difficil á religião e aos governos se defenderem da quéda" (50).

A propaganda dos Illuminados bavaros era ainda menos ambigua que a dos Illuminados francezes (martinistas). Deante dos menos iniciados, "exprime-se a espe-

---

(47) Cit. de BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 69.

(48) Vide BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 141.

(49) Vide BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 119.

(50) Cit. de BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 120.

rança que, graças ás escolas secretas da sciencia (escolas de Minerva, grau preparatorio dos Illuminados — n. do aut.), o homem elevar-se-á da sua quéda, sendo que os principes e as nações, naturalmente sem actos de violencia e unicamente devido á influencia da ethica, desapparecerão da superficie da terra. Em vista d'essas tendencias, quasi publicamente proclamadas, não se póde admirar que ninguem deu fé ás asserções ser qualquer politica excluida da Ordem" (51).

Nos estatutos da Ordem, accessiveis aos menos iniciados, lemos o seguinte :

"Para a calma e a segurança tanta dos hospedes, como dos membros effectivos d'esta união bem como para evitar quaesquer hypotheses infundadas e duvidas receosas, a Ordem declara, antes de mais nada, que não tem em vista nenhuma attitude ou acção perniciosa para o Estado, a religião ou os bons costumes, nem as divulga entre os seus membros. Todo o cuidado da Ordem é dirigido exclusivamente para o fim de interessar os homens pelo corrigimento ethico dos seus caracteres e tornal-o, para elles, uma necessidade; empregnar n'elles os sentimentos humanos e sociaes, tomar medidas contra propositos malvados, soccorrer a virtude opprimida e atormentada pela violencia, cuidar da carreira de pessoas que o merecem bem como popularisar os conhecimentos scientificos, até agora occultos. Eil-o, o escopo sem retoque da Ordem que não se preoccupa com mais nada" (52).

E', pois, uma Ordem "innocente", como, aliás, é innocente toda a maçonaria que só se preoccupa com beneficencia e estudos. Agora, perscrutemos mais o fundo da Ordem, para vêrmos que aspecto tem esta innocencia nos graus de iniciação mais elevados, esta elaboração de uma attitude sympathica para com a religião e o Estado, este

---

(51) ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer*, pag. 33.

(52) *Allgemeines Handbuch der Freimaurerei*, vol. I, pag. 475.

cuidado pelos bons costumes e a defeza da virtude, este sustento e esta popularisação de conhecimentos scientificos.

"A egualdade e a liberdade são direitos reaes que o homem recebera da natureza, no periodo de sua perfeição inicial e primitiva; o primeiro attentado contra esta **egualdade** foi commettido pelo direito de propriedade; o primeiro attentado contra esta **liberdade**, foi commettido pelas sociedades politicas e pelos governos; o unico sustentaculo da propriedade e dos governos, são as leis religiosas e seculares; portanto, para restituir ao homem seus direitos primitivos á egualdade e á liberdade, é necessario começar pelo exterminio de qualquer religião, de toda sociedade laica e acabar pela abolição de toda e qualquer propriedade" (53).

Em vista das maximas acima, é excusado fazer commentarios. Agora, um outro symptoma de apoio á religião, encontramol-o na instrucção para o grau de Illuminado Dirigente, artigo 16º.

"Si o Dirigente julgar que conseguirá occasionar a abolição das Ordens religiosas e o aproveitamento dos haveres das mesmas para os nossos fins, por exemplo, para a manutenção de professores convenientes nas aldeias — projectos d'esta natureza seriam especialmente bem recebidos pelos Superiores (54). Si desejarmos saber para que a honrada Ordem precisa dos haveres acima mencionados, tambem nol-o explica o artigo 7.º da mesma instrucção :

"Tambem é necessario conquistar em toda parte a plebe a favor da nossa Ordem. Um grande meio para este fim é a influencia da escola. Isto póde-se conseguir pela liberalidade, ás vezes, pela magnificencia, outras vezes pela humilhação, pela popularidade, pelo ouvir com ar pa-

---

(53) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 17.

(54) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 258.

ciente preconceitos que depois, póde-se exterminar aos poucos" (55).

Ao apoio e á popularisação da sciencia, refere-se o artigo 15.° da mesma instrucção :

"Quando algum escriptor está proclamando principios que, embóra sejam verdadeiros, não entrarem no nosso plano de educação do mundo ou, mesmo, principios cuja proclamação fôr extemporanea, é necessario fazer esforço para seduzir esse autor. Si não fôr possiel seduzil-o e tornal-o nosso adepto, é preciso bradar mais alto do que elle, emmudecendo-o" (56).

Com a defeza da virtude e dos bons costumes, preoccupa-se o artigo 6.° da instrucção para os Dirigentes. Depois de explicada a necessidade do alliciamento de mulheres, recommenda "que a arte de lisongear para conquistal-as é um exercicio dos mais dignos para um adepto; uma vez que, mais ou menos, todas ellas se deixam guiar pela vaidade, pela curiosidade, pelo prazer e pelo gosto de novidades, é por este caminho que se deve vencel-as e tornal-as uteis para a Ordem" (57).

Para aproveitar o auxilio das mulheres, Weishaup creou uma organização secreta feminina especial, dirigida invisivelmente por homens.

"Projecto de uma Ordem para mulheres : — Esta Ordem terá duas divisões, cada uma das quaes constituirá uma união á parte, tendo seus segredos separados. A primeira compôr-se-á de mulheres virtuosas, a segunda de mulheres levianas e avidas de prazeres. Tanto estas como aquellas não devem perceber que são guiadas por homens. Fazer-se-á que as duas superioras estarão convencidas terem acima de si lojas-mães do mesmo sexo transmittindo-lhes ordens que, de facto, serão dadas por homens.

---

(55) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 256.

(56) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 258.

(57) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 31.

Os irmãos encarregados de sua direcção, providenciarão para que ellas recebam as primeiras lições, sem serem por ellas conhecidos. Dirigirão as primeiras pela leitura de bons livros, as segundas — satisfazendo os seus desejos" (58).

Tal é na pratica a realisação das declarações feitas aos novatos que são recebidos pela Ordem. Foi por este caminho que os "Superiores desconhecidos" iam fazendo preparativos para a revolução.

Depois da fuga da Baviera, em consequencia á intervenção energica das autoridades bavaras, Weishaupt encontrou asylo em Gotha, de onde lançou suas rêdes sobre a França. "Não julgue que no exilio eu esteja inactivo" — escreveu, em 1785, ao seu adepto Fischer (59).

Os adeptos de Weishaupt, os Illuminados Lyonenses (martinistas), os adeptos do rito de Swedenborg, bem como os mais altos graus da maçonaria escosseza (os Cavalleiros Kadosh), crearam o club dos Jacobinos.

Depois da revolução franceza, no periodo do poder de Napoleão, Weishaupt silenciou, sendo que a maçonaria official o tinha repellido. Apezar d'isto, exerceu occultamente uma poderosa influencia sobre as decisões da maçonaria contemporanea o que transparece das cartas do irmão Pyron escriptas ao mação chamado Eques a Capite Galeato (60).

O quadro ficaria incompleto, si não consagrassemos algum logar ao fundador da chamada maçonaria egypcia, a Alexandre Cagliostro ou, propriamente, a José Balsamo (nascido em Palermo, em 1743, fallecido em 1795, na prisão, no Estado Papal). A autoridade d'esse vigarista e charlatão era nas rodas maçonicas tão grande que o con-

---

(58) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. III, pag. 29.
(59) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 254.
(60) Vide BENJAMIN FABRE: *Franciscus, Eques*, etc., paginas 362-367.

gresso maçonico que se reunira em Paris, em 1785, tudo fez para ser por elle instruido (61).

O feiticeiro Cagliostro, assim como o conde de St. Germain (proprietario do Elixir da Vida), desempenhava na maçonaria do seculo XVIII um papel de primeira ordem e de caracter dirigente. Só depois, os "irmãos" esforçavam-se de renegal-o, quando seus "feitiços" foram em parte desmascarados. Foi elle que visitou Varsovia, por occasião da inauguração do Grande Oriente Nacional; foi elle que, na França, tomou parte na questão do "collar da rainha" que, antes da revolução, devia comprometter a causa dos Bourbons; foi elle o creador do rito que, em suas ramificações, encarregou-se, no seculo XIX, da acção revolucionaria, decisiva para os destinos da Europa.

"No anno de 1782, fundou a maçonaria egypcia, de que era o Grande Kofto (sacerdote magno) e sua mulher a Grande Kofta (sacerdotiza magna). O seu proposito era purificar a maçonaria da incredulidade, por meio da magia ritual. Os ritos ainda existentes, Misraim e Memphis, d'ali provêm, embóra modificados" (62).

Relações intimas ligavam Cagliostro a mações dos mais iniciados, como Mesmer, St. Martin, Weishaupt, Villermoz e outros.

"Tinha, em caracter de sacerdotizas, jovens raparigas que excitava, até o extase, por meio de hydromancia... E' preciso admittir que vendia a sua mulher, porquanto, tambem ella, o vendeu. Foi arrebatado e preso n'uma armadilha; moveram-lhe um processo e publicaram d'esse processo o que quizeram. Por entre esses acontecimentos, veiu a revolução e o mundo esqueceu-se de Cagliostro" (63).

---

(61) Vide *Allgemeines Handbuch der Freimaurerei*, vol. I, pag. 147.

(62) Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, pag. 150.

(63) ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie*, pags. 428 e 429.

No entretanto, não foi elle um João Ninguem : "Seu sigillo é tão importante, como o de Salomão e prova que foi iniciado nos mais fundos mysterios da sciencia. Esse sigillo que se póde explicar pelas lettras cabalisticas dos nomes Acharat e Althotas, exprime os summos signaes do Grande Mysterioso e da Grande Obra. E' uma vibora atravessada por uma flecha formando a lettra (hebraica) Alef, imagem da união do actor essencial activo com o passivo, do espirito e da vida, da vontade e da luz" (64).

A maçonaria egypcia fundada por Cagliostro, gerou, nos tempos de Luiz XVIII, os ritos Misraim e Memphis. "O rito Misraim, organizado pelos judeus, irmãos Bédarride (Jassud Bédarride, autor da obra: "Do proselitismo e da liberdade religiosa ou o judaismo entre as confissões christãs" — n. do aut.), chamou á vida a carbonaria, uma organização secreta da revolução de Julho de 1830 na França, da insurreição de Novembro na Polonia e das revoluções de 1848 na Europa" (65).

"No começo d'este seculo (seculo XIX — n. do aut.), appareceu a maçonaria de Cagliostro combinada com os graus, chamados francezes ou escossezes, sob a denominação de rito Misraim ou egypcio" (66).

O rito Misraim desempenhava o papel de dirigente entre a maçonaria.

"Os chefes d'este rito attribuiam-se o privilegio de direcção invisivel de todas as ramificações da maçonaria, para as quaes Misraim — segundo elles — era o tronco commum" (67).

---

(64) ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie*, pag. 429.

(65) GASTON MARTIN: *Manuel d'histoire de la Franc-Maçonnerie*, pags. 158-162.

(66) N. DESCHAMPS: *Les sociétés sécrètes et la société*, volume I, pag. 208.

(67) CLAVEL: *Histoire pittoresque de la Maçonnerie*, cit. de N. DESCHAMPS.

E eis que "ao lado da Cabala egypcia, ou Misraim, encontramos a carbonaria italiana" (68).

Os ritos Memphis e Misraim, conforme já nos informou Papus, estão, a par dos ritos dos chamados Illuminados, na frente da maçonaria. Ali, pertencem os mais iniciados.

Quem, pois, foi esse feiticeiro, charlatão e creador do mais elevado rito maçonico ?

Cagliostro recebeu a sua iniciação em Frankfurto sobre o Meno, séde do judaismo e capital dos Rotschild's.

"Cagliostro soube pela bocca dos que o iniciaram que a sociedade secreta de que ia fazer parte, já estava bem enraizada; que dispunha de enormes sommas de dinheiro disseminadas pelos bancos em Amsterdam, Rotterdam, Londres, Genova e Veneza; que este dinheiro provinha das contribuições annuaes, pagas pelos socios" (69).

Cagliostro ou, propriamente dito, José Balsamo, era filho de um judeu (marrano) siciliano, Pietro Balsamo (70).

---

(68) N. DESCHAMPS: loc. cit., vol. I, pag. 217.

(69) LOUIS BLANC: *Histoire de la Révolution Française*, volume II, pag. 93.

(70) Vide FRIEDRICH BUELAU: *Geheime Geschichten und raetzelhafte Menschen*, vol. I, pag. 311.

XXXI

A PHILOSOPHIA, A ETHICA E AS SENHAS DA MAÇONARIA

O seculo XVIII é o periodo de radiação das idéas maçonicas em todo o mundo civilisado. Em toda a Europa, desde a Russia, até a França, e, até, além da Europa, onde só penetrara a raça branca, toda a vida intellectual das camadas superiores era invadida por idéas que sahiam das lojas. Quasi que exclusivamente, reinava em toda parte, nos cimos, "o espirito maçonico" penetrando até ali, onde se encontravam seus adversarios naturaes, isto é, dentro da organização e da hierarchia da Egreja catholica.

A reformação proclamava a separação da religião da hierarchia da Egreja catholica e o rompimento com a sua autoridade nas questões da fé. Concedendo aos seus adeptos o direito individual de lêrem e interpretarem a Santa Escriptura, introduziu a anarchia na materia de dogmas religiosos.

A reformação affirmava, simultaneamente, que não só os textos da Santa Escriptura, como, até, os progressos dos conhecimentos scientificos abalavam as verdades proclamadas pela Egreja catholica. Essas asserções originaram duas orientações, dois, por assim dizer, methodos theologicos : o primeiro, mantinha-se estrictamente

no terreno racional e concluia com o rompimento inevitavel e com a separação entre a fé e a sciéncia e proclamava, consequentemente, que, para a salvação, era necessaria só a fé, nem que esta fosse contraria á razão; o segundo, de caracter mystico, esforçava-se para esclarecer os mysterios da fé ou, ao menos, fortalecer em si a convicção sobre sua verdade, recorrendo á Cabala judaica.

O primeiro — enaltecendo o progresso da sciencia, especialmente das sciencias mathematicas e naturaes, baseava-se em certa especie de methodo scholastico e na commentação da Santa Escriptura, sendo que o Velho Testamento foi equiparado ao Novo; o segundo — dirigiu-se, directamente, ás fontes do Velho Testamento e da Cabala.

O primeiro — encontrou sua expressão, principalmente, na egreja augsburgiana, o segundo — na helvetica e nas innumeras seitas inglezas e americanas.

Então, veiu Spinoza e creou seu systema pantheisto-materialista que, por assim dizer, unia em si os dois methodos theologicos, o racional e o mystico, o philosophico e o cabalistico. O baseamento do ponto de vista sobre o mundo na affirmação que Deus e a materia eram uma coisa só, que Deus abrange com o seu sêr todo o mundo material, que cada particula da materia é uma particula de Deus — foi, de um lado, um poderoso apoio dado ás investigações sobre a materia ou, seja, ás investigações sobre a natureza, de outro lado, poude ser adaptado á doutrina da Cabala. Por isso foi que, conforme sabemos, Spinoza era um grande adorador do "Zohar" e, até, cria na missão messianica de Sabbatai Tsvi.

Deus, imaginado d'esta maneira, era na sua essencia inconhecivel ou, por outra, podia ser conhecido só pelo conhecimento da materia, pela exploração da natureza. E, mais ainda : sendo inconhecivel, não exigia dogma algum que, só depois, deveria ser coordenado com as theorias scientificas, portanto era muito commodo. Sendo

desconhecivel, tambem não exigia nenhuma boa acção, nenhuma ethica.

A philosophia de Spinoza forneceu os alicerces intellectuaes á idéologia das lojas maçonicas. Uma vez que Deus é a propria materia, logo as leis da materia, as leis da natureza são, por assim dizer, divinas. O Grande Architecto, esse Deus das lojas maçonicas, já desde o seculo XVIII é, no movimento philosophico, uma natureza deificada. D'ahi provêm as concepções de uma religião dada ao homem pela natureza, da chamada religião natural e de uma ethica innata, da chamada ethica natural. E' logico que essa religião e essa ethica com as quaes o homem foi doado, por assim dizer, naturalmente, é independente de quaesquer confissões religiosas e, tanto mais, de nacionalidades ou raças. A ligação da religião ou da ethica com uma confissão religiosa, é um "preconceito". D'ahi a lucta das lojas contra os "preconceitos".

O contraste do "preconceito" é a "illustração". A "illustração" não é só o repulso dos "preconceitos", como tambem a comprehensão da voz da natureza, isto é, o conhecimento das verdades da religião e da ethica naturaes, a saber, a descoberta da "luz". A "luz", por sua vez, irradia das lojas. O reconhecimento do valor d'esta "luz", é uma homenagem prestada ao "espirito do tempo", ao passo que o teimar nos "preconceitos", é chamado de "reacção" e "atrazo".

A ethica natural é a social, visto que o individuo difficilmente abdica de alguma coisa a favor da communidade. Ao homem assistem certos direitos doados pela natureza, especialmente o direito de viver e de proceder do modo que lhe agradar bem como o de não ser obrigado a obedecer a quem quer que seja nem de se abaixar ou de se humilhar deante de alguem. D'ahi, o direito á egualdade e á liberdade, reconhecido como "direito natural".

Entretanto, a communidade tem de existir. Como é que se poderá concordar este facto com as leis naturaes ? E' necessario recorrer á ficção que os homens, antanho, na prehistoria, abdicaram de uma parte da sua liberdade

a faor da communidade. D'este modo poder-se-á considerar a restricção da liberdade individual a favor de uma instituição social, como renunciamento espontaneo. Assim foi que appareceu a theoria do "contracto social" de Rousseau relembrando muito, quanto á sua construcção, o contracto de Israel com Jehovah. N'esta theoria é que está a genese da "declaração dos direitos do homem e do cidadão", feita pela revolução.

Aos direitos naturaes assim concebidos, a essa religião natural e a essa ethica natural, oppõe-se, principalmente, a Egreja Catholica que se baséa nos dogmas religiosos revelados, proclamados do alto, bem como as autoridades seculares baseadas na convicção que "o poder parte de Deus" e, portanto, contrarias a quaesquer invencionices do "contracto social".

A dilatação de tal ideologia tinha de levar, forçosamente, a ataques contra a Egreja catholica, coroados, só em 1870, pela cassação do Estado Papal, bem como a um combate decisivo contra os reis e os principes que teve a sua expressão na revolução franceza e, depois, nos movimentos "libertadores" do anno de 1848.

O papado reagiu cedo contra os propositos da maçonaria, visto que, já no anno de 1738, appareceu a bulla de Clemente XII, "In eminenti Apostolatus speculo", condemnando a pedreiria livre.

Quanto aos monarchas, estes deixaram-se envolver pelo movimento, tanto mais que as organizações maçonicas promoviam a elles mesmos ou a seus parentes para protectores e illudiam-nos pela lisonja. Na frente dos exercitos alliados que iam soccorrer Luiz XVI aprisionado, para abafar a revolução na França, não se encontrou para ser collocado outro a não ser o principe Ferdinando de Brunsvick, o protector dos "Irmãos Asiaticos" e dos "Illuminados" de Weishaupt, isto é, das organizações revolucionarias mais radicaes. Nada, pois, de admirar-se que permaneceu quasi inactivo nas margens do Rheno, no momento em que foram arrastados, em Paris,

para a guilhotina Luiz XVI e, depois, a rainha, filha dos Habsburgos.

A propaganda da "religião natural" encontrara terreno apropriado quasi exclusivamente nas camadas instruidas. Nas camadas inferiores, especialmente entre o povo, essa nova religião esbarrara contra uma forte opposição. Tornara-se necessario dar ao povo uma educação adequada.

"Entregae-me a instrucção publica para o periodo de um seculo e mudarei a face do mundo — costumava dizer o philosopho Leibnitz, eminente Rosa-Cruzado (1). Foi para este fim que serviu a expulsão dos Jesuitas e a suppressão da Ordem, depois de que poude ter logar, nos paizes catholicos, a secularisação dos haveres claustraes e do ensino escolar. Desde então, foi a maçonaria que poz as suas mãos sobre a educação do povo.

"A creança educada na religião christã vê, julga e procede de um modo christão; o mação nascido á luz do tempo, ha de vêr, julgar e proceder de um modo maçonico" (2).

No seculo XIX, a propaganda das lojas maçonicas abandona a bandeira do Grande Architecto e da "religião natural", bem como do chamado deismo posterior, e encaminha-se para o atheismo decisivo.

"A maçonaria assumiu, no começo, a attitude de defensora da religião natural, da crença na vida de além, na existencia de Deus e na immortalidade da alma, baseda unicamente em dados racionaes; mas, aos poucos, essa religião natural transformou-se n'uma ethica social commum, baseada na inextinguibilidade da materia e,

---

(1) Cit. ADRIEN LEROUX: *La Franc-Maçonnerie sous la 3.me République*, vol. I, pag. 287.

(2) GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France*, pagina XVIII.

tendo passado pelo pantheismo, acabou pela negação da divindade" (3).

Parallelamente á divulgação da "religião natural", ia a propaganda da "ethiça natural", commum para todos. Esta propaganda revelou-se em toda parte: no terreno do governo e da diplomacia, no cynismo com que se destacava — até n'um ambiente de tempos tão differentes dos nossos — a diplomacia do seculo XVIII, no terreno das relações sociaes, no derrubamento de toda e qualquer autoridade, no terreno das relações mutuas entre os homens, no desapparecimento de toda a nobreza de caracter, no terreno das relações familiares, na tolerancia de escandalos publicos, no terreno das relações sexuaes, no transpôr de quaesquer limites. Como expressão d'esse transpôr de limites e de aggressão á instituição da familia, podem servir de prova as chamadas lojas adoptivas da maçonaria, compostas de homens e mulheres. A maçonaria adoptiva tinha diversas denominações bem como diversos ritos e alliciava como membros a nata do grande mundo contemporaneo de ambos os sexos.

"Em 1743, serviam-se de distinctivos e de nomenclatura em uso entre os marinheiros; as irmãs effectuavam uma viagem simulada da Ilha da Felicidade, sob as velas dos irmãos e governadas por elles. Era uma Ordem de Felizardos que consistia dos graus de grumete, immediato, chefe de esquadra e vice-almirante; tinha como almirante o irmão de Chambonnet que foi seu fundador. Ordenavam aos recem admittidos jurarem guardar o segredo sobre o ceremonial que acompanhava a iniciação. Si era homem, promettia nunca desembarcar n'um porto em que teria lançado ancora qualquer navio da Ordem. Si era mulher, promettia que nunca receberia no seu porto um navio extranho, caso já tiver lançado

(3) GUSTAVE BORD: loc. cit., pag. XXI.

ancora, ali, um navio qualquer da Ordem. Cumpria a promessa occupando o assento do chefe de esquadra, isto é, do presidente, senão que este — tanto que durava a formalidade — sentava aos pés d'ella"...

Este, por sua vez, era o ritual (cerca de 1774) da Ordem de "Cavalleiros e Nymphas da Rosa" (sempre a Rosa), sob o protectorado do duque de Chartres;

"A introductora, quando se recebe uma Nympha, ou o introductor, si se trata de um Cavalleiro, tiram ao adepto todas as armas, joias e pedrarias, vendam-lhe os olhos, impõem cadeias e conduzem-no ás portas do Templo de Amor ás quaes batem por duas vezes. A' ordem do Hierophante e da Sacerdotiza Magna, o irmão — "Sentimento" introduz os neophitos. Perguntam-lhes o nome, a patria, o estado e, afinal, o que estão procurando. A' ultima resposta devem responder : "a felicidade".

Questão : Que edade tem o senhor (senhora) ?

Resposta : (si é cavalleiro) : A edade propria para o amor. (Si é Nympha). A edade propria para agradar e para o amor" (4).

Protectora das lojas adoptivas foi, desde 1775, a princeza de Bourbon, irmã de Felippe duque de Orléans (Égalité), simultaneamente protectora do martinismo.

Na Allemanha e na Polonia grassava a Ordem dos Mopsos e das Mopsas.

"Ambos os sexos eram admittidos aos Mopsos, como ás festas de bruxos, chamadas de Sabbath; a recepção era acompanhada de latidos e de mimica ridicula e— como entre os Templarios — davam aos neophitos a escolha de beijar a bunda do diabo, do Grão Mestre ou do Mopso. O Mopso era um pequeno boneco de papelão, coberto de seda e representando um cão,

---

(4) CLAVEL: *Histoire pittoresque de la Franc-Maçonnerie*, paginas 115 e seguintes.

chamado em allemão "Mops". Era realmente necessario, antes de sêr admittido, beijar a bunda do Mopso, como se beijava a bunda de um bode, por occasião das iniciações nos Sabbath's. Os Mopsos não se compromettiam mutuamente por juramentos, mas davam, simplesmente, a palavra de honra o que é o juramento mais sagrado de gente honesta; as reuniões effectuavam-se assim, como as de Sabbath, entre danças e banquetes, só que as mulheres não se despiam, não amarravam á cintura gatos vivos e não devoravam creanças. Era um Sabbath civilisado" (5).

Por estes meios, procurava a maçonaria conseguir a desorganização da familia e a desorganização da sociedade. As suas ramificações mais radicaes pregavam, directamente, a anarchia. St. Martin, discipulo de Martinez Paschalis, na sua obra : "dos erros e da verdade", publicada em Edinburg (1782), escrevia assumindo uma attitude negativa para com a theoria do "contracto social" de Rousseau :

"Uma união social espontanea nem é justa nem justificada, nem é adaptavel na pratica, visto que por meio de tal acto, um homem teria de conceder a outro homem um direito que, elle mesmo, não possúe : o direito de dispôr de si proprio; assim aconteceria que, outorgando um direito que não lhe assiste a elle mesmo, firmaria contracto absolutamente sem valor que nem elle, nem os regentes, nem os subditos poderiam desejar, visto que não obrigaria nem estes nem aquelles" (6).

Na interpretação do martinismo, a liberdade, d'este modo, não se tornaria democracia, nem republica, mas, directamente, anarchia.

Já a theoria de "contracto social" levava á revolu-

---

(5) ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie*, pag. 460.

(6) Citação de BARRUEL: *Mémoires*, vol. II, pag. 252.

ção; a attitude dos martinistas tinha de levar a uma revolução das mais radicaes nos seus symptomas.

A maçonaria mobilisava, de um lado, suas fileiras para a revolução, de outro lado, fazia todos os esfórços afim de paralysar a defeza que a revolução poderia encontrar da parte dos representantes do poder legal. Eis um fragmento bem demonstrativo do ceremonial de admissão a uma das lojas francezas de 1788 :

"Questão : Qual é a vossa opinião sobre as disputas contemporaneas que estão perturbando o reino ?

Resposta : E' uma calamidade para a qual toda a maçonaria deveria encontrar um remedio.

Questão : Si o rei, vosso Mestre, vos ordenasse pegardes em armas contra a vossa provincia ou contra qualquer outra provincia franceza, qual seria a vossa attitude ?

Resposta : Pediria a minha demissão" (7).

Foi d'este modo que a maçonaria rompia todos os vinculos ethicos e sociaes; preparava uma revolução mundial, como hoje o fazem os communistas. Só a França contava, em 1789, setecentas lojas maçonicas (8). No fim do seculo XVIII, quando, devido á revolução franceza e sua propaganda, as lojas se espalharam por todo o mundo, existiam na Europa e em outras partes do globo 137.675 lojas maçonicas activas, com o effectivo de um milhão e meio de membros (9).

A maçonaria possuia só um dogma : a adoração da propria organização. O templo de Salomão era esse "Santo dos Santos", só este que não se podia trahir,

---

(7) Cit. GASTON MARTIN: *Manuel d'histoire de la Franc-Maçonnerie Française*, pag. 134.

(8) V. ADRIEN LEROUX: *La Franc-Maçonnerie sous la 3.me République*, vol. I, pag. XIX.

(9) Vide Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, paginas 189 e 190.

da prosperidade só d'este que se devia cuidar exclusivamente. Só n'este sentido que era obrigatorio o principio judaico: o fim sanctifica os meios; esta foi a unica ethica reconhecida pelas lojas. E' necessario lembrar que, depois da destruição do templo, os judeus conservaram a pena capital só com relação aos delatores, portanto contra os trahidores dos segredos da sua organização secreta, religioso-politica. Com a maçonaria, o caso não é o mesmo ?

O segundo principio judaico: a fraternidade. A fraternidade geral era, naturalmente, uma phrase mentirosa proclamada para o exterior, mas, de facto, referia-se sómente aos "irmãos", membros da Ordem. Da mesma forma o Talmud, tambem, obriga os judeus á "fraternidade", porém só com relação a individuos da sua raça.

O dominio da fraternidade não era comprehendido, sinão como o dominio das lojas maçonicas e dos "irmãos", sob a chefia dos "Superiores desconhecidos".

A "egualdade" — é, tambem, uma senha abrangendo realmente só os irmãos.

"Assim foi que, em nome da egualdade, o mação escamoteou esta egualdade só a seu favor. Elle exige a egualdade entre os iniciados, deseja a egualdade entre os profanos, mas não quer a egualdade entre os iniciados e os profanos. Conhecendo o poder dos agrupamentos organizados e silenciosos, organiza-se e recommenda o silencio. Para impedir o nascimento de um adversario, ataca todos os agrupamentos que apparecem. Podendo, traga-os e si não póde triumphar por este meio, aniquila-os" (10).

Portanto, apoderar-se por dentro ou aniquilar. O primeiro systema é mais facil e constitúe a arma predilecta da maçonaria.

---

(10) GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France*, pagina 201.

"Quando um habil commandante sitia uma fortaleza e não póde tomal-a nem por assalto, nem pela fome, procura encontrar um entendimento dentro d'ella. Si conseguir, por intermedio de suborno, de provocação do descontentamento ou de motim, garantir o auxilio de alguns trahidores, não ha de esperar muito pela occupação da cidade" (11).

A liberdade, a fraternidade, a egualdade, proclamava-as a maçonaria ás massas.

Estas divisas| deviam derrubar não só o "ancien régime", não só arrazar a Egreja e a monarchia, como tambem garantir, simultaneamente, a dominação do mundo pela Ordem.

"A maçonaria foi não só profanada, como tambem serviu de escudo e de pretexto ás conspirações da anarchia, graças ás influencias occultas dos vingadores de Jacob de Molay e graças aos continuadores da obra hereje no templo. Em vez de vingarem a morte de Hirão, vingaram-se pelos seus assassinos. Os anarchistas empunharam a regua, o esquadro e o martello e escreveram n'elles : liberdade, egualdade, fraternidade. Isto significa : liberdade para as paixões, egualdade na infamia, fraternidade na destrucção" (12).

---

(11) JAMES DARMESTETER: *Les Prophètes d'Israel*; cita o padre EMMANUEL BARBIE: *Les infiltrations maçonniques dans l'Église*, pag. 124.

(12) ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie*, pag. 407.

XXXII

MOYSÉS MENDELSSOHN. A REVOLUÇÃO FRANCEZA E SEUS RESULTADOS

Na época em que a maçonaria apoderava-se dos cumes da sociedade e proclamava a fraternidade, os judeus, immediatamente, encontraram-se n'uma situação melhor. Pois foi sufficiente convencer os arios, reunidos em volta do templo de Salomão, que os judeus, tambem, eram homens e poderiam sêr "irmãos" fervorosos — para que as portas das "officinas" lhes fossem abertas completamente. D'esta missão encarregou-se Moysés Mendelssohn que, graças aos seus meritos, foi chamado pelos judeus de "terceiro Moysés".

Mendelssohn (1729-1786), judeu allemão, tomou conhecimento, mercê ao judeu polonez, Israel Levy Zamost, das obras do "segundo Moysés" (Moysés Maimuni), theoretico e defensor do methodo de adhesão simulada a outras religiões. Entretanto, a modificação das condições, o afrouxamento do christianismo pela maçonaria, já tinham facilitado aos judeus a tendencia de penetrarem na vida das sociedades arias, sem necessidade de se baptisarem, sem serem obrigados a pôr a mascara de uma religião simulada.

A unica condição posta pelas sociedades arias será — julgou Mendelssohn — o compromisso por nós pres-

tado de sermos subditos ficis de um dado estado, membros fieis de uma dada nação. Portanto, em vez de religião simulada — assimilhação simulada. Graças á descoberta d'este methodo de induzir os "goi's" em erro, Mendelssohn tornou-se grande e ganhou, entre os judeus, o titulo de "terceiro Moysés".

Mendelssohn abriu o caminho em Berlim pela sua actividade philosophica-litteraria.

"A sorte auxiliou extraordinariamente esse varão que, inconscientemente, era portador do futuro" (1).

A obra philosophica principal de Mendelssohn foi : "Phedão ou a immortalidade da alma".

"Phedão tornou-se o livro mais lido do seu tempo e sua leitura era feita com o coração e com a alma. Brevemente, foi feita sua traducção para todas as linguas européas, naturalmente, tambem para o hebraico. Theologos, philosophos, artistas, poetas (Herder, Glein, o jovem Goethe), homens de estado e principes edificavam-se com a obra, fortaleciam seu animo religioso decahido e agradeciam, com enthusiasmo, ao sabio judaico que, hoje, poderia parecer ridiculo — de têr lhes trazido um consolo que não podiam encontrar mais no christianismo (2).

N'um appendice addido a uma das posteriores edições de "Phedão", Mendelssohn passa de contrabando, já bem claramente, suas tendencias essenciaes.

"A sabedoria reconhece uma patria geral, uma religião geral, comquanto tolere suas ramificações; comtudo, não póde enaltecer aquillo que, n'essas ramificações, houver de grosseiro e hostil aos homens e que vós constituistes base das vossas instituições politicas (excluindo os judeus da vida publica — n. do aut.)" (3).

---

(1) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 190.

(2) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 201.

(3) MOSES MENDELSSOHN: *Phaedon oder ueber die Unsterblichkeit der Seele*, pag. 212.

N'uma carta aberta ao evangelico Lavater que o atacara, Mendelssohn "indicou o abysmo que o chistianismo cavara entre a propria fé e a razão. Mendelssohn manifestou-se, tambem, francamente, deante o herdeiro do throno de Brunsvick sobre a falta de fundamento dos dogmas christãos e sobre a concordancia com a razão dos dogmas judaicos" (4).

Amigo de Mendelssohn, quanto ás idéas, que, em toda parte, lhe abria caminho, tornou-se Lessing. Foi d'elle que fez a figura principal no seu "Nathan o Sabio". "Em cada phrase d'esse drama, Lessing fustigava o christianismo ossificado e perseguidor, e vangloriava o judaismo" (5).

Seguindo a linha de apparente assimilhação nacional, Mendelssohn publicou, tambem, uma traducção do Pentateucho para a lingua allemã, porém, por precaução, imprimiu-o com typos hebraicos, comprehensiveis, n'aquelle tempo, só para judeus e para mações já muito judéisados (6).

A popularidade de Mendelssohn nas rodas allemãs foi tão grande que, na subscripção para o editamento d'essa traducção, tomaram parte os predicadores protestantes da côrte, professores, excellencia e, até, á frente dos subscreventes, appareciam os nomes do rei Christiano da Dinamarca e do herdeiro da corôa dinamarqueza.

A fama do judeu berlinense já ultrapassara as fronteiras da Allemanha. Foi elle que interveiu, junto a Luiz XVI, quando este pretendera expulsar os judeus da Alsacia. Foi auxiliado n'essa intervenção por Chris-

---

(4) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 204.

(5) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 209.

(6) Dr. MAJER BALABAN: *Historia e litteratura judaicas*, volume III, pag. 375.

tiano Guilherme Dohm que publicara uma obra intitulada : "Da melhoração civil dos judeus" (1781). Dhom, na sua apologia dos judeus, recorreu ao facto que elles possuiam direitos de cidadãos, ainda no imperio romano.

"Nos primeiros seculos, elles gozavam da totalidade de direitos civis no imperio romano, portanto deviam merecel-os" (7).

Dohm exigia a outorgação de todos os direitos civis e uma autonomia religiosa para os judeus. "Não é difficil adivinhar que, atraz d'elle, estava Mendelssohn" (8).

A obra de Dohm tinha, como supplemento, uma traducção do folheto de Manassé ben-Israel : "A defeza dos judeus" feita por ordem de Mendelssohn por Herz, com um prefacio de Mendelssohn mesmo.

Em 1783, Mendelssohn publica uma nova obra : "Jerusalem ou da autoridade religiosa e do judaismo". Ficamos informados por esta obra que "o judaismo não é uma religião revelada, mas uma legislação revelada. Na constituição outorgada por Deus, o estado e a religião confundem-se n'uma coisa só" (9).

Foi esta uma excellente evasiva de lealdade, com respeito aos estados protestantes que estabeleceram a orientação de religião official.

O regenerador do judaismo morreu em 1786 "justamente a tempo, pois evitou uma dôr pesada, visto que uma das suas filhas abandonou o marido e os filhos para fugir com um amante, outra — feita pia catholica — beijava os pés do papa e um dos seus filhos, n'uma insensata aversão ao judaismo em que tinha relações e viveu o seu pae, levou seus filhos á egreja" (10).

---

(7) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 216.

(8) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 218.

(9) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 221.

(10) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 225.

O mais eminente entre os discipulos de Mendelssohn, Salomão de Nieswiez (na Polonia), que escrevia por adoração a Moysés Maimuni sob o pseudonymo de Salomão Maimon, abre na sua "Autobiographia" um pouco de luz sobre a figura de Mendelssohn.

"Das suas confissões no prefacio a Manassé ben-Israel e da sua "Jerusalem", está claro para mim que, apezar de não reconhecer quaesquer dogmas de fé revelados, como sendo verdades sempiternas, todavia reconhecia certas leis de religião reveladas, bem como que as leis religiosas judaicas, como base legal da organização theocratica, considerava como sendo inviolaveis, tanto quanto o permittirem as circumstancias" (11).

Portanto esse judeu que com tanto ardor propagava o movimento antichristão entre os arios, cumpria, elle mesmo, estrictamente os preceitos da religião d'elle, até o ponto de não escrever nos dias de "chabes" (sabbado) As leis da organização theocratica dos judeus, reconhecia-as como sendo inviolaveis "tanto quanto o permittirem as circumstancias". Esta restricção extrahiu-a elle do seu mestre da edade media, do "segundo Moysés", Moysés Maimuni como tambem do seu antecessor do seculo XVII, Manassé ben-Israel, amigo de Cromwell, e cuja obra traduziu. De accordo com essas "circumstancias", os seus filhos acharam conveniente converter-se ao christianismo não rompendo, naturalmente, com o judaismo, nem com a "organização theocratica" judaica a que foi tão fiel o pae d'elles.

"Mendelssohn que, segundo se sabe, vivia de accordo com as leis da sua religião, considerava-se, provavelmente, continuando ser sempre membro do estado theocratico dos seus antepassados" (12).

---

(11) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. II, pag. 112.

(12) SALOMON MAIMON: *Autobiographia*, vol. II, pag. 115.

Mendelssohn, por conseguinte, julgava estar a sua actividade de accordo com as directrizes das autoridades hierarchicas d'esse "estado theocratico" secreto de Israel e correspondente a seus planos messianicos.

Todavia, a actividade de Mendelssohn teve, tambem, certos effeitos negativos para Israel que se manifestaram só depois.

Durante o periodo da reacção post-revolucionaria e depois do Congresso de Vienna, já tendo encontrado gosto na equiparação, "libertados das algemas millenarias de uma religião oriunda do solo nacional, os sabichões superficiaes e os libertinos adheriam em massas ao christianismo" (13).

Este procedimento continuou, até na época em que os judeus conquistaram sua equiparação em toda parte. Simplesmente, a apparente assimilhação estadoal, nacional e cultural pregada por Mendelssohn, arrastava, frequentemente, atraz de si uma apparente renegação da religião que, no ambiente geral das correntes sceptícas e materialistas, facilmente degenerava, entre uma parte de judeus progressistas, n'uma renegação real do judaismo, principalmente ali onde eram pouco numerosos e onde desappareciam no mar da população aria. Isto não tomou em conta Mendelssohn nem seus discipulos; não foram estes seus propositos.

"Na occasião que, no fim do seculo XVIII, subiram alto as ondas da lucta pela liberdade movida pela humanidade opprimida, tambem no ghetto judaico despertaram homens que, arrastados pelo movimento do seu tempo, desejaram libertar o seu povo das algemas. Queriam se oppôr á mutilação e á perturbação; desejavam unicamente uma nova fertilisação do mundo judaico e os pioneiros d'esse movimento estavam longe

---

(13) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 22.

de querer a desintegração do judaismo que appareceu posteriormente, como resultado dos seus esforços" (14).

Com effeito, os esforços de Mendelssohn tinham por fim a conquista de uma equiparação completa dos judeus aos christãos. N'essa tarefa foi auxiliado pelos seus amigos christãos, como Lessing e Dohm, depois pelo Rosa-Cruzado, um dos chefes dos Illuminados, Nicolai (15), o educador de Frederico Guilherme III da Prussia, Engel, e outros.

Mendelssohn fundou uma união secreta judaica (sempre secreta !). "A Escola de Mendelssohn — porquanto fundou uma escola contra sua vontade — constituia, tambem, uma especie de Ordem. Essa Ordem compunha-se de adolescentes e varões na Allemanha, na Europa Occidental e na Meridional, adeptos do Talmud, que pretendiam pregar uma nova philosophia ou, antes, rejuvenescer o judaismo decrepito pela injecção em seu corpo de seiva nova" (16).

A direcção d'essa Ordem assumiram, após a morte do mestre, os seus discipulos : David Friedlaender, Hartwig Wessely e Salomão Maimon.

David Friedlaender (1750-1834) tornou-se amigo do philosopho Kant, Hartwig Wessely (1725-1805), descendente de um judeu polonez foragido de Bar deante os massacres dos cozacos em 1648 (17), foi o mesmo que inspirou a Weishaupt, fundador dos Illuminados bavaros; Salomão Maimon (Salomão de Nieswiez, (1753-1800), emfim, judeu polonez e ex-chassidista, que já é

---

(14) ROBERT WELTSCH: *Theodor Herz und wir*, publicado em "Von Judentum ein Sammelbuch", pag. 157.

(15) Vide Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix*, paginas 120 e 125.

(16) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 11.

(17) Dr. MAJER BALABAN: *Historia e litteratura judaicas*, volume III, pag. 377.

nosso conhecido como autor da "Autobiographia" diversas vezes citada, foi o mais eminente discipulo de Mendelssohn.

Um dos meios utilisados pela Ordem de Mendelssohn foi a abertura, em Berlim, de brilhantes salões judaicos para os quaes se attrahia os christãos. "Os judeus e as judias foram os primeiros que crearam salões em Berlim" (18).

Especialmente a casa de Hartwig Wessely (Hartog Naftali Herz) onde reinava sua linda mulher, Henriqueta Herz, filha de um marrano portuguez, attrahia os homens. Frequentava ali, como hospede assiduo, Mirabeau, posteriormente um dos chefes da revolução| franceza (19), já predisposto provavelmente com respeito aos judeus pelo agente de Mendelssohn, Dohm (20).

"As homenagens prestadas á sua belleza fizeram perder a cabeça a Henriqueta Herz. Começou por divertir-se com namoricos que foram seguidos por um procedimento ambiguo; ella e as suas amigas perderam a noção do que convem e que não convem. Os christãos devassos fundaram com essas senhoras e senhoritas uma chamada União da Virtude que tinha por fim o derrubamento de quaesquer impedimentos nas relações entre os dois sexos e a eliminação de quaesquer formas de decencia social" (21).

Foi, provavelmente, uma loja adoptiva de maçonaria para a qual foram admittidas judias.

"Henriqueta Herz metteu-se em amores primeiro com Guilherme Humboldt, depois com Schleiermacher, esse apostolo do novo christianismo que| preparava

---

(18) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 17.

(19) Vide H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 19.

(20) Vide H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 222.

(21) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 24.

novas cordas, com teia de aranha, para com ellas, amarrar o espirito livre. Após Schleiermacher, vem a vez de Frederico Schlegel, destructor do ceu com punhos de creança, que já preparou um anzol para a virtude de Dorothéa Mendelssohn (filha do "terceiro Moysés — n. do aut.). Porquanto as tendencias perversas da União da Virtude já tinham lhe inspirado a illusão que não estava feliz no matrimonio. Henriqueta Herz serviu de intermediaria n'esse amor criminoso. Dorothéa divorciou-se do marido e viveu com Schelegel, no começo n'uma união illegal. Foi n'esse tempo que appareceu o abjecto romance "Lucinda" glorificando o peccado de adulterio. Schleiermacher foi padrinho d'esse romance" (22).

Eis quaes foram os salões dos dirigentes da Ordem mendelsshniana. Elles introduziram na maçonaria um factor attractivo: formosas e ternas judias, pioneiras de equiparação da sua raça.

A franquia das lojas aos judeus devia têr sido objecto de desvelos para os que queriam conseguir-lhes a equiparação. Para isso não eram sufficientes os "superiores desconhecidos", visto que na época de uma "fraternidade" geral, podia sêr equiparado realmente só um "frater" (irmão).

"Lessing e certas rodas judaicas diligenciavam para conseguirem o afastamento dos obstaculos que impediam aos judeus o accesso ás lojas maçonicas. Na mesma occasião, foi resolvida a transferencia do estado maior da maçonaria "illuminada" para Frankfurto, essa cidadella dos financeiros judaicos tendo á frente homens de sua raça, como Rotschild, Oppenheimer, Schuster, Wertheimer, Speier, Stern. Foi n'essa alta loja que se estudou minuciosamente o plano da revolução mundial. Foi tambem ali, no grande congresso maçonico de 1786

---

(22) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 25.

— conforme o confessaram, depois, dois pedreiros livres francezes — que foi definitivamente votada a morte de Luiz XVI e de Gustavo III da Suecia" (23).

Os collaboradores judaicos de Mendelssohn já foram recebidos na maçonaria. O amigo de Lessing, Herman Samuel Reimarus de Hamburgo, escreveu uma "Apologia dos adoradores razoaveis de Deus". Não publicou, comtudo, essa obra. Escreveu, mas... "Não teve, todavia, a coragem de, de accordo com a sua convicção, desnudar, publicamente, os lados fracos da religião dominante. Esse escripto, contendo nas suas paginas brazas perigosas, legou-o á sua familia e á Ordem secreta de homens livres pensadores" (24).

Ainda antes da revolução franceza, alguns ritos, como os "Irmãos Asiaticos" e os Illuminads pullularam de judeus. O mais difficil foi lhes penetrarem nas lojas maçonicas communs, visto que, ali, ainda havia preconceitos contra o povo eleito. A revolução franceza ia lhes abrir o caminho.

A planejada revolução européa não surtiu effeito, assim como, no seculo XX, a revolução communista mundial. Apezar d'isto, as conquistas judaicas durante a revolução franceza, perduraram até os nossos dias.

No dia 14 de Março de 1869, o irmão Bancel da loja "Progresso" em Paris, saudado com applausos, começou pela seguinte allocução :

"Não acceito estes applausos para minha pessôa. Dirijo e offereço-os á nossa gloriosa e fructifera mãe, á revolução de 89 e de 92, á mãe não só da França moderna, como de todo o mundo contemporaneo" (25).

---

(23) NESTA WEBSTER: *World Revolution*, pag. 19.

(24) H. GRÆTZ: vol. VIII, pag. 206.

(25) Cit. de ADRIEN LEROUX: *La Franc-Maçonnerie sous la 3me République*, vol. II, pag. 117.

Um pouco mais tarde, na loja da "União Verdadeira" em Gray, o irmão Edmundo Gardien affirmou claramente na sua conferencia : "Em uma palavra, a revolução é obra da maçonaria" (26) .

O estouro da revolução foi saudado em Paris com alegria louca nas lojas. Ainda em 1791, após dois annos de revolução, na vespera de aprisionamento de Luiz XVI, o Grande Oriente francez distribuiu uma circular ás lojas, no qual se deixa levar pelo enthusiasmo : "Nunca nos annaes da revolução foi inscripta uma época tão memoravel, nunca a nossa associação poude esperar mais brilho e mais unificação do que no momento em que conseguiu restituir ao homem o seu direito raptado, a saber : o direito á egualdade" (27).

Os judeus possuiam amigos em ambos os agrupamentos revolucionarios que se degladiavam mutuamente. Entre os Girondinos, grassava Abrahão Furtado, descendente de marranos portuguezes, e, depois, nos tempos de Napoleão, presidente do parlamento judaico que precedera a inauguração do Synhedrion pelo imperador (28). O club dos Jacobinos era, naturalmente, todo elle a favor dos judeus, sendo que os principaes agitadores d'elles eram Mirabeau e o padre Grégoire.

"Graças á revolução, isso que Madelssohn considerava como possivel, só n'um futuro longinquo, o que os defensores judaicos, Dohm e Diez exprimiam como desejo timido, realisou-se, na França, com uma rapidez inverosimil, como si fosse ao toque de uma vareta magica" (29).

---

(26) Cit. de ADRIEN LEROUX: loc. cit., vol. II, pag. 146.

(27) Cit. de GASTON MARTIN: *Manuel d'histoire de la Franc-Maçonnerie*, pag. 126.

(28) Veja H. GRÆTZ: vol. IX, pags. 35, 55 e 57.

(29) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 26.

O padre Grégoire, mação eminente e bem iniciado, amigo de Willermoz, tomou o primeiro a protecção dos judeus alsacianos que lhe pediram auxilio. Ainda antes da revolução, foi conhecido como autor de uma obra cujo thema consistia na questão, de como se podia tornar os judeus na França, uteis e felizes e em cuja obra assumiu uma attitude favoravel aos judeus (30). Quando, ao estouro da revolução, o povo alsaciano respondeu com um massacre de judeus (1789), o padre Grégoire fallou em nome d'elles deante os Estados Geraes.

Ainda antes da convocação dos Estados Geraes (Assembléa Nacional), o padre Grégoire escreveu ao judeu Izaias Bing: "Diga-me, meu caro Bing, nas vesperas da convocação dos Estados Geraes, si não deverieis reunir-vos com outros membros da vossa nação para exigirdes direitos e privilegios de cidadãos? Eis um momento como nunca. Amae sempre o vosso inesquecivel amigo.

Grégoire, parocho de Emberménil" (31).

Com o padre Grégoire, collaborava Mirabeau, amigo de Lessing e membro da Ordem dos Illuminados de Weishaupt (32), autor do escripto: "De Mendelssohn e da reforma politica dos judeus" (1787).

"Mais efficazmente do que Cerf e a commissão judaica, trabalharam para a libertação dos judeus, os escolhidos, por assim dizer, para arautos, por Mendelssohn e seus amigos: Mirabeau e o não menos fervoroso campeão da liberdade completa, o padre Grégoire" (33).

---

(30) Vide H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 29.

(31) Cit. de JOSÉ LÉMANN: *La prépondérance juive*, vol. I, pag. 95.

(32) Vide BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 258.

(33) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 28.

Os judeus, entretanto, exerceram uma pressão maior. D'esta vez, apoiava-os tambem Robespierre, o chefe da ala esquerda dos Jacobinos. Apezar da opposição da ala direita, conseguiram forcejar uma resolução concedendo a equiparação aos judeus espanhoes e portuguezes estabelecidos na França. Os judeus alsacianos (ashkenazinos) nada conseguiram, visto serem demasiadamente odiados. Só para o fim da Assembléa Nacional (27-IX-1791), foi votada, devido á moção de Duport, uma resolução reconhecendo a equiparação, tambem aos judeus alsacianos. Luiz XVI confirmou essa resolução a 13 de Novembro de 1791.

A Constituinte substituiu a Assembléa Nacional e, breve tempo depois, Luiz XVI encontrou-se na prisão. A Constituinte foi substituida pelo Convento e pela guilhotina. E, em 1793, o rei subiu os degraus do cadafalso e, em breve, foi seguido pela rainha. Todos os conselheiros de Luiz XVI eram sem excepção alguma, mações.

"O infeliz Luiz XVI tinha por conselheiros os seus inimigos mais implacaveis. Foram elles que lhe suggeriram o mallogrado projecto de fuga e providenciaram para que fosse mal succedido o que occasionou a catastrophe de Varennes, assim como foram elles que organizaram a orgia de Versailles quando commandavam o massacre de 10 de Agosto; trahiam o rei por toda parte, assim como, por toda parte, o salvavam da ira do povo, sendo que elles mesmo atiçavam essa ira para terminarem com o acontecimento que prepararam a seculos; foi o cadafalso de que necessitavam para saciarem a vingança dos cavalleiros do templo" (34).

No dia 15 de Janeiro de 1793 começou o processo contra o rei. A' primeira questão: si Luiz Capet era culpado da conjuração contra a liberdade da nação e do crime contra a segurança do estado — o Convento respondeu

---

(34) ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie*, pag. 442.

"sim" por 683 votos para o numero geral de 749 membros. A' segunda questão: si a sentença do Convento Nacional contra Luiz Capet devia sêr sujeita á confirmação do povo — a maioria respondeu: "não". A' terceira questão: que péna merecia Luiz Capet — o Convento resolveu proferir a sentença de morte.

Cambacérès, o posterior Grande Custodio do Grande Oriente, no tempo de Napoleão I, sóbe á tribuna e affirma:

"Cidadãos! decretando a sentença de morte contra o ultimo rei dos francezes, commettestes um acto cuja memoria nunca desapparecerá e que será gravado com o cinzel da immortalidade nos annaes da nação" (35).

Luiz XVI, antes da morte, escreveu na prisão, n'um farrapo de papel, as suas ultimas palavras: "Peço a todos a quem pude offender por distrahimento (porquanto não me lembro têr eu, conscientemente, ultrajado a quem quer que fosse), bem como aquelles a quem pudesse dar mau exemplo ou a quem corrompesse, que me perdoem o mal que — segundo lhes parece — podia lhes têr causado... Perdôo de todo o coração aos que se tornaram meus inimigos, comquanto não lhes tivesse fornecido nenhuma razão para o serem; rogo a Deus que lhes perdôe" (36).

O principe Felippe de Orléans, chamado Égalité, Grão Mestre da Maçonaria franceza, assustou-se, emfim, da obra de que participava e, no dia 5 de Janeiro de 1793, dez dias antes o começo do processo contra o rei, publicou no "Journal de Paris" uma carta aberta em que lêmos:

"Eis minha historia na maçonaria. No momento em que ninguem, de certo, previo outra revolução, liguei-me á maçonaria que apresentava um simulacro de egualdade,

---

(35) Cit. de BENJAMIN FABRE: *Fr. Eques a Capite Galeato*, pag. 270.

(36) Cit. de BARRUEL: *Mémoires*, vol. IV, pag. 331.

do mesmo modo de que me liguei ao parlamento que apresentava o simulacro da liberdade. Agora, abondonei as illusões deante a realidade. No correr do ultimo mez de Dezembro, o secretario do Grande Oriente dirigiu-se á pessôa que, junto a mim, exercia as funcções de secretario do Grão Mestre, insistindo que me entregasse exigencias dizendo respeito a trabalhos d'essa associação. Respondi-lhe, no dia 5 de Janeiro: "Visto que não conheço a maneira da qual se forma a composição do Grande Oriente e, além d'isto, porque julgo não deverem existir mysterios de qualidade alguma nem sociedades secretas n'uma republica, mórmente no momento de sua organização, não quero mais metter-me em coisa alguma, tanto no Grande Oriente, como nas reuniões dos pedreiros livres" (37).

O Grão Mestre do Grande Oriente francez, desde o anno de 1771, até o anno de 1793, não sabia, pois, de que maneira se formava a composição do Grande Oriente de que era Grão Mestre e, ao mesmo tempo, protector! A sua irmã, por sua vez, era protectora das lojas adoptivas e das dos martinistas. Então será um ingenuo ou um mação apénas "admittido" e mantido — como, aliás, a maioria — longe da iniciação?! Portanto, ingenuo ou... criminoso? A's vezes, é o mesmo.

Tres mezes depois, Felippe Égalité encontrou-se sob a guilhotina. O destino consumou-se sobre elle, assim como alcançou milhares de outros que, nas lojas, preparavam a Grande Obra de Reconstrucção do Templo.

A constituição de 1795 confirmou aos judeus direitos civis completos e, depois... "As victoriosas tropas francezas levaram além dos limites da republica a divisa de libertação dos judeus, do povo mais opprimido do velho mundo" (38).

---

(37) GASTON MARTIN: *Manuel d'histoire de la Franc-Maçonnerie Française*, pag. 127.

(38) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 37.

E ainda, durante annos, "por toda parte — na Allemanha e na Italia — onde os heroicos francezes tomavam pé firme, soava a hora de liberdade para os judeus. Desmoronavam as paredes do ghetto, endireitavam-se as figuras curvadas" (39).

O terror da revolução não feriu os judeus nem a sua organização.

"A instituição, devida á moção blasphema de dois membros do Convento, Chaumette e Hébert, sobre a religião da razão (Novembro de 1793), não repercutiu, absolutamente, sobre os judeus. O profundo irritamento contra a religião, referia-se, exclusivamente, ao catholicismo ou ao christianismo entre cujos adeptos dezenas de milhares foram arrastados para a morte. O decreto do Convento tem o seguinte theôr: Fica abolido o culto catholico e substituido pelo culto da Razão" (40).

Portanto, quando fecharam as egrejas ou quando ordenaram ao povo adorar a deusa da Razão, uma rapariga núa collocada no altar e envolta em fumos de incenso, os judeus podiam reunir-se livremente nas synagogas. O gume da guilhotina não os alcançou. O historiador judaico não póde descobrir nenhum caso de execução de um judeu, comquanto descreve a meudo o aprisionamento de Girondino, Abrahão Furtado, brevemente libertado, em consequencia de intervenção judaica.

Nada sabemos, entretanto, sobre uma intervenção judaica a favor dos seus defensores francezes. Centenas de pedreiros livres pereceram no cadafalso e, até, Robespierre que luctou pela equiparação dos judeus.

"Singulares e pequenos grupos de sangue extranho podem sêr apanhados pela vontade dirigente do povo judaico e collaborar na realisação de suas idéas politicas, muitas vezes sem uma ligação que possa apparecer ex-

---

(39) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 41.

(40) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 36.

teriormente. Porém, como communidade que dura atravez dos seculos, só o povo judaico é portador do judaismo" — escreve um philosopho judaico, contemporaneo a nós (41).

Conclusão: foram apanhados pela vontade dirigente, collaboraram na realisação de idéas politicas do judaismo, comquanto lhes fosse occulta essa ligação, e... foram empurrados sob a faca da guilhotina. A sua morte não foi um golpe para os portadores do judaismo.

Foi n'essas condições que "nasceu a democracia moderna, proclamando a egualdade de todos os sêres que possuiam semblante humano. Uma consequencia natural d'isso, foi a tendencia para a emancipação do judaismo e uma alliança entre os elementos judaicos energicos, aptos para a lucta, e a revolução. Só pela revolução podia-se libertar o judaismo" (42).

Durante a revolução, os judeus confessavam deante dos seus amigos e intimos, os seus sonhos messianicos.

Certo Simonini, general italiano do exercito revolucionario, enviou, a 5 de Agosto de 1806, uma carta de Florença ao padre Barruel, autor das "Memorias", já nossas conhecidas, que o endereçado recebeu em Paris, no dia 20 de Agosto. O original da carta cujo conteúdo não quiz aproveitar nas "Memorias", o padre Barruel remetteu-o ao papa Pio VII. A carta está no archivo do Vaticano; uma copia sua foi entregue ao imperador Napoleão I e, ao que parece, influiu na sua attitude para com os judeus. Eis, abaixo, fragmentos da carta (a carta é muito comprida):

"Quão bem desmascarastes essas indignas seitas que abrem caminho ao Antichristo e são inimigas implacaveis não só da religião christã, como de todo culto, de toda communidade, de qualquer ordem. Comtudo, existe

---

(41) H. KOHN: *Die politische Idee des Judentums*, pag. 26.

(42) KARL KAUTSKY: *A raça e o judaismo*, pag. 77.

uma que, apénas, tocastes de leve... Bem comprehendeis que fallo na seita judaica."

Simonini narra, depois, que entrara na intimidade dos judeus, durante a revolução em Piemonte. Foram elles os primeiros a procurarem-no e, elle, no fim de algum tempo, confessou-lhes que nascera em Livorno de uma familia judaica. Não tendo parentes, orphão, foi baptisado e educado por christãos: conservou, todavia, grande amor pelo judaismo. Os judeus propuzeram-lhe entrar na maçonaria, com que Simonini concordou. Após alguns annos de convivencia, os judeus soltaram deante d'elle as suas linguas e, eis o que soube:

"1.° que Manes (o creador da seita dos Manicheus — n. do aut.) e o indigno Ancião das Montanhas sahiram do povo judaico; 2.° que os pedreiros livres e os Illuminados foram creados por judeus cujos nomes me foram mencionados, mas, infelizmente, esqueci; 3.° que — em uma palavra — é d'elles que têm sua origem todas as seitas antichristãs, tão numerosas, actualmente, no mundo que contam um grande numero de milhões de homens de cada sexo, de cada estado, de cada posição e de cada profissão; 4.° que só em nossa Italia possuem 800 adeptos entre os padres, tão bem seculares, como monasticos, alguns bispos, alguns cardeaes e que não perdem esperança de poderem obtêr, brevemente, um papa, seu partidario (admittindo que seja um papa schismatico, a coisa parece possivel); que, tambem na Espanha, possuem grande numero de adeptos, até entre o clero, comquanto ainda domine n'esse paiz a maldita inquisição; 5.° que a casa dos Bourbons foi o seu maior inimigo e que têm a esperança de arrazal-a d'aqui a alguns annos; 6.° que, para melhor despistar os christãos, elles proprios simulam christãos viajando e perambulando de um paiz ao outro, com falsos certificados de baptismo que compram de certos parochos avarentos e subornados; 7.° que têm a esperança de conseguir de todos os governos, por meio de dinheiro e da Cabala, a cidadania, conforme já aconteceu em alguns paizes; 8.° que pos-

suindo os direitos civis eguaes aos dos outros, comprariam casas e terras, quantas puderem, e que, por meio da usura, conseguiriam, brevemente, expulsar os christãos dos seus bens immoveis e dos seus thesouros; 9.º que, em consequencia d'isso, promettem, em menos de um seculo, tornarem-se donos do mundo, abolirem todas as seitas para a d'elles poder governar, fazerem synagogas das egrejas dos christãos e os restantes d'estes que ficarem, reduzir ao estado de verdadeira escravidão" (43).

Parece que foi esta carta que fez vacillar a Bonaparte. O grande Corso, filho da revolução que o elevara ao poder, foi, nos seus primeiros annos, um partidario fervoroso do judaismo. Depois, começou a hesitar. Apezar d'isto, convocou, em 1806, um congresso de notaveis judaicos dos seus dominios e, inesperadamente propoz a convocação de um Synhedrion, em numero de 71 membros.

Sabemos que, já segundo o pensamenso de Moysés Maimuni, a convocação do Synhedrion devia preceder a éra messianica. E' logico que, em consequencia da deliberação do imperador, uma grande alegria reinou em todo Israel. O Synhedrion reunir-se-á e "Paris mostrará, então, ao mundo esse espectaculo, ao passo que esse grande acontecimento abrirá aos restos disseminados dos descendentes de Abrahão um periodo de salvamento e de felicidade" (44).

No dia 9 de Fevereiro de 1807, o Synhedrion reuniu-se sob a presidencia de um "nassi" e de dois substitutos: "ab-bet-din" e "Khakham", como antanho em Jerusalem. O governo francez poz ao Synhedrion questões para as quaes recebeu, de accordo com o antigo costume, uma

---

(43) Citação do padre HENRI DELASSUS, doutor em teologia: *La conjuration antichátienne*, vol. III, pags. 112 e seguintes.

(44) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 61.

resposta ambigua, depois de que o Synhedrion se dissolveu.

Subitamente, no dia 17 de Março de 1808, Napoleão assigna o memoravel decreto pelo qual suspende os judeus para dez annos no gozo de alguns direitos civis, até não aprenderem a utilisar-se d'elles. Esse decreto os judeus chamaram-no de "torpe". O mesmo decreto foi, tambem, valido no Ducado de Varsovia.

Napoleão foi mação, porém pouco iniciado. Parecia-lhe que pela dominação das autoridades officiaes da maçonaria, tinha em mãos toda esta organização. Estava laborando em erro e esse erro pagou-o com a perda da corôa.

O Grande Oriente pediu-lhe o protectorado, desde o anno de 1801, em seguintes palavras:

"A maçonaria franceza necessita de um Chefe eminente; esta antiga instituição de amisade e de beneficencia traz sorte a todos que a ella são admittidos; ella precisa de protecção, porém a deseja só á medida de sua submissão ás Leis e aos Governantes nos estados onde estiver tolerada. Este sentimento profundo faz com que deseja possuir um Grão Mestre, digno de uma sociedade tão interessante. Ella não ousa exigil-o de Napoleão Bonaparte, porém seu anhelo mais intimo seria que seu estimado nome se tornasse uma senha que unisse a familia maçonica" (45).

N'esse entrementes, "appareceu, no anno de 1806, em Paris, um novo rito escossez, antigo e acceito, composto de 33 graus e fundado por cinco judeus: John Mitchel, Frederico Dalcho, Emilio de la Motta, Abranac Alexandre e Izaac Aulba" (46).

---

(45) Cit. de ALBERT LANTOINE: *La Franc-Maçonnerie Ecossaise*, pag. 247.

(46) J. HESSEN: *Os judeus na maçonaria*, pag. 45.

Em resultado, Joseph de Maistre, um mação da chamada estricta observancia e muito bem iniciado, assim se externava sobre Napoleão: "Será acaso, chefe ou logrado, ou uma e outra coisa, com relação a uma sociedade que lhe parece conhecel-a e que, por sua vez, se ri d'elle" (47).

Napoleão cahiu, mediante collaboração do judaismo que tinha indignado contra si pela promulgação do "decreto torpe".

"Ninguem admittia que questões grandes arrastariam atraz de si questões pequenas, que a queda de Napoleão atiraria de novo e para muito tempo na antiga escravidão os judeus a quem elle, embóra com pouca vontade, tinha trazido a libertação" (48).

Advem o periodo da Santa Alliança interrompido só pelos resultados das conspirações da carbonaria: pela revolução de Julho em Paris e pela insurreição de Novembro (1830) em Varsovia.

A revolução franceza de 1830 entregou, outra vez, o poder nas mãos da maçonaria. "Essa revolução trouxe resultados favoraveis aos judeus e, indirectamente, tambem ao judaismo, como toda mudança fazendo época na historia" (49).

Desde a sessão de Agosto de 1830, a camara dos deputados restituiu aos judeus todos os direitos civis, ao passo que a opposição na camara alta foi dominada pelo primeiro ministro de instrucção na Europa, o carbonario Mérilhou.

Entrementes, na Allemanha preparava-se o movimento "libertador". Patrocinaram-lhe dois escriptores, judeus: Henrique Heine (1799-1856) e Luiz Boerne (Loeb Baruch, 1786-1837).

---

(47) Cit. de GASTON MARTIN: *Manuel d'histoire*, etc., pag. 144.

(48) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 73.

(49) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 110.

"A jovem Allemanha que produziu o actual estado cultural e o anno libertador de 1848 nos territorios allemães, é filha d'esses dois paes judaicos" (50). Foi assim que chegou o anno da "primavera dos povos", o romanmantico anno de 1848, o anno da liberdade.

"Inesperadamente e de um modo tonteante, bateu para os judeus europeus a hora da liberdade com a revolução de Fevereiro e Março em Paris, Vienna, Berlim, na Italia e em outros paizes. Um desejo febril de liberdade apoderou-se dos povos europeus, um desejo mais extranho e mais enlevado que nos annos de 1789 e de 1830. Com exigencias que não admittiam recusa, dirigiram-se elles aos monarchas. No rôl d'essas exigencias, figurava inalternadamente a emancipação dos judeus" (51).

Em toda a Europa estabilisou-se uma democracia tal, qual foi comprehendida pela revolução franceza, portanto baseada no accordo espontaneo dos individuos, no tal "contracto social", na mysteriosa "vontade do povo". A organização de liberdade, egualdade e fraternidade, isto é, a dominação da maçonaria, em nome do templo de Salomão.

"A communidade anglo-saxonia e a que nasceu da revolução franceza, são filhas da Biblia. Salvador e Darmesteter podiam affirmar, sem paradoxo algum, que as duas idéas principaes da nossa época: a concepção da unidade das forças e a do progresso illimitado, já foram proximas aos prophetas de Israel, sob as figuras da unidade divina, ainda não laicificada, e da esperança messianica" (52).

Porque, todavia, apezar de um successo tão extraordinario, a maçonaria permaneceu dissecada em varios

---

(50) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 91.

(51) H. GRÆTZ: vol. IX, pag. 149.

(52) SALOMON REINACH: *Orpheus*, pag. 192.

ritos que se combatem mutuamente? Quando será que os "superiores desconhecidos" poderão satisfazer a saudade dos irmãos a uma unificação da maçonaria em um rito só?

Encontramos uma resposta a estas perguntas da bocca do successor de Martinez Paschalis.

"Havemos de procurar um meio de unificação conservando a autonomia de cada rito. Assim acontece nos Estados Unidos da America onde é respeitada a constituição de cada Estado o que não diminúe a força effectiva da Federação. Assim, tambem, acontece na Suissa. Da mesma forma deve sêr feito na maçonaria, onde cada rito é um Estado autonomo, nem que seja o mais meudo. Os Estados Unidos da Europa devem sêr precedidos de uma federação geral da maçonaria. A federação, por sua vez, póde basear-se só no respeito dos outros. A maçonaria sempre foi a grande iniciadora de reformas politicas e sociaes. Com respeito aos seus membros, a maçonaria aboliu as fronteiras os preconceitos de raça e de côr da pelle, presidiu na abolição de diplomas individuaes de nobreza, na dos estatutos de corporações que opprimiam as aptidões intellectuaes dos indigentes, sustentou a lucta secular contra o obscurantismo, com todas as suas faces. Chegou para a maçonaria o momento para que saia do periodo de rixas mesquinhas e de rivalidade individual. A federação dos ritos precederá a federação dos Estados europeus e havemos de respeitar todos os ritos, independente do facto que estejam comnosco ou contra nós. A obra a que vos convidamos hoje, oh irmãos, exige tempo e esforço commum demasiados, para que individuos possam sêr tomados em consideração" (53).

Portanto, uma prevenção, oh irmãos, que os "superiores desconhecidos" passarão, outra vez, por cima de cadaveres. Desde então, já teve logar a guerra mundial, a revolução bolchevista, a Liga das Nações e a propa-

---

(53) PAPUS: *A. B. C. d'occultisme*, pags. 315 e 316.

ganda official de uma Paneuropa (o grande "pacifista", o irmão Aristides Briand).

Tudo isso em nome das divisas de liberdade, egualdade e fraternidade.

As revoluções "libertadoras" trouxeram a "egualdade" entre os homens, os Estados Unidos da Europa trarão a egualdade entre as nações.

Para terminar, algumas palavras de um artigo publicado, em giria judaica, no jornal "Haint" pelo chefe dos sionistas polonezes, o rabbino Dr. Ozias Thon:

"E eis uma pergunta: o que ensina o judaismo — a liberdade ou a egualdade? Antes de tudo e em relação a isto, é necessario estabelecer que quanto á egualdade, no sentido de equiparação em direito, não é exacto que a Thora a recommende, entretanto, o que é mais importante, é que toda esta historia de egualdade de direitos não passa de um "truque judaico"; é uma das numerosas burlas judaicas que os povos autochtonos receberam de nós, com ranger de dentes, mas foram obrigados a recebel-a. E um truque judaico, realmente grande, foi a circumstancia que a equiparação extendeu-se, até com respeito aos extranhos" (54).

O douto rabbino Thon não constitúe uma excepção dentro da sua raça: não é grande politico e perdeu uma excellente occasião de ficar calado o que não nos forneceria mais uma arma contra os seus correligionarios, pois, pela sua confissão tão franca que escreveu para edificar os seus adeptos, tiramos as conclusões seguintes: por meio d'esse "truque", esses "extranhos", filhos de Abrahão e irmãos do Dr. Thon, com o auxilio da maçonaria, conquistaram a equiparação na Europa, conseguiram todos os direitos politicos, o accesso ás escolas publicas, o direito de testar nos juizos, os direitos commerciaes e industriaes etc. e, na Russia... foram muito mais longe ainda. Tem

---

(54) Vide o jornal *Haint* de 20 de Novembro de 1931.

toda a razão o douto rabbino Thon achar graça na ingenuidade dos christãos que se degollavam mutuamente em tantas revoluções e guerras inuteis, inspiradas pelo judaismo e pela maçonaria, para, como unico fructo de tanto sangue ario derramado, colher a equiparação dos judeus.

Comtudo, ainda é cedo cantar a victoria final. Houve outros filhos de Israel que, como o rabbino Thon, acharam graça na ingenuidade dos "goi's" que trabalham para Israel e não souberam contêr a lingua. São essas indiscreções que, juntas aos factos, abrem os olhos á christandade. Ha muitos arios que já se sentem cansados em servirem só os interesses do povo eleito e têm a ousadia de querer sacudir o jugo israelita. Não queriamos sêr prophetas, mas nos parece que Israel chegou ao ponto culminante das suas conquistas e que, agora, começará a descida do plano inclinado, com uma rapidez que muito lhe desagradará. As nuvens negras já estão cobrindo o horizonte, tão risonho até agora, e a tempestade não ha de demorar muito.

"Rira mieux qui rira le dernier".

XXXIII

O GOVERNO DAS FINANÇAS JUDAICAS

O seculo XIX, especialmente a sua segunda metade, fortaleceu na Europa e na America o dominio da democracia. Sua expressão manifestou-se na concessão a todos os "cidadãos" do direito de influirem nas questões concernentes ao estado; d'este direito gozavam os judeus á vontade, occupando frequentemente, até cadeiras ministeriaes e outros postos politicos officiaes. A idéa de assimilhação apparente propagada por Mendelssohn, triumphava.

Na base da democracia, aninhavam-se idéas philosophicas das lojas maçonicas do seculo XVIII, isto é, as divisas da revolução franceza, ao passo que o fundamento de suas justificações theoricas era a idéa do contracto social de Rousseau tendo a sua fonte — conforme já foi dito — na idéa do contracto entre Jehovah e Israel.

"A idéa da alliança na historia posterior dos povos que a conheceram da Biblia, desempenhou um papel importante em toda parte ali, onde os homens sahiam de uma situação existente, para fundarem uma communidade baseada em auxilio mutuo, sem tomarem em consideração as differenças entre pessoas e posições. Ahi estão as raizes da democracia moderna e das soluções effectuadas pela revolução franceza. Póde sêr que tivessem sido os puri-

tanos que emprestaram um caracter politico á alliança, segundo os modelos do Velho Testamento, e consideravam suas communas e suas leis basicas como sendo justificadas por "um accordo espontaneo concluido com Deus". Foi d'elles que essas concepções foram adoptadas pela America e pela França" (1).

A victoria da idéa da revolução franceza entregou a vida economica da Europa e da America nas mãos das finanças judaicas. E' verdade que os judeus, desde tempos remotos, occupavam posições de destaque no commercio mundial, que eram quasi os unicos fornecedores de credito, que dominavam a exploração das colonias do além mar, que participavam em grande escala na actividade das Companhias das Indias Orientaes e Occidentaes, que arranjaram uma posição importante nas emprezas industriaes que tanto se multiplicaram na segunda metade do século XVIII, entretanto, foi só no seculo XIX que conseguiram, graças á victoria das divisas da revolução franceza e em consequencia ás doutrinas do liberalismo economico, impôr ás sociedades arias sua propria ethica, suas proprias concepções e, até, sua legislação. Com referencia a esta questão, existe uma obra monumental de um eminente economista de origem judaica, Werner Sombart, a quem os sionistas fizeram grande reclame, sob o titulo: "Die Juden und das Wirtschaftsleben" (Os judeus e a vida economica). Em vista d'isto, mencionaremos abaixo apénas os pontos essenciaes e indubitaveis.

No seculo XVIII, o poder do mundo financeiro judaico encontrava ainda dois freios efficazes: o primeiro era o facto que os judeus não possuiam direitos politicos e, em parte, tambem direitos civis e, sómente por meio de baptismo simulado ou de apparente assimilhação, podiam penetrar na vida publica; o segundo freio era a orientação dominante do chamado mercantilismo, baseado

---

(1) HEINRICH KOHN: *Die politische Idee des Judentums*, pagina 51.

no terreno de autosufficiencia economica do estado e reconhecendo ao estado vastos privilegios, quanto á regulamentação da vida economica. D'este modo, até o commercio colonial, tão desenvolvido nos seculos XVIII e XIX, não tinha caracter de commercio internacional e era só uma exploração de terrenos do além mar por companhias mercantis que se achavam sob a protecção de um estado (da Inglaterra, da França, da Hollanda, do Portugal).

A idéa do "direito da natureza" incubada nas lojas maçonicas, portanto de direitos dictados pelo "Grande Architecto" e revelados ao homem "illuminado" pela "razão natural", esta idéa foi que forneceu a autoridade á orientação economica que se desenvolveu no seculo XVIII. A doutrina economica apoiada nas "leis naturaes", encontrava approvação geral e exercia uma influencia decisiva sobre os homens que empunhavam as redeas do governo. Quando os physiocratas proclamavam que só a força creadora da natureza era fonte de novos valores, portanto, em primeiro logar a terra onde as forças da natureza se manifestavam com maior exclusividade e fornecia renda ao homem — tinham atraz de si a autoridade de toda a philosophia contemporanea das lojas maçonicas. Foram feitos esforços para se applicarem, immediatamente, suas doutrinas á vida real e, nos tempos de Luiz XV e Luiz XVI, ministros do thesouro na França, convictos sêr principalmente a agricultura que trazia lucros, descarregaram sobre ella todo o peso dos impostos, arruinando tão bem a nobreza, como os camponezes. Em compensação, a crescente industria fabril e o commercio colonial respiravam livremente e tornaram-se uma fonte de riquezas. Uma parte dos nobres procura participar d'essas emprezas lucrativas, mas não são elles que constituem sua espinha dorçal. Os banqueiros judaicos e os especuladores marranos levam-lhes a deanteira. Segue-se o empobrecimento das aldeias no Occidente da Europa a favor das cidades, para onde se apressa a população rural procurando ganhar a vida e creando os primeiros nucleos de proletariado operario.

Começa a corrida atraz do lucro, a paixão de ganhar riquezas a todo preço, nem que o seja pela exploração dos outros. Os judeus possuindo com relação ao assumpto tradições millenarias e capacidades passadas dos paes aos filhos, são muito interessados em suggerirem aos arios uma corrida d'esta especie. Pois tudo lhes garante que chegarão n'ella os primeiros, especialmente no caso em que possam se apresentar ao certame com direitos eguaes. Foi por isso que, já o liberalismo propagado por Adão Smith, lhes convinha extraordinariamente. Quando o professor inglez de philosophia moral proclamava que a tendencia humana para a conquista de maior quantidade de bens materiaes a custa de menor esforço era, justamente, uma tendencia natural, portanto concorde com a "ethica natual", os judeus, de um golpe só, ganharam duas vantagens: 1.° — em vista da absolvição da corrida atraz do lucro pelas "leis da natureza", podiam organizar livremente a corrida industrial e commercial em que tinham todas as chances de triumphar; 2.° — em vista do reconhecimento da corrida atraz do lucro e, até da exploração, como de uma coisa "natural" que não offendia a "ethica natural", livraram-se da imputação que, a seculos, viviam da exploração da população aria. Exploram — porque podem — deveria dizer d'elles o creador da doutrina liberal; nada, portanto, ha de censuravel no seu procedimento.

Mais uma vantagem inestimavel trazia aos judeus o liberalismo; era a que prohibia ao Estado intervir nos assumptos economicos, em caracter de regulador, porquanto o estado de liberdade era um estado natural; os Estados abriam suas portas ao commercio extrangeiro, á importação e á exportação e, n'essas condições, era o capital movel que decidia sobre o lucro bem como as concepções liberaes de offerta e de procura, assim como de concurrencia livre. Quando a revolução franceza introduzira os judeus na vida publica, elles já puderam tentar uma actividade quasi franca. Assim é que as formulações mais radicaes do liberalismo classico provêm, já directamente,

de um judeu sephardino, David Ricardo, que desempenhou um papel malfadado não só na Inglaterra, como em relação a toda a Europa civilisada.

Immediatamente após as guerras napoleonicas, em 1817, David Ricardo faz a felicidade da Inglaterra, com sua oba intitulada: "Os principios da economia politica" em que leva os principios do liberalismo ao auge e faz d'esta orientação economica isto mesmo de que os judeus necessitavam. Antes de mais nada, elle, banqueiro londrino, interessa-se, vivamente, pelas questões agricolas e emitte no mundo sua theoria de "renda territorial" ou uma theoria concernente aos lucros que se póde auferir da agricultura. A renda territorial (o lucro auferido da cultura da terra) tanto mais augmenta, quanto fôr mais fertil a terra adaptada á cultura. Porquanto, uma vez que um solo mais esteril deve, quanto menos, pagar os custos da producção, as terras ferteis devem, sem embaraço maior, trazer grandes lucros. D'esta theoria nascem duas conclusões: 1.° — uma vez que se verificou serem as terras nos paizes do além mar muito mais ferteis que as na Europa, especialmente as na Inglaterra, logo — em vista da corrida geral atraz do lucro, moralmente absolvida por Smith — para que continuareis a cultivar uma terra ruim na Inglaterra e lucrar pouco, si podeis cultivar as excellentes terras da America e ganhar fortunas? 2.° — si continuareis em proteger a producção local em terras fracas, por meio de direitos prohibitivos para os cereaes importados, conseguireis só a alta nos preços dos mesmos cereaes, portanto o encarecimento geral da existencia; ganhará com isso só o landlor (proprietario de latifundios) e, todos os demais, terão prejuizo.

Ricardo põe-se na primeira fila dos que, na Inglaterra, combatem pela abolição dos direitos de importação sobre os cereaes; principalmente a elle agradece a Inglaterra a sua transformação n'um estado exclusivamente industrial e commercial, condemnado, quanto aos generos alimenticios, a uma enorme importação extrangeira e, portanto, privado de autosufficiencia. Hoje, qualquer

um percebe os effeitos catastrophaes d'esta situação ingleza, entretanto, durante todo o seculo XIX, a Inglaterra servia de exemplo vivo de prosperidade economica, constituindo para os judeus uma illustração mais conveniente da exactidão de sua theoria que a prosperidade economica geral póde ser garantida sómente no quadro de uma economia unica abrangendo todo o mundo.

Ricardo, com as suas theorias, abriu as portas aos judeus para a dominação economica do mundo, por meio do capital e da lei judaica. E mais ainda; sua theoria de salarios devidos á mão de obra, tornou-se a justificação scientifica da exploração mais radical do operariado. Segundo Ricardo, a altura do salario nada tem de commum com o valor do trabalho. O salario natural pelo labor humano não deve ultrapassar o indispensavel para a conservação da classe operaria com vida e para permittir-lhe a multiplicação necessaria, afim que o numero de operarios não diminúa... Afóra isso, ao redor d'essa directriz essencial, os salarios oscillam um pouco, conforme á offerta e á procura da mão de obra sendo que, antes, têm uma tendencia para baixa. A diminuição dos salarios, segundo Ricardo, eis o verdadeiro lucro liquido do capitalista. Logo que a procura do lucro é uma tendencia natural, a baixa dos salarios é, indubitavelmente, tambem um proposito natural. Os capitalistas cuja maioria são judeus, têm, pois, um bello campo de acção.

O liberalismo collocou a pedra fundamental da situação que costumamos chamar de organização capitalista moderna. Esta facilitou aos judeus a dominação dos centros da vida economica no mundo inteiro e, a mais, teve o effeito de poderem impôr suas proprias leis á Europa e á America. Não é que o systema da economia mundial tal qual o propagava o liberalismo, não foi nenhuma novidade para os judeus? Exerciam-no, a seculos, com vantagem e diligenciavam para desviar, com astucia, os limites interestadoaes. A muito tempo, elaboraram entre si instituições de direito facilitando-lhes o intercambio e, em parte, já nos seculos XVII e XVIII, conseguiram obtêr,

para algumas das suas instituições, o reconhecimento official pelas autoridades estadoaes. No seculo XIX, o liberalismo fez com que essas instituições judaicas se tornassem lei obrigatoria geral e dominassem o mundo ario.

O ataque liberal-judaico foi dirigido contra dois fundamentos do direito romano: contra a instituição de compromisso interpretada á moda romana e contra o direito de propriedade territorial.

O compromisso, no direito romano, tem o caracter de um acto firmado entre duas pessoas distinctas, de um modo, mais ou menos, solemne. Por sua propria natureza, o compromisso, segundo o direito romano, é acompanhado de certo conjuncto de formalidades, incommodativas para os commerciantes internacionaes. O compromisso basêa-se na confiança que tem um individuo no outro, ao passo que os judeus não podiam sêr, facilmente, considerados, com relação aos não judeus, pessoas merecedoras de confiança especial. Assim foi que, desde muito tempo, o commercio judaico elaborou, para si, principios de compromisso completamente contrarios ao principio do compromisso romano. Crearam instituições novas em que o commerciante e o banqueiro judaicos podiam sentir-se á vontade: a lettra endossada, a nota bancaria, a obrigação, a acção. O caracteristico commum d'estes papeis, era a abstracção do direito emanado do compromisso, da pessôa que participou, como parte, na sua firmação e a concentração d'este direito no possuidor do papel ou, simplesmente, no portador do mesmo. A lettra de cambio e o endosso nascem no seculo XVI, entre judeus em Veneza (2). As acções (então ainda nominaes) apparecem, no seculo XVII, entre os judeus hollandezes. A nota bancaria, como papel emittido por um banco, vê a luz em Veneza, no seculo XV (3). Papeis ao porta-

(2) Vide WERNER SOMBART: *Die Juden und das Wirtschaftsleben*, pag. 66.

(3) Vide WERNER SOMBART: loc. cit., pag. 70.

dor appareceram, ao que parece, ainda nos tempos romanos, entre os judeus alexandrinos. A favor de sua genese judaica dizem as razões mencionadas por Sombart, a saber: "o interesse que, em alto grau, tinham os judeus e, sob certos pontos de vista elles unicamente, em introduzirem uma forma juridica de papeis ao portador" (4).

"Elles tinham, pois, o interesse de occultarem o verdadeiro possuidor. Os judeus alexandrinos, ao despachar, por mar, remessas de mercadorias, preferiam subpôr proprietarios ficticios que não eram judeus. Depois, na edade media, quando na Europa Occidental os judeus eram sujeitos ao confisco dos bens, os papeis ao portador facilitavam o desapparecimento da fortuna, até que passasse, n'uma dada região, a onda perseguidora do judaismo" (5).

D'este modo, pois, surgiram instituições que forneciam a possibilidade de alhear a legalidade da pessôa que firmava o compromisso. O compromettente atirava com o seu compromisso, por assim dizer, no ar e não podia saber, quem será que d'elle exigiria o cumprimento do mesmo. Isso correspondia ao espirito dos preceitos judaicos.

"O direito judaico não possúe palavra para a definição de "compromisso"; conhece só a palavra "divida" (chow) e "exigencia" (thwia). A exigencia e a divida são, no direito judaico, objectos independentes. A pessôa em relação á qual existe um compromisso, ou o direito de uma exigencia, não é obrigada a sêr definida" (6).

Para o commercio d'esses papeis representando compromissos de pessoas physicas ou juridicas, postos no mercado, os judeus instituiram a bolsa. Graças a esta, a occultação da pessôa juridica tornou-se ainda mais facil.

---

(4) WERNER SOMBART: loc. cit., pag. 85.

(5) WERNER SOMBART: loc. cit., pag. 86.

(6) WERNER SOMBART: loc. cit., pags. 89 e 90.

Hoje, os financeiros mundiaes, mercê ao direito judaico e á bolsa, tornaram-se um poder occulto e, o que é mais importante, occulto legalmente. No seculo XIX, o direito cambial, as leis sobre as acções, sobre a bolsa etc., tornaram-se um direito universalmente obrigatorio na Europa, na America e nas colonias. O capital esconde-se por traz de uma cortina de papeis. A lucta contra o direito romano vae tão longe, que surge um principio juridico, devéras extraordinario: eis que, em questões commerciaes, decide, em primeiro logar, um codigo commercial especial; depois, caso faltarem prescripções de direito commercial em dada questão, decide o uso commercial e, emfim — o que nunca acontece — caso faltarem em dada questão tanto prescripções de direito commercial, como as do uso commercial, só então, é licito ao juiz consultar o codigo de direito civil baseado no direito romano. Portanto, tambem aqui, Roma foi desprezada.

O mundo foi dominado pelos preceitos commerciaes judaicos e por instituições oriundas do espirito judaico. Graças aos judeus o dinheiro modificou a sua significação e a sua essencia: antes, era só um meio facilitando o intercambio de mercadorias; no seculo XIX, torna-se um instrumento com que se póde conseguir tudo. A conquista d'este instrumento maravilhoso torna-se o escopo da vida de individuos e de sociedades inteiras. Enrichissez-vous! Juntae o ouro! O ouro torna-se não só um instrumento maravilhoso, mas, até, um fim em si proprio.

"Quando se trata de grupos sociaes, a orientação ethica desce para o segundo plano, em vista do motor principal de toda actividade economica que é a procura do lucro" (7).

Os financeiros judaicos, actuando de socapa, caminhavam, até a grande guerra, a passadas largas prepa-

---

(7) GEORGES GLIKSMAN: *L'aspect de la question juive en Pologne*, pag. 142.

rando a conquista do mundo. Escravisaram os estados incitando-os a orçamentos imprudentes, provocando guerras, especialmente coloniaes, o que, em resultado, obrigava os thesouros publicos salvarem-se por meio de emprestimos organizados por grandes bancos judaicos. As populações foram oneradas de impostos insustentaveis e improductivos, em forma de percentagem d'esses emprestimos estadoaes.

O pequeno capitalista ario era espoliado das suas economias pelas bolsas que enchiam as burras dos especuladores judaicos. Colossaes sociedades accionistas, syndicatos e trust's monopolisavam a producção obrigando o consumidor á compra da mercadoria, ao preço imposto pela industria e pelo commercio. Devido á producção selvagem que não produzia aquillo de que o consumidor precisava, mas o que era vendavel, devido á concurrencia anarchica, rebentavam seguidamente crises industriaes que, por sua vez, serviam de abundante pesca aos especuladores. O dinheiro affluia aos bolsos d'aquelles que crearam as formas juridicas e organizadoras da vida economica e se acostumaram ás mesmas, a seculos. A exploração de individuos arios por individuos judaicos foi substituida, no seculo XIX, por uma exploração collectiva, legalmente organizada, do mundo ario pelos financeiros judaicos que conseguem a posição dirigente na vida de Israel. No seculo XIX, a dirigencia politica do judaismo passa ás mãos dos financeiros, até que o movimento sionista lhe arranca esse poder a favor dos judeus orientaes.

As finanças escravisam a ethica, a politica, até a sciencia.

"O commercio desenvolve as disposições intellectuaes, necessarias para o trabalho scientifico, porém não sua adaptação scientifica. Pelo contrario, em toda parte onde elle consegue obtêr prestigio sobre a sciencia, actua só no sentido de falsificação dos seus resultados" (8).

---

(8) KARL KAUTSKY: *Ursprung des Christentums*, pag. 207.

A par do desenvolvimento da liberdade do commercio ou, para dizer melhor, da dictadura anonyma dos financeiros mundiaes, é movido o ataque contra o direito de propriedade territorial, este segundo fundamento do direito romano. E', no começo, um ataque economico tendo por fim a ruina da agricultura baseada na producção individual, na grande propriedade e, depois, na pequena propriedade rural, a favor da producção agricola do além mar de caracter especulativo. Depois, o ataque ingressa na esphera juridica e tende, primeiro, á restricção do direito de propriedade territorial e, finalmente, á expropriação (exemplo: a Russia).

O direito de propriedade territorial é contrario ao direito judaico.

"Quando o povo israelita era um povo santo, a terra constituia propriedade de Jehovah. "A terra e os terrenos não podem sêr vendidos definitivamente, porquanto o paiz é meu" — diz o livro de Moysés 25-23. "A terra é um bem natural doado do alto, é propriedade de Deus, portanto commum a todos. Nenhum individuo póde possuil-a legalmente, como propriedade; é licito possuil-a unicamente, em caracter de feudo concedido a um individuo pela collectividade" (9).

O direito romano de propriedade territorial despertava, a seculos, odio entre os judeus; sentiam sempre que não conseguiriam apoderar-se da terra e que esta constituia um factor em que se podia apoiar a independencia economica dos povos arios. A propriedade territorial não póde sêr occulta, não póde sêr escondida, como uma acção ou uma lettra de cambio. Ao combater o ensino de latim nas escolas polonezas, o sionista Max Brod assim se exteriorisa sobre o direito romano de propriedade territorial:

---

(9) HEINRICH KOHN: *Die politische Idee des Judentums*, pagina 51.

"Os romanos, a nação mais hedionda que, em tempo algum, pizara a terra, a nação de cujo direito a Europa ainda hoje padece, cujas instituições de propriedade particular se tornaram a nossa desgraça — para que esses guerreiros brutaes e oppressores nas nossas escolas ?" (10).

Devido ao desenvolvimento das condições industriaes e economicas no seculo XIX, ganhou pé entre os judeus a convicção que a pequena propriedade rural, a propriedade camponeza, era uma antiqualha medieval e que o progresso economico natural devia aniquilal-a. Esta theoria proclamavam-na os socialistas baseando-se no principio marxista de concentração dos capitaes; a esta idéa illusoria, porém, apegou-se todo o judaismo, tanto que o creador do sionismo, Theodoro Herzl, no seu "Estado judaico", escreve no anno de 1895:

"A questão agraria é, tambem, uma questão de machinas. A America ha de vencer a Europa da mesma maneira que a grande propriedade aniquilará a pequena. O camponez é, pois, uma figura condemnada á extincção. Si ainda se conserva ao camponez artificialmente, isto acontece mercê a interesses politicos que o mesmo deve servir" (11).

A organização capitalista moderna creada pelos judeus devia, pois, tambem no terreno de propriedade territorial, levar ao triumpho do direito judaico. D'ahi, o enthusiasmo dos judeus para todos os projectos de reforma agraria tendo por fim a creação de pequena propriedade camponeza, condemnada — na opinião d'elles — ao aniquilamento. D'este modo, a reforma agraria, na concepção judaica, não passa de uma phase intermediaria para a communisção da terra, de accordo com os preceitos do judaismo.

---

(10) MAX BROD: *O Talmud perante os judeus e não judeus*, "Nasz Przeglad", de 1928, Varsovia, pag. 114.

(11) THEODOR HERZL: *Der Judenstaat*, pag. 28.

A imposição ao mundo ario da organização economica judaica deu ao judaismo desenfreado um poder enorme. Desappareceram todos os inconvenientes da diaspora e permaneceram só as vantagens. D'esta vez, o agrupamento de grandes massas judaicas n'um territorio qualquer, parecia não apresentar mais difficuldades economicas; podiam, pois, os habitantes judaicos de um paiz qualquer traficar com todo o mundo e explorar o mundo inteiro. Não eram mais condemnados a chuparem a seiva vital da população local exclusivamente.

"Na época pre-capitalista, quando o judeu, como mercador e artifice, exercia quasi exclusivamente a funcção do gyro pecuniario e permutador, havia de existir certa proporção fixa entre o numero de judeus e de não judeus n'um terreno commercial estrictamente determinado, proporção esta delimitada pela força adquisitiva do estreito mercado local" (12).

O capitalismo moderno afastou este inconveniente e offereceu ao judaismo tres vantagens essenciaes: 1.º — permittiu-lhe a occultação do verdadeiro dono que era o capital internacional judaico atraz de uma cortina de papeis e da bolsa, tornando-o inalcançavel; 2.º — permittiu-lhe a imposição aos não judeus das suas proprias leis e a dominação economica sobre elles; 3.º — permittiu-lhe mover uma acção livre, portanto planejada, com relação ao agrupamento e á dispersão das massas judaicas.

O fundador do sionismo, Theodoro Herzl, comprehendia perfeitamente estas vantagens quando consolava seu povo e aconselhava os financeiros judaicos a apoiarem o sionismo; considerava que os ricaços judaicos não tinham mais razões de medo e que podiam, ousadamente, tirar a mascara de assimilhação.

"A equiparação legal dos judeus, onde só existir, não poderá sêr mais abolida. Não só porque isso seria con-

---

(12) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus*, pag. 136.

trario á concepção moderna, como tambem porque uma similhante medida empurraria, immediatamente, todos os judeus, pobres e ricos, para o seio dos partidos subversivos. A dizer verdade, nada se póde emprehender de efficaz contra nós. De que modo poder-se-a hoje alcançar uma fortuna movel? Ella descansa em pedaços de papel impresso que, por sua vez, estão fechados, algures no mundo, talvez em burras christãs" (13).

A guerra mundial provocada por interesses do capital, parecia garantir aos financeiros mundiaes judaicos uma dictadura absoluta. Começaram, pois, a propagar duas divisas para se fortificarem nas posições conquistadas.

Em primeiro logar, a Paneuropa, os Estados Unidos da Europa, com o fim de despojar os estados e os governos dos restos de independencia politica e economica. Com o auxilio da maçonaria mundial e da Liga das Nações, propuzeram-se conseguir este fim. Nos Estados Unidos da Europa, o governo verdadeiro representando o poder real, cahiria nas mãos dos que, actualmente, chefiam a Liga das Nações.

O judaismo encontrou homens serviçaes, prestes a lhe facilitarem o alcance do poder semiofficial sobre as nações européas. E depois — basta de guerras ! o desarmamento moral, o pacifismo universal ! Pois os fins da guerra já foram alcançados. Abaixo todo nacionalismo, porquanto chegou a época do pacifismo e da Paneuropa. E' necessario subordinar tudo aos interesses do commercio mundial.

O conhecido propagandista da Paneuropa, o conde Coudenhove Kalergi (filho de uma judia e casado com outra judia), escreve sem ambages:

"O mundo chegou ao ponto em que não poderá arranjar-se mais por meio do nacionalismo. Necessita de intermediarios e de annunciadores da paz. N'este terreno que

---

(13) THEODOR HERZL: *Der Judenstaat*, pag. 29.

está a grande missão do judaismo. Estando enraizado em todas as culturas nacionaes. o judaismo póde presidir na creação de uma nova consciencia do mundo".

E, um pouco acima:

"A Jewish Agency (Agencia Judaica) é uma primeira experiencia de representação official do judaismo mundial. Esta organização poderá, algum dia, alcançar um prestigio politico egual ao do Vaticano" (14).

Portanto, uma nova consciencia e um novo Vaticano e, tudo isso, graças ao pacifismo cujos apostolos são os judeus! Com effeito, os judeus não poupam nem a voz nem os meios para a propaganda do pacfiismo. Elles proprios têm repugnancia ás armas e a um encontro corpo a corpo, portanto seria facil crêr que são pacifistas sinceros e não sómente em defeza do interesse commercial e politico. E, comtudo... os tumultos na Palestina nos descobriram uma parte da mascara e, os tumultos antijudaicos em quasi todos os paizes do mundo, descobriram o resto. Os chefes do sionismo iniciaram uma organização de união de força physica judaica, "Brith-Trumpeldor". Entre os judeus, proclama-se, hoje, a divisa de educação physica e sportiva a que os chefes do sionismo não poupam estimulos. O rabbino e deputado á dieta poloneza, o Dr. Ozias Thon, publica um artigo sobre a situação na Palestina, intitulado "As baionetas inglezas":

"Assim é: com o auxilio das baionetas extranhas, por algum — oxalá que seja curto — tempo, ás nossas proprias baionetas e, graças ás proprias baionetas, até a libertação das baionetas. Este é o nosso caminho" (15).

Portanto, em primeiro logar, o armamento de Israel na Palestina e, só depois, o desarmamento geral e o pacifismo. A's demais nações, isso não é licito.

---

(14) Conde COUDENHOVE KALERGI: *Antisemitismus nach dem Weltkrieg*, pag. 41.

(15) Do jornal *Haint*, de 22-XI-1929, n. 266.

Todavia, o fim pacifista sempre foi salvo, embóra precedido de baionetas proprias. Em compensação, até este fim desapparece no discurso de Jabotinsky, especie de Machabeu contemporaneo, pronunciado a 1.º de Janeiro de 1929, em Varsovia, por occasião do congresso universal da já mencionada organização "Brith-Trumpeldor".

"E' necessario educar a mocidade judaica militarmente. Deve-se ensinar-lhe o aproveitamento da força physica humana que é indispensavel para rechaçar a aggressão. E' preciso ensinar á mocidade de ficar em pé e caminhar, conforme ás prescripções militares" (16).

Tal é o caminho, desde o commercio mundial, atravez a Paneuropa, a Liga das Nações, o pacifismo, a nova consciencia e o novo Vaticano, até a educação militar e as prescripções militares. O que é mais interessante, é que tudo isso é obrigatorio ao mesmo tempo, apénas que umas coisas servem para a exportação e, as outras, para a propria casa.

(16) Veja o jornal *Haint*, de Varsovia, de 2-I-1929, n. 2.

XXXIV

OS FINS DO SOCIALISMO

As bases do socialismo e as do communismo já estavam postas na philosophia das lojas maçonicas do seculo XVIII. Apparentemente, o communismo de haveres era a realisação mais perfeita do postulado de egualdade. Comtudo, na pratica, a camada burgueza que ia na vanguarda da revolução franceza, tinha muito a perder para que se deixasse levar ao communismo, de olhos vendados. Os esforços communistas de Baboeuf foram abafados na época do terror.

Finda a revolução, foi a camada burgueza que obteve uma voz decisiva na vida publica. Considerava-se herdeira dos principios da grande revolução e, orgulhosa com a sua genealogia, vigiava bem os seus direitos conquistados. O desenvolvimento da industria na primeira metade do seculo XIX, proporcionou-lhe grandes fortunas e, comquanto essa camada continuasse a cultivar a tradição revolucionaria e estivesse de sentinella deante o edificio da democracia, assim mesmo, deixou de sêr uma camada revolucionaria por indole. Foi do seu seio que emergia uma nova camada devendo sêr, durante todo o seculo XIX, um factor decisivo na vida dos povos — a camada da intelligencia.

Na burguezia, não era possivel basear-se planos destructivos que fossem além das divisas proclamadas pela

revolução franceza. Ella se sentia demasiadamente á vontade entre essas divisas que lhe garantiam a primazia na sociedade. Quem desejava ir além do que o foi a revolução burgueza, quem queria realizar as divisas de Baboeuf, tinha de procurar outra força qualquer. Esse factor que estava indicado pelo desenvolvimento economico e politico, era o operariado fabril.

Conforme já foi dito acima, o liberalismo concedia pleno absolvimento á exploração do operario pelo fabricante; até, fez d'esta exploração um principio, a lei da natureza. Assim aconteceu que a industrialisação crescente e o augmento continuo das cidades agglomeravam massas, cada vez maiores, de descontentes. O proletariado urbano podia facilmente tornar-se uma força que, por sua vez, podia sêr jogada na balança da revolução contra a burguezia que vivia apénas com tradições revolucionarias. A maçonaria, d'essa vez, devia desempenhar um papel modesto de factor paralysando um rechaço eventual da burguezia, ao passo que o papel de ariete bellico era confiado a uma união secreta, fundada nas costas das lojas maçonicas legaes, á união dos carbonarios cuja chefia assumiu Felippe Buonarotti, antigo companheiro de Baboeuf.

Buonarotti, ao crear a ideologia da carbonaria, referia-se directamente ao communismo de Baboeuf baseado na philosophia das lojas maçonicas do seculo XVIII. Justificava seus postulados communistas com a idéa do contracto social de Rousseau, portanto com os principios da lei natural.

"Conforme ao principio da lei natural que faz depender a producção do trabalho, este, é logico, torna-se para cada cidadão uma condição real do contracto social; uma vez que cada individuo entrando na collectividade concorre com entrada egual, isto é, com a totalidade de suas forças e de seus meios, d'ahi se conclue que os onus, os resultados da producção e as vantagens devem sêr repartidos equitativamente. A verdade é que o fim da collectividade é de evitar os effeitos de uma desigualdade na-

tural; nem que fosse verdade que a inequalidade de gozo apressara o progresso dos artificios, de facto uteis, assim mesmo deve acabar-se, visto que o crescente progresso com nada concorreria para o bem real da collectividade, ao passo que a egualdade — que foi insufflada aos fundadores das sociedades pela razão sadia — nos recommenda, com maior eloquencia ainda, o augmento do nosso saber e a experiencia quotidiana dos maus effeitos decorrentes da desigualdade. A communhão dos bens e do labor o que é identico com a distribuição equitativa de onus e de vantagens, é, portanto, o proprio objecto do estado social e a sua melhoria, a unica ordem social capaz de eliminar a oppressão, visto que torna impossiveis as destruições causadas pela ambição e a concupiscencia e garante a todos os cidadãos o maior bemestar possivel" (1).

Comtudo, na pratica, apezar d'essas theorias, a carbonaria não conseguiu ultrapassar os limites da revolução burgueza de 1848 e progredir além da conquista de plenos direitos politicos em toda a Europa (com excepção da Russia e da Turquia). Todavia, nas fileiras d'essa organização puderam instruir-se os theoreticos do socialismo, de modo que o manifesto communista de Marx e Engels do anno de 1848, já encontrou um terreno appropriado entre uma parte da intelligencia.

Marx aproveitou as extremas formulações do liberalismo redigidas por David Ricardo. Foi d'ellas que hauriu sua doutrina sobre a lucta das classes pela existencia e pelo bemestar. Os principios do liberalismo facilitaram-lhe a concepção materialista da historia, como uma série de conflictos, de caracter puramente economico, entre classes sociaes. O augmento das grandes fortunas justificava suas theses sobre a concentração dos capitaes. Para conseguir um colorido scientifico, recorreu a Kant e a seus epigonos, especialmente a Hegel e, a exemplo d'estes,

(1) PHILIPPE BUONAROTTI: *Conspiration pour l'égalité de Baboeuf*, vol. I, pag. 86.

revestiu suas affirmações de paramentos feitos de axiomas aprioricos, de antemão estabelecidos, e transformou-as em necessidades historicas. Assim foi que appareceu o caracter dogmatico, doutrinario das theorias socialistas.

Marx, o pae do socialismo e do bolchevismo, foi, naturalmente, judeu que nem procurava occultar o seu odio contra a sociedade em que vivia. O seu pae tinha se baptisado simuladamente, junto com o filho, então menor. O creador do socialismo sabia bem, onde devia desfechar o golpe, onde acharia o ponto fraco da organização burgueza apoiada no liberalismo. O manifesto communista de 1848 proclamava:

"O desenvolvimento da industria cuja alavanca inconsciente e impreterivel é a propria burguezia, forma da classe operaria desmembrada pela concurrencia, fileiras cerradas da revolução".

Foi a essas camadas que o manifesto de Marx lançava sonoras divisas destruidoras affirmando que os proletarios nada tinham a perder, fóra as algemas; que o proletario não tinha patria; foi a elles que invocava com o grito ao qual deve a sua origem a internacional e que, até hoje, se encontra nos cabeçaes das publicações socialistas: proletarios de todos os paizes, uni-vos.

Marx contava com o facto que a continuação do regime de liberalismo absolvendo a exploração do operariado, acabaria com a revolução proletaria. Porquanto a liberdade do commercio "aguça as contrariedades entre o proletariado e a burguezia. Em uma palavra, o systema da liberdade commercial apressa a revolução" (2).

A opinião de Marx, pois, foi que a theoria de David Ricardo apressava a revolução; é uma confissão preciosa, tanto mais que assim se exteriorisa sobre um judeu burguez — um judeu revolucionario.

No centenario do nascimento de Carlos Marx, no

---

(2) KARL MARX: *Das Elend der Philosophie*, pag. 188.

orgão sionista "Razswiet" (Aurora) publicado em Berlim, em lingua russa, certo Idelson forneceu uma interessante caracteristica do fundador do socialismo:

"No proprio fim do seculo decorrido, manifestou-se entre o judaismo da Allemanha uma cathegoria de judeus que eram um typo intermediario entre o judaismo antigo e a nova civilisação européa. Esse novo centro judaico não é capaz de diffundir-se no novo ambiente. Não são nem judeus, nem europeus. Essa cathegoria de homens como si fosse creada especialmente para servir de vanguarda a toda especie de provas e experiencias. Do antigo judaismo, essa cathegoria de judeus conservou apénas a falta de consciencia da realidade... Para um judeu, tudo é uma formula abstracta e d'ahi provem sua plena convicção na justeza de sua orientação, d'ahi provem a ausencia de duvidas e de quaesquer hesitações, a falta de pesquizas, geralmente proprias aos homens que investigam a vida e haurem das manifestações variadas da mesma, as suas tendencias creadoras. Além d'isso, entre os judeus que se encontraram n'essa vida nova, existe mais uma particularidade: é que são isentos de tradição, em contrario ao ambiente que não é capaz de livrar-se d'ellas... Quando um judeu extermina a nobreza ou a burguezia, não tem dó d'essa belleza de vida e de cultura superior a que serviam de expressão essas camadas sociaes. No judeu, permaneceu do passado sómente o odio contra o estado de coisas existente e que sempre, para elle, era hediondo. Tudo isso junto, forma dos judeus um typo eminentemente revolucionario ou, para exprimir-se com maior exactidão, um typo antes destructivo que constructivo, visto que a constructura não póde effectuar-se por meio de padrões e na base de formulas elaboradas. Em todas as revoluções, começando pelo seculo passado e acabando na actual, russa, este typo judaico coopera, desempenha n'ellas um papel de destaque, constitúe, frequentemente, a alma do movimento, conforme á resistencia e ao adeantamento das massas entre as quaes actua...

A essa cathegoria de typos pertencia, tambem, Karl Marx" (3).

Para seus auxiliares, Marx escolheu judeus ou não judeus especialmente escolhidos, como Engels. Era, naturalmente, muito cauteloso na escolha dos intellectuaes.

"Quanto aos intellectuaes que entraram no campo do proletariado combatente, applicava uma escala muito exigente. Só os melhores entre elles considerava convenientes" (4).

Pois não foi que o socialismo devia, ao vêr d'elle, resolver definitivamente a questão judaica? A dictadura do proletariado ia tornar-se a salvação para o judaismo.

"Para as vastas rodas judaicas que tinham orientação socialista, a questão judaica estava, de uma vez, resolvida. Segundo a theoria de Marx, devia, conjunctamente com o inevitavel desmoronamento da ordem social existente, chegar o dia de liberdade para todos os homens. N'esse dia, seria resolvida, tambem, a questão judaica, por si propria, simplesmente, de um modo mechanico, entre as demais" (5).

Um dos propositos de Marx era, pois, a solução da questão judaica. De certo, promettia-lhes mais do que possuiam, visto que os judeus já gozavam, quasi em toda parte, de plena equiparação civil e politica. Fosse como fosse, os judeus affluiam com muita vontade para a internacional nascente, em caracter de dirigentes e de theoricos do movimento.

Tambem judeu, aliás ardente, era o segundo commandante do socialismo, Ferdinando Lassale, que escrevia no seu diario:

---

(3) Do jornal *Razswiet*, anno de 1923, n. 49.

(4) KARL KAUTSKY: *A revolução proletaria*, pag. 35.

(5) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus, sein Wesen und seine Organisation*, pag. 31.

"Exporia a vida, como aquelle judeu em "Leila" de Bulwer, si pudesse arrancar os judeus da sua posição actual, cheia de oppressão. Não teria medo do cadafalso, si pudesse tornal-os, novamente, um povo estimado. Oh, quando observo meus sonhos infantis, a minha idéa predilecta era, então, sempre, collocar-me á frente dos judeus e, com arma na mão, restituir-lhes a independencia" (6).

Judeus eram taes dirigentes do socialismo como Bebel, como o já muitas vezes citado Carlos Kautsky, um dos organizadores do programma de Erfurto da democracia social allemã.

"Não é nenhuma obra de acaso que os creadores do movimento doutrinario do socialismo: Marx, Lassale, Bernstein, etc., eram judeus, como tambem é certo que os judeus estavam na primeira fila entre os propagandistas dos ideaes da internacional" (7).

O socialismo não occultava, desde o começo, a sua orientação com referencia ás tendencia judaicas. Em 1862, o socialista Moysés Ress (naturalmente, judeu), amigo de Marx e de Lassale, publica uma obra: "Roma e Jerusalem", proclamando que só o judaismo guarda a verdade eterna bem como os livros que propagam o messianismo de Israel (8).

Ninguem achará isso extranho, visto que "na idéa messianica do judaismo, encontra-se um modelo tão perfeito do socialismo, como em nenhuma outra parte" (9).

Foi esta idéa messianica de Israel que, n'uma refracção socialista, ia levar as massas operarias ao combate

---

(6) Cit. de EMIL KLOTH: *Socialdemokratie un Judentum*, pagina 17.

(7) Dr. ZEWI PARNASS: *A questão judaica á luz da sciencia*, pag. 57.

(8) Vide Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 22.

(9) ARNOLD ZWEIG: *Die Demokratie und die Seele des Juden*, publicado no *Vom Judentum*, pag. 213.

contra a organisação capitalista, tambem creada pelos judeus. Todavia, não é preciso tomar isso ao pé da lettra: pois Marx proclamava que a dictadura do proletariado tem de ser precedida pela concentração dos capitaes. Considerava essa concentração como effeito natural da evolução historica cujo resultado, apenas, seria a revolução proletaria. Portanto, uma vez que todo bom marxista devia anhelar que esse momento, conveniente á revolução, chegasse o mais breve possivel, tinha, tambem, de considerar como vantajoso tudo aquillo que podia accelerar a concentração dos capitaes. Foi devido a essa logica que o socialismo atacou, com toda a força, as emprezas menores, ao passo que o estabelecimento de emprezas poderosas considerava como sendo facto desejavel e não lhe oppunha empecilhos. O programma de Erfurto da democracia social allemã proclamava que "o desenvolvimento economico da collectividade burgueza conduz, forçosamente, á ruina das emprezas meudas".

As formulações demasiadamente doutrinarias de Marx, obrigaram o socialismo a certa revisão das opiniões do chefe. Appareceu o chamado revisionismo no movimento socialista que seguiu varias direcções. Comtudo, as directrizes essenciaes do autor do "Capital", permaneceram intactas, até esta data. Tambem, hoje ainda, o socialismo combate, em primeiro logar, o pequeno empreiteiro, o proprietario de officina mediana, o fabricante meudo, para apressar a sua ruina a favor de grandes estabelecimentos do capital concentrado. Esse pequeno empreteiro, bem conhecido do operario, é alvo de projectis socialistas, elle que é o perigoso explorador do operariado, ao passo que o grande capital internacional, invasor anonymo, occulto por uma cortina de trust's, syndicatos e companhias accionistas, está sendo poupado, porquanto sua existencia e desenvolvimento apressam a revolução proletaria; logo — "quanto peior, tanto melhor". O operario, apparentemente protegido contra a exploração da parte do capitalista meudo, deve sêr — de accordo com a theoria de Marx — entregue ao esfolamento por pro-

prietarios desconhecidos de papeis, ao passo que seu trabalho é destinado a constituir um objecto de especulações da bolsa. Será que o facto de se encontrar esse capital anonymo concentrado nas mãos de bolsistas e banqueiros, não influira na doutrina do pae do socialismo? Não guiou o mesmo facto aquelles que, tambem, depois, vaticinavam a ruina aos pequenos estabelecimentos de trabalho que se encontravam nas mãos da burguezia?

"O socialismo contemporaneo não propende, exclusivamente, á justiça, isto é, á egualdade, como tambem ao levantamento da cultura da sociedade. O desenvolvimento da cultura é, entretanto, impossivel sem a existencia de grandes estabelecimentos de trabalho" (10).

Até depois do successo da revolução proletaria, não se deve tocar no capital movel nos bancos.

"Si toda a economia capitalista não deve sêr confiscada e encampada pelo Estado, de um golpe só, si devem continuar sua existencia, nem que seja em parte, as emprezas, não é licito despojal-as d'essa parte de meios que lhes são indispensaveis para continuarem seu funccionamento e que depositaram nos bancos. Assim é que quem reflectiu bem sobre esta questão, não exige mais a socialisação dos capitaes depositados nos bancos. E' necessario exigir só a officialisação do apparelho bancario" (11).

Nós, tambem reflectimos sobre esta questão e chegamos á conclusão que, com uma revolução d'essa qualidade, poupando os grandes estabelecimentos de trabalho e os capitaes accumulados nos bancos, podem concordar, calmamente, os grandes financeiros judaicos.

O mesmo que dissemos sobre a attitude do socialismo, quanto ás emprezas industriaes, devemos dizer sobre a sua attitude para com a propriedade territorial. No co-

---

(10) KARL KAUTSKY: *A revolução proletaria*, pag. 20.

(11) KARL KAUTSKY: *A revolução proletaria*, pag. 223.

meço, o socialismo tratava com má vontade os camponezes e predizia-lhes a perdição.

"O nosso camponez meudo, como toda sobrevivencia do systema de producção passado, está implacavelmente condemnado ao desapparecimento" — escrevia Engels (12).

A classe dos camponezes era, comtudo, em alguns paizes demasiadamente poderosa para que o socialismo ousasse continuar de hostilisal-a francamente. Foi resolvido tonteal-a com maximas demagogicas, mórmente que as prophecias macabricas sobre sua perdição não queriam realisar-se. O socialismo, ainda antes da guerra, lançou na Russia a divisa de reforma agraria concebida como abolição da grande propriedade a favor da pequena. Esta divisa, tão contraria á theoria de Marx sobre a concentração de capitaes, era pura demagogia. Depois da guerra, o socialismo apoiava em diversos estados a divisa de reforma agraria sem indemnisação, portanto de uma revolução agraria. E' logico que o socialismo considera a reforma agraria como etapa transitoria á encampação de todas as terras pelo estado.

"A reforma agraria reune a socialisação com a conservação parcial da liberdade individual e da concurrencia livre" (13).

O postulado aberto do socialismo judaico é "a socialisação da terra, porém a propriedade particular de fabricas, casas, etc." (14).

Portanto, nas casas judaicas urbanas e na propriedade fabril do capital internacional, em sua maioria judaico, não se deve tocar.

Em compensação, não se deve tolerar a propriedade territorial, visto que os judeus não têm gosto pela la-

---

(12) Cit. de KAUTSKY: *A revolução proletaria*, pag. 22.

(13) MAX BROD: *Socialismus und Zionismus*, pag. 16.

(14) MAX BROD: *Socialismus und Zionismus*, pag. 16.

voura e a propriedade territorial é uma instituição romana, contraria á lei de Moysés. Uma verdadeira reforma agraria tem de harmonisar as condições agrarias com os preceitos do judaismo.

"A reforma agraria diligencia para eliminar a terra (eventualmente sob a forma de arrendamento perpetuo) do intercambio de mercadorias, afim de que possa tornar-se, de accordo com o modelo de Moysés, objecto de direito publico (propriedade publica — n. do aut.)" (15).

O seu poderoso desenvolvimento na segunda metade do seculo XIX, o socialismo deve-o á pressão que fez sobre a propaganda e ás organizações secretas. Em grau mais alto ainda que, antes, o fizeram as lojas maçonicas, adoptou as maximas: "o fim sanctifica os meios" e "o bem da organização é o maximo bem". Com todo o impeto atacou a familia, pois que via n'ella a base da ordem social e da religião.

Durante as phases de sua evolução, o socialismo tentou uma vez, em occasião propicia, realisar a idéa de Marx nas loucuras de alguns mezes da Communa de Paris, em 1871, após a derrota e a desthronisação de Napoleão III.

Ainda ante a queda de Napoleão III, as lojas maçonicas, egualmente como, depois, em 1917 na Russia, viviam na convicção que só a proclamação da republica não será sufficiente e que, por baixo da terra, preparava-se uma revolução.

"A democracia franceza fazendo a diagnoze revolucionaria, facilitou, e o **ipso**, ás sociedades secretas o apressamento da explosão" (16).

Realmente, depois da desthronisação de Napoleão III e a proclamação do governo democratico nacional, Paris amotina-se contra o governo. A internacional pega no leme

---

(15) MAX BROD: *Socialismus und Zionismus*, pag. 18.

(16) STANISLAU MENDELSSOHN: *A historia do movimento communista*, pag. 26.

e apoia-se na guarda nacional. O conflicto com o governo, devido á exigencia dos canhões, pertencentes á guarda, leva á occupação de Paris pelos conspiradores. Começa, na cidade, o governo da internacional, com programma communista — a dictadura do proletariado de Marx.

"O communismo apparece, como o postulado basico, o postulado da acção revolucionaria dos blanquistas que... consideram as tendencias communistas tão bem como um meio servindo de sustento ao poder revolucionario, assim como indicador para uma nova etapa na evolução social. O communismo, pois, dos blanquistas apparece como uma consequencia do baboeuf'ismo ou como uma formula franceza para a dictadura do proletariado de Carlos Marx e do socialismo revolucionario allemão" (17).

A situação acaba, finalmente, por uma lucta armada entre Paris dominada pelos communistas e o exercito do governo nacional; na presença das tropas prussianas occupando a França, desenrola-se uma guerra civil e o cerco de Paris pelas tropas de Theirs. N'essa emergencia, a internacional procura garantir o auxilio ou, pelo menos, a neutralidade do exercito allemão e recebe sérias garantias, uma vez que o Comité Central de Paris proclama: "Os prussianos que nos souberam apreciar devidamente, reconheçem os nossos direitos" (18).

A commissão dos negocios extrangeiros da Communa tomou uma resolução que "devia, tambem, logo que se apresentar a opportunidade, nomear representantes junto a diversos governos europeus, especialmente junto ao governo prussiano, logo que este definir sua attitude com referencia á Communa" (19).

---

(17) STANISLAU MENDELSSOHN: *A historia do movimento communista*, pag. 41.

(18) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 156.

(19) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 181.

Geralmente, a internacional procurava, por todos os meios, explorar a situação em que era conveniente para os allemães vêrem uma anarchia na França. Com este fim, a Communa propõe aos allemães pagar-lhes 500 milhões de francos pela entrega dos fortes de Paris por elles occupados (20). E' das tropas allemãs que Paris revoltada recebe farinha e viveres (21).

O poder de Paris amotinada estava quasi que exclusivamente nas mãos dos socialistas. Na commissão executiva da Communa, tinham assento só representantes da internacional e blanquistas (communistas), si não contarmos o chefe do Estado Maior.

"A commissão do trabalho, da industria e do intercambio era, conjunctamente, commissão administrativa, como tambem commissão de propaganda socialista" (22). Entrava na sua composição um certo Frankel, judeu hungaro, chamado ao governo da capital franceza (23).

Em Paris, governava-se pelo terror. "As prisões franqueam as portas a todo guarda nacional. Expede ordens de prisão Rigault, expedem-nas os seus delegados, aprisiona a commissão de justiça, aprisiona o Comité Central, aprisiona o Comité da Artilharia, afinal, aprisionam os soldados da guarda" (24).

O membro da internacional, Cluseret, escreve de Nova York a Varlin, membro da Commissão das Finanças da Communa : "ou Paris será nossa ou desapparecerá da superficie da terra" "(25). Assim acontece que, quão

---

(20) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 306.

(21) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 313.

(22) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 192.

(23) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 166.

(24) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 219.

(25) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 289.

peior andam os negocios dos revolucionarios em Paris, tão maior se torna seu furor de assassinatos e de destrucção. Aprisiona-se o arcebispo de Paris e uma quantidade de ecclesiasticos, em caracter de refens (26) e, no momento mais perigoso, quando os sitiantes chegam mais perto, o arcebispo e os mais refens são fusilados (27). Antes da quéda da cidade, a Communa incendeia as famosas Tuilleries e atiça outros incendios na cidade (28).

Entre a internacional e as lojas maçonicas existe, em Paris, uma tolerancia mutua. A maçonaria esforça-se para servir de intermediaria entre o governo de Versailles e a Communa.

"Os pedreiros livres foram os unicos intermediarios que foram bem recebidos no Hôtel de Ville" (29).

Até dentro de Paris sitiada, a Communa lhes concede licença para organizarem prestitos. No dia 29 de Abril de 1871, forma-se nas ruas de Paris um prestito de dez mil pedreiros livres" (30).

A Communa parisiense gozava do apoio de toda a internacional socialista. "Marx, na mensagem da internacional por causa da Communa, na mensagem escripta por elle pessoalmente, vê no programma da Communa um postulado necessario do socialismo doutrinario, a saber: a abolição do Estado, a sua abolição completa" (31).

A Communa de Paris devia servir de senha, de fagulha jogada na polvora armazenada pela internacional.

---

(26) STANISLAU MENDELSSOHN: *A historia do movimento communista na França*, pag. 216.

(27) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 356.

(28) STANISLAU MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 384.

(29) S. MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 237.

(30) S. MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 266.

(31) S. MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 409.

"A Communa de 1871 não devia ser, unicamente, um motim de Paris contra a França, mas um episodio do movimento politico do paiz em geral, da revolução nacional geral" (32).

A Communa, tambem depois da derrota, permaneceu servindo de estandarte ao socialismo. S. Mendelssohn, tantas vezes por nós citado, um dos dirigentes do Partido Socialista Polonez (posteriormente collaborador do jornal conservador "Czas" (Tempo) e, finalmente, judeu nacionalista), assim falla sobre a herança espiritual da Communa :

"Até esta data resôa o grito : "Viva a Communa !" não só na França, como tambem no mundo inteiro. Os vencidos de 1871 tornaram-se estandarte para os vivos. Os gritos de honra á Communa, antes de morrerem, na bocca dos ultimos defensores das barricadas parisienses, em Maio de 1871, foram repetidos, com enthusiasmo, por milhares e centenas de milhares dos que anhelam um futuro melhor. Na Allemanha, na Inglaterra, no Norte e no Sul da Europa, a Communa é festejada como victoria moral" (33).

Porquanto "a Communa formara das massas trabalhadoras não só uma força politica invencivel, como contribuira, ainda, para indicar o caminho que é obrigada a seguir a evolução das sociedades" (34).

O leader do socialismo polonez e nacionalista judaico occulto previa, provavelmente, ao escrever essas palavras, o desenrolar dos acontecimentos na Russia e a nova victoria alcançada pelo bolchevismo, no caminho aberto por Marx e pela Communa parisiense.

Tem razão Mendelssohn chamando a Communa de victoria do socialismo, visto que ella provocara na Europa

---

(32) S. MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 415.

(33) S. MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 5.

(34) S. MENDELSSOHN: loc. cit., pag. 430.

uma reacção demasiadamente fraca e o socialismo poude, por muito tempo, gozar as suas reminiscencias. Procurava n'ella inspiração as suas fracções mais extremistas, as mais internacionaes, as mais dominadas pelos judeus, as mais fieis ás theorias de Marx. Foram ellas que bradavam : "abaixo os lettrados !" e arvoravam o programma de exterminio não só da burguezia, como, antes de mais nada, dos intellectuaes, para que os arios não trabalharem com a cabeça, sendo isto privilegio dos judeus.

"Uma das maiores revoluções é a que pretende aniquilar a aristocracia dos que trabalham com a cabeça, a sua nivelação com os trabalhadores manuaes; é uma nivelação tão inaudita e poderosa que a muito sabio, hoje ainda, parece uma utopia insana, comquanto já tivesse começado as suas vistas" — escrevia, a poucos annos antes da guerra mundial, o leader do socialismo allemão (35).

O socialismo revestiu suas doutrinas de paramentos, apparentemente scientificos. Foi dos allemães que emprestara esse exterior scientifico, porém a synthese deram-lhe-a os judeus.

"A capa scientifica do marxismo, eis sua ingrediencia allemã, não judaica, até antijudaica" (36).

Foi por meio do socialismo que os judeus apoderaram-se das massas do proletariado urbano que arremessaram na lucta contra o capital ario, contra a burguezia aria. N'este sentido, era o socialismo uma mercadoria destinada á exportação. Entretanto, elle teve, tambem, sua significação interna na vida judaica. O caso é que o desenvolvimento da organização capitalista creada pelos judeus, ameaçava o proprio judaismo, pois, de um lado, exigia dos financeiros judaicos uma adhesão apparente á nacionalidade official, de outro lado, difficultava a vida

---

(35) KARL KAUTSKY: *Historia do communismo*, pag. 84.

(36) MAX BROD: *Der Socialismus im Zionismus*, pag. 13.

ás vastas massas judaicas. Os judeus e o seu orador official, Marx, acreditavam, de facto, na concentração dos capitaes, na ruina das pequenas emprezas. Que destino tetrico deviam ter previsto para as grandes massas de pequenos commerciantes judaicos ! A custa da existencia do judaismo, havia de salval-os o socialismo. Na organização socialista, sob o governo do proletariado, essas massas judaicas hão de encontrr o pão, como os unicos privilegiados para o "trabalho de cabeça", como funccionarios e commissarios do Estado communista. O exemplc da Russia sovietica está provando que os judeus conseguem encontrar o pão n'uma organização d'esta especie.

Em 10 de Junho de 1922, teve logar, em Varsovia, uma conferencia do "companheiro" Ehrlich, um dos dirigentes do "Bund", organização socialista judaica, em que o orador declarou claramente :

"A solução definitiva da questão judaica e o exterminio do antisemitismo, só então serão possiveis quando a classe operaria conquistar o poder politico e economico" (37).

Outra organização judaica socialista, "Tseire-Sion", proclama, por sua vez, no seu programma tratando da necessidade de effectuar uma revolução communista :

"Na base de toda esta idéa, está traçada uma certa linha de socialismo judaico. O socialismo introduz a nacionalidade judaica, como membro equiparado, na futura familia socialista dos povos" (38).

E 'só d'isto que se trata, isto só é essencial e o resto — não passa de capa scientifica allemã do socialismo.

---

(37) Vide o jornal judaico *Folkszeitung*, de 13-VI-1922, n. 45.

(38) Do programma de "Tseire-Sion" cita RUDOLF KORSCH: *Os agrupamentos judaicos extremistas*, pag. 11.

XXXV

O SIONISMO

Os judeus apoderaram-se do capital e do socialismo. Tomaram sob a sua protecção ideologica e pessoal os governantes e as organizações destructoras. Os financeiros judaicos auxiliavam materialmente as organizações e a imprensa socialistas, como si caçoasse da theoria marxista sobre a lucta entre as classes. Parecia que os judeus já tinham nas mãos seu ideal messianico, que já dominavam o mundo. E, comtudo, esse governo central judaico operando, a seculos, por meio de espertalhices, por meio de religião simulada, assimilhação simulada, de apparente lucta contra a organização capitalista — viu, de repente, que estes meios entregaram-lhe na mão a victoria, mas, tambem, só apparente. O preço moral que era preciso pagar, ininterruptamente, pelo sustento da posição conquistada era tão colossal que ameaçava o judaismo de breve esgottamento das suas forças. Não é possivel governar, por muito tempo, impunemente, de mascara nas faces.

Os judeus conseguiram na Europa (com excepção da Russia) e na America a plenitude de direitos, porém a que preço ? Tiveram de pagal-a com a desistencia de suas pretenções nacionaes e racionaes. Tiveram de declarar a sua adhesão ás respectivas nações arias. Pagaram em

moeda falsa, assimilharam-se só apparentemente, porém, apezar d'isso, os resultados não se fizeram esperar muito. Desejando guardar as apparencias com respeito ao ambiente, separaram-se da vida judaica e, gradativamente, estavam se tornando indifferentes ás questões do judaismo. Alguns entre elles esforçavam-se, até, de romper, directamente, com o judaismo; contrahiam matrimonios mixtos e, após algumas gerações, seguia-se uma identificação real d'essas familias com o ambiente ario. Outros ainda, para ganharem apparencias mais seguras, baptisavam-se, frequentavam egrejas e, até, esforçavam-se de primar na vida religiosa do ambiente christão. Em resultado, o judaismo, no Occidente da Europa e na America, apezar da victoria idéo-politica, estava morrendo aos poucos. Além do circulo da assimilhação, encontravam-se só as massas do judaismo oriental, desprezado pelo occidental, economicamente fraco e despojado, na Russia, de direitos politicos e, em parte, até de direitos civis. Entre o judaismo occidental e o oriental, estava a abrir-se um abysmo insondavel.

A situação tornou-se mais séria ainda, desde o momento em que começara uma numerosa emigração de judeus do Oriente da Europa para a America do Norte.

"A emigração de judeus perseguidos para os Estados Unidos, especialmente desde o anno de 1881, fez de Nova York, com seus 1.700.000 judeus, uma metropole do judaismo mundial" (1).

Para a America, emigrava em grandes massas o proletariado judaico da Russia, um proletariado nada sabendo nem querendo saber da assimilhação, constituindo a parte essencial da raça, um manancial ethnico do judaismo. E essas massas foram ameaçadas, agora, em terreno americano, com assimilhação á vida americana, com seu tempo febril, ameaçados de perderem a sciencia judaistica e suas particularidades judaicas.

---

(1) SALOMON REINACH: *Orpheus*, pag. 234.

"A emigração para a America ameaçava de trazer ao povo uma scissão" (2).

Porquanto, existiriam dois grandes agrupamentos judaicos, extranhos um ao outro : o empregnado de chassidismo judaismo oriental (ashkenaziano) e o judaismo americano, indifferente ao hebraismo e coberto de um verniz de assimilhação.

Os judeus, apparentemente assimilhados, e, de facto, indifferentes ás questões do judaismo, viviam n'um pavor continuo que os povos cristãos se apercebessem da falsidade d'essa assimilhação e resolvessem privar os judeus dos direitos politicos e civis conquistados com tanta difficuldade. Esses judeus cuidavam, pois, com um zelo extraordinario, da conservação das apparencias. Eram, exteriormente, os mais ardorosos patriotas, como Gambetta, e, até, na época de descrença geral, preferiam pôr um ponto sobre os "i's" e baptisavam-se em massas.

"No anno de 1823, cerca da metade da communa judaica em Berlim baptisou-se" (3).

Este estado de coisas fazia os judeus perderem o equilibrio, causava-lhes medo da propria sombra; uma simulação eterna, uma vida cheia de terrores.

"Libertados da escravidão, cahiram — de certo não sem razão — n'um terror que a sua libertação não seja garantida. Este terror levou-os a uma psychose geral" (4).

D'essa maneira, a obra de Moysés Mendelssohn, esta assimilhação apparente, ameaçou o judaismo de uma catastrophe. A depressão permanente d'esses apparentemente assimilhados, o esgottamento nervoso proveniente da simulação continua com relação ao ambiente não judaico, podiam trazer, como resultado, que todo o judaismo

---

(2) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 51.

(3) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 17.

(4) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 16.

occidental e, com elle, toda a emigração americana, se tornassem definitivamente separados dos dirigentes de Israel.

"Os judeus assimilhadores, esses portadores de idéa contraria á natureza, como si o desapparecimento fosse o destino do povo judaico, tornaram-se um perigo permanente, identico ao processo lento e pernicioso de agonia nacional" (5).

D'este modo, as conquistas da revolução franceza, a concessão de plenos direitos aos judeus, em resultado, ameaçaram a sua existencia. Nem o socialismo lhes trouxe auxilio; com effeito, renegava a patria, por conseguinte não exigia assimilhação, porém, até os primeiros annos do seculo XX, exigia a renegação de qualquer nacionalidade, portanto, tambem, da nacionalidade judaica. Foi por isso que os judeus foram obrigados a fazer, na internacional, um jogo falso: tinham de negar que fossem judéus. Em consequencia, tanto as conquistas da revolução franceza, como o socialismo, desorganizavam o judaismo.

"Aquillo que se mostrou vantajoso para o individuo judaico, tornou-se uma ratoeira para o judaismo" (6).

A animação da consciencia judaica collectiva tornou-se uma necessidade si os dirigentes não queriam desistir de continuar a operar com o povo israelita.

Na metade do seculo XIX, os chefes do judaismo começaram a perceber que o socialismo antinacional e internacional lhes facilitava a posição, mas não solucionava as difficuldades. Experimentaram, então, de lançar mão de meios que despertassem entre os judeus occidentaes a consciencia de pertencerem á raça e ás tradições judaicas. O meio mais efficaz lhes pareceu interessal-os pela Palestina.

---

(5) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 34.

(6) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 16.

No anno de 1856, Moysés Montefiore (judeu belga, Blumenberg), estabelece, perto de Jaffa, uma plantação de laranjas. No mesmo tempo, organiza-se uma sociedade, com o fim de congregar todos os judeus em geral, Alliance Israélite Universelle, fundada por Adolpho (Moysés Izaac) Crémieux.

Crémieux desempenhou um papel importante na revolução franceza de 1848 e era membro do governo provisorio. Devia ter sido bem collocado na maçonaria, visto que o Grande Oriente da França, depois do successo da revolução, dirigiu um officio com saudações a que Crémieux respondeu :

"A republica está incluida na maçonaria, pela razão que, em todos os tempos, felizes ou adversos, a maçonaria achava adherentes em toda a superficie do globo. Cidadãos e irmãos pedreiros livres, viva a republica !" (7).

A Alliança Israelita Universal, fundada por um ex-membro do governo francez, seguiu o exemplo de Moysés Montefiore e, em 1869, fundou na Palestina uma escola de agronomia hebraico-franceza.

Independentemente d'esses emprehendimentos entre o judaismo occidental, lembrando-lhe a terra santa, tambem entre os judeus orientaes, apparece uma iniciativa similhante, porém oriunda de motivos differentes. Sendo que, no Occidente, foram, antes, razões espirituaes que recommendavam a necessidade de uma animação do movimento palestiniano, no Oriente, por sua vez, a situação economica das massas judaicas, a restricção dos direitos e a esphera de habitação na Russia, exigiam que se encontrasse terrenos para a emigração judaica. A crescente emigração para a America do Norte ameaçava com a perda da particularidade espiritual, portanto a attenção dos dirigentes do judaismo oriental voltou-se para a Pa-

(7) Cit. de N. DESCHAMPS: *Les sociétés sécrètes et la société*, vol. I, pag. 579.

lestina, já lembrada por Montefiore e pela Alliança Israelita. O papel de primeiro apostolo desempenhou, no Oriente, o judeu Leiba (Leão) Pinsker, medico, fundador da união secreta (sempre secreta !), "Hoveve-Tsion" (os adoradores do Sion), cerca do anno de 1880.

Pinsker propagava a emigração para a Palestina. Por occasião do primeiro congresso da "Hoveve-Tsion", em Katowice, portanto além da fronteira russa d'aquelle tempo, recorreu a argumentos tão interessantes, quão reaes :

"Não é preciso ser nenhum propheta para prevêr a grande tempestade que originará da lucta entre o capital e o trabalho na Europa. Esta lucta já está ás portas. E' possivel que exploda, justamente, nos paizes atrazados, mas quando vier, cahirá com todo seu pezo sobre as cabeças dos judeus, antes de tudo, como sendo possuidores de capitaes e constituindo a classe média cujo logar está entre as classes superiores e as inferiores das nações. Torna-se mister o cuidar, no momento actual, de preparar, para nós, um cantinho, um logar onde possamos abrigar as coitadas das nossas cabeças aterrorisadas" (8).

Constatamos, pois, que Pinsker, apezar de seu protesto de não ser propheta, previu, com vinte e cinco annos de antecedencia, que a revolução socialista podia começar n'um paiz atrazado. O caso torna-se mais interessante, si tomarmos em consideração ser dogma do socialismo que, sómente, a democratisação da instrucção era o caminho para as classes ficarem conscientes de seu papel e para a revolução. A predicção de Pinsker mostrou-se, pois, mais razoavel que as theses scientificas do socialismo. Isso foi confirmado pela revolução russa de 1905 e, depois, pela revolução bolchevista.

Pinsker expressou a consciencia dos dirigentes de Israel que a revolução social, nem que se realisasse sob

---

(8) Citação do jornal judaico *Haint*, de 6-III-1932, n. 55.

o commando dos judeus, havia de custar caro ás massas judaicas, como representantes do capital da classe media. Apezar d'isso, não exhorta as massas judaicas que trabalhem contra a revolução. Pelo contrario, concorda com a sua necessidade e, justamente, n'um paiz atrazado e densamente povoado pelos judeus. Não o assustam as victimas que está prevendo; pensa só no abrigo para os judeus e indica a Palestina. As victimas, conforme se vê, não detêm os dirigentes do judaismo da acção revolucionaria na Russia. Os annos posteriores demonstraram que, apezar de importantes sacrificios, as massas judaicas avançavam nas primeiras fileiras das revoluções russas.

D'esse modo, quasi independente um do outro, foi lembrada a Palestina ao judaismo occidental e oriental. A acção de Pinsker teve como resultado a emigração de alguns colonos para a Palestina, em caracter de pioneiros da colonisação judaica. Ponto culminante na vida do judaismo tornou-se, emfim, a actividade do judeu viennense, Theodoro Herzl, e, especialmente, seu pequeno livro publicado em 1895, intitulado "Der Judenstaat" (O Estado judaico).

Herzl resolveu salvar o judaismo da perdição imminente. No prefacio escripto para uma das posteriores edições do livro d'elle, diz Warburg :

"Ao construir as paredes exteriores do seu "Estado judaico", elle inteirou-se da idéa de missão tendo por fim a salvação do judaismo; foi então, em Junho de 1895, que elle recebeu a consagração para dirigente e tornou-se digno do papel de precursor na lucta pela idéa do povo judaico" (9).

Após o congresso de Basiléa, escrevia Herzl : "Devemos nos adeantar ao nosso povo, porquanto está per-

---

(9) THEODOR HERZL: *Der Judenstaat*; prefacio de Warburg, pag. 5.

seguido pelas adversidades e não saberá defender-se contra ellas, sem dirigentes" (10).

O proposito da nova dirigencia era a restricção da assimilhação judaica aos limites communs, portanto o combate á tactica imposta ao judaismo, no seculo XVIII, por Moysés Mendelssohn.

"Herz eliminou a Mendelssohn do judaismo" (11).

O creador do sionismo poz deante de Israel o ideal de um Estado judaico na Palestina ou, mesmo, na Argentina. A significação essencial do sionismo não estava na propria divisa, mas no caminho que foi escolhido para a sua realisação. Herzl planejava um reagrupamento de toda a população judaica, o que devia trazer em consequencia a remodelação de suas formas de organização, em vigor até essa data.

"A significação do sionismo consiste no plano concebido em grande escala de reagrupamento do judaismo, no projecto da organização de transporte de massas judaicas para a patria, massas essas expulsas a milhares de annos" (12).

A obtenção da Palestina para os fins de colonisação judaica, Herzl esperava conseguil-a por meio do prestigio de Israel junto aos governos europeus. Pretendia explorar de um lado o enfraquecimento e o endividamento da Turquia, do outro lado, o receio dos governos europeus perante os judeus, como factor revolucionario. Por occasião do primeiro congresso sionista em Basiléa, no anno de 1897, Herzl dirigiu a seguinte allocução ao sr. Périer, ex-presidente da republica franceza, presente entre os convidados :

"Estados e governos, deveis saber que esses proletarios judaicos, descendentes de proletarios, são obriga-

---

(10) Loc. cit. prefacio de Warburg, pag. 8.

(11) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 50.

(12) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 31.

dos, sob a pressão da vida, a destruir e arrazar tudo aquillo que vós construis. A chamma de odio que, entre vós, arde, será atiçada mais ainda, devido aos soffrimentos sobrehumanos do povo errante que não póde descansar em paz. Vós, decididamente, não conheceis os vossos proprios problemas, uma vez que, entre vós, continúa soffrendo uma nação sem patria, uma nação eterna que não póde e não quer desapparecer. Auxiliae-a, portanto, a construir seu cantinho proprio, seu paiz proprio" (13).

O proposito do sionismo era a necessidade de restituir aos judeus sua unificação espiritual.

"O que nunca puderam conseguir outros partidos, a organização do judaismo n'uma força politica unificada, foi o sionismo que o realisou" (14).

Porquanto "o sionismo trouxe á realidade judaica um momento decisivo : a identidade do problema judaico para o Oriente e para o Occidente" (15).

Até então, quem foi que dirigiu a vida judaica do seculo XIX, eram os financeiros judaicos; desde ali, o pezo da vida judaica ia ser transferido para o Oriente, onde as massas de Israel, compactamente agrupadas, conservaram o judaismo em forma ainda integra.

"Por força da triste situação, em consequencia da miseria e da privação de direitos das massas judaicas no Oriente, a dirigencia e a preponderancia nas questões judaicas passaram para a plutocracia judaica occidental. O sionismo considerou esse fcto uma injustiça social e um desastre nacional. Caso se queira tornar possivel a renascença espiritual e social do povo judaico, tem de se transferir a dirigencia dentro do judaismo, do Occidente para o Oriente" (16).

---

(13) Citação do *Haint*, de 2-VII-1926, n. 151.

(14) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 44.

(15) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 32.

(16) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 35.

Só d'este modo poder-se-á remediar a crise que assola o judaismo e que ameaça de acabar por uma catastrophe.

"O sionismo é um movimento cuja razão de origem é a terrivel crise em que se encontrou hoje, após uma evolução secular, após a primeira recepção (na França), o judaismo. O motor do sionismo é o proposito de vencer esta crise, o proposito de solucionar a "questão judaica" hodierna" (17).

Pretendendo unir n'um corpo só o judaismo occidental e o oriental, Herzl e, com elle, o sionismo, tiveram de constatar claramente que o factor unificador do judaismo não era a religião mosaica, nem a attitude para com os preceitos do Talmud. Pois os judeus occidentaes, creados n'uma atmosphera de descrença religiosa que, aliás, crearam elles mesmo, não consentiriam que se os comprimisse, outra vez, no quadro de uma organização religiosa ! Portanto, o judaismo é uma nação.

"O judaismo não é uma religião. E' uma tribu nacional que creara, no decorrer da historia, uma religião do seu caracter nacional, que creara uma attitude politico-moral definida, com referencia ao mundo" (18).

Foi d'este modo que o sionismo modificou essencialmente a base organica do judaismo.

"Até agora, a base que unia incontestavelmente todos os judeus e que era reconhecida pelos Estados, era a declaração da confissão mosaica. E hoje ainda, encarando a questão do lado puramente formal, poderia a religião, como base de organização, satisfazer todas as exigencias. Todavia, em caso de separação da egreja do Estado, a continuação de communas confissionaes poderia ser ameaçada, pois estas, no momento de ser declarada a re-

---

(17) ADOLF BOEHM: *Wandlungen im Zionismus*, no *Vom Judentum*, pag. 141.

(18) H. KOHN: *Die politische Idee des Judentums*, pag. 21.

ligião assumpto particular, perderiam a sua base juridica, como detentoras de certas competencias estadoaes. A separação da egreja do Estado tem, de antemão, uma importancia muito menor para os judeus que para as confissões christãs, porquanto a estas o Estado fornecia, á disposição, os instrumentos do seu poder, considerava a protecção e o apoio como sendo suas obrigações, emfim, as dotações estadoaes para fins ecclesiasticos occupavam uma posição de destaque no orçamento do Estado. Todas essas posições, desde muito tempo, não entram em consideração para a collectividade religiosa judaica" (19).

O judaismo póde, portanto, desistir da ligação religiosa, no sentido de um vinculo do judaismo e apoiar, sem receio, as tendencias antireligiosas entre os christãos e a separação da egreja do Estado (19-A).

O sionismo baseou-se no facto da existencia da nacionalidade judaica. O seu programma tornou-se "a conquista de plenos direitos em taes condições que ella não fosse, como nos tempos da revolução franceza, resgatada pela desistencia de sua propria consciencia nacional" (20).

Não se deve, entretanto, comparar o sionismo com o nacionalismo dos demais povos, pois aquelle approxima-se, antes, d'isso que chamamos hoje de imperialismo nacional.

"A significação do nacionalismo judaico para a humanidade em geral, nacionalismo que é uma pura contradicção ao nacionalismo dos outros povos, experimentei, por diversas vezes, explical-o" — escreve um dos eminentes sionistas" (21).

---

(19) Dr. IGNAZ ZOLLESCHAN: *Socialismus in Zionismus*, pagina 7.

(19-A) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus*, pag. 77.

(20) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: loc cit., pag. 134.

(21) MAX BROD: *Socialismus in Zionismus*, pag. 7.

O sionismo não é a Palestina.

"E' um erro completo affirmar, como o fazem frequentemente — nem sempre em bôa fé — os adversarios do sionismo, que o Estado judaico é a quintaessencia do sionismo ou, ao menos, uma base em que descansa o sionismo. Pelo contrario, o sionismo é, como sabe todo aquelle que estudou esta questão, de uma origem muito mais antiga que o Estado judaico e já foi, até certo ponto, aperfeiçoado theoricamente, antes que Herzl começou interessar-se por questões judaicas" (22).

Julgamos que não será difficil ao leitor a percepção d'essa antiguidade do sionismo, si lhe citarmos duas phrazes dos escriptores judaicos, já mencionados :

"Os amigos e os adversarios dizem do sionismo que elle é uma continuação do movimento messianico" (23).

"Cada movimento messianico era como uma experiencia, um estender de antenas, si as condições de vida da raça se constituiram de maneira mais vantajosa. O movimento sionico é um messianismo moderno" (24).

O nacionalismo judaico continúa, pois, a alimentar os propositos judaicos tradicionaes de impôr ao mundo o seu poder. Não é um movimento religioso, dispensa a religião como vinculo do judaismo, e, apezar d'isso, é um movimento messianico. E' uma prova assaz sufficiente, mais uma da série de provas numerosas anteriores, que o messianismo judaico é um escopo politico e não religioso.

"Como um brado selvagem pelo mundo, como um sussurro apénas perceptivel no nosso interior, diz alguma voz irrebatavel que só junto com a humanidade o judeu poderá ser salvo e que é a mesma coisa : esperar o Mes-

---

(22) Prefacio de WARBURG a *"Der Judenstaat"* de HERZL, pag. 4.

(23) Dr. S. BERNESTEIN: *Der Zionismus*, pag. 29.

(24) Dr. ZEWI PARNASS: *A questão judaica á luz da sciencia*, pag. 65.

sias no exilio e na dispersão ou ser Messias entre os povos" (25).

Foi assim que o sionismo, esse messianismo judaico moderno, uniu n'um corpo só o judaismo oriental e os assimilhadores dos paizes occidentaes.

"Si se quizesse applicar os eschemas de Hegel, poder-se-ia determinar com muita precisão a evolução (do judaismo — n. do aut.), desde a abertura dos limites do ghetto, d'este modo que se adoptaria como these, o judaismo, como antithese — a assimilhação e, como synthese — o sionismo" (26).

Portanto, o sionismo é uma união entre o judaismo e a assimilhação. De que maneira ? Eis o que o judaismo era a vida interna na diaspora, sem direitos civis e politicos; a assimilhação era a desistencia da vida interna em troca da plenitude de direitos; a synthese de ambos — o sionismo — é a vida interna, com a plenitude de direitos na diaspora.

A tendencia para a obtenção de um territorio proprio, tinha o proposito de reanimar os judeus. Herzl entabolou negociações com o governo turco para a venda da Palestina, porém nada conseguiu. Em vista d'isso, o chefe do sionismo dirigiu-se á Inglaterra, negociando concessões territoriaes na peninsula synaica; este projecto, entretanto, mallogrou, devido á falta de agua n'essa zona. Foi então que o governo inglez offereceu aos sionistas a Uganda, na Africa Oriental, para um Estado judaico. Herzl prolongou as negociações n'essa questão por muito tempo, embóra tivesse encontrado, desde logo, uma pouca vontade decisiva nas rodas sionistas que anhelavam a Palestina...

---

(25) NATHAN BIRNBAUM: *Das Erwachen*, publicano em *"Vom Judentum"*, pag. 254.

(26) WILHELM STEIN: *Wandlungen im Zionismus*, em *"Vom Judentum"* pag. 142.

A circumstancia de não ter interrompido, immediatamente, as negociações, Herzl explicava-a pelas razões de tactica. Em conversação com Chaim Zitlowsky, confessou :

"Nunca desistiremos do Sião. A Uganda é, para nós, apénas uma questão de tactica, pois não podemos, assim francamente, recusar similhante proposta da Inglaterra" (27).

O negocio da Uganda terminou, só em 1906. Os judeus allegaram que a Uganda não se adaptava para a colonisação judaica, devido ás suas condições climatericas. Apezar de má vontade bem pronunciada em acceitarem qualquer outro paiz que não fosse a Palestina, surgiu, entre os judeus, um movimento dos chamados territorialistas, que procuravam territorios além da Europa para a colonisação judaica. Em 1910, estourou a revolução em Portugal e o governo republicano propoz aos territorialistas, em 1912, a Angola para colonisação judaica. Novamente, foram entabuladas negociações para salvar as apparencias e, novamente, uma commissão especial constatou que a Angola não se prestava para uma colonisação judaica. Depois da guerra, a pessôa de confiança dos territorialistas judaicos em Lisbôa, certo Tarlo, offereceu, ao que consta, os seus serviços em caracter de intermediario ao governo polonez, na questão de compra de Angola, como terreno de emigração para a população poloneza (28).

Na sua tendencia para a fundação de um Estado judaico, o sionismo de Herzl continha um perigo para os judeus. E' que concentrando toda a attenção sobre a Palestina e consagrando a esse fim toda a propaganda, podia leval-os, com facilidade, á cessação da lucta nos paizes

---

(27) Citado pelo jornal judaico "*Der Moment*", de 2-XII-1925, N.º 278.

(28) Vide a revista judaica "*Nasz Przeglal*", de 2-I-1931.

da diaspora, especialmente na Russia. A tal tendencia contrapoz-se Asher Ginsberg, conhecido sob o pseudonymo de Achad-ha-Am (um d'entre o povo). Foi a elle que a fama geral attribuiu a autoria dos celebres "Protocollos dos Sabios de Sião". Quanto á sua autenticidade, não pretendemos emittir a nossa opinião a respeito.

Asher Ginsberg nasceu no anno de 1856, em Skwira, na região de Kiew, como filho de paes chassidistas. Foi, portanto, educado n'uma atmosphera de messianismo e de Cabala pratica. Foi alumno do já nosso conhecido Leiba Pinsker.

Desde o primeiro congresso sionista em Basiléa, em 1897, Achad ha-Am manifestou-se como critico de Herzl. Segundo a sua opinião, a colonisação da Palestina comprehendida como emigração de judeus europeus e americanos, como liquidação da diaspora, seria para os judeus uma catastrophe e uma desistencia dos fins messianicos. Era mister — segundo a sua opinião — consagrar toda a diligencia á educação do povo judaico e não á conquista da Palestina, porque, emquanto se prepare o paiz para o povo, era necessario preparar o povo para o paiz. Portanto, ponderou a necessidade de popularisação da lingua hebraica entre os judeus e de divulgação, entre elles, da consciencia nacional, ao passo que o papel da Palestina reduziu ao de um centro espiritual do judaismo, onde uma parte do povo judaico pudesse viver com vida plena irradiando sobre todos os paizes de dispersão. Entretanto, a lucta nos paizes da diaspora contra as collectividades christãs devia ser continuada, visto que "a desgraça material e politica do judaismo póde ser vencida só nos paizes onde os judeus habitam actualmente" (29). N'essa campanha, Ginsberg foi muito auxiliado por Martin Buber, outro sympathico do chassidismo, que o sustentou por meio de intensa propaganda.

---

(29) Resumo do Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision* etc., pagina 103.

"Em Achad ha-Am e em Buber, encontramos um nacionalista idealista, de significação mais elevada, com uma idéa que recorria ao nacionalismo por motivos bem contrarios a todos os demais movimentos nacionaes, isto é, que foi dictada não só devido ao interesse pelo proprio povo, como tambem pelo proposito de capacitar seu proprio povo reconvalescente para cumprir sua missão para com a humanidade. Este ideal mystico tem, devéras, uma grande importancia na vida espiritual do judaismo... A realisação d'esta funcção fermentadora, devido á dispersão entre todos os povos, parecia ser, justamente, a tarefa historica dos judeus" (30).

Ginsberg, portanto, tambem se guiou pelo fim messianico de dominação do mundo. Afim de impôr a sua orientação, organizou uma sociedade secreta, "Bnei-Moshe" (filhos de Moysés), modelada na estructura organica da maçonaria. Em geral, a forma de organização das uniões secretas judaicas e das uniões maçonicas baseava-se nos mesmos principios estructuraes.

"A idéa da necessidade de desenvolver a consciencia nacional pelo ideal palestiniano, foi a base da organização "Filhos de Moysés" (Bnei-Moshe), fundada em Odessa por Achad ha-Am. Essa organização que desenvolveu-se, posteriormente, n'uma pequena união de typo maçonico, possúe as suas "lojas" em algumas cidades da Russia e da Palestina" (31).

Herzl baseava a sua actividade nas lojas "Bnei-Brith" (Filhos do Testamento), tambem de typo maçonico. Em resultado da lucta, as lojas "Bnei-Brith" foram dominadas de alto pelas "Bnei-Moshe", da mesma forma

---

(30) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus*, pag. 132.

(31) S. DUBNOW: *Historia moderna do povo judaico*, vol. III, pag. 325.

como, a tempos, os Illuminados de Weishaupt dominaram a maçonaria allemã. A orientação de Achad ha-Am ficou vencedora.

Facilitou-lhe a victoria o apparecimento entre os judeus de uma orientação radicalmente nacionalista que desistia da Palestina e exigia direitos nacionaes para o judaismo, só na diaspora. Achad ha-Am contrapoz o seu sionismo ao nacionalismo antipalestiniano e affirmava que, sem a creação de um centro espiritual na Palestina, a diaspora judaica era condemnada á perdição.

"Achad ha-Am argumentava que a theoria dos direitos nacionaes na diaspora não passava de um grau intermediario ao sionismo, porquanto as experiencias amargas convenceriam os partidarios d'essa theoria da impossibilidade de conseguirem direitos nacionaes, além das fronteiras do unico paiz a que o judaismo tinha direitos nacionaes historicos" (32).

"A orientação de Achad ha-Am triumphou no congresso sionista de Berna moraviana, em 1912, onde todos os sionistas foram chamados á coparticipação activa na politica interior nacionalista, nos paizes da dispersão" (33).

Foi d'esta maneira que Achad ha-Am tornou-se estandarte do chamado sionismo espiritual, conhecido sob o nome popular de "sionismo regional". A Palestina seria só um centro espiritual, ao passo que a dispersão permaneceria e teria de conquistar uma autonomia total.

"A differença consistia no facto que o sionismo politico condemnava os judeus, habitantes além do Estado judaico, a uma morte nacional pela assimilhação, ao passo que o sionismo espiritual fazia depender a continuação da existencia nacional na diaspora da preponderancia d'essa minoridade seleccionada da nação que crea-

---

(32) S. DUBNOW: loc. cit., pag. 335.

(33) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus*, pag. 62.

ria na Palestina um centro de pura cultura nacional, uma fonte de alimento espiritual para todo o povo disperso. Esta segunda especie de sionismo negava a vitalidade nacional da diaspora (sem um centro na Palestina — n. do aut.), óra de um modo absoluto, óra de um modo relativo. No mesmo tempo, entretanto, appareceu uma doutrina que reconhecia a existencia de um centro nacional, dentro da diaspora (nos territorios da Polonia historica — n. do aut.), e admittia sua vitalidade, sob a condição de ser conservado o principio de autonomia regularisando toda a vida interna do judaismo disperso no decorrer de millenios" (34).

Os postulados d'essa theoria foram tomados em consideração durante a guerra mundial, pela agencia sionista em Copenhague, publicando, officialmente, a exigencia de "concessão de uma autonomia nacional em todos os paizes do Oriente em que se estabeleceram massas judaicas e, em todos os do Occidente, onde os judeus o desejarem" (35).

No periodo de firmação dos tratados de paz, o postulado da agencia em Copenhague foi o postulado official de todo o judaismo apoiado pelos financeiros judaicos da America. Luiz Marshall, o cabeca dos financeiros judéo-americanos, n'um banquete em Paris entre judeus russos, disse o seguinte :

"Jacob Schiff (judeu americano — n. do aut.) — costumava sublinhar que o problema dos judeus em outros paizes devia ser solucionado no logar onde elles habitam. Isto tivemos em mente, quando faziamos vigorar o tratado de protecção aos direitos das minorias nacionaes" (36).

---

(34) S. DUBNOW: *Historia moderna do povo judaico*, vol. III, pag. 331.

(35) Citação do jornal judaico "*Haint*" de 16-VII-1928, N.º 166.

(36) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus*, pag. 6.

Esta attitude para com a diaspora foi conservada, até hoje, e nada mudou a respeito.

"Erec Israel (a Palestina — n. do aut.), é, para nós, só uma metropole do judaismo mundial, é, apénas, um paiz historico e unico onde os judeus poderão formar a maioria da população, com uma forte camada de agricultores e de camponezes, onde os judeus poderão evoluir independentes e sãos, formando proprios moldes politicos e culturaes. Será de um Erec Israel são e independente que desenvolver-se-á a cultura judaica em todos os paizes de exilio onde ainda permaneceram judeus, todo o judaismo, porém, de todo o mundo, continuará formando uma nação. E nós affirmamos que, sem um judaismo economicamente forte na dispersão, não poderemos obtêr uma colonisação judaica economicamente forte em Erec Israel" (37).

O sionismo, na sua actividade, tanto dentro do judaismo, como na actividade exterior, tornou-se uma orientação que se póde chamar, directamente, de destructora. Foi já Herzl que no seu "Estado judaico" pregou a maxima : "Quando quero construir no logar de um velho edificio um novo, tenho de demolir primeiro para, depois, construir" (38).

Nas suas tradições, o sionismo, tambem, recorre á revolução.

"A Palestina renascida será a ultima e a completa consequencia da revolução franceza" (39).

Um meio para conseguir os fins do sionismo, ha de ser o revolucionamento do judaismo.

---

(37) O kornal judaico "*Haint*", de 3-IV-1927, N.º 79.

(38) Dr. THEODOR HERZL: *Der Judentaat*, pag. 24.

(39) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 23.

"Queremos o revolucionamento do judaismo não só do occidental, mas tambem, e antes de tudo, do oriental" — escrevia, em 1914, antes da guerra, Henrique Kohn e, algumas linhas mais abaixo, prevenia : "Esse revolucionamento, essa renovação, é, apénas, um degrau e é preciso evitar para não o considerar alguma coisa definitiva" (40).

Contemporaneamente, um outro nacionalista judaico termina a sua obra com o seguinte appello :

"Os que tomam a questão a séria, preparar-se-ão para o ultimo meio de salvação : para a acção revolucionaria" (41).

Até, actualmente ainda, depois da revolução russa e depois da obtenção da Palestina, o chefe do sionismo na Polonia, Gruenbaum, na reunião do conselho sionista em Nova York, em fevereiro de 1927, constatou sem embages : "A vida leva os judeus á revolução, ao sionismo ou a ambas conjunctamente" (42).

A ambos conjunctamente ! Esta synthese do sionismo com a revolução já achou, a muito tempo, sua expressão pratica na attitude do sionismo para com o socialismo e, até, para com o bolchevismo.

Foi já Pinsker que previu — conforme dissemos acima — que o movimento socialista podia custar caro aos judeus orientaes, si não assumirem, a tempo, uma attitude conveniente com respeito ao mesmo. Herzl partilhava a mesma opinião.

"A batalha social teria de se desenrolar nas nossas costas, pois tanto no campo capitalista, como no socialista, estamos collocados nos pontos mais expostos" (43).

---

(40) H. KOHN: *Der Geist des Orients*, em "*Vom Judentum*", pag. 17 e 18.

(41) LUDWIG STRAUSS: *Die Revolutionierung*, em "*Vom Judentum*", pag. 185.

(42) "*Zionistische Bleter*", de 15-VI-1927, N.° 3.

(43) THEODOR HERZL: *Der Judenstaat*.

O crescente movimento socialista no territorio da Russia, movimento esse chefiado por judeus que eram os mais interessados na queda do tçarismo e na abolição da estrepha de habitação, tinha seu lado perigoso, como todo socialismo que excitava as massas contra os capitalistas e industriaes, entre os quaes, por sua vez, o primeiro logar occupavam os judeus. A existencia de proletariado operario judaico nas provincias polonezas pertencentes á Russia, complicava mais ainda a situação. Como é que se podia admittir uma verdadeira lucta entre o operario judaico e o dono da empreza, tambem judeu? A fracção judaica da democracia social russa, "Bund", fundado no fim do seculo XIX, viu-se n'uma camisa de sete varas.

"A ideologia marxista foi, ali, adaptada, muitas vezes, com demasiada precipitação, visto que, nos limites legaes de habitação judaica, estavam mais representadas as formas primitivas de producção e tornava-se muito difficil estabelecer uma divisa entre a "burguezia meuda", isto é, entre a massa de commerciantes pobres e artifices-proprietarios — e o proletariado operario nas emprezas commerciaes e industriaes. Ali, o operario-proletario luctava contra o proprietario-proletario; ambos estavam opprimidos pelo mesmo systema, pelos abusos da administração, pela falta de deslocamento livre e de exercicio de industriaes, pelo fechamento do terreno rural e pela compressão de milhões de homens nos limites das cidades e villas. Brevemente, tornou-se claro que os esforços principaes deviam sêr dirigidos para o afastamento d'essa fonte primordial do mal, de modo que, no ultimo lustro do seculo XIX, as organizações politicas entre os judeus começam a participar da lucta politica, unindo-se ao movimento revolucionario russo. Esse movimento politico-social procurando adeptos entre as camadas mais baixas das massas nacionaes, foi um complemento indispensavel ao movimento politico-nacional das classes intellectuaes e das classes medias. Collaborando de um modo uniforme, esses factores deviam trazer uma vantagem enorme ao judaismo

economicamente pobre, privado de direitos civis e opprimido sob o ponto de vista nacional, n'um paiz de despotismo" (44).

Portanto, o socialismo devia completar o sionismo, levar á collaboração uniforme das classes intellectuaes e das classes medias judaicas com o proletariado judaico, afim de afastar "fonte do mal" no terreno russo. Começaram os preparativos communs para provocar uma revolução, de accordo com o movimento revolucionario russo.

A fracção judéo-socialista "Bund" tratou, no seu congresso de 1901, da questão de exigencia de uma autonomia judaica forcejada pelo sionismo de Achad ha-Am e tomou a seguinte resolução:

"Considerando que, nas condições actuaes, a exposição de uma exigencia de autonomia para os judeus seria extemporanea, o congresso julga por sufficiente, na época actual, a lucta pela revogação de todas as leis excepcionaes contra os judeus, o protesto contra as manifestações de oppressão da nacionalidade judaica, evitando a excitação de sentimentos nacionalistas que poderiam, sómente, obscurecer a consciencia de classe do proletariado e conduzem ao chauvinismo" (45).

Como resultado de votação de um partido marxista, membro da internacional pregando a revolução e a dictadura do proletariado, essa resolução sôa de um modo bastante nacionalista. Não é extranho: n'essa época, os judeus decidiram que já era tempo de fazer voltar a internacional do seu caminho antinacional. Já dois annos antes, no congresso socialista de Berna em 1899, um judeu, "o socialista austriaco Springer (Renner) apresentou sua theoria de autonomia pessoal para nacionalidades exterritoriaes, theoria esta que, em principio, reduzia-se aquelle

---

(44) S. DUBNOW: *Historia moderna do povo judaico*, vol. III, pag. 338.

(45) Citação de S. DUBNOW: loc. cit., vol. III, pag. 340.

typo de autonomia communal que, já anteriormente, vigorava na diaspora judaica. A essa concordancia geral do socialismo com o movimento nacional libertador, correspondia a tendencia, então originada, da fundação de um grupo socialista dentro do sionismo. Algumas rodas sionistas recrutados entre operarios e mocidade escolar, separaram-se da organização geral e crearam na Russia, cerca do anno de 1900, sua propria fracção denominada Pole-Sion. Os ideologos da fracção elaboraram uma theoria que se reduz á these que o verdadeiro socialismo podia sêr realisado entre os judeus, unicamente, n'um territorio nacional, ao passo que na diaspora, as massas judaicas eliminadas da grande industria pelo antisemitismo, não podiam entrar nas fileiras do proletariado fabril que peleja por meio de uma lucta regular de classe. Para uma vida economica normal, de accordo com os modelos europeus, é indispensavel a creação de uma communidade democratica de judeus na Palestina. D'essa fracção, por sua vez, destacou-se, 1903, um grupo chamado "Renascença" que transferia para um plano mais remoto o ideal do sionismo e do territorialismo, ao passo que julgava de maior importancia o problema de uma lucta pelo maximum de autonomia nacional, dentro da diaspora" (46).

Temos, ahi, uma linha mui distinctamente traçada pela qual foram o socialismo e o sionismo no seu relacionamento mutuo. Em primeiro logar, o sionismo radicalmente nacional, imperialista, apoiado na classe intellectual judaica e nos grandes financeiros; do outro lado — as barricadas, a rubra internacional proletaria de Marx, Lassale, Bebel e Kautsky. Na imminencia de uma lucta no seio do proprio judaismo, apparecem as advertencias de Pinsker e de Herzl. A phase seguinte é a fundação do "Bund" da democracia social do proletariado judaico. A phase posterior, é o congresso da social-democracia em

(46) Citação de S. DUBNOW: ibidem vol. III, pag. 340.

Berna, de 1889, durante o qual o judeu Renner propaga o postulado de autonomia pessoal para nações exterritoriaes. No anno de 1901, o Bund considera a autonomia para os judeus na Russia um postulado extemporaneo, ao passo que proclama a frente unica de todo o judaismo na organização da revolução russa. Contemporaneamente, os operarios e a mocidade escolar são separados pelo sionismo n'uma fracção especial sionisto-socialista com o programma: o socialismo para os judeus — isto poderá sêr realisado sómente na Palestina e, por agora, o sosialismo e a revolução para os "goi's". Afinal, ainda, a "Renascença" que diz: remettemos para um plano secundario o socialismo na Palestina, mas queremos, desde já, a revolução socialista para conquistarmos a autonomia nacional na diaspora.

"Porque não sómos marxistas e nunca o fomos? Por quanto o marxismo, apezar de serem geniaes as suas concepções basicas, não nos parece uma coisa compacta, convincente e, antes de mais nada, uma coisa correspondente á situação especial do povo judaico" (47).

Os judeus prestam-se ao papel de dirigentes do socialismo, tanto que este actúe entre os povos não judaicos; dentro do judaismo, porém, o socialismo nada tem de fazer. Ali, a divisa: "proletarios de todos os paizes, uni-vos!" é substituida por outra: "proletarios, burguezes, intellectuaes e capitalistas, uni-vos!" e, com esta divisa na bocca, alistam-se sob o estandarte vermelho da internacional. Tem-se direito para tal: pois trabalha-se com vigor na revolução russa.

Assim é que, em 1905, até o Bund, exige para os judeus uma autonomia nacional (48).

---

(47) MAX BROD: *Socialismus im Zionismus*, pag. 11.

(48) Vide S. DUBNOW: *Historia moderna do povo judaico*, vol. III, pag. 340.

"Esse movimento bilateral (abrangendo a burguezia e o proletariado — n. do aut.) manifestou, em breve, sua força, durante a fervente lucta politico-nacional que coube ao principal nucleo do judaismo — ao judaismo russo — no periodo tempestuoso da revolução de 1905" (49).

Este é o aspecto do socialismo judaico, d'este movimento de que os judeus são os creadores e que continuam chefiando, até hoje. No seio do judaismo, elle tem o papel de uma força nacional creadora, empregada para a destrucção das sociedades arias. Todo o seu gume está dirigido para o exterior.

"O socialismo que desempenha um papel tão importante na vida dos outros povos, no judaismo entra menos em consideração, uma vez que se trata de problemas essencialmente judaicos" (50).

O judaismo creou, na internacional, um instrumento docil aos seus planos. Durante a guerra mundial, o Comité Socialista Hollandez-Escandinavo, em Stockholmo, exigiu que nas condições da paz fosse incluida a protecção á colonisação judaica na Palestina. Em Fevereiro de 1918, a conferencia dos socialistas provenientes dos paizes alliados, exigiu a Palestina para os judeus.

"N'isso exteriorizou-se em toda a sua importancia a remodelação revolucionaria no terreno da politica socialista, com relação ao problema das nacionalidades. Devido a isso, o socialismo internacional demonstrou a sua vitalidade inabalavel bem como a sua renascença e garantiu, d'este modo, o seu papel dirigente na lucta pela libertação das nações opprimidas" (51).

O socialismo póde, pois, continuar o seu trabalho esperando a affluencia de nova seiva vital que lhe vem do

---

(49) S. DUBNOW: loc. cit., vol. III, pag. 342.

(50) J. KREPPEL: *Juden und Judentum von Heute*, pag. 591.

(51) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 67.

judaismo. O fim da guerra, o periodo da declaração de Balfour e da revolução bolchevista na Russia, encontraram o socialismo no mesmo campo com o imperialismo judaico. Tanto a revolução, como a Palestina, foram presentes offerecidos a Israel pela guerra mundial.

"A guerra mundial é um tal ponto de Archimedes que, por meio da força ethica, occulta nas raizes mais fundas da nossa raça, tornou, afinal, possivel a transformação de uma idéa sonhada como uma utopia, em realidade" (52).

O governo inglez deixou-se empregar como instrumento dos judeus, na tendencia d'estes de crear na Palestina não um estado judaico, mas um centro espiritual que devia irradiar sobre o judaismo mundial disperso e animal-o á lucta contra o ambiente christão. Foi já Herzl que contava com a Inglaterra, quando dizia na abertura do quinto congresso sionista em Londres, no anno de 1900 :

"A Inglaterra, esta grande Inglaterra, esta Inglaterra livre olhando atravez de todos os mares, ha de comprehender a nós e ás nossas tendencias. D'aqui, a idéa sionista levantará seu vôo mais longe e mais alto. D'isto podemos têr certeza" (53).

A declaração de Balfour do dia 3 de Novembro de 1917 prometteu aos judeus a Palestina, em troca de apoio financeiro. Propriamente dito, foi, apénas, uma carta de Balfour, então secretario dos negocios extrangeiros, dirigida ao Rotschild inglez e publicada pelos judeus, dez dias depois; a carta continha a declaração que "o governo de Sua Magestade refere-se com benevolencia á creação na Palestina de um "home" (lar) nacional para o povo judaico e fará tudo que lhe será possivel para facilitar a realisação d'este fim".

---

(52) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus*, pag. 5.

(53) Citação de S. BERNSTEIN: *Der Zionismus*, pag. 96.

Ao arrumar-se na Palestina, os judeus começaram por desalojar e explorar, sem a minima ceremonia, a população arabe local. Serviam-se para isso da autoridade da Inglaterra e da força armada ingleza.

Ainda antes da conclusão da paz, até antes da obtenção da declaração de Balfour, Israel Zangwill, em Maio de 1917, apresentou um projecto em que, com respeito aos arabes na Palestina, assumiu uma attitude que não foi ambigua:

"Os arabes são nomades que, até hoje, não crearam na Palestina valores nem materiaes, nem intellectuaes... Portanto devemos lhes persuadir, com toda a gentileza, que se ponham fóra" (54).

O desalojamento dos arabes da Palestina — ainda não é o bastante.

"A colonisação judaica não se limitará á cultivação da Palestina; transformará não só a Mesopotamia n'um celleiro de cereaes, como se adaptará, especialmente, para a exploração da Asia Anterior" (55).

Todavia, os arabes não querem se pôr fóra da Palestina nem sujeitar-se á exploração. E' mister, pois, atirar-lhes um veneno, sob a forma de agitação bolchevista, entre elles propagada. Nos jornaes judaicos, podia-se lêr a seguinte noticia da Agencia Telegraphica Judaica de Moscow, do dia 3 de Agosto de 1928:

"Durante o VI congresso do Komintern (Comité Internacional — n. do aut.), fallou, tambem, o delegado de Erec Israel (Palestina — n. do aut.), B. Beider, que se queixava a internacional communista não apoiar convenientemente o partido communista em Erec Israel. Até esta data — declarou Beider — os communistas em Erec Israel não receberam quasi nenhum auxilio. O actual VI

---

(54) *Palestine Weekly*, N.º 256 de 1922.

(55) COHEN: *Die politische Bedeutung des Zionismus*, pagina 23.

congresso communista deve prestar mais attenção á actividade entre os arabes no Oriente, visto que, ali, se encontra uma reserva de muitos milhões de batalhadores revolucionarios" (56).

Portanto, na Palestina tambem, existe um nucleo communista, mas este serve só como mercadoria para exportação. A sua tarefa não consiste na actividade entre os judeus, mas no revolucionamento dos arabes. O discurso de Beider tem logar, breve após o levante armado dos arabes contra a supremacia judaica. O delegado communista da Palestina propõe, pois, ao Komintern uma scissão entre os arabes, por meio de agitação revolucionaria entre os pequenos proprietarios de terra (fellah's), contra os grandes proprietarios (effendi's).

A obtenção da Palestina não divorciou da revolução os adeptos do sionismo. A fracção socialista do sionismo tomou, até, parte activa na defeza do bolchevismo.

Comquanto o poale-sionismo na Europa Oriental não tivesse fornecido, como na America, legiões palestinianas para a Inglaterra, mas é uma verdade que, no mesmo tempo, centenas de poale-sionistas compareceram, em caracter de voluntarios, ás fileiras do exercito vermelho na Russia e na Hungria. E' preciso saber que, a isso, foram empurrados não pela sympatia para com a revolução — esse acto lhes foi inspirado pelo poale-sionismo e foi d'elle que aprendiam sêr a revolução não só o melhor remedio contra os massacres, como tambem a unica garantia de uma nova vida judaica productiva bem como de uma Palestina judaica e socialista" (57).

A logica, a moral e a justeza da argumentação acima são tão convincentes que deixamol-a sem commentarios.

---

(56) Vide *"Der Moment"*, de 5-VIII-1923, N.º 181.

(57) *"Proletarische Gedank"* — edição collectiva de 1920.

XXXVI

OS FINANCEIROS JUDAICOS E O BOLCHEVISMO

O paradoxo apparente da vida politica de Israel, essa estricta collaboração das finanças com os movimentos subversivos e destructivos, podemos perfeitamente observal-a no terreno da revolução bolchevista na Russia. E' que, simplesmente, foram os financeiros judaicos que forneceram o dinheiro necessario para a revolução. Não foi isto, aliás, um facto inedito na historia judaica. Pois a revolução americana, o rompimento dos Estados Unidos com a Inglaterra que se desenrolou no fim do seculo XVIII, ao acompanhamento das mesmas divisas que, poucos annos após, iam resoar durante a revolução franceza, foi financeada pelo judeu, Chaim Salomon.

"Segundo as ultimas informações, a commissão municipal de Nova York recusou seu consentimento para a construcção de um monumento que ia sêr erigido no "Madison Square Park", em memoria ao patriota judaico, Chaim Salomon, que auxiliara o financeamento da revolução americana. Salomon apoiara a revolução americana com centenas de milhares de dollares. Estrictamente —

dizem os historiadores — elle fornecera quatrocentos mil dollares e nunca lhe foi restituido nem um centavo" (1)

Na revolução russa, foi o potentado americano, Jacob Schiff, quem desempenhou o papel de Salomon.

Após o desthronamento de Nicolau II, Schiff expediu ao ministro do exterior russo, Milukow, o seguinte telegramma, no dia 19 de Março de 1917:

"Permitta que, como inimigo implacavel da autocracia tyrannica, perseguidora encarniçada dos meus correligionarios, transmitta, por vosso intermedio, minhas felicitações ao povo russo pela acção que acaba de effectuar com tanta magnanimidade bem como os meus votos de prosperidade aos vossos collegas no novo governo e a vós, desejando que obtenhaes um pleno successo na grande tarefa que empenhastes com tanto patriotismo. Deus vos abençoe" (2).

Jacob Schiff provem de Frankfurto sobre o Meno. Sua filha casou com Felix Warburg, sua cunhada com Paulo Warburg; o terceiro irmão Warburg, Max, ficou na Allemanha, em Hamburgo, como chefe da casa bancaria "Max Warburg & Cia." e accionista principal da "Hamburg-America-Linie" e do Lloyd Allemão. Ao mesmo tempo, Max Warburg, junto com ambos seus irmãos americanos, chefiava a casa bancaria "Kuhn, Loeb & Comp."

Em Setembro de 1917, breve após a remessa para a Russia de Lenin, Trotsky e outros pelas autoridades militares allemãs (em carros lacrados), o governo americano apoderou-se do seguinte telegramma:

---

(1) O jornal judaico "*Naint*" de 9-VIII-1927, n. 179.

(2) Cit. por NIETCHVOLODOW: *L'empereur Nicolas II et les juifs;* pag. 72.

"Stockholm, 21 de Setembro de 1917.

Sr. Rafael Scholak, Haparanda.

Presado companheiro. A directoria do banco M. Warburg informa, de accordo com o telegramma da directoria do syndicato westphalio-rhenano, que foi aberta uma conta corrente para a empreza do companheiro Trotsky.

J. Fuerstenberg."

Este telegramma foi inserido na publicação official americana: "The german-bolchevic conspiration — issued by the Committee of Public Information. Washington, 27-X-1918" (3).

Em 1919, novamente, a investigação secreta americana obteve detalhes sobre o papel dos financeiros judaicos na revolução bolchevista e mandou suas informações a todos os governos alliados; a nota fornecida ao governo francez, foi publicada, em 1920, n'um supplemento a "La Vieille France", com a observação: "Todos os governos da Entente conheciam este memorial, redigido na base de dados da investigação secreta americana fornecidos, em tempo, ao alto Commissario francez e a todos seus collegas".

Eis alguns fragmentos do memorial:

"I — Em Fevereiro de 1916, soube-se pela primeira vez que, na Russia, estão incitando para uma revolução. Descobriu-se que as seguintes pessoas e casas bancarias estavam envolvidas n'essa acção destructora:

---

(3) Cit. por NIETCHVOLODOW: *L'empereur Nicolas II et les juifs;* pag. 99.

1.°	Jacob Schiff	judeu
2.°	Kuhn, Loeb & Comp.	casa judaica
	Directoria: Jacob Schiff	judeu
	Felix Warburg .	judeu
	Otto Kahn	judeu
	Mortimer Schiff .	judeu
	Serome H. Hanauer	judeu
3.°	Guggenheim	judeu
4.°	Max Breitung	judeu

Não ha, pois, duvida que a revolução russa que estourou um anno após a obtenção d'estas informações, era propagada e preparada por instigações essencialmente judaicas.

Com effeito, em Abril de 1917, Jacob Schiff fez uma declaração publica que a revolução foi bem succedida, devido ao seu apoio financeiro.

II — Em Abril de 1917, Jacob Schiff começou a fornecer Trotsky (judeu) para que este fizesse uma revolução social; o "Forward" de Nova York, jornal diario bolchevista, tambem fez uma subscripção para o mesmo fim.

De Stockholmo, o judeu Max Warburg egualmente fornecia a Trotsky e a seus companheiros; eram elles, tambem, fornecidos pelo syndicato westphalio-rhenano, importante empreza judaica, como ainda por um outro judeu, Olef Aschberg da Nye Banken em Stockholmo, cuja filha casou com Trotsky. D'esta forma, foram atadas as relações entre os multimilhonarios judaicos e os proletarios judaicos.

III — Em Outubro de 1917, teve logar na Russia a revolução social, devido á qual as chamadas organizações sovieticas tomaram nas mãos a chefia do povo russo. N'estes soviet's foram observados os seguintes individuos... (segue a enumeração de Lénin e de 29 judeus, commissarios do povo — n. do aut.).

IV — No mesmo tempo, o judeu Paulo Warburg estava — segundo foi provado — em tão estreitas relações

com os bolchevistas que não foi reeleito para a directoria do "Federal Reserve Board".

VIII — Si apontarmos o facto que a firma judaica Kuhn, Loeb & Comp. está em relações com o syndicato westphalio-rhenano, firma judéo-allemã, e com os Irmãos Lazare, banco judaico em Paris, afinal com a casa bancaria de Guenzburg, firma judaica em Petrogrado, Tokio e Paris, si notarmos que as emprezas judaicas acima mencionadas estão em estreitas relações com a casa judaica Speyer & Comp. em Londres, Nova York e Frankfurto e, tambem, com o Nye Banken, empreza judéo-bolchevista em Stockholmo, ficará claro que o proprio movimento bolchevista é, até certo ponto, uma expressão do movimento judaico geral e que certas casas bancarias judaicas estão interessadas na organização d'este movimento" (4).

E' preciso lembrar que, tanto Schiff, como Warburg, desempenhavam o papel de dirigentes no Comité dos judeus americanos (American Jewish Committee) e que Schiff assignara o telegramma a Wilson protestando contra a entrega da Silesia á Polonia, sem plebiscito.

Na revolução russa, foram, tambem, as organizações sionistas que desempenharam um papel eminente.

"As organizações sionistas sustentaram a disposição do judaismo russo para a lucta contra o tçarismo e conservaram-nas, como n'um celleiro, para os tempos posteriores. Na lucta contra a reacção do tçarismo, o sionismo trouxe não só a consciencia politica partidaria, como tambem a alma de revolta nacional. D'este modo, o sionismo tornou-se o mais forte manancial do implacavel odio popular dos judeus contra o tçarismo russo" (5).

O judaismo saudou a destrucção bolchevista na Rus-

---

(4) Cit. por NIETCHVOLODOW: *L'empereur Nicolas II et les juifs;* pags. 97-102.

(5) Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus;* pags. 44.

sia com uma explosão de gaudio louco. Ainda estão na recente memoria da geração actual as tentativas judaicas de transferencia da revolução para o Occidente; os governos bolchevistas de Bela Kuhn na Hungria, de Kurt Eisner na Baviera, as agitações de Rosa Luxenburg e de Karl Liebknecht na Allemanha, a attitude dos judeus durante a guerra polono-bolchevista (1920), a actividade do Komintern em todo o mundo e a participação de judeus nos partidos communistas. Na Polonia, foram condemnados, entre outros, por agitação communista: o irmão do ex-senador judaico, Adolpho Trusker, o filho do deputado Icchok Gruenbaum, o filho do conselheiro municipal Toeplitz e sobrinho do famoso banqueiro italiano Toeplitz, sem enumerar centenas de outros judeus menos conhecidos.

Quando, após a retirada dos allemães, os bolchevistas apoderaram-se de Vilno, os judeus saudaram-nos como salvadores. O conhecido scientista judaico, dr. Majer Balaban, assim descreve esse momento, n'um artigo intitulado: "Vilno em tempo de guerra":

"Já se preparavam os polonezes e os lithuanos para occuparem Vilno, quando a grande revolução na Russia rebentou a parede do lado do Oriente e, atravez das recentes frestas, enviou á infeliz Jerusalem lithuana um raio de esperança" (6).

O "raio de esperança" falhou, visto que os judeus não conseguiram inundar a Europa pela revolução. Devastaram só a Russia, com o auxilio dos financeiros judaicos. A consumação d'esse crime pela directoria de todo o judaismo, a participação activa de quasi todos os judeus, sem distincção de partidos, n'esse crime monstruoso contra uma grande nação christã e nas tentativas de transplantação da orgia revolucionaria para os demais estados da Europa, era tão evidente, que o medo apoderou-se dos judeus occidentaes.

---

(6) Vide o jornal judaico "*Nasz Przeglad*" de 10-V-1923.

"Não só razões de ordem nacional, como tambem esse papel eminente que, em nossos tempos, cabe aos chefes judaicos do movimento social-revolucionario, explicam, entre muitos judeus, já prevendo uma reacção contra essas manifestações, a opinião que a restricção a si proprios e a neutralidade seriam, para o proprio bem d'elles, uma attitude mais conveniente... A coparticipação dos judeus manifesta-se, actualmente, pelo facto que esses estremecimentos, essas ondas de anarchia, movem-se n'uma direcção estrictamente definida. A revolta contra a continua destrucção de valores e contra o derramamento de sangue aos quaes condemna os povos a organização capitalista, a tendencia para a eliminação da sociedade de diversas classes afim de dividir os homens unicamente segundo o criterio do trabalho fornecido, das qualificações e da virtude, a tendencia para a transformação do direito de propriedade territorial em simples direito de cultivar a terra, a tendencia para a abolição do direito de herança e de rendas sem trabalho, a tendencia para a destruição do militarismo, das fronteiras aduaneiras e interestadoaes — todos esses impulsos que jogam e abalam a nossa actualidade, são uma razão sufficiente para que, n'uma época em que tanto se adorou o poder, em que gozavam de prestigio só os prophetas da força e da lucta — alguns idealistas não recuassem deante os meios de terror, afim de libertarem, afinal, a humanidade d'esse inimigo, até então invencivel e contando alguns millenios de edade" (7).

Toda esta longa dissertação acima inclúe uma confissão bem clara que os propositos da revolução foram impostos pelos dirigentes judaicos. O sublime dos fins que tinham em vista tem de absolver os milhões de assassinatos perpetrados na Russia e fóra d'ella. Comtudo, por traz d'essas palavras escriptas em 1919, apparece o re-

---

(7) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus;* pag. 90.

ceio que, pela intransigencia na realisação dos seus planos, os judeus são capazes de pagar, algum dia, um preço muito amargo.

Um symptoma do medo dos judeus que as collectividades christãs não os chamem á prestação de contas, é a tactica de negação, não só da participação pessoal na revolução, como, até, da participação dos judeus em geral, tactica esta emprehendida por certas rodas judaicas. Uma expressão caracteristica d'esta tactica desesperada, é um folheto do dr. Alfredo Nossig, sob o titulo: "O bolchevismo e o judaismo".

O autor não nega que "os judeus na organização bolchevista são representados em numero muito grande, até maior do que em qualquer outro partido revolucionario" (8). A tactica de negação directa, o autor considera-a imprudente.

"O proprio facto, nenhuma pessôa bem informada póde negal-o. Quem quer que seja que esteve na Russia, no periodo de pleno desenvolvimento do bolchevismo, ha de confirmar que, não só nas commissões superiores bolchevistas, como em todas as repartições e nas "Tcheka's", pessôas de origem judaica são encontradas em numero muito grande" (9).

Esta quantidade de judeus nas repartições bolchevistas, originou consequencias muito lastimaveis.

"Em vista da participação eminente dos judeus nas "Tcheka's" e nas repartições bolchevistas, em vista do apoio de que gozavam os bolchevistas, no periodo primordial, de uma parte de certos elementos judaicos, a população da Russia e da Ukrania attribuia, sem hesitações, toda a culpa da revolução bolchevista e de seus resultados, aos judeus. Logo que, em alguma parte o poder dos bolchevistas ficava abalado e o exercito vermelho se

---

(8) Dr. ALFRED NOSSIG: *O bolchevismo e o judaismo;* pag. 6.

(9) Dr. ALFRED NOSSIG: *O bolchevismo e o judaismo;* pag. 7.

retirava, as massas amarguradas atiravam-se contra os judeus organizando massacres terriveis entre elles" (10).

Os judeus comprehendem que as apparencias depõem contra elles.

"E mais uma coisa que os judeus comprehendem perfeitamente: logo que advir a queda inevitavel do governo sovietico, então, uma catastrophe de dimensões e de horror nunca vistos, como vinganças das massas torturadas, recahirá sobre esses mesmos grupos do judaismo russo que nada tinham de commum com o bolchevismo e que, pelo contrario, foram por elle saqueados e perseguidos" (11).

Os bonachões dos christãos, entretanto, "do facto de numerosa participação do elemento judaico de modo algum poderão tirar a conclusão que o bolchevismo seja um movimento judaico ou uma acção a favor dos judeus" (12).

A coisa é, pois, tão simples; só é preciso dar-lhe fé. Tambem, não ha coisa que não possa sêr explicada, mórmente quando alguem é credulo e crê em tudo que é impresso e publicado.

"Os judeus dispunham de um numero relativamente maior de intellectuaes que o resto da população, a sua confissão não lhes punha obstaculos — poderá-se extranhar que dezenas de milhares entre elles empregavam-se nas repartições bolchevistas para salvarem a si proprios e ás suas familias?" (13).

Esse envolvimento dos judeus no bolchevismo é nada mais do que um astuto, um perfido ardil dos proprios bolchevistas.

---

(10) Dr. ALFRED NOSSIG: *O bolchevismo e o judaismo;* pag. 14.

(11) *Ibidem,* pag. 25.

(12) *Ibidem,* pag. 8.

(13) *Ibidem,* pag. 12.

"Creou-se, pois, uma apparencia que o bolchevismo era "uma questão judaica", uma acção tendo por fim a fixação do poder dos judeus, sob o estandarte do bolchevismo. Essa apparencia enganadora, reforçaram-na ainda, conscientemente, os bolchevistas, por meios muito refinados, adoptando, por exemplo, como emblema bolchevista, uma estrella quinquangular que, geralmente, era tomada pelo "escudo de David" sexangular". (14).

E, apezar dos protestos judaicos, os bolchevistas não abandonaram essa brincadeira, cheia de malicia.

"Apezar d'isso, continuou-se a divulgar a lenda de uma secreta relação especial entre os judeus e o governo sovietico. Pois o bolchevismo, não se contendando com a conquista da Russia, pretendia apoderar-se de todo o globo terrestre. A Polonia ia constituir a ponte pela qual o bolchevismo queria penetrar na Europa Occidental. Por esta razão, os emissarios bolchevistas espalhavam, continuamente, a noticia sobre a sua solidariedade com os judeus, entre a população judaica atrazada, nos confins orientaes da Polonia e nos centros judaicos de todo o mundo" (15).

Com effeito, que calumnia e que perversidade! Uma parte do judaismo mais atrazado deixou-se illudir pelos agitadores astutos e mentirosos.

"Para a maior parte dos judeus, a essencia e o jogo do bolchevismo não estavam ainda transparentes. Olhavam para toda essa actividade, como atravez de uma nuvem. Alguns d'elles estavam, talvez, attrahidos secretamente pela idéa que, algures, ali, no Oriente, uns heroes judaicos iniciaram um progresso colossal da humanidade e que já estava proximo o triumpho mundial de Israel, na concepção dos prophetas" (16).

---

(14) *Ibidem*, pag. 13.

(15) *Ibidem*, pag. 15.

(16) *Ibidem*, pag. 16.

Coitados! esses judeus, geralmente tão ingenuos e rectilineos, deixaram-se illudir! E eram poucos, visto que, entre trinta commissarios do povo no primeiro governo bolchevista, tinha só vinte e nove judeus! Imputa-se aos judeus que o bolchevismo está realisando um communismo cujas fontes estão na doutrina de Israel e que os judeus tomam parte, em massas, na acção communista; a primeira imputação procede, principalmente, do clero catholico, a segunda — dos russos e dos polonezes.

"A identificação do judaismo com o bolchevismo, pela simples razão do numero de judeus pertencentes ás fileiras bolchevistas, é uma conclusão que deviam evitar, justamente aquellas nações que mais com ella operam: os russos e os polonezes. A todo conhecedor da Russia não está occulto o facto que não só os russos, como tambem os polonezes, são representados em numero muito superior em certas organizações bolchevistas do que os judeus, especialmente nos postos mais altos... Na composição do exercito vermelho, entram regimentos inteiros de polonezes" (17).

Quanto á concordancia do communismo com a doutrina judaica, como antes os russos e os polonezes, agora é o clero catholico que fará melhor em ficar calado, si não quizer arrepender-se.

"Pois a doutrina judaica lhe é conhecida perfeitamente. Hoje, quando já está traduzida toda e qualquer pagina do Talmud, não se póde mais fallar n'uma secreta tradição judaica qualquer. O Velho Testamento, contendo a synthese essencial d'essa doutrina, é egualmente sagrado para o christianismo, como o é para o judaismo... O clero christão pertence mesmo aquelles a cuja guarda está confiado o livro do Velho Testamento. Será que elle, tambem, confessa pertencer ao bolchevismo?" (18).

---

(17) *Ibidem*, pag. 20.

(18) *Ibidem*, pag. 20 e 21.

Deixemos toda esta arrogante apologia sem commentarios. Apénas, apontaremos o facto, com quanta ousadia os judeus estão brincando com... a ingenuidade dos leitores arios.

Foram elles que financearam e organizaram o bolchevismo e, por precaução, esforçaram-se de renegal-o, comquanto, até hoje, aufiram lucros d'elle. Basta mencionar a acção de colonisação agraria judaica no territorio da Russia actual. Pois não foi nenhum outro a não sêr o Joint Distribution Committee, orgão do American Jewish Committee, dirigido pelos financeiros judéo-americanos que, na questão de colonisação judaica, firmou um contracto com o governo dos soviet's, com o mesmo governo que armara aos judeus um ardil tão perfido e que descobrimos, graças á explicação do sr. Alfredo Nossig. O primeiro contracto foi firmado entre Rykow e o representante do Joint, em 1924, e, depois, tem sido renovado. Eis o theôr do primeiro contracto:

"O governo concede ao Afro-Joint (secção de agricultura do Joint Distribution Committee) o direito de desenvolver na Russia uma actividade que tem por fim a introducção de novos grupos de população judaica na actividade agricola e o reforço da acção colonisadora dos judeus. O Agro-Joint é uma instituição philantropica que não se dedica ao commercio e não é calculada para auferir lucros. O Agro-Joint compromette-se a gastar, no correr do primeiro anno, a quantia não inferior a 400 mil dollares em beneficio dos fins acima mencionados. O Agro-Joint possúe o direito de pessôa juridica, em todos os terrenos da União das Republicas Sovieticas; assiste-lhe, pois, o direito de compra de toda especie de propriedades territoriaes e de terrenos, o direito de estabelecimnto de contas proprias em todas as casas bancarias, o direito de participar, em caracter de accionista, de quaesquer emprezas, comtanto que sejam ligadas á sua actividade, o direito de arrendar suas propriedades, o direito de construir predios, escriptorios, officinas, casas commerciaes, como tambem o direito de auxiliar quaesquer emprezas legalmente existentes.

O Agro-Joint fica isento de quaesquer pagamentos de patentes e dos impostos: de renda, de capital, estadual e, especialmente, de quaesquer impostos regionaes e federaes. O Agro-Joint estenderá sua actividade sobre a população não judaica que habita dentro ou na visinhança da população judaica. A actividade do Agro-Joint consiste em:

a). fornecimento de toda especie de cooperativas, como sejam: as collectividades agricolas, as caixas de emprestimo e de seguros, sociedades de credito, fornecimento de grupos de operarios temporarios, como tambem dos trabalhadores agricolas judaicos individuaes;

b). organização de grupos judaicos de operarios temporarios e o seu estabelecimento em outras provincias;

c). ensino dos agricultores judaicos em todos os ramos de organização, direcção e cooperação.

O governo sovietico offerece ao Agro-Joint certas extensões territoriaes, mencionadas n'uma lista feita **ad hoc**, para o fim de serem colonisadas por judeus. O Agro-Joint tem o direito de executar, nos terrenos que lhe são concedidos, quaesquer obras preparatorias, como sejam: irrigações, drenagens, etc., parcellações, construcções de predios, fundação de escolas, reflorestamento de terrenos, estabelecimento de chacaras, etc.

Os judeus estabelecidos pelo Agro-Joint gozam de todas as concessões e privilegios que são concedidos pelo governo aos judeus estabelecidos como agricultores, a saber :da faculdade de construcção mais barata de edificios, condições de pagamento em prestações mais vantajosas, reducção dos impostos, etc. O Agro-Joint participará dos trabalhos da união dos agricultores judaicos e terá o direito de fornecer-lhes assistencia juridica e de credito. As propriedades do Agro-Joint nos paizes da

União das Republicas Sovieticas nunca serão sujeitas á expropriação, requisições, etc.

O Agro-Joint póde, livremente, nomear seus funccionarios e operarios, sem embargo da opinião das commissões de trabalho locaes. Com relação á altura dos salarios e das condições de trabalho, o Agro-Joint reconhecerá os preceitos que vigoram na União das Republicas Sovieticas. Os funccionarios do Agro-Joint terão todos os direitos de funccionarios do governo sovietico. O Agro-Joint tem o direito de importação isenta de impostos aduaneiros de quaesquer productos e utensilios que lhe serão necessarios para o seu trabalho. O contracto presente é temporario. Cada uma das partes contractantes tem o direito de denunciar o presente á outra parte, por via escripta. Em tal caso, garante-se ao Agro-Joint o prazo de um anno para a liquidação. Em caso de liquidação, o Agro-Joint tem o direito de transferir o seu titulo de propriedade a uma cooperativa que desenvolver a mesma actividade que o Agro-Joint ou a outra organização qualquer com fins similhantes. O governo concede ingresso e regresso livres aos extrangeiros que são membros do Agro-Joint" (19).

Na base d'este contracto, renovado por varias vezes, o Agro-Joint organizou na Russia uma colonisação judaica emprehendida em grande escala. Essa colonisação abrange a Criméa, uma parte da Ukrania e da Russia Branca. Nas colonias foi estabelecida a lei territorial correspondente aos preceitos do judaismo e do communismo. Proprietaria da terra é a collectividade representada pelo Agro-Joint, ao passo que os colonos são arrendatarios fixos. A extensão colonisada só em tres annos (1924-1927) de accordo com os dados publicados pelo Joint nos jornaes judaicos, póde sêr calculada em cerca de um milhão de hectares.

---

(19) J. KREPPEL: *Juden und Judentum von Heute;* pag. 533-534.

A terra obteve-a o Joint ou de graça ou quasi de graça. Na sessão do Joint, em 1927, o presidente Felix Warburg, genro de Jacob Schiff que organizara o financeamento da revolução bolchevista, fazendo o relatorio da sua viagem de inspecção ás colonias judaicas na Russia, declarou:

"Em paiz algum fomos tão isentos de formalidades e em parte alguma nos foi garantida tanta liberdade de movimentos, como na Russia sovietica" (20).

Os terrenos para a colonisação foram obtidos pela confiscação dos latifundios e pelo desalojamento dos camponezes das suas habitações, visto que o contracto com o governo sovietico reconhecia ao Joint umas prerogativas enygmaticas com respeito á população não judaica estabelecida entre judeus ou na visinhança d'elles.

Esse direito tornou-se uma sentença de morte para os infelizes camponezes na Criméa, na Ukrania e na Russia Branca. Afim de poder entregar aos judeus territorios uniformes, os bolchevistas começaram o transporte em massas de camponezes com as suas familias para a Siberia e para o Extremo Oriente.

"O preparo da terra para os judeus foi effectuado de uma forma abusiva e violenta. Kalinin confessou que a acção de desalojamento de massas de camponezes para a Siberia e para o Extremo Oriente ia sendo executada energicamente" (21).

O plano da "piatiletka"" (de cinco annos) tambem foi inventado pelos judeus, como meio de occupar os judeus na industria (22). Pois foi ainda em 1921 que Rádek (Sobelson), ao fallar na commissão de poderes do Komintern aos delegados do Poale-Sion da Polonia, prometteu claramente:

---

(20) Vide *"Nasz Przeglad"* de 1927, n. 304.

(21) D. PETROWSKY: *La Russie sous les juifs;* pag. 301.

(22) *Vide "Nasz Przeglad"*, de 4-XII-1930.

"Emquanto tivermos uma republica dos soviet's, as massas judaicas poderão passar ao trabalho productivo e não terão necessidade de emigrar" (23).

De accordo com essa promessa, o governo sovietico procurava executar, nos moldes da "piatiletka", o principal postulado dos dirigentes do judaismo, pela reorganização da estructura economica das massas judaicas. Em vista da ruina do commercio meudo, milhares de agenciadores judaicos ficaram sem pão na Russia. A piatiletka encontra, para esses judeus, collocação na lavoura e na producção industrial. E o governo actual da Russia segue, sob este respeito, a linha traçada pelos chefes vermelhos anteriores. Faz-lhe justiça o sionista Icchok Gruenbaum, no artigo intitulado: "Comparações que se impõem":

"Isso torna-se possivel, devido ao facto que a nacionalisação da industria e a reforma agraria radical, puzeram á disposição do governo sovietico immensas extensões de terra e todas as fabricas. Porquanto o plano economico executado com toda intransigencia, a custo de miseria e de soffrimentos sem exemplo da população em geral, provocou a procura da mão de obra possibilitando a entrada de judeus na industria" (24).

Gruenbaum não receia a "russidade" de Stálin, visto que o bolchevismo continúa a cumprir a sua tarefa.

A colonisação judaica na Ukraína e na Russia Branca está sendo organizada immediatamente além da fronteira poloneza oriental. Visto que os judeus não se importam com as fronteiras interestadoaes, exigem, agora, o alargamento d'esta colonisação para o oeste, aquem da fronteira poloneza, em combinação com os planos de seccação da provincia poloneza de Polesie. E' um postulado official do Joint apresentado na grande conferencia de

---

(23) Citado por RUDOLF KORSCH: *Os agrupamentos judaicos*, etc.; pag. 11.

(24) Vide "*Nowe Slowo*", de 13-III-1932, n. 73.

Chicago, em Novembro de 1927. Eis o texto do telegramma da Agencia Telegraphica Judaica:

"Chicago, 5-XI-1927 (J. T. A.). Na grande conferencia de Joint em Chicago, foi, entre outros, ventilado o problema da possibilidade de colonisação judaica na Polonia. Este problema foi referido pelo vice-presidente do Joint, sr. James Rosenberg. O referente apontou que a iniciativa d'este movimento provinha dos proceres judaicos na Polonia. Essa iniciativa — observou o referente — devia têr sahido não só dos judeus polonezes, como tambem do governo polonez. A Polonia acaba de receber um emprestimo de 70 milhões de dollares. Este emprestimo é destinado á reconstrucção economica. Um grupo de judeus polonezes fundou uma sociedade de apoio á colonisação agricola na Polonia. Sob a influencia do successo da colonisação judaica na Russia sovietica, tambem entre a população da Polonia surgiu uma tendencia para a lavoura. Julgo — continuou sr. Rosenberg — que essa tendencia devia sêr saudada com a maxima sympatia. Concretamente, trata-se de uma extensão de 4 a 5 milhões de ares (20 mil kilometros quadrados) de terras pantanosas na região de Pinsk. Essa terra é similhante á que está sendo seccada e drenada pelos judeus na Russia Branca. A superficie acima não póde sêr cultivada, antes de sêr seccada. Actualmente, essas terras são abandonadas e improducentes. Um milhão de acres convenientemente seccados e preparados forneceriam a possibilidade de colonisação para 40 mil familias judaicas (o total seria, pois, sufficiente para 200 mil familias ou sejam cerca de 1.500.000 judeus — n. do aut.). Poderá esperar-se — proseguiu o sr. Rosenberg — que o governo polonez conceda a superficie acima mencionada para os fins de colonisação? Não ouso responder a esta pergunta. Queria só apontar o facto que terrenos necessarios existem o que fornece base á esperança que ha uma possibilidade de colonisação judaica na Polonia. Seria difficil suppôr que o successo da colonisação judaica na Russia dos Soviet's fosse desconhecido pelo governo polonez e que a

Polonia que tem interesse em augmentar suas reservas de cereaes, não o tomasse em devida deliberação. Seria, devéras, ridiculo pensar em apoio a uma emigração em massa de judeus da Polonia. Emigrar? para onde? talvez despachar os emigrantes judaicos para os desertos do Sahara? Não conheço paiz algum que possa, actualmente, receber uma maior onda de emigração judaica. Sejamos realistas e contemos com os factos. As portas de todos os paizes estão fechadas Póde-se soccorrer a população judaica só nos proprios paizes onde ella está estabelecida" (25).

A exigencia da provincia de Polesie foi posta, claramente, na conferencia dos representantes do American Jewish Committee com o embaixador polonez, sr. Tito Filipowicz, em Nova York, em Dezembro de 1930 (26).

Portanto, uma colonisação judaica de ambos os lados da fronteira polono-russa. O sionismo de Achad ha-Am organizando os judeus na diaspora para uma estada permanente, em condições em que os agricultores judaicos possam, tambem, conservar o papel de intermediarios commerciaes, até em grande escala. A essencia d'esses projectos nol-a explica o dr. Lion Feuchwanger, n'uma conferencia realisada em Dezembro de 1927 e intitulada: "O judaismo e o seu futuro", em que disse:

"Considero o sentido mais essencial da posição judaica no facto que os judeus têm de tornar-se intermediarios entre a Europa e a Asia" (27).

Explicações mais detalhadas, encontramol-as n'um artigo intitulado: "Paneuropa e Eurasia". O artigo debate a questão da Paneuropa, depois, passa ao problema da Russia. Contando com a separação da Russia da civilisação occidental e com a liquidação da obra de Pedro

---

(25) "*Nasz Przeglad*", de 1927, n. 300.

(26) Vide "*Nasz Przeglad*", de 22-XII-1930.

(27) "*Nasz Przeglad*", de 19-XII-1927.

o Grande de que é expressão o chamado movimento eurasiatico entre a emigração russa no Extremo Oriente, chega á conclusão que a Russia já é hoje um estado eurasiatico. Emfim, ventila o papel da Polonia ou, para dizer melhor, do judaismo polonez. O dilemma é este: unir-se á Paneuropa ou á Eurasia ? O melhor será... permanecer no meio, entre estes dois blocos "aproveitando a situação geographica da Polonia como tendo ligação natural entre a Europa Occidental e a Russia sovietica" (28).

A colonisação agricola de ambos os lados e ao comprido da fronteira poloneza, seria uma estabilisação definitiva no territorio de um estado situado, geographicamente, entre a Paneuropa e a Eurasia, graças a que os judeus poderiam tornar-se factor de ligação e encarregar-se do papel de intermediarios commerciaes entre a Europa e a Asia, actualmente separadas e reciprocamente extranhas.

Tão bello e tão vasto plano é o fructo da revolução russa. O rabbino Breimow, batalhador sionista nos Estados Unidos da America do Norte, ao regressar da Russia, disse ao correspondente do "Moment" judaico, em Varsovia:

"Passei n'essa viagem tres mezes e constatei que o que mais dóe os judeus russos, é o facto terem-nos a America e a Europa totalmente esquecido e como si desconfiarem d'elles que tanto contribuiram para o judaismo do mundo inteiro" (29).

Necessitam de creditos, porém os financeiros judaicos estão, elles mesmos, atrapalhados. A gratidão, entretanto, alimenta; alimenta, sem duvida alguma. Apezar d'isto, ella é muito capaz de sacrificar, mais uma vez, os judeus russos, logo que isto exigirem os fins da politica mundial de Israel.

---

(28) *"Nasz Przeglad"*, de 19-XII-1927.

(29) *"Der Moment"*, de 27-IX-1926.

XXXVII

OS JUDEUS NA AMERICA DO NORTE

Artigo publicado por Zygmunt Czerwijowski na "Gazeta Warszawska" em 24 de Dezembro de 1932

A questão judaica, injustamente definida com a concepção de "antisemitismo", está se tornando, na Europa e na America, cada vez mais actual. Para a origem d'esta questão, contribuiram factores de ordem politica, social, economica e religiosa. O judeu orthodoxo pertence a um mundo em si proprio fechado e caracterisado por uma grande solidariedade, hostil a tudo que se encontra fóra do seu grupo social.

As condições na America caracterisam perfeitamente a attitude hostil dos judeus, com referencia aos "goi's" (1). Para orientar exactamente o leitor no conjuncto d'essas condições, começaremos por apresentar um eschema da organização judaica nos Estados Unidos para,

---

(1) "Goi", em hebreu, designação injuriosa dada pelos judeus a todos que não são judeus, principalmente aos christãos.

depois, fornecermos uma série de factos demonstrando as tendencias imperialistas dos judeus americanos.

Segundo o "Deaborn Independent", existem duas poderosas organizações no territorio dos Estados Unidos: O "Kehillah" (autoridade rabbinica) de Nova York e o Comité Judaico da America.

O Kehillah (os judeus polonezes chamam-no de Kahal) desempenha um papel importante na vida dos americanos, pois é, de facto, um governo dentro de outro governo... Divulga uma propaganda philosemita e antichristã bem como combate algumas idéas americanas. O Kehillah é uma forma de governo judaico na diaspora. O Kehillah representa a autoridade e a protecção á qual o judeu orthodoxo recorre para receber ordens e justiça. Sir Stuart Samuel e Morgenthau, por occasião das investigações sobre os suppostos "pogrom's" (2) judaicos na Polonia, dirigiam-se ao Kehillah e ao B'nai-B'rith. Devido á recommendação do Kehillah e do Comité Judaico da America, foi resolvido, na conferencia de paz em Paris, o estabelecimento de Kehillah's na Polonia e na Rumania. O Kehillah novayorkense é a mais poderosa união judaica em todo o globo terrestre. Em Nova York que está estabelecida a central do poder judaico mundial e é, para os judeus, o que Mecca representa para os mahometanos. No Kehillah centralisam-se todos os agrupamentos judaicos e todos os seus interesses. Ali, que se encontram judeus de grupos mais variados: o capitalista e o bolchevista, o rabbino e o presidente de uma sociedade, o grevista e o fabricante contra o qual foi proclamada a greve. O Kehillah é, propriamente dito, conforme isso apparecerá dos factos abaixo citados, uma união aggressiva contra os "goi's". Na sua frente estão individuos que exercem altas funcções do governo americano, da jurisdicção e do mundo bancario.

---

(2) "Pogróm", em russo, significa massacre; a palavra tornou-se internacional.

No seio do Kehillah em Nova York, encontramos taes instituições como: a conferencia central dos rabbinos americanos, o conselho oriental dos rabbinos reformados, a congregação independente B'nai-B'rith, a congregação independente B'rith-Sholom, a congregação independente dos filhos livres de Israel, a congregação independente B'rith-Abraham, a federação dos sionistas americanos, a dos judeus reformados, dos judeus sionistas, dos judeus americanisados, dos judeus ricos, dos judeus pobres, dos judeus conservadores e dos judeus revolucionarios... O Kehillah em Nova York constitúe uma compacta communidade judaica que não só sabe formular vehementes protestos e reunir numerosos comicios, como, tambem, sabe tornar-se uma galeria sussurrante de onde partem boatos tanto tempo, quanto é necessario para se tornarem opinião publica. Para facilitar o trabalho, o Kehillah dividiu Nova York em 18 districtos.

Como factor de ligação entre a central das autoridades judaicas (Kehillah) e a população judaica, serve o Comité Judaico. Este dividiu os Estados Unidos em 12 districtos. Ao 12.° districto pertence Nova York; o comité districtal da cidade é designado pelo Kehillah e é, ao mesmo tempo o comité executivo do Kehillah. Ao comité executivo, pertencem 25 pessôas que, tambem, fazem parte do Comité Judaico Americano. N'este Comité, encontramos judeus com nomes conhecidos que, ali, centralisam a vontade dos judeus em questões religiosas, politicas, financeiras e racistas. As organizações judaicas são numerosas e possuem muitas ramificações. São, todas ellas, essencialmente internacionaes, sejam officialmente registradas ou não. As commissões executivas de maior importancia, são dirigidas pelas mesmas pessôas. Os nomes do juiz Mack, de Brandeis, dos Warburg, de Schiff, Wolff, Morgenthau, Elkus, Strauss, Louis Marshall, Borah e de outros, repetem-se seguidamente, em toda acção offensiva ou defensiva emprehendida pelos judeus.

Nos Estados Unidos existiam, até 1932, mais de 6.000 organizações judaicas registradas. Uma das mais conhecidas organizações é a de B'nai-B'rith (Irmãos da

Alliança), conhecida, tambem, como maçonaria, exclusivamente judaica. A séde principal da organização está em Chicago. Seu comité executivo traz o nome de "seniores". B'nai-B'rith é o braço direito do Comité Judaico Americano. Todas as vezes que se torna necessario emprehender algo de importanet, B'nai-B'rith toma a direcção e leva a tarefa ao fim. Para o contacto directo com o resto da sociedade judaica, B'nai-B'rith utilisa-se da "Liga para Defeza da Honra". Esta, antes de tudo, colhe as necessarias informações para a B'nai-B'rith, cuida da execução do plano demarcado applicando pela regra o methodo offensivo. Presidente da Liga, em cada cidade, é, geralmente, um individuo que, por esta ou aquella razão, póde exercer pressão sobre a imprensa.

Officialmente, o Comité Judaico Americano tem o seguinte plano de ação:

1.° evitar a intervenção dos estados nos direitos civis e religiosos dos judeus em todas as partes do mundo;
2.° fornecer todo auxilio juridico e emprehender uma respectiva acção interventora, em casos de restricção d'esses direitos existentes ou ameaçadora ou, emfim, em casos de uma opinião contraria á concessão dos mesmos;
3.° garantir aos judeus a egualdade dos direitos economicos, sociaes e instructivos;
4.° afastar os effeitos das perseguições, caso taes houver, e acudir com auxilios nas calamidades que ferirem judeus.

Comtudo, na realidade, as exigencias das organizações judaicas tansgrediram os limites officialmente demarcados. Podem sêr formuladas do seguinte modo:

1.° trabalhar contra a limitação da immigração judaica para os Estados Unidos;

2.° conseguir o reconhecimento official da religião judaica pelas administrações das cidades, dos Estados e pelo governo da Federação;
3.° eliminar quaesquer menções sobre Christo dos documentos publicos editados pelas autoridades bem como das reuniões publicas;
4.° fazer reconhecer officialmente o sabbado judaico;
5.° obtêr o direito de trabalhar e negociar aos domingos;
6.° abolir o festejamento do Natal nas escolas publicas e nas repartições;
7.° afastar dos empregos publicos e chamar á justiça as pessôas que, publicamente, criticarem os judeus;
8.° collocar o Bet-Din (emblema de juizo judaico) nos fôros officiaes;
9.° eliminar das escolas publicas a litteratura que os judeus não desejarem;
10.° prohibir o termo "christão" e as expressões: "estado", "religião" e "nacionalidade" em todos os editaes e documentos publicos.

As theses acima mencionadas, os judeus, em parte, já as conseguiram impôr, em parte, continuam impondo com perseverança.

Quão forte é o prestigio judaico nos Estados Unidos, prova o facto que o governo americano não póde, ha mais de 25 annos, effectuar um recenseamento dos judeus, devido á opposição formal do Kehillah (3). Em 1908, o commissario de policia da cidade de Nova York, o general Bingham, foi obrigado a demittir-se, por exigencia do

---

(3) Ha uma superstição entre os judeus que nunca devem sêr contados. Desde os tempos romanos, os judeus sempre se oppunham ao recenseamento. Até dentro de uma casa ou dentro de um carro com passageiros, os judeus não gostam de sêrem contados, pois isto lhes traz má sorte.

Keillah, porquanto affirmava que 50 % dos crimes em Nova York, são commettidos pelos judeus. O Kehillah offende-se, especialmente, com a imputação que os judeus participam do trafico de escravas brancas (caftens) e primam n'esta qualidade de commercio.

Os jornaes que forneceram similhantes informações, foram constrangidos a interromper a publicação de artigos a este respeito.

Em 1870, o "irmão" da loja B'nai-B'rith, Benjamin Peixoto (judeu), foi, por exigencia do Kehillah, designado para consul dos Estados Unidos na Rumania, afim de melhorar a situação dos judeus, ali perseguidos. Essa perseguição consistia no protesto geral dos camponezes rumaicos contra a venda de bebidas alcoolicas e contra os estabelecimentos de penhores dirigidos por judeus.

Tambem para a Espanha, sob a pressão do irmão da B'nai-B'rith, Simão Wolff (judeu), foi nomeado, como ministro plenipotenciario, um judeu, afim de sêr sublinhado o facto que os Estados Unidos não estavam de accordo com o acto de expulsão dos judeus da Espanha. Para condemnar a má vontade dos allemães para com os judeus que se apoderavam, aos poucos, do poder, nos ramos das finanças, da industria e da politica, nos tempos do presidente Harding foi nomeado um judeu para embaixador na Allemanha. A Turquia, tambem, teve um ministro plenipotenciario americano, Morgenthau, judeu.

No periodo presidencial de Taft, os judeus exigiram o rompimento de todos os tratados commerciaes com a Russia. Quando o presidente dos Estados Unidos, Taft, durante o almoço a que convidou a delegação judaica, nas pessôas de Jacob Schiff, Simão Wolff e outros, chamou a attenção da delegacia que o rompimento causaria prejuizos aos capitalistas que, ha 50 annos, locavam seus fundos na Russia, Jacob Schiff ficou tão irritado com a opposição do presidente que, ao sahir da Casa Branca, não apertou a mão a Taft. Alguns mezes depois, Taft teve de ceder. O proposito dos judeus americanos foi de, pelo rompimento dos tratados com a Russia, entregar as relações

commerciaes russo-americanas nas mãos dos judeus allemães. Os banqueiros de Frankfurto sobre o Meno e os seus parentes da Wall Street de Nova York sabiam que, d'esse modo, conseguiriam o dinheiro e o poder sobre a Russia.

Jacob Schiff, entretanto, vivia com a idéa de derribar a Russia. Por intermedio de comicios em massas, os judeus obrigaram o congresso ao rompimento dos tratados com a Russia. Faziam parte do jogo planos financeiros e revolucionarios.

Jacob Schiff concedeu um auxilio financeiro ao Japão, na guerra contra a Russia e procurava enxertar aos prisioneiros russos, nos campos japonezes, os principios do communismo.

Depois, financeou os primeios passos de Trotsky, Lenin e de seus companheiros. O primeiro governo revolucionario na Russia, composto quasi exclusivamente de judeus, foi transportado, directamente, de Nova York, do bairo East Side.

A casa bancaria Kuhn, Loeb & Comp. cujo proprietario principal era Jacob Schiff, apoiou, ha tempos, Harrimann contra Jansen em Hill, no seu duello ferroviario.

Os Estados Unidos foram aproveitados, com outras palavras, em caracter de ariete para derrubar os muros.

De que meios se utilisava o Kehillah no terreno dos Estados Unidos, sabemos do calendario judaico de que, tambem, extrahimos o anno judaico.

Em New Jersey, por occasião do congresso nacional dos veteranos da guerra, a moção para ser restabelecida a cruz, como distinctivo dos capellães, foi rejeitada pelos votos dos judeus.

No anno de 5670 (éra christã 1909-1910), em Newark, Estado de New Jersey, os rabbinos apresentaram uma moção para que as escolas nocturnas suspendessem as aulas ás sextas-feiras, devido ao "asabbath". Em Nova York, os membros da bolsa americana exigiram a suspensão das operações no dia da festa judaica de Iom Kippur.

No anno de 5763 (1912-1913), sob a direcção da B'nai-B'rith, os judeuse votaram uma resolução contra a leitura da Santa Escriptura e contra a execução de cantos religiosos christãos nas escolas publicas. Em Chicago, os judeus conseguiram a eliminação do Natal da lista dos feriados officiaes nas escolas publicas. Em Ohio, propuzeram a proclamação de um regulamento prohibindo fallar em religião nas escolas publicas. Em New Jersey, exigem a revogação da lei sobre o festejar os domingos.

No anno de 5670 (1909-1910), em Pensilvania, foi votada a resolução proposta pelos judeus recommendando a cessação do costume de rezar Padre Nosso nas escolas.

No anno de 5671 (1910-1911), no Estado de Detroit, os judeus oppuzeram-se á leitura e ao canto de hymnos christãos nas escolas.

No anno de 5669 (1908-1909), em Baltimore, foram prohibidas, por exigencia dos judeus, as festas escolares durante o Natal.

No anno de 5680 (1919-1920), os judeus gozavam de tanta influencia em Nova York, que quando o Banco Federal de Reservas e o Comité do Emprestimo da Liberdade inseriram, nos jornaes, um annuncio que "procurava-se um stenographo christão", os judeus entregaram um protesto ao director do Banco, Benjamin Strong. O annuncio foi retirado e o Secretario das Finanças, Mac Adoo, expressou sua condemnação para um facto tão altamente antipatriotico. No mesmo tempo, comtudo, os judeus publicavam annuncios em que estavam bem accentuado que se procuravam auxiliares "judeus".

"Quando no livro "Plattsburg Manuel" publicado para officiaes nos campos de exercicio militar, foi inserida uma phrase que um official ideal devia sêr "um gentleman christão", os judeus, por intermedio de Louis Marshall (judeu), apresentaram um protesto "contra quaesquer manifestações christologicas". A palavra "christão foi substituida pela palavra "polido".

Em muitas escolas, foi prohibida, devido á inter-

venção judaica, a leitura do "Mercador de Veneza" de Shakespeare.

Além dos exemplos acima citados, é necessario accentuar que, em outros terrenos, os judeus americanos, tambem, conseguiram alcançar victorias notaveis. Si tratarmos dos cinematographos por exemplo: 95 % das sociedades cinematographicas estão nas mãos de judeus; 90 % da producção está centralisada nas mãos de 10 sociedades que têm as suas sédes em Nova York e em Los Angelos. Constituem ellas uma organização compacta que cuida bem dos interesses judaicos e não admitte ao mercado films antijudaicos.

E' preciso chamar a attenção sobre o facto que o theatro americano, tambem está dominado pelos judeus e tratado como uma empreza commercial. Os "trust's" theatraes judaicos apoiam judeus-actores e peças geralmente escriptas por judeus. Os caracteristicos actuaes dos palcos americanos são a leviandade, o sensualismo, a indecencia, a ignorancia e a superficialidade. Os espectaculos theatraes são calculados para o nivel intellectual da mocidade de 13 a 18 annos que, ainda, é maneavel e póde sêr modelada, segundo o fim desejado.

A imprensa, nas suas tres quartas partes, está, tambem, nas mãos judaicas.

Em taes condições, não é de extranhar que, na época da guerra mundial, o senador Borah (judeu) tinha mais poder do que qualquer outra pessôa nos Estados Unidos. Segundo suas proprias palavras proferidas ao sr. Jefferis, d'elle só dependia o que receberia o exercito, a frota, as ferrovias ou os alliados. Como membro do Supremo Conselho Economico, decidia sobre a utilisação do capital nas emprezas particulares, no ramo dos materiaes, na industria, até na designação da população sujeita ao serviço militar. Tinha o poder sobre o pessoal que trabalhava no paiz, ganhando, ao mesmo tempo, milhões de dollares nos fornecimentos militares.

No mesmo periodo, era defensor e auxiliar de Woodrow Wilson, o jornalista judaico, David Lawrence.

O imperialismo da raça judaica, conforme vêmos, revelou-se nos Estados Unidos, em toda sua plenitude. Os americanos affirmam terem os judeus esquecido que a hospitalidade de um estado não deve tornar-se onus para o mesmo. Nos Estados Unidos já é commum a opinião que o "antisemitismo" sempre foi o ultimo recurso dos dirigentes judaicos, perante... a verdade. Os americanos consideram sêr coisa provada que os judeus, mui frequentemente, excitam o antisemitismo entre as sociedades não judaicas de proposito, para poderem governar, com mais facilidade, o proprio povo.

A bem dizer, na America, conforme provam os factos, não existe antisemitismo, mas, sim, "antigoismo".

XXXVIII

A CRISE ESPIRITUAL

E' multisecular em Israel a sua politica mundial. O modo conspiratorio de seus methodos, junto á conservação de tradições politicas por milhares de annos, fez d'ella um mysterio ciosamente guardado pelo dirigente de Israel. Todavia, a occultação dos fins e dos methodos póde sêr applicada com vantagem só perante os que vivem unicamente pela actualidade. A' luz do passado, ao confrontar com a cadeia ininterrupta dos factos ligados logicamente entre elles, rompe o veu mais opaco e descobre as tendencias e os fins reaes. A' luz da historia, claream as trevas mais obscuras, ao passo que os enygmas occultos com a maxima arte, ficam reduzidos ao ovo de Colombo. D'alli, a importancia da historia não falsificada, para a vida actual.

Entre individuos praticos dos povos christãos, o conhecimento da historia soffre um desprezo injusto. Não acontece isto entre os judeus, até entre os mais atrazados.

"Uma consciencia historica, unica em seu genero, está animando este povo penetrando toda a sua obra, qualquer das suas acções e proporcionando-lhe uma durabilidade e uma certeza verdadeiramente incomprehensiveis" (1).

---

(1) H. KOHN: *Die politische Idee des Judentums;* pag. 17.

A idéa messianica, a idéa de dominação do mundo por Jehovah e por Israel, seu alliado, por meio de Messias, o chefe invencivel — leva os judeus atravez da historia. Em consequencia d'isto, a historia d'elles é uma coisa muito differente da historia dos demais povos, pois abrange na sua totalidade, da historia d'esses povos com os quaes os poz em contacto, esse extranho impulso nomade que póde sêr observado, até na origem obscura de Israel. Essa idéa messianica de escravisar todos os povos para os atirar aos pés de Jehovah e aos seus proprios, empregnou todo o povo judaico. Póde se affirmar, sem receio de commetter um erro, que o caracteristico de pertence ao judaismo — é o reconhecimento da sua missão messianica.

"D'este modo Israel, o proprio povo, torna-se Messias, seu caminho — symbolo de caminho do animo que, apparentemente sempre vencido, exerce silenciosamente seu poder e abre o caminho para a salvação" (2).

O povo inteiro, como enfeitiçado, corre, ha seculos, atraz de uma illusão qualquer e os seus dirigentes, a favor d'esse fogo fatuo, d'essa loucura, d'essa dominação do mundo, exigem d'elle esforços constantes e tantas victimas sangrentas.

"O reino divino é d'este mundo, uma vez que Israel desempenhe seu papel, isto é, conserve-se na altura, mercê á propria disciplina, e mantenha-se na posição para poder auxiliar com todas as suas forças n'aquillo que se effectúa no mundo a favor do programma estabelecido pelos prophetas" (3).

Hoje, com maior força do que em qualquer outra época, os sonhos messianicos apoderaram-se dos dirigentes de Israel e de todo o povo judaico.

"O dever do messianismo pratico, mais do que em qualquer outro tempo, bate ás portas de Israel" (4).

---

(2) H. KOHN: loc. cit.; pag. 65.

(3) JULIEN WEILL (rabbini-môr da França): *Le Judaisme;* pag. 166.

(4) JULIEN WEILL: *Le judaisme;* pag. 168.

Não se póde deixar de admirar, com quanta constancia teimosa os dirigentes de Israel conseguiram conservar, por millenios, essa idéa maniaca, com quanta intensidade de esforços conseguiram contêr em disciplina seu povo, leval-o ao fogo de sacrificio, executar, no seu corpo, experiencias revolucionarias e abafar as manifestações de revolta.

"Os judeus tornaram-se um factor eminentemente revolucionario, mas o judaismo é um factor reaccionario. E' uma pedra amarrada aos pés dos proprios judeus que procuram o progresso" (5).

Hoje, mais uma vez, os dirigentes do judaismo conseguiram mobilisar todas as forças para a lucta contra os povos christãos.

"Novamente, parece approximar-se a lucta que se desenrolara (mas não foi decidida), ha quasi dezenove seculos, entre o espirito judaico e (o christão e romano — n. do aut.) o não judaico (poderá ser decidida só no reino messianico — n. do aut.)" (6).

O messianismo é inseparavel de uma lucta eterna; esta lucta contra o ambiente não judaico, para dominar e escravisal-o, constitúe a verdadeira essencia da historia de Israel. O motor d'esta lucta, o motor sempre vivo, é o odio desmesurado encontrando sua expressão na oração que, diariamente todo judeu é obrigado a rezar, de portas fechadas. A autoria d'esta oração é attribuida ao rabbi ben-Akiba, primeiro entre os membros do Synhedrion que praticava a Cabala, organizador do levante de Bar-Kochba contra os romanos:

"Derrama, oh Senhor, a Tua ira sobre os povos que não Te conheceram e sobre os reinos que não usam o Teu nome, porquanto devoraram a Jacob e profanaram os teus

---

(5) KARL KAUTSKY: *A raça e o judaismo;* pag. 119.

(6) H. KOHN: *Die politische Idee des Judentums;* pag. 44.

santuarios. Derrama sobre elles a Tua ira e destrúe-os debaixo dos Teus ceus" (7).

O logro usado como methodo constante na lucta contra as collectividades não judaicas, é um resultado natural da continua desproporção entre o fim messianico de Israel, entre o seu imperialismo e as possibilidades reaes. Não podendo vencer directamente e alcançar o poder, os dirigentes do judaismo procuram penetrar mascarados no campo inimigo e roubar o poder sobre o mundo. Todavia, é difficil gozar por muito tempo de um objecto roubado, mórmente de um objecto inestimavel, visto que, a todo instante, podem descobrir e tiral-o pela força.

Os judeus já escreveram muito sobre os perigos da religião e da assimilhação apparentes, uma vez que se trata de uma multidão e não de individuos. Simplesmente, essa tactica ameaçava a Israel com a perda gradativa de todo o judaismo occidental e americano. Salvou-os o sionismo, mas não para muito tempo, porquanto estabeleceu principios que, outra vez, iam mascarar a realidade perante os demais povos: reuniu o extremo nacionalismo á idéa messianica secular. O puro nacionalismo contentar-se-ia com a obtenção de um Estado proprio e esforçar-se-ia no sentido de congregar o povo n'um territorio só, bem como de liquidar a dispersão por todos os continentes do mundo. O messianismo, entretanto, oppõe-se a isso, pois de que modo dominar-se-ia os outros povos si não se habitaria entre elles ? Em consequencia, o sionismo expõe duas exigencias: um Estado judaico independente e uma autonomia nacional na diaspora. Todo judeu deve sentir-se tão bem á vontade no Estado judaico, como no paiz em que está residindo. Deve possuir duas patrias, por assim dizer, duas cidadanias. Póde ser, simultaneamente, membro do executivo sionista e ministro do governo britannico ou americano... Deve ser cidadão gozando de todos os direitos no paiz que habita e, consequentemente,

(7) "*Nasz Przeglad*", de 18-IV-1924, n. 109.

possuir os direitos de exterritorialidade. Tudo isso — só pela razão que está possesso pela idéa messianica.

Um tamanho disparate não póde durar muito e os proprios judeus começam a comprehendel-o. Nos Estados onde os judeus residem em maior numero, tem de advir uma reacção e esta irá pelo mundo afóra. O disparate é evidente demais para poder continuar.

"Comquanto existisse ha muito tempo a tendencia de se denunciar os judeus como sendo "Estado dentro do Estado", a consciencia, entretanto, que elles são inteiramente dedicados ao Estado e cidadãos leaes, contrapôr-se-á, com bastante força, a taes denuncias. Comtudo, si um tal Estado fór um Estado nacionalmente uniforme ou si uma nação tem n'elle a maioria absoluta, si um tal Estado fôr, assim como a lingua e a cultura nacionaes, seu producto exclusivo frequentemente conquistado após longas e terriveis luctas, n'este caso, a recusa de pertencer a tal nação, apezar de quaesquer affirmações sobre a lealdade de cidadão, será recebida de um modo muito differente. Não se ouve mais, então, os protestos sobre o reconhecimento do Estado, mas, sim, as declarações de não reconhecimento da nação official" (8).

Os judeus ainda continuam a contar com a eventualidade que os povos não judaicos discordarão sobre a questão judaica, e si uma nação quizer acabar com ella, outras a desarmarão ou, então, o fará qualquer instituição internacional, uma Liga das Nações qualquer.

"A affirmação frequentemente repetida que a Entente ou a Liga das Nações poderiam evitar as manifestações hostis aos judeus, demonstra uma falta de perspectiva politica" (9).

Porquanto "o bocoite" organizado pela sociedade e não apoiado pelo estado, apenas officialmente, a não ad-

---

(8) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus;* pag. 28.

(9) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision*, etc.; pag. 31.

missão de operarios, funccionarios, medicos, professores, artifices, etc. — não são actos que offereçam á Liga das Nações uma opportunidade de intervenção. A exclusão das escolas, uma vez que a percentagem assistente a essa nação (trata-se dos judeus — n. do aut.) esteja alcançada, a applicação de uma norma proporcional em todas as profissões, com respeito ás quaes se apresentaria a necessidade de estabelecimento do "numerus clausus", nem que seja para os medicos e advogados urbanos, poderiam levar, breve, os que sacrificam a vida pelo reconhecimento da sua nacionalidade, ao conhecimento do facto que, em vez de se tornarem possuidores activos do "direito", tornaram-se possuidores passivos do "abuso" (10).

O eminente escriptor politico adverte seus correligionarios que todo o jogo do sionismo de após guerra, está os ameaçando de uma catastrophe.

"Em caso de crescente affluencia ás escolas, sendo que, em vista de pauperisação geral, serão poucas as novas escolas a serem construidas, é uma coisa logica, caso se conceder a todas as outras nações direitos plenos e illimitados, que estas não poderão manifestar, com respeito a escolas existentes em numero insufficiente, pretensões maiores que a nação que constitue a maioria (11).

A ameaça de reacção da parte das collectividades não judaicas é imminente, n'estas condições, principalmente nos paizes onde existem grandes agrupamentos judaicos.

A nacionalidade judaica nunca poderá viver em paz sincera com outra nação alguma. O sionismo exige uma coisa paradoxal. E' impossivel, só porque Israel alimenta propositos messianicos, eliminar a logica sã. Tambem, é difficil contar definitivamente com a falta de consequencia entre os povos não judaicos.

---

(10) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus;* pag. 23.

(11) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision,* etc.; pag. 37.

A raça judaica ia conhecer muito cedo a verdade terrivel que não possue patria e que "a paz de que gozava nos paizes do exilio, devia, unicamente, á falta de consequencia" — escreve o historiador judaico commentando as perseguições medievaes dos judeus (12).

O sionismo fez com que desapparecessem as illusões que o judaismo fosse uma organização religiosa, no sentido commum d'esta palavra. Chamou os judeus de nação, porém, juntou o nacionalismo ao messianismo e fez d'elle um imperialismo extremo, unico no seu genero. Tirou a mascara do judaismo e descobriu-lhe a phisionomia. Hoje, já é muito tarde repôr a mascara, porquanto o semblante gravou-se, com nitidez, na memoria dos arios. E, actualmente, está despertando, entre o judaismo, a consciencia que esse passo falso feito sob a pressão da necessidade de salvar as suas fileiras para Israel, terá consequencias funestas para o judaismo disperso pelo mundo. Ha de tel-as e o judaismo o está prevendo, procurando, em vão, meios de defesa. A escolha dos meios é muito limitada, a decisão muito difficil e o medo, justificado pela situação, costuma ser mau conselheiro.

N'isto consiste a crise espiritual do judaismo contemporaneo.

---

(12) H. GRÆTZ: *Historia dos judeus;* vol. V pag. 167.

XXXIX

A CRISE ECONOMICA

Foi o socialismo que já proclamava a concentração dos capitaes e a queda das pequenas emprezas. Junto com estas, perdia os meios de existencia o intermediario judaico. Desde a metade do seculo XIX, os judeus previam esta catastrophe de privação de pão de grandes massas judaicas e procuravam a salvação na dictadura do proletariado.

A guerra mundial demonstrou que uma parte da diagnose socialista era justa. Comquanto não cahissem as pequenas emprezas, foi abalada a existencia economica das grandes massas judaicas agglomeradas no Oriente da Europa. Os judeus orientaes vivem, ha mais de dez annos, a custa do judaismo americano e está se tornando para este um peso premente e insupportavel.

"Todo o papel anterior de intermediarios, tornou-se, hoje, uma base de existencia completamente incerta (1).

O que ha de fazer, em vista d'isto, o judaismo oriental ? O peso do seu sustento não poderá ser aguentado, por muito tempo, pelos financeiros americanos.

---

(1) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des juedischen Nationalismus*, pag. 137.

"Resta, pois, só uma alternativa: a emigração para outros paizes ou um reagrupamento (si isto for possivel) no mesmo paiz, com todos os seus effeitos" (2).

E' facil dizel-o. O reagrupamento dos judeus, o reformal-os em povo normal que, além do commercio e das profissões urbanas, tenha, tambem, em quantidade correspondente, uma camada agricola e operaria, exije uma reorganização completa da vida judaica.

"O judaismo está deante o problema da sua reorganização" (3).

A guerra mundial apresentou a crise economica entre os judeus orientaes em todo seu horror. A existencia d'esse centro de judaismo legitimo foi, simplesmente, ameaçada. O bolchevismo podia salvar a situação, porém, só sob a condição que se alastrasse por toda a Europa. A derrota inflingida pelo exercito polonez ás hordas vermelhas, desmanchou todos os calculos; o bolchevismo restringido á Russia, só augmentou a miseria do judaismo oriental. Na Russia, o commercio meudo deixou de existir ou, ao menos, ficou reduzido a limites muito estreitos. O judaismo oriental, estabelecido aquem das fronteiras sovieticas, perdeu a possibilidade do commercio com a Russia.

"A situação actual dos judeus orientaes é similhante á situação desesperadora dos judeus nos paizes da Europa Occidental, antes da guerra dos trinta annos, onde, então, vivia a maioria dos judeus. Assim como, então, a catastrophe mundial tornara-se uma salvação para os judeus chamando-os á reconstrucção da Europa arruinada, tambem a guerra mundial parece occultar no seu seio a salvação para os judeus actuaes (trata-se, aqui, da Palestina — n. do aut.)" (4).

---

(2) Dr. ZEWI PARNASS: *A questão judaica á luz da sciencia*, pag. 87.

(3) Dr. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision* etc., pag. 65.

(4) Dr. ZEWI PARNASS: *A questão judaica á luz da sciencia*, pag. 88.

Com o fim de auxiliarem os judeus orientaes, apressaram-se em formar uma frente unica todas as orientações judaicas. Na conferencia do Joint, a 9 de Outubro de 1926, Louis Marshall disse:

"Os orthodoxos e os ultra-orthodoxos, os judeus reformados, os socialistas e os ultra-socialistas, trabalharam juntos para um fim commum: não deixar cahir o judaismo" (5).

A divisa de reagrupamento entre os judeus orientaes que constituem o reservatorio do judaismo, foi reconhecida como unico meio de salvamento.

Foi resolvido abandonar os costumes antigos de mais de vinte seculos e fazer dos judeus um povo normal. A propositos tão desesperados levou a Israel a seriedade da situação, especialmente na Polonia.

Em Fevereiro de 1929, n'uma conferencia de representantes da imprensa judaica em Varsovia, o presidente da organização mundial "Ort.", o dr. Leo Bramson, "reflectindo sobre as razões da crise economica dos judeus na Polonia, constatou que a sua causa principal não era a judéofobia. A collectividade judaica está sendo minada por uma molestia que influe muito na situação; possuimos um numero demasiado de commerciantes, ao passo que nos faltam artifices bem preparados; não dispomos de creditos sufficientes... Ao mesmo tempo, impõe-se um facto interessante: varias conquistas sociaes, toda bôa reforma estadoal que é util para os demais cidadãos, torna-se prejudicial para os judeus" (6).

Experimentaram obstar á crise, por meio de "truques" em que abundam os recantos da organização capitalista.

"O problema que tem de solucionar os proprietarios das minas inglezas, é analogo ao que apparece deante os

---

(5) *"Der Moment"*, de 31-X-1926, N.º 248.

(6) *"Der Moment"*, de 1929, N.º 44.

judeus polonezes trabalhando em profissões que não podem alimental-os em numero maior. Assim como novos mercados de exportação poderiam solucionar o problema dos proprietarios de minas inglezas, tambem um mercado bastante vasto para os productos da pequena industria e do commercio judaicos na Polonia poderia resolver, em grande escala, o poblema economico judaico" (7).

O judaismo encontra duas sahidas da situação: a extensão do bolchevismo para toda a Europa, o chamado "Weltoktober" (Outubro mundial) ou a liquidação do bolchevismo na Russia.

O já citado acima G. Gliksman é partidario do Weltoktober.

"A' luz do nosso estudo, a solução radical da totalidade dos problemas que se costuma denominar de questão judaica, não nos parece viavel n'uma collectividade capitalista baseada n'uma producção anarchisada" (8).

Gliksman comprehende que tal revolução é um proposito arriscado de caracter politico e perscruta o horizonte á procura de alliados, além das massas judaicas.

"Visto que os obstaculos para tal evolução são, antes de tudo, de caracter politico, é para o terreno politico que devem convergir, em primeiro logar, os esforços de todos os que desejam contribuir para a solução do problema economico entre os judeus. Entre todas as forças politicas que estão funccionando, actualmente, na vida social poloneza, poderia — ao que parece — só o movimento socialista por em pratica aquelles principios de organização geral que acabo de indicar" (9).

Desde o momento em que foram escriptas estas palavras, a situação peiorou consideravelmente: declarou-se a

---

(7) G. GLIKSMAN: *L'aspect économique de la question juive en Pologne*, pag. 142.

(8) G. GLIKSMAN: *L'aspect* etc., pag. 179.

(9) G. GLIKSMAN: *L'aspect* etc., pag. 184.

crise economica mundial — si é que podemos chamar de "crise" um desmoronamento completo de todas as organizações economicas baseadas na orientação do seculo XX. assim como o abalamento da organização social antiga. As nações, em defeza propria, começaram a romper com os principios, até agora considerados inabalaveis, de commercio internacional livre. O exemplo, fornece-o a Inglaterra, o paiz classico do liberalismo.

Tão bem a crise, como seus effeitos, ferem, cada vez mais, os financeiros judaicos, esse porto seguro do judaismo oriental. A extensão e a duação da crise mundial obrigam os homens a reflectirem, a procurarem as razões. Está ganhando pé a opinião que as causas da crise estão nas bases da propria organização capitalista.

Ao mesmo tempo, está periclitando o bolchevismo. O systema socialista não resistiu ao exame pratico.

A organização capitalista foi imposta ao mundo pelos judeus e adaptada ás suas necessidades, ás necessidades de um povo anormal. Foi no interesse d'elles que esta organização apoiou-se no liberalismo, na liberdade do commercio internacional, na producção anarchica de mercadorias, procurando mercados artificialmente creados. Obrigou ao trabalho milhões de machinas e produzia não com o fim de satisfazer necessidades reaes, mas só com o fim de mercadejar. As fendas n'esta organização appareciam ha muito tempo e viam-nas os proprios judeus procurando salvamento, para elles, n'uma futura organização socialista, tão anacional e universal, como anacional e universal eram seu commercio e sua industria mundiaes. A tentativa de salvação, entretanto, gorou. A revolução russa não tornou-se universal e, a mais, fechou o mercado russo para a importação. A organização que já apresentava fendas, não resistiu ao abalo. A revolução russa de que sonhavam, ha muitos annos, as gerações judaicas, desmoronou, já actualmente, sobre suas proprias cabeças.

Continuam sonhando ainda que, pela liquidação do bolchevismo, com o auxilio dos estados confinentes com os sovietes, e pela introducção na Russia de uma organi-

zação liberal, conseguirão ainda tapar os buracos. Os ingenuos, entretanto, são cada vez mais escassos e esses sonhos parecem tão irrealisaveis, como o alastramento da revolução para o Occidente, como o Weltoktober. Ambas essas orientações combatem-se, no seio do judaismo, encarniçadamente.

A crise, entretanto, continua progredindo inevitavelmente, impiedosamente. Os judeus, estando collocados no centro mesmo da organização capitalista, elles, a raça de intermediarios, soffrem golpes seguidos e tremendos. A crise já envolveu, até, a massa dos quatro milhões de judeus americanos. Na Polonia, está os seviciando deshumanamente e não apparece sahida para as massas judaicas, desde que as subvenções dos judeus americanos, tambem envolvidos pela catastrophe, têm de ficar mais escassas. A crise entre os não judeus, apezar da sua intensidade, é, apenas, um reflexo fraco da crise entre o judaismo.

N'uma proclamação dirigida aos judeus polonezes em 1932, assignada por todas as organizações sionistas mais importantes, lemos o seguinte:

"Na grave situação actual, na occasião em que estamos sendo deslocados dàs nossas posições, em que estamos preoccupados com a questão do pão secco, em que não existe uma choupana judaica que não esteja assolada pela terrivel crise enterrando, cada vez mais, a nossa existencia economica, n'este periodo tão grave — vimos á vossa presença, companheiros, exigindo a vossa adhesão á união hebraica mundial... E' verdade que dispomos ainda de bastantes forças e poder para continuarmos a nossa lucta nacional em toda a frente que se extende de um fim do mundo ao outro, dos campos e das cidades do Sião, até o recanto mais abandonado de casa judaica em outros paizes. A nação judaica é immortal e assim, como nas gerações anteriores, aguentamos varias catastrophes e cataclismas, tambem na época actual sahiremos vencedores da nossa lucta de um povo antigo contra os mais poderosos e mais fortes d'este mundo; finalmente, renovaremos a

nossa vida nacional, tanto em Erec Israel, como em todos os demais paizes"... (10).

Em Fevereiro de 1932, Chaim Bialik, discipulo e successor de Achad-ha-Am, pronunciou, na sua volta da Europa, uma conferencia em Tel-Aviv, na Palestina, que resume o "Haint" judaico n'um artigo intitulado: "Bialik transmitte a Erec Israel uma triste saudação de golus (paizes do exilio — n. do aut.)".

"Devido aos embaraços dos ultimos annos, chegou-se ao sionismo que tem sentido e valor não só para a collectividade, como tambem para o individuo. Porquanto as bases economicas foram abaladas a tal ponto que quasi todo judeu sente ter perdido as raizes. O caso peior dá-se com a nova geração crescente: está suspensa no ar, sem solo firme por baixo dos pés. Por toda parte onde habitam judeus, está no ar a pergunta: o que ha de se fazer com os filhos? Este sentimento traz receio e duvida... De certo ouvistes falar na situação do fabricante Osher Kohn que nos prometteu muita coisa. Encontrei-me com elle e me descreveu a situação propria e a dos seus similhantes. Essa descripção enche a gente de pavor. Perguntei-lhe: "Não poderieis salvar uma parte da vossa fortuna transferindo-a para Erec Israel? Salvarieis a vós mesmo e a outros, dando-lhes exemplo. Além d'isto, poderieis fornecer uma fonte de sustento a certo numero de familias em Erec Israel, da mesma forma como, hoje, sois orgulhoso que, em torno de vossa pessôa, centenas de familias encontram o sustento na vossa cidade". A resposta foi: "Com toda a melhor vontade, nada mais posso salvar. Si eu arrancasse, siquer uma pequena parte, todo o edificio desmoronaria. Estou amarrado por cadeias á minha situação; não posso mover nem com as mãos nem com os pés". Conforme resulta, os demais fabricantes encontram-se em situação egual. Tudo depende de um milagre, tudo

(10) *"Haint"*, de 2-III-1932, N.º 52.

está suspenso n'um fio de aranha, em truques, e combinações que possibilitam uma existencia apparente. Tirando d'ahi só uma pedra, tudo fica em estilhaços" (11).

A crise economica mundial abalou com Israel. Sentimol-a nós, não judeus. Porque? porquanto permittimos que nos fosse imposta uma organização economica inventada pelos judeus e adaptada ás necessidades de um povo doente. Salvar-nos póde, unicamente, o rompimento com organizações artificiaes e a procura de moldes dentro dos quaes possam evoluir nações sãs.

Um povo passando por uma crise eterna quando impõe suas idéas, contamina o ambiente. As suas creações em qualquer terreno, portanto, tambem no economico, trazem em consequencia germens de molestia.

(11) *"Haint"*, de 6-IV-1932, N.° 55.

X L

AS PERSPECTIVAS

O povo judaico é um povo doente. Não é isso o resultado da sua historia, sendo que os seculos de dispersão só potencialisaram a sua molestia. A causa essencial da doença, da sua situação tragica, são as suas tendencias messianicas, a vontade de impor o seu poder e o seu espirito aos outros povos do mundo.

A consciencia do estado morbido existe entre o judaismo. Foi o deputado Gruenbaum que na sua conferencia em Dublin, no anno de 1929, disse claramente:

"O doente não póde ser tolerado. Até um pae ou uma mãe si estão constantemente doentes, tornam-se um onus. Os povos não nos podem supportar. Nós infeccionamos o ar, pois somos uma nação doente"... (1).

Existe a constatação, falta, porém, entre o judaismo a diagnose da molestia correspondente. A sua historia demonstra, entretanto, que houve momentos nos quaes contra essa mania morbida de messianismo exigindo victimas continuas dentre da propria raça, tal Moloch sanguinario, contra esse endemoinhamento, arrebentavam revoltas entre as multidões judaicas. Pois, após o captivei-

---

(1) *"Der Moment"*, N.° 272 de 1929.

ro babylonico, no periodo das reformas de Ezdras e de Nehemies, tendo por fim, por meio de isolação do Testamento, capacitar Israel para o papel messianico — tem logar a secessão dos samaritanos que não querem se sujeitar ás exigencias dos reformadores. E' uma revolta contra a organização secreta representando o messianismo.

Depois, outra vez, na Babylonia, quando são impostas a Israel as algemas do Talmud, estreitando o isolamento, até o grau extremo, para os mesmos fins de antanho, explode entre o judaismo o poderoso movimento dos Karaitas. E, outra vez, é uma revolta contra a organização secreta, representante do messianismo.

Ha momentos em que as multidões voltam a si do estonteamento e bradam, em voz alta, que são fartas de sacrificios continuos, em nome de uma chimera.

Hoje, o judaismo, como no fim do seculo XV, encontrou-se, novamente, n'uma situação desesperadora. O edificio construido com tanto sacrificio de diligencia, a custa de tantas victimas, está ameaçando ruina e, em parte alguma, se encontra uma escora. Entre todos os povos desperta a consciencia que o povo doente está contaminando o ar. Esta consciencia cresce e continuará crescendo de um anno para outro. A época de "truques" engenhosos não mais voltará. A crise mundial está liquidando as organizações auxiliares de Israel, entre os não judeus. O restante será liquidado pelo brilho da verdade.

A diaspora judaica, depois de seculos, está, outra vez, seriamente ameaçada. Hoje, podem ainda os judeus contribuir para que o desenlace chegue com a menor dôr possivel, meio espontaneamente. Uma vez que a consciencia dos povos cresce a que podem contribuir novas experiencias do judaismo fustigado pelo medo que obscurece a razão, — por sobre as cabeças do povo israelita poderá desencadear-se tamanha tempestade que nada mais haverá que a possa apaziguar. Então, será tarde para uma solução pacifica do problema judaico.

XLI

A ACTUALIDADE

Quem estuda a historia com attenção e, por conseguinte, sabe tirar conclusões dos acontecimentos passados, não precisa ser clarividente para poder prever certos factos que não passam de resultados logicos de outros factos anteriores.

Já depois de terminado este livro (Março de 1933), os jornaes trouxeram-nos as noticias sobre actos de antisemitismo official na Allemanha. Esses actos parecendo tão inesperados aos que não conhecem o judaismo, são, apenas, uma consequencia logica do procedimento judaico para com o paiz que os hospeda. Quem semea ventos, colhe tempestades. Esses actos que são attribuidos sómente ao partido de Hitler, nunca poderiam ter logar, si a maioria, a grande maioria da opinião publica não estivesse com elles de accordo. Não somos amigos de Hitler nem nos enthusiasmamos pela sua orientação politica em geral, todavia, n'este particular, temos que confessar que o seu procedimento nada mais visa do que uma limpeza da Allemanha dos elementos pseudo-assimilhados que, apezar de terem gozado durante seculos a hospitalidade do paiz, nunca se tornaram allemães de coração e continuaram fieis ás suas idéas messianicas. Todos esses srs. Einstein, Ludwig, Kohn, Mendelssohn, Ahronssohn, Izacssohn, Lewin-

sohn etc. estão comendo, apenas, os fructos da sua idéa messianica de dominação do mundo.

As agencias telegraphicas, em sua grande maioria controladas por judeus, não se apressam em communicar que não é só na Allemanha que está surgindo uma reacção geral contra a arrogancia judaica. A reacção, por emquanto, não é official, como na Allemanha, onde Hitler teve a coragem de collocar os pontos sobre os "is", todavia está se manifestando em todos os paizes onde os agrupamentos judaicos tem certa importancia: na Rumania, na Hungria, na Austria, na Polonia, na Tcheco-Slovaquia, na Lettonia, na Lithuania, até na America do Norte e no Canadá.

No Brasil, o judeu não é conhecido em geral. Comquanto, nos tempos coloniaes, os marranos tivessem affluido em numero consideravel ao Brasil (o primeiro governador do Brasil, Thomé de Souza, foi, ao que consta, um marrano), comtudo, n'um ambiente tão diverso do europeu, privados de elementos que lhes renovassem o sangue e as tradições, esses marranos, com o correr dos tempos, perderam todo o seu judaismo e confundiram-se com a população local. Nova emigração judaica não vinha, já pela razão de terem sido expulsos os judeus de Portugal e da Espanha, já pela razão que o judeu não se presta ao papel de pioneiro e tem pavor da matta virgem. Acostumado á vida de parasita chupando os fructos do labor alheio, o judeu não tinha interesse nenhum em emigrar para um paiz que, a meio seculo ainda, possuia poucas cidades; as que existiam, tinham um aspecto quasi rural, eram muito distantes uma da outra e seu commercio estava restringido a generos do paiz, como café, cacau, borracha, etc., generos estes que, na sua maioria exigem conhecimentos e qualidades que os judeus não possuiam. De mais a mais, os judeus não precisavam emigrar para o Brasil tendo as portas abertas para a America do Norte, onde já possuiam correligionarios muito bem organizados.

Só depois das restricções que o governo americano

oppoz á immigração, os judeus se viram forçados a procurar outros paizes mais hospitaleiros e lembraram-se do Brasil. A primeira immigração maior de elementos judaicos para o Brasil, teve logar em 1905, após os famosos "pogrom's" de judeus na Russia. A acquisição, pelo banqueiro judaico de Paris, Hirsch, de grandes extensões de terrenos no Estado do Rio Grande do Sul, veiu intensificar a emigração judaica, quasi exclusivamente da Russia.

A colonização agricola de judeus, ainda desta vez, não deu resultado satisfactorio, como na Argentina. Emquanto durava a subvenção da parte da companhia colonizadora, os judeus fingiam grande enthusiasmo para a lavoura e não abandonavam seus lotes; entretanto, mal acabaram as subvenções pecuniarias e em generos alimenticios, os hebreus trataram de vender o que lhes pertencia e o que pertencia á companhia (bois, arados, ferramentas, etc.) e emigraram em massas para as cidades proximas, como Passo Fundo, Santa Maria, Porto Alegre, etc., afim de se dedicarem ás suas profissões nacionaes, isto é, ao commercio e ao papel de intermediarios em toda qualidade de negocios licitos e illicitos. Afim de não carecerem de protecção em casos de aperto, todos elles entraram, globalmente, na maçonaria que, como já sabemos, é uma sociedade puramente philantropica e que, por excesso de modestia, exerce a philantropia secretamente.

Assim aconteceu que, tirando o periodo bucolico em que os judeus desempenhavam o gracioso papel de pastores e lavradores, elles começaram a grassar pelo Brasil só do anno 1910 em deante. O fim da guerra mundial e a consequente crise na Europa, trouxe-nos uma nova leva de immigrantes judaicos que continuam enchendo as cidades onde já organizam seus ghetto's, como o bairro de Bom Fim em Porto Alegre, constróem suas synagogas e escolas, publicam jornaes em giria judaica, são irmãos nas lojas maçonicas e proprietarios de lojas de roupa feita, qualificam-se para eleitores afim de moralisarem o publico, praticam como especialistas em molestias venereas, collaboram em jornaes christãos onde se infiltram

por intermedio da maçonaria, chegam a galgar altos postos, como o de presidente da A. B. I., e sentem-se muito á vontade n'este paiz tão hospitaleiro que não os conhece ainda.

Não deve demorar o momento em que teremos na representação nacional um senador Ahrons, Aaronsohn ou Kohn vel Cohn e meia duzia de deputados chamados Godstein, Silberstein e Rubinstein, sendo que o representante da patria Goldstein será socialista, Cohn, — communista, Rubinstein — cohn-servador e, todos tres, — sionistas. Não seria isto nada de extraordinario, visto que, na Inglaterra ("unida ao Brasil na paz e na guerra"), vimos um chanceller, lord Disraeli, um lord Melchett, um sir Hebert Samuel, um lord Rotschild etc.

O Brasil, portanto, não teve ainda tempo de conhecer seus novos hospedes. Conhecel-os-a brevemente, como já os conhece a Argentina.

Em 1924, de passagem por Pelotas, tive uma conversação casual com meu visinho de mesa, durante o jantar, que era um cidadão argentino. Não me lembra por que razão a nossa palestra desviou para a questão judaica e eis o que me disse o meu interlocutor: "Os brasileiros ainda não conhecem os judeus, mas nós, os argentinos, já os conhecemos demais. Não lhe dou vinte annos, meu caro senhor, que na Argentina haverá "pogrom's" de judeus, como os houve, em .905, na Russia. Nós, já os temos aqui!" A estas palavras, seguiu-se um gesto de mão levada ao pescoço. D'essa conversação, já decorreram quasi dez annos; esperemos, com paciencia, mais dez.

Toda vez que, em conversação com brasileiros, tocava na questão judaica, recebia esta resposta: "o Brasil é um paiz de tolerancia religiosa e de liberdade dos pensamentos. Nós, nada temos que ver com a religião d'este ou d'aquelle. Uma vez que cumpra os deveres de cidadão, póde professar a religião que quizer, salvo si esta attentar á moral".

A religião judaica é moral? Citaremos, abaixo, algu-

mas maximas do Talmud, o livro que serve de guia moral á grande maioria dos judeus.

"Os povos do mundo, goim (plural de "goi" — n. do aut.), são eguaes aos cães" — Midrashim, 9s.4 § .1 (24ª). E' necessario observar que, na Judéa, o cão era o animal mais desprezado. Até hoje, é raro o judeu que possua um cão.

"O cadaver de um goi não traz impureza, porquanto trazer impureza póde só o cadaver de um homem" — "os povos do mundo não se chamam homens, mas animaes" — Jabbammoth, 60b.

"O quintal de um goi é egual a um curral para gado" — Erubin, 62a.

"Tens o direito de enganar um goi e te cobrares d'elle com usura; mas quando venderes alguma coisa ao teu proximo ou si d'elle comprares alguma coisa, não enganarás teu irmão". — Tr. Baba 7.61.1 Tos; tr. Megilla, 13.2.

No Talmud encontra-se, tambem, uma flôr como esta que "uma judia copulando com um goi, não perde a sua virgindade" o que faz com que 90°|° das pensionistas dos lupanares no Rio, em Santos, em Montevidéo e em Buenos Ayres são judias que, ali, não perdem a sua virgindade, porém, perdem o seu nacionalismo judaico e apresentam-se como "polacas", hungaras, francezas, russas, etc. Essas "virgens", depois de juntar algum dinheiro, voltam para o paiz de sua origem e, ali, casam "honestamente" com correligionarios.

Com respeito á questão de "pureza" e "impureza" que, seguidamente, se repete no Talmud, é necessario saber que estas expressões nada têm que ver com a higiene ou a estetica e tem um sentido exclusivamente ritual. Este livro de maximas moraes põe no mesmo nivel, com respeito á impureza, as não judias com as prostitutas.

Repetimos para não esquecel-a a famosa oração judaica quotidiana:

"Derrama, oh, Senhor, a Tua ira sobre os povos que não Te conheceram e sobre os reinos que não usam o

Teu nome, porquanto devoraram a Jacob e profanaram os teus sanctuarios. Derrama sobre elles Tua ira e destrue-os totalmente debaixo dos Teus ceus".

Não foi, portanto, sem razão que, ainda Tacito, constatara que os judeus "conservam contra todos os demais um odio hostil".

Alguem, acaso, ousará affirmar que a religião judaica não attenta á moral e que tem o direito de sêr tolerada pelo estado, como qualquer outra? Si os mahometanos a quem sua religião permitte a polygamia, esta é prohibida nos paizes civilisados, poderá sêr tolerada uma "religião" que incita, francamente o odio contra todos os outros chamando-os de "cães", só porque não são circumcisos, comem carne de porco, festejam os domingos, não acreditam na vinda de um outro messias e n'um "reino d'este mundo"?

Os judeus exigem que lhes sejam concedidos, em todos os paizes do mundo, todos os direitos e todos os privilegios, mas exigem, ao mesmo tempo, que lhes seja reconhecida a sua "nacionalidade". Isto quer dizer que exigem tudo e não querem dar, por sua vez, nada. Querem obtêr todas as vantagens, mas não querem assumir os respectivos deveres. Não reconhecem as leis de reciprocidade nem o dictado latino: **"do ut des".**

Pelos capitulos anteriores, o leitor soube quaes foram os beneficios que a humanidade ganhou do judaismo e que paraizo fizeram os judeus da Russia. Soube, tambem, quanto conseguiu a arrogancia judaica na America do Norte. Estamos assistindo, actualmente, á tragedia espanhola, inscenisada pelos marranos e pelos pedreiros livres, que começou por incendios de egrejas e conventos com suas inestimaveis bibliothecas e obas d'arte e cujo fim ainda é difficil de prevêr-se. Assistimos ás barbaridades no Mexico e lemos nos jornaes brazileiros sobre uma "Liga pró Mexico antiimperialista" ou coisa parecida, aqui, no Brazil, assim como ouvimos, seguidamente, fallar em "ligas" e comicios "pró estado leigo" ou "pró escola

leiga" organizados por "irmãos" judaisantes ou judaisados ou — quem sabe? — por marranos occultos.

Percebemos, perfeitamente, nos bastidores das tragedias boliviano-paraguaya e colombiano-peruana o nariz adunco e as garras do capital judaico internacional, representado por poderosas emprezas que procuram pescar em aguas turvas, depois de terem excitado á lucta e fornecido armas a ambas as partes para se aniquilarem mutuamente.

O Chile e a Argentnia ficaram abalados e enfraquecidos pelas revoluções das quaes ainda não se puderam refazer. O Uruguay está na vespera de uma revolta sangrenta. No proprio Brazil, sentimos estremecimentos continuos e não podemos voltar á tranquilidade dos annos anteriores...

Com tudo isso, assistimos a um espectaculo que seria interessante, si não custasse tão caro: é que a mesma oganização internacional que, por ordem dos "superiores desconhecidos "residentes em Nova York, inscenisa todas essas tragedias, contemporaneamente inscenisa um idyllio bucolico de paz universal, propõe pela bocca do "irmão" Briand a formação dos Estados Unidos da Europa e não se cansa de bradar: democracia (com os irmãos no leme), liberdade (para destruir a ordem e a religião), fraternidade (entre judeus e irmãos), pacificação (dos mais fracos), desarmamento (dos que conhecem os judeus e seus afilhados) e muitas outras bellas palavras. Inventaram, até, a ridicula Liga das Nações, composta em nove decimos de judes e irmãos que vivem dando espectaculo de eloquencia futil e sem resultado algum.

Como os judeus comprehendem a democracia e a liberdade, logo que se trata de applical-as a outros, tomamos a liberdade de citar um pequeno facto: quando o tribunal de appellação em Jeusalem absolveu, em 1928, certo proprietario de casa de pasto em Tel-Aviv (Palestina), por têr desobedecido ao regulamento de fechamento obrigatorio aos sabbados e declarou esse regulamento como sendo contrario ao mandado sobre Palestina, a decisão do

tribunal provocou uma indignação geral em toda "Erec Israel". Organizaram-se comicios de protesto em todo o paiz e foi enviado um pedido de cassação ao juizo da corôa em Londres exigindo a punição do infractor do regulamento motivando o pedido com o facto que a decisão do tribunal em Jerusalem fôra votada só por dois juizes inglezes, Mac Donald e Kiri, sendo que o terceiro, o judeu Gad Frumkin, estivera com ella em desacordo.

Tal é o liberalismo de exportação com que os judeus contaminam os povos arios, vociferando contra a reacção, o atrazo, as idéas antiquadas, como a religião, e fundando entre os goi's toda especie de ligas "pro ensino leigo", "pro Mexico antiimperialista" (?), "pro pensamento livre", seitas religiosas (na America do Norte ha 90 diversas seitas religiosas), lojas maçonicas, Rotary Club's concursos de belleza, fazendo reclame á theosophia, ao espiritismo, ao occultismo e ás demais "sciencias" que, todas ellas, têm o mesmo fim: o rompimento com o berço da civilisação e da cultura arias, com Roma.

Tudo isso, só para a exportação, pois, em casa, continúa vigorando o Talmud e o messianismo. Nos paizes de "golus" (dispersão), procura-se enfraquecer e aniquilar as tradições, ridicularisar e abolir as festas religiosas implantando o bonnet frygio no logar da cruz; em casa, continua-se festejando o sabbado, os dias de Iom Kipur e de Purim, rindo-se dos ingenuos que tomam por perolas as contas de vidro de democracia, liberdade, fraternidade, pensamento livre, egualdade e quantos outros brindes com que o judaismo pretende presentear a humanidade, como si esta não pudesse encontrar tudo isso no christianismo.

As pennas multicolores de pavão com que se enfeitou a gralha judaica, cahiram uma por uma. Diminúe, cada vez mais, o numero dos ingenuos que tomavam a sério o idealismo de Israel e dos seus asseclas. Não foi sem razão que os judeus forçaram a abolição da rubrica "religião" nos passaportes e outros documentos; acham mais conveniente conservarem o incognito nos logares onde ainda

não são conhecidos e passarem por allemães, italianos, francezes, etc., até o momneto em que o seu grupo fique tão forte que possa tirar a mascara.

De nada serviu, entretanto, a duplicidade, de nada a maçonaria, de nada o proprio ouro. "Hitler kommt"! (Hitler vem vindo !) é o grito de pavor que sôa por todo o mundo tirando o somno aos hebreus de todos os paizes. Hitler kommt — officialmente na Allemanha, porém Hitler é apénas a personificação da maioria da opinião publica, não só na Allemanha, como em todos os paizes onde os judeus se fizeram conhecer. Não demóra o momento em que "Hitler kommt"! ouviremos na Polonia, na Rumania, na Austria, na Hungria, na America do Norte e na Argentina.

Chegou a hora de prestação das contas.

BIBLIOGRAPHIA

HENRYK ROLICKI: *O occaso de Israel* — Varsovia — 1932.

Prof. Dr. H. GRÆTZ: *Historia dos judeus* — traducção poloneza de Szenhak — Varsovia — 1929 — 9 volumes.

Dr. MAJER BALABAN: *A historia e a litteratura judaicas* — Lwów e Varsovia — 1925 — 3 volumes.

HILARY NUSBAUM: *Historia dos judeus* — Varsovia — 1890 — 5 volumes.

S. M. DUBNOW: *Historia moderna do povo judaico* — (em russo) — Berlim — 1925 — 4 volumes.

Dr. IGNACY SCHIPPER: *Estudo sobre as condições economicas dos judeus na Polonia, durante a edade media* — Lwów — 1911.

Dr. MAJER BALABAN: *Estudos historicos* — Varsovia — 1927.

S. HIRSZHORN: *Historia dos judeus na Polonia, desde a dieta dos 4 annos* — Varsovia — 1921.

Dr. S. BERNSTEIN: *Der Zionismus, sein Wesen und seina Organisation* — Kopenhagen — 1919.

MAX BROD: *Socialismus in Zionismus* — Wien-Berlim — 1920.

HEINRICH KOHN: *Die politische Idee des Judentums* — Muenchen — 1924.

SALOMON REINACH: *Orpheus* — (trad. pol.) — Varsovia — 1929.

JULIEN WEIL: *Le judaisme* — Paris — 1931.

BENJAMIN SEGEL: *Die polnische judenfrage* — Berlin — 1916.

Dr. ALFRED NOSSIG: *O bolchevismo e o judaismo* — (em polonez — Vienna.

HENRYK BIEGELEISEN: *Historia illustrada da litteratura poloneza* (em polonez) — Vienna — 5 volumes.

SALOMON MAINON: *Autobiographia* (trad. pol.) — Varsovia — 1913 — 2 volumes.

VON JUDENTUM: *Ein Sammelbuch* — Bar-Kochba Verein — Leipzig — 1914.
Dr. ZEWI PARNASS: *A questão judaica á luz da sciencia* — Lwów — 1921.
GEORGES GLIKSMAN: *L'aspect économique de la question juive en Pologne* — Paris — 1929.
STANISLAW MENDELSON: *Historia do movimento communista de 1871 na França* — Lwów — 1919.
KARL KAUTSKY: *A revolução proletaria e seu programma* (trad. pol.) — Varsovia — 1924.
KARL KAUTSKY: *Historia do communismo na antiguidade e na edade media* (trad. pol.) — Lwów.
KARL KAUTSKY: *A raça e o judaismo* (trad. pol.)
THEODOR HERZL: *Der Judeustaat* — Berlim — 1918.
DR. IGNAZ ZOLLSCHAN: *Revision des guedischen Nationalismus* — Vien — Berlim — 1919.
KARL KAUTSKY: *Ursprung des Christetums*.
J. KREPPEL: *Juden und Judentum von Heute. Ein Handbuch* — 1925.
MOSES MENDELSSOHN: *Phaedon oder uebar die Unsterblichkeit der Seele* — Berlin-Stettin — 1776.
ABRAHAM KOTIK: *Die nacjanale Minderhajten um Iden in Poljen* — Varsovia — 1922.
SIGMUND MAYER: *Die Wiener Juden* — Wien-Berlin — 1916.
WERNER SOMBART: *Die Juden und das Wirtschaftsleben* — Leipzig — 1911.
J. HESSEN: *Os judeus e a maçonaria* (em russo) — Petersburgo — 1903.
M. S. GOLDBAUM: *Rudimente einer Geschichte der Freimaurerei in Polen* — Budapest — 1898.
ARNOLD MARX: *Die Gold-und Rosenkreutzer* (inserido em *Das Freimaurermuseum. Handschrift fuer B. R. R. Meister*) — Leipzig — 1930.
ELIPHAS LÉVI: *Histoire de la Magie* — Paris — 1922.
ELIPHAS LÉVI: *La clef des grands mystères* — Paris.
PAPUS: *A. B. C. d'occultisme* — Paris — 1922.
Allgemeines Handbuch der Freimaurerei — Leipzig — 1900 — 2 volumes.
WILL-ERICH PEUCKERT: *Die Rosenkreutzer* — Jena — 1928.
ALBERT LANTOINE: *Le rite écossais ancien et accepté* — Paris — 1930.
ADRIEN LEROUX ex 33.°: *La Franc-Maçonnerie sous la 3-me république* — Paris.
GASTON MARTIN: *Manuel á histoire de la Franc-Maçonnerie française* — Paris — 1929.

GUSTAVE BORD: *La Franc-Maçonnerie en France — Paris* — 1909.
Padre EMMANUEL BARBIER: *Les infiltrations maçonniques dans l'Eglise* — 1910.
PAUL VULLIAUD: *Les Rose-Croix Lyonnais au XVIII siècle* — Paris — 1929.
PAUL VULLIAUD: *Joseph le Maistre, franc-maçon* — Paris — 1926.
BENJAMIN FABRE: *Franciscus, eques a Capite Galeato* — Paris — 1913.
FRANÇOIS BOURNAUD: *Histoire de la Franc-Maçonnerie.*
ANDRE' BARON: *Sociétés secrètes, Leurs crimes* — Paris — 1906.
N. DESCHAMPS: *Les sociétés secrètes et la societé* — Avignon — 1874 — 3 volumes.
NESTA WEBSTER: *World Revolution* — London — 1921.
NESTA WEBSTER: *Secret societes and subversive movements* — London — 1924.
Fr. WITTEMANS: *Histoire des Rose-Croix* — Paris — 1925.
FERDINAND VON TRENTOWSKI: *Die Freimaurerei in ihrem Wesen und Unwesen* — Leipzig — 1873.
F. W. BARTHOLD: *Geschichte der fruchtbringenden Gesellschaft* — Berlin — 1848.
Padre BARRUEL: *Mémoires pour servir à l'histoire du Jacobinisme* — Paris — 1837 — 4 volumes.
Padre HENRI DELASSUS: *La conjuration antichrétienne* — Lille — 1910 — 3 volumes.
R. LE FORESTIER: *Les Illuminés de Bavière et la Franc-Maçonnerie allemande* — Paris — 1914.
A. NIETCHVOLODOW: *L'empereur Nicolas II et les juifs* — Paris — 1924.
LOUIS BLANC: *Histoire de la Révolution* — Paris — 1847.
PHILIPPE BUONAROTTI: *Conspiration pour l'égalité de Baboeuf* — Bruxelles — 1828.
BOHDAN KIESZKOWSKI: *Giovanni Pico della Mirandola* — Varsovia — 1930.
Count VALERIAN KRASINSKI: *Historical sketch of the rise, progres and decline of the Reformation in Poland* — London — 1838.
H. VON KESSENBROCK: *Gesvhichte der Wiedertaeufer zu Muenster* — 1771.
JACOB BUCKHARDT: *A cultura da renascença na Italia* (trad. pol.) — Cracovia — 1825 — 2 volumes.
J. L. MOSHEIM: *Versuch einer unparteischen Ketzergeschichte* — 1748.
EBERHARD GOTHEIN: *Ignatius Loyola und die Gegenreformation* — Halle — 1895.

J. JANSEN: *Geschichte des deutschen Volkes seit dem Mitelalte* — 1884.

Padre M. d'HERBIGNY: *Anglicanismo e orthodoxia grego-slava* (trad. pol.) — Varsovia — 1924.

ANTONI DANYSZ: *Estudos sobre a historia da educação na* Polonia — Cracovia — 1921.

FRIEDRICH RUELAU: *Geheime Geschichten und raetzelhafte Menschen* — 1850.

Padre JOSEPH LÉMANN: *La prépondérance juive* — Paris 1899.

GEORGE BATAULT: *A questão judaica* (trad. pol.) — Varsovia — 1923.

LUDWIK CHMAJ: *Spinoza e os irmãos polonezes* — Cracovia 1924.

Padre WALENTY GADOWSKI: *Historia da Egreja Catholica* — Lwów — 1923.

Padre Dr. WLADYSLAW SZCZEPANSKI: *A Palestina depois da* guerra mundial — Cracovia — 1923.

D. PETROWSKY: *La Russie sous les juifs* — Paris — 1931.

MERLAN ZADE RIFFAT BEY: *L'empire ottoman et les sionistes* — Constanza — 1923.

Prof. STANISLAW ZIELINSKI: *Helenismo e judaismo* — Varsovia — 1927 — 2 volumes.

Conde H. COUDENHOVE KALERGI: *Das Wesen des Antisemitismus* — Wien — 1929.

IGNACY RADLINSKI: *Jehova e o imperador Guilherme II.*

STANISLAW DEDIO: *A vida nas côrtes dos imperadores romanos.*

RUDOLF KORSCH: *Os agrupamentos judaicos extremistas na* Polonia — Varsovia — 1925.

J. BUJAK: *La question juive en Pologne* — Paris — 1919.

RHULLIÉRE: *Histoire de l'anarchie en Pologne* — 1819.

Prof. LÉON HOMO: *L'empire romain* — Paris — 1925.

G. FERRARO: *La grandeur et la décadence de Rome* (trad.) — 6 volumes.

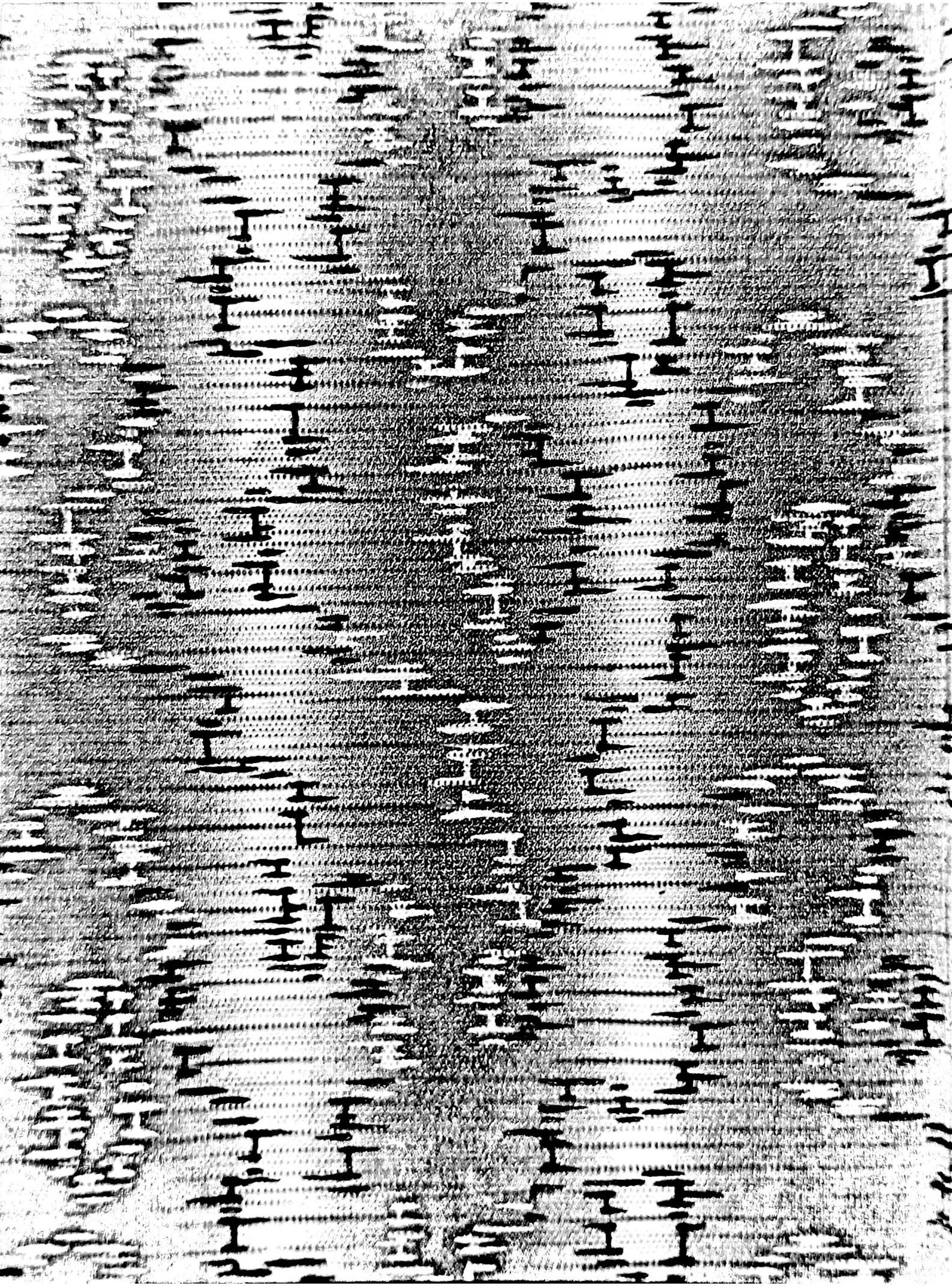
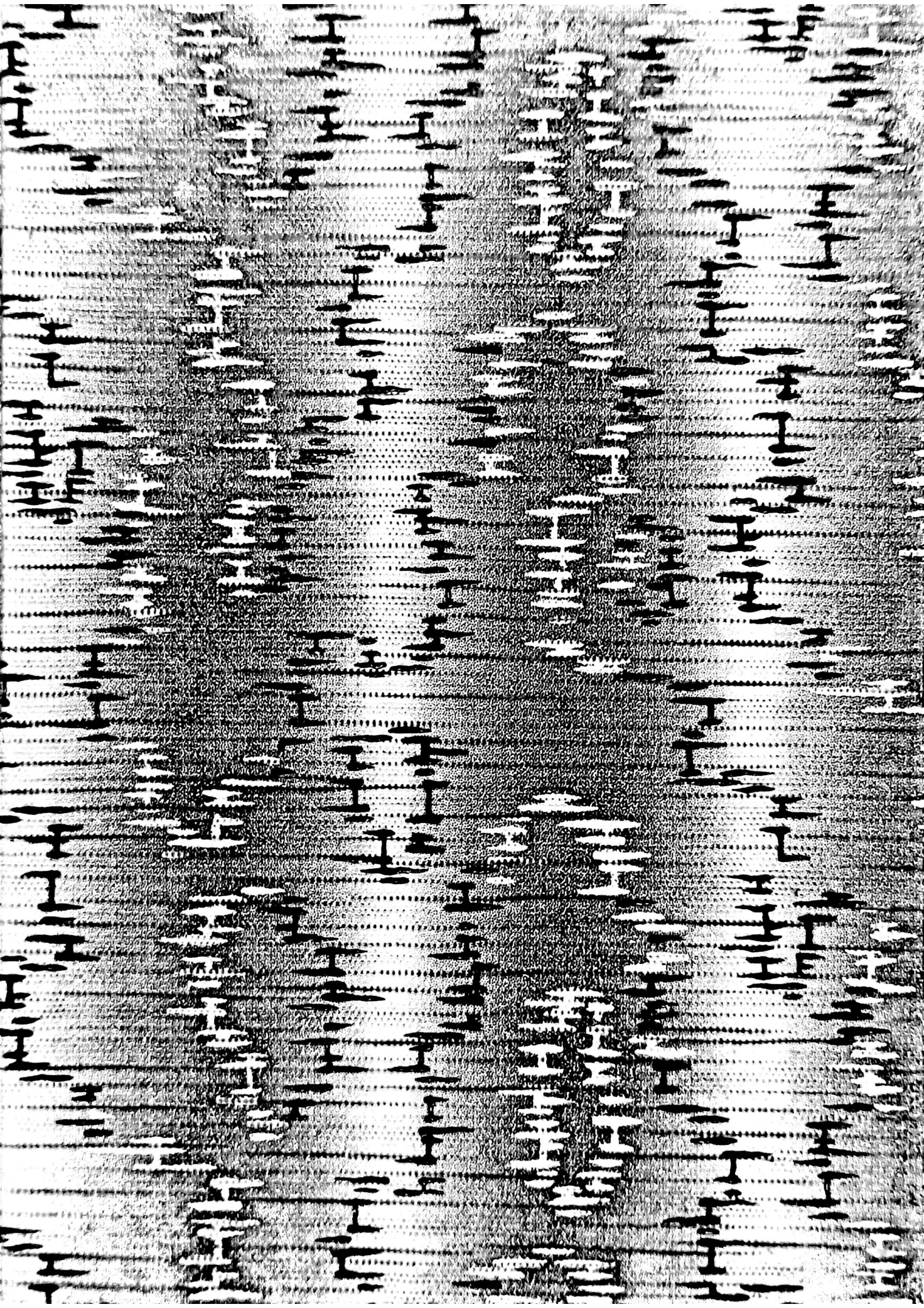
ADRJAN KRZYZANOWSKI: *A Polonia antiga* — Varsovia — 1844.

STANISLAW WASYLEWSKI: *Poznan, cidade amena.*

JAN GRABOWSKI: *Os Radziwill.*

Collecções dos periodicos: *Hajnt, Der Moment, Nasz Przeglad* e de outros periodicos judaicos redigidos em polonez e em giria judaica.

INDICE

	Ao leitor	7
	Introducção	11
I —	O mundo depois da guerra	17
II —	A historia na vida do judaismo	29
III —	Os tempos legendarios de Israel	33
IV —	As reformas de Ezdras e Nehemias	42
V —	Sob o poder do Egypto e da Syria	50
VI —	Roma e a destruição de Jerusalem	59
VII —	As sublevações. O Synhedrion. O Talmud de Palestina	71
VIII —	Os judeus e a desorganização do imperio romano	81
IX —	O christianismo e os judeus	93
X —	Babylonia e o Talmud babylonico	104
XI —	O nascimento do Islão	109
XII —	A edade aurea do judaismo na Espanha	119
XIII —	Moysés Maimuni. Os cabalistas. O livro "Zohar"	127
XIV —	Os movimentos sectarios e revolucionarios na edade media	137
XV —	Os marranos. A inquisição. A expulsão dos judeus da Espanha	153
XVI —	As tentativas de salvamento. A Santa Inquisição em Portugal	166

XVII — A influencia judaica sobre o movimento humanistico 177
XVIII — O exordio da reformação 184
XIX — As explosões revolucionarias 191
XX — A contra-reformação. Os judeus na Turquia. Amsterdam 207
XXI — A Polonia, abrigo para o judaismo 219
XXII — A reformação na Polonia 228
XXIII — A guerra dos trinta annos 245
XXIV — A neutralidade da Polonia. O motim dos cozacos 255
XXV — A revolução de Cromwell. Manassé ben-Israel. Baruch Spinoza 266
XXVI — Sabbatai Tsvi, como messias 277
XXVII — As uniões secretas. Os symbolos, a hierarchia e o ritual da maçonaria 283
XXVIII — A Cabala e a iniciação maçonica 295
XXIX — A divisão dos ritos maçonicos 303
XXX — A maçonaria e os judeus 310
XXXI — A philosophia, a ethica e as senhas da maçonaria 331
XXXII — Moysés Mendelssohn. A revolução franceza e seus resultados 342
XXXIII — O governo das finanças judaicas 367
XXXIV — Os fins do socialismo 383
XXXV — O sionismo 400
XXXVI — Os financeiros judaicos e o bolchevismo .. 428
XXXVII — Os judeus na America do Norte 447
XXXVIII — A crise espiritual 457
XXXIX — A crise economica 464
XL — As perspectivas 472
XLI — A actualidade 474
Bibliographia 483